

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

IDENTIDADE NA PLURALIDADE

Avaliação, produção e percepção linguística
na cidade de São Paulo

LIVIA OUSHIRO

Versão Revisada

SÃO PAULO
2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

IDENTIDADE NA PLURALIDADE

Avaliação, produção e percepção linguística
na cidade de São Paulo

LIVIA OUSHIRO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

Versão Revisada

SÃO PAULO
2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes (FFLCH-USP)
Presidente

Prof. Dr. José Luiz Fiorin (FFLCH-USP)
Membro titular

Prof. Dr. Gregory R. Guy (NYU)
Membro titular

Prof^a Dr^a Maria Marta Pereira Scherre (UFES)
Membro titular

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP)
Membro titular

*Para os paulistanos
e para o Pedro,
meu paulistano preferido.*

Agradecimentos

Esta tese resulta de uma longa trajetória de amadurecimento e do apoio de inúmeras pessoas. Devo agradecer, primeiramente, aos meus pais, Kengo e Iuri, e à minha irmã, Luciana, que sempre me apoiaram em todos os projetos; ao Pedro, meu companheiro de todos os momentos, pelo carinho cotidiano e por ser minha grande fonte de força e de equilíbrio emocional; e à Júlia, à Ana, ao Rubens, ao Júlio e ao Caio, por terem me acolhido em sua família.

Agradeço à Camila Zanon, ao Tiago Attorre, ao Uiran Gebara, à Lana Lim, ao Luciano Ferreira, ao Tiago Pessoa, à Veruska Mazzoni, ao Bernardo Goldberger e à Cláudia Maluhy pelas muitas noites de sábado há mais de uma década. Em especial, os paulistanos dentre vocês, involuntariamente, forneceram-me algumas boas ideias para este trabalho.

Ao Ronald Beline Mendes, que vem me acompanhando zelosamente no percurso acadêmico dos últimos oito anos, agradeço pelas valiosas oportunidades de crescimento que me propiciou, por ter me conduzido para além de limites que eu jamais poderia me imaginar capaz de ultrapassar, pela orientação firme e pela amizade sincera.

Agradeço aos professores de Linguística da USP, especialmente à Evani Viotti, ao Leland McCleary, à Esmeralda Vailati Negrão, ao Marcos Lopes e à Margarida Taddoni Petter, que contribuíram continuamente com minha formação; aos professores Waldir Beividas e Olga Ferreira Coelho, enquanto coordenadores da pós-graduação, pelo apoio constante aos alunos de Linguística.

Aos professores Erez Levon e Evani Viotti, agradeço pelos muitos apontamentos que fizeram para o encaminhamento desta pesquisa, por ocasião do Exame de Qualificação. Aos professores Ronald Beline Mendes, José Luiz Fiorin, Sebastião Carlos Leite Gonçalves, Maria Marta Pereira Scherre e Gregory Guy, pela leitura crítica desta tese, pelos inúmeros comentários e sugestões de encaminhamentos futuros, e pelo alto patamar das discussões que levantaram durante a Defesa. Aos professores Roberto Camacho, Silvia Brandão, Elisa Battisti, Esmeralda Vailati Negrão e Marcos Lopes, por também terem aceitado o convite para a banca. Aos vários professores e colegas presentes no dia 20 de fevereiro de 2015 na Sala 122, pelo inestimável apoio nesse momento da trajetória acadêmica.

Também sou grata aos professores que, em encontros científicos, em reuniões particulares ou em conversas informais ao longo de meu doutorado, enriqueceram este trabalho através de seus questionamentos e sugestões: Anna Christina Bentes, Carol Klee, Christina Gomes, Cláudia Brescancini, Danny Erker, Elisa Battisti, Greg Guy, James Walker, John Singler, Josane Oliveira, José Luiz Fiorin, Kathryn Campbell-Kibler, Lilian Yacovenco, Lisa Davidson, Luiz Carlos Schwindt, Marta Scherre, Meredith Tamminga, Philipp Angermeyer, Raquel Meister Ko. Freitag, Renée Blake, Robin Dodsworth, Scott Schwenter, Sebastião Carlos Leite Gonçalves, Silvia Brandão, Silvia Vieira e Tony Naro.

A experiência da pós-graduação seria muito menos interessante sem a companhia dos muitos colegas, sobretudo os amigos do Grupo de Pesquisa em Sociolinguística: Day Almeida, Marília Vieira, Rafael Rocha, Mari Biler, Wendel Santos, Larissa Soriano, Fernando Gomes da Silva, Amanda Santana, Rafael Ciancio e Júlia França. A Eneida Leal, Fátima Baia, Indaiá Bassani, Marcus Lunguinho, Rafael Minussi, Julio Barbosa, Carol Lemos, meus “veteranos”, agradeço pelas muitas dicas de como sobreviver na pós; a Carol Tomasi, pela divertida companhia durante a representação discente; a Fernanda Canever e ao Vitor Nobrega, pelas conversas deliciosas, que nunca têm hora para acabar.

O estágio sanduíche na NYU contribuiu enormemente para meu amadurecimento acadêmico e para os rumos desta pesquisa. Ao Greg Guy, devo

os mais sinceros agradecimentos não apenas por ter aceitado a proposta do estágio, mas também por sempre se mostrar disposto a discutir meus dados e a me integrar plenamente na vida acadêmica da NYU. Ao John Singler e à Renée Blake, agradeço igualmente pela carinhosa acolhida entre os sociolinguistas do departamento e pelo interesse constante nos desenvolvimentos deste projeto. Agradeço a Allison Shapp, Carina Bauman, Nicole Holliday e Nate LaFave pela amizade e, de modo muito especial, a Emily Nguyen, a Marie-Eve Bouchard, a Luiza Newlin-Lukowicz e Sang-Im Lee-Kim, por me fazerem me sentir em casa, mesmo longe do Brasil.

Agradeço à Érica Flávia de Lima e ao Robson Dantas, pelo auxílio nos trâmites da universidade e por fazer a experiência acadêmica parecer um tanto menos burocrática. Pelo financiamento da pesquisa, agradeço ao CNPq (pelos seis primeiros meses) e à FAPESP, pela Bolsa de Doutorado e pela Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (Processos 2011/09122-6 e 2012/01930-9).

Resumo

Esta pesquisa apresenta análises sobre avaliação, produção e percepção linguística no português paulistano, por meio do exame de quatro variáveis sociolinguísticas: a realização de /e/ nasal como monotongo [ẽ] ou ditongo [ẽj] (como em *fazenda*); a pronúncia de /r/ em coda silábica como tepe [r] ou retroflexo [ɹ] (como em *porta*); a concordância nominal de número (como em *as casas/as casa*); e a concordância verbal de primeira e de terceira pessoa do plural (como em *nós fomos/nós foi, eles foram/eles foi*). O objetivo central é analisar, em uma comunidade amplamente heterogênea de um ponto de vista sociodemográfico, as inter-relações entre a expressão de identidades sociais através de usos linguísticos e a possível influência dos significados sociais desses usos em processos de variação e mudança linguística.

Para tanto, analisou-se qualitativa e quantitativamente uma amostra contemporânea do português paulistano, composta de 118 entrevistas sociolinguísticas com falantes nativos, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2006 [1966], 2008 [1972]). Tais análises compreendem o encaixamento linguístico e social de cada variável, bem como seu encaixamento simultâneo na fala de cada indivíduo. Além disso, examinaram-se percepções sobre as variantes de (-r), com base na técnica de estímulos pareados (Lambert *et al.*, 1960), a fim de melhor compreender os mecanismos subjacentes à associação de certos significados sociais ao emprego de diferentes formas linguísticas.

Os resultados mostram que, embora as correlações entre as quatro variáveis sociolinguísticas e variáveis sociais sejam bastante semelhantes entre si (todas se correlacionam com o Sexo/Gênero, a Classe Social e o Nível de Escolaridade dos falantes), há diferentes tendências dentro da comunidade – por exemplo, mudança em direção à variante ditongada [ẽ̃j]; padrões divergentes quanto ao emprego de (-r) por parte de jovens de diferentes classes sociais; variação estável das concordâncias nominal e verbal em regiões periféricas e mudança em direção à variante padrão em regiões centrais. Para compreendê-los, o exame de seus significados sociais é fundamental. Argumenta-se que [ẽ̃j] tem se difundido rápida e unidirecionalmente pelo fato de se constituir um *marcador* (Labov, 2008 [1972]) para paulistanos, que não revelam ter consciência da variável, tampouco apresentam um discurso metalinguístico sobre suas variantes. O forte favorecimento do retroflexo entre jovens de classes baixas foi desencadeado por uma reinterpretação de seu significado social como uma variante local e de prestígio, devido à presença maciça de migrantes do Norte/Nordeste, cuja variante fricativa é relativamente mais estigmatizada na comunidade. Ao mesmo tempo, ainda que o encaixamento social das concordâncias nominal e verbal seja bastante semelhante, a marca zero de concordância nominal (*as casa*) goza de maior vitalidade por indexicalizar significados como “masculinidade”, “paulistanidade” e “morador da Mooca”.

Não obstante as diferentes tendências que se verificam na comunidade, os padrões de encaixamento das variáveis linguísticas se reproduzem sistematicamente na fala de cada indivíduo, o que permite caracterizar os paulistanos como uma única *comunidade de fala* (Labov, 2006 [1966]), que compartilha normas de produção e de avaliação linguística. De acordo com o teste de percepções, os moradores da cidade também são consistentes em suas reações subjetivas a variantes de (-r). Demonstra-se adicionalmente que a coesão dialetal é promovida não por amplas categorias sociais como Sexo/Gênero ou Faixas Etárias, mas pelo princípio mais fundamental de *densidade de comunicação* (Gumperz, 1971b,a).

Palavras-chave: Português paulitano. Variação e mudança linguística. Identidades sociais. /e/ nasal. /r/ em coda. Concordância nominal. Concordância verbal. Covariáveis. Percepção.

Abstract

This study examines linguistic evaluation, production, and perception in São Paulo Portuguese, through analyses of four sociolinguistic variables: the realization of nasal /e/ as a monophthong [ẽ] or as a diphthong [ẽĩ] (as in *fazenda* ‘farm’); the realization of coda /r/ as a tap [ɾ] or as a retroflex [ɻ] (as in *porta* ‘door’); nominal number agreement (as in *as casas/as casa* ‘the houses’); and first person plural and third person plural verb agreement (as in *nós fomos/nós foi* ‘we went’, *eles foram/eles foi* ‘they went’). The main goal is to investigate the inter-relation between the expression of social identities through language uses and the possible impact of social meanings on processes of language variation and change, in a highly diverse and heterogeneous community.

Based on the theory and methods of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2006 [1966], 2008 [1972]), each variable’s linguistic and social embedding, as well as their simultaneous embedding in individual speakers’ speech, were analyzed both qualitatively and quantitatively in 118 sociolinguistic interviews with native Paulistano speakers. In addition, perceptions on the variants of (-r) were examined through an experiment using the Matched Guise Technique (Lambert *et al.*, 1960), aimed at describing the mechanisms underlying the association of certain social meanings with different language forms.

The results show that, in spite of the similarity between the social embedding of the four variables (all of them are correlated with speakers’ sex/gender,

social class, and level of education), there are different trends within the community – for instance, change towards (ẽ) diphthongization; divergent patterns regarding (-r) in the speech of younger speakers of different social classes; stable variation in nominal and verbal agreement in peripheral areas but change towards the prestige variant in central areas. The explanation for these patterns is related to the variants' social meanings. It is argued that [ẽĩ] has spread rapidly and unidirectionally because it is a *marker* (Labov, 2008 [1972]) for Paulistanos, who are not aware of the variable and do not present an elaborate metalinguistic discourse on its variants. The fact that retroflex /r/ is strongly favored by working class youth may be attributed to a reinterpretation of its social meaning, due to the extensive presence of migrants from the Northern and Northeastern regions of the country, whose /r/ realization as a fricative is relatively more stigmatized in the community. At the same time, although nominal and verbal agreement are very similarly stratified, the nonstandard variant of the former (*as casa* 'the houses') exhibits greater vitality as it indexes masculinities and local identities with the city and with Mooca, one of its most traditional neighborhoods.

Despite different trends by different social groups in the community, the embedding of the linguistic variables is systematically reproduced in each speaker's speech, which allows for the characterization of São Paulo as a single *speech community* (Labov, 2006 [1966]) in that its native speakers share norms of use and evaluation of the variants. According to the perception test, the city inhabitants are also consistent in their subjective reactions to the variants of (-r). It is shown that such social cohesion is promoted not by census social categories such as sex/gender or age, but by the more fundamental principle of *density of communication* (Gumperz, 1971*b,a*).

Keywords: São Paulo Portuguese. Language variation and change. Social identities. Nasal /e/. Coda /r/. Nominal agreement. Verb agreement. Covariables. Perception.

Sumário

Resumo	viii
Abstract	x
Lista de Tabelas	xvii
Lista de Quadros	xviii
Lista de Figuras	xxii
I Para um estudo da variação linguística em São Paulo	1
1 Introdução	2
2 Pressupostos teóricos	16
2.1 Modelos de agrupamentos sociais e de comunidades linguísticas	16
2.2 Identidades e significados sociais	23
2.3 O paradigma quantitativo	32
3 Materiais e métodos	35
3.1 <i>Corpus</i> e roteiro da entrevista	35
3.2 Variáveis sociais	41
3.3 Análises quantitativas	52

II	Identidades urbanas e padrões de variação	60
4	A variável (ẽ)	61
4.1	Avaliações sobre [ẽj̃] entre paulistanos e não paulistanos	63
4.2	Análise multivariada	73
4.3	O encaixamento social de uma mudança de baixo	81
4.4	Síntese	88
5	A variável (-r)	89
5.1	A variabilidade de (-r) e a hipótese da posteriorização	89
5.2	Avaliações sobre o tepe e o retroflexo	94
5.3	Análise multivariada	103
5.4	Mudança ou variação estável? Estigma ou prestígio?	113
5.5	Síntese	121
6	A variável (CN)	123
6.1	A concordância nominal no português brasileiro	123
6.2	Avaliações sobre a marca zero de (CN)	126
6.3	Análise multivariada	135
6.4	Identidades locais	156
6.5	Síntese	159
7	A variável (CV)	161
7.1	A concordância verbal no português brasileiro e no português paulistano	164
7.2	Análise multivariada	169
7.3	O <i>status</i> de CV-∅ em 1PP e 3PP: análise conjunta de dados	188
7.4	Síntese	195
III	São Paulo: uma comunidade de fala	198
8	O indivíduo e a comunidade	199
8.1	O indivíduo na perspectiva sociolinguística	202
8.2	Método	207

8.3	Análises	211
8.4	Síntese	227
9	A coesão dialetal	229
9.1	O estudo de covariáveis	232
9.2	Métodos e hipóteses	237
9.3	Análises	241
9.4	Síntese	261
10	Percepções sociolinguísticas e significados sociais	263
10.1	O estudo de percepções sociolinguísticas	266
10.2	Métodos	274
10.3	Análises	288
10.4	Rumo a um modelo do significado social de variáveis	307
10.5	Síntese	319
11	Conclusão	322
	Referências	328
	Anexos	354
	Anexo A: Roteiro de entrevista	354
	Anexo B: Informantes do <i>corpus</i> de entrevistas sociolinguísticas	361
	Anexo C: Distribuição geográfica dos informantes	366
	Anexo D: Formulário da análise de percepção	367

Lista de Tabelas

4.1	Distribuição geral das ocorrências de (ẽ)	74
4.2	Variáveis linguísticas não correlacionadas com (ẽ)	76
4.3	Tendências de emprego de ẽj de acordo com Classe Morfológica	77
4.4	Tendências de emprego de ẽj de acordo com Raiz-Afixo	78
4.5	Variáveis sociais não correlacionadas com (ẽ)	78
4.6	Tendências de emprego de ẽj de acordo com variáveis sociais	80
4.7	Tendências de emprego de ẽj no cruzamento entre Faixa Etária e outras variáveis sociais	82
5.1	Taxas das variantes de (-r) entre paulistanos cultos na década de 1970, de acordo com Posição da Sílabla no vocábulo	93
5.2	Distribuição geral das ocorrências de (-r) na amostra	103
5.3	Distribuição geral de tepes e retroflexos nos dados analisados	104
5.4	Variáveis linguísticas não correlacionadas com (-r)	106
5.5	Tendências de emprego de ɹ de acordo com variáveis linguísticas (1)	107
5.6	Tendências de emprego de ɹ de acordo com variáveis linguísticas (2)	108
5.7	Tendências de emprego de ɹ de acordo com Estilo	108
5.8	Variável social não correlacionada com (-r)	109
5.9	Tendências de emprego de ɹ de acordo com variáveis sociais (1)	110
5.10	Tendências de emprego de ɹ de acordo com variáveis sociais (2)	112
6.1	Distribuição de ocorrências de CN-∅ das perspectivas atomística e de SNs, de acordo com Estilo	136

6.2	Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com Posição Linear (análise atomística)	138
6.3	Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com Posição Linear e Nível de Escolaridade/Classe Social	140
6.4	Variável linguística não correlacionada com (CN) (análise atomística)	142
6.5	Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com variáveis linguísticas (análise atomística)	143
6.6	Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com Paralelismo Intrassintagmático (análise atomística)	144
6.7	Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com Classe Morfológica (análise atomística)	145
6.8	Tendências de emprego de CN- \emptyset em cruzamento entre Classe Morfológica e Posição Relativa	146
6.9	Variável linguística não correlacionada com (CN) (análise de SNs)	148
6.10	Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com variáveis linguísticas (análise de SNs)	149
6.11	Variáveis sociais não correlacionadas com (CN)	151
6.12	Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com Nível de Escolaridade	152
6.13	Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com variáveis sociais	154
6.14	Tendências de emprego de CN- \emptyset em cruzamento entre Região e Zona de Residência	155
7.1	Distribuição de ocorrências de CV- \emptyset de acordo com Estilo	172
7.2	Tendências de emprego de CV- \emptyset de acordo com variáveis linguísticas	177
7.3	Variáveis sociais não correlacionadas com (CV)	181
7.4	Tendências de emprego de CV- \emptyset de acordo com variáveis sociais (1)	182
7.5	Tendências de emprego de CV- \emptyset de acordo com variáveis sociais (2)	183

7.6	Tendências de emprego de CV-1PP-∅ em dados de informantes não categóricos (1)	184
7.7	Tendências de emprego de CV-1PP-∅ em dados de informantes não categóricos (2)	185
7.8	Análise de correlação entre Concordância Verbal e Pessoa Gramatical	188
7.9	Tendências de emprego de CV-∅ em cruzamento entre Região de Residência, Pessoa Gramatical e Faixa Etária	194
8.1	Frequências e tendências de emprego de CV-E para seis informantes, de acordo com Saliência Fônica	204
9.1	Padrões de uso mais frequentes das seis variantes em foco	242
9.2	Comparação entre coeficientes de Pearson para formas menos e mais salientes de CN, em correlação com outras variáveis sociolinguísticas	250
9.3	Comparação entre coeficientes de Pearson para formas menos e mais salientes de CV-3PP, em correlação com outras variáveis sociolinguísticas	251
9.4	Comparação entre coeficientes de Pearson para formas menos e mais salientes de CV-1PP, em correlação com outras variáveis sociolinguísticas	252
9.5	Comparação entre coeficientes de Pearson para sujeitos próximos e distantes de CV-1PP, em correlação com outras variáveis sociolinguísticas	254
9.6	Comparação entre coeficientes de Pearson para sujeitos [+humano] e [-humano] de CV-3PP, em correlação com outras variáveis sociolinguísticas	255
9.7	Correlações de Pearson por fatores sociais	257
10.1	Distribuição dos perfis sociais dos sujeitos ouvintes (1)	287
10.2	Distribuição dos perfis sociais dos sujeitos ouvintes (2)	288
10.3	Características correlacionadas com (-r)	304
1	Características sociais dos informantes	362

Lista de Quadros

3.1	Dados de (-r) e (ẽ) na Lista de Palavras	37
3.2	Dados de (CN) e (CV) nas leituras de notícia de jornal e depoimento	38
3.3	Estratificação social dos informantes da amostra	46
3.4	Índices para nível de escolaridade e ocupação	49
3.5	Classificação dos falantes em classes sociais	51
3.6	Variáveis sociais	59
4.1	Variáveis linguísticas da análise de (ẽ)	75
5.1	Variáveis linguísticas da análise de (-r)	105
5.2	Trabalhos e resultados divergentes sobre a pronúncia do (-r) em São Paulo	114
6.1	Variáveis linguísticas da análise de (CN-atomística)	141
6.2	Variáveis linguísticas da análise de (CN-SNs)	147
7.1	Variáveis linguísticas da análise de (CV-1PP)	173
7.2	Variáveis linguísticas da análise de (CV-3PP)	174
9.1	Quadro resumo de fatores sociais favorecedores das variantes [ẽ̃], [ɹ], R-0, CN-∅, CV-3PP-∅ e CV-1PP-∅	239
9.2	Resumo de resultados sobre covariáveis	247
10.1	Distribuição dos estímulos de (-r) em dois grupos	276
10.2	Classificação das variáveis quanto a tipos de significado social	282
10.3	Características correlacionadas com (-r) por perfil dos ouvintes	305

Lista de Figuras

1.1	Crescimento populacional na cidade de São Paulo 1872–2010	5
1.2	Estado de origem da população economicamente ativa (30–60 anos) na Região Metropolitana de São Paulo	6
1.3	Índice de Desenvolvimento Humano no município de São Paulo (2000)	7
2.1	Respostas à pergunta: “Quando você estava em X, as pessoas te reconheciam como paulistano? Como?”	26
3.1	Divisão da cidade de São Paulo entre regiões mais centrais e mais periféricas	45
3.2	Interface do Rbrul	55
4.1	Nuvem de palavras associadas à sentença “meu, (vo)cê (es)tá entendendo o que eu (es)tou dizendo?”, realizada com [êj̃]	63
4.2	Pesos relativos referentes ao emprego de [êj̃] no cruzamento entre Faixa Etária e (a) Sexo/Gênero; (b) Nível de Escolaridade; (c) Região de Residência; e (d) Classe Social	83
4.3	Valores de fronteamto de (aw) por década e Sexo/Gênero no Philadelphia Neighborhood Study	84
4.4	Taxas de êj̃ de acordo com década de nascimento e Sexo/Gênero dos falantes	86
5.1	Palavras mais frequentemente mencionadas pelos informantes para diferenciação entre o português paulistano e o português de cariocas/interioranos	95

LISTA DE FIGURAS

5.2	Nuvem de palavras associadas à sentença “a porta tá aberta”, realizada com /r/ retroflexo	98
5.3	Nuvem de palavras associadas à sentença “a porta tá aberta”, realizada com /r/ tepe	101
5.4	Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo no cruzamento entre Faixa Etária e (a) Região de Residência; (b) Nível de Escolaridade; e (c) Classe Social	115
5.5	Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo no cruzamento entre Faixa Etária e Classe Social, em dados de Lista de Palavras	118
6.1	Notícia do jornal <i>O Globo online</i> (28 abr./2010)	127
6.2	Nuvem de palavras associadas à sentença-alvo “me vê dois pastel e um chopes”	129
6.3	Pesos relativos referentes ao emprego de CN-∅ no cruzamento entre Região de Residência e Faixa Etária	157
6.4	Taxas de emprego de CN-∅ no cruzamento entre Região/Zona e Nível de Escolaridade/Classe Social	158
7.1	Tendências de emprego de CV-∅ (1PP) em cruzamento entre Sexo/Gênero e Nível de Escolaridade para 29 falantes com variação	186
7.2	Tendências de emprego de CV-∅ em cruzamentos entre Pessoa Gramatical e (a) Nível de Escolaridade; (b) Classe Social; e (c) Mobilidade	189
7.3	Tendências de emprego de CV-∅ em cruzamento entre Pessoa Gramatical e Saliência Fônica	190
7.4	Tendências de emprego de CV-∅ em cruzamentos entre Saliência Fônica e (a) Nível de Escolaridade; (b) Classe Social; e (c) Mobilidade	192
7.5	Tendências de emprego de CV-∅ em cruzamento entre Região de Residência, Pessoa Gramatical e Faixa Etária	194

LISTA DE FIGURAS

8.1	Taxas de emprego das variantes \tilde{e} , \downarrow , CN- \emptyset e CV- \emptyset por número de informantes	212
8.2	Diferenças entre pesos relativos de pares de fatores por menor número de dados para a variável (\tilde{e})	214
8.3	Diferenças entre pares de fatores por menor número de dados para a variável (-r)	216
8.4	Diferenças entre pares de fatores por menor número de dados para a variável (CN)	218
8.5	Diferenças entre pares de fatores por menor número de dados para a variável (CN) – Contexto Fônico Seguinte	219
8.6	Diferenças entre pares de fatores por menor número de dados para a variável (CV)	224
8.7	Diferenças entre pares de fatores por menor número de dados para as variáveis (\tilde{e}), (-r), (CN) e (CV), de acordo com Estilo	226
9.1	Covariação entre (ε) e (υ) no inglês de Nova Iorque	232
9.2	Covariação entre apagamento de -s e concordância nominal; desnasalização e concordância verbal; e concordância nominal e concordância verbal no Rio de Janeiro	234
9.3	Matriz de correlações entre seis variáveis	244
9.4	Correlações entre 1PP- \emptyset e CN- \emptyset /3PP- \emptyset	246
10.1	Variáveis quantitativas significativas para percepção de (-r)	290
10.2	Variáveis quantitativas não significativas para percepção de (-r)	293
10.3	Diferença entre médias de julgamento para Paulistanidade (R - T) de acordo com Região de Residência e Origem do Ouvinte	296
10.4	Diferença entre médias de julgamento para Sotaque (R - T) de acordo com Região de Residência e Origem do Ouvinte	298
10.5	Atribuição de Zona, Faixa Etária, Escolaridade e Classe Social de acordo com variante ouvida	299
10.6	Atribuição de Classe Social de acordo com variante escutada e características dos ouvintes	302
10.7	Frequência de seleção de características em estímulos com Retroflexo e com Tepe	306

LISTA DE FIGURAS

10.8	Campo indexical de (ING)	310
10.9	Campo indexical de (t)	311
10.10	Campo indexical de (-r) em São Paulo	313
10.11	Campos indexicais de (-r) de acordo com Sexo/Gênero dos ouvintes	315
10.12	Campos indexicais de (-r) de acordo com Região de Residência dos ouvintes	316
10.13	Campos indexicais de (-r) de acordo com Origem dos ouvintes	317
1	Distribuição geográfica dos informantes da amostra	366
2	Formulário de percepções da coleta presencial	367
3	Formulário de percepções da coleta <i>online</i>	369

Parte I

Para um estudo
da variação linguística
em São Paulo

1

Introdução

Esta pesquisa é a primeira investigação abrangente sobre o português paulistano. Nela, apresentam-se análises sobre avaliação, produção e percepção linguística, através do exame de quatro *variáveis sociolinguísticas* (Labov, 1969, 2006 [1966]) cujas variantes parecem ser particularmente salientes como índices de certas identidades urbanas: a realização de /e/ nasal como monotongo [ẽ] ou ditongo [ẽĩ], em palavras como *querendo* e *fazenda*; a realização de /r/ em coda silábica como tepe [r] ou retroflexo [ɽ], em palavras como *porta* e *mulher*; a concordância nominal de número, como em *as casas* vs. *as casa*; e a concordância verbal de primeira e de terceira pessoa do plural, como em *nós fomos* vs. *nós foi* e *eles foram* vs. *eles foi*. O objetivo central é analisar a expressão de identidades sociais através de usos linguísticos e o possível impacto de significados sociais de certas variantes em processos de variação e mudança linguística.

Ainda que o português paulistano já tenha sido documentado e analisado por meio de importantes e amplos projetos de pesquisa, como o Projeto Norma Urbana Culta (Castilho & Preti, 1986, 1987; Preti & Urbano, 1988, 1990), o Projeto Gramática do Português Falado (Castilho, 1990; Castilho *et al.*, 2006; Ilari, 2008) e, mais recentemente, o Projeto para a História do Português Brasileiro (Castilho, 2009), pode-se afirmar que há um grande número de trabalhos *com base* no português paulistano, mas pouquíssimos *sobre* o português paulistano. Muitos dos trabalhos desenvolvidos com *corpora* de língua oral e escrita paulistana se preocupam em descrever o “português brasileiro”, ora em contraposição à variedade europeia (p.ex., mudança na

marcação de parâmetros), ora em seus processos de mudança internos (p.ex., gramaticalização). Embora muitos desses estudos tenham se debruçado sobre a língua em uso, o falante do português paulistano rara vez tem sido conceitualizado como um ser social, membro de uma comunidade com características específicas.

O trabalho de Tarallo (1983) é um dos primeiros a analisar essa variedade, levando em conta o encaixamento social de fenômenos variáveis. Seu estudo sobre estratégias de relativização examinou três estruturas (relativa padrão, como em “tem aquelas que não estão nem aí”; relativa com pronome resumptivo, como em “uma mulher que ela queria que a gente entrevistasse...”; e relativa cortadora, como em “essas besteiras que a gente fica se preocupando”) na fala de 40 paulistas da Grande São Paulo, estratificados em sexo, duas faixas etárias (abaixo ou acima de 35 anos) e quatro classes socioeconômicas (baixa, trabalhadora, média e alta). Especificamente quanto a correlações sociais, seus resultados mostram que a relativa com pronome resumptivo é favorecida entre os falantes dos dois estratos mais baixos e em estilos menos formais, e que não há correlação com Sexo ou Faixa Etária. O próprio autor, no entanto, apesar de chamar a atenção para a lacuna de estudos sociolinguísticos em São Paulo, ressalta que a variável sob análise não é específica da comunidade:

[...] há todos os motivos para supor que os residentes de São Paulo compartilham o mesmo sistema sintático com brasileiros de todas as partes do país; [...] as diferenças dialetais se encontram com frequência muito maior nos níveis lexicais e fonológicos do que na sintaxe. (Tarallo 1983: 54)¹

Com efeito, variáveis sintáticas, em geral, parecem se associar muito mais raramente com variedades regionais ou grupos específicos de falantes. Dois outros estudos que também se basearam em amostras de fala paulistana exemplificam essa tendência. Mendes (2005), ao analisar a alternância entre as perífrases “estar + gerúndio” e “ter + particípio” com verbo auxiliar no presente (como “Tá chovendo muito” *vs.* “Tem chovido muito”), em 21

¹ Tradução própria. Texto original: “there is every reason to suppose that residents of São Paulo share the same syntactic system with Brazilians in all parts of the country; [...] dialect differences are much more often located at the lexical and phonological levels than in syntax.”

entrevistas do Projeto NURC-SP e 30 do PEUL-RJ,² observou uma possível mudança em progresso (em tempo aparente) em favor da primeira estrutura em ambas as amostras, mas nenhuma correlação com Sexo/Gênero ou Tipo de Gravação (Elocuções Formais, Diálogos entre Dois Informantes, Diálogos entre Informante e Documentador, na amostra do NURC-SP). Oushiro (2011) investigou a variação em interrogativas de constituinte (interrogativa-qu: “Onde você mora?”; qu-que: “Onde que você mora?”; qu-é-que: “Onde é que você mora?”; e qu-in-situ: “Você mora onde?”) na fala de 53 paulistanos e, de modo semelhante a Mendes (2005), constatou uma possível mudança em curso em favor da variante qu-que, e nenhuma correlação com Sexo/Gênero e Nível de Escolaridade. Nesses dois estudos, verifica-se preponderância de fatores linguísticos sobre os sociais para explicar a variação.

Pode-se dizer que os trabalhos de Tarallo (1983), Mendes (2005) e Oushiro (2011), ainda que ancorados em uma visão de língua que entende a variação como parte do sistema linguístico e da competência comunicativa dos falantes, são pouco informativos quanto à estratificação social do português paulistano – pela própria natureza das variáveis investigadas.

Nesse sentido, ganham destaque as pesquisas de Rodrigues (1987) e de Coelho (2006). Ambos os autores investigaram o português falado em favelas da Zona Norte da capital (respectivamente, Carombé e Brasilândia). Rodrigues (1987) estudou a variação na concordância verbal em uma amostra de 40 paulistanos e migrantes, analfabetos ou semialfabetizados (um a quatro anos de escolarização), de ambos os sexos e de três faixas etárias. Entre várias observações de interesse sociolinguístico, Rodrigues (1987) conclui que a ausência de concordância verbal para a 1ª pessoa do plural (P4, em sua terminologia) tem significado social diferente da ausência de concordância para a 3ª pessoa do plural (P6) pois, apesar de ambas serem proscritas na norma culta, o “erro” em P4 identifica o falante de origem rural.

Coelho (2006), por sua vez, investigou a variação no emprego dos pronomes de 1ª pessoa do plural (*nós* vs. *a gente*), bem como na concordância verbal (*Nóis V-zero* vs. *Nóis V-mos*). Com base em uma observação etnográfica, o

² Projeto da Norma Urbana Oral Culta e Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, respectivamente. Ver Castilho & Preti (1986) e Paiva & Scherre (1999).

autor construiu uma amostra de 24 entrevistas sociolinguísticas com falantes paulistanos e migrantes de outras regiões, que faziam parte de diferentes grupos relevantes dentro da comunidade: membros da associação de moradores, frequentadores do grupo para jovens, os “mano” do gol a gol. Diferentemente de Rodrigues (1987) e quase 20 anos mais tarde, Coelho (2006) avalia que variantes estigmatizadas (como *Nóis vai*, *É nóis*), ainda que sejam evitadas por falantes que tenham experimentado ascensão social, recebem uma nova significação entre certos jovens da periferia paulistana, presumivelmente filhos dos migrantes das décadas de 1970 e 1980: a marca zero de concordância na 1ª pessoa do plural não mais representa o dialeto rural, mas uma identidade social de morador de periferia urbana.

Os trabalhos de Rodrigues (1987) e de Coelho (2006), que se preocuparam mais propriamente com a investigação dos usos linguísticos em seu contexto social, concentram-se no português falado em comunidades específicas da capital paulista. Esses trabalhos trouxeram contribuições valiosas sobre as correlações entre usos linguísticos e identidades sociais, mas não se pode considerá-los representativos da grande complexidade sociodemográfica da cidade de São Paulo.

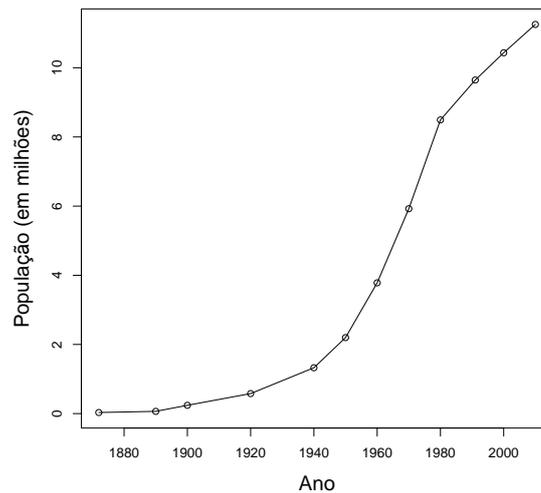


Figura 1.1 Crescimento populacional na cidade de São Paulo 1872–2010.
(Fonte: IBGE 2010).

Analisar a língua falada em uma cidade com 11 milhões de habitantes apresenta um sério desafio. São Paulo cresceu exponencialmente desde fins do século XIX (ver Figura 1.1) para se tornar a sétima cidade mais populosa do mundo em 2010 (IBGE, 2010): de menos de 100 mil habitantes em fins dos anos 1800, a população cresceu para cerca de 2 milhões em meados do século XX e para mais de 10 milhões no início dos 2000. Tal crescimento ocorreu principalmente em razão da vinda de (i)migrantes, sendo a população da cidade, ainda hoje, bastante heterogênea quanto à origem de seus moradores. De acordo com um recente levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2011), 46% da população adulta economicamente ativa (entre 30 e 60 anos) residente na região metropolitana³ não nasceu no estado de São Paulo (ver Figura 1.2). Embora o levantamento não se refira exclusivamente ao município, por meio dele é possível ter uma ideia da intensa presença de migrantes que ali habitam. Pode-se supor que o índice de habitantes não nativos na capital seja ainda maior, visto que o levantamento se baseou na origem por estados, de modo que os 54% de paulistas incluem tanto aqueles nascidos na capital quanto no interior.

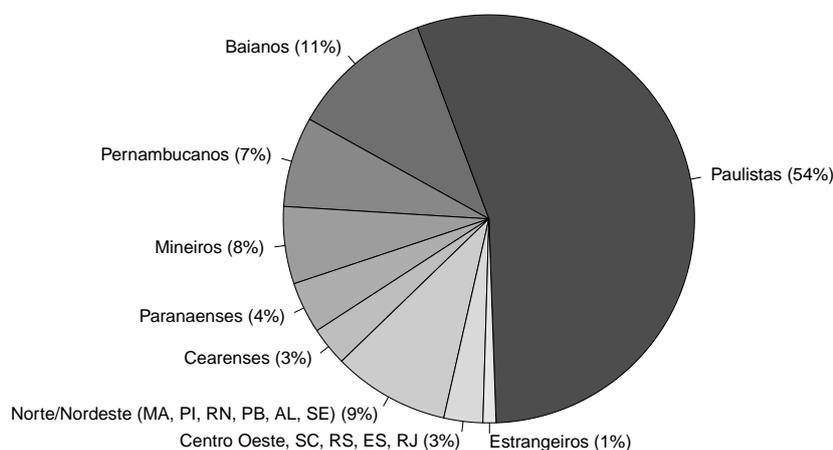


Figura 1.2 Estado de origem da população economicamente ativa (30–60 anos) na Região Metropolitana de São Paulo. (Fonte: IPEA 2011)

³ A Região Metropolitana de São Paulo ou Grande São Paulo abrange 39 cidades com uma população total de cerca de 19,5 milhões de habitantes, dos quais mais da metade (11,3 milhões) vive na cidade de São Paulo.

A cidade de São Paulo é também extremamente heterogênea quanto aos indicadores sociais. A Figura 1.3 mapeia o Índice de Desenvolvimento Humano em diferentes áreas da cidade que, nesse levantamento da Prefeitura Municipal no ano 2000, leva em conta o rendimento do chefe da família, a taxa de mortalidade infantil e a taxa de alfabetização combinada com a média de anos de estudo.⁴

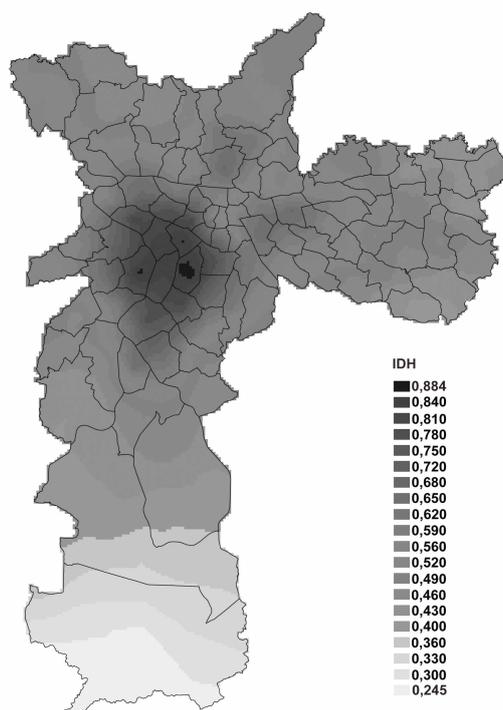


Figura 1.3 Índice de Desenvolvimento Humano no município de São Paulo (2000)
(Fonte: PMSP/ Secretaria Municipal do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade)

O IDH vai de 0,245 no extremo sul da cidade, índice comparável aos de países mais subdesenvolvidos, até 0,884 em regiões mais centrais, comparável aos de países com melhor qualidade de vida e menores desigualdades.⁵ As

⁴ Disponível em http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sempla/mm/index.php?texto=corpo&tema_cod=2. Último acesso em 20 set./2014.

⁵ O IDH é oficialmente calculado com base na expectativa de vida, PIB per capita, alfabetização e anos de escolaridade; como os parâmetros utilizados pela Prefeitura Municipal não foram exatamente os mesmos, é problemática a comparação direta dos presentes índices com dados oficiais de países específicos. No entanto, a disparidade entre diferentes áreas da cidade é nítida.

manchas mais escuras indicam bolsões de desenvolvimento em certas partes da cidade; fica clara, no entanto, uma radical divisão entre as regiões mais centrais, em que se encontram os mais altos IDHs, e as regiões mais periféricas, cujos indicadores diminuem paulatinamente. São Paulo abarca em si os extremos da riqueza e da pobreza.

Nas entrevistas sociolinguísticas aqui analisadas, é comum a caracterização de São Paulo como um local de “mistura” e “diversidade”, em que “se encontra de tudo”, conforme exemplificam as seguintes respostas a perguntas sobre o que caracteriza a cidade (1)–(3), o paulistano (3)–(4) e o seu falar (5)–(6):^{6,7}

- (1)  D1: [risos] *e o que você acha que caracteriza (aqui)?*
 S1: *olha... as pessoas dizem que que é/ aqui é o centro financeiro né... mas eu acho que a principal característica de São Paulo é o povo de São Paulo...*
 D1: *que que você acha que...?*
 S1: *é é essa mistura de povos que tem em São Paulo... né nordestino sulista... japonês francês italiano espanhol... essa mistura de raças... né... faz com que a cidade ela ela... ela não tem uma/ uma única característica... né você pode encontrar o que você quiser aqui em São Paulo... né eu acho que essa/ eu não consigo achar um nome pra definir isso... entendeu? mas ao meu ver é o que/ o o grande lance de São Paulo... é essa mistura de de culturas... não é?... que faz essa dive/ essa diversificação... torna a cidade única... (William A., M2SP)*
- (2)  D1: *quais são os pontos fortes de São Paulo?*
 S1: *cultura... diversidade de gente... você vai pra Campinas é todo mundo igual*
 D1: *tudo igual como?*
 S1: *tudo igual... padrão... você não vê tribos... eu ia muito pra Campinas*
 D1: *tá*
 S1: *áí você já bate o olho é todo mundo igual... todas as mulher de salto*

⁶ Nas citações do *corpus*, o informante é identificado por seu pseudônimo e perfil social: sexo (F – feminino; M – masculino); faixa etária (1 – 20 a 34 anos; 2 – 35 a 59 anos; 3 – 60 anos ou mais); nível de escolaridade (M – até Ensino Médio; S – Ensino Superior); e região de residência (C – bairro mais central; P – bairro mais periférico). As reticências indicam pausas curtas, “/” indica truncamento e “(xxx)” indica trechos ininteligíveis. Ver Normas de Transcrição estipuladas pelo Projeto SP2010 (Mendes & Oushiro, 2013).

⁷ Os excertos de entrevistas sociolinguísticas analisadas nesta pesquisa podem ser ouvidos clicando-se, na versão em formato .pdf desta tese, sobre o ícone . Para tanto, é necessário baixar o arquivo “Oushiro2014audio.zip” no endereço <http://projetosp2010.fflch.usp.br/oushiro-2014>, que contém os arquivos de áudio, e descompactar essa pasta no mesmo local em que se encontra o arquivo .pdf no computador. Por exemplo, se o arquivo da tese estiver no diretório “C:/Documentos”, os arquivos de áudio devem estar em “C:/Documentos/Oushiro2014audio”. A senha para descompactação é SP2014. Nas transcrições, trechos indicados por “[...]” foram retirados para maior concisão do texto, mas podem ser escutados nos respectivos excertos de áudio.

alto (xxx) arrumado... ah não sei talvez no centro tenha uma diversidade maior no centro de Campinas mas nos lugares que eu fui... tudo igual... não tem tribo!... que nem aqui você vai numa esquina tem os góticos na outra tem uns punk na outra tem uns grupo de japonês... (Clara C., F2SC)

- (3) ☉ D1: *e o que você acha que caracteriza a cidade de São Paulo? tanto características boas quanto ruins assim (se você puder) definir*

S1: *ah a primeira coisa é a característica cosmopolita né*

D1: *ahn*

S1: *porque reúne assim países né São Paulo não é só regiões do Brasil São Paulo reúne países culturas... né acho que o mundo está em São Paulo [...] eu acho que São Paulo o que mais simboliza pra mim é isso é essa diversidade... e outra é a cidade das opções você tem opção pra tudo... você não tem só uma coisa você tem opção pra tudo... [...]*

D1: *e o paulistano? que que você acha que caracteriza o paulistano?... pode ser coisa boa ruim (xxx)*

S1: *ah depende então mas aí cai numa questão... que depende assim porque... por exemplo eu sou filha de nordestina... e de um... de um cara que é do interior de São Paulo... então eu tenho certas cul/ eu tenho certas coisas que veio... que vieram perdão... das culturas deles né então assim isso é complicado... agora assim é diferente de pegar um filho... de paulistanos né então acho que aí cai... né*

D1: *entendi*

S1: *né eu acho que o paulistano na verdade por mais que exista um cara paulistano... eu não sei se dá pra definir um cara paulistano/ por exemplo eu me acho muito paulistana porque eu amo São Paulo em tudo [...] (Tatiana M., F1SP)*

- (4) ☉ D1: *e assim você falou da cidade de São Paulo assim você acha que tem alguma coisa assim que caracteriza assim o paulistano?*

S1: *que caracteriza?*

D1: *é*

S1: *nossa mas São Paulo está tão... misturada né?*

D1: *é [risos]*

S1: *que você já perdeu a caracterização dela... [...] ah misturou muito é muita gente do norte do nordeste do sul sude/ do sul... dos outros estados do sudeste... tem de outros esta/ outros países porque que nem agora você vê tanto boliviano uruguaio paraguaio... é chinês libanês que/ antigamente não... antig/ foi/ há alguns tempos atrás você não tinha essa mistu/ que nem aqui... aqui você quase não via boliviano... agora você vê boliviano por aqui... que nem lá onde eu trabalha/ lá onde eu trabalho lá no centro já é um lugar que você via com muita frequência... coreano libanês sírio árabe tudo essas coisa... ah lá a gente sabia que tinha... agora não eles estão vindo pros bairros também mais afastado.... entendeu? aí está toda essa*

mistura e você não sabe mais a característica de São Paulo mais [risos-D1] é uma mistura toda eu não vejo mais que tem uma característica só (Giovana A., F1SP)

- (5) *☉ porque isso aqui... draga as pessoas não tem como... e e eu acho que as pessoas acabam/ tem um um amálgama aí né um... sabe uma uma uma junção de todos os sotaques veio junto que faz uma sopa... e e todo mundo entra nessa sopa chega uma hora você acaba tomando essa sopa... do so/ dos sotaques todos que é um/ que vira o sotaque paulista entendeu... que é uma mistura que tem uma coisa bastante misturada né (Romulo S., M3MC)*
- (6) *☉ D1: você acha que tem um jeito de falar paulistano assim?
S1: paulistano?... sabia que eu não sei te dizer por quê?... porque aqui em São Paulo tem tem tem de tudo/ todo mundo... tantos tantos... você teria que... e também tem esse nível essa parte que eu sempre fico fi/ frisando nível de... classe social... além de nível de classe social... tem os sotaques que aqui em São Paulo você... deu uma volta na esquina você já escutou uns dois três sotaques diferente... como é que a gente vai diferenciar o so/ o paulistano?... aí é que está... acho que o paulistano é a mistura de todos esses sotaques assim... [...] (Pedro S., M2SP)*

A heterogeneidade de sua população faz de São Paulo um cenário particularmente rico para o estudo da variação e da mudança linguística, ao lado de outros centros urbanos como Rio de Janeiro, Toronto, Nova Iorque: trata-se de uma metrópole marcada por um histórico de migrações e imigrações, por diversidade cultural e por fortes contrastes sociais.

Dentro desse cenário, a presente pesquisa se concentra na análise da avaliação, produção e percepção linguística da fala de paulistanos nativos, a fim de oferecer uma ampla descrição dessa variedade linguística.⁸ As quatro variáveis focalizadas neste estudo foram escolhidas por seu potencial para iluminar a relação entre variação linguística e identidades sociais.

A realização de (ê)⁹ já havia sido analisada através de perspectivas fonéticas e fonológicas (Bisol, 1998; Demasi, 2009), mas não de uma perspectiva

⁸ O estudo do português falado por migrantes e imigrantes que residem em São Paulo faz parte da agenda do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística (GESOL-USP) (ver Mendes & Oushiro 2012), a começar pelo trabalho de Mendes (2011) sobre a realização variável de (-r) na fala de paraibanos, e a pesquisa de mestrado de Gomes da Silva (2014) sobre a variação na concordância nominal na fala de alagoanos na cidade.

⁹ Seguindo convenção em estudos sociolinguísticos (Labov, 1969), adotam-se parênteses () para fazer referência à variável, em contraste com a notação fonética entre colchetes [] e fonológica entre barras / /.

sociolinguística. Curiosamente, a variante ditongada [eĩ] parece ser um índice saliente para a identificação de paulistanos *fora* da cidade, mas não tão saliente para os próprios paulistanos, que não apresentam um discurso metalinguístico sobre as variantes. Desse modo, a análise investiga como se dá o encaixamento social de uma variável que está abaixo do nível da consciência (Labov, 2001b) dos falantes.

A variável (-r), diferentemente de (ẽ), é um dos índices mais salientes de diferenciação dialetal no Brasil (Callou *et al.*, 1996) e já foi extensivamente estudada no português brasileiro. Tradicionalmente, aponta-se o tepe como variante “paulistana”, em contraste com a realização aproximante retroflexa dos paulistas do interior [ɹ], a fricativa velar de cariocas [x ʁ], ou a fricativa glotal de belo-horizontinos [h fi] (Cristófaró Silva, 2007). No entanto, análises preliminares de (-r) em São Paulo mostram que o retroflexo não é tão infrequente no falar de seus nativos (Mendes, 2010; Oushiro & Mendes, 2013). Interessa examinar se os falantes da cidade reconhecem esta última variante como parte de seu repertório linguístico, suas avaliações sobre ela, e se há indícios de mudança em favor de uma das variantes.

As concordâncias nominal (CN) e verbal (CV), de modo semelhante a (-r), referem-se a fenômenos que já foram amplamente descritos em outras comunidades brasileiras (ver Scherre 2008 para uma lista abrangente de trabalhos), mas não tão extensivamente em São Paulo. Por outro lado, diferentemente de (-r), as variantes não padrão dessas variáveis são altamente estigmatizadas de um ponto de vista normativo e constituem o exemplo, por excelência, de “não saber falar português”.

A marca zero de número em sintagmas nominais (SNs) é nacionalmente associada a paulistanos, em frases estereotípicas como “dois pastel”. Considerando-se que estudos prévios apontaram a divisão rural-urbano como umas das mais relevantes para a marcação de número e que a variável é ubíqua em todo o território brasileiro, a associação da marca zero com uma cidade altamente urbanizada é investigada no sentido de localizar grupos que adotam a variante como índice de identidade local, seja no discurso metalinguístico, seja nos usos linguísticos factuais.

A marca zero de concordância verbal, por outro lado, não parece se

associar especificamente a falantes paulistanos; pelo contrário, de acordo com as observações de [Rodrigues \(1987\)](#), parece identificar os migrantes à cidade, ou, de acordo com [Coelho \(2006\)](#), o jovem de periferia urbana. Desse modo, o interesse nessa variável está em verificar se há indícios de mudança em favor da variante não padrão entre jovens de periferia, sobretudo para a primeira pessoa do plural.

Trata-se, portanto, de duas variáveis fonéticas e duas morfossintáticas, sobre as quais os falantes têm diferentes avaliações e graus de consciência. A comparação entre os padrões de encaixamento social dessas variáveis permite, neste trabalho, descrever processos mais amplos de variação e mudança linguística em relação às identidades e aos valores sociais associados às variantes. Mais especificamente, esta pesquisa se propõe a responder as seguintes questões:

- (i) Quais identidades urbanas se associam ao uso dessas variantes?
- (ii) Como funcionam os mecanismos que regulam a adesão ou a resistência a certas normas linguísticas por parte de diferentes grupos sociais?
- (iii) A cidade de São Paulo, não obstante sua ampla diversidade sociodemográfica, pode ser considerada uma única comunidade de fala?

O próximo capítulo apresenta alguns conceitos fundamentais para o estudo do português paulistano do modo como aqui se delinea. Discutem-se inicialmente diferentes concepções de agrupamentos sociais, dentre as quais se adota o modelo laboviano de *comunidade de fala* ([Labov, 2006 \[1966\]](#), [2008 \[1972\]](#)). Em seguida, define-se o conceito de *identidade* em sua relação com o significado social de variantes linguísticas e processos de mudança – o que constitui o eixo central deste trabalho. O capítulo apresenta também os preceitos do paradigma quantitativo que guiam as análises desenvolvidas.

O capítulo 3 descreve os materiais e os métodos de análise: a coleta e a organização de um *corpus* de 118 entrevistas; as variáveis sociais e suas respectivas hipóteses; e os métodos de tratamento e de análises de dados no programa R ([R Core Team, 2013](#)).

Os capítulos 4 a 7, que compõem a Parte II, apresentam respectivamente os resultados de análises sobre as variáveis (ẽ), (-r), (CN) e (CV). Demonstra-se que a variável (ẽ) está em vigoroso processo de mudança, liderado pelas

mulheres, em direção à variante ditongada, e argumenta-se que tal movimento se deve ao fato de que a alternância tem ocorrido abaixo da consciência dos falantes.

O capítulo sobre (-r) mostra que esta é uma variável aparentemente estável em São Paulo quando se considera a comunidade como um todo, mas que os jovens de regiões periféricas e de classes mais baixas, por um lado, e aqueles de regiões mais centrais e de classes mais altas, por outro, exibem tendências em direções contrárias: enquanto os primeiros favorecem fortemente a variante retroflexa, os segundos a evitam radicalmente. Defende-se que a forte presença de migrantes do Norte/Nordeste na comunidade conduziu a uma reinterpretação do valor social do retroflexo, por parte dos falantes de classes mais baixas, como uma variante local e de relativo prestígio em relação às variantes fricativas, o que tem motivado o movimento de certos grupos de falantes em sua direção.

A análise sobre (CN) evidencia que a marca zero se associa, tanto no discurso metalinguístico dos paulistanos quanto nos usos propriamente, à fala de moradores da Zona Leste Central, onde se localiza o bairro da Mooca, normalmente destacado como uma área com dialeto próprio – o mooquês – e como estereótipo do falar paulistano. Tal associação, no entanto, parece estar em vias de desaparecimento entre os mais jovens. Além disso, a variante parece funcionar como índice de masculinidade em São Paulo, diferentemente de outros centros urbanos. Novamente se verificam tendências distintas a depender do grupo de falantes: variação estável entre os habitantes de periferia e mudança na direção da variante padrão entre os moradores de regiões mais centrais. O aumento dos níveis gerais de escolaridade e o enfraquecimento da associação da marca zero com identidades locais entre os mais jovens podem ser apontados como os desencadeadores do movimento em direção à forma padrão nas regiões centrais.

No capítulo sobre (CV), investiga-se inicialmente se a primeira pessoa do plural (1PP) e a terceira pessoa do plural (3PP), tradicionalmente analisadas separadamente nos estudos sociolinguísticos, podem ser consideradas uma única variável. Após demonstrar que ambas se correlacionam com o mesmo conjunto de variáveis sociais e linguísticas, que por sua vez se organizam na

mesma hierarquia de importância, contrasta-se seu encaixamento social em diferentes grupos da comunidade. De modo bastante semelhante a (CN), 1PP e 3PP se encontram em mudança na direção da variante padrão nas regiões mais centrais; nas regiões periféricas, por outro lado, 3PP exhibe padrão de variação estável, ao passo que 1PP esboça um quadro de início de mudança em favor da forma não padrão. Sugere-se que o maior estigma da marca zero em 1PP do que em 3PP se deve a um maior grau de saliência fônica da primeira (Naro 1981; Naro *et al.* 1999, p.ex. *falou/falamos* vs. *come/comem*) e pelo fato de a variante não padrão de 1PP ser favorecida, em relação à de 3PP, entre pessoas menos escolarizadas, de classe social mais baixa e com menor mobilidade, cuja fala tem maior probabilidade de ser estigmatizada socialmente.

A Parte III se volta a questões mais amplas, que envolvem a codificação linguística de significados sociais através do encaixamento simultâneo de múltiplas variáveis na fala de múltiplos indivíduos. O capítulo 8 demonstra que os padrões gerais de variação descritos nos capítulos anteriores se reproduzem sistematicamente na fala de cada indivíduo, de modo que as regras variáveis não constituem apenas um construto abstrato, mas fazem parte integral da competência comunicativa dos falantes, membros de uma comunidade de fala.

No capítulo 9, discute-se o emprego simultâneo das quatro variáveis sociolinguísticas. Os recorrentes padrões de correlação com variáveis como Sexo/Gênero, Classe Social e Faixa Etária, em estudos sociolinguísticos em geral e nesta pesquisa especificamente, conduzem à expectativa de que um mesmo indivíduo deva empregar conjuntos de variantes, como [ê] e [r] ou a marca zero de (CN) e (CV) simultaneamente. As análises mostram uma realidade mais complexa, uma vez que, quando se consideram múltiplas variáveis, os falantes não se comportam exatamente do modo como as análises multivariadas em separado levariam a crer. Demonstra-se então que a coesão dialetal é promovida não por amplas categorias sociais como Sexo ou Classe Social dos falantes, mas pelo princípio mais fundamental de *densidade de comunicação* (Gumperz, 1971*b,a*): as normas de usos linguísticos são aprendidas diretamente no convívio social cotidiano, uma vez que grupos em que indivíduos tendem a interagir mais frequentemente entre si (como falantes

que sempre moraram no mesmo bairro) exibem maior grau de consenso sobre quais variantes “andam juntas”.

O capítulo 10 reporta um experimento de percepção, baseado na técnica de estímulos pareados (Lambert *et al.*, 1960),¹⁰ a respeito das variantes tepe e retroflexa entre moradores da cidade de São Paulo (paulistanos ou não). O objetivo foi o de analisar reações subjetivas e inconscientes às variantes, em contraste com seus padrões de usos e o discurso metalinguístico sobre elas. Os resultados mostram que, a depender da variante ouvida, os falantes são percebidos diferentemente quanto a graus de paulistanidade e de sotaque, localização do bairro, classe social e nível de escolaridade, e que tais percepções são mediadas por características sociais dos ouvintes. Com base nesses resultados e no conceito de Eckert (2008) sobre *campos indexicais*, apresenta-se um método falseável e replicável para a constituição da rede de significados sociais das variantes de uma variável. Tal modelagem aponta para os mecanismos de atribuição de significados sociais que regulam os usos linguísticos cotidianos e os processos mais amplos de variação e mudança.

O capítulo final sintetiza as conclusões deste estudo: os milhões de falantes paulistanos, não obstante sua ampla heterogeneidade, constituem uma única comunidade de fala, pois seus usos linguísticos se pautam pelo mesmo conjunto de regras variáveis e por percepções similares sobre o valor social das variantes. A coesão dialetal é guiada pela densidade de comunicação entre os membros de uma comunidade. No entanto, tais usos, avaliações e percepções se encontram em relações dinâmicas e em constante movimento, em virtude de mudanças na comunidade (como movimentos migratórios) e das inter-relações entre diferentes grupos; para compreendê-los, faz-se necessário o exame dos significados sociais das variantes e dos mecanismos que conduzem sua associação a determinados grupos sociais.

Os capítulos que seguem se voltam, pois, à demonstração dessas teses.

¹⁰ Também chamada de “técnica de falsos pares”.

2

Pressupostos teóricos

A Sociolinguística parte da premissa de que os sistemas linguísticos se constituem e se realizam pelos falantes no espaço social. Entretanto, ao se debruçar sobre a língua em uso por uma comunidade real, a primeira constatação do observador é a grande variabilidade de fatos linguísticos e não linguísticos que concorrem para a heterogeneidade. Este capítulo apresenta alguns conceitos e premissas fundamentais para a análise do português paulistano: (i) diferentes tipos de comunidades; (ii) a inter-relação entre identidades, significados sociais e processos de variação e mudança linguística; e (iii) o paradigma quantitativo.

2.1 Modelos de agrupamentos sociais e de comunidades linguísticas

Em geral, os estudos sociolinguísticos se baseiam em um de três conceitos de agrupamentos sociais: *comunidade de práticas*, *rede social* e *comunidade de fala*. Ainda que não se excluam mutuamente, a adoção de um deles, ou ênfase em um ou outro conceito, tem consequências para a definição do objeto de estudo, para os métodos de coleta de dados, para as análises que podem ser desenvolvidas e para as conclusões que podem ser traçadas.

O conceito de *comunidade de práticas* é relativamente recente nos estudos de Sociolinguística; ele envolve tanto a experiência subjetiva quanto a

construção ativa, por parte dos membros da comunidade, das fronteiras que a delimitam em relação às demais. Eckert & McConnell-Ginet (1992:464) definem a comunidade de práticas como “um agrupamento de pessoas que se juntam em torno de uma iniciativa em função de um compromisso mútuo.”¹ Wenger (1998, *apud* Meyerhoff & Strycharz 2013 [2002]) desenvolve a definição acima, explicitando três critérios que devem existir a fim de se falar sobre uma comunidade de práticas: o compromisso mútuo, que pode tanto ser harmonioso quanto conflituoso, mas pelo qual os membros necessariamente se juntam em torno de práticas comuns; a iniciativa negociada em conjunto (ainda que os próprios membros não sejam capazes de defini-la) a fim de se atingir um mesmo propósito; e o repertório compartilhado, resultado das negociações internas. No estudo de Coelho (2006) (ver Capítulo 1, p. 4), os “mano” do gol a gol e os membros da associação de moradores do bairro podem ser considerados duas comunidades de práticas dentro da Brasilândia.

Diferentemente do que se observa em comunidades de fala ou redes sociais, a participação em uma comunidade de práticas é consciente. Dessa perspectiva, língua e variação linguística são vistas como *práticas sociais*, e os falantes como agentes da variação e da mudança linguística. A proposta central desse modelo é distanciar-se de macrocategorias sociais como faixas etárias e classes socioeconômicas, que podem não refletir as relações de identidade com agrupamentos menores com os quais os falantes operam em seu cotidiano. Desse modo, pesquisas que se baseiam nesse conceito propõem uma observação etnográfica da comunidade, a fim de identificar categorias relevantes para seus membros, e enfatizam o papel do indivíduo na construção ativa de sua identidade social.

Os estudos que se desenvolveram a partir da análise de *redes sociais* diferem dos estudos focados em comunidades de práticas por ultrapassarem os limites de um agrupamento de pessoas com um objetivo em comum. A definição de uma rede social é bastante simples: trata-se do conjunto de relações sociais de um indivíduo (ego ou âncora) com outras pessoas (Milroy & Llamas, 2013 [2002]:409). De forma abrangente, uma rede pode ser vista

¹ Tradução própria. Texto original: “an aggregate of people who come together around mutual engagement in an endeavor.”

como um conjunto de laços que ligam todos os membros da sociedade, por mais remotas que sejam tais ligações; assim, podem-se imaginar laços de primeira, segunda ou quantas ordens forem possíveis. Em geral, no entanto, levam-se em conta laços de primeira ordem, ou seja, analisa-se a fala de pessoas com quem um indivíduo interage diretamente.

Essas relações podem formar redes “multiplexas” quando são fortes e densas, mantidas entre diversos membros dessa estrutura, ou podem ser “uniplexas”, quando a ligação entre os indivíduos existe primariamente por intermédio do âncora. Ainda que essa tipologia se refira a um modelo idealizado, a proposta pode ser útil para a interpretação da variação linguística encontrada em diferentes comunidades; um corolário do conceito de redes sociais é que um conjunto de pessoas que mantêm laços fortes de interação em uma rede multiplexa tende a manter normas linguísticas locais e a resistir a pressões de normas alternativas. Além disso, sua aplicação pode ser vantajosa a depender do tipo de agrupamento a ser estudado; tanto [Rodrigues \(1987\)](#) quanto [Coelho \(2006\)](#) utilizaram-se de uma abordagem de rede social, por intermédio de um âncora (um líder comunitário), para se inserir nas comunidades das favelas do Carombé e da Brasilândia. [Bortoni-Ricardo \(1985\)](#), em seu estudo sobre a vocalização de [ɫ], redução de ditongos e da concordância verbal na cidade satélite de Brazlândia (Brasília), baseou-se amplamente no modelo de redes sociais para analisar a assimilação de padrões urbanos na fala de migrantes rurais. [Battisti et al. \(2007\)](#) o empregaram frutiferamente para explicar a estabilização do fenômeno de palatalização de oclusivas alveolares na comunidade de Antônio Prado-RS.

Por fim, a noção de *comunidade de fala* é a mais ampla e abstrata, bem como a mais antiga. Há duas prerrogativas que sempre acompanharam sua conceitualização: a uniformidade de fala e a possibilidade de identificação de um grupo de falantes que partilham uma mesma língua ([Patrick, 2002](#)). Até o século XIX, a relação entre comunidade e forma linguística era diretamente equacionada ([Hymes, 1974](#)): cada povo possuía a sua língua, e esta, por sua vez, refletia a história e cultura de seu povo. No século XX, diversas abordagens passaram a matizar essa equação, apesar de manterem a noção de língua como expressão de uma identidade histórico-cultural.

Bloomfield (1973 [1933]: 42) define a comunidade fala como “um grupo de pessoas que interagem por meio da fala”.² Essa definição prefigura uma série de problemáticas que posteriormente seriam elaboradas por sociolinguistas. Bloomfield assinala que a dificuldade – ou talvez até a impossibilidade – de determinar quais pessoas pertencem a uma mesma comunidade de fala advém do fato de não haver dois indivíduos que falem exatamente da mesma maneira – de fato, nem um mesmo indivíduo fala do mesmo modo a todo momento. Sobre a questão da uniformidade linguística, o autor aponta a *inteligibilidade* como critério de delimitação de comunidades de fala – o que, forçosamente, tem apenas um valor relativo, visto que a inteligibilidade entre falantes se organiza em um contínuo. Bloomfield também faz notar a existência de variação dentro de uma mesma comunidade devido a diferenças de classe social, faixa etária e ocupação profissional. Tais diferenças, segundo o autor, devem-se à *densidade de comunicação*. Em um experimento mental, Bloomfield (1973 [1933]: 46–47) propõe que se imagine um grande diagrama em que cada falante de uma comunidade seja representado por um ponto; a cada vez que um falante se dirigisse a outros, seria adicionada uma flecha ligando o falante a seus ouvintes; ao fim de alguns anos ou décadas, o diagrama representaria a densidade de comunicação dentro de uma comunidade – algo que o modelo de redes sociais desenvolveria décadas depois. Desse modo, Bloomfield já atribuía uma grande importância ao papel da interação social no estudo da mudança linguística (Gumperz, 1972).

A partir da década de 1960, o conceito de comunidade de fala passou a ser mais ativamente elaborado por Gumperz, Hymes e Labov. Gumperz (1972: 460) identifica uma das dificuldades centrais da conceitualização: apesar de se relacionar com trabalhos antropológicos, o universo da análise sociolinguística não se refere a uma comunidade geograficamente específica, mas sim a “uma língua ou dialeto que é abstraído da totalidade do comportamento comunicativo”. A equação entre língua e comunidade, ainda presente em Bloomfield (1973 [1933]), é criticada; Gumperz considera que não há motivo para se esperar que todos os membros de uma comunidade falem a mesma

² Tradução própria. Texto original: “a speech community is a group of people who interact by means of speech”.

língua – ao contrário, o bi- e o multilingualismo são antes a regra do que a exceção em muitas sociedades. O autor também aproxima o bilingualismo do bidialectismo, cuja diferença não é significativa do ponto de vista de sua função social (Gumperz, 1972: 463).

Ainda em diálogo com o trabalho de Bloomfield, Gumperz (1971b) impõe limites ao papel da densidade de comunicação na uniformidade linguística ao apontar que a estratificação social pode conduzir os falantes à preservação de suas variedades, ainda que interajam frequentemente com membros de outros grupos, sobretudo em interações não igualitárias (entre empregador e empregado, por exemplo). Afirma o autor: “Parece ser o caso de que a comunicação conduz à uniformidade apenas quando há tanto a possibilidade quanto o desejo de assimilação social. Nas situações em que as normas sociais privilegiam a distinção social, os símbolos linguísticos dessa distinção tendem a ser mantidos” (Gumperz, 1967: 227).³ É nessa acepção que esta pesquisa adota o conceito de densidade de comunicação.

Gumperz (1971b) introduz dois novos elementos que posteriormente são adotados por Hymes e Labov: o compartilhamento de conhecimento linguístico e de normas sociais. Hymes (1972), assim como Gumperz, muda a perspectiva de estudo das variedades para a relação entre os falantes: a unidade de análise sociolinguística não é a língua, mas a comunidade de fala, definida como “uma comunidade que compartilha regras de conduta e interpretação da fala, e regras para a interpretação de pelo menos uma variedade linguística” (Hymes, 1972: 54).⁴ O ponto de partida do estudo sociolinguístico seria a descrição do repertório de “modos de falar” – que inclui tanto regras de gramática quanto regras de uso –, pois não é possível saber quais práticas são essenciais para uma comunidade antes que se faça tal levantamento. Além desse repertório verbal, sua abordagem etnográfica considera a *competência comunicativa* (Hymes, 1991 [1979]) como elemento central para a definição de uma comunidade de fala: ela é composta pelo conjunto de falantes que

³ Tradução própria. Texto original: “It would seem that communication leads to uniformity only where there is both the possibility and the desire for social assimilation. Where social norms put a premium on social distinctness, linguistic symbols of such distinctness tend to be maintained.”

⁴ Tradução própria. Texto original: “a community sharing rules for the conduct and interpretation of speech, and rules for the interpretation of at least one linguistic variety.”

exploram de forma apropriada os recursos identificados como pertencentes às regras da prática comunicativa.

Entretanto, dentre esses autores, Labov (2006 [1966], 2008 [1972]) é aquele cuja conceitualização teve maior impacto nos estudos variacionistas. Para Labov (2008 [1972]: 150),

a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; essas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

De acordo com sua teorização, os critérios para a delimitação de uma comunidade de fala são o *compartilhamento de normas* (ainda que inconscientes, pois não se limitam a avaliações por parte do indivíduo) e a *uniformidade linguística*. É importante notar que essa “uniformidade” não é sinônimo de uma suposta “homogeneidade”; ao contrário, o prospecto é a existência de heterogeneidade ordenada (Weinreich *et al.*, 2006 [1968]) por meio do emprego variável e sistemático de diferentes variantes linguísticas. O compartilhamento e a uniformidade são entendidos como definidores de um “padrão”, concebido e descrito segundo um paradigma quantitativo (ver seção 2.3), em que o papel de diferentes fatores pode ser testado e comparado.

Dessa forma, ainda que haja aparentes discrepâncias de comportamentos linguísticos de informantes isolados ou de subgrupos de pessoas, pode-se verificar se a variação é estruturada e, portanto, se há evidências de normas compartilhadas. Um indivíduo ou um grupo de pessoas faz parte de uma comunidade de fala caso os dois critérios acima sejam preenchidos. Dentro desse quadro, a constatação de uma comunidade de fala é *resultado* da pesquisa, não seu ponto de partida (diferentemente de Hymes (1972)). Note-se, por exemplo, que no estudo de Labov (2006 [1966]) no Lower East Side, em Nova Iorque, a seleção de falantes não se pautou por interações cotidianas, normas compartilhadas, tampouco pelo requisito de fortes laços comunitários; em especial, não se empregaram critérios linguísticos – o único requisito foi a residência no bairro. A grande vantagem desse modelo é evitar a circularidade

de definição de uma comunidade.

O presente estudo adota o conceito laboviano de comunidade de fala como principal modelo de agrupamento linguístico. Parte-se de um critério sociodemográfico – o de ter nascido na cidade de São Paulo e ter ali vivido a maior parte da vida – para se examinar se os falantes paulistanos constituem, além de uma unidade política, geográfica e sociocultural, uma comunidade *de fala*.

2.1.1 *Excursus*: as três “ondas” da Sociolinguística

Eckert (2012), em uma epistemologia informal, entrevê que a empresa sociolinguística, desde o estudo de Labov em Martha’s Vineyard, pode ser caracterizada por três “ondas” de análise. *Grosso modo*, elas se relacionam com os três tipos de agrupamentos sociais acima delineados.

A primeira teria se iniciado com o estudo de Labov (2006 [1966]) em Nova Iorque. O principal foco dos trabalhos de primeira onda, segundo a autora, é o estabelecimento de padrões regulares de variação linguística de acordo com macrocategorias sociais, sobretudo a estratificação socioeconômica dos falantes. Nessa perspectiva, variáveis como Sexo, Classe Social, Idade e Estilo (esta última, entendida como grau de atenção à fala), ainda que tenham revelado a sistematicidade da variação linguística, são tomadas pelo pesquisador como instrumentos impostos de cima para baixo para descrever processos de mudança mais amplos. No desenvolvimento desses estudos, as macrocategorias por vezes passaram a se confundir com identidades dos falantes, sem levar em conta sua relevância para os próprios indivíduos em seu cotidiano.

A segunda onda se voltou para métodos etnográficos para examinar a dinâmica da variação linguística mais localmente. Estudos como os de Milroy (1980) em Belfast, Rickford (1986) na Guiana e de Eckert (1989) em um colégio em Detroit (*apud* Eckert 2012) buscaram categorias locais para compreender a relevância de macrocategorias sociais na vida local. Esses trabalhos questionam a visão “harmoniosa” de classe social como colocada por Labov (2006 [1966]) em sua ênfase no consenso da comunidade quanto

às normas linguísticas. A análise de usos linguísticos em relação com as redes sociais dos falantes dá destaque a práticas locais que funcionam como resistência a normas supralocais.

Por fim, a terceira onda conceitualiza a variação linguística não como reflexo de categorias sociais mas, ao contrário, como práticas por meio das quais os falantes se posicionam no mundo social. Denominada por Eckert (2012) de “perspectiva estilística”, a terceira onda enfatiza o papel agêntico dos falantes na constituição de identidades e de significados sociais, em contraposição a estudos com base em macrocategorias sociais. Em lugar disso, dá-se preferência ao estudo de agrupamentos menores e de comunidades de práticas, em que é possível mais bem observar significados e categorias locais. *Estilo*, nessa perspectiva, é entendido como o *locus* privilegiado da criação de significados sociais, em que os falantes combinam e recombina variantes em um processo contínuo de *bricolage* (Cf. Eckert 2001, 2012 e Labov 2001a).

À medida que os estudos de “terceira onda” iniciam sua incursão na Sociolinguística brasileira (ver, p.ex., Camacho 2010; Freitag *et al.* 2012; Mangabeira 2012; Salomão 2014), parece relevante situar esta pesquisa no cenário de estudos sociolinguísticos. Da presente perspectiva, Eckert (2012) renova os interesses no estudo do significado social da variação e levanta críticas importantes sobre a interpretação do encaixamento social da variação linguística. Por outro lado, ainda que a autora assinale que as diferentes “ondas” não se referem à superação de modelos, sua demarcação parece criar cisões artificiais entre tópicos variados mas correlatos dentro do campo de estudos: encaixamento linguístico; encaixamento social; processos de mudança de médio e longo prazo; criação contextualizada de identidades sociais e individuais, ou “estilos”, mediante usos linguísticos. A próxima seção representa um esforço em articular essas noções.

2.2 Identidades e significados sociais

Definições de “identidade” costumam ressaltar o caráter relacional desse conceito. Mendoza-Denton (2002: 475) o define como “a negociação ativa da relação de um indivíduo com construtos sociais mais amplos, na medida

em que essa negociação é sinalizada através de meios linguísticos e outros meios semióticos”;⁵ Kiesling (2013: 450) como “um estado ou processo de relação entre o “eu” e o “outro”; a identidade é como os indivíduos definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários”;⁶ e Battisti (2014: 81), seguindo Wenger (1998), afirma que “a construção de identidade consiste em negociar os significados de nossa experiência de pertença a diferentes grupos sociais.”

A identidade, portanto, não é um atributo pessoal tampouco uma posse, mas um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo. A construção de sentidos se dá sempre dentro de uma matriz cultural e ideológica, sobre a qual o indivíduo não exerce controle.

Para pensar identidades em seu contexto social, deve-se levar em conta a escala em que o conceito é operacionalizado. Kiesling (2013) propõe distinções em pelo menos três grandes níveis: (i) amplos grupos “censitários”, como sexo, classe social, etnia; (ii) papéis institucionais, como “mãe”, “policial”; e (iii) tomadas de postura (*stances*) e posições durante a interação. O presente estudo, que analisa uma amostra robusta da fala paulistana, baseia-se principalmente na primeira dessas dimensões.

Como visto há pouco, uma das principais críticas levantadas por estudos de “terceira onda” é a ligação direta entre macrocategorias sociais e identidades dos falantes. Com efeito, pode-se questionar se um novaiorquino categorizado pelo pesquisador como pertencente à classe baixa emprega a vocalização ou o apagamento de /-r/ (como em *car* ‘carro’ e *card* ‘cartão’) para indexar uma identidade de “classe baixa” (Kiesling, 2013).⁷ De modo semelhante, parece pouco plausível (embora possível em certos contextos) que um falante categorizado como “menos escolarizado” empregue a marca zero de (CN) para se identificar como alguém de baixa escolaridade; seus objetivos, se os há, podem ser outros.

⁵ Tradução própria. Texto original: “the active negotiation of an individual’s relationship with larger social constructs, in so far as this negotiation is signaled through language and other semiotic means.”

⁶ Tradução própria. Texto original: “Identity is a state or process of relationship between self and other; identity is how individuals define, create, or think of themselves in terms of their relationship with other individuals and groups, whether these others are real or imagined.”

⁷ Vale notar que Labov (2006 [1966]) não emprega o termo “identidade social” ou qualquer equivalente em nenhum momento de seu trabalho sobre o inglês de Nova Iorque. O autor não desenvolve essa questão.

Desse modo, explicações de cunho essencialista para o comportamento linguístico de indivíduos (p.ex. “mulheres fazem mais concordância nominal porque são mais certinhas”) e que reduzem o falante a uma única dimensão (“ser mulher”, “ser nordestino”, “ser homossexual” etc.) devem ser rechaçadas. Correlações entre usos linguísticos e categorias sociais não necessariamente implicam que x “significa” y – por exemplo, o fato de o retroflexo ser favorecido por homens não necessariamente significa que a variante seja índice de masculinidades.

Ao mesmo tempo que não se deve reduzir os falantes a uma única dimensão social, não se deve superestimar o papel agentivo do indivíduo na construção de sua própria identidade. Além da improbabilidade de que um indivíduo possa monitorar e manipular conscientemente cada traço linguístico de sua fala a todos os momentos, uma série de construtos sociais que servem de parâmetros identitários preexiste e ultrapassa o domínio da ação individual. Gumperz (1971a: 152-153) sumariza essa questão do seguinte modo:

[...] em última instância, é o indivíduo que toma a decisão, mas a liberdade de escolher está sempre sujeita a restrições tanto gramaticais quanto sociais. As primeiras se relacionam com a inteligibilidade das sentenças; as segundas com sua aceitabilidade. [...] O poder de seleção, portanto, é limitado por convenções que servem para categorizar formas linguísticas como informais, técnicas, vulgares, literárias, humorísticas etc.⁸

Nesse sentido, o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, por intermédio de análises quantitativas e multivariadas (ver seção 2.3), oferece ferramentas particularmente úteis para o desembaraço da complexa rede de influências e de possível interação entre vários fatores sociais e linguísticos na formação de identidades sociais (Mendoza-Denton, 2002).

Na presente pesquisa, o termo “identidade” é sempre empregado para fazer referência a *identidades sociais*, nunca pessoais ou individuais. Com efeito, a macroperspectiva impede qualquer tentativa de inferência sobre como

⁸ Tradução própria. Texto original: “ultimately it is the individual who makes the decision, but his freedom to select is always subject both to grammatical and social restraints. Grammatical restraints relate to the intelligibility of sentences; social restraints relate to their acceptability. [...] The power of selection is therefore limited by commonly agreed-on conventions which serve to categorize speech forms as informal, technical, vulgar, literary, humorous etc.”

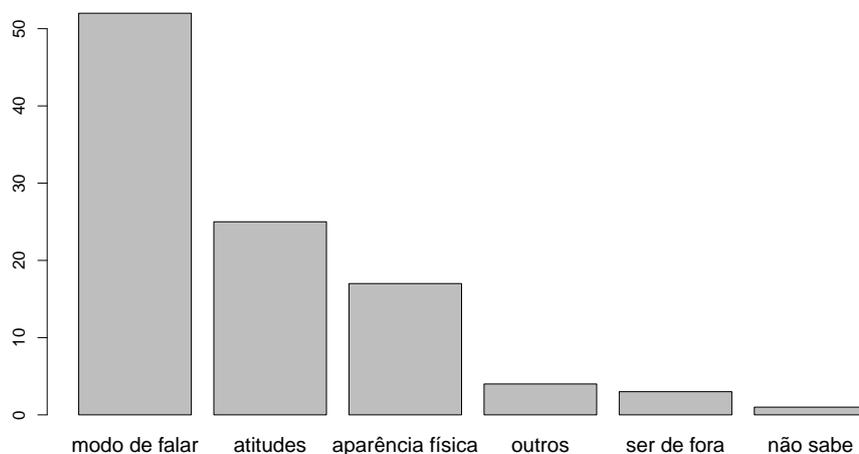


Figura 2.1 Respostas à pergunta: “Quando você estava em X, as pessoas te reconheciam como paulistano? Como?” (Fonte: Oushiro 2012)

os informantes do *corpus* se identificam individualmente – algo, aliás, que tampouco é estático, mas fluido, mutável e finamente contextualizado.

O primeiro ponto de interesse é sobre uma possível identidade “paulistana”, entendida de um ponto de vista sociolinguístico. Não obstante a caracterização de São Paulo como um lugar de “mistura” (ver Capítulo 1, p. 8), os paulistanos parecem ter uma identidade sociolinguística bem definida no território nacional – diferentemente, por exemplo, dos capixabas (Yacovenco *et al.*, 2012: 772). Oushiro (2012) analisou as respostas de 72 informantes à pergunta “Quando você estava em (outra cidade já visitada pelo informante), as pessoas te reconheciam como paulistano? (Se sim) Como?” (ver pergunta 29 no Roteiro de Entrevistas, Anexo A, p. 357). Deles, 66 (92%) responderam que “sim”, e mencionaram mais frequentemente o modo de falar como índice de sua paulistanidade.

Os motivos apontados pelos informantes (muitas vezes, mais de um) foram classificados nas categorias da Figura 2.1: modo de falar, modo de se portar, aparência física, não ser do local, outras respostas, ou não soube dizer por quê. Junto a traços comportamentais e físicos, como “ser apressado”, “exibir poder aquisitivo” ou a “brancura” (ver exemplos (1)–(3) abaixo), os paulistanos frequentemente mencionam os modos de falar – “rápido” (2), “italianado” (4)–(5), “fanho” (4).

- (1) ☉ D1: *quando você vai pra praia você falou que vai pra Sorocaba as pessoas percebem que você não é de lá?...*
 S1: *eu acho que percebe só de olhar a... a brancura nossa né? [risos] eu acho que percebe sim*
 D1: *por que... além da brancura? quais outros motivos você acha que faz elas perceberem que você não é dali?*
 S1: *eu acho que é até uma questão eh financeira né? quem mora na praia geralmente anda de bicicleta de havaianas*
 D1: *uhum*
 S1: *e aí a gente está com carro e está... enfim a forma que a gente se veste acho que tudo isso (Sonia L., F1SC)*
- (2) ☉ D1: *mas já chegou a acontecer assim de perguntarem “ah... você é de São Paulo né?”*
 S1: *ah não todo mundo já sabia... pelo sotaque pelo jeito de falar e também (ser) meio rápido... pelas perguntas também então assim... (então) a minha irmã vivia perguntando “dá tempo de fazer isso? dá tempo de fazer aquilo?”*
 S2: [risos] *“dá tempo”*
 S1: *e o cara... “dá (i)magina” tudo dava sabe e a gente assim né “não porque tem que saber tudo certo que não sei o quê não sei o quê”... e o cara nem aí né? ele olhava pra minha irmã e falava “dá dá” (xxx) e daí chegou uma hora que ela olhou pra ele e falou “mas tudo dá! não é possível vai dar tudo errado!” [risos] (Rebeca C., F1SC)*
- (3) ☉ D1: *e quando você estava no sul ou outras cidades que você já foi... eles percebiam que você era de São Paulo?*
 S1: *percebia... é meio que... parece que está escrito assim “paulista”... [risos-D1] mesmo/ mesmo sem falar nada por causa do sotaque assim o pessoal “você é de São Paulo né?”... não sei se por causa da aparência da tatuagem ou coisa do tipo*
 D1: *mas geralmente descobriam como assim? (alguma coisa que você fazia) que você falava?*
 S1: *é quando eu começava a falar... pelo sotaque... “arroz... dez” o pessoal falava “onde tem ‘i’ no ‘arroz’ onde tem ‘i’ no ‘dez’... ‘dente’ ... ‘dente’ é com ‘e’ não é com ‘i’ ”... pelo sotaque mesmo (José L., M1MP)*
- (4) ☉ D1: *e quando você vai pra esses outros lugares as pessoas percebem que você é de São Paulo?*
 S1: *eu falo de um jeito muito paulistano todo mundo fala isso*
 D1: *é?*
 S1: *que eu falo muito “meu” eu falo muito... ficam até zoando que falo que nem o Boça do Hermes e Renato o Boça é uma cari/ é uma caricatura do... um paulistano superexagerado... ficam falando que eu falo que nem ele*
 D1: [risos] *mas o que que é assim que você acha que é o jeito do Boça assim*

me explica

S1: *que fala “pô meu” sabe esses... que na verdade é um/... é um jeito meio italianado de se falar né italianizado... que sabe “orra meu pô meu” tudo “meu”... falam que a gente fala de um jeito meio... meio fanho assim não sei... nunca percebi pra mim a gente de São Paulo não tem sotaque eles que têm... a gente não tem não... e não eles percebe assim acho que do jeito que eu falo (Marcelo B., M1MP)*

- (5) ☉ D1: [ruído] *eh quando você foi pra esses outros lugares pra Bahia pra Recife pra... e mesmo pra Extrema⁹ né... as pessoas reconheciam que você era/... é paulistana?*

S1: *ah sim... reconhece... bom primeiro porque eu tenho um jeito de falar meio italianado né? então é bem característico cada vez que tem uma novela da Globo sobre São Paulo os cara tudo falam com sotaque italianado*

D1: *aham*

S1: *então tem isso... eh... em Extrema/ é que em Extrema quando eu chego lá eu já sou conhecida porque eu sou irmã do A. né?*

D1: *aham*

S1: *que é o veterinário então é diferente eu me relaciono mais com as pessoas com quem eu já tenho contato... agora nesses outros lugares... o nosso ritmo é um pouco mais acelerado... né? (Iolanda P., F2SP)*

Deve-se levar em conta que as próprias condições de entrevista realçaram essa dimensão identitária, independentemente do fato de os informantes se identificarem ou não como “paulistanos”; eles foram recrutados para uma pesquisa acadêmica “sobre São Paulo e os paulistanos” e gravados justamente por terem nascido na cidade; no roteiro de entrevista, muitas perguntas são sobre seu bairro, a cidade e sua relação com ela. Sendo reais ou imaginados, os traços levantados pelos informantes indicam que o paulistano se reconhece como um ser sociolinguisticamente distinto de “outros geográficos” dentro do território nacional.

Por outro lado, também interessam a esta pesquisa identidades sociais que diferenciem os paulistanos entre si. Os excertos em (6) – muitos dos quais reaparecerão nas próximas páginas – referem-se a categorias sociais apontadas pelos próprios informantes como relevantes para a caracterização de grupos distintos na comunidade, para a diferenciação interdialeto e para a associação de certas variantes a socioletos.

⁹ Cidade no interior de Minas Gerais.

- (6)
- a. os *mais velhos* que são bem de São Paulo falam mais assim
 - b. o cara sei lá *o adolescente*... ele quer falar eh de outra maneira ele não consegue...
 - c. a *juventude* fala bem assim... esses/ esses meninos que me entrevistaram falavam desse jeito aqui...
 - d. então tem gente por exemplo *que mora sei lá Jardim América* (xxx) com aquelas joias com aquelas coisa toda
 - e. *as classes mais baixas* falam diferente... do que *as classes mais elitizadas* que tiveram condições de estudo e tudo mais
 - f. assim *meninas bem de classe média* assim daquele tipo que... as pessoas chamam de "*patricinha*"... então ela fala assim
 - g. quando você já vai indo mais pra *periferia* você já vai vendo que as pessoas já vão mudando
 - h. se você for por exemplo *no extremo da zona leste* lá na *periferia*... *favela do Elmo*... vai ver que os caras falam assim
 - i. *na Mooca* dá na hora para você ver... tem a da Mooca porque se eu falo meio cantado e falo meio italianado lá é isso ao cubo...
 - j. eh isso aí é um sotaque nosso *caipira* né?...
 - k. tem cada bairro é de um jeito porque vai na *zona leste* tem muita concentração de *nordestino* então também é outro sotaque...

Os grupos destacados constituem identidades de gênero ("patricinha"), de classe social ("patricinha", "classe média", "classes mais baixas", "classes mais elitizadas"), etárias ("o adolescente", "a juventude", "os mais velhos"), de origem geográfica ("nordestino", "caipira"), de bairro ("Mooca", "Jardins"), de zona ("zona leste") e de região da cidade ("periferia"). Trata-se de categorias que são relevantes para os membros da comunidade e que são empregadas na definição de certas identidades sociais em situação de entrevista sociolinguística, em que muitas vezes os interlocutores não são próximos entre si. A questão de escala se torna relevante aqui: em outras situações interativas, outras categorias locais reconhecidas e ratificadas pelos interlocutores poderiam surgir ("a bicha pão-com-ovo", "o pereira", "o coxinha"); de uma macroperspectiva, são preponderantes categorias amplamente reconhecidas por todos.

Também interessa notar que, na grande maioria dos casos, a nomeação de uma categoria social se refere ao "outro", não ao "ego"; nos exemplos acima, "o adolescente", "a patricinha", "o cara da Mooca" são categorias a que os falantes não pertencem discursivamente. Isso significa que os informantes

muitas vezes definem suas identidades sociolinguísticas não através de “eu sou”, mas sim através de “eles são”, ou seja, definem-se pela sinalização discursiva de que eles *não* pertencem a certas categorias sociais. Alguns dos estudos sociolinguísticos que se debruçam sobre questões de identidades parecem enfatizar a construção de *personas* dos próprios falantes, que “agentivamente” selecionam traços linguísticos a fim de indexar pertença a certas categorias ou tomadas de certas posturas – ver, p.ex., Podesva (2007), Zhang (2005, *apud* Eckert 2008); cabe aqui assinalar que a estratégia de “afirmação por negação” pode ser tão frutífera quanto: em seus usos linguísticos, os falantes podem também indexar categorias com as quais não se identificam e das quais, ideal ou factualmente, distanciam-se.

Desse modo, este estudo define *identidades sociolinguísticas* como categorias sociais discursivamente elaboradas, às quais os indivíduos podem ou não pertencer e com as quais desejam ou não se filiar, e que são relevantes para diferenciações socioletais em suas avaliações, produções ou percepções linguísticas.

Os conceitos de *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos* (Labov, 2008 [1972]) também são fundamentais para a discussão do valor e do significado social de variantes linguísticas. Os primeiros se referem a variáveis abaixo do nível da consciência dos falantes, não disponíveis para metacomentários, ainda que apresentem padrões regulares nos usos linguísticos. Marcadores, por sua vez, são reconhecidos pelos falantes de uma comunidade e revelam estratificação socioeconômica e estilística. Por fim, estereótipos dizem respeito a variáveis sujeitas a metacomentários explícitos dos falantes e a extrema estigmatização. Na formulação laboviana, tais conceitos se relacionam com os estágios de mudança linguística:

As mudanças de baixo se iniciam como *indicadores*, estratificados por faixa etária, região e classe social. Nesse estágio, eles exibem grau zero de consciência social e são difíceis de ser detectados tanto por linguistas quanto por leigos. À medida que procedem a seu término, tais mudanças normalmente adquirem reconhecimento social como *marcadores* linguísticos, normalmente na forma de estigma, que se reflete em forte estratificação social na produção da fala, numa íngreme curva de alternância estilística e em respostas negativas em testes de

reação subjetiva. Por fim, as variáveis podem se tornar *estereótipos*, tópico de comentários abertos, com um rótulo descritivo que pode ser tão distinto da factual produção que os falantes não percebem que eles mesmos empregam a forma. (Labov 2001b: 196. Grifos no original)¹⁰

A questão a que se volta o sociolinguista interessado no significado social da variação é como tais valores passam a se associar com as variantes no curso da mudança, e como informações de identidades sociais são codificadas linguisticamente.¹¹

Conforme já se indicou, correlações entre usos linguísticos e categorias sociais não implicam relações diretas entre variáveis. No entanto, o exame de como variáveis sociolinguísticas podem estar correlacionadas a outras de natureza linguística ou social – aquilo que Weinreich *et al.* (2006 [1968]) denominaram o *Problema do Encaixamento* – é um primeiro passo para levantar pistas sobre a associação entre variantes e identidades sociais. Sob a premissa de que a língua é inerentemente variável e heterogênea, entende-se que variáveis sociolinguísticas não ocorrem isoladamente, mas são influenciadas por outros elementos internos à língua (como o contexto fonológico, funções gramaticais, relações sintáticas e paradigmáticas etc.), uma vez que a mudança não consiste na troca de um sistema inteiro por outro, mas sim em um processo gradual. A estrutura linguística, por sua vez, está encaixada no contexto social de um conjunto de falantes, de modo que “variáveis sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura” (Weinreich *et al.*, 2006 [1968]: 123).

No entanto, a simples identificação de variáveis (sociais ou linguísticas) que se correlacionam com usos linguísticos não é capaz de explicar processos de variação e mudança. Dentre as cinco questões propostas por Weinreich *et al.* (2006 [1968]) com vistas ao estabelecimento de princípios empíricos para o estudo linguístico, encontra-se, ao lado do Problema do Encaixamento,

¹⁰ Texto original: “Changes from below begin as *indicators*, stratified by age group, region, and social class. At this stage, they show zero degrees of social awareness, and are difficult to detect for both linguists and naive speakers. As they proceed to completion, such changes usually acquire social recognition as linguistic *markers*, usually in the form of social stigma, which is reflected in sharp social stratification of speech production, a steep slope of style-shifting, and negative responses on subjective reaction tests. Ultimately, they may become *stereotypes*, the subject of overt comment, with a descriptive tag that may be distinct enough from actual production that speakers do not realize that they use the form themselves.”

¹¹ Na formulação de Eckert (2008, 2012) e nos estudos de “terceira onda”, a questão do significado social se dissocia do interesse na mudança linguística e passa a focar exclusivamente a questão de identidades dos falantes. A proposta de Eckert (2008) será mais bem discutida no Capítulo 10.

o *Problema da Avaliação*.¹² Também se devem determinar empiricamente correlatos subjetivos ou o nível de consciência social que os falantes têm das variáveis, e suas relações com o curso da mudança linguística.

O presente estudo faz uma distinção conceitual entre *avaliação* e *percepção* linguística: o primeiro é empregado para fazer referência ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes, o que constitui um objeto de estudo em si. O segundo diz respeito a inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante, que podem ou não ser conscientes – e que, portanto, podem não ser objeto de comentário metalinguístico. Ambas, por outro lado, diferenciam-se de *produção* linguística, já que aquilo que as pessoas dizem ou o modo como reagem a certas variantes podem não coincidir com seus usos factuais.

Análises de avaliação e de percepção parecem mais adequadas para investigar os tipos de associações que os falantes estabelecem entre variáveis linguísticas e categorias sociais. Pessoas que empregam o retroflexo são avaliadas ou percebidas como menos escolarizadas, mais masculinas, menos paulistanas, menos patricinhas? Contudo, para interpretar tais avaliações e percepções, análises de produção se fazem necessárias, uma vez que usos linguísticos raramente são categóricos; o emprego de retroflexo se dá em taxas bastante distintas entre os falantes (ver Capítulo 8, p. 212) e, a depender das experiências de certos grupos sociais, uma taxa de 20% pode já ser “muito frequente”. Os três tipos de análises são necessários para examinar os mecanismos pelos quais certas variantes se associam a certos significados sociais.

2.3 O paradigma quantitativo

O paradigma quantitativo se baseia no conceito de competência comunicativa: os membros de uma comunidade têm internalizadas não apenas as regras da gramática mas também as regras de seus usos apropriados, de forma

¹² As outras três questões são o Problema dos Fatores Condicionantes, o Problema da Transição e o Problema da Implementação, que não são abarcados neste trabalho; ver Weinreich *et al.* (2006 [1968]: 121–126).

semelhante ao domínio de outras regras culturais (Sankoff, 1980).

A modelagem das “restrições gramaticais e sociais” (Gumperz, 1971a), ou seja, o olhar simultâneo tanto para a estrutura linguística quanto para a estrutura social requer o exame de uma grande quantidade de dados (Guy, 1993): por um lado, raramente se pode falar em termos categóricos acerca de características dialetais, pois os dados observados quase nunca se organizam perfeitamente isentos de variação interna; por outro lado, observações qualitativas conduzem à estipulação de regras impressionísticas, em que se aplicam termos como “frequentemente”, “ocasionalmente” ou “às vezes” – a chamada “variação livre” (Weinreich *et al.*, 2006 [1968]). Com base na premissa de que as flutuações observadas na língua em uso são ordenadas e formam padrões, o Paradigma Quantitativo busca modelar a competência comunicativa dos falantes por meio de uma série de princípios.

O mais central deles é o Princípio da Modelagem Quantitativa (Bayley, 2013 [2002]), que afirma (i) a necessidade de observar formas linguísticas variáveis em seu contexto de uso, seja o contexto linguístico ou não linguístico; e (ii) contanto que haja dados suficientes, a possibilidade de derivar afirmações acerca da probabilidade de coocorrência de uma forma linguística variável e as características contextuais. Tais afirmações expressam, em termos quantitativos, a força da associação entre a característica contextual e a variável linguística (Bayley, 2013 [2002]: 118).

Para tanto, é necessário examinar tanto as ocorrências em que determinada forma linguística foi empregada quanto as instâncias de não ocorrência. O Princípio de Contabilidade, tal como definido por Labov (1969: 738), afirma a importância de se reportar o emprego de uma forma variante em relação ao número total de casos em que ela poderia ter ocorrido no mesmo contexto, mas não ocorreu. Assim, ainda que se tenha interesse na realização ditongada de [ễ], por exemplo, devem-se analisar tanto os casos de [ễ] quanto de [ê] em palavras como “sete(i)nta”. Esse princípio segue da observação de que a língua é normalmente percebida como categórica, tanto por leigos quanto por especialistas; observem-se comentários comuns na forma de afirmações como “paulistanos falam po[r]ta, pessoas do interior falam po[l]ta” – caracterização que, como se apontará nos capítulos 5 e 8, não corresponde aos fatos

linguísticos, dado que a pronúncia retroflexa de /r/ em coda é relativamente produtiva na fala de paulistanos nativos. Ao mesmo tempo, objetiva-se descrever padrões gerais em vez de idiossincrasias; esses padrões são mais bem identificados através de uma análise que não se baseie em instâncias isoladas. A regra variável descreve padrões de variação ao estabelecer probabilidades de emprego de variantes em contextos vários.

O Princípio de Múltiplas Causas (Bayley, 2013 [2002]) afirma a improbabilidade de que um único fator contextual possa dar conta da variabilidade que se observa nos dados. Uma vez que cada ocorrência de uma determinada variável se dá necessariamente dentro de um contexto enunciativo, social e linguístico, há uma gama de fatores que pode influenciar o emprego de formas linguísticas em alternância. Por exemplo, na variação da concordância nominal, pode haver maior ou menor probabilidade de ocorrência da marca zero de acordo com o sexo/gênero do falante, sua classe social, os grupos sociais com quem o falante convive, o estilo de fala etc., assim como de acordo com a saliência fônica do morfema de plural ({s}, {es}, {is}, {ões}), com o contexto fônico seguinte (consoantes, vogais), com a animacidade do SN ([± animado], [± humano]) etc. A análise multivariada modela as ocorrências de variáveis como “uma função de várias forças simultâneas, interseccionadas e independentes, que podem agir em diferentes direções” (Guy & Zilles, 2007: 50).

O próximo capítulo apresenta como esses conceitos são operacionalizados no exame dos dados linguísticos.

3

Materiais e métodos

Este capítulo apresenta os materiais analisados nos capítulos 4 a 9 e os métodos empregados nos capítulos 4 a 7. Descrevem-se inicialmente a coleta e a organização do *corpus* de 118 entrevistas sociolinguísticas; em seguida, discute-se a definição de sete variáveis sociais e suas respectivas hipóteses, que são analisadas em correlação com as variáveis (ẽ), (-r), (CN) e (CV); por fim, apresentam-se os métodos de tratamento e de análise de dados no programa R.

3.1 *Corpus* e roteiro da entrevista

Para atender as questões propostas nesta pesquisa (Capítulo 1, p. 12), organizou-se uma amostra robusta do português paulistano, composta de 118 entrevistas sociolinguísticas provenientes do *corpus* do Projeto SP2010.¹ Essas gravações, cada qual com cerca de uma hora de duração, foram coletadas por diversos membros² do GESOL-USP entre os anos de 2009 e 2013 e tiveram o duplo objetivo de obter (i) amostras de fala semiespontânea de paulistanos de variados perfis sociolinguísticos; e (ii) mais informações sobre as condições

¹ O Projeto SP2010 conta atualmente com mais de 300 gravações de falantes residentes nas cidades de São Paulo, Itanhandu-MG, Campo Grande-MS e São Luís-MA. Sessenta entrevistas com paulistanos, coletadas em 2012–2013, são disponibilizadas gratuitamente (áudio e transcrição) no portal do Projeto SP2010 (<http://projetsp2010.fflch.usp.br/>). Dessas 60, 18 fazem parte da amostra aqui analisada.

² São eles: Alexandre Sobreiro, Ana Paula Piola Araujo, Camila Barbosa de Faria, Cauê Rodrigues, Dayane Celestino de Almeida, Ivanete Belém do Nascimento, Larissa Soriano, Livia Oushiro, Márcilio Melo Vieira, Mariane Esteves Bieler, Melissa Cruz, Rafael Ciancio, Rafael Stoppa Rocha e Talita Vieira.

de vida e avaliações sociolinguísticas desses falantes (Labov, 2006 [1966]). São sobre essas entrevistas que se desenvolvem as análises apresentadas nos capítulos 4 a 9.

O roteiro de entrevista se divide em duas partes (ver Anexo A, p. 354). A primeira abrange tópicos como o bairro, a infância, a família, a educação, a ocupação, a rede social e as atividades de lazer do informante. Como nota Labov (2006 [1966]: 59), malgrado o interesse do pesquisador no modo como as pessoas falam cotidianamente, a própria situação de entrevista e de gravação – necessária para a obtenção de amostras comparáveis de fala – provoca o distanciamento do modo mais espontâneo com que as pessoas se comunicam no dia a dia, sobretudo com familiares e amigos. Nesse sentido, a inclusão de tópicos como “infância” e “lazer” tem o objetivo de tentar obter amostras de fala relativamente menos monitoradas, ainda que se deva ter em mente o efeito do Paradoxo do Observador durante toda a gravação.

A segunda parte contém perguntas mais específicas sobre a relação do falante com a cidade e suas avaliações sobre variantes linguísticas e sobre identidades paulistanas. Na última parte da entrevista, pede-se ao informante que leia uma lista de palavras, uma notícia de jornal e um texto com fortes marcas de oralidade, aqui denominado “depoimento”.

A inclusão de perguntas sobre avaliação linguística e de leituras teve início em 2011. Na amostra aqui analisada, o roteiro “atualizado” foi aplicado em 74 das 118 gravações.³ A leitura de diferentes tipos de textos se baseia na premissa laboviana (Labov, 2006 [1966], 2001a) de que tal tarefa deve conduzir os falantes a um maior grau de monitoramento de sua própria fala, procedimento que revela as variantes consideradas como “mais corretas” ou de maior prestígio pelos membros da comunidade. A hipótese aqui é a de que os falantes devam empregar estilos de fala gradualmente mais monitorados de acordo com a seguinte hierarquia: (i) conversa na entrevista; (ii) leitura do “depoimento”; (iii) leitura da notícia de jornal; e (iv) leitura da lista de palavras.

Esta última foi elaborada especificamente para o estudo das variáveis (-r)

³ Isso significa que 44 informantes não têm dados de leitura e respostas quanto às perguntas de avaliação linguística; contudo, tal fato não prejudica as análises desenvolvidas, já que esses informantes se encontram bem distribuídos nos perfis descritos adiante.

e (ẽ) (ver Quadro 3.1). De um total de 67 palavras/expressões, a lista contém 17 instâncias de (ẽ) em sílabas tônicas e átonas, seguidas das consoantes [t, d, tʃ, ʃ], em posição medial e final.⁴ De modo semelhante, ela contém 30 ocorrências de (-r), em sílabas tônicas e átonas, precedidas das sete vogais orais e seguida de consoantes diversas [t, d, k, g, b, m, n, ʒ, ʒ̃], em posição medial e final da palavra. No Quadro 3.1, as ocorrências de interesse estão em negrito (ver também Anexo A, p. 359).

		sílaba tônica	sílaba átona
(ẽ)		enchente	defender
		entretenimento	enchente
		fazenda	entender
		lento	entretenimento
		menta	gérmen
		pertencimento	ordem
		presente	penteado
		urgente	pertencimento
(-r)	/a/	amargo, Marba	argola, barqueiro, carteiro
	/ɛ/	gérmen, Hércules, perto	N/A ^a
	/e/	cerca, defender, entender, erguer, soberba	erguer, pertencimento
	/i/	circo, firme	irmã
	/ɔ/	orca, ordem, órgão	N/A ^a
	/o/	gordo, porto, sabor	fornalha, mortadela, orgânico
	/u/	curto, turco	furgão, urgente

^aFonologicamente, não há palavras com vogais média-baixas em sílabas átonas no português.

Quadro 3.1 Dados de (-r) e (ẽ) na Lista de Palavras

Após a leitura da lista de palavras, pede-se que o informante demonstre como um carioca e uma pessoa do interior falariam algumas delas. Como o informante tem a possibilidade de escolher os itens lexicais, assume-se que a própria seleção por parte do falante revela os traços fonético-fonológicos mais salientes para a diferenciação dialetal. Nessa tarefa, as palavras mais frequentemente escolhidas foram aquelas com /r/ em coda silábica para

⁴ Uma análise qualitativa mais detalhada dessa variável definiu o envelope de variação como as ocorrências de (ẽ) em sílabas tônicas iniciais ou mediais. Ver discussão no Capítulo 4, p. 73.

diferenciar paulistanos de interioranos e cariocas, e palavras com /s/ em coda silábica para diferenciar paulistanos de cariocas (ver Capítulo 5, p. 95). Embora alguns falantes tenham mencionado a variável (ẽ), isso foi bastante menos frequente.

A leitura da notícia de jornal e do “depoimento” (p. 360) inclui 30 ocorrências adicionais de (-r) e 20 de (ẽ), assim como 16 SNs e 12 SVs plurais (Quadro 3.2).

	Jornal	Depoimento
(CN)	dois meses relações institucionais dos manifestantes os integrantes das águas nos bairros os moradores dos desalojados escolas municipais	todos os armários os colchões os móveis meus filhos umas cadeiras novas os carros todos parados os políticos
(CV)	moradores cobram [...] aguardam moradores da região do Jardim Pantanal protestaram representantes dos manifestantes esperam os moradores cobram [...] temem	nós tivemos meus filhos compraram os políticos falam [...] falam [...] tinham

Quadro 3.2 Dados de (CN) e (CV) nas leituras de notícia de jornal e depoimento

Os dados de (CN) abarcam SNs de 2–4 palavras, com diferentes morfemas de plural (-s, como “bairro-s”; /-is/, como em “morador-es, municipa-is”; /-õĩs/, como em “relaç-ões, colch-ões”). Os dados de (CV) se concentram em 3PP (há apenas uma ocorrência de 1PP: “nós tivemos”) e nos tempos presente e pretérito perfeito.

A entrevista se encerra com perguntas específicas sobre avaliações dos falantes acerca de três das quatro variáveis sociolinguísticas desta pesquisa: (ẽ), (-r) e (CN). Pede-se que o informante comente sobre quatro modos de falar: (i) *meu, você tá entendendo o que eu tô dizendo?* – em que (ẽ) deve ser pronunciado com a variante exageradamente ditongada [ẽĩ]; (ii/iii) *a porta (es)tá aberta* – que o documentador deve pronunciar primeiramente

com retroflexos e depois com tepes salientes; e (iv) *me vê dois pastel e um chopes*. Para cada uma dessas sentenças, o documentador primeiro pede por uma opinião (“o que você acha desse modo de falar?”); se o informante manifesta uma atitude negativa, o documentador pergunta o que está “errado”, “estranho” ou “esquisito”, e como o falante acha que deve ser a forma “correta”;⁵ o documentador então pergunta quem usa essas formas e, quando a resposta é “paulistanos”, se se trata de um fenômeno generalizado ou se é mais característico de um grupo específico de pessoas na cidade; por fim, o documentador pergunta se o falante também emprega essas formas (ver perguntas 38–43 no Anexo A, p. 358).

As sentenças-veículo são deliberadamente indiretas quanto ao fenômeno linguístico sob análise; não se pergunta, em nenhum momento, o que o informante acha de se pronunciar (ẽ) de maneira ditongada, sobre o (-r) “retroflexo”, “caipira” ou “do interior”, ou sobre a “falta de concordância”. Possíveis comentários sobre outros aspectos linguísticos – que, como se verá, de fato acabam ocorrendo – podem ser indicativos da saliência social dessas e de outras variantes na comunidade. Tais perguntas também têm o objetivo de examinar se os paulistanos são consensuais em suas avaliações sobre [ẽ̃], [ɹ], [r] e a marca zero de (CN), ou se as variantes possuem diferentes significados a depender do falante ou de grupos sociais; em qualquer dos casos, o esforço é o de se distanciar de impressões e avaliações do próprio pesquisador, e não assumir de antemão que os membros da comunidade as avaliam homogeneamente.

As respostas a essas perguntas são analisadas detalhadamente nos capítulos 4 a 6. O intuito inicial era o de classificar as respostas em certas categorias que parecessem ser as mais pertinentes, de acordo com o discurso metalinguístico dos falantes. Contudo, como as entrevistas foram conduzidas por diferentes documentadores, as perguntas nem sempre foram feitas exatamente da mesma maneira, na mesma ordem ou no mesmo ponto do roteiro. Desse modo, uma comparação direta das respostas seria problemática.

⁵ Diferentes termos foram empregados pelos documentadores, a depender da reação do informante à sentença-alvo. É claro que, de um ponto de vista linguístico, não há formas “certas” ou “erradas”. No entanto, a “acomodação” do documentador ao informante permitia que os falantes elaborassem suas colocações, impressões e reações, que também constituem objeto de interesse do sociolinguista.

Entretanto, é inegável que certas noções são recorrentes e se reproduzem sistematicamente no discurso dos informantes, como por exemplo a avaliação de que falar “dois pastel” é “errado” ou que “a porta tá aberta” com realização retroflexa é o modo como falam as pessoas do interior. Para avaliar noções que surgem frequentemente, realizou-se uma análise qualitativa do discurso metalinguístico dos informantes, da qual se extraíram certas palavras-chave. Por exemplo, do excerto em (1), extraíram-se os termos “cantado”, “italianado” e “paulistano”; para (2), atribuíram-se “errado”, “mais-velhos”, “paulistano”, “menos-escolarizados”.

- (1) ☉ D1: *o que você acha desse jeito de falar... “você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo” [ẽĩ]... o que você acha desse jeito?*
 S1: *meio cantado né meio italianado aí*
 D1: *você acha?*
 S1: *eu acho*
 D1: *eh... mas quem você acha que fala assim?... “(vo)cê (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)to(u) dizendo” [ẽĩ]*
 S1: *eu falei assim? “(vo)cê (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)to(u) dizendo” [ẽ] eu falei né? eu falei cantado*
 D1: *você acha que é uma coisa dos paulistanos todos os paulistanos ou é só de um bairro?...*
 S1: *eu acho que é coisa de paulistano né?*
 D1: *de uma maneira geral?*
 S1: *é é...*
 D1: *entendi e... você acha que você fala desse jeito?*
 S1: *eu falo eu falo meio cantado sim (Irene R., F3SC)*
- (2) ☉ D1: *o que você acha do... “vê dois pastel e um chopes”?*
 S1: *é está tudo errado né?... gramaticalmente está errado né?... mas a gente fala assim né isso é uma... (xxx)*
 D1: *você fala assim?*
 S1: *eu não... não eh não eu falo “por favor... você me vê um pastel”... como é que é “dois pastéis e um chopes”? [risos] (pastel... pastéis)*
 D1: *e tem algum grupo assim que fala mais assim?*
 S1: *ah eu acho que quem é mais velho daqui fala mais né? eh sei lá eu acho que/... é eu acho que quem é mais/ os mais velhos que são bem de São Paulo falam mais assim... também acho que quem tem uma escolaridade menor fala um pouco mais assim... mas é acho que é isso... (Rebeca C., F1SC)*

Foram descartadas as respostas a perguntas que por vezes foram enviadas

– p.ex., “o que você acha desse modo bem paulistano de falar: você tá entendendo o que eu tô dizendo?”. A partir do conjunto de palavras-chave para cada sentença-alvo, criaram-se *nuvens de palavras* no site Wordle.net⁶ (ver, p.ex., a Figura 4.1, p. 63). Trata-se de uma representação visual da frequência relativa com que certos termos ou noções surgiram em resposta às perguntas sobre avaliações linguísticas: termos mais frequentes são representados em maior fonte, enquanto avaliações infrequentes ou idiossincráticas recebem menor destaque. Tais figuras permitem uma análise qualitativa de noções relevantes, sem perder de vista a diversidade de reações dos informantes às sentenças-alvo.

3.2 Variáveis sociais

Todos os falantes dessa amostra nasceram em São Paulo ou se mudaram para a cidade até os 10 anos de idade, tendo vivido na capital a maior parte de suas vidas.⁷ Eles estão estratificados de acordo com quatro variáveis sociais:

- (i) Sexo/Gênero (masculino, feminino);
- (ii) Faixa Etária (20–34 anos, 35–59 anos, 60 anos ou mais);
- (iii) Nível de Escolaridade (até Ensino Médio, Ensino Superior);
- (iv) Região de Residência (bairros mais centrais ou mais periféricos).

Sexo/Gênero e Faixa Etária são fatores externos amplamente analisados em estudos sociolinguísticos e frequentemente se mostram correlacionados a variáveis sociolinguísticas cujas variantes se diferenciam em valor social: uma série de trabalhos observou que as formas de prestígio em uma comunidade tendem a ser relativamente mais empregadas por mulheres (Chambers, 1995; Labov, 2001b; Cheshire, 2002), e que formas desprestigiadas tendem a ser evitadas por falantes da faixa etária intermediária, mais suscetível a pressões do mercado linguístico (Bourdieu, 1991; Labov, 2001b). Além disso, correlações com Faixa Etária podem apontar para possíveis mudanças em progresso no sistema linguístico mediante o construto *mudança em tempo aparente* (Labov,

⁶ Ver portal em <http://www.wordle.net/>.

⁷ No Anexo B, p. 361, inclui-se uma lista de todos os informantes, organizados em ordem alfabética, com suas respectivas características sociais e suas taxas de emprego das variantes [ễ], [ɹ], CN-∅ e CV-∅.

2001b). Essas variáveis sociais são incluídas nesta pesquisa a fim de verificar se os mesmos padrões se reproduzem em São Paulo e se há evidência de mudança em progresso em qualquer das quatro variáveis dependentes.

O Nível de Escolaridade também se relaciona com questões de estigma e prestígio. A hipótese geral é que falantes mais escolarizados tendem a evitar formas estigmatizadas na comunidade ou, vista de outra perspectiva, que as formas por eles empregadas são consideradas mais “corretas”. Nas palavras de *Votre* (2004:51), a escola “atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso [...] incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever.” Pode-se questionar, no entanto, se a escola é responsável direta por padrões de variação tão comumente verificados em estudos sociolinguísticos, ou se a preferência por certas formas linguísticas é consequência indireta de estruturas sociais mais amplas, como a classe social a que pertencem, as redes sociais de que participam ou os grupos a que têm acesso em decorrência da escolarização. A análise de Escolaridade juntamente à da variável Classe Social, que se apresenta adiante, possibilita discutir o papel de ambas na variação linguística.

Além disso, em uma grande metrópole como São Paulo, aventa-se a hipótese de que os habitantes de diferentes partes da cidade apresentem diferentes comportamentos sociolinguísticos. No roteiro da entrevista, as seguintes perguntas tinham o objetivo de identificar possíveis índices locais de identidade(s) paulistana(s): “Dentro da cidade de São Paulo, você consegue identificar se uma pessoa é de alguma região ou bairro específico? (Se sim) Você poderia dar alguns exemplos?” (ver pergunta 34 no Anexo A, p. 357). A elas, algumas respostas foram semelhantes a (3):

- (3) Ⓣ D1: *e aqui dentro da cidade assim... você consegue identificar se uma pessoa é de algum bairro específico ou zona norte zona leste... zona oeste?*
 S1: *ah não... quem disser que consegue é mentira... na boa... esse papo de/... tudo bem antigamente tinha a galera da Mooca né que você tinha uma galera com o sotaque... mais italiano mas meu isso é mais velho que meus pais né cara... né tipo... hoje é impossível né cara a cidade é completamente... miscigenada não tem mais nada né tá ligado... e também não existe uma cultura... distrital eu acho... sabe a cidade é grande mas*

não... eu acho que não é... não funciona assim... (Luis A., M1SP)

Nesse excerto de entrevista, apesar de sua ressalva ao bairro da Mooca de “antigamente”, o falante Luis A. afirma não ser possível identificar, nos dias de hoje, de que parte da cidade de São Paulo uma pessoa é. Essa afirmação contrasta com outras cidades multiculturais no mundo, especialmente na América do Norte, como os “etnolectos” de Toronto (Hoffman & Walker, 2010).

Por outro lado, quando os falantes forneceram exemplos (ainda que inseguramente) de como identificar “tipos de paulistanos” de acordo com um parâmetro geográfico, foi frequente a menção a certos bairros, acompanhada muitas vezes de considerações a respeito de classes sociais ou nível de escolaridade:

- (4) ☉ S1: [...] *então tem gente por exemplo... que mora sei lá... Jardim América (xxx) com aquelas joia com aquelas coisa toda... então pode ser/ aqueles cabelos super arrumado... aquela né?... então pode ser que você seja... eu normalmente... acho que me visto de uma maneira simples eu acho que não percebem... que sou de outro bairro... modo de falar as expressões eu tenho impressão que não identificam não (Leila B., F3SC)*
- (5) ☉ D1: *você saberia por exemplo identificar uma eh/... você consegue perceber por exemplo se a pessoa é da zona norte ou zona sul ou zona leste... pela maneira de falar?*
 S1: *então mais pela classe social que você percebe... e claro pô se você for na Mooca você vai ver que ele canta mais do que ninguém... se (ele) for no Brás também... eh Jardins Morumbi Moema... o pessoal fala igual mas por exemplo as classes mais baixas falam diferente... do que as classes mais elitizadas... que tiveram condições de estudo e tudo mais*
 D1: *esse falar diferente você saberia... mais ou menos... caracterizá-lo?*
 S1: *se você for no/ no extremo da zona leste lá na periferia*
 D1: *uhm*
 S1: *favela do Elmo... vai ver que os cara falam assim “aí João... tem essa não tá ligado? o bagulho é nosso... (a)cabo(u)” eles falam dessa maneira... muitas gírias e tudo mais... eh é diferente... de uma pessoa com uma condição social melhor... (Paulo P., M1SC)*
- (6) ☉ D1: *quando você conhece alguma pessoa aqui em São Paulo você consegue re/ reconhecer se ela é... se é desse bairro ou é dessa zona?*
 S1: *às vezes... [risos] às vezes depende né... às vezes a gente vê alguma*

pessoa assim andando na rua... aí dá pra falar... não assim de bairro/ eh especificar bairro... mas a gente consegue falar se uma pessoa é mais bem vestida... aí já mora/ deve morar... Vila Madalena Moema nãñã... se ela é mais ou menos né... ah deve morar... Itaquera [risos] não é um preconceito mas é que... é o que é entendeu que nem lá em Perus... onde eu moro ainda dá um pessoalzinho mais bonitinho... (mas) tem lugar lá embaixo que é feio a coisa (Tais P., F1MP)

- (7) ☉ S1: *ou então mesmo no/ (indo no) Ibirapuera você já vê pessoas diferente... que nem você vai aqui no Parque do Carmo... já vê o pessoal... mais pobrezinho*

D1: *aham*

S1: *aí você vai lá no Ibirapuera você já vê um pessoal diferente... uma pele diferente... que nem shopping... você vai no/ naqui no Aricanduva você já vê um tipo de pessoa... você vai no shopping... Anália Franco... é zona leste... mas você já vê outro tipo de público*

D1: *é engraçado que mesmo dentro da zona leste tem essa né?*

S1: *tem as diferenças*

D1: *né acho que Tatuapé/ você acha que tem uma diferença Tatuapé Mooca...?*

S1: *muita... porque já são bairros mais/ considerados nobres aqui na zona leste*

D1: *aham*

S1: *então quando você já vai indo mais pra periferia você já vai vendo que as pessoas já vão mudando*

D1: *uhum*

S1: *já vai ficando uma pessoa mais simples... né? e muitas vezes as pessoas simples não têm aquela mesma/... uma conversa mais culta ou então não têm noção de que tem que falar/ está num transporte público tem que falar... baixo numa/ num tom mais/ não é gritando aquela zoeira (Giovana A., F1SP)*

Leila B. (4) menciona o Jardim América (subdivisão dos Jardins) como um bairro de pessoas mais ricas (*com aquelas joia [...] aqueles cabelos super arrumado*). Paulo P. (5), de modo semelhante a Luis A., chega a destacar os bairros da Mooca e do Brás por seu falar mais “cantado”, ao mesmo tempo que enfatiza o contraste entre “Jardins, Morumbi, Moema”, por um lado, e bairros de classes mais baixas, por outro, “no extremo da zona leste, na periferia”. Tais P. (6) menciona o modo de se vestir da Vila Madalena e de Moema em oposição a Itaquera e Perus. Giovana A. (7) descreve diferenças de classe social entre o público do Parque do Ibirapuera e do Parque do

Carmo, dos shoppings Anália Franco e Aricanduva (ambos na Zona Leste), e ressalta diferenças dentro dessa zona da cidade, entre Tatuapé/Mooça e locais mais periféricos. Esses contrastes apontam mais para uma divisão entre bairros de classes médias/altas (Jardins, Morumbi, Moema, Ibirapuera, Vila Madalena, Tatuapé, Mooça) e de classes mais baixas (Parque do Carmo, Itaquera, Perus), organizados de modo geral em áreas mais centrais e mais periféricas, e não para a divisão político-administrativa da cidade entre as zonas Norte, Sul, Leste, Oeste e Central.

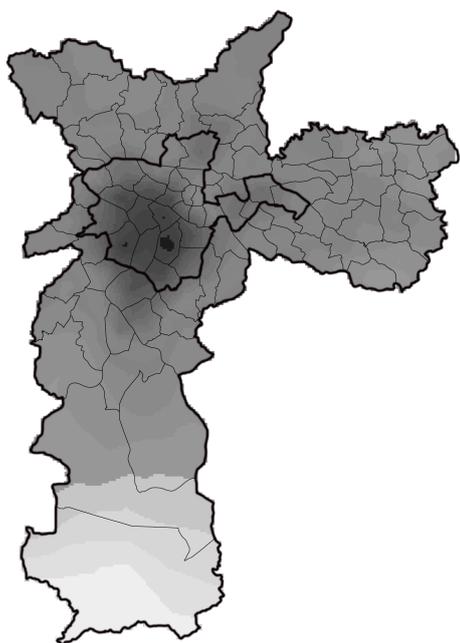


Figura 3.1 Divisão da cidade de São Paulo entre regiões mais centrais e mais periféricas

No *corpus* do Projeto SP2010, os critérios para a classificação de bairros como “mais centrais” ou “mais periféricos” se baseiam na história de ocupação dos bairros e no grau de desenvolvimento urbano em termos de verticalização, serviços e IDH. De modo geral, bairros mais periféricos são historicamente mais recentes, bem como seu processo de verticalização (nos últimos 20 anos), e possuem uma infraestrutura urbana relativamente menos desenvolvida (acesso a transporte público, hospitais, escolas, centros culturais etc.). Por outro lado, bairros mais centrais são mais antigos, são fortemente verticalizados (o que implica alta densidade demográfica)

e possuem melhor infraestrutura urbana. Como consequência dessas características, bairros mais centrais têm, em geral, um custo de vida bastante superior àquele de bairros mais periféricos, algo que se verifica em preços médios de habitação e de serviços; desse modo, assim como o Nível de Escolaridade, a Região de Residência também é um índice indireto de *status* socioeconômico do falante. Essa divisão é ilustrada pela Figura 3.1.⁸

⁸ A distribuição geográfica dos informantes da amostra pode ser visualizada no Anexo C, p. 366.

A combinação dos fatores dessas quatro variáveis sociais – Sexo/Gênero, Faixa Etária, Nível de Escolaridade e Região de Residência – resulta em 24 perfis sociolinguísticos, para cada um dos quais o *corpus* conta com 5 informantes, conforme o Quadro 3.3. O único perfil com 3 informantes é F1MC; de fato, é cada vez mais difícil, na cidade de São Paulo, encontrar paulistanas com menos de 34 anos residentes da Região Central que não tenham ao menos iniciado o Ensino Superior.

		Feminino (58)		Masculino (60)	
		Centro (28)	Periferia (30)	Centro (30)	Periferia (30)
20–34 anos (38)	Médio (18)	CarolinaA	TaisP	FernandoB	MarceloB
		DaianeM	AnaS	FelipeL	DanielC
		MilenaF	IvanaB	NicolauS	EvandroO
			PamelaR	LucasR	JairS
			SamantaV	LucasS	JoseL
	Superior (20)	AdrianaP	TatianaM	CristianoS	MarcoP
		FernandaT	ThaissaB	RicardoT	FabioS
		PatriciaT	GiovanaA	WagnerL	JonasM
		RebecaC	EloisaD	AdolfoF	LuisA
		SoniaL	AmandaA	PauloP	RodrigoC
35–59 anos (40)	Médio (20)	MauraC	MarianaB	FabioR	GilsonS
		EdnaS	InesC	NiltonG	LucioA
		JandiraF	JasminM	MarioM	MauricioC
		MeireC	KarolinaM	RodrigoS	MiguelR
		RenataC	ReginaS	MauricioB	WaldemarN
	Superior (20)	ClaudiaH	AndreaC	EduardoG	RobertoM
		ClaraC	MadalenaM	PietroC	ClaudomiroS
		IaraS	CelinaA	CesarP	JoséN
		CamilaA	SabrinaD	MauroB	PedroS
		PriscilaA	IolandaP	OsvaldoR	WilliamA
60+ anos (40)	Médio (20)	CleliaE	AngelicaL	RomuloS	PlinioC
		CarmenC	InaeA	EduardoK	AmaralM
		LucianaM	HeloisaS	SergioP	AnisioC
		SoraiaS	VeraD	HugoF	DecioA
		CicaN	RosineideA	RobertoC	WaldemarS
	Superior (20)	LeilaB	AnaM	HelderX	HaroldoL
		IreneR	EthelM	ReinaldoS	AnselmoN
		MartaL	IaraM	RogérioA	CarlosE
		JulianaW	NeideE	JoseM	LeoM
		NairC	DercyF	SeverinoN	MarceloH

Quadro 3.3 Estratificação social dos informantes da amostra em Sexo/Gênero, Região de Residência, Faixa Etária e Nível de Escolaridade

Além dessas variáveis, a ficha social dos informantes dispõe de outras informações, como sua profissão, os locais em que já morou, a origem dos pais e suas respectivas ocupações e níveis de escolaridade. Desses dados, organizaram-se três outras variáveis sociais que, mesmo que não estratifiquem a amostra, exibem variabilidade e permitem o teste de hipóteses adicionais: Origem dos Pais, Mobilidade e Classe Social.

A variável Origem dos Pais foi codificada em cinco fatores: (i) São Paulo – capital; (ii) interior de São Paulo, Minas Gerais ou Paraná; (iii) Norte ou Nordeste; (iv) estrangeira (italianos, espanhóis, árabes, portugueses, japoneses, coreanos); e (v) mista (pai e mãe de diferentes origens). Considerando-se que a cidade de São Paulo é frequentemente caracterizada como um lugar de “mistura” e que metade de sua população não é nativa da cidade (ver Capítulo 1), essa variável investiga, indiretamente, a possível influência do intenso contato dialetal na comunidade – falantes cujos pais não são paulistanos apresentariam tendências diferentes em seus usos linguísticos? A variável também avalia se falantes cujas famílias são mais enraizadas na cidade apresentam maior tendência de emprego das variantes, em princípio, prototipicamente paulistanas: [ễ], [ɾ] e CN-∅. Assim organizada, essa variável não é perfeitamente ortogonal com relação a Faixa Etária, já que na amostra não há falantes com mais de 60 anos cujos pais são nordestinos. Desse modo, Faixa Etária e Origem dos Pais foram analisadas separadamente – quando se incluiu uma, excluiu-se a outra do modelo estatístico.

A Mobilidade Geográfica classifica os falantes de acordo com os lugares em que já viveram: (i) sempre no mesmo bairro; (ii) sempre na mesma zona; ou (iii) em diferentes zonas (ou cidades). A hipótese é que falantes cuja mobilidade é menor tendem a se orientar por normas locais, ao passo que aqueles com maior mobilidade, menos enraizados, adotam valores externos e das classes mais altas (Milroy, 1987 [1980]). Em termos linguísticos, a expectativa é que os falantes com maior mobilidade tenham maior tendência a empregar as variantes consideradas padrão.

Assim como Origem dos Pais e Mobilidade, a variável Classe Social é raras vezes analisada na Sociolinguística brasileira. Com efeito, em muitos estudos, o nível de escolaridade dos falantes é tomado como índice direto ou indireto

de sua classe socioeconômica (Rodrigues, 1987, 2009; Mendes & Oushi, 2012). Tal tradição remonta aos primeiros grandes projetos de amostragem da fala brasileira, como o projeto de Mário de Andrade “Pronúncias Regionais do Brasil”, na década de 1920 (Rodrigues, 1987), em que, junto a Antenor Nascentes e Manuel Bandeira, objetivava gravar dois falantes de sete “zonas fonéticas”, um culto e um inculto, a fim de analisar a variação linguística no país. Na década de 1970, o Projeto NURC registrou falantes cultos em cinco capitais (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife), e o projeto Competências Básicas do Português (Lemle & Naro 1977; *apud* Guy 1981; Scherre & Naro 1998, *inter alia*) se voltou aos falantes analfabetos e semialfabetizados que cursavam o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização).

Sem dúvida, as grandes disparidades sociais no Brasil perpassam por níveis ainda bastante baixos de escolaridade média da população – 8,8 anos em 2012 (IPEA, 2013: 14–15). Contudo, diversas políticas públicas nas últimas décadas, como a Progressão Continuada no estado de São Paulo e a ampliação do acesso a cursos universitários por intermédio de programas como o ProUni, no âmbito federal, têm aumentado os níveis médios de escolaridade, ainda que nominalmente. Como se viu mais acima, hoje em dia é cada vez mais difícil encontrar jovens paulistanos que não tenham ao menos concluído o Ensino Médio e mulheres que não tenham dado início a um curso superior, sobretudo se residentes de bairros centrais. O nível de escolaridade, por si só, parece não mais refletir a forte estratificação social que ainda se verifica na sociedade.

Em estudos que examinaram Classe Social sociolinguisticamente, é consenso que a variável não se refere apenas à renda familiar ou à do informante;⁹ ela costuma ser operacionalizada como um índice composto que normalmente abarca nível de escolaridade, ocupação e renda (p.ex., Labov 2006 [1966] em Nova Iorque; Wolfram 1969, *apud* Dodsworth 2011 em Detroit; Tarallo 1983 em São Paulo), e, além desses, valor do imóvel e sua manutenção geral, mobilidade em relação aos pais (p.ex., Labov 1984 na Filadélfia) e bairro de

⁹ O Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista é um dos poucos no Brasil a coletar informações sobre a renda dos falantes. Os autores se referem à variável efetivamente como “Renda Familiar” (Gonçalves, s/d).

residência (p.ex., [Oliveira 1983](#) em Belo Horizonte).

É certo que estudos em diferentes cenários devem se basear em parâmetros relevantes para a comunidade local.¹⁰ Aqui, propõe-se uma classificação socioeconômica dos falantes com base em quatro parâmetros: (i) seu nível de escolaridade; (ii) sua ocupação; (iii) a renda média familiar do bairro de residência; e (iv) a média dos índices de escolaridade e ocupação tanto para o pai quanto para a mãe do informante. Para o primeiro (ver [Quadro 3.4](#)), criou-se uma escala de 1 a 5, em graus de meio ponto, que se incrementa quanto maior o grau máximo de escolaridade obtido pelo falante até o momento da entrevista. Para o segundo, elaborou-se uma escala semelhante de 1 a 5, com base em faixas salariais médias e pressões do mercado linguístico ([Sankoff & Laberge 1978](#), *apud* [Dodsworth 2011](#)): 1 – desempregados e sem fonte de renda própria; 2 – trabalhadores braçais sem treinamento, como empregadas domésticas, porteiros, motoristas; 3 – trabalhadores braçais com treinamento técnico, como pilotos, mecânicos, técnicos de som; 3.5 – funções administrativas técnicas e de atendimento ao público, como vendedores, auxiliares administrativos; 4 – profissionais de educação; 4.5 – profissionais liberais, como contadores, advogados, engenheiros, psicólogos; e 5 – macroempresários e cargos de gerência de alto escalão.

	Nível de Escolaridade	Ocupação
5.0	Pós-graduação	macroempresários/gerência de alto escalão
4.5	Superior completo	profissionais liberais
4.0	Superior incompleto	profissionais de educação
3.5	Médio completo	funções administrativas/atendimento ao público
3.0	Médio incompleto	trabalhador braçal com treinamento
2.5	Fundamental II completo	–
2.0	Fundamental II incompleto	trabalhador braçal sem treinamento
1.5	Fundamental I completo	–
1.0	Fundamental I incompleto	desempregado e sem renda

Quadro 3.4 Índices para nível de escolaridade e ocupação

¹⁰ Para revisões críticas sobre o conceito e a operacionalização de Classe Social na Sociolinguística, ver [Rickford \(1986\)](#); [Ash \(2013 \[2002\]\)](#); [Dodsworth \(2011\)](#).

Em seu estudo sobre a pronúncia de (-r) em Belo Horizonte, na década de 1980, Oliveira (1983: 40) ressaltava a importância do bairro de residência do informante para a composição do índice socioeconômico:

[...] onde uma pessoa reside é, em Belo Horizonte, a informação fundamental para situar alguém na sociedade. Muitas pessoas se preocupam constantemente sobre a possibilidade de continuar morando em um “bom bairro”, ou de se mudar para um.¹¹

Preocupação semelhante se verifica em São Paulo; os falantes da amostra facilmente identificam bairros em que gostariam de residir (ver pergunta 5 no Roteiro de Entrevista, p. 354), se neles já não residem: Mooca e Tatuapé na Zona Leste, Pinheiros na Zona Oeste, Jardim França na Zona Norte, Chácara Santo Antônio na Zona Sul, para citar alguns. No presente estudo, as diferenças socioeconômicas entre bairros são medidas por sua renda familiar média, conforme levantamento da agência Ibope Inteligência em 2010.¹² As rendas médias dos bairros de São Paulo vão de R\$ 1.689,00 (M’Boi Mirim) até R\$ 12.238,00 (Moema e Ibirapuera). Tais valores foram normalizados em uma escala contínua de 2.0 a 5.0. Decidiu-se excluir, desse parâmetro, os valores de 1.0 a 1.9, já que a renda mais baixa de R\$ 1.689,00 correspondia, em 2010, a valor de mais de três salários mínimos.

O quarto parâmetro, referente aos pais, é calculado pela média dos índices das mesmas escalas do Quadro 3.4. Trata-se, portanto, de uma média de quatro valores. Quando não se dispunha de certa informação (p.ex., o grau de escolaridade do pai), a média foi calculada com base nos dados disponíveis, dividindo-se a soma dos índices pelo número de dados considerados. A inclusão desse critério pressupõe que, ainda que o informante tenha experimentado declínio ou (mais comumente) ascensão social, o *status* social dos pais influencia os modos de falar do informante, tanto pelo contato direto na infância/adolescência, quanto pela formação de primeiras redes sociais das quais participa o informante.

¹¹ Tradução própria. Texto original: “[...] where a person lives is, in Belo Horizonte, the critical information for situating someone in society. Many people are constantly worried about being able to continue to live in, or move to, a ‘good neighborhood’ [...]”.

¹² Disponível em <http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/imoveis/infograficos/pesquisa-de-imoveis-do-ibope-2010/>. Último acesso em 18 mar./ 2013.

O índice socioeconômico foi calculado a partir da média dos valores de (i), (ii), (iii) e (iv), conforme a fórmula em (8), o que gerou uma escala contínua de 1.0 a 5.0. Os informantes foram então classificados nas classes sociais do Quadro 3.5.

(8)

$$\frac{Escaridade + Ocupação + Renda + \frac{EscPai+OcupPai+EscMãe+OcupMãe}{4}}{4}$$

	Classe Social	Índice Socioeconômico	Número de Falantes
A	Alta	4.1 a 5.0	4
B1	Média alta	3.6 a 4.0	23
B2	Média média	3.1 a 3.5	34
C1	Média baixa	2.6 a 3.0	31
C2	Baixa alta	2.1 a 2.5	19
D	Baixa média	1.6 a 2.0	7
E	Baixa baixa	1.0 a 1.5	0

Quadro 3.5 Classificação dos falantes em classes sociais

O quadro mostra que a grande maioria dos falantes se concentra nas classes médias (B1, B2 e C1), e que a amostra não contém muitos falantes dos estratos mais altos e mais baixos da população residente na cidade. De fato, não se esperava uma distribuição balanceada; não se trata de uma variável estratificadora da amostra, tampouco são as classes sociais bem divididas na cidade. Assim organizada, a variável Classe Social não é ortogonal com as demais variáveis sociais, sobretudo com Nível de Escolaridade: não há falantes da classe A que tenham estudado apenas até o Ensino Médio, e não há falantes da classe D que tenham cursado o Ensino Superior. Para a realização de análises estatísticas, decidiu-se amalgamar, por um lado, as classes A e B1 (4 + 23 falantes), que correspondem às classes alta e média alta, e, por outro, as classes C2 e D (19 + 7 falantes), dois níveis de classes baixas. Reconfigurada em quatro fatores, Classe Social passa a ser ortogonal com todas as demais variáveis sociais.

Tal divisão não se pretende uma representação fiel ou a mais adequada das classes sociais em São Paulo, mas permite entrever nuances mais sutis para além de divisões binárias em Nível de Escolaridade e Região de Residência dos falantes. As análises dos capítulos 4 a 7 mostram que se trata de uma variável social que se correlaciona sistematicamente com as quatro variáveis aqui analisadas.¹³

A próxima seção explicita como foram analisados quantitativamente os materiais e as variáveis que se descreveram acima.

3.3 Análises quantitativas

Os dados foram analisados de acordo com as premissas do Paradigma Quantitativo (Guy, 1993; Bayley, 2013 [2002]; Sankoff, 1980), conforme descreveu o Capítulo 2. Na manipulação do *corpus* de 118 entrevistas sociolinguísticas, esta pesquisa empregou o programa R (R Core Team, 2013) tanto na preparação e tratamento de dados quanto nas análises estatísticas em si.

O R é uma linguagem de programação que pode ser utilizada para realizar computações gráficas e estatísticas, compilar e anotar *corpora*, produzir listas de frequências, entre diversas outras tarefas (Gries, 2009b; Tagliamonte, 2011). O programa funciona através de uma interface textual em que se digitam e se executam linhas de comando, que podem ser salvas, adaptadas e reutilizadas posteriormente. Algumas de suas principais vantagens são o fato de ser gratuito, estar disponível para uma variedade de plataformas (Linux, MacOS, Windows) e permitir a customização de tarefas, sobretudo aquelas de caráter mecânico, repetitivo e previsível, em *scripts*/códigos criados previamente pelo próprio usuário ou por outros.

Nesta pesquisa, a preparação dos arquivos de dados foi organizada em *scripts*, que foram aplicados às quatro variáveis e que podem ser adaptados

¹³ Um estudo futuro que se dedique à discussão da relevância e da operacionalização dessa variável para fins de pesquisas sociolinguísticas, em São Paulo ou em outras localidades, pode se propor a testar a contribuição de diversos fatores que potencialmente são relevantes para composição de um índice socioeconômico: renda individual, renda familiar, nível de escolaridade, tipo de escola em que estudou, ocupação, valor e propriedade do imóvel em que reside, condições dos pais, acesso a bens de cultura etc. Labov (1984, 2001b) realizou uma tal análise no *corpus* do Project on Language Change and Variation da Filadélfia.

a outros estudos sociolinguísticos. Tais códigos são ora disponibilizados gratuitamente para a comunidade de linguistas por meio do pacote *dmsocio*¹⁴ e descritos detalhadamente em Oushiro (2014). O pacote contém três funções que respectivamente realizam (i) a identificação automática de ocorrências de uma variável em um *corpus* transcrito fonética ou ortograficamente; (ii) a extração de tais ocorrências, com contexto textual precedente e seguinte, para uma planilha pré-codificada com as características sociais dos informantes (seu sexo, faixa etária, idade, escolaridade etc.); e (iii) a amostragem aleatória de um número de dados (definido pelo usuário), que pode ser empregada em análises de variáveis com dezenas de milhares de ocorrências. A automatização dessas tarefas naturalmente não exige o pesquisador de uma análise cuidadosa de seu *corpus*; ao reduzir drasticamente o tempo empregado em tarefas mecânicas e repetitivas – por exemplo, copiar e colar centenas ou milhares de dados para uma planilha de codificação –, o pesquisador dispõe de mais tempo para se dedicar a suas verdadeiras tarefas de descrição, análise e interpretação de resultados.

O *corpus* de 118 entrevistas contém mais de 25 mil ocorrências de (ẽ) e mais de 60 mil de (-r); quantidades copiosas de dados costumam ser o caso de variáveis fonéticas. Analisar todas elas seria uma tarefa não só dispendiosa como desnecessária, uma vez que padrões tendem a se revelar já com um menor número de dados e a se manter constantes a partir de certo ponto. Seguindo método convencional em estudos sociolinguísticos de variáveis fonéticas (Wolfram, 1993; Tagliamonte, 2006), extraíram-se aleatoriamente, por meio da função de amostragem do pacote *dmsocio*, 50 ocorrências da parte de Conversação para cada um dos 118 informantes e para cada uma dessas duas variáveis, totalizando 5.900 dados para (ẽ) e 5.900 para (-r). A esses, somaram-se todos os dados de leituras no arquivo final de dados.¹⁵ Oushiro & Mendes (2013: 75–6), em análise prévia de (-r) na fala de 102 informantes, mostram que tal procedimento mantém a proporção geral entre

¹⁴ Ver <http://projetosp2010.fflch.usp.br/dmsocio>.

¹⁵ Essa metodologia foi aplicada somente aos dados das variáveis fonéticas, mas não àqueles das variáveis morfossintáticas (CN) e (CV), cujos totais foram relativamente menores (19.041 sintagmas nominais plurais, 1.150 sintagmas verbais de 1PP e 10.224 sintagmas verbais de 3PP). Para a 1PP, em especial, alguns falantes produziram menos de 50 dados, de modo que não era desejável descartar ocorrências.

variantes na comunidade, bem como nas subamostras individuais, de cada informante.

As análises estatísticas foram realizadas no programa R com auxílio do pacote Rbrul (Johnson, 2009), que é uma interface “interativa” para emprego das funções *glm* (para *modelo linear generalizado*, do inglês “generalized linear model”) e *glmer* (para *modelos de efeitos mistos lineares generalizados*, do inglês “generalized linear mixed-effects models”) (Bates & Sarkar 2008, *apud* Johnson 2009).

A Figura 3.2, extraída de Tagliamonte (2011:140), mostra a interface do Rbrul. A partir de um menu de comandos (p.ex., no topo da figura, “MODELING MENU: 1 – choose variables 2 – one-level 3 – step-up...”), o usuário digita o número correspondente àquele que deseja executar (no exemplo, selecionou-se “1”, ou seja, “choose variables”), e o Rbrul então apresenta novas opções (“Choose response”; “Type of response” etc.), até que se customize a análise multivariada que se intenciona realizar.¹⁶

Como se trata de uma ferramenta ainda pouco empregada em estudos sociolinguísticos no Brasil, relativamente às análises usualmente desenvolvidas com o programa Varbrul (Cedergren & Sankoff, 1974; Guy, 2007 [1988]; Sankoff, 1988; Robinson *et al.*, 2001), também convém descrever as vantagens de se utilizar o programa. A primeira, já mencionada anteriormente, é a possibilidade de criar *scripts* ou rotinas automatizadas para a realização de certas tarefas. Para as análises estatísticas no Rbrul, sabendo-se das opções numeradas que conduzem à criação dos modelos a ser testados, é possível planejar uma série de comandos na forma de um *script* que, ao ser executado, realizará diversas análises consecutivas.¹⁷ No Capítulo 8, que descreve análises multivariadas para cada um dos 118 indivíduos da amostra, a utilidade desse recurso se tornará clara.

O programa R é uma ferramenta bastante mais flexível do que o Varbrul

¹⁶ Para um novo usuário do programa R, a interface do Rbrul é relativamente mais simples do que a alternativa de digitar as linhas de comando diretamente no Console; a seleção de opções numeradas “1, 2, 3...” nada mais é do que a inserção de códigos para execução de certas funções.

¹⁷ É claro que certas análises só podem ser definidas com base em resultados prévios, ou seja, o pesquisador deve examinar os resultados de cada modelo testado antes de decidir qual será o próximo passo de sua análise. No entanto, às vezes o analista sabe, de antemão, que desejará realizar duas análises alternativas – por exemplo, nos presentes dados, uma análise em que se inclui Faixa Etária e se exclui Origem dos Pais, e outra em que se faz o contrário.

Table 5.7 *Rbrul* modeling menu.

```

MODELING MENU
1-choose variables 2-one-level 3-step-up 4-step-down 5-step-up/
step-down
8-settings 9-main menu 0-exit
10-chi-square test
1: 1
Choose response (dependent variable) by number, or Enter to keep
  Dep.var (1-Dep.var 2-Main.subj 3-Verbs.3 4-Verbs.1 5-Matrix.subj
  6-Add.elm 7-Sub.subj 8-Int.mat 9-Tense 10-Indiv 11-Sex 12-Age
  13-Occ 14-Edu 15-Context)
1: 1
Type of response? (1-continuous Enter-binary)
1:
Choose application value(s) by number? (1-T 2-Z)
1: 2
Choose predictors (independent variables) by number, or Enter to
  keep Main.subj & Verbs.1 & Matrix.subj & Add.elm & Sub.subj &
  Int.mat & Tense (2-Main.subj 3-Verbs.3 4-Verbs.1 5-Matrix.subj
  6-Add.elm 7-Sub.subj 8-Int.mat 9-Tense 10-Indiv 11-Sex 12-Age
  13-Occ 14-Edu 15-Context)
1: 4
2: 5
3: 6
4: 7
5: 8
6: 9
7:
Are any predictors continuous? (4-Verbs.1 5-Matrix.subj 6-Add.elm
  7-Sub.subj 8-Int.mat 9-Tense Enter-none)
1:
Any grouping factors (random effects)? (4-Verbs.1 5-Matrix.subj
  6-Add.elm 7-Sub.subj 8-Int.mat 9-Tense Enter-none)
1:
Consider an(other) pairwise interaction between predictors? Choose
  two at a time. (4-Verbs.1 5-Matrix.subj 6-Add.elm 7-Sub.subj
  8-Int.mat 9-Tense Enter-done)
1:
Current variables are:
response.binary: Dep.var (Z vs. T)
fixed.factor: Verbs.1 Matrix.subj Add.elm Sub.subj Int.mat Tense
MODELING MENU
1-choose variables 2-one-level 3-step-up 4-step-down 5-step-up/
  step-down
8-settings 9-main menu 0-exit
10-chi-square test
1: 5

```

Figura 3.2 Interface do Rbrul (Fonte: [Tagliamonte 2011](#): 140)

para a realização de análises estatísticas, para além da regressão logística. Para a presente pesquisa, são de especial interesse os *modelos de efeitos mistos* (Baayen, 2008; Johnson, 2009). Nesses modelos, é possível incluir dois tipos de variáveis independentes no modelo estatístico, para análises de correlação com uma variável dependente: *efeitos fixos* e *efeitos aleatórios*. Os primeiros são variáveis cujos exemplares da amostra são representativos da população amostrada,¹⁸ como o sexo ou a classe social do informante, ou a classe morfológica da palavra. Tais variáveis e seus respectivos fatores podem ser replicados em outros estudos. Já os efeitos aleatórios se referem a variáveis específicas da amostra analisada, como, por exemplo, os indivíduos que foram aleatoriamente selecionados, ou os itens lexicais que fazem parte dos dados coletados. Uma nova amostragem aleatória de dados provavelmente acabaria contendo ocorrências provenientes de homens e mulheres de classes sociais comparáveis ao de outras amostras coletadas com os mesmos critérios, bem como das mesmas classes de palavras, mas dificilmente selecionaria o mesmo conjunto de falantes ou de itens lexicais. A inclusão de efeitos aleatórios no modelo estatístico permite verificar se as correlações observadas se devem aos efeitos fixos ou se possivelmente se devem à contribuição casual de certos indivíduos ou itens lexicais que eventualmente se comportam de modo distinto da população em geral. Em outras palavras, as variáveis no Rbrul são selecionadas como estatisticamente significativas apenas quando as correlações “são fortes o suficiente para superar a variação inter-falantes” (Johnson, 2009: 365).¹⁹ Como resultado prático, análises realizadas no Varbrul podem por vezes selecionar certas variáveis como relevantes para a variação, quando de fato não o são, e análises realizadas no Rbrul podem deixar de reportar certas variáveis como relevantes, quando de fato o são (Johnson, 2009).²⁰ O Rbrul, desse modo, tende a ser mais conservador na avaliação de

¹⁸ O termo “população” é aqui empregado em sentido técnico, e se refere ao universo do qual se extraíram os dados. Nesse caso, refere-se não só aos indivíduos informantes, mas também ao conjunto de variantes de uma variável, em seus respectivos vocábulos.

¹⁹ Tradução própria. Texto original: “[...] when they are strong enough to rise above the inter-speaker variation.”

²⁰ Essas diferenças geralmente ocorrem em relação a variáveis independentes que apresentam pouca relevância na análise no Varbrul, seja por uma pequena diferença no *range* (diferença entre maior e menor pesos relativos dentro de um grupo de fatores – Guy & Zilles 2007), seja na ordem de seleção no *step-up* (em geral, um dos últimos ou o último grupo de fatores a ser selecionado). Tal foi o caso, por exemplo, da variável Região de Residência na análise de (ê): esta é a última variável a ser selecionada em análises

probabilidades – o que, de modo geral, é preferível em relação à chance de reportar uma variável como relevante quando factualmente não o é.

Uma terceira vantagem da utilização do programa R é a possibilidade de se incluírem variáveis contínuas na análise (como idade, índice socioeconômico, frequência da palavra, frequência (Hz) de formantes, duração de segmentos em *ms* etc.). Tome-se como exemplo a análise do grupo de fatores Faixa Etária, comum em estudos sociolinguísticos. Embora tratada como uma variável discreta²¹ no Varbrul, a interpretação de resultados é normalmente feita como se fosse contínua, em termos de possíveis mudanças em progresso ao longo do tempo, de gradação etária ou de estabilidade no fenômeno em questão. Tratando-se efetivamente de uma variável contínua, é preferível ter a possibilidade de analisá-la como tal.

Nesta pesquisa, Classe Social e Faixa Etária foram analisadas tanto como variáveis discretas (na forma de fatores, p.ex. “classe B2”, “2ª faixa etária”) quanto como variáveis contínuas (p.ex., índice socioeconômico 3.4, 3.5, 3.6 etc., 20, 21, 22 anos etc.). Esse outro modo de tratamento dos dados tem o objetivo de complementar a descrição das correlações verificadas nos modelos propostos para o encaixamento social e linguístico das variáveis (\tilde{e}), ($-r$), (CN) e (CV) na comunidade paulistana. Para diferenciar as variáveis discretas das contínuas, utilizam-se os nomes “Índice Socioeconômico” e “Idade”.

No Rbrul, o resultado para variáveis contínuas é fornecido apenas em *logodds*, que é o logaritmo da probabilidade de um evento ocorrer dividido pela probabilidade de não ocorrer ($\ln[p/(1 - p)]$) (Johnson, 2009). A medida indica em quanto aumenta (valores positivos) ou diminui (valores negativos) a probabilidade de ocorrer uma variante a cada acréscimo de unidade da variável contínua – para Idade, medida em anos neste estudo, e para Índice Socioeconômico, de acordo com o índice de 1 a 5.

É importante ressaltar que a comparação de resultados com os de outras pesquisas que se utilizam do Varbrul, de modo geral, não é comprometida: tanto o Varbrul quanto o Rbrul se utilizam de modelos estatísticos semelhantes

com o Varbrul, com *range* de apenas 6, e não é selecionada na análise com o Rbrul – o que parece indicar que a sua seleção no Varbrul se deve a flutuações aleatórias entre os falantes da amostra.

²¹ Daí advém o termo “grupo de fatores”, já que as variáveis analisadas no Varbrul devem ser sempre na forma de variáveis qualitativas, não contínuas.

e geram resultados das mesmas medidas, como pesos relativos, logaritmo de verossimilhança e valor de p ou de significância.²² Quando se testam modelos idênticos nos programas (a inclusão das mesmas variáveis com os mesmos fatores, sem inclusão de efeitos aleatórios no Rbrul), os resultados gerados são virtualmente os mesmos, podendo os pesos relativos diferir em 0,01 (Johnson, 2009).

Cabe aqui uma nota terminológica: nos estudos sociolinguísticos que se utilizam do Rbrul, tem-se convencionado empregar os termos “predictor variables” ou “predictors” para as variáveis independentes (Sexo/Gênero, Idade, Classe Morfológica etc.), que possivelmente se correlacionam com variáveis dependentes (em geral, o fenômeno linguístico sob análise, como a pronúncia de (-r) ou a concordância nominal). Tais termos não coincidem com o que se chama de “grupos de fatores” nas análises com o Varbrul. Por um lado, “grupos de fatores” se referem somente a variáveis discretas, não numéricas, e portanto não se referem a variáveis contínuas como Idade ou Índice Socioeconômico. Por outro, o termo “predictor” pode se referir tanto às variáveis quanto às variantes de um modelo linear – p.ex., “Sexo/Gênero” é uma variável previsora e “Sexo Feminino” é também um predictor. Como as análises dos capítulos 4 a 7 se baseiam nos resultados gerados pelo pacote Rbrul (e não diretamente no programa R), desenvolvido especificamente para ser comparável ao Varbrul, serão utilizados os termos “variável”, “variável independente”, ou ainda “variáveis internas/linguísticas” e “variáveis externas/sociais” para fazer referência às hipóteses levantadas quanto aos condicionamentos das variáveis dependentes.

O Quadro 3.6 resume as sete variáveis sociais descritas neste capítulo –

²² Esses termos são empregados extensivamente ao longo desta tese. *Peso relativo* se refere à medida mais empregada em estudos sociolinguísticos; consiste em um valor entre 0 e 1 que, quando próximo de 0.50, indica uma tendência “neutra” de se empregar determinada variante; acima de 0.50 indica favorecimento; e abaixo de 0.50 indica desfavorecimento da variante utilizada como valor de aplicação (p.ex., o /r/ retroflexo [ɹ]). O *logaritmo de verossimilhança* mede a proximidade entre o modelo testado e os dados observados, e varia de acordo com a quantidade de dados (Guy & Zilles, 2007: 238). Trata-se de uma medida relevante quando se comparam dois modelos estatísticos alternativos em um mesmo conjunto de dados – quanto menos distante de zero, maior a verossimilhança entre os dados e o modelo testado. O *valor de p* ou *de significância* mede a probabilidade de se obter determinada distribuição observada nos dados em caso de a hipótese nula ser verdadeira; quanto menor o valor, menor tal probabilidade. *Hipótese nula* – H_0 , por sua vez, é o oposto lógico da *hipótese alternativa* – H_1 ; se H_1 afirma que “há correlação entre a pronúncia variável de (-r) e o contexto fônico precedente”, H_0 afirma que “não há correlação entre a pronúncia variável de (-r) e o contexto fônico precedente”.

Sexo/Gênero, Faixa Etária/Idade, Nível de Escolaridade, Região de Residência, Origem dos Pais, Mobilidade e Classe Social/Índice Socioeconômico –, além de Estilo e Falante, que foram incluídas nas análises de cada variável sociolinguística deste estudo. As variáveis linguísticas serão discriminadas nos capítulos pertinentes, uma vez que diferem para (ẽ), (-r), (CN) e (CV).

Nos capítulos 8, 9 e 10 serão descritos outros métodos mais específicos para as análises da fala dos indivíduos, de covariáveis e de percepções sociolinguísticas.

Sexo/Gênero	feminino masculino
Faixa Etária	1 ^a faixa etária: 20 a 34 anos 2 ^a faixa etária: 35 a 59 anos 3 ^a faixa etária: 60 anos ou mais
Idade	(variável contínua: 20 a 83)
Nível de Escolaridade	até Ensino Médio Ensino Superior
Região de Residência	bairro mais central bairro mais periférico
Classe Social	A/B1: classe alta/média alta B2: classe média média C1: classe média baixa C2/D: classe baixa alta e baixa média
Índice Socioeconômico	(variável contínua: 1 a 5)
Origem dos Pais	São Paulo interior (SP/MG/PR) Norte/Nordeste estrangeira mista
Mobilidade Geográfica	baixa: sempre morou no mesmo bairro média: sempre morou na mesma zona alta: morou em diferentes zonas
Estilo	Conversação Leitura de depoimento Leitura de jornal Leitura de lista de palavras
Falante (efeito aleatório)	

Quadro 3.6 Variáveis sociais

Parte II

Identidades urbanas e padrões de variação

4

A variável (ẽ)

Este capítulo analisa a realização variável de /e/ nasal como monotongo [ẽ] ou ditongo [ẽĩ], em palavras como *fazenda* e *querendo*. Demonstra-se que o uso de [ẽĩ] se encontra em rápida expansão na comunidade paulistana, com forte favorecimento pelos falantes do sexo feminino. No entanto, as diferenças observadas em relação ao Sexo/Gênero, Classe Social e outras características dos falantes não se aplicam uniformemente na comunidade, uma vez que as variantes se distribuem diferentemente ao longo das faixas etárias e as diferenciações se neutralizam entre os mais jovens. Nesse sentido, o capítulo tem como principal objetivo discutir o encaixamento social da mudança, que tem ocorrido abaixo da consciência dos falantes (Labov, 2001b).

Embora existam diversos estudos sobre vogais nasais no português brasileiro (p.ex., Bisol 1998; Medeiros 2007; Abaurre & Pagotto 2013; Moraes 2013), incluindo-se os ditongos nasais (p.ex., Bisol 1998; Demasi 2009), sua grande maioria opera sob um ponto de vista fonológico – em que a nasalidade tem função contrastiva, como nos pares mínimos *sem/sei* [sẽĩ]/[sej] e *pão/pau* [pãũ]/[paw] – ou do ponto de vista da assimilação regressiva, como em *cena* [ˈse.nɐ]/[ˈsẽ.nɐ] –, visando a descrições aerodinâmicas, acústicas, articulatórias, perceptuais e fonológicas.

A alternância entre monotongação e ditongação de /e/ nasal foi ainda pouco explorada, tanto da perspectiva fonética quanto de seus correlatos

sociais. Colley (2011), ao realizar a descrição acústica de vogais nasais (como em *sendo*) ou nasalizadas (como em *pena*) na fala de quatro informantes cariocas, notou a frequente presença de um glide em /ẽ/: em contextos em meio de vocábulo, F2 pode abaixar na direção de [ẽ̃]. Trata-se, portanto, de uma variante distinta daquelas encontradas no português paulistano e aqui analisadas. Silva (2013), por sua vez, analisou na fala carioca a ditongação de /ẽ/ em relação à vogal da sílaba seguinte, em palavras como *pense* [I], *penso* [u] e *pensa* [ɐ], com a hipótese – confirmada – de que a vogal coronal [I] favorece a realização de /e/ nasal como [ẽ̃].

Um único estudo que menciona *en passant* a ditongação de (ẽ) no português paulistano é o de Vieira (2010), que se dedica às influências fonológicas do italiano no português da cidade de São Paulo. Ao comparar as leituras de uma lista de palavras entre falantes da Bahia, Minas Gerais, Distrito Federal, Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, o autor atestou a variante [ẽ̃] nos vocábulos *tempo*, *fermento* e *entendendo* apenas na fala do informante paulistano. Vieira (2010: 50) sugere que a variante teria surgido pela inexistência de vogais nasais no italiano e consequente dificuldade dos imigrantes em realizar o segmento, mas não se volta ao teste dessa hipótese.

Neste estudo, analisa-se primeiramente o *status* atual da ditongação de (ẽ) na comunidade paulistana em comparação a outras comunidades. A variante parece ser um estereótipo (Labov, 2008 [1972]) do linguajar paulistano fora de São Paulo (em frases como “Tá chovendo!”), mas os nativos da cidade, em geral, não desenvolvem um discurso metalinguístico sobre [ẽ̃]. Em seguida, apresentam-se os resultados das análises multivariadas de correlação com as sete variáveis sociais, seis variáveis linguísticas e Estilo, e examina-se mais detalhadamente o encaixamento social de [ẽ̃] por meio de cruzamentos com a variável Faixa Etária; por fim, discute-se a progressão da variante na comunidade, em contraste com fenômenos sujeitos a estigmatização.

4.1 Avaliações sobre [ẽj̃] entre paulistanos e não paulistanos

Em se tratando de uma variável pouco estudada, esta pesquisa buscou avaliações a respeito da variante [ẽj̃] através da pergunta: “O que você acha desse modo de falar: ‘Meu, você tá entendendo o que eu tô dizendo?’”, com realização exageradamente ditongada de (ẽ), conforme se descreveu no Capítulo 3 (p. 38). Com base nas respostas dos informantes e na seleção de palavras-chave, criou-se a nuvem de palavras da Figura 4.1, que representa visualmente a frequência relativa de noções associadas à sentença.



Figura 4.1 Nuvem de palavras associadas à sentença “meu, (vo)cê (es)tá entendendo o que eu (es)tou dizendo?”, realizada com [ẽj̃]

Entre os significados sociais apontados pelos informantes gravados, verifica-se que a noção mais recorrente é a de “paulistano”. No entanto, deve-se suspeitar de que tal impressão se deva necessariamente à ditongação de (ẽ). Em muitas dessas avaliações, o foco dos comentários metalinguísticos foi sobre o vocábulo “meu”, como nos trechos (1) a (3).

- (1) ☉ D1: [risos] *o que você acha desse jeito de falar assim “meu (vo)cê (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽĩ]*
 S1: *é... é nós né*
 D1: [risos]
 S1: *não tem jeito né cara...*
 D1: *você acha que paulistano fala assim?*
 S1: *fala!... com certeza... o sotaque paulista é muito característico né meu... “meu”! não dá pra/ “pô”... “meu”... “cara”... né... (Luis A., M1SP)*
- (2) ☉ D1: *ó e desse jeito de falar... eh “meu você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽĩ]*
 S1: *eh...*
 D1: *quem que você acha que fala assim?*
 S1: *eh... não sei eu acho meio... uhn... acho que um jeito meio paulista¹ até de se falar*
 D1: *é?... você acha que você fala assim?*
 S1: *“meu meu”... eu acho muito paulista isso... paulistano (Marcelo B., M1MP)*
- (3) ☉ D1: *o que você acha desse jeito de falar... “meu (vo)cê (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽĩ]*
 S1: *é tipicamente... paulistano isso né? “meu”*
 D1: *entendi*
 S1: *o “meu” [...]*
 D1: *todos falam assim?*
 S1: *é... eu acho que até os... não sei se na periferia é tanto assim né?... eu acho que mais... nas regiões mais centrais/ o povo é mais... mais velho assim sabe? (Felipe L., M1MC)*

Comentários que também parecem advir da presença de “meu” na sentença se referem à expressão como “gíria” e, por extensão, a um falar “não correto” (mas não necessariamente “errado”), “coloquial”, e à fala de “adolescentes” ou “mais jovens”:

- (4) ☉ D1: *e que que você acha da da pessoa que fala “meu você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽĩ] [...]*
 S1: *eu acho que é assim ó... falta de assunto... falta de conteúdo eu acho sinceramente... né... é lógico que tem todo um contexto social de gíria... não*

¹ A distinção entre os termos “paulista” e “paulistano”, como pessoas nascidas no estado e na cidade de São Paulo respectivamente, é raramente feita pelos informantes da amostra. O termo “paulista” é frequentemente empregado para se referir às pessoas nascidas na cidade de São Paulo. No exemplo em (2), observe-se que o informante Marcelo B. alterna entre esses termos. Ver também os exemplos (10) e (12) abaixo.

é... mas quando/ acho que quando o aluno... o cara sei lá o adolescente... ele quer falar eh de outra maneira ele não consegue... porque ele não tem conteúdo... ele não tem ele não sabe/ sabe por quê? o cara não lê... o cara não se interessa... (William A., M2SP)

Muitos dos falantes discorreram apenas sobre o conteúdo explícito da sentença, descrevendo-a como um modo de se fazer claro ou de chamar a atenção. Em sua maioria, esses foram casos em que o documentador deixou de mencionar o vocábulo “meu”:

- (5) ④ D2: *o que você assim de eh... quem fala “meu (vo)cê (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou te dizendo?” [ẽĩ]*
 S1: *ah é o que/ o que... é o que uma pessoa (xxx) o que ela se refere assim?*
 D1: *é*
 D2: *é... que que você acha assim de alguém que fala assim?*
 S1: *eu acho que eu está falando demais e... [risos] e alguém me/ sabe falou tanto que ele acha que... que deixou alguma coisa despercebida e aí você fala “você está entendendo o que eu estou te dizendo?” (Eloisa D., F1SP)*
- (6) ④ D1: *você viu (que tem bastante trecho) sabe... “você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽĩ] você... que que você acha dessa dessa frase?*
 S1: *eh é o tal negócio a pessoa quer que você... mostra muito pra você né... ela quer/ eh você está vendo que você está ali falando com ela você está ali por aquele motivo... mas (ela) sempre quer reafirmar... está sempre afirmando pra você... “você está vendo olha só... ó aqui ó...” (Karolina M., F2MC)*
- (7) ④ D1: *que que você acha desse jeito de falar “ah você está entendendo [ẽĩ] o que eu estou dizendo?” [ẽĩ] [...]*
 S1: *“dizendo” [ẽĩ]*
 D1: *[risos]*
 S1: *ah pra ver se a pessoa está entendendo o seu problema né?... que que eu acho?... ah sei lá eu acho certo... né?... principalmente se for da... da classe social... esse tipo de pessoa é uma classe social baixa né? (xxx) porque eu acho que o... classe social... (assim)... mais alta assim de diferente... eles têm as palavras diferentes pra dizer... né... até no modo que ela quer te... falar [...] pra mim se estou assim/ se a pessoa falar pra mim é normal... mas se está no meio de pessoas já estudadas vai se ofender porque fala assim “ô está acha/ achando que eu sou burro?” (Pedro S., M2SP)*

Outros comentários frequentes dizem respeito à prosódia e caracterizam esse modo de falar como “italianado, cantado”.

- (8) ☉ D1: *o que você acha desse jeito de falar... “você (es)tá entendendo [ẽj̃] o que eu (es)tou dizendo” [ẽj̃]... o que você acha desse jeito?*
 S1: *meio cantado né meio italianado aí*
 D1: *você acha?*
 S1: *eu acho*
 D1: *eh... mas quem você acha que fala assim?... “(vo)cê (es)tá entendendo [ẽj̃] o que eu (es)to(u) dizendo” [ẽj̃]*
 S1: *eu falei assim? “(vo)cê (es)tá entendendo [ẽj̃] o que eu (es)to(u) dizendo” [ẽ] eu falei né? eu falei cantado...*
 D1: *você acha que é uma coisa dos paulistanos todos os paulistanos ou é só de um bairro?...*
 S1: *eu acho que é coisa de paulistano né?*
 D1: *de uma maneira geral?*
 S1: *é é...*
 D1: *entendi e... você acha que você fala desse jeito?*
 S1: *eu falo eu falo meio cantado sim (Irene R., F3SC)*
- (9) ☉ D1: *que que você acha desse jeito de falar assim... “você (es)tá entendendo [ẽj̃] o que (es)tou dizendo?” [ẽj̃]*
 S1: *é peculiar né é próprio da gente... e isso eu acho que tem... tem um cantar italiano... eu sinto que tem um... uma música... italiana nesse... nessa frase*
 D1: *quem que você acha que fala mais assim?... tem alguém na cidade algum grupo...?*
 S1: *não é o pessoal do Jardins... eu acho que não é... eu acho que é dos bairros... mas não os bairros muito periféricos não... eh próximos do centro da cidade... que pode ser Perdizes que pode ser... eh a própria Mooca... pode ser Aclimação... (Iara S., F2SC)*

À associação com “italianos” parece estar relacionada a menção mais frequente do bairro da Mooca (de ocupação originalmente italiana), mas também bairros mais centrais (como Perdizes e Aclimação), em detrimento daqueles de regiões periféricas. Ainda que bem menos frequente, outra identidade social mencionada por dois informantes é a de “patricinhas”, pessoas do sexo feminino e, em geral, mais jovens e pertencentes a classes sociais mais altas:

- (10) ☉ D1: *e essa frase aqui ó... se eu dissesse assim... “você (es)tá entendendo”? [ẽj̃] você acha esquisito ou normal?*

S1: *“entendendo” [ẽj̃] é meio forçado né*
 D1: *forçado? mas você acha que alguém fala assim?*
 S1: *acho*
 D1: *quem?*
 S1: *ah mina principalmente né*
 D1: *mulher?*
 S1: *[risos] principalmente né*
 D1: *mas mas... mulher daqui?*
 S1: *é daqui paulista bem paulista... patizinha paulista total “(vo)cê (es)tá entendendo?” [ẽj̃] né... (Fernando B., M1MC)*

- (11) ☉ D1: *você entende algumas pessoas que você... percebe pessoas falando... desse jeito assim aqui em São Paulo?*
 S1: *um pouco... um pouco um pouco sim não tão carregado assim*
 D1: *é? quem que você acha que fala (assim)?*
 S1: *mais carregado assim?*
 D1: *é*
 S1: *ah mais paty assim... mais assim que... eu acho que puxa um pouco mais assim... acho que o pessoal da periferia não puxa... tanto nesse sentido vai falar mais... “meu (vo)cê (es)tá entendendo [ẽnu] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽnu]*
 D1: *[risos]*
 S1: *é mais... mais... não sei mais fechado mais curto não sei*
 D1: *[risos]*
 S1: *acho que o tom que você deu foi diferente (Thaissa B., F1SP)*

De todos esses exemplos até aqui, chama a atenção o fato de a maioria dos falantes não mencionar especificamente o segmento (ẽ), tampouco sua ditongação. Alguns dos poucos informantes que fazem menção explícita à variável, ou pelo menos a repetem nas palavras-alvo “entendendo” ou “dizendo”, comentam sobre experiências de viagens a outras cidades do Brasil ou situações de contato com falantes de outras regiões, em que “foram informados” de que falam desse modo:

- (12) ☉ D1: *e que que você acha do jeito de falar “você está entendendo [ẽj̃] o que eu estou dizendo?” [ẽj̃] ... ou “fazenda” [ẽj̃]*
 S1: *isso! é isso! é “entendendo” [ẽj̃] ah “você está entendendo?” [ẽj̃] é isso mesmo que eles [pessoas do interior de São Paulo] falavam/ falam que a gente fala muito... então “você está entendendo?” [ẽj̃] ... é meio que uma forma meio cantada de falar mas é uma característica eu acho do paulista né (Lucas S., M1MC)*

- (13) ☉ S1: *pra mim... no meu ponto de vista todos os outros têm sotaque/ sotaque menos nós*
 D1: [risos]
 S1: *então eu não vejo isso como um sotaque sabe?... mas pelo que dizem... o paulistano fala o “e”/ o “entendendo”... [ẽ̃j] “fazendo”... [ẽ̃j] eu acho que é o jeito correto de falar nessas “fazendo”... [ẽ] “entendendo”... [ẽ] e já o paulistano não “ah você está entendendo?” [ẽ̃j] “você está fazendo [ẽ̃j] isso?”*
 [...]
 ☉ D1: *você comentou até... eh mas eu vou falar de novo... o que que você acha desse modo de falar “você está entendendo [ẽ̃j] o que eu estou dizendo?”? [ẽ̃j]*
 S1: [risos] *eu acho normal... eu acho completamente normal*
 D1: *normal?... você acha que é coisa de paulistano falar assim?*
 S1: *ah depois que as pessoas me falaram eu acho assim mas eu eu/*
 D1: *mas quem te falou assim?*
 S1: *ah o pessoal que trabalhava comigo de Curitiba todo mundo falava “ai essa coisa de São Paulo”... eh “(es)tá entendendo” [ẽ̃j] [...] eh e fala coisa muito “en en en en” meio o ene talvez pegue desse jeito né? (Carolina A., FIMC)*

Em (13), Carolina A. chega a contrastar as realizações de (ẽ̃) como monotongo e ditongo espontaneamente, antes mesmo que a documentadora lhe houvesse apresentado a sentença-alvo; adiante, ela afirma que a variante ditongada era mencionada por seus colegas curitibanos como algo típico dos paulistanos. De fato, a ditongação de /e/ nasal parece ser um traço linguístico que identifica paulistanos fora da cidade de São Paulo. Em entrevistas sociolinguísticas realizadas por membros do GESOL-USP em outras comunidades, a variante é frequentemente associada ao falar paulistano e/ou paulista, e muitas vezes avaliada como um modo “feio”, “forçado”, “engraçado” ou “diferente” de se falar. Os excertos abaixo são de entrevistas realizadas em Itanhandu-MG (14), Campo Grande-MS (15) e São Luís-MA (16):

- (14) Itanhandu–MG (Bieler da Silva, 2013)
- a. ☉ D1: *você lembra que a gente estava falando de sotaque? como que você acha que um paulistano falaria alguma dessas palavras? [da lista de palavras] ... tem diferença?*
 S1: *ah tem diferença... eh... deixa eu ver uma aqui [risos]... eles falam “perten...” [ẽ̃j] (entendeu?) o “en” fica mais puxadinho...*

(F2A-Clarice)

- b. ☉ D1: *e o paulistano?... você que morou lá... pequena mas morou lá*
 S1: *então*
 D1: *como que ele falaria é diferente?*
 S1: *“defender” porque a minha irmã é paulista [...] ela falaria bem bonitinho mesmo*
 D1: [risos]
 S1: *“entretenimento” [ẽĩ] né*
 D1: [risos]
 S1: *bem diferente (F2A-Luiza)*
- c. ☉ D1: *a gente estava falando de sotaque agora há pouco você acha que um paulista falaria diferente essas palavras do que você falou?...*
 S1: *puxando o ene né*
 D1: *aham*
 S1: *“entretenimento” [ẽĩ] [risos] (M2A-Marcos)*

(15) Campo-Grande-MS (Vieira, 2013)

- a. ☉ D1: *que que você acha desse modo de falar... “você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽĩ]*
 S1: *“entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo” [ẽĩ] isso é de paulista*
 D1: *do interior ou da capital?*
 S1: *é da capital*
 D1: *uhum*
 S1: *paulista fala “entendendo” [ẽĩ] ... ele fala “entra” [ẽĩ] [...]*
 D1: *aham que que você acha desse modo de falar?*
 S1: [pausa longa] *não sei não é costume meu eu acho feio né... é aquilo que eu falei para você é tudo regional... é uma questão de de de de cultura... (isso) não é a nossa cultura a gente acha feio (F53C-Olga)*
- b. ☉ D1: *que que você acha desse modo de falar aqui ó... “você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽĩ]*
 S1: *“você (es)tá entendendo” [ẽĩ] ... quem fala assim é... é o paulista... que puxa mais “entendendo” [ẽĩ] ... “vendo” [ẽĩ] eles falam muito assim*
 D1: *uhum... você ouviu isso aqui em Campo Grande? você acha que o campo grandense fala assim?*
 S1: *não o campo grandense não...*
 D1: *uhum*
 S1: *mas o paulista fala agora eu lembrei ele fala “(vo)cê (es)tá entendendo” [ẽĩ]*

D1: *o paulistano?*
 S1: *eles falam/ o pau- paulistano*
 D1: *paulistano? uhum legal... e... que que você acha desse modo de falar?*
 S1: [risos] *é diferente né... é diferente (F47C-Regina)*

- c. ☉ D1: *e o paulistano?*
 S1: *o paulistano eu não sei imitar não só sei quando ele fala “os cara”/ é o tsc eh “mano”... essas coisa assim*
 D1: *aham*
 S1: *“não (es)tou entendendo” [ẽĩ] assim... tem “entendendo” aqui?... “entender” [ẽĩ]*
 D1: [risos]
 S1: *é assim que ele fala*
 [...]
 ☉ D1: *certo... bom você já falou mas eu vou perguntar de novo... que que você acha desse modo de falar aqui ó... “você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽĩ]*
 S1: *é é característico... pra pra reconhecer de de onde que é esse palavreado isso é paulistano*
 D1: *uhum*
 S1: *paulistano*
 D1: *que que você acha desse modo de falar?*
 S1: *ah... se eu tivesse morando lá eu achava normal agora que eu moro aqui eu/ eu acho interessante eu rio (M55S-Pedro)*

(16) São Luís-MA (Santos, 2012)

- a. ☉ D1: *o que que tu acha desse modo de falar aqui... eh... “você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo” [ẽĩ]*
 S1: [risos]
 D1: *que que tu acha?*
 S1: [risos] *cara parece caricato aquilo que eu te falei dos paulistas parece caricato [risos]*
 D1: *parece com eles?*
 S1: *parece*
 D1: *é?*
 S1: *forçado*
 D1: *tu acha que é forçado*
 S1: *eu acho “(vo)cê está entendendo” [ẽõ] eu acho forçado*
 D1: *como é que tu acha que deveria ser?*
 S1: *“você está entendendo”... [ẽ] esse “entendendo” [ẽõ] assim é meio esquisito*
 D1: *tu fala assim?*

- S1: *como?*
 D1: *assim como eu fiz?*
 S1: *não! [risos] não...*
 D1: *tu acha que o ludovicense fala assim?*
 S1: *não (M2B-José M.)*
- b. ☉ D1: *o que que tu acha desse modo de falar aqui ó... “você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo” [ẽĩ]*
 S1: *ah isso é chato*
 D1: *é chato?... como é que tu acha que deveria ser?*
 S1: *normal... “(vo)cê (es)tá entendendo [ẽ] o que estou falando”*
 D1: *ah certo... e tu acha que tem algum lugar no Brasil específico que fale assim como eu fiz?*
 S1: *tem*
 D1: *qual é esse lugar?*
 S1: *eu acho que são os paulistas*
 D1: *os paulistas falam desse jeito?*
 S1: *acho que é*
 D1: *é?*
 S1: *paulista*
 D1: *e... o ludovicense fala assim como eu fiz?*
 S1: *não*
 D1: *não? tu fala assim?*
 S1: *não (F1B-Patricia L.)*
- c. ☉ D1: *e o que que tu acha desse modo de falar aqui... “você (es)tá entendendo [ẽĩ] o que eu (es)tou dizendo” [ẽĩ]*
 S1: *acho diferente da gente né*
 D1: *é?*
 S1: *é sim*
 D1: *e se é diferente da gente... será que poderia ser assim de algum lugar específico?*
 S1: *ahn parece... parece de São Paulo Rio... mas eu acho que parece mais de São Paulo pode ser... pode ser que a pessoa queira dar uma certeza maior pro que que ela esteja dizendo*
 D1: *aham... e tem alguma coisa de errada aí?*
 S1: *só esse... esse esse “endo” [ẽ::] “endo” [ẽ::] né*
 D1: *uhn*
 S1: *(es)tá/ (es)tá assim muito forte e aí fica feio*
 D1: *ah... certo... e tu fala assim como eu fiz?*
 S1: *eu não*
 D1: *não?*
 S1: *não!*

D1: *e tu acha que o ludovicense fala assim como eu fiz?*
 S1: *não isso está lá pra baixo* (F2B-Wilma B.)

As entrevistas realizadas em Itanhandu-MG não continham uma pergunta específica com a sentença-alvo, mas comentários sobre a ditongação de (ẽ) associada aos paulistanos por vezes surgem quando a documentadora pergunta como o informante acha que um paulistano pronunciaria alguns dos itens lexicais da lista de palavras. Em Campo Grande-MS, capital que recebeu muitos migrantes da cidade e do estado de São Paulo (Vieira, 2013), a associação de [ẽĩ] com paulistanos e paulistas é frequente. Em São Luís-MA, os ludovicenses também relacionam a ditongação com cariocas, embora menos frequentemente do que com São Paulo; nesse sentido, o comentário de Wilma B. (16-c) é bastante representativo de uma avaliação da variante como não nativa: “isso está lá pra baixo”. Note-se que essa informante aponta especificamente o segmento /ẽ/ como “errado, feio”, embora com realização apenas alongada (mas não ditongada) [ẽ:], e José M. (16-a) repete as palavras-alvo com o ditongo [ẽĩ], que parece mais característico de cariocas. De todo modo, esses informantes, ainda que pudessem comentar outros traços linguísticos – p.ex., o uso do pronome “você” em vez de “tu” – quase sempre mencionam ou contrastam especificamente o segmento (ẽ), o que é indicativo da saliência social da variável naquela localidade.

Em conjunto, esses trechos de entrevistas permitem considerar que [ẽĩ] funciona como traço linguístico para identificação de paulistanos, mas os próprios nativos da cidade, por sua vez, ainda que nela reconheçam uma “prosódia paulistana”, em geral não se identificam como usuários da variante, não apresentam um discurso metalinguístico que explicitamente associe grupos sociais à variante ditongada de (ẽ), ou ainda uma avaliação positiva ou negativa sobre as variantes dessa variável. Nos termos de Labov (2008 [1972]), em sua classificação de variáveis como *indicadores*, *marcadores* ou *estereótipos*, que se distinguem por graus de consciência social e de diferenciação estilística (ver Capítulo 2, p. 30), a variável (ẽ) pode ser caracterizada como um marcador para os paulistanos e como um estereótipo para não paulistanos: enquanto esses dois tipos de variáveis apresentam variação estilística (diferentemente

de indicadores), [ẽ̃] está disponível para comentários metadiscursivos para os não nativos da cidade, o que de modo geral não ocorre para os próprios paulistanos.

4.2 Análise multivariada

O segmento /ẽ̃/ ocorre em uma série de contextos que fazem parte de fenômenos variáveis distintos, mas que se sobrepõem parcialmente. Isso significa que nem todas as ocorrências de /ẽ̃/ podem ser variavelmente realizadas como monotongo ou ditongo; em alguns casos, há ainda uma terceira variante, constituindo-se outra variável.

Sílabas átonas, sobretudo em posição inicial de vocábulo, como a preposição *em* (p.ex. *em cima*) e o prefixo *en-* (p.ex. *engarrafar*, *engravidar*), são quase categoricamente realizadas como [ĩ]. Esses dados podem ser considerados parte de um processo variável diferente, o alçamento de vogais pré-tônicas (Viegas 2003; Battisti 1993; Tenani & Silveira 2008, *inter alia*), que também ocorre com vogais orais (Cf. [pe.'di.dũ] *vs.* [pi.'di.dũ]).² Em sílabas átonas finais, em palavras como *homem*, *virgem*, *comem*, /ẽ̃/ é passível não só de alçamento mas também de desnasalização (Cf. [ʋ.mẽ̃j̃, 'viR.gẽ̃j̃, 'kɔ.mẽ̃j̃] *vs.* [ʋ.mi, 'viR.gi, 'kɔ.mi]), algo que também ocorre com vogais nasais posteriores (Cf. [fa.'la.rãw̃] *vs.* [fa.'la.ru]) (Votre 1978; Guy 1981; Battisti 2002; Schwindt & Silva 2009). Em monossílabos tônicos como *bem*, *tem/têm*, *sem*, e em sílabas tônicas finais em palavras como *também*, *porém*, *ninguém* (Colley, 2011), /ẽ̃/ é categoricamente realizado como ditongo [ẽ̃j̃]. Desse modo, não foram incluídos os casos de /ẽ̃/ em sílabas átonas (pré ou pós-tônicas), tampouco em sílabas tônicas em fim de vocábulo. Além disso, quando seguido de /d/, especialmente em verbos no gerúndio (*fazendo*, *comendo*), /ẽ̃/ também está sujeito à assimilação de -nd- (Cf. [fa.'ze.nũ], [ko.'me.nũ]) (Mollica 1989; Martins 2004; Ferreira & Tenani 2009; Vieira 2011, *inter alia*), um processo que parece bloquear a ditongação (*[fa.'zẽ̃j̃.nũ, ko.'mẽ̃j̃.nũ]). As ocorrências

² De fato, o contexto VN (vogal média seguida de segmento nasal subespecificado, sem consoante no ataque silábico) apresenta alçamento vocálico praticamente categórico em diversas comunidades (ver p.ex. Battisti 1993, para comunidades gaúchas, e Celia 2004, para Nova Venécia-ES).

de –end– foram incluídas apenas quando /d/ foi de fato realizado.

Portanto, o envelope de variação desta análise inclui ocorrências de /ẽ/ em sílabas tônicas iniciais ou mediais, como em *ênfase*, *fazenda* e a segunda sílaba de *entendo*.

Do modo como se define o envelope de variação, há um total de 25.703 ocorrências da variável na amostra. Dessas, selecionaram-se aleatoriamente 50 por falante dentre os dados de conversação (118 informantes x 50 dados = 5.900), aos quais se somaram todos os dados de leituras (1.335), constituindo-se um arquivo com 7.235 ocorrências da variável (ver Capítulo 3, p. 53). As variantes se distribuem conforme mostra a Tabela 4.1.

Tabela 4.1 Distribuição geral das ocorrências de (ẽ) (N = 7.235)

Codificação	N ocorrências	%
Monotongo [ẽ]	4.276	59,1
Ditongo [ẽĩ]	2.959	40,9
N Total	7.235	

Embora se constitua como um estereótipo do falar paulistano, a realização ditongada de (ẽ) não é predominante, mas é relativamente frequente: corresponde a cerca de 41% do total das ocorrências. Os dados foram codificados de acordo com as sete variáveis sociais descritas no Capítulo 3 (Sexo/Gênero, Faixa Etária/Idade, Nível de Escolaridade, Região de Residência, Classe Social/Índice Socioeconômico, Mobilidade e Origem dos Pais), Estilo, Falante (variável aleatória) e seis variáveis linguísticas especificadas no Quadro 4.1.

As variáveis linguísticas abordam aspectos fonológicos e morfológicos que possivelmente se correlacionam com a realização variável de (ẽ). Contexto Fonológico Precedente e Contexto Fonológico Seguinte foram codificadas de acordo com cada segmento fonético, e posteriormente reorganizadas, cada qual, em Sonoridade [\pm sonora] e Ponto de C – coronal, dorsal, labial (ou pausa) (Clements & Hume, 1995). A variável Vogal da Sílab Seguinte testa se há, na fala paulistana, favorecimento da ditongação de (ẽ) quando a sílaba seguinte contém uma vogal coronal [I], de modo semelhante ao que Silva (2013) constatou em seus dados da fala carioca. A influência da morfologia

Contexto Fônico Precedente	[a, e, ε, i, o, ɔ, u, b, d, f, g, h, k, l, m, n, p, ʃ, s, t, v, x, z] ou pausa
Contexto Fônico Seguinte	[b, d, ɕ, f, g, h, k, p, s, ʧ, t, ʒ, ʃ, z]
Vogal da Sílabla Seguinte	[I]: “gent <u>e</u> , paciê <u>nc</u> ia” [ɔ]: “temp <u>o</u> ” [e]: “set <u>e</u> nta”
Classe Morfológica	substantivo: “centro, ambiente” adjetivo: “contente, lento” verbo: “pretendo, pensa” advérbio: “felizmente, sempre” numeral: “setenta, duzentos” preposição: “em frente de, dentro” pronome: “a gente”
Raiz-Afixo	raiz: “le <u>m</u> br-o, depend-e” afixo: “antiga-mente, faz-endo”
Item Lexical (efeito aleatório)	

Quadro 4.1 Variáveis linguísticas da análise de (ẽ)

é analisada através da localização do segmento (ẽ) em diferentes classes de palavras (substantivo, adjetivo, verbo etc.), bem como se está na raiz da palavra ou não. A inclusão de Item Lexical (efeito aleatório) permite verificar se os efeitos observados se devem às demais variáveis linguísticas ou a possíveis itens lexicais específicos que eventualmente se comportem de modo idiossincrático.³

Dentre as seis variáveis linguísticas analisadas, apenas duas são selecionadas como significativamente correlacionadas ao uso variável de (ẽ) no português paulistano: Classe Morfológica e Raiz-Afixo. A Tabela 4.2 mostra a distribuição dos dados das variáveis *não* selecionadas como significativas: Contexto Fônico Precedente e Contexto Fônico Seguinte (reorganizados tanto como Ponto de C quanto por sonoridade do segmento), e a Vogal da Sílabla Seguinte. Para todas essas variáveis, observe-se que os pesos relativos, oriundos de análises *one-level* (univariadas) no primeiro passo da rotina *step-up*, são

³ Nas próximas páginas, embora se apresentem os resultados para variáveis linguísticas e sociais em tabelas distintas, as análises multivariadas incluíram sempre ambas. A separação tem apenas o objetivo de prestar maior clareza à exposição. A mesma organização é adotada nos capítulos dedicados às análises de (-r), (CN) e (CV).

Tabela 4.2 Variáveis linguísticas não correlacionadas com (ẽ)
(N [ẽj] = 2.959 (40,9%); N Total = 7.235)

	P.R.	% [ẽj]	N Total
Contexto Fônico Precedente – Ponto de C^a			
coronal	[.52]	42,5	3.736
labial	[.51]	40,4	1.585
dorsal + pausa	[.49]	38,1	1.914
Contexto Fônico Precedente – Sonoridade^b			
sonora	[.50]	39,2	5.371
surda	[.52]	45,7	1.864
Contexto Fônico Seguinte – Ponto de C^c			
coronal	[.51]	42,0	6.030
labial + dorsal	[.47]	35,6	1.205
Contexto Fônico Seguinte – Sonoridade^d			
sonora	[.53]	45,8	849
surda	[.50]	40,2	6.386
Vogal da Sílabla Seguinte^e			
[e]	[.56]	47,2	652
[u]	[.43]	41,1	2.229
[I]	[.53]	39,8	4.354

^aInput: 0,409; ^bInput: 0,394; ^cInput: 0,411; ^dInput: 0,391; ^eInput: 0,392;
[] indicam a não seleção da variável como significativa.

próximos do ponto neutro (0.50), o que indica a alta probabilidade de que as diferenças entre os fatores não sejam factualmente significativas.

Desses resultados, é interessante notar que variáveis fonético-fonológicas não se correlacionam com (ẽ), cuja natureza é fonética. Isso indica que a ditongação de (ẽ) não se deve a processos fonológicos comuns como assimilação, dissimilação ou harmonização vocálica em relação ao contexto fônico.⁴ Diferentemente, os condicionamentos estruturais da variável dizem respeito a características relativas à morfologia.

Classe Morfológica e Raiz-Afixo foram analisadas separadamente pelo fato de não serem ortogonais entre si: o segmento /ẽ/, quando em pronome (*a gente*) e em preposições (*dentro, em frente de*), sempre ocorre na raiz, nunca

⁴ Isso, claro, não descarta a possibilidade de outros condicionamentos acústico-articulatórios, não analisados aqui.

em afixos. Os fatores da variável Classe Morfológica foram reagrupados em três categorias, uma vez que as diferenças entre cada um dos sete fatores originais não eram estatisticamente relevantes ($\chi^2 = 3,36(4)$, $p > 0,50$).⁵ A Tabela 4.3 mostra que substantivos, adjetivos e verbos favorecem a ditongação de (ê) (P.R. 0.56); advérbios e numerais a desfavorecem (P.R. 0.45), assim como as palavras mais gramaticais, o pronome *a gente* e preposições (P.R. 0.41). Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que palavras gramaticais como o pronome *a gente* (Zilles, 2005) ou a preposição *dentro* se encontram em estágio avançado de gramaticalização e, portanto, são mais propensas à redução fonética. Isso torna mais provável a pronúncia de (ê) como monotongo do que a realização mais longa como ditongo. Por outro lado, palavras menos gramaticais como substantivos (*ambiente*), adjetivos (*lento*) e verbos (*pretendo*) favorecem a variante ditongada, já que costumam ter proeminência prosódica na sentença.

Tabela 4.3 Tendências de emprego de [êj] de acordo com Classe Morfológica (N [êj] = 2.959 (40,9%); N Total = 7.235)

	P.R.	% [êj]	N Total
Classe Morfológica			
substantivo + adjetivo + verbo	0.56	47,2	3.918
advérbio + numeral	0.45	37,3	1.689
preposição + pronome	0.41	29,4	1.628
<i>Range</i>	<i>14</i>		

Input: 0,388. $\chi^2 = 3,36(4)$, $p > 0,50$.

O resultado para a variável Raiz-Afixo (Tabela 4.4) mostra que é maior a tendência à ditongação quando (ê) se encontra na raiz da palavra (P.R. 0.55), e menor quando se encontra no afixo (P.R. 0.42). Considerando-se que os sufixos (*-mente*, *-mento*, *-ência* etc.) são mais gramaticalizados que a raiz das palavras, observa-se aqui tendência semelhante àquela verificada em Classe Morfológica: quanto menor a carga semântica do morfema em que se encontra

⁵ Lê-se “qui-quadrado igual a 3,36, com quatro graus de liberdade e valor de p maior do que 0,50”. A notação indica que a análise original com sete fatores tem grande probabilidade – maior do que 50% de chance – de não ser significativamente diferente da análise mais sintética com três fatores (7 - 3 fatores = 4 graus de liberdade). Pelo princípio da Navalha de Occam, a análise que explica o mesmo fenômeno com um menor número de elementos (3 fatores em vez de 7) é preferível. Ver Guy & Zilles (2007: 188–197) sobre testes de qui-quadrado para amalgamação de fatores de uma variável.

Tabela 4.4 Tendências de emprego de [ẽj̃] de acordo com Raiz-Afixo
(N [ẽj̃] = 2.959 (40,9%); N Total = 7.235)

	P.R.	% [ẽj̃]	N Total
Raiz-Afixo			
raiz	0.55	42,0	4.353
afixo	0.42	39,3	2.882
<i>Range</i>	<i>13</i>		

Input: 0,442.

o segmento, menor a tendência de ocorrer a pronúncia [ẽj̃].

As variáveis não linguísticas, por sua vez, apresentam-se como as mais relevantes para o emprego variável de (ẽ), em termos tanto da ordem de seleção de variáveis quanto de *range* (a diferença entre o maior e o menor pesos relativos). Das oito variáveis, apenas duas não são selecionadas: Região da Cidade e Origem dos Pais (Tabela 4.5).

Tabela 4.5 Variáveis sociais não correlacionadas com (ẽ)
(N [ẽj̃] = 2.959 (40,9%); N Total = 7.235)

	P.R.	% [ẽj̃]	N Total
Região da Cidade^a			
bairro mais central	[.51]	41,6	3.404
bairro mais periférico	[.49]	40,3	3.831
Origem dos Pais^b			
pais paulistanos	[.51]	40,8	3.003
pais não paulistanos	[.50]	41,0	4.232

^a*Input*: 0,409. ^b*Input*: 0,409. [] indicam a não seleção da variável.

Diferentemente da hipótese aventada (ver Capítulo 3, p. 47), paulistanos filhos de paulistanos, cujas famílias estão enraizadas há mais tempo na cidade, não apresentam maior tendência de emprego da variante estereotipicamente paulistana. Isso possivelmente se deve à rápida expansão da variante na comunidade (ver discussão adiante). Ao mesmo tempo, a despeito da associação feita pelos falantes entre a sentença “meu, você tá entendendo o que eu tô dizendo?” e bairros mais centrais (como Mooca, Aclimação e Perdizes; exem-

plos (3), (9) e (11) acima), a divisão geográfica entre bairros mais centrais e mais periféricos não tem relevância para a estratificação de (ẽ) em São Paulo.

As demais variáveis sociais são selecionadas e, em geral, com *range* mais alto do que para as variáveis linguísticas. Ainda que estigmatizada em outras comunidades como um modo “feio” ou “engraçado” de falar (vejam-se os exemplos (14)–(16) acima), a ditongação de (ẽ) parece gozar de certo prestígio social na comunidade paulistana, mesmo que abaixo da consciência (Labov, 2001b) (ver Tabela 4.6). A variante é favorecida por membros de classes sociais mais altas (Cf. P.R.s 0.60 e 0.58 para as classes A/B1 e B2 vs. 0.43 e 0.37 para as classes C1 e C2/D); pelos falantes com maior nível de escolaridade (P.R. 0.56) em relação aos menos escolarizados (P.R. 0.44); e nos estilos de fala mais monitorados da leitura de lista de palavras (P.R. 0.66), do depoimento e da notícia de jornal (P.R. 0.62), em relação à fala mais espontânea da conversação (P.R. 0.47).⁶ Como variável contínua, Índice socioeconômico ($p < 0,001$) revela um aumento da probabilidade de ocorrência da ditongação em 0.52 unidades de *logodds* para cada unidade na escala socioeconômica (de 1 a 5). Essas variáveis revelam uma gradação sistemática no emprego de [ẽ] quanto às hierarquias esperadas de correlação com variantes não estigmatizadas: favorecimento por membros de classes mais altas, por mais escolarizados e em estilos mais monitorados de fala.

Por outro lado, a variável Mobilidade Geográfica mostra que a ditongação é mais típica entre falantes com menor mobilidade, presumivelmente mais enraizados em seus bairros ou regiões de residência. Nesse caso, a correlação indica que a variante pode funcionar como índice de identidade local, seja com o bairro, seja com a própria cidade.

Dentre todas as variáveis linguísticas e sociais, a que se correlaciona mais fortemente com a pronúncia de (ẽ) é o Sexo/Gênero dos falantes, com o maior *range* – a diferença entre o maior e o menor pesos relativos é de 28. A ditongação é fortemente favorecida pelas mulheres (P.R. 0.64) e, inversamente, bastante desfavorecida pelos homens (P.R. 0.36). A variável Faixa Etária

⁶ A diferença entre a leitura de lista de palavras e a de notícia de jornal e depoimento, com efeito, não é significativa ($\chi^2 = 0,59(1)$, $p > 0,30$), de modo que se poderiam apresentar os resultados para essa variável na forma binária “leituras” vs. “conversação”. A distinção é mantida na Tabela 4.6 apenas para ilustrar a gradação paralela aos níveis esperados de monitoramento da fala.

Tabela 4.6 Tendências de emprego de $[\tilde{e}_j]$ de acordo com variáveis sociais
(N $[\tilde{e}_j]$ = 2.959 (40,9%); N Total = 7.235)

	P.R.	% $[\tilde{e}_j]$	N Total
Sexo/Gênero			
feminino	0.64	50,1	3.592
masculino	0.36	31,8	3.643
<i>Range</i>	<i>28</i>		
Faixa Etária			
20–34 anos	0.63	49,5	2.340
35–59 anos	0.50	42,3	2.534
60+ anos	0.37	30,9	2.361
<i>Range</i>	<i>26</i>		
Classe Social			
A/B1	0.60	48,3	1.714
B2	0.58	42,5	2.140
C1	0.43	37,4	1.856
C2/D	0.37	34,6	1.525
<i>Range</i>	<i>23</i>		
Nível de Escolaridade			
Ensino Médio	0.44	37,1	3.514
Ensino Superior	0.56	44,5	3.721
<i>Range</i>	<i>12</i>		
Mobilidade^a			
baixa + média	0.55	44,7	3.856
alta	0.44	36,5	3.379
<i>Range</i>	<i>11</i>		
Estilo^b			
conversação	0.47	37,6	5.900
depoimento + jornal	0.62	51,0	751
lista de palavras	0.66	61,3	584
<i>Range</i>	<i>19</i>		

Input: 0,388. ^a $\chi^2 = 1,02(1)$, $p > 0,30$; ^b $\chi^2 = 0,41(1)$, $p > 0,50$.

revela um padrão de desfavorecimento da ditongação entre os mais velhos (P.R. 0.37), e gradual favorecimento entre os falantes da segunda (P.R. 0.50) e da primeira (P.R. 0.63) faixas. Considerando-a como variável contínua, a probabilidade de emprego de [ẽĩ] decresce em 0,02 unidades de *logodds* para cada unidade de idade ($p < 0,001$). Ainda que sejam pouco frequentes as avaliações como a de Fernando B. e a de Thaissa B. (excertos (10)–(11)), que remetem a um modo de falar de “patricinhas”, as correlações observadas nos dados caracterizam justamente essa identidade social: jovens mulheres de classes mais altas.

Esses resultados para Sexo/Gênero e Faixa Etária, considerados paralelamente ao discurso metalinguístico dos falantes da amostra – que, como se viu acima, não têm consciência da alternância em (ẽ) –, permitem caracterizar esse processo variável como uma possível mudança de baixo (Labov, 2001b), observada em tempo aparente.

4.3 O encaixamento social de uma mudança de baixo

Considerando-se que os paulistanos em geral não parecem ter consciência dessa variável, os resultados aqui se emparelham com os daqueles de uma série de outros estudos sociolinguísticos que reportam o fato de as mulheres estarem à frente dos homens em casos de mudança de baixo – por exemplo, o alçamento de (ɛ) e (ɔ) em Nova Iorque (Labov 2006 [1966]), a anteriorização de (ɛ), (ɔ) e (o) em Detroit (Fasold 1969), a anteriorização de (aw) em Toronto e em Vancouver (Chambers & Hardwick 1985), para citar alguns (*apud* Labov 2001b).

Interessa, então, discutir como tem ocorrido o encaixamento social da variável em tempo aparente. Nesse sentido, realizaram-se cruzamentos entre Faixa Etária e as demais variáveis sociais. Os cruzamentos foram incluídos, cada qual, em análises multivariadas no Rbrul em modelos de efeitos mistos.⁷

⁷ Ou seja, os cruzamentos foram analisados em modelos que também incluíram as demais variáveis independentes, sociais e linguísticas, bem como os efeitos aleatórios (Informante e Item Lexical).

Os resultados em pesos relativos se encontram na Tabela 4.7 e são representados graficamente na Figura 4.2. Nelas, comparem-se os valores de *range* para cada grupo etário.

Tabela 4.7 Tendências de emprego de $[\tilde{e}\tilde{j}]$ no cruzamento entre Faixa Etária e outras variáveis sociais

	Faixa Etária		
	20-34 anos	35-59 anos	60+ anos
Sexo/Gênero^a			
feminino	0.64	0.70	0.55
masculino	0.61	0.32	0.21
<i>Range</i>	3	38	34
Nível de Escolaridade^b			
Ensino Médio	0.62	0.41	0.29
Ensino Superior	0.63	0.58	0.46
<i>Range</i>	1	17	17
Região de Residência^c			
bairro mais central	0.60	0.52	0.44
bairro mais periférico	0.65	0.48	0.31
<i>Range</i>	5	4	13
Classe Social^d			
A/B1	0.74	0.59	0.46
B2	0.64	0.56	0.53
C1	0.55	0.50	0.25
C2/D	0.58	0.31	0.23
<i>Range</i>	19	28	30

^aInput: 0,371. ^bInput: 0,370. ^cInput: 0,369. ^dInput: 0,371.

A Tabela 4.7 mostra que o padrão de estratificação social no emprego de $[\tilde{e}\tilde{j}]$ se mantém, na maior parte dos casos, nas três faixas etárias. Todos os grupos apresentam curvas ascendentes ininterruptas, exceto pelas mulheres (ver Figura 4.2a), cuja tendência a $[\tilde{e}\tilde{j}]$ parece se retrair na primeira faixa etária. Contudo, a maior tendência de emprego da ditongação pelas mulheres em relação aos homens é observada nas três subdivisões etárias: entre os mais jovens (0.64 vs. 0.61), os de idade intermediária (0.70 vs. 0.32) e os mais velhos (0.55 vs. 0.21). De modo geral, os padrões da comunidade na direção da variante ditongada são bastante consistentes.

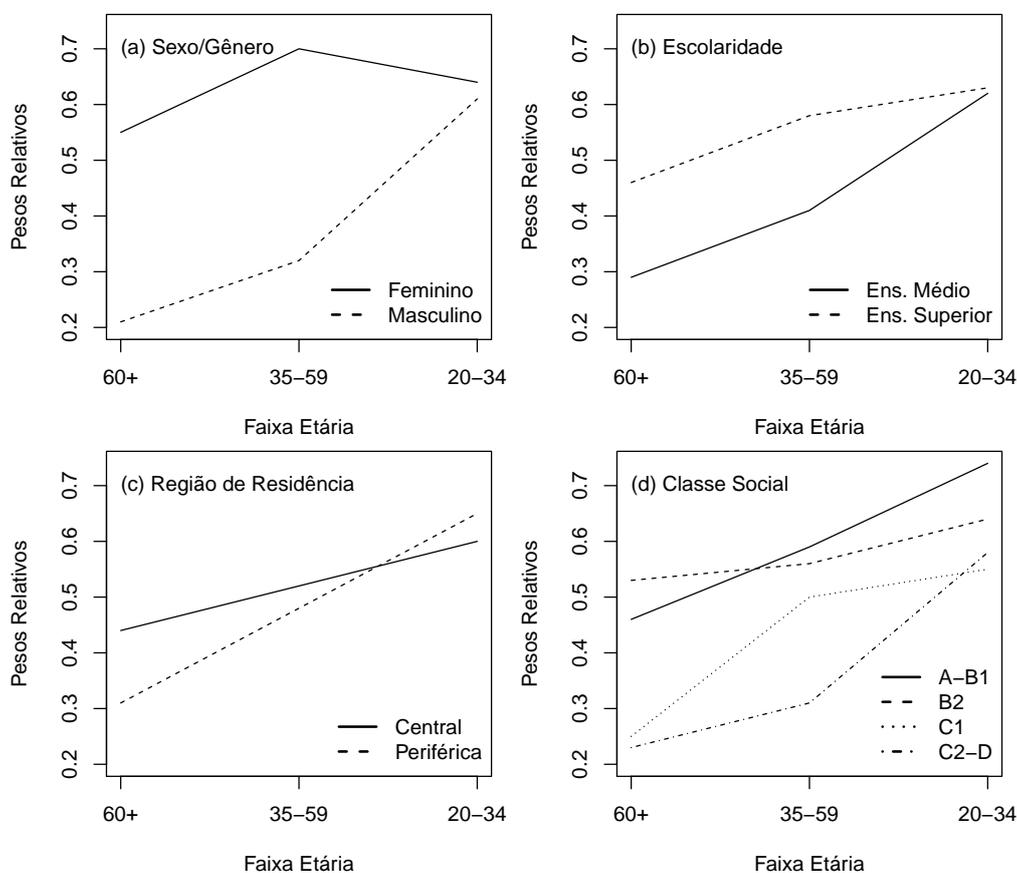


Figura 4.2 Pesos relativos referentes ao emprego de $[\tilde{e}j]$ no cruzamento entre Faixa Etária e (a) Sexo/Gênero; (b) Nível de Escolaridade; (c) Região de Residência; e (d) Classe Social

Por outro lado, tais diferenças se reduzem drasticamente entre os falantes de primeira faixa etária. Na Figura 4.2, a semelhança de tendências na fala dos informantes mais jovens se visualiza pela aproximação das curvas no canto superior direito de cada gráfico (mulheres e homens (a), mais e menos escolarizados (b), habitantes de regiões mais centrais e mais periféricas (c) e diferentes classes sociais (d)).

Análises multivariadas que consideram apenas os dados dos falantes entre 20 e 34 anos (excluindo-se, evidentemente, a variável Faixa Etária) deixam de selecionar Região de Residência, Sexo/Gênero, Escolaridade e Classe Social. As três últimas, como mostrou o subitem anterior, estão entre as mais relevantes para a estratificação social de (\tilde{e}) em São Paulo quando se

considera o conjunto total de falantes. Entre os mais jovens, fatores estilísticos e linguísticos se sobrepõem a diferenciações sociais.

Verifica-se, portanto, que as diferenças entre mulheres e homens, entre mais e menos escolarizados, e entre indivíduos de diferentes classes sociais se neutralizam na primeira faixa etária deste estudo. Resultados semelhantes são reportados por Labov (2001b) a respeito de variáveis fonéticas no inglês da Filadélfia, como (eyC) (*made* ‘feito’, *eight* ‘oito’) e (aw) (*house* ‘casa’, *out* ‘fora’), em mudanças de baixo lideradas por mulheres. A Figura 4.3 é transposta de Labov (2001b:304) e mostra as taxas médias para o fronteamto de (aw) para diferentes grupos etários, separados por Sexo/Gênero.

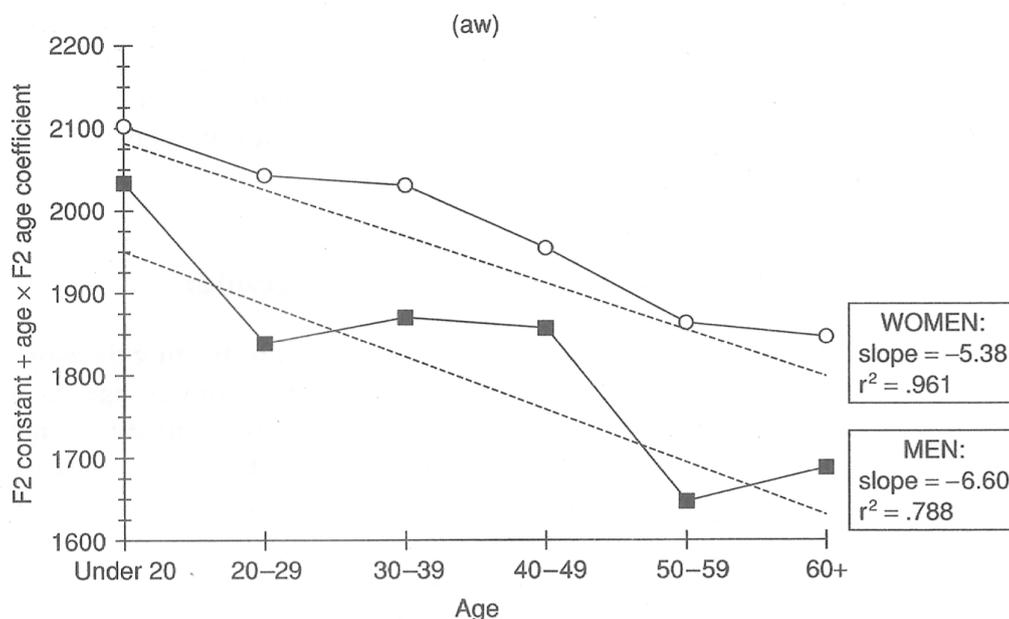


Figura 4.3 Valores de fronteamto de (aw) por década e Sexo/Gênero no Philadelphia Neighborhood Study (Fonte: Labov 2001b:304)

Observe-se que a taxa de mudança entre as mulheres é mais regular do que entre os homens, o que faz da linha de regressão das primeiras (a linha pontilhada superior, $r^2 = 0,961$) mais previsora do que a dos segundos ($r^2 = 0,788$) quanto ao fronteamto de (aw). Em outras palavras, o modelo de regressão linear se aplica mais adequadamente às mulheres, de modo que os valores previstos pelo modelo correspondem mais aproximadamente aos

valores observados nos dados. Nas palavras de Labov (2001b:303), “para as mulheres, há [então] pouquíssima diferença entre empregar Idade como uma variável quantitativa e a análise por década”.⁸ Para os homens, a progressão no tempo é mais complexa, já que passam por períodos de rápida expansão da variante (p.ex., entre os falantes de 50-59 e 40-49 anos, ou entre 20-29 e menos de 20) e outros períodos de relativa estagnação (entre 20-29, 30-39 e 49-49 anos). Além disso, a inclinação da curva para as mulheres (-5.38) é menor do que para os homens (-6.60), o que revela o avanço de fronteamto de (aw) entre os homens mais jovens.

Na presente análise de (ẽ), a reorganização dos dados de acordo com a década de nascimento do falante permite uma observação mais detalhada da progressão de [ẽ̃] ao longo do tempo (aparente) na cidade de São Paulo.⁹ Na Figura 4.4, apresentam-se as taxas de emprego da variante ditongada, divididas por Sexo/Gênero, para datas de nascimento desde 1927 (o informante mais velho da amostra, Eduardo K.) até 1993 (a informante mais jovem, Milena F.). Em geral, os informantes da terceira faixa etária correspondem àqueles nascidos nas décadas de 1920, 1930 e 1940; os de segunda faixa etária àqueles nascidos nas décadas de 1950 e 1960; e os de primeira faixa etária a partir da década de 1970.

Observe-se que, de modo semelhante aos dados de (aw) na Filadélfia (Figura 4.3 mais acima), a progressão de [ẽ̃] é mais regular entre as mulheres, exceto para a última década. Além disso, note-se que as mulheres estão aproximadamente uma geração à frente dos homens, já que apresentam taxas de emprego de [ẽ̃] que só são equiparadas pelos homens cerca de 30 anos depois: esses só atingem a taxa de aproximadamente 35% de ditongação na década de 1960, enquanto as mulheres já empregam a variante nessa proporção nas décadas de 1920-30; a taxa de 40% entre homens em 1980-90 já havia sido ultrapassada pelas mulheres nos anos 1960.

A aproximação de tendências entre os falantes mais jovens, neste caso,

⁸ Tradução própria. Texto original: “there is [then], for women’s use of (aw), very little difference between using age as a single quantitative variable and the decade-by-decade analysis”.

⁹ O reagrupamento dos falantes a partir de sua data de nascimento, em vez de simplesmente empregar faixas etárias mais curtas, é preferível pelo fato de as entrevistas terem sido coletadas ao longo de cinco anos (2009 a 2013). O ano de nascimento é um parâmetro que se aplica objetivamente a todas as gravações, independentemente do ano em que foram coletadas.

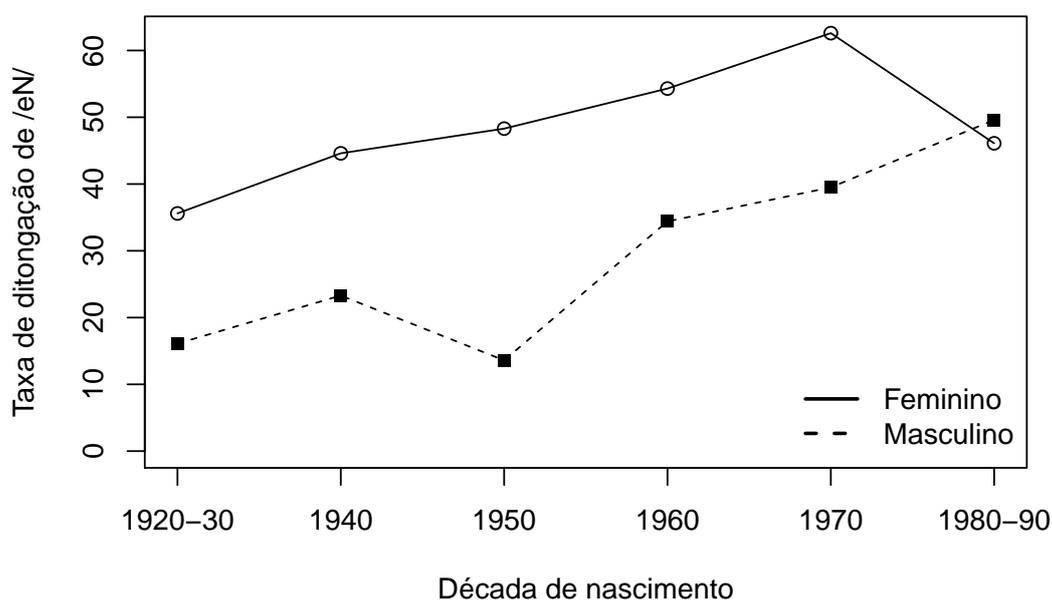


Figura 4.4 Taxas de [ẽj] de acordo com década de nascimento e Sexo/Gênero dos falantes

não se deve a uma aceleração do processo por parte dos homens, como se verificou no estudo laboviano sobre (aw) na Filadélfia, mas por uma aparente retração por parte das mulheres. Não se deve interpretar daí que a direção da mudança esteja em vias de reversão. Labov (2001b: 454) também observa a existência de um pico entre jovens adultos e uma queda entre os falantes com menos de 20 anos (no presente estudo, o pico está entre 20 e 30 anos), e sugere que a mudança pode ter chegado a um limite. Será interessante observar, nos próximos anos e décadas, a progressão da mudança na comunidade paulistana, analisando também o comportamento de falantes mais jovens não incluídos na presente amostra (adolescentes e crianças). Até o momento, a mudança tem progredido vigorosamente.

É possível traçar aqui uma comparação entre o encaixamento de (ẽ) e outros fenômenos variáveis no português paulistano e brasileiro, que diferem quanto ao grau de saliência social e de estabilidade/mudança. Os próximos capítulos mostrarão que as variáveis (-r), (CN) e (CV) se encontram aparentemente em variação estável na comunidade, mas que grupos sociais distintos caminham em diferentes direções em tempo aparente. Enquanto se observa convergência

para (ẽ), para as demais variáveis deste estudo se observa divergência.

A questão de movimentos divergentes numa mesma comunidade é explorada no modelo de *fluxos e contrafluxos* de Naro e Scherre (ver [Naro & Scherre 1991](#); [Scherre & Naro 2006](#); [Naro & Scherre 2013](#)). Os autores questionam a suposição de que a mudança linguística sempre se dá unidirecionalmente, e apresentam exemplos de tendências opostas, em amostras sincrônicas e diacrônicas, quanto aos usos da variante padrão das concordâncias nominal e verbal. Afirmam [Scherre & Naro \(2006: 120\)](#):

[...] o melhor modelo para dar conta da concordância de número no português brasileiro é o modelo de fluxos e contrafluxos, que apresenta a configuração de grupos e de indivíduos transitando por diversas vias linguisticamente bem estruturadas. Este modelo certamente se aplica a *fenômenos sujeitos a estigma*, mas solidamente estruturados. (Grifo acrescido)

O contraste que interessa enfatizar aqui está no fato de que, para a variável (ẽ) em São Paulo, a grande maioria dos falantes não revela uma atitude negativa para com a variante ditongada e tampouco desenvolve um discurso metalinguístico elaborado quanto à variável – diferentemente das avaliações correntes sobre as concordâncias de número e sobre a realização de (-r) em coda silábica. Isto sugere, em complemento à proposta de Naro e Scherre sobre fenômenos sujeitos a estigma, que variáveis abaixo da consciência social devem revelar maior tendência a progredir unidirecionalmente, contanto que não venham a se associar a valores negativos. Se se difundirem na comunidade avaliações como as dos não paulistanos, que consideram [ẽ̃] um modo “feio” ou “forçado” de se falar (excertos (14)–(16), p. 68–70), ou ainda as avaliações de Fernando B. e de Thaissa B. – ainda raras –, que associam a variante a patricinhas (excertos (10)–(11), p. 66–67), é possível que se altere o curso da mudança. A proposta aqui é que se lance um olhar mais atento à avaliação social que os falantes fazem das variantes, para além das impressões do próprio pesquisador, a fim de melhor compreender casos de variação estável ou de mudança em progresso em diferentes comunidades.

4.4 Síntese

O presente capítulo descreve o encaixamento linguístico e social de uma variante que, na comunidade paulistana, não é saliente – a pronúncia ditongada de (ẽ). Não obstante sua baixa saliência, observa-se a preponderância de fatores de natureza social em relação aos de natureza linguística e, entre os primeiros, a importância das variáveis Sexo/Gênero e Faixa Etária. Os resultados de análises quantitativas, juntamente à análise do discurso metalinguístico dos informantes, permite caracterizar este como um típico caso de mudança de baixo, liderado pelas mulheres. No entanto, observa-se também que as diferenças sociais se neutralizam entre os falantes mais jovens.

Com vistas a comparar fenômenos variáveis cujos graus de saliência social e padrões de encaixamento se distinguem, e com vistas a formular generalizações que contribuam para um modelo mais amplo da Teoria da Variação e da Mudança, sugere-se, em complemento ao modelo de fluxos e contrafluxos de Naro e Scherre para fenômenos linguísticos estigmatizados, que processos de variação e mudança abaixo da consciência dos falantes tendem a uma progressão mais vigorosa e unidirecional. A observação da evolução dos padrões sociolinguísticos de (ẽ) nos próximos anos em São Paulo, bem como a análise comparada de outras variáveis e comunidades, permitirão avançar no teste da validade dessa hipótese.

5

A variável (-r)

Verificou-se, no capítulo anterior, que a pronúncia de (ẽ) se encontra em um vigoroso processo de mudança, abaixo da consciência dos falantes, na direção da variante ditongada. O presente capítulo se volta à pronúncia de (-r) em São Paulo, em que predominam as variantes tepe e retroflexa. Tomando a Hipótese da Posteriorização (Callou *et al.*, 2002) como ponto de partida, investiga-se se a realização de (-r) também estaria em processo de mudança. Constata-se, diferentemente, um caso de variação estável quando se considera toda a amostra, mas cruzamentos entre Faixa Etária e variáveis sociais detectam tendências divergentes entre grupos da comunidade. Argumenta-se que as variantes de (-r) estabelecem uma relação mais complexa entre si do que aquela que se descreve com os binômios “padrão/não padrão” ou “estigma/prestígio”, e que as diferentes tendências são mais bem compreendidas quando se leva em conta o *status* relativo de cada variante em diferentes grupos sociais.

5.1 A variabilidade de (-r) e a hipótese da posteriorização

A pronúncia variável de (-r) em coda silábica, em palavras como “porta” e “mulher”, é um dos índices mais salientes de diferenciação dialetal no

português brasileiro (Callou *et al.*, 1996; Mendes, 2010) e tem sido objeto de diversos estudos sociolinguísticos, em diferentes comunidades.¹ Os róticos, com efeito, formam uma classe de sons bastante diversos, que abrangem vibrantes múltiplas e simples, fricativas, retroflexos e realizações vocálicas (Ladefoged & Maddieson, 1996; Lindau, 1980; van Hout & Van de Velde, 2011).

Em um estudo fonético com dados de três línguas indo-europeias (inglês norte-americano, sueco e espanhol) e sete línguas do oeste africano (hausá, degema, edo, ghotuo, calabari, bumo e izon), Lindau (1980) se propõe a buscar um correlato acústico comum a todas as variantes de /R/. A autora conclui que não há um traço fonético único que possa ser nomeado a “essência” da classe dos róticos, e propõe que sejam mais propriamente caracterizados pelo conceito de Wittgenstein de *semelhança de família*. Ladefoged & Maddieson (1996:245), em seu capítulo sobre os róticos, concluem que “a unidade global do grupo parece residir principalmente nas relações históricas entre os subgrupos, e na escolha da letra “r” para representá-los”.² E van Hout & Van de Velde (2011), em introdução a um volume que reúne trabalhos apresentados no primeiro encontro do *r-atics* (Nijmegen, Holanda, maio de 2000),³ explicam que o título do livro e do encontro se refere à natureza camaleônica de /R/, que tem múltiplas variantes e frequentemente se envolve em padrões de variação e mudança.

Desse modo, a principal característica dos róticos é que tendem a alternar entre si. Não causa surpresa, portanto, que a variável já tenha sido objeto de estudos sociolinguísticos vários, tanto no português quanto em outras línguas.⁴ Muitos desses estudos apontam para uma tendência de posteriorização ou enfraquecimento do /R/. Trudgill (1974, *apud* van Hout & Van de Velde

¹ Ver, por exemplo, Brescancini & Monaretto (2008) para os estados do Sul do Brasil; Brandão (2009) e Callou *et al.* (1998) para o estado e a cidade do Rio de Janeiro; Leite (2004, 2010) e Guiotti (2002) para o interior do estado de São Paulo; Oliveira (1983) para Belo Horizonte-MG; Oliveira (1999) para Salvador-BA; Rezende (2013) para o estado de Goiás; Dorneles & Cerqueira (2011) para Rio Branco-AC; Skeete (1997) para João Pessoa-PB, *inter alia*.

² Tradução própria. Texto original: “the overall unity of the group seems to rest mostly on the historical connections between these subgroups, and on the choice of the letter /r/ to represent them all.”

³ Em 2013, o encontro teve sua quarta edição em Grenoble, na França.

⁴ O volume organizado por van Hout & Van de Velde (2011) abriga trabalhos sobre línguas escandinavas, o holandês, o inglês britânico, o alemão, o francês belga e o francês de Montreal. Nagy & Irwin (2010), em seu estudo variacionista sobre o apagamento de /r/ em Boston e vizinhanças, listam estudos em nove outras comunidades da América do Norte.

2011), por exemplo, mapeia a difusão do /R/ uvular na Europa Ocidental, em contraste com a vibrante múltipla [r]. De modo semelhante, Sankoff & Blondeau (2007) reportam a mudança, em tempo real, das variantes apicais [r, r] para as realizações com o traço [-anterior] (fricativa velar [x, ɣ] ou vibrante uvular [R]) no francês de Montreal.

No entanto, há contraexemplos no inglês norte-americano para uma suposta unidirecionalidade de enfraquecimento de /r/ até seu apagamento. Labov (2006 [1966]), em seu estudo sobre o apagamento/vocalização *vs.* a realização de (-r) em Nova Iorque (em sua terminologia, R-0 e R-1, respectivamente), havia sinalizado uma lenta mudança na comunidade na direção da forma de prestígio R-1, tendência que tem se mantido segundo estudos mais recentes (Labov, 1994; Becker, 2009). A “restauração” do (-r) também tem ocorrido em outras localidades do nordeste norte-americano (Nagy & Irwin, 2010), e de forma bastante vigorosa nos estados do sul (Labov *et al.*, 2006: 46–47).

No português brasileiro, a hipótese de posteriorização de /-r/ em coda silábica é defendida por Callou *et al.* (1996, 2002):

[...] a norma da pronúncia do /r/ aponta para um processo de posteriorização, de enfraquecimento de anterior para posterior (velar ou faríngeo), com eventual mudança de modo de articulação de vibrante para fricativa, em posição medial, chegando até a se cancelar, em posição final. (Callou *et al.* 1996: 487.)

Tal observação é feita a partir de um levantamento das realizações de (-r) nas cinco capitais documentadas pelo Projeto NURC (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), em que os autores registram sete variantes: vibrante apical múltipla [r], vibrante uvular [R], fricativa velar [x ɣ], fricativa laríngea/aspirada [h fi], vibrante apical simples/tepe [r], aproximante retroflexa [ɹ] e zero fonético. Com base principalmente nas taxas de emprego dessas variantes, Callou *et al.* (1996) identificam duas zonas dialetais no país, uma em que predominam as variantes com o traço [+anterior] [r r] (Porto Alegre e São Paulo) e outra em que são mais frequentes as variantes [-anterior] [R x ɣ h fi] e o apagamento (Rio de Janeiro, Salvador e Recife).

Em vista de outros processos de posteriorização e enfraquecimento de segmentos consonantais em coda silábica no português brasileiro – a saber, a palatalização e aspiração de /-s/ ($f \rightarrow h$) e a vocalização de /-l/ ($\text{ɫ} \rightarrow w$) –, [Callou et al. \(2002: 544\)](#) postulam a seguinte trajetória para a realização de (-r) no português brasileiro: $r \rightarrow \text{r} \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$. Note-se, contudo, que esse percurso não contém a variante retroflexa. [Rennicke \(2011\)](#), alternativamente, propõe que há duas trajetórias paralelas no português: a primeira, idêntica à de [Callou et al. \(2002\)](#), seria um processo de velarização; a segunda, de retroflexão ($r \rightarrow \text{r} \rightarrow \text{ɹ} \rightarrow \emptyset$). Em qualquer dos dois casos, o português paulistano, se em processo de mudança, estaria em fases intermediárias.

Diversos estudos em diferentes comunidades brasileiras parecem ir ao encontro da hipótese de posteriorização/enfraquecimento de (-r). Para citar apenas três exemplos, comparem-se resultados obtidos em João Pessoa-PB, em cidades do interior fluminense e nos estados do sul. Na primeira localidade, [Skeete \(1997\)](#) contrastou as realizações fricativas (velar e glotal) com as variantes com o traço [+anterior] (tepe, retroflexo e vocalização), e verificou que as últimas são favorecidas pelos homens, analfabetos e mais velhos. Em comunidades do norte e do noroeste do estado do Rio de Janeiro, [Brandão \(2009\)](#) verificou que as variantes [+anterior] (vibrante alveolar, tepe e retroflexo), em contraste com as fricativas e o apagamento, são favorecidas pelos falantes mais velhos, de segunda e terceira faixas etárias; em uma análise que contrapõe a pronúncia retroflexa ao conjunto tepe/vibrante alveolar, o retroflexo é favorecido pelos falantes mais jovens. Com dados do VARSUL, [Monaretto \(1997\)](#) também indica o favorecimento do retroflexo em relação ao tepe pelos falantes mais jovens da amostra. Em cada um desses casos, os mais jovens tendem a favorecer as variantes mais posteriores dentre aquelas disponíveis na respectiva comunidade.

Especificamente para São Paulo, o levantamento de [Callou et al. \(1996, 2002\)](#) nos dados do NURC revela o predomínio do tepe em contexto medial (87%), e do tepe e do apagamento em contexto final (41% e 49%), conforme a Tabela 5.1. As taxas observadas para a variante retroflexa na fala de falantes cultos, na década de 1970, foram bastante baixas: 5% em meio de palavra e 2% em contexto final. Em contexto medial, a análise da perspectiva de

Tabela 5.1 Taxas das variantes de (-r) entre paulistanos cultos na década de 1970, de acordo com Posição da Sílabla no vocábulo
(Fonte: Callou *et al.* 1996 : 467–468)

	Medial	Final
apagamento	2%	49%
aspiração	0%	0%
fricativa velar	2%	0%
vibrante uvular	1%	1%
retroflexo	5%	2%
tepe	87%	41%
vibrante alveolar	3%	7%

emprego do tepe (*vs.* todas as outras realizações) indicou favorecimento da variante pelos falantes do sexo masculino e de segunda faixa etária, em padrão de variação estável.⁵

Análises mais recentes sobre a realização de (-r) como tepe ou retroflexo em São Paulo (Mendes, 2010; Mendes & Oushiro, 2011b) apontaram para o favorecimento da variante retroflexa por falantes do sexo masculino e menos escolarizados. Contudo, tais análises também apresentaram resultados díspares quanto à distribuição de (-r) e quanto a certos condicionamentos. Em uma amostra com 24 falantes paulistanos “prototípicos” – entenda-se, falantes que residem em bairros mais centrais e que se identificam com noções de “paulistanidade” e “cosmopolitismo” –, estratificados de acordo com seu sexo/gênero, três faixas etárias e dois níveis de escolaridade, Mendes (2010) observou uma taxa média de emprego de 12% de retroflexo e um indício de mudança em tempo aparente em favor do tepe. Mendes & Oushiro (2011b), na análise de uma amostra com 48 informantes, estratificados de modo semelhante, constataram, diferentemente, uma taxa de 31% de retroflexo e um indicativo de variação estável na comunidade.

Desse modo, o objetivo aqui é o de buscar maiores evidências para a estabilidade ou não da pronúncia de (-r) em um *corpus* mais abrangente.

⁵ Para os dados de (-r) final, a análise de Callou *et al.* (1996) foi realizada sob a perspectiva do apagamento *vs.* realização. Nessa análise, também se observou um padrão de variação estável, e favorecimento do apagamento entre as mulheres.

Entretanto, a compreensão dos movimentos que se vislumbram na comunidade, conforme se reportam nos itens 5.3 e 5.4 adiante, deve antes passar por um exame das avaliações dos paulistanos sobre as variantes.

5.2 Avaliações sobre o tepe e o retroflexo

A saliência das variantes de (-r) constitui verdadeiro *shiboleth*⁶ que identifica a origem dos falantes no português brasileiro. A cidade de São Paulo, mais do que qualquer outra no país, é aquela em que possivelmente todas as variantes de (-r) estão em contato.

No roteiro de entrevista sociolinguística, após a leitura da lista de palavras, o documentador perguntava ao informante como um carioca e uma pessoa do interior do estado falariam algumas delas (ver Anexo A, Roteiro, p. 358–359). Como o informante tem a possibilidade de escolher os itens lexicais, assume-se que a própria seleção por parte do falante revela os traços fonético-fonológicos mais salientes para a diferenciação dialetal. A pergunta sobre o português carioca foi feita para 63 informantes, e a pergunta a respeito dos interioranos foi feita para 61. A Figura 5.1 mostra os itens lexicais mencionados mais frequentemente (por pelo menos cinco falantes diferentes) para ambas as variedades.

É certo que existe uma preferência pelas primeiras palavras da lista, organizada em ordem alfabética: *alma*, *amargo*, *argola*, *barqueiro*, *biscoito*, *carteiro*... No entanto, interessa também notar que algumas das palavras no topo da lista *não* se encontram entre as mais frequentemente eleitas pelos falantes: *animação*, *atitude*, *cacique*, *chácara*. Não se trata, portanto, de uma seleção que se baseia simplesmente na ordem em que as palavras foram apresentadas; os falantes buscam, ativamente, aquelas que contêm os traços linguísticos mais salientes que os diferenciam de um *outro* geográfico.

Em relação aos cariocas, as palavras mais frequentemente citadas são aquelas que contêm (-r) e/ou (-s) em coda silábica: *biscoito* (19), *amargo* (17), *argola* (15), *barqueiro* (14). Dos 63 informantes, 22 mencionam explicitamente

⁶ Palavra hebraica que, segundo o Velho Testamento (Juízes 12: 1–15), era utilizada pelos soldados de Jefté para identificar os efrimitas, que a articulavam como *siboleth*.

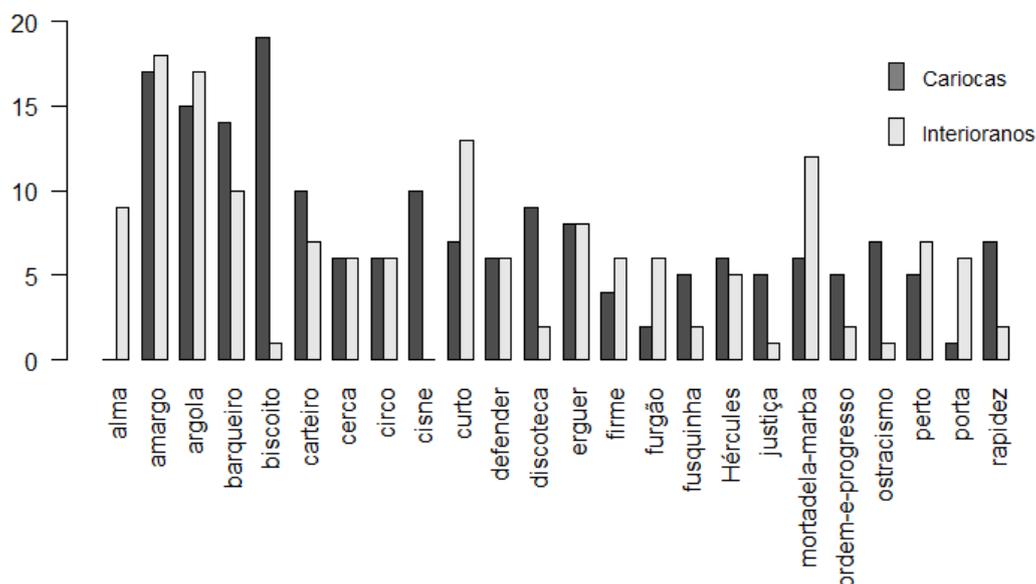


Figura 5.1 Palavras mais frequentemente mencionadas pelos informantes para diferenciação entre o português paulistano e o português de cariocas/interioranos

o (-r) aspirado, e 16 o (-s) chiante:⁷

- (1) ☉ D1: *e um carioca assim?... a senhora sabe?*
 S1: *ah eh... eh... “amargo” [ɐmaRgũ] ... “argola” [axgɔlɐ] ... “barqueiro” [baxkejɾu] ... “biscoito” [biʃkojtũ] ... eh “erguer” [exgex] ...*
 D1: *ah entendi*
 S1: *por aí o erre forçado né? (Ethel M., F3SP)*
- (2) ☉ D1: *e um/ um carioca falaria como?*
 S1: *[...] “justiça” [ʒuʃtʃise] ... “justiça” [ʒuʃtʃiʔse] (pode) colocar uns quinze esses aqui né pra falar... né... “amargo” [ɐmahgũ] ... “amargo” [ɐmahgũ] ... “argola” [ɐhgɔlɐ] ... “barqueiro” [bahkejɾu] o erre e o esse são marcas assim do carioca né... (William A., M2SP)*
- (3) ☉ D1: *e... o carioca?... como é que o carioca falaria aí?*
 S1: *ah o... a gente/ eh a gente é o contrário né? a gente gosta do do erre e ignora o esse*
 D1: *é*
 S1: *o carioca gosta do esse e ignora o erre né*
 D1: *aham*
 S1: *“eu curto” [ɾ] ele fala (o paulista/) o carioca fala “eu curto” [ewkutũ]*

⁷ Outros comentários metalinguísticos incluem o alongamento de vogais, o falar “arrastado” e o vocábulo “mesmo”, pronunciado com a aspiração de /-s/.

... “*eu curto*” [ewku:tʊ]
 D1: *aham*
 S1: *nem deu o erre né*
 D1: *aham*
 S1: “*essa cerca aí essa cerca*” [ɛsɐ'seka,i ɛsɐ'sekɐ]
 D1: *aham* [risos]
 S1: [risos] “*vamos pro circo*” [vampʊ'si'vku] [...] *em compensação o esse né?*
 D1: *o esse... como é que... ficaria uma/ alguma palavra dessa aí?*
 S1: *deixa eu ver (vai) “discoteca”* [ʤi'kotekɐ] “*cisne*” [ʃi'ni] ... “*cisne*” [ʃi'ni] ... [risos] “*biscoito*” [bi'kojtʊ] [risos] (Fabio S., M1SP)

Para identificar interioranos, as palavras com (-s) (*biscoito*, *discoteca*, *ostracismo*, *fusquinha* etc.) não são mencionadas na mesma frequência. Em lugar delas, apresentam-se quase que invariavelmente aquelas com (-r): *amargo* (18), *argola* (17), *curto* (13), *mortadela marba* (12), *barqueiro* (10).⁸

- (4) ☉ D1: *e alguém do interior você saberia me dar um exemplo? assim... alguém...*
 S1: *ah tem (ixe) eu acho que em Ribeirão Preto não é?... Campinas (falaria) “gordo”* [goɾdu] ... *falaria “gordo”* [goɾdu] *falaria...* “*carteiro*” [ka.ɾtejrʊ] ... “*curto*” [kuɾtu] ... *puxaria o erre eu acho né...* (Fernanda T., F1SC)
- (5) ☉ D1: *e... e no interior de São Paulo como que falaria?*
 S1: *no/ no interior* [ɾ] ... *é “ordem e progresso”* [ɔɾdĩp.ɾogɾɛsu]
 D1: [risos]
 S1: *é “perto”* [pɛɾtu] ... “*olha o porto aí*” [ɔɿpoɾtai] ... “*entretenimento*” [ẽtɛ.ɾtenimẽtu] *eh dá/ dá uns erre diferente aí* (Daniel C., M1MP)

Além dessas, o vocábulo “*alma*” também é mencionado em relação ao rotacismo:

- (6) ☉ D1: *você acha que... eh como que você acha que uma pessoa do interior... falaria alguma dessas palavras aí?*
 S1: “*alma*” *fala “arma”* [a.ɿmɐ] ... “*arma*” [aɿmɐ]
 D1: “*arma*” [risos]
 S1: *é tudo com erre...*
 D1: *ahn*
 S1: *é... é bem assim... eles colocam muito erre no... na onde não é sabe?*

⁸ Também se mencionam, com menor frequência, a marca zero de concordância, o não acentamento de /e/ pós-tônico, a simplificação de *cluster* consonantal (“zeba” para “zebra”), e os itens “uai” e “ocê”.

D1: *uhum*

S1: *onde tem o ele assim... e assim acho que é isso mesmo...* (Samanta V., F1MP)

Em todas essas realizações de (-r), empregou-se o retroflexo, chamado por linguistas e leigos de “r caipira” (Amaral, 1920; Silva Neto, 1960; Head, 1987; Leite, 2004; Brandão, 2007; Rennicke, 2011). A maior parte dos trabalhos sobre a variante faz referência à sua estigmatização. Em um estudo sobre atitudes linguísticas entre falantes oriundos de São José do Rio Preto (interior de São Paulo), todos estudantes da Universidade Estadual de Campinas, Leite (2004) mostra que há maior frequência de emprego do retroflexo entre os alunos ingressantes, e aumento relativo de realizações vocálicas e da aproximante alveolar entre os concluintes. De acordo com a autora, os próprios informantes mencionam ter sido alvos de provocações por parte de colegas em razão da pronúncia retroflexa de (-r), avaliam-na negativamente como “feia, puxada, carregada”, e sinalizam um desejo de alterar sua pronúncia para se aproximar de um padrão campineiro que seria “intermediário” e “ideal”. Em sua tese de doutorado, contudo, Leite (2010) contraria a hipótese de que a pronúncia campineira seria menos retroflexa em comparação com a de outras cidades do interior.

Vale lembrar as já conhecidas palavras de Amadeu Amaral sobre a influência do dialeto caipira no falar da “minoría culta” da capital da província, que, à época do Império, trouxe resistências à criação de cursos de Direito em São Paulo por receio de contaminar o linguajar dos futuros bacharéis: “Foi o que criou aos paulistas, há já bastante tempo, a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios vícios de linguagem” (Amaral, 1920: 1). Antes de constituir uma inovação recente no português paulistano, a melhor leitura é a de permanência: o retroflexo, nesse interlúdio de pouco mais de um século, provavelmente nunca deixou de existir na cidade.

De fato, uma série de estudos atesta a vitalidade da variante retroflexa e sua ampla extensão territorial, que não se restringe ao interior de São Paulo e arredores (Brandão, 2007). A presente pesquisa também testemunha a forte presença da variante na cidade de São Paulo, na fala de seus nativos. Além de seu encaixamento social e linguístico, discutido adiante, interessa saber

qual é a avaliação que os habitantes da cidade dela fazem.

A sentença-alvo “a porta tá aberta”, em que os segmentos de (-r) deveriam ser pronunciados como retroflexo, foi apresentada a 28 informantes da amostra. Diferentemente do que ocorreu com [ẽj̃], foram poucos os paulistanos que não comentaram especificamente a realização de (-r). Com base em suas avaliações, criou-se a nuvem de palavras da Figura 5.2. Nela, claramente salta aos olhos a principal noção associada ao retroflexo: “interior”. A mesma associação geográfica aparece em outras conceitualizações mais específicas: “interior de São Paulo”, “São Bernardo”, “Campinas”, “Sorocaba”, “mineiro”.



Figura 5.2 Nuvem de palavras associadas à sentença “a porta tá aberta”, realizada com /r/ retroflexo

- (7) ☉ D1: *e o que que a senhora acha de “a porta [ɹ] está aberta”? [ɹ]*
 S1: *eh isso aí é um sotaque nosso caipira né?... que a gente... porque a/ aqui São Paulo a gente tem... muita mistura mais com o italiano né?... ah a força do italiano... então a gente tem bastante... ahn... essa influência... agora esse aí é bem o o... o interior de São Paulo né?*
 D1: *uhum e a senhora fala assim?*
 S1: *não porque jus/ a gente não... não tinha... parentes... no interior (Iara M., F3SP)*
- (8) ☉ D1: *e quem fala assim... “a porta [ɹ] (es)tá aberta”? [ɹ]*
 S1: *então “porta” [ɹ] é interior né mas é aí que está tem/ tem interior... é mais acho que interior de São Paulo e de Minas né mineirinho... que fala também assim né (José N., M2SP)*

- (9) Ⓣ D1: *e “a porta [ɹ] (es)tá aberta”?* [ɹ]
 S1: *ah não vejo problema nenhum*
 D1: *é? e quem que fala assim?*
 S1: *interior com certeza* (Renata C., F2MC)

Os paulistanos, de modo geral, não se reconhecem na articulação retroflexa. Isso talvez se deva ao modo como foi apresentada a sentença-alvo, de maneira exagerada – ou seja, pode ter sido decorrência do próprio desenho do roteiro de entrevistas. No entanto, dada a ampla presença de migrantes em São Paulo, a eventual ocorrência de retroflexos na cidade também é frequentemente atribuída a eles:

- (10) Ⓣ D1: *e... as pessoas que falam... ahn “a porta [ɹ] está aberta”?* [ɹ]
 S1: *isso parece um sotaque interiorano de gente que veio do interior... como São Paulo é um polo de atração de gente de tudo quanto é canto... todos os sotaques você é capaz de ouvir aqui* (Romulo S., M3MC)
- (11) Ⓣ D1: *e que que você acha da “porta [ɹ] (es)tá aberta”?* [ɹ]
 S1: [risos] *ah vem do interior*
 D1: *é*
 S1: *“leite quente faz mal pros dente”*
 D1: [risos] *e você acha que em São Paulo alguém fala assim?*
 S1: *não t/ t/ tem poucas pessoas que que vieram do interior que vieram de determinada região... que... tem talvez... que falam sim... claro... é que é que São Paulo... tem muito... eh uma... como que é mesmo eh... tsc... uma variedade de culturas de de de religiões de... tudo se encontra em São Paulo né você encontra... gente de tudo que é parte desse planeta você encontra aqui... (então) é um negócio bem misturado* (Mauricio B., M2MC)

A caracterização de São Paulo como um lugar de “mistura” (ver Capítulo 1, p. 8) também permite o não reconhecimento do retroflexo como uma das variantes de seus falantes nativos. Para muitos – sobretudo residentes de bairros mais centrais –, quando se ouve o retroflexo em São Paulo, é porque se está diante de um migrante. Há apenas alguns poucos paulistanos que não diferenciam a variante drasticamente em relação ao tepe ou que reconhecem empregá-la.

- (12) Ⓣ D1: *e “a porta [ɹ] (es)tá aberta”?* [ɹ]

- S1: *ai eu acho que é um paulistano com pezinho no interior assim*
 D1: *com pezinho no interior*
 S1: *é é... que nem eu às vezes solto isso “a porta [ɹ] (es)tá aberta” [ɹ] eu falo muito (assim) (Tatiana M., F1SP)*
- (13) ☉ S1: *eu puxo bastante... “a porta [ɹ] (es)tá aberta” [vocalizado] [risos] ... a minha língua até trava... mas depende da pessoa... tem pessoas que falam direitinho e não puxa nada então... acho que vai... de paulistano pra paulistano né?*
 D1: *ah entendi... você fala de qual jeito?*
 S1: *eu falo “a porta [ɹ] está aberta” [ɹ] [risos]*
 D1: *mas você acha que por exemplo “a porta [ɹ] (es)tá aberta” [ɹ] é típico de São Paulo?*
 S1: *eu acho que... é... eu acho que é sim... é porque tem muitas raça junto né?... o paulistano só tem vários... então acaba surgindo um sotaque diferente do outro (Milena F., F1MC)*

Em (14) abaixo, a documentadora apresenta a sentença-alvo com o tepe, mas ela é repetida pelo informante com uma aproximante alveolar; o (-r) do interior, por sua vez, é realizado com uma aproximante retroflexa. Segundo Lucas S., a diferença entre o (-r) do interior e o da capital é uma questão de grau de retroflexão.

- (14) ☉ D1: *e do eh “a porta [r] (es)tá aberta” [r]*
 S1: *“a porta [ɹ] (es)tá aberta” [ɹ] ... então isso é que é aquela coisa como/ como em São Paulo tem muita/... muita gente de todo lugar vem pra cá... São Paulo mesmo eu acho que ele foi construído a maior parte dos interiores que vêm então essa coisa do interior de falar “porta” [ɹ]*
 D1: *uhum*
 S1: *a gente tem só que diminuiu então ficou “porta” [ɹ] (Lucas S., M1MC)*

A sentença-alvo “a porta tá aberta” foi apresentada com a articulação tepe para 55 informantes. De seus comentários metalinguísticos, criou-se a nuvem de palavras na Figura 5.3. Em contraste com a pronúncia retroflexa, a associação mais frequente, nesse caso, é com “paulistanos”.

- (15) ☉ D1: *eh e “a porta [r] (es)tá aberta”?* [r]
 S1: *São Paulo*
 D1: *você fala assim?*
 S1: *“a porta [r] (es)tá aberta” [r] ... falo (Renata C., F2MC)*



Figura 5.3 Nuvem de palavras associadas à sentença “a porta tá aberta”, realizada com /r/ tepe

Todavia, notem-se outros dois tipos de comentários bastante frequentes para essa sentença-alvo: aqueles sobre o verbo “estar” e os que a caracterizam como um modo “normal” de se falar. Este último pode ser entendido de duas maneiras: como a “norma” local, portanto, forma prototípica paulistana, ou como “nada de diferente que valha comentário”. Essas acepções são exemplificadas nos exemplos (16) e (17). No entanto, elas não são diferenciadas na nuvem de palavras pois a distinção nem sempre é clara, e parecem decorrer uma da outra.

- (16) ☉ D1: *e... o que você acha desse jeito de falar “a porta [r] (es)tá aberta”?*
[r]
S1: *“a porta [r] (es)tá aberta”?... [r] é o típico paulistano falando... normal*
(Sonia L., F1SC)
- (17) ☉ D1: *e quando falam assim “a porta [r] (es)tá aberta”? [r]*
S1: *“a porta [r] (es)tá aberta”? [r]*
D1: *o que você acha desse modo de falar?*
S1: *“a porta [r] (es)tá aberta” [r] é o... o que que eu posso te dizer disso?*
D1: *você não achou nada?*
S1: *não acho nada porque é o/ acho que é o normal... é ou você fala “a porta [r] (es)tá aberta” [r] ... é um jeito de você estar falando como que a porta está ou você podia falar essa porta estava fechada né? então... que mais?* (Jandira F., F2MC)

No caso de “estar”, trata-se de metacomentários sobre a redução do verbo:

- (18) ☉ D1: *e o que você acha de... “a porta [r] (es)tá aberta” [r]*
 S1: *errado... nós falamos... ah “a porta (es)tá aberta” mas é errado é isso que eu te falo você come palavra*
 D1: *como seria o certo?*
 S1: *eu acho que seria “a porta está aberta” [verbo ‘estar’ pleno] ... certo?... mas a gente eh eh/ acho que é a pressa... né? (Angelica L., F3MP)*
- (19) ☉ D1: *e “a porta [r] (es)tá aberta”?* [r]
 S1: *(es)tá ok mas ainda (es)tá bem popular né?... porque o certo seria “a porta está aberta” [verbo ‘estar’ pleno]*
 D1: *uhum*
 S1: *mas a gente fa/ popularmente falando pode (Madalena M., F2SP)*
- (20) ☉ D1: *e falar “a porta [r] (es)tá aberta” [r] que que você acha?*
 S1: *ah isso é difícil você ver falar “a porta (es)tá aberta” não “tá tá” ... (es)tá cheio né... o “tá” e o “né” [...] agora tem uns que já (es)tão querendo mudar em vez de falar “né” fala “não é”... né então pelo menos deixar de fazer a contração... né e (es)tão verbalizando as duas palavras... não é mas (es)tá acontecendo (William A., M2SP)*

Neste ponto, é importante lembrar que as sentenças foram deliberadamente construídas de modo a não focar diretamente os fenômenos linguísticos sob análise, e que desvios desse foco também dão pistas da saliência social das variantes. Ora, os frequentes comentários sobre o verbo “estar”, em vez do tepe, indicam que não há o que se falar sobre o (-r) nesses casos. Assim como na ausência de comentários metalinguísticos sobre o [ẽ̃], o silêncio de alguns informantes sobre o tepe é revelador.

O que daí se depreende é que a relação entre o retroflexo e o tepe – e entre pares de variantes sociolinguísticas, em geral – não é simétrica e, portanto, não necessariamente forma um par de oposição como “padrão/não padrão”, “prestígio/estigma”. Não se questiona aqui a validade desses conceitos,⁹ mas sim se aponta para uma armadilha criada pelos próprios artifícios analíticos empregados pelos sociolinguistas nas análises de correlação binomiais, que por vezes mascaram relações mais complexas. O presente estudo, de fato, não se esquivava desse artifício (tepe *vs.* retroflexo, [ẽ] *vs.* [ẽ̃]), marcação

⁹ Para uma crítica dos conceitos “padrão/não padrão/prestígio/estigma”, ver Coupland (2007: 42–47).

zero ou explícita de número...)¹⁰ A questão aqui é a relação entre teoria e método, que não deve ser invertida: a primeira deve guiar a segunda, e não o contrário. Em outras palavras, a análise binominal não deve dar a ilusão de que o valor social das variantes se estabelece apenas entre si. Desse modo, na interpretação dos resultados, parece mais útil não pensar em termos binários, mas sim considerar uma determinada variante como *default*, não marcada, a partir da qual *múltiplas* outras variantes estabelecem “outros” linguísticos. No caso do (-r), com suas várias realizações, isso se torna patente.

5.3 Análise multivariada

As ocorrências de (-r) nesta amostra (N = 68.764) foram codificadas de acordo com as variantes na Tabela 5.2, que também apresenta suas respectivas proporções.

Tabela 5.2 Distribuição geral das ocorrências de (-r) na amostra (N = 68.764)

Codificação	%
tepe/trill	29,2
aproximante retroflexa/alveolar	14,1
fricativa (velar ou glotal)	0,4
apagamento	56,3

Ocorrências de palavras estrangeiras (p.ex., *Big Brother*, *outdoor*, *over*, *Museu d’Orsay*), em sua maioria inglesas, foram codificadas separadamente e posteriormente descartadas, uma vez que é difícil determinar se o eventual emprego de retroflexo se deve a uma breve alternância de códigos. De modo semelhante, foram retiradas do arquivo de dados ocorrências metalinguísticas, em que o falante exemplifica diferentes modos de falar (p.ex., “carioca fala po[x]ta”). Também foram excluídos os casos de (-r) em final de palavra seguidos de vogal (p.ex., *por exemplo*, *por isso*, *contar uma estória* etc.), já

¹⁰ Ao mesmo tempo, é importante lembrar que nem todos os trabalhos variacionistas analisam variáveis binomiais. Labov (2008 [1963]), por exemplo, em seu estudo pioneiro em Martha’s Vineyard, diferencia inicialmente seis graus de centralização de (ay) entre um núcleo mais aberto [a] e um mais centralizado [ə].

que não mais se caracterizam como em contexto de coda silábica, mas sim de /r/ pré-vocálico.

O apagamento de (-r) representa a maior parte dos dados (56,3%) e se refere principalmente a ocorrências do morfema de infinitivo (p.ex., *falar*, *comer*).¹¹ Por sua vez, as variantes fricativas de (-r) (velar ou glotal, surda ou sonora), embora presentes na fala de paulistanos nativos, são pouquíssimo expressivas (0,4%) e podem ser consideradas bastante marginais. Esta análise se debruça, então, sobre os dados de tepe e de retroflexo em coda silábica, tanto em contexto medial (p.ex., *porta*) quanto final (p.ex., *mulher*), que parecem ser as variantes paulistanas mais salientes para indexação de identidades sociais. Consideram-se “tepe” tanto a vibrante múltipla [r] quanto a vibrante simples [r], e “retroflexo” tanto a aproximante alveolar [ɻ] quanto a aproximante retroflexa [ɻ̠], indistintamente.

Da amostragem de 50 dados por falante (ver Capítulo 3, p. 53), acrescida dos dados de leituras (lista de palavras, notícia de jornal e depoimento), obtém-se a seguinte distribuição dos dados:

Tabela 5.3 Distribuição geral de tepes e retroflexos nos dados analisados

	Retroflexo	%	Tepe	%	Total
conversação	1.882	31,9	4.018	68,1	5.900
depoimento	217	29,0	532	71,0	749
jornal	238	40,2	354	59,8	592
lista de palavras	274	13,8	1.711	86,2	1.985
Total	2.611	28,3	6.615	71,7	9.226

Além de Falante (efeito aleatório), Estilo e as variáveis sociais descritas no Capítulo 3, p. 59 (Sexo/Gênero, Faixa Etária/Idade, Nível de Escolaridade, Região de Residência, Classe Social/Índice Socioeconômico, Origem dos Pais e Mobilidade), a análise multivariada examinou correlações com as variáveis linguísticas do Quadro 5.1.

¹¹ O apagamento de (-r) não é tratado aqui. Ver Oushiro & Mendes (2014) para uma análise dessa variável em São Paulo. Enquanto o apagamento de (-r) em verbos no infinitivo parece ser uma pronúncia não marcada na comunidade, seu apagamento em substantivos (p.ex., açúca(r), mulhe(r)) parece ser socialmente estigmatizado. Ao mesmo tempo, a realização do morfema (-r) em verbos no infinitivo, embora infrequente, também é portadora de significados sociais.

Contexto Fônico Precedente	[a, e, ε, i, o, ɔ, u]
Contexto Fônico Seguinte	[b, d, g, p, t, k, ʧ, ʃ, ʒ, ʧ̃, f, v, s, z, l, m, n, h] ou pausa
Tonicidade da Sílabas	tônica: “ <i>porta</i> ” átona: “ <i>portão</i> ”
Posição da Sílabas	medial: “ <i>ergue</i> ” final: “ <i>mulher</i> ”
Classe Morfológica	substantivo: “ <i>irmão, liberdade</i> ” adjetivo: “ <i>perto, vermelha</i> ” advérbio: “ <i>melhor, normalmente</i> ” verbo-raiz: “ <i>conversar, perde</i> ” morfema de infinitivo: “ <i>conversar</i> ” conjunção/preposição/marcador conversacional: “ <i>porque, por causa, certo</i> ”
Item lexical (efeito aleatório)	

Quadro 5.1 Variáveis linguísticas da análise de (-r)

De modo semelhante à análise de (ẽ), Contexto Fônico Precedente e Contexto Fônico Seguinte foram inicialmente codificadas de modo detalhado e posteriormente analisadas em subclasses de segmentos: pelos traços [\pm alto] e [\pm anterior] para a vogal precedente, e por Ponto de C (Clements & Hume, 1995), [\pm sonoro] e [\pm contínuo] para contexto seguinte. Essas variáveis analisam possíveis processos de assimilação com a aproximante retroflexa, que, em relação ao tepe, é um segmento [-alto], [-anterior], [+sonoro] e [+contínuo]. Quanto a Ponto de C, ambas são [+coronal]. Tonicidade e Posição da Sílabas também investigam condicionamentos fonológicos para a articulação de (-r), e Classe da Palavra analisa a influência da morfologia. Se se trata de um processo de enfraquecimento (Callou *et al.*, 1996, 2002), pode-se esperar que o retroflexo seja favorecido em sílabas átonas, em posição final e em palavras mais gramaticais (conjunções, preposições e marcadores conversacionais). Dentre essas variáveis, não são selecionadas como relevantes para a variação de (-r) o Contexto Fônico Precedente definido pelo traço [\pm anterior] e o Contexto Fônico Seguinte de acordo com o traço [\pm contínuo] (Tabela 5.4).

A Tabela 5.5 apresenta os resultados das variáveis linguísticas incluídas na

Tabela 5.4 Variáveis linguísticas não correlacionadas com (-r)
(N = 9.226; [ɹ] = 28,3%)

	P.R.	% [ɹ]	N-Total
Contexto Fônico Precedente [\pm anterior] ^a			
[+anterior]	[0.51]	30,6	3.469
[-anterior]	[0.50]	26,9	5.757
Contexto Fônico Seguinte [\pm contínuo] ^b			
[+contínuo]	[0.49]	30,0	2.829
[-contínuo]	[0.51]	27,5	6.397

^a Input: 0,222. ^b Input: 0,223. [] indicam a não seleção da variável como significativa.

mesma análise multivariada, de acordo com a ordem em que foram selecionadas pelo Rbrul. Quanto ao Contexto Fônico, a pronúncia retroflexa é favorecida quando o (-r) é precedido por vogal [-alta] (P.R. 0.63) e seguido de consoante [+coronal] (P.R. 0.55), o que aponta para uma forte tendência à assimilação com a vogal que precede (-r) e, em menor medida, com a consoante seguinte. É interessante notar a correlação com consoantes [+coronal], não esperada, visto que o tepe também compartilha esse traço. O traço de sonoridade também é relevante, com favorecimento do retroflexo quando seguido de consoantes com o traço [+sonoro] (P.R. 0.56; ver Tabela 5.6 adiante).

A variável Classe da Palavra foi reorganizada em três fatores: verbo (raiz) + advérbios, substantivos + adjetivos, e conjunção/preposição + verbo (morfema de infinitivo) ($\chi^2 = 5,84(3)$, $p > 0,10$). O retroflexo é mais favorecido em palavras menos gramaticais (verbos/advérbios: P.R. 0.66; substantivos/adjetivos: P.R. 0.49) em relação a palavras mais gramaticais e o morfema de infinitivo (P.R. 0.43), bem como em sílabas tônicas (P.R. 0.55) em relação a átonas (P.R. 0.46).

Esses resultados sinalizam que é necessário diferenciar os processos de posteriorização e de enfraquecimento. Como visto na seção 5.1, Callou *et al.* (1996, 2002) entendem que a variável (-r) no português brasileiro estaria sofrendo ambos os processos simultaneamente. Contudo, ainda que [ɹ] seja um segmento [-anterior] do que [r], o fato de ser favorecido em segmentos que tendem a ter proeminência prosódica na sentença (sílabas tônicas e

Tabela 5.5 Tendências de emprego de [ɹ] de acordo com variáveis linguísticas (1)
(N = 9.226; [ɹ] = 28,3%)

	P.R.	% [ɹ]	N-Total
Contexto Fônico Precedente [± alto]			
[-alto]	0.63	37,9	3.466
[+alto]	0.42	22,6	5.760
<i>Range</i>	<i>21</i>		
Classe da Palavra^a			
verbo (raiz) + advérbio	0.66	39,5	1.119
substantivo + adjetivo	0.49	29,4	6.356
conjunção/preposição + morfema de infinitivo	0.43	17,2	1.751
<i>Range</i>	<i>23</i>		
Tonicidade da Sílabas			
tônica	0.55	34,0	4.591
átona	0.46	22,6	4.635
<i>Range</i>	<i>9</i>		
Contexto Fônico Seguinte (Ponto de C)			
[+coronal]	0.55	34,6	4.832
[-coronal]	0.44	21,3	4.394
<i>Range</i>	<i>11</i>		
Posição da sílaba			
final	0.60	36,5	1.843
medial	0.48	26,3	7.383
<i>Range</i>	<i>12</i>		

Input: 0,203. ^a $\chi^2 = 5,84(3)$, $p > 0,10$

palavras menos gramaticais, sobretudo verbos) indica que se trata antes de um processo de fortificação do que de lenição – ou seja, no português paulistano não se verifica enfraquecimento, apenas posteriorização. Desse modo, parece ser mais adequada a proposta de Rennieke (2011) de diferenciação entre os processos de velarização e de retroflexão para caracterizar as alternâncias de (-r) nos dialetos do português. No português de São Paulo, ocorre o segundo, e não o primeiro.

A variante também é favorecida quando está na posição final da palavra (P.R. 0.60), resultado previsto pela hipótese de enfraquecimento. Contudo, nesse caso, (-r) se comporta de modo semelhante ao apagamento (ver Callou *et al.* 1996; Oliveira 1999), de modo que tal tendência pode ser explicada pela

Tabela 5.6 Tendências de emprego de [ɹ] de acordo com variáveis linguísticas (2)
(N = 9.226; [ɹ] = 28,3%)

	P.R.	% [ɹ]	N-Total
Contexto Fônico Seguinte (sonoridade)			
[+sonoro]	0.56	30,7	4.148
[-sonoro]	0.45	26,3	5.078
	<i>Range</i>	<i>11</i>	

Input: 0,205.

trajetória de retroflexão [r → r → ɹ → ∅].

Similarmente à análise de (ẽ) do capítulo anterior, as variáveis externas são aquelas que, em geral, apresentam correlações mais fortes do que as variáveis linguísticas. Para as variáveis sociais, realizaram-se amalgamações em Mobilidade ($\chi^2 = 0,004(1)$, $p > 0,99$), Classe Social ($\chi^2 = 0,32(1)$, $p > 0,50$), Origem dos Pais ($\chi^2 = 0,41(1)$, $p > 0,50$) e Estilo ($\chi^2 = 0,94(2)$, $p > 0,50$). Esta última (Tabela 5.7) foi analisada em um modelo que incluiu as variáveis estratificadoras da amostra e todas as variáveis linguísticas, exceto Classe da Palavra, da qual não é independente nesta amostra (não há conjunções e preposições nas leituras).

Tabela 5.7 Tendências de emprego de [ɹ] de acordo com Estilo
(N = 9.226; [ɹ] = 28,3%)

	P.R.	% [ɹ]	N-Total
Estilo			
conversação + jornal + depoimento	0.58	32,3	7.241
lista de palavras	0.24	13,8	1.985
	<i>Range</i>	<i>34</i>	

Input: 0,188. $\chi^2 = 0,94(2)$, $p > 0,50$.

Diferentemente da hipótese que se aventou no início das análises, não se observam tendências graduais de emprego de retroflexo de acordo com as categorias Conversação > Depoimento > Notícia de Jornal > Leituras, uma vez que a leitura da notícia de jornal e do depoimento favorecem o emprego

de retroflexo tanto quanto a conversação na entrevista (P.R. 0.58). Por outro lado, a leitura da lista de palavras se destaca pelo forte desfavorecimento do retroflexo (P.R. 0.24). No estilo em que se espera o maior grau de monitoramento, os falantes apresentam forte tendência de evitar o retroflexo e a favorecer o tepe, o que é indicador de seus graus de prestígio *relativos* na comunidade (maior para o tepe, menor para o retroflexo). Observem-se, pois, as correlações verificadas com as variáveis sociais.

Nota-se, primeiramente, que Faixa Etária não é selecionada como significativa para a variação de (-r). A variável contínua Idade tampouco o é. Na Tabela 5.8, os pesos relativos entre colchetes se referem aos valores da primeira rodada do *step-up*. Embora pareçam indicar uma mudança em progresso em favor do retroflexo (P.R. 0.57 para os mais jovens e gradual decréscimo para falantes mais velhos), a não seleção da variável no modelo de efeitos mistos no Rbrul indica que a diferenciação entre os fatores não é maior do que aquela verificada entre os indivíduos da amostra (ver Capítulo 3, p. 56). De um modo geral, esse resultado aponta para um caso de variação estável, quando se considera a comunidade como um todo.

Tabela 5.8 Variável social não correlacionada com (-r)

	P.R.	% [i]	N-Total
Faixa etária^a			
20–34 anos	[.57]	36,7	3.051
35–49 anos	[.52]	26,0	3.256
60+ anos	[.40]	22,1	2.919

^a *Input*: 0,203. [] indicam a não seleção da variável como significativa.

No entanto, os valores dessa análise univariada não deixam de ser intrigantes. Ainda que a variável não seja selecionada, a diferença de 17 pontos entre o maior e o menor valor de pesos relativos e de quase 15 pontos percentuais não é de se ignorar.¹² Além disso, a análise de Mendes (2010) havia sinalizado

¹² A título de exemplificação, comparem-se esses pesos relativos com os de outras variáveis não selecionadas, cuja diferença é bem menor. Para o traço [\pm anterior] de Contexto Fônico Precedente, os pesos relativos são 0.51 para [+anterior] e 0.50 para [-anterior]; para o traço [\pm contínuo] de Contexto Fônico Seguinte, 0.51 para [+contínuo] e 0.49 para [-contínuo].

Tabela 5.9 Tendências de emprego de [ɹ] de acordo com variáveis sociais (1)
(N = 9.226; [ɹ] = 28,3%)

	P.R.	% [ɹ]	N-Total
Classe Social^a			
A/B1	0.27	11,2	2.194
B2	0.41	27,9	2.783
C1 + C2/D	0.68	37,4	4.249
	<i>Range</i>	<i>41</i>	
Região de Residência			
bairro mais periférico	0.67	36,6	4.881
bairro mais central	0.31	19,0	4.345
	<i>Range</i>	<i>36</i>	
Mobilidade Geográfica^b			
baixa	0.71	39,6	2.197
média + alta	0.43	24,8	7.029
	<i>Range</i>	<i>28</i>	
Nível de Escolaridade			
Ensino Médio	0.61	35,0	4.497
Ensino Superior	0.40	21,9	4.729
	<i>Range</i>	<i>21</i>	
Sexo/Gênero			
masculino	0.59	32,7	4.661
feminino	0.41	23,8	4.565
	<i>Range</i>	<i>18</i>	

Input: 0,203. ^a $\chi^2 = 0,32(1)$, $p > 0,50$. ^b $\chi^2 = 0,004(1)$, $p > 0,99$.

uma mudança em progresso em favor do *tepe*, contrariamente ao que se esboça na Tabela 5.8. Guardadas as devidas diferenças entre as amostras desses trabalhos, tal reversão nos resultados não é esperada, considerando-se que ambas são contemporâneas. Desse modo, há indícios de um encaixamento social mais complexo na comunidade. A subseção 5.4 voltará a esses resultados, através de cruzamentos entre Faixa Etária e outras variáveis sociais.

Os resultados para a variável Sexo/Gênero (Tabela 5.9) se coadunam com aqueles já extensivamente constatados, em diversos estudos sociolinguísticos: a forma de menor prestígio na comunidade tende a ser evitada por falantes do sexo feminino (P.R. 0.41) e a ser favorecida por falantes do sexo masculino

(P.R. 0.59).¹³ Embora tal constatação seja recorrente (ver, p.ex., [Chambers 1995](#); [Labov 2001b](#); [Cheshire 2002](#)), a interpretação desse fenômeno não é sem controvérsia; enquanto alguns autores argumentam que mulheres tendem a empregar a forma de prestígio como modo de superar sua posição desprivilegiada na sociedade (p.ex., Fasold, 1990, *apud* [Cheshire 2002](#)), outros defendem que não são as mulheres que favorecem as formas de prestígio, mas sim que são as formas por elas empregadas que tendem a ser vistas como “mais corretas” (p. ex. Milroy *et al.*, 1994, *apud* [Cheshire 2002](#)).

Dentre as variáveis estratificadoras da amostra, a Região de Residência é a primeira a ser selecionada, com 36 pontos de *range*, e se apresenta como uma das mais importantes para a variação na pronúncia de (-r) no falar paulistano: moradores de bairros mais periféricos favorecem fortemente o emprego da variante retroflexa (P.R. 0.67), enquanto moradores de bairros mais centrais tendem a evitá-la (P.R. 0.31). O retroflexo também é fortemente favorecido por falantes com menor mobilidade geográfica (P.R. 0.71) e, inversamente, desfavorecido por falantes com maior mobilidade (P.R. 0.43). É possível inferir que quanto maior a mobilidade geográfica, mais fluidas são as redes sociais dos falantes ([Milroy, 1987 \[1980\]](#); [Milroy & Llamas, 2013 \[2002\]](#)), que entram em contato com maior variedade de grupos sociais; é interessante notar que são justamente esses falantes que tendem a evitar o emprego de retroflexo. Quanto à Escolaridade, os resultados mostram que o retroflexo é favorecido por falantes com menor nível de escolarização (P.R. 0.61). Em conjunto, os resultados para Região de Residência, Mobilidade e Nível de Escolaridade sinalizam a importância de Classe Social para a estratificação sociolinguística de (-r) na cidade de São Paulo, visto que todos esses fatores podem ser considerados índices indiretos de *status* socioeconômico.

Os resultados para Classe Social, com efeito, mostram de forma ainda mais marcante a estratificação social de (-r): o retroflexo é bastante favorecido por falantes das classes C1 e C2/D (P.R. 0.68), desfavorecido pela classe B2 (P.R. 0.41), e evitado ainda mais fortemente pelas classes A/B1 (P.R. 0.27). Como

¹³ Esse resultado é o oposto daquele verificado por [Callou *et al.* \(1996\)](#), que haviam constatado o favorecimento do tepe pelos falantes do sexo masculino. A diferença provavelmente pode ser atribuída aos diferentes envelopes de variação. Aquela análise contrastou o tepe com todas as demais variantes, das quais o apagamento era a mais frequente. Como os autores reportam o favorecimento do apagamento pelas mulheres, deduz-se daí o favorecimento do tepe pelos homens.

variável contínua, Índice Socioeconômico ($p < 0,001$) revela um decréscimo de 0,90 *logodds* para cada unidade que se incrementa na escala social.

Tabela 5.10 Tendências de emprego de [ɹ] de acordo com variáveis sociais (2)
(N = 9.226; [ɹ] = 28,3%)

	P.R.	% [ɹ]	N-Total
Origem dos Pais			
N/NE	0.82	57,4	611
interior (SP/MG/PR)	0.60	31,0	2.562
São Paulo + mista	0.45	25,6	5.193
estrangeiros	0.27	16,3	860
	<i>Range</i>	<i>55</i>	

Input: 0,201. $\chi^2 = 0,41(1)$, $p > 0,50$.

Por fim, os resultados para a variável Origem dos Pais (Tabela 5.10) revelam que os falantes que menos favorecem o retroflexo são aqueles que têm pais estrangeiros (0,27) e pais paulistanos ou de origem mista (P.R. 0.45). Por outro lado, diferentemente do que se poderia esperar, não são os filhos de migrantes do interior de SP/MG/PR que mais favorecem o “r caipira”, embora também o favoreçam (P.R. 0.60). As maiores tendências de emprego se verificam entre aqueles cujos pais são do Norte/Nordeste (P.R. 0.82).

Ora, retome-se a baixíssima frequência de variantes fricativas entre falantes paulistanos (0,4%; ver Tabela 5.2), que informa que filhos paulistanos de migrantes nortistas e nordestinos não retêm a aspiração de (-r). Tal proporção contrasta fortemente com a intensa presença de migrantes dessas regiões que vivem atualmente em São Paulo (ver Figura 1.2 no Capítulo 1, p. 6). Ao mesmo tempo, os filhos de migrantes do Norte e do Nordeste não necessariamente adotam a variante tradicionalmente considerada mais “paulistana”; em vez disso, tendem a empregar, tanto em termos de frequência (57,4%) quanto em termos de tendência (P.R. 0.82), a variante retroflexa, de modo ainda mais expressivo do que filhos de migrantes do interior de SP/MG/PR.

É possível especular duas interpretações sobre esses resultados, uma de natureza linguística e outra de natureza social. Linguisticamente, a variante retroflexa se aproxima mais do /-r/ aspirado por ser um segmento [-anterior],

relativamente ao tepe; socialmente, é possível que o emprego da variante retroflexa seja favorecido pela rede social estabelecida por migrantes e seus filhos paulistanos diante de sua relativa situação socioeconômica na cidade. De acordo com o levantamento do [IPEA \(2011\)](#), migrantes do Norte/Nordeste atingem em média menores níveis de escolaridade, têm menos acesso à Internet e possuem as menores rendas mensais de todos os grupos pesquisados, fatos que caracterizam pertencimento a classes sociais mais baixas. Conforme mostra a [Tabela 5.9](#), habitantes de bairros mais periféricos, com menor mobilidade geográfica, menor nível de escolarização e pertencentes a classes mais baixas são aqueles que mais tendem a empregar o retroflexo; ainda que os filhos paulistanos de migrantes do Norte/Nordeste venham a ascender socialmente, as características menos privilegiadas dos pais devem contribuir para o estabelecimento da rede social desses falantes.

O papel da presença de migrantes e de outras variantes de (-r) em São Paulo tem ainda relevância para a análise de diferentes tendências que se observam atualmente na comunidade e que são descritos na próxima subseção.

5.4 Mudança ou variação estável? Estigma ou prestígio?

Conforme se mencionou anteriormente, análises feitas com base em diferentes amostras do português paulistano geraram resultados divergentes quanto às taxas de emprego de retroflexo e quanto à estabilidade ou não da variação de (-r) em coda silábica. Esses resultados estão resumidos no [Quadro 5.2](#).

Tais divergências são indícios de que o processo de variação entre tepe e retroflexo na cidade de São Paulo deve ser mais complexo do que as análises até aqui desenvolvidas levam a crer. Os motivos para as diferentes conclusões certamente residem nas amostras utilizadas que, apesar de semelhantes, guardam certas propriedades: a amostra de [Mendes \(2010\)](#) se restringiu a falantes mais prototípicos, residentes de bairros mais tradicionais em São Paulo e que se identificam com a cidade; [Mendes & Oushiro \(2011b\)](#), ao aumentar a amostra de informantes, não levaram em consideração tal critério; a presente

	Mendes 2010	Mendes & Oushiro 2011	Esta análise
Tamanho e estratificação da amostra	24 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Escolaridade	48 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Escolaridade	118 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Escolaridade Região
Taxa de retroflexo	12,0%	31,0%	28,3%
Análise em tempo aparente	Mudança em favor do tepe	Variação estável	Variação estável

Quadro 5.2 Trabalhos e resultados divergentes sobre a pronúncia do (-r) em São Paulo

análise, por sua vez, incluiu na estratificação dos falantes a variável Região de Residência, que se revelou como uma das mais importantes para a pronúncia de (-r). As taxas semelhantes (cerca de 30% de emprego de retroflexo) nas duas amostras maiores permite concluir que essa deve ser a proporção atual da variante no português paulistano de modo geral. Para avaliar em que medida esse caso de variação é estável, realizaram-se cruzamentos entre a variável Faixa Etária com Sexo/Gênero, Nível de Escolaridade, Região de Residência e Classe Social, a fim de verificar se há tendências divergentes dentro da comunidade.

O cruzamento entre Faixa Etária e Sexo/Gênero não é selecionado pelo Rbrul como significativo para a variação de (-r) – ou seja, os efeitos de cada variável são independentes entre si. Já com as variáveis Região de Residência, Escolaridade e Classe Social, os cruzamentos com Faixa Etária revelam os padrões que se visualizam na Figura 5.4.

Os padrões nessas figuras se assemelham. Por um lado, os fatores que já se revelaram favorecedores do retroflexo apresentam, para todas as faixas etárias, pesos relativos acima de 0.50, representados pelas linhas contínuas: habitantes de bairros mais periféricos, menos escolarizados e das classes C1-C2/D. Essas curvas, assim como aquela para os falantes da classe B2 na Figura 5.4c, também apresentam pesos relativos gradualmente maiores quanto menor a

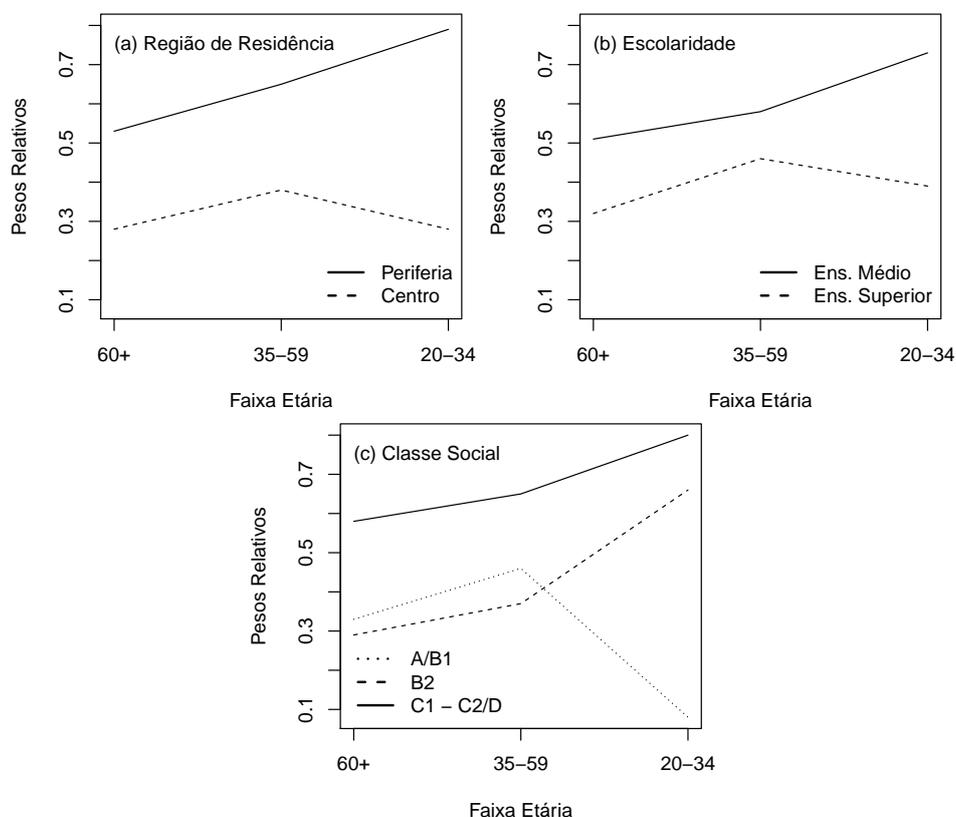


Figura 5.4 Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo no cruzamento entre Faixa Etária e (a) Região de Residência; (b) Nível de Escolaridade; e (c) Classe Social

faixa etária. Os demais falantes – habitantes de bairros mais centrais, mais escolarizados e de classe social mais alta – também esboçam aumento na tendência ao retroflexo: o peso relativo para a terceira faixa etária é sempre menor do que para a segunda, nos três cruzamentos. Tal tendência, contudo, é rompida pelos falantes mais jovens desses grupos; em vez de seguir a tendência geral da comunidade em direção ao retroflexo, com gradual aumento do peso relativo, os jovens de bairros mais centrais, com Ensino Superior e, sobretudo, de classe social mais alta evitam radicalmente o emprego da variante – o que equivale a dizer que favorecem o tepe.

A deflagração de movimentos divergentes na comunidade dá conta do fato de Faixa Etária não ser selecionada na análise global do Rbrul, conforme a Tabela 5.8 (p. 109). Embora os pesos relativos esboquem uma aparente

mudança em progresso, esse resultado não se sustenta, visto que há uma porção significativa de falantes (os de primeira faixa etária) que não seguem a mesma tendência. Além disso, o que se observa na Figura 5.4 dá conta dos resultados aparentemente contraditórios se comparados aos de Mendes (2010) e Mendes & Oushiro (2011b). Ao utilizar uma pequena amostra de falantes “prototípicos”, residentes de bairros mais centrais (e, presumivelmente, de classe social mais alta), a análise de Mendes (2010) ressalta a forte tendência entre falantes de primeira faixa etária em direção ao tepe. Já a análise de Mendes & Oushiro (2011b), com uma amostra não estratificada por Região de Residência ou Classe Social, apresenta resultados mais semelhantes à curva verificada para as tendências de pronúncia de (-r) por parte dos residentes de bairros mais centrais da Figura 5.4a.

Mais importante, no entanto, são as consequências desses fatos para a compreensão do encaixamento social de (-r) em São Paulo. Se são amostrados apenas residentes da periferia, ou apenas os menos escolarizados, ou apenas os de classes mais baixas, está-se diante de uma mudança em tempo aparente, em favor do retroflexo. De fato, em análises alternativas com esses subconjuntos de dados, Faixa Etária é selecionada como significativamente correlacionada à pronúncia de (-r). Se não se levam em conta a Região de Residência ou a Classe Social dos falantes, está-se diante de um caso de variação estável. Se se consideram apenas os falantes de classe mais alta de São Paulo, está-se diante do início da mudança em direção ao tepe.

De modo semelhante à “restauração” do (-r) no inglês norte-americano (Labov *et al.*, 2006; Becker, 2009; Nagy & Irwin, 2010), esses resultados mostram que é possível haver reversão de tendências na comunidade e que a mudança linguística, pelo menos quando vista em curtos espaços de tempo, nem sempre é unidirecional. Nesse sentido, os movimentos de (-r) verificados em São Paulo são também um novo exemplo do modelo de fluxos e contrafluxos (Naro & Scherre, 2013) – movimentos que possivelmente se estendem desde os tempos dos bandeirantes, passando pelo dialeto “caipira” da época do Império, pela massiva imigração europeia no início do século XX, até a chegada de migrantes internos desde meados do século passado. Entretanto, a compreensão desses movimentos não é possível se não se analisam as

identidades sociais com as quais as variantes se associam.

O fato de o retroflexo ser favorecido por residentes de bairros mais periféricos, menos escolarizados, com menor mobilidade e do sexo masculino apontaria, em princípio, para seu estigma na comunidade ou, ainda, para um “prestígio encoberto” (Trudgill, 1974; Chambers, 1995). Esse conceito costuma ser empregado em estudos sociolinguísticos para explicar a produtividade ou a persistência de formas consideradas não padrão. No entanto, tal conceito parece não dar conta da forte tendência de certos grupos de jovens a empregar a variante.

As tendências opostas entre os falantes de primeira faixa etária sinalizam que tepe e retroflexo podem possuir significados sociais distintos para diferentes grupos sociais. A se valer pelas figuras, trata-se verdadeiramente de uma divisão socioeconômica, mais do que o local de residência ou o nível de escolaridade.

Para melhor estimar o valor social das variantes, volte-se à leitura da lista de palavras, na qual se assume que os falantes têm o grau máximo de atenção à fala: uma análise mais detalhada somente desses dados (N = 1.985) revela, de modo ainda mais contundente, as tendências divergentes entre os paulistanos de diferentes classes sociais. Na Figura 5.5, os mais velhos (P.R. 0.12) e sobretudo os mais novos (P.R. 0.04) da classe A/B1 evitam radicalmente a variante retroflexa (Cf. Figura 5.4).

Quando apresentados à sentença-alvo “a porta tá aberta” com realização retroflexa, é certo que a principal associação dos falantes foi com “interior”. No entanto, certos residentes de bairros mais centrais chegam a associá-lo diretamente com habitantes de periferia, consoante com os resultados da análise de correlações:

- (21) ☉ D1: *e o que você acha... de... da frase assim “a porta [r] está aberta?”*
 [r]
 S1: [risos] *nossa! você tinha que ver meu sobrinho falando ele tem cinco anos... nossa ele é paulistano nato nato mesmo... é tipicamente de paulistano né?... [...]*
 D1: *você acha que pra/... todos os bairros de São Paulo eles falam assim?*
 S1: *não*
 D1: *não?*

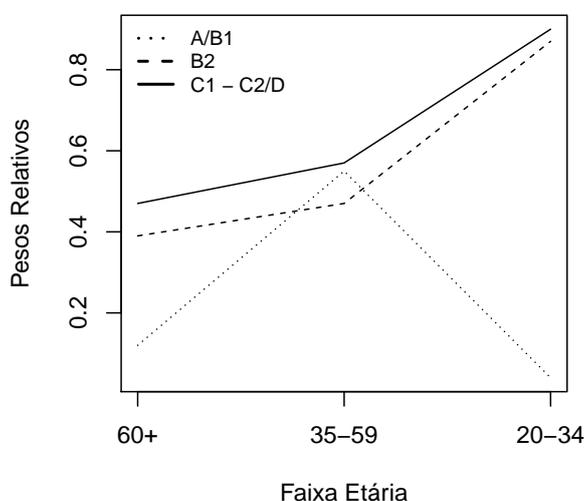


Figura 5.5 Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo no cruzamento entre Faixa Etária e Classe Social, em dados de Lista de Palavras

S1: *não...*

D1: *que diferenças assim você acha que existem?*

S1: *no erre principalmente... “certo”... [ɹ] (entendeu) “certo” [ɹ] entendeu?*

D1: *uhm você acha que bairros eles falam assim?*

S1: *periferia*

D1: *periferia?*

S1: *periferia (Felipe L., M1MC)*

- (22) ☉ S1: *porque o pessoal muito afastado... da periferia eles... o erre deles... eh parece com o do interior... muitos falam o “porque” [ɹ] ... eu observo em programa de televisão por exemplo que que você vê... pessoal de bairros afastados...*

D1: *aham*

S1: *eles...*

D1: *periferia... aonde assim? (que bairro)*

S1: *São Miguel/ São Miguel Paulista¹⁴ por exemplo (Iara S., F3SC)*

A “reação” dos jovens de classe alta no sentido de evitar radicalmente o retroflexo pode ter sido consequência de uma percepção, consciente ou não, de que seu emprego se associa à periferia e às classes baixas.¹⁵

Por outro lado, para as classes B2 e C1-C2, as respectivas curvas na Figura 5.5 mostram que continua havendo uma forte tendência à pronúncia

¹⁴ Bairro da Zona Leste de São Paulo.

¹⁵ Essa questão será retomada nos capítulos 8 e 10.

retroflexa entre os mais jovens (P.R. 0.87 e 0.90), tanto quanto nos demais momentos da entrevista. Isso indica que, para jovens de classes mais baixas, o retroflexo não é tão estigmatizado quanto se poderia supor. As avaliações feitas pelos jovens Milena F. e Lucas S. (excertos (13)–(14), p. 100), que reconhecem a ampla variabilidade de (-r) em São Paulo e o retroflexo como uma das variantes paulistanas, são iluminadoras nesse sentido. Ambos, aliás, pertencem a classes sociais mais baixas, de acordo com os critérios da amostra (C1 e C2, respectivamente).

É possível que o relativo prestígio do retroflexo entre esses falantes seja decorrência da presença de outras variantes na comunidade. Embora sejam praticamente inexistentes na fala dos paulistanos, as variantes fricativas se fazem presentes na comunidade principalmente entre os migrantes do Norte e do Nordeste. Já se assinalou que seus filhos paulistanos tendem a adotar o retroflexo; isso pode ter ocorrido não apenas pelas questões linguísticas e sociais apontadas acima, mas também por uma reinterpretação do valor social da variante: do ponto de vista das classes mais baixas, o retroflexo é valorizado por se diferenciar das variantes fricativas, essas sim rejeitadas pela comunidade.

Por outro lado, a variante tepe pode se associar não apenas a características como maior nível de escolaridade e classe social mais alta, mas também com estereótipos correlatos de alienação social e frivolidade. Observem-se, nesse sentido, as descrições da informante Thaissa B., residente de um bairro mais periférico:

- (23) ☉ S1: *eu tinha uma uma amiga que morava aqui na rua... e ela está morando... um pouco mais pra frente não muito distante daqui... mas os contatos dela são todas assim meninas bem de classe média assim daquele tipo que... as pessoas chamam de “patricinha”... então ela fala assim mesmo sabe do tipo... “meu... está ruim isso tá ligado tipo”... é assim que ela fala e... antes aqui ela não falava assim né é uma coisa assim... que parece que o meio formou ela totalmente... é diferente mesmo (Thaissa B., F1SP)*

Em (23), Thaissa B. define “patricinhas” como “meninas de classe média” e enxerga pejorativamente a mudança no modo de falar de uma amiga do

bairro que passou a conviver com pessoas de classe social mais alta. Adiante, a mesma falante associa a categoria “paty” ao tepe, em contraposição ao retroflexo como uma forma de identidade “local”:

- (24) ☉ D1: *e o “a porta [r] (es)tá aberta” [r]?*
 S1: *ah coisa de paty*
 D1: [risos]
 S1: *“a porta [r] (es)tá aberta” [r] é coisa de paty... “a porta [ɹ] (es)tá aberta” [ɹ] é mais... o erre é diferente*
 D1: [risos]
 S1: [falando com voz mais grave:] *“que aqui o esquema é outro... certo?”*
 [ɹ] [risos] (Thaissa B., F1SP)

Thaissa B. faz uso das expressões “esquema” e “certo” para fazer alusão a duas identidades sociais: uma “da periferia”, possivelmente associada aos “manos” – prototipicamente, jovens de periferia que se filiam ao movimento hip hop (ver, p.ex., Bentes & Rios 2006) – em contraposição às “patys”. Nesse trecho, as identidades associadas às variantes retroflexa e tepe são novamente paralelas aos resultados das análises de correlação: há uma relação entre falantes do sexo masculino residentes de bairros mais periféricos e o retroflexo, e falantes do sexo feminino de bairros mais centrais e o tepe. Contudo, pode-se inferir que o valor “negativo”, neste caso, é atribuído ao tepe, visto que é ele que se associa ao “outro”.¹⁶

Não se pretende dar a entender, aqui, que todos os jovens residentes de periferia se identificam como “manos” e “minas”, tampouco que todos os jovens de bairros mais centrais se identificam como “patricinhas” e “mauricinhos”. Trata-se de estereótipos sociais que se associam a certos valores e que podem, indiretamente, atuar na seleção (inconsciente) que grupos de falantes fazem de variantes particularmente sujeitas a avaliação social. A informante Thaissa B. (F1SP) apresenta uma taxa de 68% de emprego do retroflexo, bastante acima da média das mulheres (23,8%), falantes mais jovens (36,7%) e com nível superior (21,9%), e mesmo de habitantes de bairros mais periféricos (36,6%). Seu emprego da variante parece querer demarcar uma identidade de

¹⁶ Ver, no entanto, o Capítulo 8, que se debruça sobre a fala de indivíduos. Mesmo Thaissa B., que discursivamente se alinha com a “periferia” e parece preferir o retroflexo ao tepe, tende a favorecer o último na leitura da lista de palavras.

periferia, em contraposição à de “patricinhas de classe média”.

Sugeriu-se acima que, em vez de pares de opostos como “estigma/prestígio” ou variante “padrão/não padrão”, as variantes de (-r) em São Paulo fossem vistas como formas *default*, não marcadas, a partir das quais se estabelecem outras identidades sociais. Para os falantes de classes mais altas, a forma *default* é o tepe (vibrante múltipla e simples), e os demais erres identificam os residentes de periferia, de classes mais baixas e os migrantes na cidade; para os falantes de classes mais baixas, as formas *default* parecem ser o tepe e o retroflexo indistintamente, e os demais erres se associam aos não paulistanos; para outros, ainda – como Thaissa B., que se identifica fortemente com a periferia –, a forma *default* é o retroflexo, e o tepe identifica as “patys” e os membros das classes mais altas.

5.5 Síntese

Este capítulo apresenta análises qualitativas e quantitativas da pronúncia variável de (-r) como tepe ou retroflexo na cidade de São Paulo. Os resultados mostram que a variante retroflexa é relativamente produtiva entre paulistanos, uma vez que ocorre em aproximadamente um terço (28,3%) dos casos nos contextos em que alterna com o tepe no português paulitano. Linguisticamente, a variante retroflexa é favorecida quando precedida de vogal [-alta], seguida de consoante [+coronal], em palavras menos gramaticais, em sílabas tônicas e em final de palavra. Socialmente, a pronúncia retroflexa é favorecida por falantes de classes sociais mais baixas, residentes de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias de migrantes do Norte e do Nordeste do país.

No quadro geral, verifica-se um caso de aparente variação estável. No escopo sincrônico deste trabalho, a observação de tendências contrárias dentro da comunidade, por parte de diferentes grupos sociais, permite uma visão mais detalhada do encaixamento social das variantes de (-r) e traz luz à discussão sobre o papel do valor social das variantes em processos de variação e mudança; entre habitantes de periferia, classes mais baixas, filhos de nordestinos, o retroflexo parece ter adquirido *status* de variante local, aproximando-se do tepe

e afastando-se de variantes fricativas, o que pode explicar o movimento em sua direção por parte desses grupos sociais. Sugere-se, por fim, que as múltiplas variantes de (-r) em São Paulo estabelecem relações para além dos pares “estigma/prestígio” e “padrão/não padrão”. Em lugar deles, a perspectiva de formas *default* e formas marcadas, não necessariamente simétricas, permite uma melhor compreensão de tendências divergentes que se verificam na cidade.

6

A variável (CN)

Este e o próximo capítulo analisam as concordâncias nominal e verbal, duas das variáveis mais estudadas na Sociolinguística brasileira, ao lado de (-r). Muito já se sabe sobre seus condicionamentos linguísticos e sociais, mas as explicações sobre processos de mudança ou estabilidade dessas variáveis geralmente se pautam por correlações diretas com as categorias sociais dos falantes que favorecem o emprego de uma ou outra variante. Este capítulo discute as identidades sociais que se associam à marca zero de concordância nominal de número (como em “os menino- \emptyset ”) na comunidade paulistana, a fim de melhor compreender os mecanismos que regulam a manutenção de usos linguísticos considerados “não padrão”. A análise qualitativa e quantitativa dos dados sugere que a marca zero de (CN) funciona como índice de masculinidades na fala de homens paulistanos e de identidade local com certos bairros e com a cidade, embora a associação da variante com a noção de “paulistanidade” pareça estar em vias de desaparecimento.

6.1 A concordância nominal no português brasileiro

A variação na concordância nominal de número (CN) dentro de sintagmas nominais (SNs) e entre o SN e o predicado – como em *a-s casa-s* vs. *as*

casa-∅ e *as casas são bonita-s* vs. *as casas são bonita-∅* – tem sido objeto de numerosos estudos sociolinguísticos no português brasileiro.¹

Certos resultados têm sido recorrentes nas mais variadas comunidades em que o fenômeno foi investigado. A posição linear do vocábulo dentro do SN, sua posição relativa ao núcleo ou o cruzamento entre essas duas variáveis sempre se mostram correlacionados com a variável: a primeira posição e as posições pré-nucleares (p.ex., “os meus” em “os meus meninos”) tendem a favorecer a ocorrência da marca de plural (ver, p.ex., Scherre 1988; Brandão & Vieira 2012). A saliência fônica (Scherre, 1988), analisada através dos processos de formação do plural (-s, -is, -ões etc.), também se apresenta invariavelmente relevante; embora a hierarquia de fatores possa diferir de comunidade para comunidade, ou mesmo entre subgrupos da mesma comunidade (Scherre, 1988), o plural regular (com simples acréscimo de /-s/) sempre favorece a marca zero; a saliência fônica quanto à tonicidade da palavra nem sempre é analisada, mas tende a ser relevante quando incluída no modelo estatístico, com desfavorecimento das marcas de plural em monossílabos átonos, paroxítonas e proparoxítonas (ver, p.ex., Salomão 2010). O efeito serial do paralelismo (Scherre & Naro, 1992; Scherre, 1998, 2001), seja entre as palavras dentro de um sintagma, seja entre sintagmas de uma sequência discursiva, costuma revelar forte tendência ao emprego de formas semelhantes (marcas levam a mais marcas, e zeros levam a mais zeros). O contexto fonológico seguinte, quando se mostra relevante, indica o favorecimento da marca zero quando a palavra em foco é seguida por consoantes em vez de vogais (ver, p.ex., Guy 1981). Para animacidade do núcleo, sintagmas com o traço [-humano] (*os gato-s*, *as coisa-s*) tendem a desfavorecer a marcação de plural (ver, p.ex., Brandão & Vieira 2012). Quanto a variáveis sociais, o nível de escolaridade dos falantes frequentemente se apresenta como uma das mais

¹ Ver, p.ex., Scherre 1978, 1988; Guy 1981, 2000; Naro & Scherre 1991; Fernandes 1996; Lopes 2001; Antonino 2007; Salomão 2010; Brandão & Vieira 2012; Yacovenco *et al.* 2012; Silva & Scherre 2013; Mendes 2014, *inter alia*. O Projeto Concordâncias (Estudo comparado dos padrões de concordâncias em variedades africanas, brasileiras e europeias), coordenado por Silvia Rodrigues Vieira, Silvia Figueiredo Brandão e Maria Antônia da Mota, volta-se à comparação dos padrões de variação nas concordâncias nominal e verbal em diferentes variedades do português. Ver portal em <http://www.concordancia.lettras.ufrj.br/>. Para uma lista abrangente de trabalhos realizados até meados da década de 2000 sobre as concordâncias (nominal e verbal), ver também Scherre & Naro (2006:123–129) e Scherre (2008:31–36).

fortemente correlacionadas com a marcação de plural: quanto maior o nível de escolaridade, maiores as taxas de emprego da variante prescrita pela norma culta, que normalmente se toma como a variante “padrão”. A análise em tempo aparente tende a quadros de variação estável, com o desfavorecimento da marca zero por parte dos falantes da faixa etária intermediária, embora subgrupos dentro de uma mesma comunidade possam apresentar movimentos divergentes entre si (Naro & Scherre, 1991; Scherre & Naro, 2006); o sexo/gênero, por fim, tende a revelar o favorecimento da marca zero pelos homens, embora a variável nem sempre seja selecionada como relevante pelo programa Varbrul (ver, p.ex., Salomão 2010 para a região de São José do Rio Preto e Brandão & Vieira 2012 para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro).

Na comunidade paulistana, a alternância tem sido analisada da perspectiva de identidades de gênero (Mendes, 2014, no prelo) e do contraste entre diferentes subcomunidades da cidade, como paulistanos e alagoanos (Gomes da Silva, 2014). No entanto, um levantamento abrangente a respeito dos padrões de variação entre paulistanos ainda não havia sido realizado. O presente capítulo tem o duplo objetivo de descrever padrões gerais de variação quanto a variáveis sociais e linguísticas tradicionalmente analisadas, a fim de contribuir para o mapeamento da concordância nominal no português brasileiro, e, principalmente, discutir as identidades sociais que se associam à marca zero de plural na cidade de São Paulo. Em uma comunidade altamente urbanizada, em que é cada vez mais raro encontrar pessoas que não tenham concluído pelo menos o Ensino Médio, quais fatores se correlacionam com a marca zero de plural e quais grupos se associam ao emprego da variante?

A análise qualitativa que examina o discurso metalinguístico dos paulistanos sobre a expressão “dois pastel e um chopes” sugere uma associação estereotípica da marca zero com a cidade de São Paulo e, mais especificamente, com o tradicional bairro da Mooca, embora os falantes mais jovens pareçam não mais associar a variante não padrão de (CN) com o português paulistano. A análise quantitativa, por sua vez, mostra que também para o português paulistano se apresentam como relevantes certas variáveis linguísticas tradicionalmente investigadas em estudos sobre concordância nominal, como Saliência Fônica e Paralelismo; no entanto, um resultado que aqui difere

em relação a outras comunidades é aquele para a variável Animacidade, que revela tendência à marca zero em SNs com o traço [+humano]. Quanto a variáveis sociais, destacam-se a discussão sobre o papel de Classe Social (muitas vezes não analisada na sociolinguística brasileira), a forte correlação com Sexo/Gênero (diferentemente de outros centros urbanos), e a hipótese de que os moradores do bairro da Mooca tendem à marca zero. Argumenta-se que a variante funciona como índice de masculinidades e de uma identidade local, para além de rótulos como forma “padrão” ou “não padrão”.

6.2 Avaliações sobre a marca zero de (CN)

Nacionalmente, os paulistanos são estereotipados por frases como “dois pastel e um chopes”, com marca zero de plural em “pastel” e um “s” adicional em “chopes”. Essa associação pode ser vista na mídia, na cultura pop e no discurso popular sobre o português paulistano. A Figura 6.1 apresenta o título de uma matéria da sessão de turismo do jornal carioca *O Globo*, na qual os jornalistas fazem uso dessa expressão popular: “Um chopes, dois pastel: aproveite nossa seleção dos melhores bares de São Paulo”.² O exemplo (1) é excerto de uma letra de música da banda paulistana Velhas Virgens, que faz múltiplas referências a localidades e personagens da capital paulista: esquina da Ipiranga com a São João, o bar Brahma, a Catedral da Sé, Adoniran Barbosa.

- (1) *Um chopps e dois pastel (Velhas Virgens)*
(Paulão de Carvalho e Alexandre Cavallo Dias)

*Encontrei Caetano
Na esquina da Ipiranga com a São João
Sabe o que ele tinha na mão
Um chopp do Bar Brahma e um disco do Adoniran
Um chopp do Bar Brahma e um disco do Adoniran*

*Encontrei o professor Pasquale
Atrás da Catedral da Sé*

² Disponível em <http://oglobo.globo.com/boa-viagem/um-chopes-dois-pastel-aproveite-nossa-selecao-dos-melhores-bares-de-sao-paulo-3017181>. Último acesso em 24 abr./2014.



Figura 6.1 Notícia do jornal *O Globo online* (28 abr./2010)

*Ele estava a pé
Trazia dois pastel e um disco do Noel
Trazia dois pastel e um disco do Noel*

*Pasquale, vejam vocês
Deu pastel pro Caetano e acertou o português
Caetano, que é baiano
Pôs “s” no chopps e virou um paulistano
(...)*

O excerto em (2) é de uma notícia do jornal *Folha de São Paulo online* (05 jun./2011)³ sobre um projeto de lei para preservar o “mooquês”, suposto sotaque do bairro da Mooca, na Zona Leste da cidade. Dessa notícia, destaca-se o comentário da presidente da associação dos moradores do bairro, Crescenza Giannoccaro de Souza, que faz questão de ressaltar que os moradores “sabem fazer o plural corretamente”. Embora negue a associação da marca zero de concordância com os mooquenses, seu comentário reforça a existência de um discurso corrente que afirma justamente o contrário.

(2) *Sotaque da Mooca pode virar patrimônio imaterial de SP*

O “cantado” modo de falar da Mooca, bairro da zona leste de São Paulo, que inclui também expressões nacionalmente famosas como “orra meu” e

³ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/925287-sotaque-da-mooca-pode- virar-patrimonio-imaterial-de-sp.shtml>. Último acesso em 24 abr./2014.

“belo”, pode se tornar o primeiro bem imaterial protegido da cidade.

Está no Conpresp (Conselho Municipal do Patrimônio Histórico) um pedido para transformar o “mooquês” em patrimônio de São Paulo. A ideia é registrar e preservar esse jeito peculiar de falar de parte dos paulistanos.

“Fico maravilhada com a ideia”, afirma Crescenza Giannoccaro de Souza Neves, presidente da Associação Amo a Mooca. Ela faz, porém, uma ressalva sobre uma característica atribuída ao modo de falar dos moradores do bairro: a falta de “s” nos plurais. “Os imigrantes, quando chegaram, tinham dificuldade de dizer os plurais, pois era diferente da língua deles. Nós, descendentes, também falamos cantado, mas usamos bem os plurais.” (...)

(Fonte: Folha de São Paulo *online*. 05 jun./2011)

Visto que se trata de uma variável difundida por todo o território brasileiro, é curioso notar sua associação estereotípica especificamente com a cidade de São Paulo. No roteiro das entrevistas sociolinguísticas aqui utilizadas, buscaram-se avaliações sobre a marca zero de concordância nominal mediante a pergunta: “O que você acha desse modo de falar: ‘me vê dois pastel e um chopes’?” (ver Capítulo 3, p. 38). Diferentemente de (ê) e da realização de (-r) como tepe, foram pouquíssimos os informantes que não apresentaram algum tipo de comentário metalinguístico sobre a concordância nominal. Trata-se de uma variante com alto grau de saliência social e que se apresenta como sinônimo de “não saber falar português”.⁴

A Figura 6.2 representa as noções mais frequentemente associadas com a variante não padrão da concordância nominal, a partir da sentença-alvo. Nota-se aí a alta frequência de associação com o falar paulistano e, de modo relativamente expressivo, com a imigração italiana e o bairro da Mooca. É possível que a preponderante associação da sentença com “paulistanos” seja decorrência da ordem em que foram feitas as perguntas sobre avaliação linguística, após aquelas sobre a ditongação de (ê) e as pronúncias tepe e retroflexa de (-r) em coda silábica. Ao perceber que o documentador sempre

⁴ Recorde-se da chamada “polêmica do livro didático”, em meados de 2011, quando diversos meios de comunicação externaram “grave preocupação” com o fato de um livro recomendado pelo Ministério da Educação, *Por uma vida melhor*, afirmar não haver erro em frases como “os menino pega o peixe”. O episódio ilustra o quanto ainda cabe aos linguistas divulgar seu campo de estudos.

busca descobrir se se trata de uma variante paulistana ou não e quais grupos tendem a empregá-las, muitos dos informantes já afirmam que é um modo paulistano de falar. Os exemplos (3) e (6) ilustram a associação da variante com a região da Mooca/Tatuapé, e (4)–(6) exemplificam o discurso popular que atribui a presença da variante na cidade à vinda maciça de imigrantes italianos, em cuja língua nativa o plural nominal não se realiza com o morfema -s.



Figura 6.2 Nuvem de palavras associadas à sentença-alvo
“me vê dois pastel e um chopos”

- (3) ☉ D1: [risos] e o que o senhor acha de por exemplo eh... ‘me vê dois pastel e um chopos’
S1: bem paulista isso aí... isso é bem paulista e tradicional daqui do Tatuapé do... da Mooca dessa região (Lucio A., M2MP)
- (4) ☉ D1: e quanto a... essa forma de falar... ‘me vê dois pastel e um chopos’ que que que você acha que...
S1: então que também é
D1: também tem a ver com/
S1: é... uma grande parte da população fala assim
D1: uhum
S1: ‘dois pastel e um chopos’
D1: e aí você acha que... mais paulistano assim ou?
S1: é mais paulistano
D1: paulistano... e...

- S1: *por causa da influência italiana*
 D1: *uhum*
 S1: *que o italiano não tem plural*
 D1: *uhum*
 S1: *então é ‘dois pastel’*
 D1: *ah sim*
 S1: [risos]
 D1: *e... e...*
 S1: *quer dizer tem plural mas não é plural com esse (Juliana W., F3SC)*
- (5) ☉ S1: *então assim a gente tem inclusive essa coisa do... de comer o esse né no no do dos plural... né do ter tomado ‘duas cerveja’... eh ‘dois chope’ não/ ‘um chopos e dois pastel’... essa coisa de comer o esse eh vem/ acho acredito eu que venha também do italiano porque no italiano o plural não é feito com esse é feito com i né... e então a gente acabou herdando isso da convivência com os italianos aqui então [...]*
 D1: *parece que você sabia da próxima pergunta já*
 S1: *ah é?*
 D1: *que eu ia te perguntar o que você acha sobre as pessoas que fala “ah me vê dois pastel e um chopos”*
 S1: *então acho que é isso acho que é/ são/ eh eu imagino que seja por conta da convivência com os italianos onde o o... o plural é feito de outra forma que não com esse (Romulo S., M3MC)*
- (6) ☉ D1: *e o que que você acha de... ‘me vê dois pastel e um chopos’?*
 S1: [risos] *ah sei lá... ah pessoal menos instruído né que fala assim né... ‘dois pastel e um chopos’... é mais o povo né?*
 D1: *você conhece pessoas que falam assim?*
 S1: *ahn... olha... na Mooca eu conheci muita gente assim... inclusive... eu tenho um irmão... ele não/ quer dizer agora ele até está morando na Mooca eu tinha me esquecido disso... fazem uns três meses que ele... ele voltou pra Mooca... mas ele corta muitos esses finais das palavras... apesar de ser médico... mas ficou assim ‘os carro’... não sei por que que fala assim... acho esquisito não sei se é... se é um pouquinho da origem italiana ou se é influência do bairro né (Iara S., F2SC)*

A informante Iara S. (6) associa a marca zero de plural primeiramente com pessoas menos instruídas e de classes mais baixas; em seguida, no entanto, ela lembra de muitas pessoas do bairro da Mooca, em que a informante vivera até a adolescência e no qual ainda possui parentes. Lá, mesmo os falantes mais escolarizados, como seu irmão médico, tendem a “cortar os esses finais das palavras” – algo que é atribuído, pela informante, à influência italiana ou

do bairro.

Outros informantes, no entanto, afirmam se tratar mais de um estereótipo criado pelos cariocas, ainda que admitam a possibilidade de haver algum fundo empírico para a gozação (7). Outros ainda questionam a factual tendência de os paulistanos empregarem a variante atualmente, mesmo que isso possa ter sido verdadeiro no passado (8).

- (7) ☉ D1: *é... e quanto a/ a esse modo de falar... 'me vê dois pastel e um chopes'?*
 S1: *uhn*
 D1: *você acha que é característico... de algum... de algum grupo*
 S1: *sim... carioca tirando sarro de paulista*
 D1: *[risos] você acha que... que é mais uma caricatura então?*
 S1: *n...*
 D1: *assim... um estereótipo... não é não reflete tanto a realidade*
 S1: *'dois pastel e um'... pode refletir...*
 D1: *uhum*
 S1: *é que eu nunca prestei atenção nisso*
 D1: *mas você acha que já está mais distante talvez tenha sido... a forma*
 S1: *(xxx) não vou dizer que não aconteça não (xxx)*
 D1: *mas aí você acha que... que é algo que caracteriza o paulistano ou...*
 S1: *sim caracteriza*
 D1: *como um todo assim?*
 S1: *(todo) alguns você escuta isso de (ir em feira)*
 D1: *aham*
 S1: *se você ficar prestando atenção você vai acabar escutando (Pietro C., M2SC)*
- (8) ☉ D1: *e o que você acha desse jeito de falar 'me vê dois pastel e um chopes'?*
 S1: *eu acho que é mito... eu acho que...*
 D1: *você acha que é mito?*
 S1: *é eu acho que as pessoas não falam [risos] assim talvez no passado eu acho que... eu não sei eu já ouvi dizer que tem a ver com... com... a imigração ale/ ahn desculpa a italiana né? que não sei se os italianos comem os esses assim mas eu acho que é mito eu não... eu mesma... eu sei que tem música que fala 'dois pastel um chopes' não sei... mas eu mesma nunca presenciei nada parecido [risos]*
 D1: *então você acha que dentro de São Paulo... não acontece esse modo?*
 S1: *eu acho que não de repente até já se falou assim... não sei se entre os italianos mas eu acho que não... eu eu acho que não fala [risos] (Claudia H., F2SP)*

Certos falantes, por outro lado, não só assumem o estereótipo como defendem o emprego da variante como marca de identidade paulistana.

- (9) ☉ D1: *e o ‘me vê dois pastel e um chopes’?*
 S1: *é... é coisa nossa né... e não deve mudar está bom?*
 D1: *é*
 S1: *se está errado (xxx) falando se é errado em português está errado (não sei o quê) mas não tem que deixar/ isso é uma coisa que tem que manter e deixar os carioca porque o carioca pra começo os carioca não sabe vestir...*
 (Plínio C., M3MP)

Além da associação estereotípica com o falar paulistano, o segundo tipo de comentário mais recorrente acusa explicitamente o “erro” gramatical, associado a falantes menos escolarizados ou de classes mais baixas, e seguido geralmente de avaliações negativas como “feio, horrível, brega, ignorante”. Andrea C. (10), professora de geografia do Ensino Fundamental e Médio, não disfarça seu desgosto em ver seus alunos “falando errado”. Para ela, dizer que paulistanos não fazem a concordância nominal é um estereótipo, assim como “todo brasileiro gosta de futebol”. Claudomiro S., como Claudia H. (8), acredita que a associação com paulistanos e imigrantes se refere a um fenômeno do passado, mas que o emprego da variante com marca zero hoje em dia se deve à “falta de conhecimento”, não mais à imigração (11).

- (10) ☉ D1: *e o que que você acha dessa daqui... ‘me vê dois pas/ dois pastel e um chopes’?*
 S1: *isso aí mostra uma ignorância (crassa) também que é uma coisa que nunca/ “dois pastel”... quando os alunos falam tenho vontade de descer um livro na cara deles... é forma de falar e e passa como sendo uma coisa que todo paulista fala... e de novo “todo brasileiro gosta de futebol”... “todo paulista fala errado ‘me dá dez pãozinho’”... (Andrea C., F2SP)*
- (11) ☉ D1: *tá... e por exemplo essa daqui o que você acha dessa?... ‘me vê dois pastel e um chopes’... ‘me vê dois pastel e um chopes’*
 S1: *essa daí é a clássica do falar errado né*
 D1: *[risos] por quê?*
 S1: *essa daí era... pelo menos nas ane/ anedotas que corriam... era o carioca tirando sarro de paulista*
 D1: *é né sei*
 S1: *essa daí... eu... como... eu procuro falar corretamente e fazer tudo corretamente isso daí... dói no ouvido quando eu escuto... eu acho feio*

D1: *então como que seria o jeito correto?*
 S1: *é ‘um pastel’... não/ ‘dois pastéis... dois pastéis e um chope’ [...] isso daí antigamente era... ahn na época que... você tinha aquela coisa de... ter os grupos de migrantes ou de imigrantes... que praticamente não saíam do bairro... ahn eles tiravam muito sarro dos italianos que os italianos que falavam desse jeito então a região ali Bexiga Brás... Mooca... se falava desse jeito... e aí com o passar do tempo foi mudando um pouco mas... virou anedota... hoje em dia é possível que se fale desse jeito mas... aí não é porque é um... imigrante... que que não sabe falar direito... a língua do lugar pra onde ele imigrou... mas hoje em dia é por causa realmente da... falta... de conhecimento... que está que está se popularizando [...]*
 (Claudomiro S., M2SP)

De modo geral, as avaliações que associam a expressão “dois pastel e um chopes” com o falar paulistano, com a imigração italiana e com certos bairros da cidade parecem se restringir aos falantes mais velhos, a partir da segunda faixa etária (falantes acima de 35 anos). Entre os mais jovens, sobretudo os de classes mais altas e residentes de bairros mais centrais, são mais recorrentes avaliações negativas e a associação com baixa escolaridade (12)–(14). Alguns jovens chegam a reverter o estereótipo e atribuir a expressão aos cariocas (15)–(16).

- (12) Ⓣ D1: *tá... e o que que você acha desse jeito assim de falar?... ‘me vê dois pastel e um chopes’...*
 S1: *eu acho horrroso nem chego perto... fico revoltada...*
 D1: [risos] *por quê?...*
 S1: *ah porque odeio quando erra português*
 D1: *ah tá...*
 S1: *acho que/*
 D1: *como é que tinha que ser?*
 S1: *não gosto... a frase?*
 D1: *é...*
 S1: *como é que você falou?...*
 D1: *‘me vê dois pastel e um chopes’*
 S1: *não sei se eu sou muita referência... “você pode ver pra mim por favor um pastel e um chope?”*
 D1: [risos]
 S1: [risos] *eu não sei se eu estou muito assim... é que eu sou mãe também sabe... (xxx) tudo certinho aí está vendo... de repente é a minha fase... mas não consigo... se a I. [filha da informante] pede alguma coisa (eu digo) ó... para... volta... vamos de novo...*

- D1: *barato... você acha que é... você acha que paulistano fala assim? ou alguns paulistanos falam assim?*
 S1: *não... acho que gente mal educada que fala assim* (Fernanda T., F1SC)
- (13) ☉ D1: *e o que que você acha eh... da pessoa que fala assim... ‘me vê dois pastel e um chopes’?*
 S1: *horrível*
 D1: [risos]
 S1: *coisa mais ridícula do mundo... e é tão comum né a gente escuta não só isso mas outros erros... que é uma coisa assim surreal* (Carolina A., F1MC)
- (14) ☉ D1: *e você acha que tem bairros da cidade em que as pessoas falam mais desse jeito ‘dois pastel’ e outros que falam menos?*
 S1: *acho acho*
 D1: *por bairro?*
 S1: *acho que sim acho que principalmente os da periferia né porque*
 D1: *ahn*
 S1: *infelizmente o nível de instrução né de... escolaridade é menor então acho que isso é uma tendência* (Tatiana M., F1SP)
- (15) ☉ D1: *e o... ‘dois pastel e um chopes?’*
 S1: *nossa aí é... meio caiçara meio carioca né... ‘dois pastel e um chope/’ ‘dois pastel’... [paʃtɐw] da onde que é? eu não sei... [...] eu já ouvi muito isso de os cara falando de zoeira né... por causa do lance do plural e tal... coisa de feira né... [...] meu vô zoava isso não sei da onde que é*
 D1: *mas por que que ele zoava você sabe?*
 S1: *não... não sei essas... não sei esse tipo de zoeira que você faz meio por fazer sabe... frase do tipo meio dito popular assim...* (Fernando B., M1MC)
- (16) ☉ D1: *e... que que você acha desse modo de falar eh ‘me vê dois pastel e um chopes?’*
 S1: *é bem carioca*
 D1: *ah é? [risos]*
 S1: *é bem/ ‘me dá dois pastéis e um chopes’... é bem carioca sem falar sem falar que está errado né o português ali está... o Aurélio está se revirando na tumba ali (xxx)*
 D1: *você acha feio esse modo de falar?*
 S1: *com certeza!... não nada contra carioca mas meu... “dois pas/ dois pastel e um chopes”... você está pedindo ‘pastel’... você está pedindo ‘pastéis’*
 D1: [risos]
 S1: *‘pastéis’ é plural você está pedindo dois não é um... e ‘chope’ você*

está pedindo um não é/ não são vários (Jair S., M1MP)

Os excertos (12)–(16), retirados de entrevistas com falantes mais jovens, parecem indicar que a associação estereotípica da expressão “dois pastel e um chopés” com paulistanos pode estar em vias de desaparecimento da comunidade.

Na análise quantitativa a seguir, a associação com paulistanos e com falantes de certos bairros é investigada por meio do mapeamento das tendências de emprego de acordo com a região de residência do falante. Além disso, investiga-se se haveria tendência de mudança em direção à variante com concordância plena em consequência do aumento geral dos níveis de escolarização na comunidade e da forte avaliação negativa que os falantes mais jovens fazem da variante não padrão.

6.3 Análise multivariada

Das 118 entrevistas, extraíram-se todas as ocorrências de sintagmas nominais plurais com duas ou mais palavras em que pelo menos uma tenha sido flexionada quanto ao número (ou seja, não se consideram dados invariáveis como *mais ônibus*, *dois óculos*, tampouco aqueles em que a noção de pluralidade é apenas semântica, como *muita criança* ou *uma série de coisa*). Os mais de 19 mil SNs foram analisados sob duas perspectivas: a atomística, em que cada palavra é considerada uma unidade de análise (p.ex., *o-s* vs. *o-∅*; *menino-s* vs. *menino-∅*), e a não atomística, em que se analisa o SN como um todo (p.ex., *os meninos* vs. *os menino-∅*/ *o-∅ menino-s*) (Scherre, 1988, 1997). Em ambas, excluíram-se dados seguidos de [s, z, ʃ, ʒ] (p.ex., *os meninos são...*, *os meninos já...*, *as - suas - chamadas...*), que constituem um contexto de neutralização em que não é possível determinar se o morfema de plural foi de fato realizado. Em sintagmas com três ou mais palavras, em que há múltiplas combinações possíveis quanto à presença ou ausência de morfema de plural, a análise de SNs contrapôs a concordância explícita plena (p.ex., *os meus meninos* – SSS) à concordância parcial – ou seja, a marca zero em pelo menos uma das palavras flexionáveis (p.ex., *os meus menino* (SS∅), *os meu menino*

(S $\emptyset\emptyset$), *o meus meninos* (\emptyset SS), *o meus menino* (\emptyset S \emptyset), *o meu meninos* ($\emptyset\emptyset$ S).

Ressalta-se que as análises atomística e não atomística são complementares entre si (trata-se, com efeito, de um mesmo conjunto de dados); elas objetivam iluminar diferentes processos que ocorrem seja no nível da palavra (como a posição do vocábulo em relação ao núcleo), seja no nível do sintagma (como a animacidade do SN). Os termos “marca zero” e “CN- \emptyset ” são empregados como equivalentes para fazer referência à variante sem concordância plena (ainda que, em rigor, só possa haver “concordância” em SNs, e não em vocábulos avulsos). O termo “CN-E” é empregado para se referir à concordância ou à marca de plural explícita. Para ambas as perspectivas, as análises incluíram o mesmo conjunto de variáveis sociais, descrito no Capítulo 3.

A distribuição geral das ocorrências de concordância nominal revela que a marcação de pluralidade é semicategórica em contextos de leitura (Tabela 6.1) e quando o vocábulo ocupa a primeira posição do SN (Tabela 6.2 adiante).

Tabela 6.1 Distribuição de ocorrências de CN- \emptyset das perspectivas atomística e de SNs, de acordo com Estilo

	Atomística			Sintagmas Nominais			
	N CN- \emptyset	N Total	% CN- \emptyset	N CN- \emptyset	N Total	% CN- \emptyset	
Estilo							
Conversação	2.829	34.130	8,3	2.709	17.866	15,2	
Depoimento	19	1.335	1,4	17	516	3,3	
Notícia de jornal	8	1.244	0,6	10	659	1,5	
	2.856	36.709	7,8	2.736	19.041	14,4	

A Tabela 6.1 mostra que, tanto da perspectiva atomística quanto de SNs, o emprego de CN- \emptyset é pouquíssimo frequente na leitura de notícia de jornal (0,6% e 1,5% respectivamente), de acordo com a previsão de que, nesse estilo, os informantes monitoram mais sua própria fala. Na leitura de “depoimento”, há um aumento considerável das taxas de emprego da variante, uma vez que mais do que dobram em frequência (1,4% e 3,3%); esse aumento pode ser atribuído tanto a um menor grau de monitoramento da fala em razão da informalidade do texto, quanto ao fato de que alguns informantes o leram de modo teatralizado, incorporando uma “persona”:

- (17) ☉ S1: “*tá choven(d)o muito... choven(d)o tanto na semana passada que ficou uma piscina na minha casa... ó pra você ver... molharam todos os armário-∅ a cama o colchão tudo! foi um sacrifício!... o que a gente fez?... nós tivemos que erguer os móveis pra limpar tudo o/ pra limpar tudo... a geladeira o forno... minha irmã até veio me ajudar sabe?... meus irmãos compraram umas cadeira-∅ novas... mas é aquela coisa assim... quando chover de novo vai molhar tudo outra vez!... [risos] palhaça né?... “você fica sem ter o que fazer... e tem um rio lá perto que alaga... quer dizer... é água dentro e fora de casa... daí que acontece?... fica aquele trânsito os carro-∅ tudo∅ parado-∅... a gente demora um tempão pra chegar em casa... não aguento mais essa enchente nessa cidade agora o que que eu vou fazer?... os políticos falam falam mas eles tinha-∅ que fazer alguma coisa urgente... você tá entenden(d)o o que eu tô dizen(d)o?” [risos]*
- D1: [risos] *você leu de uma forma muito legal porque você criou uma personagem aí né?... quem que você imagina... falando uma coisa dessa?*
- S1: *eu imagino que é uma mulher sofrida coitada que já não tem nada... e agora tem menos ainda... porque ela mora num lugar que é várzea que é a estória do Pantanal⁵ na zona leste que é margem de rio de novo... (Daiane M., F1MC)*

Daiane M. sinaliza claramente que está representando uma personagem através da mudança de voz e pela quebra temporária no meio da leitura, quando ri e diz: “palhaça né?”. A informante emprega uma série de variantes que podem ser consideradas não padrão: a assimilação nasal do segmento /d/ em “choven(d)o, entenden(d)o, dizen(d)o”, a variante qu-que na interrogativa de constituinte “o que que eu vou fazer” e a marca zero de concordância verbal em “eles tinha”, entre outras. No texto escrito, essas variáveis foram grafadas “chovendo”, “entendendo”, “dizendo”, “que eu vou fazer?” e “eles tinham” (ver Roteiro de Entrevista no Anexo A, p. 360). De acordo com Daiane M., sua representação se refere a “uma mulher sofrida” de classe baixa, “que já não tem nada e agora tem menos ainda” em consequência da enchente em sua casa. Dentre os traços linguísticos selecionados para representá-la, encontra-se a marca zero de plural em algumas ocorrências de SNs plurais.

As taxas de emprego da variante nas duas leituras diferem ainda mais daquelas observadas para o estilo mais espontâneo da conversação (8,3% e 15,2% na Tabela 6.1). Devido ao baixíssimo número de ocorrências de

⁵ Referência ao Jardim Pantanal, bairro da Zona Leste de São Paulo.

CN- \emptyset nas leituras, as análises que seguem se concentram sobre os dados de conversação somente; deve-se assinalar, no entanto, o forte efeito de monitoramento da fala, que se apresenta como um dos mais relevantes para a variação na concordância nominal.

Quanto à Posição Linear do vocábulo dentro do SN, verifica-se também uma distribuição extrema quando a palavra ocupa a primeira posição: a taxa de marca zero nesse contexto é de apenas 0,3% (Tabela 6.2), o que reforça a constatação de estudos prévios de que essa é a posição privilegiada para a marcação de número em SNs no português brasileiro (Guy, 1981; Scherre, 1988; Brandão & Vieira, 2012). Em análise multivariada de regressão logística, a disparidade entre a primeira posição e as demais fica clara nos pesos relativos (de 0.08 a 0.86) e no amplo *range* de 78, o que torna essa variável a mais relevante para a variação na concordância nominal.

Tabela 6.2 Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com Posição Linear, com e sem dados de 1ª posição (análise atomística)

	P.R.	% CN- \emptyset	N Total
Posição Linear^a			
1ª posição	0.08	0,3	14.246
2ª posição	0.85	14,1	16.934
3ª posição	0.85	13,5	2.725
4ª posição	0.86	14,3	210
5ª posição	0.85	13,3	15
<i>Range</i>	78	8,3	34.130
Posição Linear (sem 1ª posição)^b			
2ª posição	[.50]	14,1	16.934
3ª posição	[.49]	13,5	2.725
4ª posição	[.51]	14,3	210
5ª posição	[.49]	13,3	15
		14,0	19.884

^a *Input*: 0,022. ^b *Input*: 0,140. [] indicam a não seleção da variável como significativa.

As demais posições lineares (2ª a 5ª) apresentam taxas de marca zero em torno de 14% no português paulistano e pesos relativos bastante próximos entre si. De fato, uma análise que exclui os dados de primeira posição deixa de

selecionar Posição Linear como uma variável relevante. Com base nas taxas de CN- \emptyset bastante próximas entre si para as posições 2 a 5, não surpreende o fato de a variável não ser selecionada. Outros estudos, como o de Braga & Scherre (1976, *apud* Scherre 1988), também obtiveram resultados semelhantes. Em outros, no entanto, observou-se uma tendência *gradual* de menos marcas de plural quanto maior a distância em relação à primeira posição (p.ex., Ponte 1979, *apud* Scherre 1988; Nina 1980, *apud* Scherre 1988; Guy 1981). Scherre (1978, 1988), todavia, indica haver tendências distintas de acordo com o nível de escolaridade dos falantes (note-se que sua análise, diferentemente da que se apresenta aqui, estabeleceu a marca explícita e não a marca zero como valor de aplicação):

[...] enquanto o grupo escolarizado apresenta a oposição básica entre a posição zero – favorecendo a aplicação da regra [de marcação de plural] – e a posição não zero – desfavorecendo-a, o grupo semiescolarizado evidencia uma linha decrescente em termos de favorecimento, partindo da posição 0 (zero) até a posição 4 (quatro) (Scherre, 1988 : 145–146).

As amostras de Ponte (1979), Nina (1980) e Guy (1981), em que se verificaram tendências graduais, de fato se referem a informantes com pouco ou nenhum grau de instrução formal; as amostras de Braga & Scherre (1976, *apud* Scherre 1988) e Scherre (1978, 1988), em que se verificou tendência binária, abarcam falantes mais e menos escolarizados, assim como a presente amostra paulistana.

Nos dados apresentados aqui, as diferentes tendências de marcação de plural quanto à Posição Linear, em diferentes grupos de falantes, foram testadas em relação ao Nível de Escolaridade e à Classe Social dos informantes. A Tabela 6.3 compara os pesos relativos e valores de *range* de acordo com três níveis de escolaridade e três classes sociais da amostra paulistana.

A tendência gradual de menos marcas de plural em posições mais distantes da primeira se encontra mais propriamente entre os falantes que estudaram até o Ensino Fundamental (P.R. 0.72, 0.76 e 0.81, *range* 9). Entre falantes com Ensino Médio ou Superior, as diferenças entre as posições do vocábulo são menores (*ranges* 4 e 2), não significativas e não graduais. O mesmo ocorre

Tabela 6.3 Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com Posição Linear e Nível de Escolaridade^a/Classe Social^b
(N CN- \emptyset = 2.786 (14,0%); N Total = 19.884)

	Ens. Fundamental	Ens. Médio	Ens. Superior
Posição linear			
2 ^a posição	0.72	0.62	0.38
3 ^a posição	0.76	0.58	0.38
4 ^a -5 ^a posições	0.81	0.60	0.36
<i>Range</i>		9	4
	Classes C-D	Classe B2	Classes A-B1
2 ^a posição	0.70	0.39	0.29
3 ^a posição	0.70	0.42	0.25
4 ^a -5 ^a posições	0.72	0.43	0.29
<i>Range</i>		2	4

^a Input: 0,120. ^b Input: 0,112.

quanto aos pesos relativos para todas as classes sociais, mesmo as mais baixas, em que se observam *ranges* de 2 e 4.

Com base nessas observações e nos resultados prévios supracitados, parece possível a generalização de que há interferência supravernacular da escolarização, que sobrescreve a tendência gradual de aplicação da regra de marcação de plural para outra regra – também variável – de oposição binária entre primeira e demais posições. Nesse caso, trata-se de fato de um efeito da escolaridade e não da classe social dos falantes.

Feitas essas considerações sobre as distribuições dos dados quanto ao Estilo de fala e Posição Linear da palavra, as análises que seguem consideram somente as ocorrências em estilo de conversação (para a análise atomística e de SNs) e em vocábulos a partir da segunda posição do SN (para a análise atomística). Discutem-se inicialmente os resultados para as variáveis linguísticas; aqueles para as variáveis sociais, que também foram incluídas nos dois conjuntos de análises, vêm descritos na sequência.

6.3.1 Análise atomística

As variáveis linguísticas da análise atomística são discriminadas no Quadro 6.1. Embora a codificação tenha sido bastante detalhada inicialmente, foram

Análise atomística	
Processos Morfofonológicos de Formação do Plural (terminação da palavra e morfema)	vogal oral /s/: <i>casa-casas</i> vogal nasal /s/: <i>fim-fins, mão-mãos</i> -r /is/: <i>professor-professores</i> -l /is/: <i>azul-azuis, pastel-pastéis</i> -S /is/: <i>mês-meses, capaz-capazes</i> -ão /õjs/: <i>profissão-profissões</i> -ão /ãjs/: <i>pão-pães</i> Metafônicos: <i>ovo-[ɔ]vos</i>
Tonicidade do Item Singular	monossílabo tônico: <i>vez-vezes</i> monossílabo átono: <i>o-os</i> polissílabo oxítono: <i>morador-moradores</i> paroxítono: <i>ano-anos</i> proparoxítono: <i>quilômetro-quilômetros</i>
Posição Relativa	pré-nuclear: “todas <i>as</i> pessoas mais velhas” nuclear: “todas <i>as</i> pessoas mais velhas” pós-nuclear: “todas <i>as</i> pessoas mais <i>velhas</i> ”
Classe Morfológica	substantivo: “meus <i>amigos</i> , os <i>parques</i> ” adjetivo: “placas <i>informativas</i> , países <i>européus</i> ” quantificador indefinido: “essas <i>várias</i> pessoas” demonstrativo: “todas <i>essas</i> coisas” possessivo: “ <i>amigos meus</i> , os <i>seus</i> direitos” artigo definido: “ <i>todos os</i> dias” pronome: “ <i>todos eles</i> ”
Contexto Fônico Seguinte	consoante “as <i>meninas</i> [f]oram” vogal “as <i>meninas</i> [e]ntão” pausa “as <i>meninas</i> ... então”
Paralelismo Intrassintagmático (somente para 3 ^a , 4 ^a e 5 ^a posições)	precedida por CN-∅: “nos último-∅ <i>anos</i> ” precedida por CN-E/invariável: “nos últimos <i>anos</i> ”
Item Lexical (efeito aleatório)	

Quadro 6.1 Variáveis linguísticas da análise de (CN-atomística)

realizadas amalgamações de fatores em certos grupos no desenvolvimento das análises estatísticas, que serão oportunamente destacadas. Ao mesmo tempo, certos pares de variáveis linguísticas não são verdadeiramente independentes entre si – por exemplo, Posição Relativa e Classe Morfológica –, de modo que foi necessário realizar análises separadas, ora com uma, ora com outra.

Dentre as variáveis linguísticas, Processos Morfofonológicos de Formação de Plural e Tonicidade do Item Singular investigam, ambas, o papel da saliência fônica (Scherre, 1988). A segunda variável, no entanto, não é selecionada como significativa para a marcação variável de plural em um modelo de efeitos mistos, com a inclusão do Item Lexical como efeito aleatório (ver Tabela 6.4). Embora já se tenha mostrado relevante em outros estudos (Scherre, 1988; Dias & Fernandes, 2000; Salomão, 2010), é possível que o efeito de tonicidade se deva a itens lexicais frequentes específicos, como “os”, “coisas” ou “vezes”.

Tabela 6.4 Variável linguística não correlacionada com (CN) (análise atomística)
(N CN- \emptyset = 2.786 (14,0%); N Total = 19.884)

	P.R.	% CN- \emptyset	N Total
Tonicidade			
monossílabos tônicos	[.44]	4,0	2.167
polissílabos oxítonos	[.69]	7,4	2.092
monossílabos átonos+paroxítonos+proparoxítonos	[.72]	16,3	15.625

Input: 0,079. [] indicam a não seleção da variável como significativa.

Processos Morfofonológicos, por sua vez, é uma das variáveis mais relevantes entre as selecionadas como significativas (Tabela 6.5). Nesta variável, foram amalgamados, por um lado, os plurais em -ães (*pães*), -ões (*profissões*), -r /is/ (*professores*) e metafônicos (*ovos*) e, por outro, os plurais em -l /is/ (*azuis*) e -S /is/ (*meses*) ($\chi^2 = 5,74(4)$, $p > 0,20$). Palavras terminadas em vogal oral (*casa-s*) ou nasal (*fin-s*, *mão-s*) favorecem a marca zero de plural (P.R. 0.80 e 0.71), e a diferença entre esses fatores – que se refere à nasalidade da vogal – é significativa ($\chi^2 = 18,5(1)$, $p < 0,001$), de modo que se manteve sua separação. Em acordo com a hipótese da saliência, os plurais regulares, menos salientes, apresentam alta tendência à marca zero, enquanto plurais

Tabela 6.5 Tendências de emprego de CN-∅ de acordo com variáveis linguísticas (análise atomística)

(N CN-∅ = 2.786 (14,0%); N Total = 19.884)

	P.R.	% CN-∅	N Total
Processos Morfológicos de Formação de Plural^a			
vogal oral /-s/	0.80	16,0	16.066
vogal nasal /-s/	0.71	10,7	394
-ães + -ões + -r /-is/ + metafônicos	0.66	8,1	1.386
-l /-is/ + -S /-is/	0.43	2,9	2.038
<i>Range</i>	<i>37</i>		
Posição Relativa^b			
pré-nuclear	0.47	1,7	1.215
nuclear + pós-nuclear	0.87	14,8	18.669
<i>Range</i>	<i>40</i>		
Contexto Fônico Seguinte^c			
consoante + pausa	0.54	14,9	14.824
vogal	0.49	11,3	5.060
<i>Range</i>	<i>5</i>		

Input: 0,044. ^a $\chi^2 = 5,74(4)$, $p > 0,20$; ^b $\chi^2 = 1,21(1)$, $p > 0,20$; ^c $\chi^2 = 0,02(1)$, $p > 0,80$.

irregulares têm pesos relativos menores para a variante.

Para Posição Relativa da palavra, separaram-se inicialmente os itens lexicais pré-nucleares, nucleares ou pós-nucleares, mas a diferença entre os dois últimos não se mostrou relevante ($\chi^2 = 1,21(1)$, $p > 0,20$). Essa variável também se apresenta como uma das mais importantes para a marcação de plural, com desfavorecimento da marca zero em posição pré-nuclear (P.R. 0.47), em contraste com a nuclear/pós-nuclear (P.R. 0.87) – resultado que se relaciona com Posição Linear da palavra, conforme se descreveu mais acima: a posição da palavra dentro do SN é relevante tanto em termos lineares quanto em termos estruturais, relativos ao núcleo, já que posições mais à direita favorecem a marca zero.

O Contexto Fônico Seguinte, por sua vez, mostra uma diferença pequena – mas significativa – entre palavras seguidas por consoante ou pausa (P.R. 0.54, $\chi^2 = 0,02(1)$, $p > 0,80$), que favorecem a marca zero de plural, e aquelas seguidas de vogal (P.R. 0.49). Tal resultado, já verificado em outros estudos

(Guy, 1981), pode ser atribuído à tendência de formação da sílaba canônica CV: quando seguido de vogal, o morfema *-s* de plural pode ser ressilabificado [ka.za.za.ma.re.las], enquanto sua manutenção em palavras seguidas de consoante ou pausa gera sílabas CVC [ka.za.zav.ɾIs.]. A tendência à marca zero, nesse contexto, pode ser entendida como uma tendência fonológica a evitar sílabas CVC, com coda silábica.

As demais variáveis da análise atomística foram examinadas em modelos que não incluem aquelas das tabelas 6.4 e 6.5, ou em modelos com um subconjunto de dados, a fim de evitar a não ortogonalidade entre certas variáveis. Paralelismo Intrassintagmático analisa a tendência de marcação de plural de acordo com a palavra imediatamente precedente dentro do sintagma. Considerando-se que a marcação de plural é praticamente categórica na 1ª posição, excluíram-se dessa análise os dados de 2ª posição (p.ex., “último(s)” em “nos último(s) ano(s)”). A Tabela 6.6 mostra que, quando a 3ª, 4ª ou 5ª palavra do SN é precedida por uma palavra com marca de plural ou invariável (p.ex., “os meus *amigo(s)*”, “os dias *mais feliz(es)*”), a tendência à marca zero é desfavorecida (P.R. 0.45); por outro lado, quando precedidas por uma palavra sem marca de plural (os meu-∅ *amigo(s)*), a tendência de ocorrer CN-∅ é bastante alta: 81,8% dessas ocorrências, equivalente a um peso relativo de 0.98. Em outras palavras, uma vez que se emprega uma palavra com marca zero, a probabilidade de que a(s) palavra(s) seguinte(s) no mesmo sintagma apresente(m) o morfema de plural, embora possível, é muito pequena.

Tabela 6.6 Tendências de emprego de CN-∅ de acordo com Paralelismo Intrassintagmático (análise atomística)
(N CN-∅ = 400 (13,6%); N Total = 2.950)

	P.R.	% CN-∅	N Total
Paralelismo Intrassintagmático			
precedida por CN-∅	0.98	81,8	143
precedida por CN-E/invariável	0.45	10,1	2.807
	<i>Range</i>	<i>53</i>	

Input: 0,057.

A variável Classe Morfológica não é independente de Posição Relativa

Tabela 6.7 Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com Classe Morfológica (análise atomística)(N CN- \emptyset = 2.786 (14,0%); N Total = 19.884)

	P.R.	% CN- \emptyset	N Total
Classe Morfológica (sem Posição Relativa)			
substantivo	0.58	14,8	16.950
adjetivo	0.56	13,2	1.953
quantificador indefinido	0.49	11,5	61
demonstrativo + possessivo	0.16	2,2	554
artigo definido + pronome	–	0,0	366
<i>Range</i>	<i>42</i>		

Input: 0,057.

ao Núcleo, já que substantivos sempre ocupam a posição nuclear (“meus dois *irmão(s)*”) e artigos sempre ocupam posição pré-nuclear (“todos *o(s)* lugar(es)”). Desse modo, essas duas variáveis foram inicialmente analisadas em separado. Os resultados na Tabela 6.7 indicam que substantivos e adjetivos favorecem a marca zero de plural (P.R. 0.58 e 0.56); quantificadores indefinidos (*vários, muitos*) estão próximos do ponto neutro (PR. 0.49); demonstrativos (*esses, aquelas*) e possessivos (*meus, suas*) desfavorecem a variante (P.R. 0.16); e não houve ocorrências de marca zero em artigos definidos (*os, as*) ou pronomes (*eles*) a partir da segunda posição. Tal hierarquia se assemelha àquela observada para a Posição Relativa, já que artigos definidos, demonstrativos, possessivos e quantificadores indefinidos geralmente ocupam posições pré-nucleares (desfavorecedoras da marca zero), e adjetivos e substantivos costumam figurar em posições nucleares e pós-nucleares (favorecedoras da marca zero) (Cf. Tabela 6.5).

A fim de separar o efeito de Classe Morfológica e Posição Relativa, realizou-se uma análise alternativa com o cruzamento dessas variáveis. Excluíram-se substantivos (pelo fato de sempre ocuparem a posição nuclear), e artigos definidos e pronomes (por não apresentarem variação na presente amostra); adjetivos e quantificadores definidos, por sua vez, foram amalgamados ($\chi^2 = 0,05(2)$, $p > 0,950$). A Tabela 6.8 mostra que, embora prevaleça a dife-

rença na hierarquia de restrições entre a posição pré-nuclear, por um lado, e as posições nuclear/pós-nuclear, por outro, há uma diferença significativa entre demonstrativos/possessivos e adjetivos/quantificadores indefinidos. Os primeiros desfavorecem mais a marca zero relativamente aos segundos (Cf. 0.13 e 0.29; 0.35 e 0.69). Desse modo, tanto a Classe Morfológica da palavra quanto sua Posição Relativa ao núcleo têm um efeito sobre o emprego de CN- \emptyset .

Tabela 6.8 Tendências de emprego de CN- \emptyset em cruzamento entre Classe Morfológica e Posição Relativa (análise atomística)
(N CN- \emptyset = 276 (10,7%); N Total = 2.568)

	P.R.	% CN- \emptyset	N Total
Classe Morfológica + Posição Relativa			
adjetivo + quant. indefinido – nuclear/pós-nuclear	0.69	15,3	1.640
demonstrativo + possessivo – nuclear/pós-nuclear	0.35	6,1	66
adjetivo + quant. indefinido – pré-nuclear	0.29	3,5	374
demonstrativo + possessivo – pré-nuclear	0.13	1,6	488
	<i>Range</i>	<i>56</i>	

Input: 0,036. $\chi^2 = 0,05(2)$, $p > 0,95$.

De modo geral, portanto, verifica-se que o português paulistano segue a mesma tendência de outras comunidades brasileiras quando se consideram os itens lexicais isoladamente: favorecimento da marca zero em formas menos salientes; em posição nuclear ou pós-nuclear; em substantivos, adjetivos e quantificadores indefinidos; e quando a palavra é seguida de consoante/pausa ou precedida por outra com marca zero.

6.3.2 Análise de SNs

A análise da perspectiva não atomística (SNs) incluiu as variáveis linguísticas discriminadas no Quadro 6.2. Dentre essas variáveis, Número de Palavras no SN não é selecionada como significativa para a concordância nominal. A Tabela 6.9 mostra, além de porcentagens e os respectivos pesos relativos – todos próximos ao ponto neutro –, que a maior parte dos dados consiste em

Número de Palavras	duas: “os meninos” três: “os meus filhos” quatro: “umas coisas meio estranhas” cinco: “as coisas muito mais intensificadas”
Classe Morfológica do Primeiro Elemento Pré-nuclear	artigo indefinido: “ <i>uns</i> meninos” artigo definido: “ <i>os</i> meninos” demonstrativo: “ <i>essas</i> coisas todas” numeral: “ <i>duas</i> pessoas” possessivo: “ <i>meus</i> irmãos” adjetivo: “ <i>melhores</i> condições” quantificador indefinido: “ <i>alguns</i> erros” “ <i>todos/todas</i> ”: “ <i>todas</i> essas pessoas” substantivo: “ <i>peessoas</i> bonitas”
Configuração Sintagmática Pós-Nuclear	com posições pós-nucleares: “as pessoas mais velhas” sem posições pós-nucleares: “as pessoas”
Animacidade do SN	[+humano]: “os professores” [-humano]: “as coisas”
Paralelismo Sintático (5 orações precedentes)	primeiro de uma série precedido por SN com CN-∅ precedido por SN com CN-E
Sintagma Nominal (efeito aleatório)	

Quadro 6.2 Variáveis linguísticas da análise de (CN-SNs)

sintagmas de duas palavras (quase 15 mil dos 17.866), e que o total de dados decresce drasticamente para SNs de 3 a 5 palavras.

A Configuração Sintagmática (ou seja, a organização das palavras dentro do SN) é analisada de modos diversos nos diferentes estudos sobre concordância nominal. Neste trabalho, separaram-se os contextos pré- e pós-nuclear: no primeiro caso, analisou-se a classe morfológica da primeira palavra do SN (artigo definido, numeral, possessivo etc.);⁶ no segundo, considerou-se a existência ou não de palavras em posição pós-nuclear. O resultado dessas e das demais variáveis são apresentados na Tabela 6.10.

SNs encabeçados por artigos indefinidos (*uns*, *umas*) e demonstrativos (*essas*, *aqueles*) são aqueles que mais favorecem a marca zero (P.R. 0.72);

⁶ Inicialmente, codificaram-se a Classe Morfológica do Primeiro e do Último Elemento Pré-nuclear. Essas foram contrastadas, a fim de determinar qual delas exercia maior influência no emprego de CN-∅. Um teste de qui-quadrado entre essas análises indica que é mais relevante a Classe Morfológica da Primeira Palavra, com menor valor absoluto de logaritmo de verossimilhança (Cf. l.l. 2086,734 vs. 2091,516; ver [Guy & Zilles 2007](#): 190-193); excluiu-se, portanto, a variável Classe Morfológica do Último Elemento Pré-Nuclear e manteve-se apenas aquela que considera o primeiro elemento.

Tabela 6.9 Variável linguística não correlacionada com (CN) (análise de SNs)
(N CN- \emptyset = 2.709 (15,2%); N Total = 17.866)

	P.R.	% CN- \emptyset	N Total
Número de palavras			
Duas	[.50]	15,1	14.98
Três	[.51]	15,4	2.663
Quatro	[.56]	18,3	208
Cinco	[.46]	13,3	15

Input: 0,152. [] indicam a não seleção da variável como significativa.

artigos definidos (*os, as*), possessivos (*meus, suas*) e numerais (*dois*) revelam tendência neutra (P.R. 52); e adjetivos (*belas*; P.R. 33), quantificadores indefinidos (*alguns*; P.R. 0.28) e substantivos (*pessoas*; P.R. 0.15) desfavorecem a variante. Há muitas das ocorrências de demonstrativos que se referem não a algo específico, mas a categorias gerais de pessoas ou coisas:

- (18) a. \textcircled{a} *aquele pessoal que vai no funk tem aquelas calcinhas coladinha- \emptyset ... tem uma roupa de funk baile funk* (Clara C., F2SC)
 b. \textcircled{a} *dá vontade de rir né? porque elas parece aquelas velha- \emptyset que reclama né?* (Mariana B., F2MP)
 c. \textcircled{a} *puta já toquei meu... até em em... essas parada- \emptyset de forró sertanejo de...* (Luis A., M1SP)

Desse modo, é possível que o favorecimento de CN- \emptyset em SNs iniciados por artigos indefinidos e demonstrativos se deva a um traço semântico [-definido]. Quanto à Configuração Sintagmática Pós-nuclear, a presença de palavras em posições pós-nucleares favorece a marca zero (P.R. 0.69), enquanto sua ausência a desfavorece (P.R. 0.48). Tal resultado está em consonância com o resultado verificado para a variável Posição Relativa da análise atomística, que mostrou que a posição pós-nuclear favorece a ausência de marca de número.

O Paralelismo Sintático (Scherre & Naro, 1992; Scherre, 1998, 2001), investigado em diversos estudos prévios em múltiplas localidades do país (ver Seção 6.1), manifesta resultados similares em São Paulo: SNs precedidos por outros SNs com marca zero favorecem CN- \emptyset (P.R. 0.70), e SNs precedidos por SNs com concordância plena a desfavorecem (P.R. 0.45); quando se trata do

Tabela 6.10 Tendências de emprego de CN- \emptyset de acordo com variáveis linguísticas (análise de SNs)
(N CN- \emptyset = 2.709 (15,2%); N Total = 17.866)

	P.R.	% CN- \emptyset	N Total
Classe Morfológica do Primeiro Elemento Pré-nuclear^a			
artigo indefinido + demonstrativo	0.72	28,4	2.424
artigo definido + numeral + possessivo	0.52	14,5	12.375
adjetivo	0.33	8,9	1.060
quantificador indefinido + “todos”	0.28	6,6	1.407
substantivo	0.15	6,3	600
<i>Range</i>	<i>57</i>		
Paralelismo Sintático			
precedido por SN com CN- \emptyset	0.70	48,4	1.393
primeiro de uma série	0.52	16,1	7.806
precedido por SN com CN-E	0.45	9,0	8.667
<i>Range</i>	<i>25</i>		
Configuração Sintagmática Pós-nuclear			
com posições pós-nucleares	0.69	16,6	1.456
sem posições pós-nucleares	0.48	15,0	16.410
<i>Range</i>	<i>21</i>		
Animacidade			
[+humano]	0.54	16,2	5.581
[-humano]	0.48	14,7	12.285
<i>Range</i>	<i>6</i>		

Input: 0,051. ^a $\chi^2 = 5,52(4)$, $p > 0,20$.

primeiro SN de uma série (neste estudo, a ausência de SNs plurais nas cinco orações precedentes), a tendência é próxima do ponto neutro (P.R. 0.52), semelhante à probabilidade geral da amostra. Em complemento à análise do Paralelismo Intrassintagmático da análise atomística, percebe-se que o efeito serial do paralelismo atua tanto dentro do sintagma quanto na relação do SN com outros SNs que o precedem.

Animacidade, por sua vez, revela tendência oposta àquela normalmente verificada em outros estudos (ver, p.ex., [Brandão & Vieira 2012](#)): são os SNs com o traço [+humano] que favorecem CN- \emptyset (P.R. 0.54) em relação àqueles com o traço [-humano] (P.R. 0.48). De fato, alguns SNs recorrentes que tendem a favorecer a marca zero são “os cara” e “os moleque”; no entanto, a

inclusão de Item Lexical como efeito aleatório indica que não se trata de um efeito superficial desses itens específicos.⁷ Resultados semelhantes quanto à Animacidade foram observados por McLaughin (2013), em seu estudo sobre três variáveis do inglês de 88 afro-descendentes em Chapel Hill (NC, EUA): o morfema *-s* de 3ª pessoa do singular (ex. *My momma make-s/∅ me clean up* ‘minha mãe me faz limpar’); o apagamento da cópula (ex.: *she’s/∅ older than me* ‘ela é mais velha do que eu’); e contração de *is/has* (ex.: *Europe is/’s nice* ‘a Europa é legal’; *I’m sure it has/’s been done* ‘Tenho certeza de que está feito’). Os três casos (a variante zero de *-s* na 3PS, o apagamento da cópula e a contração de *is/has*) foram favorecidos por SNs com o traço [+humano].

Assim, diferentemente da análise atomística, que sinalizou forte concordância do português paulistano com os padrões de outras comunidades, aqui se verifica uma variável cujo efeito se dá na direção contrária. Esses resultados indicam que a correlação com Animacidade nem sempre segue a mesma direção, e que o favorecimento de CN-∅ por SNs [−humano] ou [−animado] não é generalizado no português brasileiro.

6.3.3 Variáveis sociais

Os resultados para as variáveis sociais são aqui apresentados paralelamente para as análises atomística e não atomística (SNs) – que incluíram, ambas, as mesmas sete variáveis (ver Capítulo 3, p. 59) –, ainda que tenham sido realizadas separadamente. Os resultados são apresentados nas mesmas tabelas apenas para que possam ser diretamente comparados: ambas exibem resultados similares, quando não idênticos. Nelas, coincidem o conjunto de variáveis selecionadas, sua hierarquia de seleção e os valores de *range* – algo esperado, posto que se trata do mesmo conjunto de dados.

Não são selecionadas como significativas para a concordância nominal a Origem dos Pais, a Região de Residência e a Faixa Etária (Tabela 6.11). A Idade do falante (variável contínua) tampouco é selecionada, o que indica que a concordância nominal parece ser um caso de variação estável em São Paulo.

⁷ É possível que haja a atuação do *grau de formalidade do item lexical* (Scherre, 1988), variável não testada na presente pesquisa. Contudo, não deixa de ser digna de nota a seleção da variável Animacidade em direção contrária à de outros estudos.

Tabela 6.11 Variáveis sociais não correlacionadas com (CN)

	Atomística ^a			SNs ^b		
		N CN-∅ = 2.786 (14,0%)	N Total = 19.884		N CN-∅ = 2.709 (15,2%)	N Total = 17.866
	P.R.	% CN-∅	N Total	P.R.	% CN-∅	N Total
Origem dos Pais						
N/NE	[.57]	19,1	1.482	[.71]	19,9	1.340
estrangeira+interior+São Paulo	[.49]	15,3	11.497	[.52]	16,6	10.365
mista	[.29]	10,7	6.905	[.43]	11,6	6.161
	<i>Range</i>	(28)		(28)		
Região de Residência						
bairro mais periférico	[.52]	14,1	11.079	[.51]	15,3	9.961
bairro mais central	[.49]	13,9	8.805	[.49]	15,1	7.905
	<i>Range</i>	(3)		(2)		
Faixa Etária						
20–34 anos	[.51]	13,5	6.233	[.48]	14,3	5.613
35–59 anos	[.42]	11,0	7.173	[.44]	12,2	6.405
60+ anos	[.56]	17,9	6.478	[.58]	19,2	5.848
	<i>Range</i>	(14)		(14)		

^aInput: 0,082. ^bInput: 0,061. [] indicam a não seleção da variável como significativa.

A reconfiguração da variável Origem dos Pais em três fatores na Tabela 6.11 corresponde a amalgamações realizadas em modelos de efeitos fixos; sem a inclusão de Falante como efeito aleatório, os resultados haviam indicado o favorecimento de CN-∅ por filhos de migrantes do Norte e do Nordeste do país, e desfavorecimento por falantes cujos pais são provenientes de locais distintos entre si. Os filhos de italianos, incluídos entre os estrangeiros, não apresentaram tendências significativamente diferentes de filhos de paulistanos ou de migrantes do interior. Tal resultado, no entanto, não se mantém quando se inclui o falante como efeito aleatório (diferentemente do que ocorre na análise sobre (-r), ver Capítulo 5), o que indica que os efeitos observados não se devem às categorias da variável, mas a tendências de falantes individuais. Desse modo, malgrado a constante associação da variante com um falar “italianado”, não se pode afirmar, com base nessa amostra – não estratificada de acordo com a Origem dos Pais –, que o emprego de CN-∅ tenha alguma influência da imigração italiana na cidade.

De modo semelhante, a despeito da avaliação de Tatiana M. que associa

a marca zero com os moradores de periferia (excerto (14), p. 134), não há correlação com Região de Residência – diferentemente do que se observa para (ẽ) e (-r). A frequente associação da variante com o bairro da Mooca, entretanto, é investigada adiante por meio do cruzamento entre Região e Zona de Residência.

Em estudos prévios sobre a concordância nominal, o Nível de Escolaridade, quando considerado, frequentemente se mostra relevante para a variação. Ainda que a presente amostra tenha sido estratificada entre falantes que atingiram o Ensino Médio e aqueles que prosseguiram para o Ensino Superior, a análise apresentada na Tabela 6.12 separa do primeiro grupo os falantes com nível de Ensino Fundamental. A categorização em três níveis permite entrever que a correlação é gradual e sistemática: falantes que estudaram até o Ensino Fundamental favorecem fortemente a marca zero (P.R. 0.85 e 0.81); aqueles que estudaram até o Ensino Médio a favorecem em menor grau (P.R. 0.67 e 0.64); e aqueles com nível superior tendem a desfavorecê-la (P.R. 0.32 e 0.35). Em outras palavras, quanto menor o nível de escolaridade, maior a tendência de emprego das variantes proscritas pela norma culta.

Tabela 6.12 Tendências de emprego de CN-∅ de acordo com Nível de Escolaridade (análise atomística e de SNs)

	Atomística ^a			SNs ^b			
	P.R.	% CN-∅	N Total	P.R.	% CN-∅	N Total	
		N CN-∅ = 2.786 (14,0%)			N CN-∅ = 2.709 (15,2%)		
		N Total = 19.884			N Total = 17.866		
Nível de Escolaridade							
Até Ens. Fundamental	0.85	29,7	2.415	0.81	31,8	2.192	
Até Ens. Médio	0.67	18,4	6.358	0.64	19,8	5.775	
Ens. Superior	0.32	8,1	11.111	0.35	8,8	9.899	
	<i>Range</i>	<i>53</i>		<i>46</i>			

^aInput: 0,068. ^bInput: 0,074.

Pode-se questionar, no entanto, se esse resultado se deve à interferência direta da escolarização (tal qual se verificou para as tendências de emprego de marca zero quanto à Posição Linear, na Tabela 6.3 acima) ou se se trata de um

efeito colateral da classe socioeconômica dos falantes, uma vez que diferentes níveis de escolaridade restringem as oportunidades de posicionamento no mercado de trabalho, de ascensão social e de estabelecimento de redes sociais dos falantes. O contraste com os resultados para a variável Classe Social pode iluminar essa questão.

A Classe Socioeconômica dos falantes se apresenta como a variável social que se correlaciona mais fortemente com CN- \emptyset , com *ranges* de 64-65. Da Tabela 6.13, depreende-se que quanto mais baixo o nível socioeconômico, mais alta é a tendência ao emprego da marca zero, desde as classes mais altas A/B1 (P.R. 0.13 e 0.23) até as classes mais baixas C2/D (P.R. 0.77 e 0.88). Como variável contínua, o Índice Socioeconômico exibe valor de -1.23 *logodds* ($p < 0,001$) a cada unidade da escala social (de 1 a 5). Para avaliar a preponderância de Escolaridade ou Classe Social, computou-se o valor de qui-quadrado que contrasta as análises; tal comparação indica que a segunda tem maior poder de previsão do que a primeira para a ocorrência da marca zero ($\chi^2 = 93,3(1)$, $p < 0,001$ para a análise atomística, $\chi^2 = 19,64(1)$, $p < 0,001$ para a análise de SNs). Desse modo, parece mais razoável interpretar que as tendências de emprego observadas em diferentes níveis de escolaridade são decorrência do *status* social dos falantes e das redes sociais que eles estabelecem com falantes da mesma classe social. Sugere-se aqui que os consistentes resultados observados para Escolaridade, em diversas comunidades, sejam interpretados não pela eficácia do sistema educacional, mas pelas oportunidades de ascensão social que oferece ao indivíduo que, por sua vez, acomoda-se aos padrões esperados de seu estrato socioeconômico.

O Sexo/Gênero dos falantes também se correlaciona a (CN), com favorecimento de CN- \emptyset por parte dos homens (P.R. 0.64 e 0.63) e desfavorecimento pelas mulheres (P.R. 0.38 e 0.36). Tendo em vista as correlações que geralmente se observam para variáveis cujas variantes se diferenciam em graus de estigma ou prestígio, os presentes resultados estão de acordo com a expectativa de que a variante não padrão seja favorecida pelos falantes de sexo masculino. No entanto, os estudos sobre a concordância nominal, sobretudo em comunidades urbanas, nem sempre verificam a correlação com a variável Sexo/Gênero (ver, p.ex., Salomão 2010; Brandão & Vieira 2012) ou correla-

Tabela 6.13 Tendências de emprego de CN-Ø de acordo com variáveis sociais (análise atomística e de SNs)

	Atomística ^a			SNs ^b		
	P.R.	% CN-Ø	N Total	P.R.	% CN-Ø	N Total
Classe Social						
A/B1	0.13	5,4	5.119	0.23	5,9	4.528
B2	0.38	8,9	5.981	0.35	9,7	5.343
C1	0.64	18,0	5.127	0.63	19,0	4.656
C2/D	0.77	28,9	3.657	0.88	31,1	3.339
<i>Range</i>	64		65			
Sexo/Gênero						
feminino	0.38	9,8	9.327	0.36	10,4	8.434
masculino	0.64	17,8	10.557	0.63	19,4	9.432
<i>Range</i>	26		27			
Mobilidade^{c,d}						
baixa	0.54	21,9	4.122	0.65	23,8	3.727
média + alta	0.36	12,0	15.762	0.46	12,9	14.139
<i>Range</i>	18		19			

^aInput: 0,044. ^bInput: 0,051. ^{c,d} $\chi^2 = 1,46(1)$, $p > 0,20$.

ções tão fortes quanto a que se observa em São Paulo, com *range* de 26-27. Mendes (no prelo), em seu estudo sobre a concordância nominal e identidades de gênero, constatou a mesma correlação em sua amostra de 36 entrevistas sociolinguísticas, e que homens *gays* efeminados tendem a desfavorecer a marca zero ainda mais do que as mulheres. À vista desse resultado, o autor sugere que, na comunidade paulistana, homens tendem a empregar CN-Ø de modo a evidenciar sua masculinidade. Ainda que o presente estudo diferencie os falantes mais propriamente quanto ao *sexo*, e não quanto ao *gênero* ou quanto à marcação, no discurso, de um modo mais ou menos masculino de ser, uma explicação semelhante parece plausível para dar conta não apenas da direção observada para a correlação (favorecimento de CN-Ø pelos homens), mas para a grande diferença entre tendências de homens e mulheres. Na cidade de São Paulo, a marca zero parece funcionar não só como forte estratificador de classes sociais e níveis de escolaridade, mas também como índice

de masculinidades.

Quanto à Mobilidade Geográfica, os falantes com menor mobilidade (aqueles que sempre viveram no mesmo bairro) tendem a empregar a marca zero (P.R. 0.54 e 0.65), ao passo que os falantes com maior mobilidade (que já se mudaram do bairro ou zona de origem) tendem a evitá-la (P.R. 0.36 e 0.46). Isso sinaliza a importância de uma identidade local para o emprego da variante. Essa possível influência pode ser analisada pelo cruzamento entre Região de Residência e Zona, que permite um mapeamento mais detalhado da cidade. Os nove fatores da nova variável (as zonas Norte, Sul, Leste e Oeste subdivididas entre parte central e periférica, mais a Zona Central) passaram por amalgamações até que se chegasse ao modelo mais sintético da Tabela 6.14 ($\chi^2 = 2,95(5)$, $p > 0,70$ para análise atomística e $\chi^2 = 3,29(5)$, $p > 0,50$ para análise de SNs).

Tabela 6.14 Tendências de emprego de CN- \emptyset em cruzamento entre Região e Zona de Residência (análise atomística e de SNs)

	Atomística ^a			SNs ^b		
	N CN- \emptyset	% CN- \emptyset	N Total	N CN- \emptyset	% CN- \emptyset	N Total
	N CN- \emptyset = 2.786 (14,0%)			N CN- \emptyset = 2.709 (15,2%)		
	N Total = 19.884			N Total = 17.866		
	P.R.	% CN- \emptyset	N Total	P.R.	% CN- \emptyset	N Total
Região + Zona de Residência						
ZL Central	0.85	35,1	934	0.85	37,7	851
ZL Periférica	0.65	18,9	2.612	0.66	19,7	2.374
ZN Periférica+Sul+Oeste	0.46	12,7	13.681	0.46	13,8	12.275
Zona Central + ZN Central	0.41	8,7	2.657	0.40	9,6	2.366
	<i>Range</i>	<i>44</i>			<i>45</i>	

^aInput: 0,064. $\chi^2 = 2,95(5)$, $p > 0,70$. ^bInput: 0,053. $\chi^2 = 3,29(5)$, $p > 0,50$.

Os moradores da Zona Leste Central são aqueles que mais favorecem a marca zero (P.R. 0.85 para a análise atomística e de SNs), seguidos dos moradores da Zona Leste Periférica (P.R. 0.65 e 0.66); os residentes das Zonas Central e Norte Central são aqueles que mais desfavorecem essa variante (P.R. 0.41 e 0.40), e os das demais regiões exibem tendência mais próxima ao ponto neutro (P.R. 0.46). Ora, a Zona Leste Central é justamente onde se localiza o bairro da Mooca, frequentemente associado à expressão “dois pastel

e um chopes” pelos falantes paulistanos. Neste caso, a avaliação feita pela comunidade – CN-∅ é mais frequente entre os moradores da Mooca – coincide com aquilo que se observa empiricamente.

A próxima seção se volta mais detalhadamente para a questão das identidades locais, seja com o bairro, seja com a cidade: como se dá o encaixamento social de CN-∅ em diferentes partes da cidade? Em especial, a forte associação no discurso popular entre a marca zero e o bairro da Mooca ocorreria apenas pelo seu uso mais frequente, ou também por padrões divergentes de variação linguística em relação à comunidade? Recorde-se o comentário de Iara S. (6), que afirma que na Mooca a variante é comumente empregada mesmo na fala de pessoas mais escolarizadas, como seu irmão médico. Poderia a associação da marca zero com o bairro advir de uma maior semelhança nos usos linguísticos por parte de pessoas com diferentes graus de escolaridade ou pertencentes a classes sociais distintas?

6.4 Identidades locais

As análises acima não indicaram correlações entre (CN) e Região de Residência ou Faixa Etária dos falantes. No entanto, um cruzamento entre essas variáveis revela diferentes tendências nas regiões central e periférica.⁸

Na Figura 6.3, observa-se que os falantes com mais de 60 anos que residem em bairros mais centrais favorecem mais a marca zero (P.R. 0.60) do que aqueles de regiões periféricas (P.R. 0.52), assim como os falantes entre 35–59 anos das áreas centrais desfavorecem CN-∅ (P.R. 0.48) relativamente menos do que os de áreas periféricas (P.R. 0.37). Tais tendências podem ser visualizadas pelas curvas paralelas para as duas faixas etárias mais altas. Isso, no entanto, inverte-se entre os falantes mais jovens: entre esses, são os habitantes das áreas periféricas que favorecem CN-∅ (P.R. 0.56) em relação aos de áreas centrais (P.R. 0.44). Além disso, enquanto para os residentes de bairros mais centrais se esboça um quadro de mudança em favor da variante prescrita pela norma culta (a tendência de emprego de CN-∅ é gradativamente menor entre os mais

⁸ Os resultados reportados nesta subseção se referem ao arquivo de dados da análise de SNs, que não diferem significativamente das análises atomísticas.

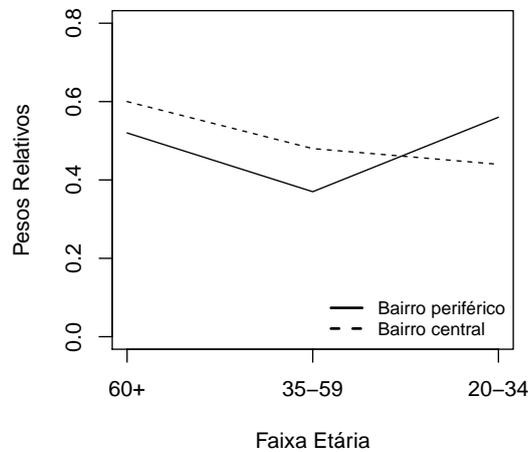


Figura 6.3 Pesos relativos referentes ao emprego de CN-0 no cruzamento entre Região de Residência e Faixa Etária

jovens, relativamente aos mais velhos), para os de regiões mais periféricas se configura o típico quadro de variação estável, com desfavorecimento da variante proscrita por parte dos falantes da faixa etária intermediária.⁹ Esses padrões parecem estar de acordo com as avaliações dos paulistanos da amostra: entre os mais velhos, a partir da segunda faixa etária, o emprego da marca zero é associado aos falantes de bairros tradicionais de São Paulo, como a Mooca, Brás e Bexiga, localizados nas regiões mais centrais; entre os mais jovens, tal avaliação tem se enfraquecido em favor da associação com residentes de bairros de periferia.

Entretanto, de acordo com a subseção anterior, não são todos os falantes da área central que favorecem a marca zero; dentre eles, os habitantes da Zona Leste Central se destacam por sua forte tendência de emprego da variante. Com base nas porcentagens, realizaram-se então outros cruzamentos: um entre o mapeamento mais detalhado da cidade (de acordo com as quatro categorias da Tabela 6.14) e a Escolaridade, e outro entre o mesmo mapeamento e a Classe Social dos falantes.

A Figura 6.4 (topo) mostra que as taxas de emprego de CN-0 são maiores entre os falantes com menor nível de escolaridade em relação aos de Ensino Superior, exceto para as zonas Central e Norte Central (para as quais as

⁹ O mesmo padrão será observado na análise da variável (CV), no Capítulo 7.

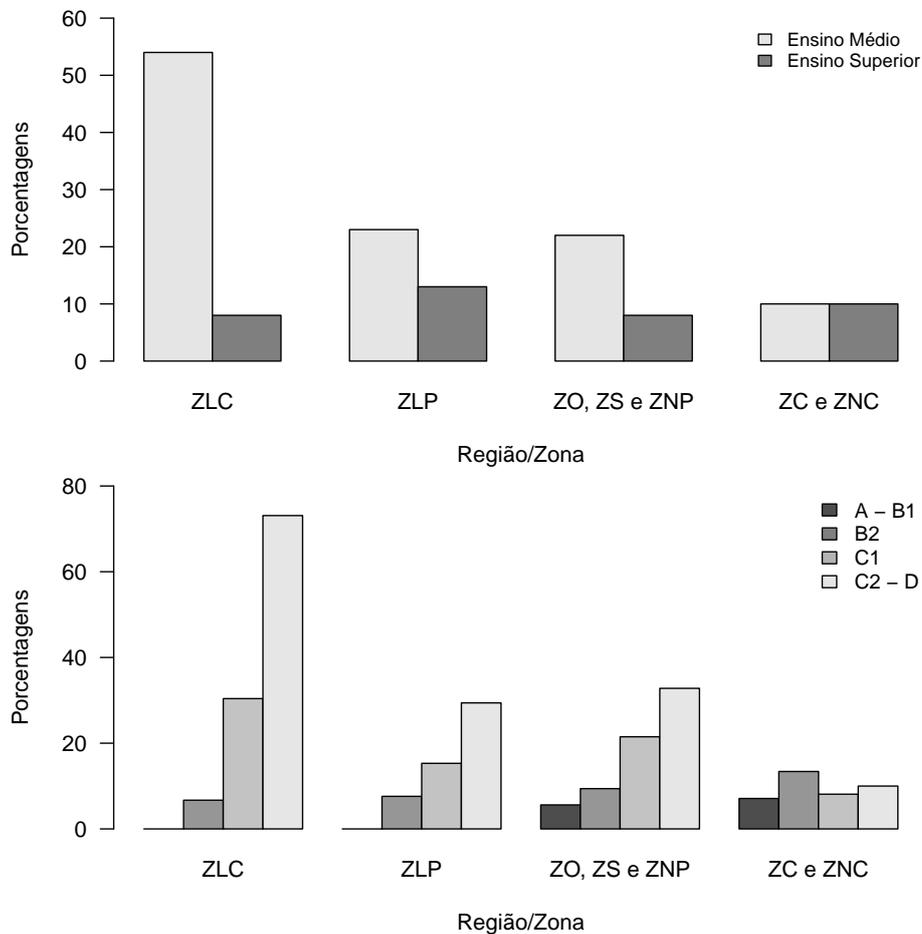


Figura 6.4 Taxas de emprego de CN-0 no cruzamento entre Região/Zona e Nível de Escolaridade (topo) e Classe Social (abaixo)

taxas foram idênticas); no entanto, entre os falantes menos escolarizados, os habitantes da Zona Leste Central a empregam com frequência muito maior (53,9%) do que os das demais regiões da cidade, cujas taxas variam entre 9,5 a 23,3%.

Algo semelhante se verifica no cruzamento com classe social. Na Figura 6.4, em todas as regiões, há taxas gradualmente maiores de emprego de CN-0 quanto mais baixa for a classe social (com exceção, novamente, das zonas Central e Norte Central, cujas taxas se aproximam de 10%). Nas zonas Leste Central e Periférica, não há, nesta amostra, falantes das classes sociais mais altas A e B1, o que deve ter contribuído para as maiores tendências

ao emprego da marca zero nessas regiões. Entretanto, entre os falantes das classes mais baixas C2 e D, a taxa de emprego de CN-∅ é muito mais alta na Zona Leste Central (73,1%), superior ao dobro daquelas das demais regiões (29,4% para a Zona Leste Periférica; 32,8% para as zonas Oeste, Sul e Norte Periférica; e 10% nas zonas Central e Norte Central).

Desse modo, não se verificam tendências divergentes entre os residentes da Zona Leste Central, que poderiam destacá-los do restante da comunidade – por exemplo, maior emprego de CN-∅ entre falantes mais escolarizados ou de classe média/alta. A associação da variante com os falantes que residem especificamente no bairro da Mooca parece ser decorrência tão somente de taxas exageradas de emprego da marca zero por parte de certos residentes dessa área da cidade, que evidentemente destoam das médias em outras regiões. O estereótipo acerca do português paulistano provavelmente advém daí: alguns dos falantes mais prototípicos da cidade, cuja variedade é identificada, nomeada e comentada no discurso popular – o “mooquês” –, apresentam taxas bastante superiores de emprego da marca zero. Nesse aspecto, a identidade local com o bairro ou com a cidade parece reforçá-las, uma vez que “dois pastel”, antes de ser “errado”, é “paulistano”.

6.5 Síntese

Os diversos estudos sobre a concordância nominal no português brasileiro já permitem diversas generalizações quanto ao encaixamento linguístico das variantes, cujo emprego se correlaciona à Posição Linear e Relativa do vocábulo dentro do SN, à Saliência Fônica, ao Contexto Fônico Seguente, ao Paralelismo Intra- e Intersintagmático, à Configuração Sintagmática Pré- e Pós-nuclear e à Animacidade do SN. No presente estudo, o único resultado divergente daquele observado em outras comunidades se refere a esta última variável, em que se verificou o favorecimento de CN-∅ em sintagmas com o traço [+humano]. Quanto a fatores sociais, as presentes análises reiteram a forte correlação com o Nível de Escolaridade dos falantes, mas permitem defender que tal resultado seja mais apropriadamente interpretado como efeito indireto da Classe Social e das redes sociais que os falantes estabelecem. Além disso, observou-se a

influência do grau de Mobilidade Geográfica e do Sexo/Gênero dos falantes – este último, em um grau mais forte do que mormente se verifica em outras comunidades urbanas.

Tendo em vista que muitos dos padrões sociais e linguísticos acerca da concordância nominal de número são recorrentes em diferentes comunidades, é necessário se voltar a novas questões. Este capítulo enfoca os possíveis mecanismos que operam na associação dos usos linguísticos com certas identidades sociais, através da análise do discurso metalinguístico dos informantes, bem como dos padrões de variação na comunidade. Em especial, investigaram-se as motivações para a associação da marca zero especificamente com os paulistanos, quando a variável está presente em todo o território brasileiro. Sugere-se que tal associação se deve às altas taxas de emprego das variantes por parte de habitantes de bairros tradicionais de São Paulo, sobretudo a Mooca, mas sinaliza-se que as percepções da comunidade estão em vias de mudança, em direção a uma associação mais forte com o nível de escolaridade e condição socioeconômica dos falantes. Além disso, a variante não padrão parece funcionar como índice de identidade de gênero, dada a ampla diferença entre as tendências de homens e mulheres (maior do que em outras comunidades urbanas); CN-∅ parece funcionar como estratégia de indexação de masculinidades (Mendes, 2014, no prelo). As análises que este capítulo traz sobre o significado social da variação, para além dos amplos padrões observados, conduzem a novas interpretações da vitalidade de certas formas linguísticas em diferentes subgrupos da comunidades.

7

A variável (CV)

Este capítulo contrasta os resultados das análises multivariadas para a concordância verbal de 1PP e de 3PP, a fim de avaliar se se trata de duas variáveis distintas ou de uma única variável (Labov, 1969), com os mesmos padrões e regras. Após demonstrar que ambas se correlacionam com o mesmo conjunto de variáveis independentes, que são selecionadas na mesma ordem de importância e com a mesma hierarquia interna de restrições – constituindo-se, portanto, uma única variável sociolinguística –, discute-se o *status* da marca zero na comunidade quanto à estabilidade ou não da concordância verbal e quanto ao maior estigma associado à variante em 1PP do que em 3PP, no sentido de avançar o entendimento sobre a relação entre usos linguísticos e significados sociais.

A variação na concordância verbal entre a marca zero (CV- \emptyset) e a marca explícita (CV-E) de número é certamente um dos fenômenos mais estudados na sociolinguística brasileira, juntamente com a concordância nominal e a pronúncia de (-r) em coda silábica. Há estudos do norte ao sul do país, em comunidades rurais, urbanas e “rurbanas” (Bortoni-Ricardo, 1985), que incluem falantes de diferentes faixas etárias, graus de escolarização e níveis socioeconômicos. Entre esses estudos, predominam aqueles sobre terceira pessoa do plural (3PP), como em *eles vão* vs. *eles vai* (ver, p.ex., Naro 1981; Guy 1981; Bortoni-Ricardo 1985; Rodrigues 1987; Scherre & Naro 2006; Scherre *et al.* 2007; Monguilhott 2009; Brandão & Vieira 2012; Lucchesi

2012; Rubio 2008, *inter alia*). Os estudos sobre primeira pessoa do plural (1PP), como em *nós vamos* vs. *nós vai*, apresentam-se em menor número (ver, p.ex., Bortoni-Ricardo 1985; Rodrigues 1987; Naro *et al.* 1999; Zilles *et al.* 2000; Pereira 2004; Coelho 2006; Rubio 2012), assim como os que tratam da concordância de 2ª pessoa (em geral, com o pronome *tu*; ver, p.ex., Loregian-Penkal 2004) e de infinitivo (ver, p.ex., Görski 2000; Canever 2012). Embora alguns trabalhos se dediquem à análise tanto de 1PP quanto de 3PP, nem sempre os resultados para cada pessoa gramatical são contrastados sistematicamente: trata-se, afinal, de duas variáveis distintas ou de uma mesma variável sociolinguística?

Labov (1969) depara com situação semelhante ao analisar a realização variável da cópula no inglês de afro-descendentes em Nova Iorque, em que três formas do verbo *be* podem se alternar: (i) uma forma plena (1-a); (ii) uma forma contraída (1-b); e (iii) e uma forma apagada (1-c).

- (1) a. *He is better than the girls is now* ‘Ele está melhor do que as meninas agora’
 b. *Tha’s my daily routine: women* ‘Essa é minha rotina diária: mulheres’
 c. *She ∅ the first one started us off* ‘Ela é a primeira que nos fez começar [alguma tarefa]’

(Exemplos extraídos de Labov 1969: *passim*)

Duas questões metodológicas se apresentam a respeito do *envelope de variação* (Labov, 1969), ou seja, quais ocorrências devem ser incluídas na análise quantitativa: devem-se contar as três possibilidades de realização ou apenas duas delas (e, neste último caso, qual das formas deve ser excluída)? E devem-se incluir os casos de *am* ‘sou, estou’, *is* ‘é, está’ e *are* ‘são, somos, estão, estamos’ ou apenas uma ou duas das formas? Essa segunda pergunta claramente se relaciona com a presente análise sobre a concordância verbal: devem-se considerar os dados de 1PP e de 3PP conjunta ou separadamente?

Quanto à primeira dessas questões, Labov (1969: 722) demonstra que o apagamento da cópula ocorre apenas em contextos gramaticais que também permitem sua contração: quando esta é agramatical em inglês (**How beautiful you’re!* ‘Que bonito(a) você é!’), também o é o apagamento (**How beautiful*

you! ‘Que bonito(a) você!’). Desse modo, o autor propõe que o envelope de variação é composto pelas formas contraídas (1-b) e apagadas (1-c), que estão sujeitas às mesmas restrições gramaticais. Quanto à segunda questão, Labov (1969) decide analisar as ocorrências de *is* e *are* separadamente, já que esta apresenta uma taxa de apagamento bastante superior à da primeira; os casos de *am*, por sua vez, são quase categoricamente realizados (99%) na forma contraída *I’m*, de modo que o autor prefere descartá-los.

No entanto, Rickford *et al.* (1991) se propõem a analisar sistematicamente essas duas decisões metodológicas, a fim de avaliar as consequências para os resultados de análises quantitativas. Para a primeira das questões – quais os efeitos de se incluírem formas plenas, contraídas e apagadas de *be*, ou apenas um subconjunto delas –, os autores constatam grandes diferenças nos resultados a depender de quais variantes são incluídas na análise. Para a segunda – se *is* e *are* podem ser consideradas conjuntamente –, Rickford *et al.* (1991) concluem que os efeitos não diferem significativamente e que, portanto, *is* e *are* podem ser consideradas uma única variável.

Nesse sentido, o presente estudo primeiramente contrasta padrões de variação na concordância verbal de 1PP e de 3PP, com vistas a determinar se se trata de duas variáveis distintas ou não.¹ Após fazer uma breve revisão bibliográfica de estudos sobre a concordância verbal de 1PP e de 3PP no português brasileiro e no português paulistano, a seção subsequente traz os resultados de análises multivariadas, pelos quais se demonstra que 1PP e 3PP constituem uma mesma variável sociolinguística: ambas se correlacionam com um mesmo conjunto de variáveis independentes, que são selecionadas na mesma ordem de importância e com a mesma hierarquia interna de restrições para cada variável.

Diante desses resultados, a seção seguinte avalia o *status* da marca zero na comunidade paulistana quanto a diferentes graus de estigma na 1PP e na 3PP. Os resultados mostram que, embora as tendências de emprego da marca

¹ Não se analisam aqui as ocorrências de segunda pessoa do plural (*vocês vão* vs. *vocês vai*) pelo número bastante reduzido de dados, em termos tanto absolutos quanto relativos: foram apenas 103 ocorrências de sintagmas verbais de 2PP, que correspondem a menos de 10% do total de dados para 1PP e a cerca de 1% dos dados para 3PP. De fato, o emprego de 2PP em situação de entrevistas sociolinguísticas é pouco esperado, sobretudo quando consistem em interlocuções entre um informante e um documentador, como é o caso da grande maioria de gravações da presente amostra.

zero em 1PP e em 3PP não se diferenciam significativamente na comunidade como um todo, falantes menos escolarizados, de classe social mais baixa e com menor mobilidade geográfica tendem a empregar a marca zero mais em 1PP do que em 3PP; ao mesmo tempo, falantes mais escolarizados, de classe social mais alta e com maior mobilidade evitam fortemente as formas mais salientes de 1PP (Naro *et al.*, 1999). Tais fatos podem explicar o maior estigma da marca zero em 1PP do que em 3PP.

Por fim, demonstra-se que, nas regiões centrais, há um movimento em tempo aparente na direção da marca explícita de número, de modo semelhante ao que se verificou para (CN), enquanto nas regiões periféricas se observa um quadro de variação estável para 3PP e um esboço de mudança em favor da marca zero para 1PP. Tais fatos evidenciam novamente que “variação estável” pode esconder padrões mais complexos dentro da comunidade.

7.1 A concordância verbal no português brasileiro e no português paulistano

Em conjunto, os estudos já desenvolvidos sobre 1PP e 3PP permitem traçar certas generalizações sobre a concordância verbal no português brasileiro. As taxas médias de emprego das variantes sancionadas pela norma culta variam drasticamente quando se comparam diferentes comunidades, de 30% a 100% para 1PP e de 17% a 94% para 3PP (ver Rubio & Gonçalves 2012: 1020–1024 e Lucchesi 2012: 8 para um mapeamento mais detalhado). Os extremos desses *continua* são representados por falantes analfabetos ou semialfabetizados que vivem em comunidades rurais ou rurbanas, por um lado, e habitantes das capitais com nível superior de escolaridade, por outro. Conforme já se notou, 1PP e 3PP normalmente são analisadas separadamente, mas alguns poucos estudos que incluem ambas (ou diferentes estudos que se baseiam em uma mesma amostra) revelam que as taxas de emprego da marca explícita de número na 1PP são sempre maiores do que na 3PP (ver Rodrigues 1987, para duas comunidades de favelados na periferia de São Paulo; Pereira 2004, para a fala de residentes da zona rural no interior dos estados de São Paulo e Minas

Gerais; Rubio & Gonçalves 2012, para a região de São José do Rio Preto-SP; Scherre & Naro 1998 e Naro *et al.* 1999, para a cidade do Rio de Janeiro).

Linguisticamente, a marca explícita de número, tanto na 1PP quanto na 3PP, é favorecida em formas verbais cuja diferença entre o singular e o plural é mais saliente (p.ex., *é/são* vs. *fala/falam*) (Naro, 1981; Naro *et al.*, 1999), em sintagmas verbais (SVs) precedidos por outros SVs com marca explícita (p.ex., Scherre 1998; Pereira 2004), e com sujeitos [+humano] ou [+animado] (p.ex., Monguilhott 2009; Brandão & Vieira 2012), pronominais (p.ex., Rodrigues 1987), e imediatamente prepostos aos verbos (p.ex., Guy 1981).

Quanto à distribuição social, os estudos apresentam, em geral, quadros de variação estável (p.ex., Rubio 2012) ou de mudança em progresso em direção à marca explícita (p.ex., Lucchesi 2012); o primeiro se constata em comunidades urbanas e em amostras que incluem falantes de diferentes níveis de escolaridade, e o segundo em comunidades rurais/rurbanas com falantes menos escolarizados ou de classe social mais baixa. A maior parte dos estudos indica o favorecimento de CV-E pelas mulheres, mas o padrão oposto é encontrado em comunidades de migrantes das zonas rurais para as capitais (Bortoni-Ricardo, 1985; Rodrigues, 1987), fato que é atribuído à maior inserção dos homens no mercado de trabalho nas cidades para as quais migram e seu consequente contato com a norma culta. Em relação à escolaridade, os estudos invariavelmente apontam para o favorecimento da marca explícita quando é maior o grau de instrução do falante.

Especificamente na cidade de São Paulo, Rodrigues (1987) investigou a concordância de 1PP e de 3PP na fala de 40 informantes analfabetos ou semialfabetizados, moradores do bairro da Brasilândia, na Zona Norte da capital paulista. Os falantes (oriundos de quatro espaços geográficos – São Paulo-capital; interior do estado de São Paulo e norte do Paraná; norte de Minas Gerais e sul da Bahia; nordeste) foram estratificados de acordo com o sexo, dois níveis de escolaridade (nula ou primeiro grau) e três faixas etárias (20-35 anos; 36-50 anos; 51 ou mais anos). A autora assinala que, apesar de seu intuito inicial de colher amostras de fala de paulistanos, a realidade das favelas “mostrou-se bastante diferente: nelas predomina uma população de origem rural, proveniente não só do interior de São Paulo, mas de todas as

regiões do Brasil” (Rodrigues, 1987: 132).

O emprego da marca zero para 1PP foi de 46% (de 693 ocorrências), 25 pontos percentuais abaixo do emprego da mesma variante para 3PP, que foi de 71% (de 1.356 ocorrências). Além das variáveis sociais que estratificam a amostra, sua análise multivariada para 1PP incluiu o acento da forma padrão – paroxítona (mais saliente), como em *falamos–fala*, ou proparoxítona (menos saliente), como em *falávamos–falava*) e o tipo de sujeito (não pronominal, pronominal explícito e pronominal não explícito); já para 3PP, a análise incluiu a posição do sujeito em relação ao verbo (imediatamente precedente, imediatamente posterior, ou distante), a saliência fônica (como em Naro 1981) e o tipo de sujeito. Seus resultados foram semelhantes àqueles verificados em outras comunidades, conforme se reviu acima.

Quanto às variáveis sociais, Rodrigues (1987) constatou que sexo/gênero e nível de escolaridade se correlacionam com 1PP – com favorecimento da marca zero pelas mulheres e por falantes de escolaridade nula –, mas não com 3PP. Os falantes provenientes do interior de São Paulo, do Paraná e do Nordeste favorecem CV-∅ em 1PP, e aqueles do norte de Minas Gerais e sul da Bahia a favorecem em 3PP; em ambos os casos, os paulistanos são os que menos tendem a empregar a marca zero. Esta também é desfavorecida pelos falantes mais velhos, da segunda ou da terceira faixas etárias, que, segundo a autora, são os que mais sofrem a pressão normativa da comunidade mais ampla.

A partir dos padrões de variação para 1PP e 3PP e da observação etnográfica da comunidade, Rodrigues (1987) avalia que a marca zero de concordância verbal para 1PP tem significado social diferente da marca zero para 3PP: apesar de ambas serem proscritas na norma culta, o “erro” em 1PP identifica o falante de origem rural. A autora prevê, no entanto, que as novas gerações descendentes dos migrantes, por frequentarem a escola por mais tempo, devem diferenciar seus hábitos linguísticos daqueles dos seus pais e adotar “uma variedade de língua que vai [...] refletir a estratificação social urbana” (Rodrigues, 1987: 99). No presente capítulo, a variável Origem dos Pais investiga se falantes cujos pais são do interior de SP/MG/PR ou do Norte/Nordeste teriam maior tendência à variante CV-∅, sobretudo para 1PP,

ou se seus filhos paulistanos passam a seguir a estratificação social mais ampla da comunidade.

Coelho (2006), aproximadamente 20 anos mais tarde, investigou a variação no emprego dos pronomes de 1PP (*nós* vs. *a gente*), bem como na concordância verbal (*Nóis* V-zero vs. *Nóis* V-*mos*), em uma comunidade de periferia também no bairro da Brasilândia, na Zona Norte de São Paulo. Com base em uma observação etnográfica, o autor construiu uma amostra de 24 entrevistas sociolinguísticas a partir de parâmetros sociais relevantes para a identificação de grupos dentro da comunidade em estudo: costureiras da cooperativa, trabalhadoras da creche, membros da associação do bairro e suas esposas, frequentadores do projeto para jovens, filhos dos membros da associação do bairro, “os mano” do gol a gol. Por ressaltar a importância de categorias locais de identidades sociais, a amostra é desbalanceada quanto ao sexo/gênero e a faixa etária dos falantes (p.ex., todas as costureiras da cooperativa são do sexo feminino e têm mais de 25 anos, enquanto “os mano” do gol a gol são todos do sexo masculino e têm menos de 25 anos). Assim como no estudo de Rodrigues (1987), os falantes incluem tanto migrantes quanto seus filhos paulistanos.

O autor observou uma taxa de 70% de marca zero em 1PP em um total de 345 ocorrências, relativamente mais alta do que aquela observada por Rodrigues (1987) – 46% em 693 ocorrências. O excerto abaixo ilustra o emprego de CV-∅ (1PP e 3PP) na fala de um dos “mano”:

- (2) Inf. *nóis vendia* ropa na rua entendeu?... que... aí eu arranjei o serviço né?... e... pensei que era bom né?... porque meu cunhado falou que era bom tal... aí eu falei... “ah! já que é bom então vô tentá botá ele [o irmão] porque ele tá parado também”... aí coloquei ele né?... e eu vi que num era nada bom... *nóis chegava* falano dum jeito... as mulé já olhava assim... falava das ropa... elas xingava reclamava pra caramba...
Doc. *é memo?*
Inf. *vixe!... reclamava bastante... “dixa de sê vagabundo num sei o que”*
Doc. *mas no jeito que cê falava?*
Inf. *ah... sei lá... talvez pode sê até pelo jeito que **nóis se vestia** né?... nem sei... porque **nóis curti** umas ropa assim meia larga né?... meia forgada... daí... sei lá... vai vê até por isso... daí... uma vez lá um tio*

*daí pegô... **nóis chegô** na... na... na rua de baxo ali no no... **nóis tava**
com umas ropa lá... (ele) **chegô e ficô** bravo... “**dexa de sê** vagabundo... **cê**
passa todo dia aqui!”*

(Coelho, 2006 : 71). Grifos acrescidos.

Ao analisar tanto a variável “nós/a gente” quanto a concordância verbal, Coelho (2006) ressalta que o uso da marca explícita de número com o pronome *nós* não é a única estratégia de assimilação dos migrantes à nova realidade urbana e defende que a aprendizagem de significados sociais não se pauta somente por aqueles preconizados pela norma culta. Os diversos grupos de jovens – “os mano” do gol a gol e filhos dos membros da associação do bairro, por exemplo –, diferenciam-se entre si quanto à sua orientação para a escola, às formas de socialização em espaços públicos ou privados, ao uso de álcool e de drogas, ao modo de se vestir e à perspectiva de ascensão social. No entanto, em sua análise sobre a concordância verbal nos grupos vicinais da comunidade, o autor constata que o emprego da marca zero é favorecida tanto pelos “mano” do gol a gol quanto pelos filhos dos membros da associação do bairro, em contraste com os falantes mais velhos (costureiras, professores e membros da associação). As diferentes identidades sociais dos jovens se manifestam linguisticamente através do emprego dos *pronomes* de 1PP. Segundo o autor, a expectativa de ascensão social dos filhos dos membros da associação “correlaciona-se mais à substituição de *nóis* por *a gente* do que à adoção da variante *-mos*” (Coelho, 2006 : 133). O emprego de *nós* V-*mos*, propriamente, é privilegiado pelos adultos, sobretudo aqueles que trabalham fora do bairro. O autor ainda interpreta que não se trata da influência da escola, já que os jovens têm graus de escolaridade mais altos que os adultos de sua amostra.

Desse modo, diferentemente de Rodrigues (1987), Coelho (2006) avalia que variantes estigmatizadas (como *Nóis vai, É nóis*), ainda que sejam evitadas por falantes que experimentaram ascensão social, recebem nova significação entre certos jovens da periferia paulistana, presumivelmente filhos dos migrantes das décadas de 1970 e 1980: a marca zero de concordância verbal em 1PP não mais representa o dialeto rural, mas uma identidade social de morador

de periferia urbana.

Diante dessas análises, o presente estudo aborda as seguintes questões especificamente para a comunidade paulistana: (i) os diferentes significados sociais da marca zero em 1PP e 3PP poderiam ser atribuídos a diferentes distribuições linguísticas e sociais, ou devem-se somente a diferentes frequências de emprego das variantes?; e (ii) em uma amostra mais abrangente da fala paulistana, haveria evidências de expansão da marca zero de 1PP entre jovens de periferia, ou ainda evidências de movimento em sua direção, contrariamente ao que se verifica em outras comunidades urbanas?

7.2 Análise multivariada

Tanto para 1PP quanto para 3PP, são consideradas como “marca zero”/“CV- \emptyset ” as ocorrências em que o morfema de plural verbal não é realizado, que portanto coincidem com a forma de terceira pessoa do singular (*foi, vai, fez* etc.). Como “marca explícita”/“CV-E”, consideram-se as realizações [mos], [mo], [mu], [mus] de 1PP,² e dos diversos morfemas de 3PP ([\tilde{i}], como em *crestem*; [ãw̃] como em *dão*; [erũ] ou [eru] como em *comeram* etc.). Para 1PP, interessa também notar que, na presente amostra, não houve ocorrências de formas como *cantemos, andemos*, com alternância da vogal temática.

O envelope de variação abarca as ocorrências de SVs com sujeitos explícitos ou que tenham sido mencionados em sentença prévia com estrutura paralela. Observem-se os dados do excerto abaixo:

- (3) ☉ S1: *mas eu sei que meio que (a) eles sumiram... ou (b) se eles morreram todos ou (c) ficaram adultos (d) foram cuidar da vida não sei*
 D1: *aham*
 S1: *mas teve uma época que a coisa era um pouco mais complicada... tanto que a gente deixava/ na época a casa não estava reformada só cabia um carro na garagem e eu tinha um e o S. tinha outro... (e) roubaram um... toca-fita do carro mais de uma vez (f) roubaram o step do carro mais de uma vez... (Iolanda P., F2SP)*

² Para um contraste entre as formas [mos, mus] e [mo, mu] de 1PP, ver Zilles *et al.* (2000). Trata-se de uma variável fonológica – o apagamento de /s/ –, que sofre condicionamentos distintos da concordância verbal.

Em (3), há seis SVs identificados pelas letras (a)-(f). Desses, os dois primeiros (a)-(b) contêm o sujeito explícito *eles*, diferentemente dos demais. Como (c) e (d) possuem estruturas sentenciais paralelas às sentenças (a) e (b), tais dados foram incluídos e tratados como casos de sujeito oculto. Por outro lado, a sequência é quebrada por sentenças com outros sujeitos (*a coisa era, a gente deixava, a casa não estava* etc.); desse modo, orações com verbos como (e) e (f) não foram incluídas na análise, uma vez que não é infalível a tarefa de determinar se o sujeito tem a mesma referência de (a)-(d) ou não, ou ainda se se trata de referência indeterminada.

Excluíram-se ainda os dados de SVs com os verbos “ter”, “vir”, “por” e formas derivadas (“manter”, “propor” etc.) no presente do indicativo da 3PP, pois não se distinguem fonologicamente das formas singulares (Cf. *tem/têm; vem/vêm; põe/põem*). Tampouco se consideram SVs com o pronome *a gente*; com os verbos *haver* e *ter* com sentido existencial (“*tinha/tinham muitas pessoas lá...*”); sujeitos partitivos (“*a maioria das pessoas foi/foram*”); o chamado infinitivo flexionado opcional (Canever 2012; “*nós temos tudo para crescer/crescermos como nação...*”); e construções impessoais como “*faz/fazem dez anos*”. Embora a variação seja possível nesses casos, a marca zero é aquela considerada “padrão” de acordo com as gramáticas normativas (ver, p.ex., Bechara 2005; Cunha & Cintra 2007), de modo que não parece apropriada sua comparação com casos como “*eles/nós vai*”.

Por fim, certos dados também foram excluídos em razão do fato de que a variante alternativa poderia causar ambiguidade no contexto:

- (4) ☉ *o B. nem tanto mas eu e a E. até hoje frequentamos a igreja temos o nosso vínculo de amizade lá* (Eloisa D., F1SP)
- (5) ☉ *ai ela casou com o meu pai... meu pai era trintão assim quando conheceu ela... ai casaram... e só tiveram... mais três filhos...* (Fernanda T., F1SC)
- (6) ☉ *infelizmente o governo a prefeitura... não... não vão te dar muita coisa né* (Regina S., F2MP)

Em (4), caso Eloisa D. houvesse dito “*tem o nosso vínculo*”, o verbo “*ter*”

poderia ser entendido em seu significado existencial e, portanto, não como um verbo com marca zero. Em (5), se Fernanda T. houvesse dito “aí casou... e só teve mais três filhos”, tais sentenças poderiam ter como sujeito o pronome “ela” e, de modo similar, não seriam consideradas como casos de CV- \emptyset . Daí também a pertinência de se incluírem sujeitos ocultos somente quando precedidos por sujeito explícito em estrutura paralela, mesmo que os referentes sejam recuperáveis (neste caso, “minha mãe e meu pai”). Em sentenças como (6), com dois referentes na forma singular, só se pode ter certeza de que se trata de um SV plural pela própria flexão do verbo ou quando há uma conjunção que os liga (“o governo e a prefeitura...”). Incluir casos como (4)–(6) aumentaria artificialmente a taxa de realização da marca explícita, uma vez que a alternativa não necessariamente é uma “forma diferente de dizer a mesma coisa” (Labov, 1978).

Seguindo-se esses critérios, extrai-se um total de 1.150 dados de 1PP e 10.224 de 3PP. O primeiro fato distribucional a se assinalar é que, assim como para a concordância nominal, não houve variação nas leituras de “depoimento” e de notícia de jornal (Tabela 7.1), seja pela ausência de contexto variável (não há dados de 1PP na notícia), seja porque os informantes empregaram a marca explícita categoricamente. Os pouquíssimos casos de marca zero se encontram em 3PP. As análises reportadas, dessarte, abarcam somente os dados de Conversação, em que se constataram taxas de 9,4% (101/1.074) e 12,6% (1.191/9.480) de CV- \emptyset para 1PP e 3PP, respectivamente. As taxas de marca explícita de número (90,6% e 87,4%) estão acima daquelas observadas em outras comunidades urbanas com amostragens até certo ponto comparáveis quanto à estratificação da amostra em faixas etárias e níveis de escolaridade.³

O espectro de variação individual, no entanto, é bastante amplo; para 1PP, os falantes exibem taxas de 0 a 100% de emprego da marca zero, e para a 3PP, de 0 a 70%. Para 1PP, a distribuição é mais extrema: 19 dos 118 falantes da amostra não empregaram a forma *nós*, seja com marca zero, seja com marca explícita de número – são falantes que empregaram a forma *a*

³ Para 1PP, a concordância é realizada em 90% dos casos por falantes com até o Ensino Médio em Porto Alegre-RS (Zilles *et al.*, 2000). Para 3PP, em 73% dos casos por falantes com até o Ensino Médio no Rio de Janeiro no início dos anos 1980 (Scherre *et al.*, 2007); e, em amostras com falantes com Ensino Médio e Superior: 77,6% em Vitória-ES (Yacovenço *et al.*, 2012); 78,1% em Nova Iguaçu-RJ (Brandão & Vieira, 2012); 80,6% em Florianópolis (Monguilhott, 2009).

Tabela 7.1 Distribuição de ocorrências de CV- \emptyset de acordo com Estilo

	1PP			3PP		
	N total = 1.150			N total = 10.224		
	CV- \emptyset = 101 (8,8%)			CV- \emptyset = 1.195 (11,7%)		
	%	N CV- \emptyset	N	%	N CV- \emptyset	N
Estilo						
conversação	9,4	101	1.074	12,6	1.191	9.480
depoimento	0	0	76	1,1	2	373
notícia	–	–	–	0,1	2	371

gente categoricamente ou que simplesmente não se referiram à 1PP durante toda a entrevista sociolinguística; entre esses, 12 estão na 1ª faixa etária, que é justamente aquela que tem privilegiado o emprego do pronome *a gente* (Coelho, 2006; Zilles, 2005). Outros 65 falantes empregaram categoricamente a marca explícita de número, e cinco categoricamente a forma zero. Há então 19 falantes sem dados de 1PP e 70 cujos empregos foram categóricos, e apenas 29 falantes apresentam variação de fato para concordância de 1PP.

A fim de lidar com tais fatos distribucionais para 1PP, foram realizadas duas análises sobre esses dados: numa delas, analisam-se todos os dados do contexto variável, conforme sua definição descrita na subseção anterior, incluindo-se aqueles dos 70 falantes que só empregam uma das variantes; na outra, incluem-se apenas os dados dos 29 falantes que apresentaram variação. Tal decisão permite verificar se os resultados para a comunidade como um todo foram distorcidos ou não pela presença de falantes cujos empregos foram categóricos.

Entretanto, o foco principal deste capítulo é o contraste entre 1PP e 3PP. Para tanto, analisaram-se variáveis sociais e linguísticas que, tanto quanto possível, pudessem ser codificadas para ambas. Embora as análises para 1PP e 3PP tenham sido realizadas separadamente, seus resultados são apresentados paralelamente nas tabelas, a fim de facilitar a comparação – não dos pesos relativos, que não são diretamente comparáveis justamente por advirem de diferentes análises estatísticas, mas da ordem de seleção das variáveis e de sua hierarquia interna de restrições (fatores que favorecem ou desfavorecem

Saliência fônica (Naro <i>et al.</i> , 1999)	
<i>Grau 1 – oposição não acentuada</i>	
1c – adição de segmento	[-∅/-mus]
<i>Grau 2 – oposição acentuada</i>	
2a – uma das formas acentuada	[a/'amus]
2a' – nasalização da vogal tônica	['a/'amus], [ẽ/'emus]
2b – forma singular contém ditongo crescente, adição do segmento [-mus]	['ew/'emus], ['iw/'imus], ['oj/'omus]
2c – mudança da vogal tônica	['ow/'amus]
Paralelismo discursivo (Scherre & Naro, 1992; Scherre, 1998)	
precedido de CV-E	
precedido de CV-∅	(de acordo com 5 sentenças anteriores)
primeiro de uma série	
Tipo de sujeito	
composto	<i>minha esposa e eu casamos/casou</i>
pronomes	<i>nós casamos/casou</i>
Posição do sujeito	
imediatamente precedente	<i>nós fomos/foi</i>
precedente (1-4 sílabas)	<i>nós ainda não casamos/casou</i>
precedente distante (5+ sílabas)	<i>nós com o estilingue com mamona atirávamos/atirava no pênis do jumento</i>
posposto	<i>aí íamos/ia nós... pra lá</i>
Item lexical – verbo (efeito aleatório)	

Quadro 7.1 Variáveis linguísticas da análise de (CV-1PP)

CV-∅ – variante a partir da qual se analisam os dados).

As variáveis linguísticas são apresentadas nos quadros 7.1 e 7.2 respectivamente para 1PP e para 3PP, mas comentadas conjuntamente a fim de ressaltar as semelhanças. Saliência Fônica foi codificada de acordo com os critérios estipulados por Naro *et al.* (1999) para 1PP, e Naro (1981) e Scherre & Naro (1998) para 3PP. A hipótese prevê que formas em que o par singular/plural é mais semelhante são menos salientes foneticamente e mais propensas a CV-∅ e, de modo inverso, que oposições mais salientes são menos propensas à marca zero. Nos quadros, os diferentes graus se organizam em níveis cada vez maiores de diferenciação fônica. No Grau 1, a oposição entre as formas singular e plural ocorre em sílaba não acentuada: para 3PP, no nível 1a, a forma plural se dá pela nasalização de [i] (*come/comem*); no nível 1b, pela nasalização e mudança da qualidade vocálica (*fala/falam*); e no nível 1c pela

Saliência fônica (Naro, 1981; Scherre & Naro, 1998)	
<i>Grau 1 – oposição não acentuada</i>	
1a – nasalização de [i]	[i/ĩ]
1b – nasalização e mudança da qualidade vocálica	[a/ũ]
1c – adição de segmento	-∅/[ĩ]
<i>Grau 2 – oposição acentuada</i>	
2a' – nasalização e ditongação da vogal tônica	[a/'ãw̃]
2b – forma singular contém ditongo crescente, adição do segmento [rũ]	[ew/'erũ], [iw/'irũ], [oj/'orũ]
2c – mudança da vogal tônica	[∅/'arũ], [i/'erũ]
Paralelismo discursivo (Scherre & Naro, 1992; Scherre, 1998)	
precedido de CV-E	
precedido de CV-∅	(de acordo com 5 sentenças anteriores)
primeiro de uma série	
Tipo de sujeito	
composto	<i>a minha mãe e o meu pai casaram/casou</i>
sintagma nominal simples	<i>os meus pais casaram/casou</i>
pronomes	<i>eles casaram/casou</i>
Posição do sujeito	
imediatamente precedente	<i>eles vieram/veio na minha direção</i>
precedente (1-4 sílabas)	<i>os equipamentos que tem lá são/é importados</i>
precedente distante (5+ sílabas)	<i>as pessoas lá de Goiás mesmo que vieram/veio pra cá</i>
posposto	<i>chegaram/chegou dois caras assim</i>
pergunta do documentador	D1: <i>seus pais moravam lá?</i> S1: <i>moravam lá</i>
Animacidade do sujeito	
[+humano], [+animado]	<i>meus amigos são/é todos daqui</i>
[-humano], [+animado]	<i>as pombas foram/foi embora</i>
[-humano], [-animado]	<i>os carros não param/para</i>
Item lexical – verbo (efeito aleatório)	

Quadro 7.2 Variáveis linguísticas da análise de (CV-3PP)

adição de novos segmentos (*faz/fazem; falava/falávamos*). Este último fator também se aplica a 1PP.⁴ No Grau 2, a oposição ocorre em sílaba acentuada: no nível 2a, aplicável somente à 1PP, apenas uma das formas do par opositor é acentuada (*fala/falamos*); no nível 2a', ambas as formas são acentuadas (*está/estamos*) e, para 3PP, há nasalização e ditongação da vogal tônica (*dá/dão*); no nível 2b, a forma singular contém um ditongo crescente, e há adição de novos segmentos (*comeu/comeram; vai/vamos*); no nível 2c, há mudança na vogal tônica (*falou/falaram; falou/falamos*). A relevância dessa variável foi demonstrada em Naro (1981), que argumenta que o trajeto da mudança linguística segue os diferentes graus de saliência, do menor para o maior: a mudança se iniciou no grau 1a, como fenômeno semelhante à desnasalização em substantivos como em *homem/homi*, e se difundiu gradualmente para outros níveis de saliência; uma evidência para isso é o fato de os informantes mais velhos terem apresentado maior diferenciação entre os níveis do que os mais jovens.⁵

A variável Paralelismo (Scherre & Naro, 1992; Scherre, 1998) foi analisada de acordo com a presença e a ausência de outros SVs plurais, com ou sem marca de número, nas cinco orações que antecedem a ocorrência. Assim como na discussão acerca da concordância nominal, a hipótese aventada é que marcas levam a mais marcas, e zeros levam a zeros.

Tipo de Sujeito inclui as variantes pronome (*nós/elas/elas*); sujeito composto (1PP: *minha esposa e eu*, 3PP: *a minha mãe e o meu pai*); ou sintagma nominal simples (3PP: *os meus pais*); este último não se aplica a 1PP. Não se utilizou a categoria “sujeito oculto” para que essa variável fosse independente de outra, a Posição do Sujeito, que avalia mais propriamente a distância e a posição do sujeito em relação ao verbo. Para esta, os dados foram classificados inicialmente em cinco fatores: imediatamente precedente ao verbo; precedente e separado por uma até quatro sílabas do verbo; precedente e separado por mais de cinco sílabas do verbo; posposto ao verbo; e em pergunta do docu-

⁴ Naro *et al.* (1999) nomeiam os diferentes graus de saliência para 1PP como “Grau 1, Grau 2... Grau 5”. Aqui se adapta a nomenclatura proposta para a 3PP (Naro, 1981) – nível 1a, 1b, 1c etc. – para indicar que são diretamente comparáveis.

⁵ Para 1PP, trabalhos mais recentes têm argumentado em favor do papel de *tempo* e *paradigma verbal* (não tratadas aqui), em lugar de saliência fônica. Ver, por exemplo, Scherre *et al.* (2014).

mentador (3PP). Essa última categoria, que não se aplica a dados de 1PP, foi codificada separadamente dos demais dados com sujeito precedente pelo fato de normalmente se referir a SVs que respondem a perguntas sim/não do documentador que, pela formação universitária e pela ciência dos propósitos da gravação, tem maior tendência a empregar a marca explícita. Como a resposta mais comum para perguntas do tipo sim/não em português é a repetição do verbo, e não o simples uso de “sim” ou “não” (A: *Eles foram?* B: *Foram.*), espera-se que a resposta do informante seja semelhante à forma empregada pelo documentador (Guy, 1981).

Animacidade do Sujeito se aplica somente aos dados de 3PP, uma vez que o sujeito de 1PP, *nós*, tem sempre o traço [+humano].⁶ Os dados foram inicialmente codificados em três categorias – [+humano], [–humano,+animado] e [–humano,–animado] – mas, como houve apenas 39 ocorrências da segunda delas (que se refere a animais em geral: cachorros, gatos, papagaios etc.), realizaram-se análises contrastivas para determinar se o traço mais relevante era [\pm humano] ou [\pm animado]. A comparação dos valores de logaritmo de verossimilhança (Guy & Zilles, 2007: 191) entre [\pm humano] (l.l. -3.074,3) e [\pm animado] (l.l. -3.076,4) determinou que o primeiro, com valor mais próximo de zero, gera um modelo mais adequado.

Por fim, o Item Lexical – isto é, o verbo da oração – foi incluído no modelo estatístico como efeito aleatório, a fim de verificar se possíveis diferenças se devem a itens específicos que eventualmente se comportam de modo idiossincrático ou se as variáveis linguísticas analisadas de fato têm um efeito sobre a variável dependente.

Os resultados das análises multivariadas para essas variáveis se encontram na Tabela 7.2, que as organiza de acordo com o *range*. Saliência Fônica se apresenta como a mais importante para 1PP e 3PP, com *ranges* 90 e 49 respectivamente. Para 1PP, amalgamaram-se os graus 2a e 2a', e 2b e 2c ($\chi^2 = 1,27(2)$, $p > 0,50$), já que a diferença entre os fatores nesses pares não era significativa. A forma menos saliente (nível 1c, como *falava/falávamos*) apresenta fortíssima tendência à ocorrência de CV- \emptyset (P.R. 0.98), assim como

⁶ Em princípio, seria possível haver ocorrências como “eu e meus cachorros”, em que um dos elementos tem o traço [+humano] e o outro não. No entanto, não houve ocorrências desse tipo no *corpus* analisado.

Tabela 7.2 Tendências de emprego de CV- \emptyset de acordo com variáveis linguísticas

	1PP ^a			3PP ^b		
	N total = 1.074 CV- \emptyset = 101 (9,4%)			N total = 9.480 CV- \emptyset = 1.191 (12,6%)		
	P.R.	%	N Total	P.R.	%	N Total
Saliência Fônica^{c,d}						
Grau 1 (oposição não acentuada)						
nível 1a	NA	NA	NA	0,78	23,1	767
nível 1b	NA	NA	NA	0,60	14,9	4.049
nível 1c	0,98	27,3	297	0,74	17,4	493
Grau 2 (oposição acentuada)						
nível 2a + 2a'	0,71	6,0	250	0,45	8,6	904
nível 2b + 2c	0,08	0,9	527	0,29	7,6	3.267
	<i>Range</i>	<i>90</i>		<i>49</i>		
Paralelismo Discursivo						
precedido de CV- \emptyset	[.95]	61,1	36	0,81	53,1	373
isolado/primeiro de uma série	[.49]	8,0	800	0,53	12,9	5.958
precedido de CV-E	[.43]	6,3	238	0,41	7,1	3.149
	<i>Range</i>	<i>-</i>		<i>40</i>		
Posição do Sujeito^{e,f}						
posposto	0,99	44,4	27	0,77	26,4	881
precedente distante (5+ sílabas)	0,72	15,5	213	0,61	16,8	2.782
precedente (1-4 sílabas)	=	=	=	0,47	10,9	1.252
imed. precedente/pergunta-3PP	0,40	6,7	834	0,39	7,8	4.565
	<i>Range</i>	<i>59</i>		<i>38</i>		
Animacidade do Sujeito						
[-humano]	NA	NA	NA	0,66	22,0	1.448
[+humano]	NA	NA	NA	0,47	10,9	8.032
	<i>Range</i>	<i>-</i>		<i>19</i>		
Tipo de Sujeito^g						
composto + SN	0,91	33,3	30	0,59	17,2	4.891
pronome	0,48	8,7	1.044	0,41	7,7	4.589
	<i>Range</i>	<i>43</i>		<i>18</i>		

^aInput: 0,002. ^bInput: 0,067. NA: fator não se aplica à variável. [] indicam a não seleção da variável como significativa. = indica pesos relativos iguais aos da linha superior. ^{c,d} $\chi^2 = 1,27(2)$, $p > 0,50$ (1PP); $\chi^2 = 0,46(1)$, $p > 0,50$ (3PP). ^{e,f} $\chi^2 = 0,77(1)$, $p > 0,30$ (1PP); $\chi^2 = 0,003(1)$, $p > 0,99$ (3PP). ^g $\chi^2 = 1,36(1)$, $p > 0,20$ (3PP).

as formas do nível 2a e 2a' (*fala/falamos; está/estamos*) (P.R. 0.71); as formas dos níveis 2b e 2c, por outro lado, apresentam fortíssimo desfavorecimento à ocorrência de CV-∅ (P.R. 0.08). Para 3PP, amalgamaram-se os níveis 2b e 2c ($\chi^2 = 0.46(1)$, $p > 0,50$). Aqui, os pesos relativos não seguem exatamente a escala de saliência prevista para o Grau 1, já que o segundo fator que mais favorece CV-∅ é o nível 1c (P.R. 0.74) em vez de 1b (P.R. 0.60). Verifica-se, no entanto, grande diferença entre as formas do Grau 1, todas com pesos relativos acima do ponto neutro de 0.50 e, portanto, favorecedoras de CV-∅, e as formas do Grau 2, com pesos relativos abaixo de 0.50, desfavorecedoras da variante. Os resultados, assim, coincidem com os de outros trabalhos, na hipótese de que formas menos salientes são aquelas que mais favorecem a forma zero.

Paralelismo Discursivo é a segunda variável mais importante para a variação em 3PP. De acordo com o que se previu, SVs precedidos por outros SVs com marca zero favorecem CV-∅ (P.R. 0.81), e SVs precedidos por SVs com marca explícita a desfavorecem (P.R. 0.41); quando o SV não é precedido por outro SV plural nas cinco orações antecedentes, a tendência de emprego é semelhante à probabilidade geral da amostra, com peso relativo pouco acima do ponto neutro (P.R. 0.53). No entanto, Paralelismo não é selecionada para 1PP, de modo que é necessário avaliar se este seria um contra-exemplo do efeito dessa variável, que tende a se mostrar significativa em outros estudos. Note-se que os pesos relativos para as variantes desse grupo se diferenciam consideravelmente entre si (de 0.95 a 0.43); sua não seleção na análise multivariada se deve ao cálculo, durante a rotina de regressão logística, de que há uma probabilidade relativamente alta de que tal distribuição tenha ocorrido aleatoriamente.

Uma possível causa para isso poderia ter sido a distribuição dos dados bastante irregular para 1PP, já que, como se notou anteriormente, 70 de 118 informantes apresentam categoricamente ocorrências ou da marca explícita ou da marca zero; o modelo estatístico, que incluiu o falante como uma variável aleatória, pode ter avaliado que a tendência de emprego de CV-∅ depende mais do indivíduo do que da sequência discursiva. Isso, no entanto, não parece provável devido a um resultado que será visto adiante: Paralelismo não é

selecionada mesmo quando se consideram apenas os 29 falantes que de fato apresentam variação. Também é possível que o efeito do Paralelismo não se manifeste nos dados de 1PP em razão da variante *a gente* (não analisada aqui), que mantém a referência mas quebra a sequência de paralelismo de formas gramaticais. A não seleção da variável ainda pode ser decorrência da distribuição desequilibrada dos dados entre os fatores; há relativamente poucos dados de SVs precedidos de outros SVs, sobretudo em casos de marca zero (36 dados, ou 3,3% de 1PP), comparativamente às ocorrências isoladas ou que representam a primeira de uma série (800 dados, ou 73% de 1PP). Por esses fatos distribucionais, não parece adequado afirmar se Paralelismo Discursivo de fato não tem efeito em 1PP nos dados paulistanos, ou se tal resultado se deve mais propriamente à má distribuição dos dados nessa variável.⁷

A variável Posição do Sujeito revela resultados semelhantes entre 1PP e 3PP. Para 1PP, amalgamaram-se os sujeitos precedentes que se separam do verbo por 1-4 sílabas e 5 ou mais sílabas ($\chi^2 = 0,77(1)$, $p > 0,30$) e, para a 3PP, os sujeitos imediatamente antecedentes e em pergunta do documentador ($\chi^2 = 0,003(1)$, $p > 0,99$). O sujeito posposto, em ambos os casos, favorece fortemente CV \emptyset (P.R. 0.99 para 1PP e 0.77 para 3PP), seguido de sujeito precedente distante (P.R. 0.72 para 1PP e 0.61 para 3PP). Para a 3PP, há diferenciação significativa ($\chi^2 = 14,39(1)$, $p < 0,001$) entre sujeitos separados do verbo por 5 ou mais sílabas ou 1-4 sílabas (P.R. 0.47), de acordo com a hierarquia esperada de distância do verbo. Sujeitos imediatamente precedentes e que se encontram na pergunta do documentador são aqueles que mais desfavorecem o emprego de CV- \emptyset (P.R. 0.40 para 1PP e 0.39 para 3PP).

Quanto à Animacidade, variável que se aplica somente à análise dos dados de 3PP, os sujeitos com traço [-humano] favorecem a marca zero (P.R. 0.66) e aqueles com traço [+humano] a desfavorecem (P.R. 0.47), de modo semelhante ao que já se verificou em outros estudos. Por fim, Tipo de Sujeito também exhibe resultados semelhantes entre 1PP e 3PP. Sujeitos compostos, para 1PP, e sujeitos compostos ou sintagmas nominais ($\chi^2 = 1,36(1)$, $p > 0,20$), para 3PP, favorecem o emprego de CV- \emptyset (P.R. 0.91 para 1PP e 0.59 para 3PP),

⁷ A maior parte dos estudos sobre a 1PP (Rodrigues, 1987; Naro *et al.*, 1999; Zilles *et al.*, 2000; Coelho, 2006) não reporta resultados para essa variável. Pereira (2004), em sua amostra da fala do interior de SP e MG, observou efeito significativo de Paralelismo tanto para 3PP quanto para 1PP.

ao passo que os sujeitos pronominais o desfavorecem (P.R. 0.48 para 1PP e 0.41 para 3PP).

Desse modo, com exceção de Paralelismo, verifica-se a seleção das mesmas variáveis como relevantes tanto para a variação na concordância de 1PP quanto de 3PP, na mesma ordem de importância, e com a mesma hierarquia interna dentro de cada variável. Em todos os casos em que se verificou correlação significativa para ambas as variáveis, o *range* para 1PP é maior do que para 3PP, mas muitos dos pesos relativos extremos para 1PP se referem a células com número reduzido de dados (p.ex., o peso relativo de 0.99 para sujeito posposto na 1PP corresponde a apenas 27 ocorrências). Com base no que se argumentou acima a respeito de possíveis explicações para a não seleção de Paralelismo para 1PP, tal diferença entre as análises não parece ser suficiente para afirmar que 1PP e 3PP tenham conjuntos diferentes de regras variáveis. De um ponto de vista estrutural, trata-se efetivamente de uma mesma variável, que se correlaciona aos mesmos fatores. Examinem-se agora as correlações com variáveis de natureza social, para avaliar se também se observam padrões semelhantes entre 1PP e 3PP.

A Tabela 7.3 apresenta as variáveis sociais não selecionadas como significativas para a variação na concordância de 1PP e 3PP: Faixa Etária, Região de Residência, Origem dos Pais e Mobilidade. Tampouco como variável contínua Idade do Falante é selecionada pelo Rbrul. Tal fato indica que tanto 1PP quanto 3PP estão em variação estável quando se considera a comunidade como um todo. Quanto à Origem dos Pais, a previsão de Rodrigues (1987) parece se confirmar: não há diferenças significativas entre os usos por parte dos filhos de migrantes e aqueles por parte de filhos de pais paulistanos.

Por outro lado, Classe Social e Sexo/Gênero são selecionadas, nessa ordem, como significativamente correlacionadas à variação na concordância verbal (Tabela 7.4). Verificam-se tendências gradualmente maiores de emprego da marca zero quanto mais baixa é a classe social do falante, de 0.13 a 0.94 para 1PP, e de 0.27 a 0.77 para 3PP. Como variável contínua, Índice Socioeconômico também revela o mesmo tipo de correlação: quanto mais alto o índice socioeconômico, menor a tendência de emprego da marca zero para 1PP (*logodds* -1.44, $p < 0,001$) e, de modo menos expressivo, para 3PP

Tabela 7.3 Variáveis sociais não correlacionadas com (CV)

	1PP			3PP		
	N total = 1.074 CV- \emptyset = 101 (9,4%)			N total = 9.480 CV- \emptyset = 1.191 (12,6%)		
	P.R.	%	N	P.R.	%	N
Faixa Etária ^{a,b}						
20–34 anos	[.46]	8,1	111	[.50]	12,6	2.922
35–59 anos	[.44]	7,5	398	[.46]	10,9	3.293
60+ anos	[.55]	11,0	565	[.54]	14,2	3.265
Região de Residência ^{c,d}						
bairro mais central	[.60]	13,0	409	[.47]	11,4	3.980
bairro mais periférico	[.44]	7,2	665	[.52]	13,4	5.500
Origem dos Pais ^{e,f}						
N/NE	[.66]	13,1	61	[.67]	18,9	608
São Paulo	[.54]	12,0	450	[.50]	11,5	3.606
interior (SP/MG/PR)	[.50]	8,5	316	[.53]	14,3	2.706
estrangeiros	[.43]	8,4	83	[.46]	11,8	1.042
mista	[.21]	3,0	164	[.40]	9,9	1.518
Mobilidade ^{g,h}						
baixa	[.83]	27,2	202	[.59]	17,0	1.882
média	[.46]	6,2	305	[.52]	13,3	3.253
alta	[.39]	4,8	567	[.44]	10,1	4.345

^{a,b}Input: 0,093 (1PP); 0,125 (3PP). ^{c,d}Input: 0,091 (1PP); 0,125 (3PP). ^{e,f}Input: 0,085 (1PP); 0,124 (3PP). ^{g,h}Input: 0,073 (1PP); 0,124 (3PP). [] indica a não seleção da variável como significativa.

(logodds -1.08, $p < 0,001$).

Sexo/Gênero também revela correlação que se assemelha a outras comunidades urbanas, com o favorecimento da marca zero pelos homens (P.R. 0.78 e 0.57), e desfavorecimento pelas mulheres (P.R. 0.16 e 0.44). É interessante assinalar que, para 1PP, a direção da correlação é inversa daquela constatada por [Rodrigues \(1987\)](#) na cidade de São Paulo, a partir de sua amostra “rurbana” que incluiu migrantes, já que a autora havia verificado favorecimento da marca zero pelas mulheres. O padrão observado entre os paulistanos nativos na presente amostra se diferencia daquele dos oriundos de outras partes, sobretudo quando de zonas rurais. A diferença provavelmente reside nos padrões de formação de redes sociais, conforme a autora interpretou

Tabela 7.4 Tendências de emprego de CV- \emptyset de acordo com variáveis sociais (1)

	1PP ^a			3PP ^b		
	N total = 1.074			N total = 9.480		
	CV- \emptyset = 101 (9,4%)			CV- \emptyset = 1.191 (12,6%)		
	P.R.	%	N	P.R.	%	N
Classe Social						
A/B1	0.13	2,2	274	0.27	5,1	2.217
B2	0.29	6,5	245	0.40	8,8	2.857
C1	0.57	8,7	311	0.61	17,6	2.515
C2/D	0.94	21,3	244	0.77	20,4	1.891
<i>Range</i>	81			50		
Sexo/Gênero						
Feminino	0.16	9,0	466	0.44	10,4	4.826
Masculino	0.78	9,7	608	0.57	14,8	4.654
<i>Range</i>	62			13		

^a Input: 0,002. ^b Input: 0,067.

há mais de duas décadas: os homens migrantes tendem a obter trabalho fora do bairro e têm mais contato com as normas linguísticas da cidade do que as mulheres, que geralmente são donas de casa e mantêm laços mais estreitos com a comunidade local. Os nativos da cidade, por sua vez, não necessariamente seguem essa mesma divisão de sociabilidade entre os gêneros, e o padrão se aproxima daquele observado em comunidades ocidentais industrializadas (Labov, 2001b). A questão do Sexo/Gênero dos falantes como decorrência de suas posições no mercado de trabalho é retomada adiante, no cruzamento dessa variável com Nível de Escolaridade (p. 186).

De modo semelhante à análise de (CN), decidiu-se subdividir os falantes menos escolarizados em até Ensino Fundamental e até Ensino Médio, a fim de verificar se existe uma relação gradual com a variável dependente. Escolaridade foi analisada separadamente de Classe Social e de Índice Socioeconômico, pelo fato de não serem independentes entre si quando se realiza essa subdivisão. Na Tabela 7.5, também se observam tendências gradualmente maiores de emprego de CV- \emptyset na direção esperada: quanto menor o grau de escolarização do informante, maior a tendência à marca zero, e a diferença entre o cumprimento

Tabela 7.5 Tendências de emprego de CV- \emptyset de acordo com variáveis sociais (2)

	1PP ^a			3PP ^b		
	N total = 1.074 CV- \emptyset = 101 (9,4%)			N total = 9.480 CV- \emptyset = 1.191 (12,6%)		
	P.R.	%	N	P.R.	%	N
Escolaridade						
Até Ensino Fundamental	0.95	25,6	180	0.79	23,5	1.169
Até Ensino Médio	0.60	10,7	299	0.59	15,7	3.054
Ensino Superior	0.25	3,9	595	0.37	8,3	5.257
<i>Range</i>		70			42	

^aInput: 0,002. ^bInput: 0,066.

de cada etapa escolar (do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, e do Ensino Médio para o Ensino Superior) é significativa tanto para 1PP quanto para 3PP.

O cotejamento dos resultados para 1PP e 3PP no que toca às variáveis sociais conduz a conclusões bastante semelhantes àquelas das variáveis linguísticas: são selecionadas como significativas as mesmas variáveis tanto para a 1PP quanto para a 3PP, na mesma ordem de relevância, e com a mesma hierarquia interna dentro de cada uma; em todos os casos, o *range* para a 1PP é maior do que para a 3PP.

Interessa, por fim, verificar se as correlações com 1PP se mantêm quando se consideram apenas os 29 falantes cujos dados de fato exibiram variação (Tabelas 7.6 e 7.7). Esses falantes se distribuem de modo razoavelmente equilibrado quanto ao Sexo/Gênero (11 mulheres e 18 homens), Região de Residência (11 de bairros centrais e 18 de bairros periféricos) e Nível de Escolaridade (19 até Ensino Médio e 10 com Ensino Superior), e menos equilibradamente quanto à Faixa Etária (3 de 20–34 anos; 13 de 35–59 anos; e 13 de 60+ anos). Nessas análises, há um total de 559 ocorrências, pouco mais de metade do total na análise anterior (N = 1.074); a taxa de emprego de CV- \emptyset sobe de 9,4% para 17,2% – um aumento esperado, já que, para os 70 falantes cujos usos são categóricos, houve sempre CV-E na fala da grande maioria (65 deles), e CV- \emptyset na fala de apenas cinco (ver Anexo B, p. 361).

Tabela 7.6 Tendências de emprego de CV-1PP-Ø em dados de informantes não categóricos (1)

1PP			
N total = 559			
CV-Ø = 96 (17,2%)			
	P.R.	%	N
Saliência fônica			
Oposição não acentuada (Grau 1)			
Grau 1c	0.97	42,2	187
Oposição acentuada (Grau 2)			
Grau 2a + 2a'	0.69	12,1	107
Grau 2b + 2c	0.06	1,5	265
	<i>Range</i>	<i>91</i>	
Classe Social			
A/B1	0.10	3,8	130
B2	0.49	13,9	187
C1	0.54	18,7	75
C2/D	0.84	30,5	167
	<i>Range</i>	<i>74</i>	
Posição do sujeito			
posposto	0.99	84,6	13
precedente distante	0.72	26,9	119
imediatamente precedente	0.38	12,4	427
	<i>Range</i>	<i>61</i>	
Mobilidade			
baixa	0.82	35,3	150
média	0.47	13,7	131
alta	0.32	9,0	278
	<i>Range</i>	<i>50</i>	
Sexo/Gênero			
feminino	[.56]	24,1	170
masculino	[.48]	14,1	389
Tipo de sujeito			
composto	[.98]	52,6	19
prônimo	[.46]	15,9	540

Input: 0,023. [] indicam a não seleção da variável como significativa.

Tabela 7.7 Tendências de emprego de CV-1PP-Ø em dados de informantes não categóricos (2)

1PP			
N total = 559			
CV-Ø = 96 (17,2%)			
	P.R.	%	N
Nível de Escolaridade			
Até Ensino Fundamental	0.76	32,4	139
Até Ensino Médio	0.56	16,8	179
Ensino Superior	0.30	8,7	241
	<i>Range</i>	<i>46</i>	

Input: 0,024.

Em comparação com a análise prévia, as variáveis Saliência Fônica, Classe Social e Posição do Sujeito são novamente selecionadas, nessa mesma ordem de importância (Tabela 7.6). A análise em que se incluiu Nível de Escolaridade, em três níveis, também reitera a relevância dessa variável (Tabela 7.7). Por outro lado, deixam de ser selecionadas Sexo/Gênero e Tipo de Sujeito (que são as duas últimas na hierarquia de importância na análise de todos os dados de 1PP, nas Tabelas 7.2 e 7.4).⁸ No caso de Tipo de Sujeito, sua não seleção provavelmente se deve ao número bastante pequeno de dados de sujeitos compostos (19 apenas), o que eleva a probabilidade de que a distribuição seja aleatória. Para Sexo/Gênero, todavia, note-se que, embora a diferença não seja significativa, as taxas de emprego da marca zero se invertem entre homens e mulheres: agora são elas que mais empregam CV-Ø, em termos de frequência (porcentagem), ao contrário da tendência que se observou para a amostra como um todo, um padrão que em princípio não é esperado para uma amostra urbana.

Isso se deve ao fato de a subamostra com 29 falantes não mais ser balanceada quanto às variáveis sociais, conforme se apontou acima. O cruzamento

⁸ Ainda que os *ranges* dessas duas variáveis tenham sido razoavelmente altos na análise prévia (Sexo/Gênero: 62; Tipo de Sujeito: 43), deve-se ter em mente que tais medidas só têm um valor relativo, dentro de cada análise; em comparação com as demais variáveis independentes, trata-se das duas variáveis menos relevantes para a variação na concordância verbal.

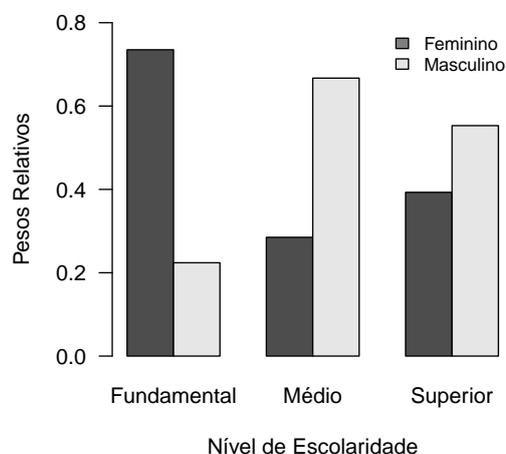


Figura 7.1 Tendências de emprego de CV- \emptyset (1PP) em cruzamento entre Sexo/Gênero e Nível de Escolaridade para 29 falantes com variação

entre Sexo/Gênero e Escolaridade revela que as variáveis não são independentes uma da outra nessa amostra reduzida. A Figura 7.1 mostra que, para 1PP, enquanto a marca zero é relativamente desfavorecida pelas mulheres e favorecida entre os homens de nível escolar médio ou superior (de maneira semelhante à tendência verificada na amostra total), a tendência se inverte entre os falantes com menor grau de escolaridade, entre os quais são as mulheres que mais tendem a favorecer CV- \emptyset em relação aos homens. Nesse subconjunto de dados, as mulheres com nível fundamental de escolaridade são representadas por quatro falantes com 49 anos ou mais (uma delas é freira e três são donas de casa). As mulheres paulistanas mais velhas e com menor nível de escolaridade parecem ter padrões de sociabilidade semelhantes aos migrantes da amostra de Rodrigues (1987) e ter menos influência da norma culta do que os homens de mesmo nível de escolarização.

Nesta nova análise, com dados de 29 informantes, Mobilidade passa a ser selecionada como variável significativa. Conforme se previu, falantes com menor mobilidade favorecem fortemente CV- \emptyset (P.R. 0.82); aqueles com mobilidade média ficam próximos do ponto neutro (P.R. 0.47); e aqueles com mobilidade alta a desfavorecem (P.R. 0.32).

Vale notar que os *ranges* das variáveis linguísticas permanecem praticamente idênticos aos da análise anterior com o conjunto total de informantes:

90 → 91 para Saliência; 59 → 61 para Posição do Sujeito. Por outro lado, os *ranges* das variáveis sociais se reduzem consideravelmente na nova análise: 81 → 74 para Classe Social; 70 → 46 para Escolaridade. Isso indica que o efeito das variáveis linguísticas está bem representado em ambas as análises, independentemente de se considerarem todos os informantes ou apenas os não categóricos; o efeito das variáveis sociais, por outro lado, parece se distorcer ao incluir falantes que não exibem variação de fato. No entanto, todas as variáveis, linguísticas ou sociais, são selecionadas na mesma ordem da análise prévia e com as mesmas hierarquias internas. Paralelismo é uma variável que novamente não é selecionada, bem como Faixa Etária, Região de Residência e Origem dos Pais. Desse modo, a análise com todos os dados, ainda que contenha falantes com distribuições categóricas, revela, de modo geral, as mesmas tendências que a análise do subconjunto de falantes que individualmente exibiram variação na realização da concordância. Assim, as considerações sobre o contraste entre 1PP e 3PP se mantêm: constata-se que os fatores sociais e linguísticos que regulam a concordância verbal de 1PP e de 3PP são basicamente os mesmos e têm a mesma ordem de importância.

Se 1PP e 3PP efetivamente se configuram como uma mesma variável sociolinguística, como explicar que a marca zero em 1PP é socialmente mais estigmatizada do que em 3PP, conforme aponta [Rodrigues \(1987\)](#)? Isso decorre de diferentes frequências no emprego das variantes – como se viu para CN-∅ em diferentes partes da cidade de São Paulo, no Capítulo 6 –, ou se refere a padrões de encaixamento social um tanto divergentes – como se observou, por exemplo, para a pronúncia do (-r) no Capítulo 5? Ao mesmo tempo, ainda que as análises das variáveis Faixa Etária e Idade tenham indicado um caso de variação estável na comunidade como um todo, haveria evidências de que CV-∅ em 1PP estaria se expandindo na fala de jovens de periferia, conforme assinala [Coelho \(2006\)](#)? Tais respostas podem ser obtidas com uma análise conjunta dos dados, que abarca tanto 1PP quanto 3PP, desenvolvida na próxima seção.

7.3 O *status* de CV-∅ em 1PP e 3PP: análise conjunta de dados

As análises reportadas até aqui focalizaram 1PP e 3PP separadamente. Para uma análise desses dados em um único conjunto, excluiu-se a variável Animacidade (que se aplica somente a dados de 3PP) e reorganizou-se Saliência Fônica em dois níveis (Grau 1 – oposição não acentuada e Grau 2 – oposição acentuada). Além disso, adicionou-se ao modelo a variável Pessoa Gramatical.

Ainda que as taxas de emprego de 1PP e de 3PP não coincidam (9,4% 12,6%, respectivamente), tal diferença não é grande o suficiente para ser significativa, já que a variável Pessoa Gramatical não é selecionada em análise multivariada (Tabela 7.8).

Tabela 7.8 Análise de correlação entre Concordância Verbal e Pessoa Gramatical

1PP e 3PP			
N total = 10.554			
CV-∅ = 1.292 (12,2%)			
	P.R.	%	N
Pessoa gramatical			
1PP	[.35]	9,4	1.074
3PP	[.52]	12,6	9.480

Input: 0,085. [] indicam a não seleção da variável como significativa.

No entanto, ao cruzar Pessoa Gramatical com Nível de Escolaridade, Classe Social e Mobilidade, verifica-se que certos grupos de falantes apresentam tendências significativamente diferentes de emprego de CV-∅ para 1PP e 3PP. A Figura 7.2 apresenta tais cruzamentos em gráficos. Neles, a tendência à marca zero para a 1PP é indicada com colunas escuras e para 3PP com colunas mais claras. Na Figura 7.2a, observa-se que as diferenças entre 1PP e 3PP não são significativas para os falantes com nível médio ou superior de escolaridade ($p > 0,50$ e $p > 0,20$, respectivamente). Entretanto, tal diferença é maior entre os falantes menos escolarizados, que favorecem significativamente CV-∅ em 1PP, relativamente a 3PP ($p < 0,01$). Em 7.2b, observa-se algo semelhante:

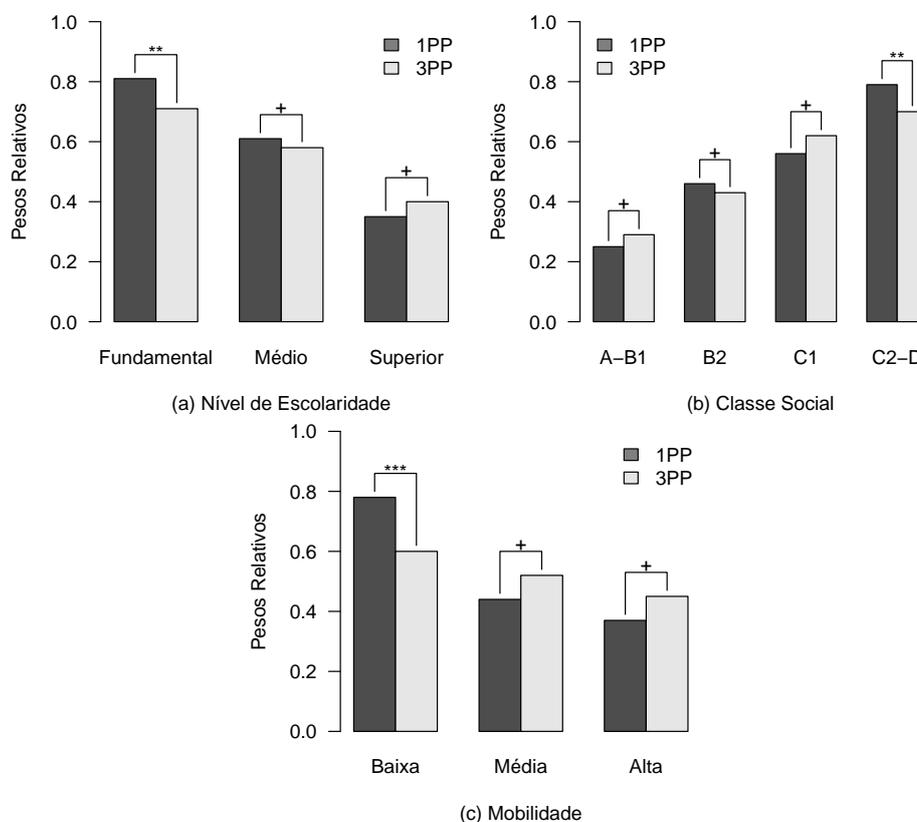


Figura 7.2 Tendências de emprego de CV- \emptyset em cruzamentos entre Pessoa Gramatical e (a) Nível de Escolaridade; (b) Classe Social; e (c) Mobilidade.
 $+p > 0,05$; $*p < 0,05$; $**p < 0,01$; $***p < 0,001$

não são significativas as diferenças de emprego de CV- \emptyset entre 1PP e 3PP para as classes A-B1 ($p > 0,50$), B2 ($p > 0,50$) e C1 ($p > 0,20$); ou seja, nesses casos, é alta a probabilidade de que a diferença seja aleatória. Por outro lado, a diferença é relevante entre os falantes da classe mais baixa C2-D, cuja tendência de emprego de CV- \emptyset em 1PP é significativamente maior do que em 3PP ($p < 0,01$). Finalmente, quanto à Mobilidade (Figura 7.2c), a diferença entre 1PP e 3PP é significativa para os falantes com mobilidade baixa, que tendem a empregar CV- \emptyset mais na 1PP do que na 3PP ($p < 0,001$). Tal contraste não é significativo para falantes com mobilidade média ($p > 0,10$) ou alta ($p > 0,05$).

Em suma, a Figura 7.2 mostra que os falantes menos escolarizados, de classe socioeconômica mais baixa e que são mais enraizados em seus bairros

apresentam tendências a CV-Ø significativamente maiores em 1PP do que em 3PP, o que não se observa nos outros grupos de falantes. Pode-se depreender daí uma possível motivação para o maior estigma de CV-Ø para 1PP relativamente a 3PP: a marca zero de 1PP é favorecida por grupos cuja fala tem maior probabilidade de ser estigmatizada socialmente.

Por outro lado, 1PP e 3PP também parecem se distinguir em graus de Saliência Fônica. Como não há uma escala de saliência que abarque as formas de 1PP e de 3PP conjuntamente, realizou-se um cruzamento entre essa variável (reconfigurada em dois graus) e Pessoa Gramatical, a fim de verificar em quais formas o emprego de CV-Ø é favorecido. Esse cruzamento se encontra na Figura 7.3, que mostra que é maior a tendência de ocorrer CV-Ø na 1PP do que na 3PP quando é menor o grau de saliência (Grau 1), mas que tal tendência se inverte no Grau 2.

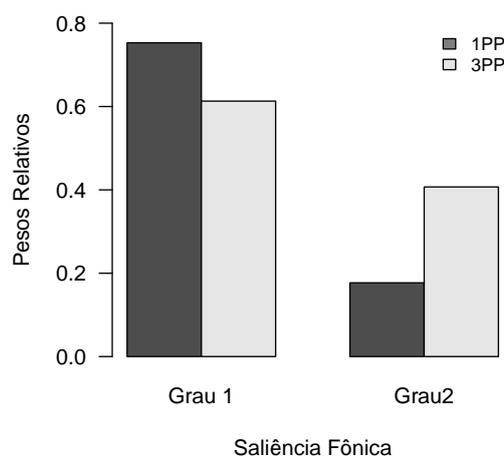


Figura 7.3 Tendências de emprego de CV-Ø em cruzamento entre Pessoa Gramatical e Saliência Fônica

Com base na Figura 7.3, pode-se propor que, em uma análise conjunta de 1PP e 3PP, os graus de saliência se organizam como em (7) adiante, em que “A” representa o menor grau de saliência (mais propenso à forma CV-Ø) e “D” o maior grau de saliência (e menos propenso à forma CV-Ø):⁹

⁹ Trata-se, em verdade, de um artifício analítico *ad hoc*; em princípio, deve-se partir de um modelo teórico a ser testado nos dados ao invés de partir dos dados para formular um modelo de análise; caso contrário, corre-se o risco de oferecer argumentações circulares. Tal artifício se justifica aqui por dois motivos: os resultados para Saliência Fônica são tão consistentes em diversos estudos, sobretudo quanto

(7) A: Grau 1/1PP < B: Grau 1/3PP < C: Grau 2/3PP < D: Grau 2/1PP

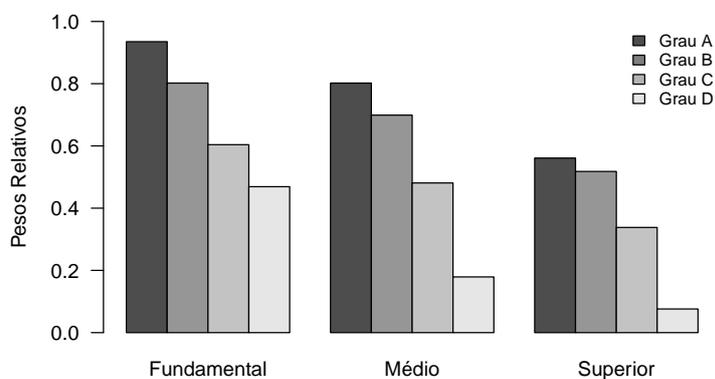
Reorganizando-se Saliência Fônica dessa maneira, novos cruzamentos foram realizados com Escolaridade, Classe Social e Mobilidade (Figura 7.4).

Nos três cruzamentos da Figura 7.4, observa-se que a hierarquia proposta em (7) para Saliência é seguida por todos os grupos, praticamente sem exceção: CV-∅ tende a ocorrer mais no Grau A (menor grau de saliência) e tende a ocorrer gradualmente menos nos graus B, C e D (conforme aumenta o grau de saliência). Tal relação parece ser relativamente mais regular entre os falantes do Ensino Fundamental, das classes B2 e C2-D e de menor mobilidade. Nos demais grupos, a “escada” da saliência tem “degraus” menos regulares (em alguns casos, bastante irregulares, sobretudo quando se atenta para os graus C e D): no Grau D (o de maior saliência), CV-∅ é fortemente evitada pelos falantes com Ensino Médio e Superior; pelos falantes da classe A-B1; e por aqueles cuja mobilidade é média ou alta. Em outras palavras, os falantes com maior nível de escolaridade, maior *status* socioeconômico e maior mobilidade rejeitam fortemente CV-∅ quando é alto o grau de saliência fônica.

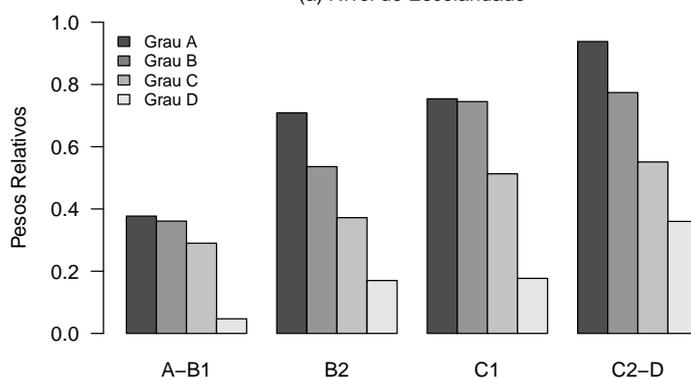
As figuras 7.2 e 7.4 mostram que diferentes grupos sociais da comunidade apresentam tendências diferentes – embora não divergentes – quanto ao emprego de CV-∅ na 1PP e na 3PP: falantes cuja fala tem maior probabilidade de ser estigmatizada socialmente exibem tendência significativamente favorável ao emprego da marca zero em 1PP em relação a 3PP; ao mesmo tempo, falantes cuja fala costuma ser associada a padrões de “correção gramatical” evitam fortemente o emprego de formas mais salientes de CV-∅, o Grau 2 de 1PP. Tais fatos devem contribuir para maior estigmatização da marca zero em 1PP do que em 3PP.

Essa interpretação traz consigo certas implicações para análises socio-linguísticas. Em primeiro lugar, pressupõe que a estigmatização de certas

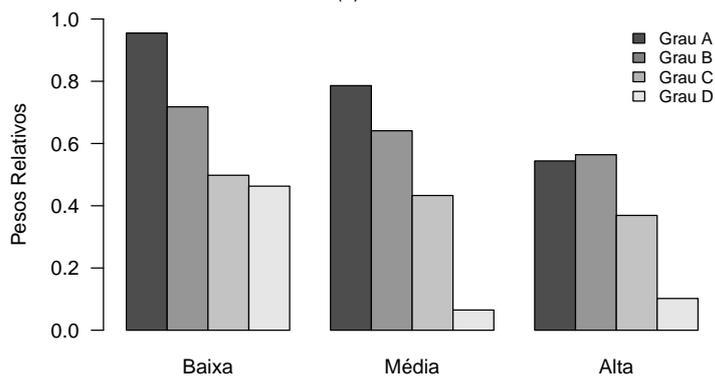
ao favorecimento de CV-∅ em formas de Grau 1 (menos salientes) em relação a formas do Grau 2 (mais salientes), a ponto de permitirem afirmar que a variável tem um efeito real sobre a concordância verbal, de modo a não se tratar mais de uma hipótese. O raciocínio aqui, portanto, é invertido: sabendo-se do papel da Saliência Fônica na concordância verbal, propõe-se uma escala conjunta para 1PP e 3PP a partir da distribuição dos dados. A segunda justificativa é o tipo de análise a que se destina a escala conjunta. O objetivo aqui não é o de verificar se há correlação entre a concordância verbal e Saliência Fônica, visto que isto já foi estabelecido acima; o intuito é o de avaliar se as diferentes formas de 1PP e 3PP quanto ao grau de saliência se distribuem diferentemente em grupos distintos da comunidade.



(a) Nível de Escolaridade



(b) Classe Social



(c) Mobilidade

Figura 7.4 Tendências de emprego de CV-0 em cruzamentos entre Saliência Fônica e (a) Nível de Escolaridade; (b) Classe Social; e (c) Mobilidade

variantes linguísticas advém do fato de que certos grupos com menor prestígio social tendem a empregá-las; nesse sentido, falantes menos escolarizados tendem a empregar a marca zero não porque esta é a forma estigmatizada mas, ao contrário, a forma é estigmatizada porque tende a ser empregada por falantes menos escolarizados. Há, portanto, uma direcionalidade na atribuição de significados sociais às variantes; tais significados surgem de construtos sociais mais amplos, que antecedem o uso da língua. Em segundo lugar, tal interpretação sugere que os falantes em uma comunidade são sensíveis a diferentes tendências de uso de variantes por parte de diferentes grupos de indivíduos. Pode-se aqui questionar se isso parece plausível de um ponto de vista cognitivo: seriam os falantes capazes de perceber diferenças tão sutis nas regras variáveis de diferentes grupos sociais, como o favorecimento de CV-∅ em 1PP em vez de 3PP na fala de indivíduos menos escolarizados, ou a forte rejeição da marca zero em itens lexicais mais salientes (*nós falou/nós falamos*) na fala de classes mais altas? Tal discriminação certamente não é consciente; no entanto, a forte regularidade nos padrões de variação de 1PP e de 3PP leva a crer que os membros de uma comunidade são capazes de aprender regras bastante complexas em seu convívio cotidiano com outros membros da mesma comunidade. [Rodrigues \(1987\)](#) havia sugerido que o significado social de CV-∅ em 1PP diferia daquele para 3PP pelo fato de o primeiro se associar a falantes de origem rural, em contraposição aos nativos da cidade. Um olhar mais detalhado aos padrões de uso por parte dos paulistanos parece mostrar que, para além das categorias “paulistano *vs.* não paulistano”, os nativos da cidade também realizam diferenciações entre outros subgrupos na comunidade com base em classes sociais ou nível de escolaridade.

Examine-se, por fim, a segunda questão colocada para a comunidade paulistana: haveria evidências de expansão da marca zero em 1PP entre jovens de periferia, diferentemente daquilo que se verifica em outras comunidades urbanas? Na seção anterior, verificou-se que a variação é estável, considerando-se a comunidade como um todo, tanto para 1PP quanto para 3PP. A fim de permitir a observação daquilo que ocorre entre os jovens de periferia, realizou-se um cruzamento entre as variáveis Faixa Etária, Região de Residência e

Tabela 7.9 Tendências de emprego de CV-∅ em cruzamento entre Região de Residência, Pessoa Gramatical e Faixa Etária

Faixa Etária	Centro				Periferia			
	1PP		3PP		1PP		3PP	
	P.R.	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.	%
20–34 anos	0.26	4,7	0.44	9,5	0.46	10,3	0.57	15,2
35–59 anos	0.44	9,7	0.47	10,6	0.33	6,3	0.48	11,0
60+ anos	0.60	16,7	0.54	13,9	0.37	7,3	0.55	14,5

Input: 0,120.

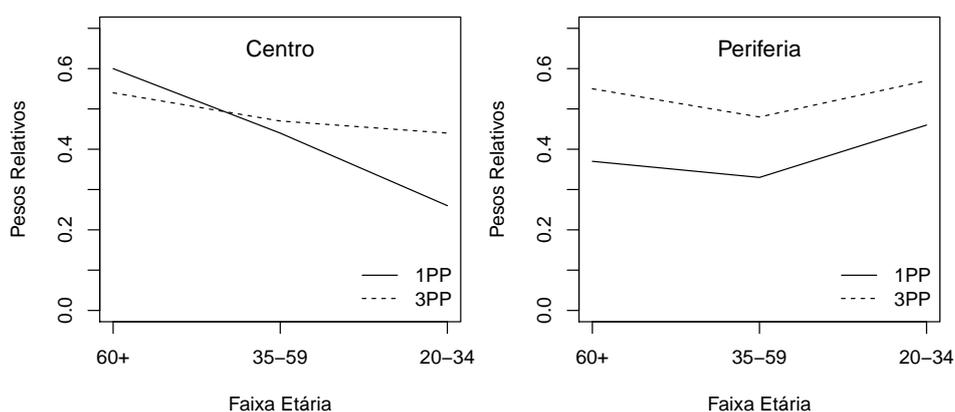


Figura 7.5 Tendências de emprego de CV-∅ em cruzamento entre Região de Residência, Pessoa Gramatical e Faixa Etária

Pessoa Gramatical, que se apresenta na Tabela 7.9 e na Figura 7.5.¹⁰

Os resultados são apresentados separadamente na Figura 7.5 apenas para facilitar sua visualização, mas advêm de uma mesma análise multivariada. Trata-se de quatro curvas para CV-∅ em 1PP e 3PP, para habitantes de bairros mais centrais e mais periféricos, ao longo do tempo aparente representado pelas faixas etárias. Entre os habitantes de bairros mais centrais, essas curvas são descendentes tanto para 1PP quanto para 3PP, sendo a primeira mais

¹⁰ Como se trata de um cruzamento complexo entre três variáveis, que gerou uma nova variável com 12 fatores (3 faixas etárias x 2 pessoas gramaticais x 2 regiões de residência), a análise da Tabela 7.9 incluiu apenas a nova variável e Falante e Item Lexical como efeitos aleatórios, excluindo-se as demais (Saliência Fônica, Sexo/Gênero etc.), a fim de não gerar interações indevidamente.

íngreme que a segunda. Isso significa que, entre esses falantes, parece haver um movimento em direção da marca explícita de número, já que CV-∅ tende a ocorrer relativamente menos na fala dos mais jovens do que na dos mais velhos; pela inclinação das curvas, tal movimento tem ocorrido mais rapidamente em 1PP do que em 3PP.

Entre os habitantes de bairros periféricos, a curva para 3PP é do tipo “U”, sendo que CV-∅ é favorecida entre os mais jovens e os mais velhos, e relativamente desfavorecida entre os falantes da faixa etária intermediária. Para 1PP, a tendência é menos clara: a diferença entre a terceira e a segunda faixa etária é pequena (P.R. 0.37 e 0.33, respectivamente), o que resulta em uma curva quase plana entre esses falantes. Os jovens de periferia, assim, parecem se destacar em seu uso de CV-∅ em relação aos mais velhos e esboçar um quadro de mudança na direção dessa variante. Entretanto, se o emprego de formas como “É nós” e “Nóis vai” é uma marca identitária de “jovens de periferia”, como propõe [Coelho \(2006\)](#), é possível que tais formas passem a ser evitadas à medida que esses jovens ingressem no mercado de trabalho, seja pelo emprego da marca explícita de número, seja pela adoção do pronome *a gente*.

É certo que a amostra de [Coelho \(2006\)](#) não é diretamente comparável com a deste estudo; são diferentes as categorias sociais, assim como são diferentes as metodologias de coleta de dados (por redes sociais naquele e amostragem aleatória neste). Desse modo, enquanto a presente amostra não contradiz seus resultados, tampouco fornece fortes evidências de um movimento em direção à marca zero entre os habitantes de bairros periféricos; o exame de uma amostra mais ampla da comunidade, como se realiza no presente estudo, aponta apenas para um esboço de mudança em favor de CV-∅ entre os falantes de periferia.

7.4 Síntese

Este capítulo compara padrões de variação na concordância verbal em 1PP e em 3PP e demonstra que, na comunidade paulistana, seus padrões de encaixamento linguístico e social coincidem amplamente, pois suas análises

em separado selecionam o mesmo conjunto de variáveis, na mesma ordem de importância e com a mesma hierarquia de restrições em cada uma delas. Trata-se de uma mesma variável sociolinguística.

Além de contribuir para o mapeamento dessa variável no português brasileiro, o capítulo discute especificamente duas questões. A primeira examina se os diferentes significados sociais de CV-∅ em 1PP e 3PP podem ser atribuídos a diferentes correlações com fatores linguísticos e sociais, ou se eles se devem somente a diferenças de frequências de ocorrências. Em análises do conjunto total de dados (1PP+3PP) e em cruzamentos entre Pessoa Gramatical e variáveis sociais, observa-se que 1PP e 3PP se distribuem algo diferentemente quanto ao Nível de Escolaridade, Classe Social e Mobilidade dos falantes, com favorecimento da marca zero em 1PP – em relação a 3PP – entre os falantes menos escolarizados, de classe social mais baixa e menor grau de mobilidade, cuja fala é mais sujeita a estigmatização social. Além disso, os falantes mais escolarizados, de classe mais alta e maior grau de mobilidade tendem a evitar CV-∅ fortemente quando é alto o grau de saliência entre as formas singular e plural (p.ex., *falou/falamos*). Apoiando-se nesses fatos, sugere-se que o maior estigma associado ao emprego de CV-∅ para 1PP pode advir dos diferentes padrões de emprego por parte de diferentes grupos sociais.

A segunda questão busca avaliar, com base em uma amostra mais abrangente da fala paulistana (relativamente a [Rodrigues 1987](#) e [Coelho 2006](#)), se haveria evidências de que CV-∅ na 1PP estaria se expandindo na fala de jovens de periferia, ou mesmo evidências de movimento na direção dessa variante, contrariamente ao que se verifica em outras comunidades urbanas. As análises em tempo aparente indicam tendência de mudança em direção à marca explícita de número entre os moradores de bairros mais centrais tanto na 1PP quanto na 3PP, mas sobretudo na primeira, caso em que CV-∅ é fortemente evitada pelos falantes mais jovens. Por outro lado, não se verifica um claro indicativo de mudança entre os moradores de bairros mais periféricos, que apresentam uma curva em “U” para 3PP, com desfavorecimento relativo de CV-∅ pelos falantes da faixa etária intermediária. Para 1PP, observou-se uma tendência à marca zero relativamente maior entre os falantes de primeira faixa etária do que da terceira e da segunda, mas que pode se reverter à

medida que esses jovens ingressem no mercado de trabalho. Tais resultados enfatizam que a constatação de variação estável na comunidade como um todo não significa que todos os grupos sociais seguem um mesmo padrão em tempo aparente.

Parte III

São Paulo: uma comunidade de fala

8

O indivíduo e a comunidade

Até este ponto, foram descritos amplos padrões de variação no português paulistano a respeito do encaixamento linguístico e social das variáveis (ẽ), (-r), (CN) e (CV). Verificou-se, por exemplo, que a ditongação de (ẽ) é fortemente favorecida pelas mulheres, que a realização retroflexa de (-r) tende a ocorrer na fala de representantes das classes mais baixas, e que o paralelismo inter- e intrassintagmático tem grande poder de prever a ocorrência da marca zero de concordância nominal ou verbal. Tais constatações se basearam em análises do conjunto total de dados da amostra, composta de 118 informantes. O presente capítulo se volta a uma análise sistemática da fala de indivíduos, com o intuito de determinar se as correlações anteriormente descritas se referem a padrões abstratos que resultam do nivelamento estatístico de uma grande quantidade de dados, ou se são relevantes para descrever a gramática de falantes individuais; o segundo caso constituiria evidência de compartilhamento de normas de usos linguísticos entre membros da comunidade. A análise que segue demonstra que as regras variáveis ocorrem sistematicamente para os informantes da amostra, o que permite caracterizar a cidade de São Paulo, não obstante sua demografia amplamente heterogênea, como uma única *comunidade de fala* (Labov, 2006 [1966]).

As análises sociolinguísticas têm o objetivo de descrever e explicar padrões de usos linguísticos variáveis, que são vistos como parte da própria língua. No entanto, pode-se indagar se as regras variáveis, tais como aquelas descritas nos capítulos 4 a 7 (p.ex., “o retroflexo é favorecido em sílabas tônicas, com peso relativo de 0.55”), referem-se a padrões abstratos que emergem somente na análise de uma grande quantidade de dados, como uma espécie de média grosseira de padrões individuais independentes e possivelmente divergentes entre si, ou se tais descrições possuem alguma validade empírica para a gramática de cada falante individual.

Vale notar que as avaliações sociolinguísticas dos falantes da língua – assim como de linhas de pensamento linguístico mais formalistas – frequentemente são categóricas, com a fórmula “pessoas do tipo X empregam a forma A, e pessoas do tipo Y empregam a forma B”, ou ainda “quando se está na situação X, usa-se a forma A, e quando se está na situação Y, usa-se a forma B”. Tal perspectiva, exemplificada pelo excerto (1) abaixo, leva a crer que as gramáticas individuais seriam internamente homogêneas, isentas de variação.

- (1) ☉ D1: *e o que que você acha de ‘ah me vê dois pastel e um chopes’?*
 S1: *eu acho que é uma pessoa que não sabe falar português... que são ‘dois pastéis e um chope’ [risos-S1]*
 D1: *uhum... e você fala assim ou não?*
 S1: *‘dois pastel?... e um chopes’? não!... eu não*
 D1: *[risos] e quem fala dessa maneira assim?*
 S1: *pessoas que não não estudaram a língua... que são menos favorecidas... vão falar errado e vão continuar falando errado sem plural (Madalena M., F2SP)*

Vê-se nesse exemplo que Madalena M., uma professora de inglês do Ensino Médio e com nível superior de escolaridade, nega veementemente a possibilidade de que ela possa deixar de realizar a concordância padrão e afirma que “falar errado” é próprio de pessoas com outro perfil social (quem não estudou ou é menos favorecido). De fato, essa falante apresenta uma baixa taxa de CN-Ø – 4% (ver Anexo B, p. 361); no entanto, considerando-se que mesmo em uma situação de gravação, em que se pode pressupor certo grau de monitoramento, a informante emprega a marca zero (6 ocorrências em 54

minutos de gravação), pode-se supor que sua taxa de emprego da variante seja relativamente maior em sua fala cotidiana, quando não está sendo gravada.

Por outro lado, os métodos sociolinguísticos de análise quantitativa já foram criticados por um suposto irrealismo cognitivo. Pela necessidade metodológica de se analisar uma grande quantidade de dados, geralmente se volta à fala de agrupamentos de indivíduos, procedimento que normalmente não permite verificar se a variação observada de fato está presente na fala individual ou se simplesmente representa o amontoamento de comportamentos linguísticos divergentes. Ressalte-se, nesse sentido, que a recente incorporação de modelos de efeitos mistos (Baayen, 2008; Tagliamonte, 2011) na caixa de ferramentas sociolinguísticas é um grande avanço metodológico, ao levar em conta o peso de cada falante nos padrões da amostra (Capítulo 3, p. 56). Contudo, uma crítica de Bickerton (1973, *apud* Labov 1980: xv) parece ainda ser pertinente: o autor argumenta ser impossível a seres humanos aprender a produzir uma forma linguística mais frequentemente do que outra, e que, portanto, os padrões de variação reportados em estudos sociolinguísticos devem ser o resultado do nivelamento estatístico de diferentes padrões individuais.

A questão sobre se a variação sistemática e ordenada ocorre no nível individual ou comunitário não é trivial. Ela concerne a um dos problemas fundamentais da Linguística: embora a língua desempenhe uma função eminentemente social – comunicar-se –, ela reside nas mentes de falantes individuais (Guy, 1980: 1). Trata-se da já conhecida distinção saussuriana entre *langue* e *parole*, e da distinção chomskyana entre *competência* e *performance*. Para esses dois autores, a variação na fala individual seria inerentemente caótica, motivo pelo qual não poderia constituir o “verdadeiro” objeto da Linguística – a *langue* ou a *competência*.

Em contraposição direta a Chomsky, Hymes (1991 [1979]) propõe o conceito de *competência comunicativa* que, como se viu no Capítulo 2 (p. 21), considera que o conhecimento linguístico do falante compreende as regras não apenas de sua gramática mas também de usos apropriados. Para a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, a questão acima colocada sobre a relação indivíduo–comunidade diz respeito à própria definição de uma comunidade linguística. A definição laboviana de *comunidade de fala* se pauta

pelo compartilhamento de normas e pela uniformidade linguística, entendidos como regras variáveis similares entre indivíduos (ver Capítulo 2, p. 21). Com efeito, ao considerar a variação como parte da competência comunicativa, a incorporação da regra variável ao conhecimento do falante se torna um corolário.

Para a cidade de São Paulo, por suas enormes dimensões e suas fortes diferenças sociais, parece razoável suspeitar que talvez seus milhões de habitantes não compartilhem um único conjunto de regras variáveis, ainda que se considerem apenas os falantes nativos.¹ É possível, por exemplo, que as regras variáveis para o emprego de (-r) se configurem algo diferentemente por parte de um falante de classe mais alta e por parte de outro de classe mais baixa.

Desse modo, este capítulo investiga se os mesmos padrões de variação linguística – p.ex., maior peso relativo para CN-∅ em palavras terminadas em vogais orais do que em plurais irregulares, ou maior tendência de emprego de retroflexo em sílabas tônicas do que átonas – são observados na fala de cada indivíduo. Em outras palavras, com base na premissa laboviana de que uma variedade linguística é constituída por pessoas que compartilham a mesma gramática, caracterizada por um conjunto de regras variáveis, São Paulo pode ser considerada uma única comunidade de fala?

8.1 O indivíduo na perspectiva sociolinguística

O aparato teórico da análise da regra variável (Labov, 1969; Cedergren & Sankoff, 1974; Sankoff & Labov, 1979) se caracteriza por certas proposições, assim sintetizadas por Guy (1991: 5):

- (i) os falantes individuais podem diferir em suas taxas de aplicação de uma regra variável, ou seja, em seu valor de *input*;²

¹ Cabe a lembrança de que, neste estudo, tais perguntas se aplicam aos nascidos na cidade e que viveram aqui a maior parte de suas vidas, e não na comparação com grupos de migrantes, cuja presença é marcante em São Paulo. Um primeiro trabalho nesse sentido é o de Gomes da Silva (2014), a respeito da concordância nominal entre paulistanos e alagoanos residentes em São Paulo.

² Entenda-se, a taxa de emprego de uma variante, entre 0% e 100%.

- (ii) os indivíduos devem apresentar valores similares ou idênticos de pesos relativos atribuídos aos fatores de variáveis linguísticas.³

Essas proposições afirmam que dois falantes de uma mesma comunidade de fala podem exibir frequências de uso de uma variante tão díspares quanto 5% ou 75% (proposição 1) – por exemplo, de CN-∅ –, mas que suas tendências de emprego, em pesos relativos, devem ser semelhantes quanto a um mesmo contexto linguístico (proposição 2) – por exemplo, maior peso relativo para a marca zero de (CN) em palavras terminadas em vogais orais, como “menino”, do que em palavras terminadas em -S, como “vez”.⁴

Em um dos primeiros estudos sobre a concordância verbal de 3PP no português brasileiro, Naro (1981) demonstra que a hierarquia de saliência fônica em seis graus (ver Capítulo 7, p. 174) tende a ser mantida na fala de cada indivíduo. Na Tabela 8.1, reproduzida de seu estudo, apresentam-se o número de dados, as frequências correspondentes do uso da marca explícita de número e seus respectivos pesos relativos. O sinal de igual (=) indica que é pequena a probabilidade ($p < 0,10$) de ser significativa a diferença entre o peso relativo e aquele logo abaixo; o asterisco, por sua vez, indica diferença significativa ($p > 0,10$). Note-se que a variante de aplicação nesse caso (a marca explícita) foi diferente daquela que se usou no Capítulo 7 do presente estudo (a marca zero); no estudo de Naro, esperam-se valores crescentes de pesos relativos (maior tendência à marca explícita de plural) quanto maior o grau de saliência fônica, de 1a até 2c.

Ao comparar tais valores para cada indivíduo, percebem-se tendências crescentes de emprego de CV-E, de acordo com a escala de saliência, para os falantes ELV e FAU (1a < 1b < 1c < 2a < 2b < 2c). Para HEN, embora os pesos relativos pareçam não seguir estritamente a escala de saliência (1a: 0.16 < 1b: 0.24 > 1c: 0.19 < 2a: 0.51 < 2b: 0.90 > 2c: 0.88), a diferença entre

³ Tradução própria. Texto original: “1. Individual speakers may differ in their basic rate of use of a variable rule, that is, in their ‘input probability’ for the rule. 2. Individuals should be similar or identical in the factor values assigned to linguistic constraints on the rule.” Guy (1991) ainda lista uma terceira proposição, que não é discutida aqui: “3. The factor values, or conditional probabilities associated with each environmental constraint on a rule, can freely vary in the interval (0–1) [...]. In other words, the variable rule framework imposes no a priori requirement on how close or distant the values in a given group may be or on what ratios obtain between them.”

⁴ Ver Capítulo 6, p. 141. Os pesos relativos para esses fatores, na análise geral, foram de 0.80 e 0.43, respectivamente.

Tabela 8.1 Frequências e tendências de emprego de CV-E para seis informantes, de acordo com Saliência Fônica (Fonte: Naro 1981 : 89)

	Falante: ELV			Falante: UBI		
	N/N Total	% CV-E	P.R.	N/N Total	% CV-E	P.R.
1a	9/92	9.8	0.08	12/115	10.4	0.08
1b	102/297	34.3	0.29	89/219	40.6	0.35 *
1c	20/32	62.5	0.53 =	10/41	24.4	0.18
2a	56/91	61.5	0.57 =	86/107	80.4	0.78 =
2b	25/37	67.6	0.73	25/30	83.3	0.82 =
2c	132/152	86.8	0.87	93/110	84.6	0.86
	Falante: FAU			Falante: HEN		
	N/N Total	% CV-E	P.R.	N/N Total	% CV-E	P.R.
1a	1/62	1.6	0.03	5/36	13.9	0.16 =
1b	50/380	13.2	0.22	31/144	21.5	0.24 =
1c	21/48	43.8	0.60 =	3/17	17.7	0.19
2a	46/89	51.7	0.68	25/54	46.3	0.51
2b	29/42	69.1	0.83 =	14/18	77.8	0.90 =
2c	152/197	77.2	0.89	49/59	83.1	0.88
	Falante: SON			Falante: SID		
	N/N Total	% CV-E	P.R.	N/N Total	% CV-E	P.R.
1a	26/53	49.1	0.23	20/59	33.9	0.18
1b	175/223	78.5	0.54 *	107/210	51.0	0.31 =
1c	1/5	20.0	0.06	10/15	66.7	0.44 =
2a	55/62	88.7	0.70 =	66/86	76.7	0.62
2b	34/36	94.4	0.85 =	35/39	89.7	0.82 *
2c	130/144	90.3	0.76	74/96	77.1	0.63

Comparação com P.R. de fator abaixo: $=p < 0,10$; $*p > 0,10$. Grau 1a: *come/comem*; Grau 1b: *fala/falam*; Grau 1c: *faz/fazem*; Grau 2a: *dá/dão*; Grau 2b: *comeu/comeram*; Grau 2c: *falou/falaram*.

1b–1c e 2b–2c não é significativa, de modo que, também para ele, a escala é mantida. Os outros três falantes (UBI, SON e SID) apresentam casos em que a ordem relativa de fatores não segue o mesmo padrão. No entanto, de modo global, Naro (1981) chama a atenção para o fato de que, dentre 30 pares de pesos relativos em comparação (cinco pares para cada falante), a ordem relativa segue aquela esperada em 14 deles, a diferença é neutralizada em 13 (os casos assinalados com =) e somente três estão na ordem “errada” (os casos marcados com asterisco). Ademais, em toda a tabela, há apenas um caso em que um fator se encontra a uma distância de mais de um grau em relação à posição prevista: na fala de SON, o peso relativo de 0.06 para a classe 1c é

menor do que aqueles para 1a (0.23) e 1b (0.54); contudo, trata-se do caso em que há um menor número de dados (1 de CV-E, de um total de 5), em que as chances de flutuações aleatórias são maiores.⁵ Naro (1981) depreende daí o alto grau de uniformidade nos padrões de uso na fala de indivíduos, em conformidade com as regras variáveis da comunidade.

A relação entre padrões de variação individuais e comunitários também foi analisada sistematicamente por Guy (1980), em seu estudo sobre o apagamento de “t/d” no inglês de quatro falantes de Nova Iorque e 19 da Filadélfia. O autor nota que a “uniformidade” da regra variável na fala desses indivíduos não reside em taxas iguais de apagamento, mas na manutenção do ranqueamento de fatores dentro de uma mesma variável, em comparação com aquele observado na comunidade: por exemplo, a maior tendência ao apagamento de “t/d” quando seguidos de consoantes (como em *eat fast* ‘comer rápido’) do que quando seguidos de vogais (como em *eat a lot* ‘comer muito’), e em palavras monomorfêmicas (como em *mist* ‘névoa’) do que bimorfêmicas (como em *miss-ed* ‘perder-PRETÉRITO’).

Guy (1980) não apenas comparou os pesos relativos para os fatores de cada variável, mas também avaliou detalhadamente os casos em que se observaram “desvios” dessas regras. Estes ocorreram em contextos específicos (p.ex., “t/d seguido de consoante”) em que havia 10 dados ou menos para um determinado falante. Acima de 10 dados, houve 90% de conformidade à regra variável da comunidade e, acima de 35 dados, a acessão foi de 100%.

Por outro lado, Guy (1980) notou que pode haver diferenças que não se atribuem a flutuações ocasionais decorrentes de poucos dados, ao observar uma diferença sistemática na fala de habitantes de Nova Iorque e da Filadélfia em relação ao contexto fônico seguinte. Embora todos os falantes de ambas as comunidades favoreçam o apagamento dos segmentos antes de consoantes em relação a vogais, eles exibem comportamento divergente quanto ao tratamento da pausa; em Nova Iorque, esse contexto favorece o apagamento de “t/d”

⁵ Se se dispõe de apenas 5 dados para certo contexto, um único dado representa 20% do total; a flutuação ocasional de um para dois dados pode representar um salto de 20% para 40%, de modo que pequenas diferenças randômicas resultam em diferenças proporcionais exageradas. Por outro lado, se há 100 dados para o mesmo contexto, a flutuação em um dado equivale a um salto de 1% (de 20% para 21%, por exemplo), e mudanças entre as proporções passam a ser muito menos prováveis de ocorrer aleatoriamente.

para os quatro falantes, ao passo que o desfavorece para 18 dos 19 falantes da Filadélfia. O autor interpreta que a regra de apagamento de “t/d” mais frequentemente antes de consoantes do que de vogais (que se aplica a todos os falantes) parece ser uma restrição fonológica universal, que evita sequências do tipo “CVC-CV” em favor da estrutura silábica canônica “CV-CV”; o efeito da pausa, por sua vez, por não apresentar as mesmas propriedades físicas/acústicas de consoantes nem de vogais, seria definido arbitrariamente em cada dialeto.

Diferentes ordenamentos na hierarquia de fatores também foram observados por Cameron (1994, *apud* Guy 2000) quanto à expressão do pronome reto em espanhol, ao comparar comunidades distintas. Em Porto Rico, os falantes favorecem o preenchimento do sujeito em casos de *tu* genérico, enquanto na Espanha a expressão do pronome é favorecida em casos de *tu* que se refere ao interlocutor.

Diferentemente de Guy (1980) e Cameron (1994, *apud* Guy 2000), Lim & Guy (2005) reportam um caso de alteração na hierarquia de fatores de uma variável na fala de informantes de uma mesma comunidade. Ao examinar o apagamento de “t/d” no inglês de quatro jovens de Cingapura residentes em Nova Iorque (todos de etnia chinesa, três universitários e um recém-graduado na NYU), os autores notaram diferentes ranqueamentos de fatores a depender de um estilo mais ou menos monitorado da fala. Assim como em Guy (1980), as consoantes sempre favorecem o apagamento relativamente às vogais, para os quatro falantes. A pausa, por sua vez, localiza-se em diferentes pontos da hierarquia de restrições em fala formal ou informal. No primeiro caso, a pausa atua como contexto mais conservador para o apagamento (de modo que a hierarquia se configura como consoante > vogal > pausa) e, no segundo, como contexto intermediário (consoante > pausa > vogal), sistematicamente para os quatro indivíduos. Quanto ao estatuto morfológico da palavra com “t/d”, o passado irregular (como *left*, *told*) é tratado de modo semelhante a monomorfemas (como *mist*) em estilo informal (monomorfemas = passado irregular > passado regular) mas, em estilo formal, os fatores se organizam no padrão monomorfemas > passado irregular > passado regular. O tratamento diferenciado de certos contextos para o apagamento de “t/d” de acordo com

o estilo de fala é interpretado pelos autores como evidência de bidialetalismo ou diglossia para esses falantes, que acessariam diferentes gramáticas – a da variedade Alta ou Baixa do inglês de Cingapura (Gupta, 1991, *apud* Lim & Guy 2005) – a depender de seu grau de atenção à própria fala.

Desse modo, a existência de diferentes hierarquias de restrições entre fatores de uma mesma variável para falantes diferentes, ou para um mesmo falante em diferentes estilos, é considerada como evidência de diferentes gramáticas, que se definem pela configuração de suas regras variáveis. No presente trabalho, as análises que seguem buscam avaliar se os paulistanos exibem padrões semelhantes entre si, tal como no estudo de Naro (1981), ou se há evidências de diferentes gramáticas entre indivíduos, à semelhança do que descreveram Guy (1980) para habitantes de Nova Iorque e Filadélfia, Cameron (1994, *apud* Guy 2000) para falantes de Porto Rico e da Espanha, e Lim & Guy (2005) para a diglossia de cingapurianos. No caso de haver indícios de padrões significativamente distintos, avalia-se se tais falantes se definem por uma característica social específica (menor nível de escolaridade, residente de bairro mais central etc.) que poderia compor uma comunidade de fala em separado. Antes de apresentar os resultados, a próxima seção descreve os métodos aqui empregados.

8.2 Método

O método para abordar as questões acima foi a realização de análises multivariadas semelhantes às aquelas da amostra geral, mas que, em vez de levar em conta todo o conjunto de dados, dedicam-se cada qual aos dados de um único informante. Ainda que conceitualmente simples, tal método pode ser bastante cansativo e demandar muito tempo na prática; trata-se, afinal, de múltiplas variáveis sociolinguísticas e de mais de uma centena de informantes. Neste estudo, tais dificuldades foram contornadas por intermédio da aplicação de *scripts* no programa R, para que as análises de cada variável para cada indivíduo não fossem executadas uma a uma.

De modo geral, os *scripts* têm uma mesma estrutura. Conforme descrito no Capítulo 3 (p. 54), o Rbrul funciona por meio de uma interface textual

com menus de comando, pela qual o usuário define qual análise será executada pela seleção de opções numeradas:⁶

```
(2)  MAIN MENU
      1-load/save data 2-adjust data 4-crosstabs 5-modeling
      6-plotting 8-restore data 9-reset 0-exit
      1: 2

      ADJUSTING MENU
      1-change class 2-rename 3-exclude 4-retain 5-recode
      6-relevel 7-center/transform 8-count 9-main menu
      0-exit 10-make full interaction group 11-make partial
      interaction group
      1: 4
      Factor group to retain using? (1-V.D. 2-INF 3-genero [...])
      1: 2
      Factors to retain from
      INF? (1-AdolfoF 2-AdrianaP 3-AmandaA [...] 118-WilliamA)
      1: 1
      2:

      ADJUSTING MENU
      1-change class 2-rename 3-exclude 4-retain 5-recode
      6-relevel 7-center/transform 8-count 9-main menu
      0-exit 10-make full interaction group 11-make partial
      interaction group
      1: 9

      Current data file is: [...]

      MAIN MENU
      1-load/save data 2-adjust data 4-crosstabs 5-modeling
      6-plotting 8-restore data 9-reset 0-exit
      1: 5 [...]
```

A escolha de comando pelo usuário é indicada nas linhas iniciadas por “1:” ou “2:”, dentre as opções do menu que as precedem. No exemplo (2), tais escolhas foram: (i) “2” (ou seja, “ajustar dados”); (ii) “4” (“4-reter”); (iii) “2” (“2-INF”); (iv) “1” (“1-AdolfoF”); (v) ENTER (representado pelo espaço em

⁶ Os símbolos “[...]” omitem informações não relevantes para o exemplo.

branco após “2:”); (vi) “9” (“9-menu principal”); e (vii) “5” (“5-criar modelo”). Essas seleções instruíram o programa, respectivamente, (i) a ajustar os dados carregados na memória; (ii) que tal ajuste se refere à manutenção de um subconjunto de dados; (iii) que os dados a ser retidos advêm da variável “2-INF”, codificada para identificar o informante de quem o dado é proveniente; (iv) que, da variável “2-INF”, devem-se reter os dados do primeiro informante, Adolfo-F, (v) e somente dele (a opção ENTER volta ao Menu de Ajuste); (vi) que a partir desse subconjunto de dados de um único informante, deve-se voltar ao Menu Principal; e (vii) que das opções do Menu Principal, deseja-se criar um modelo estatístico. A criação de *scripts* que automatizam essas operações é possível devido à sistematicidade e à previsibilidade da ordem de comandos. Para a execução dos comandos acima, o *script* contém apenas aquilo que seria digitado pelo usuário:

```
(3)  2
      4
      2
      1

      9
      5 [...]
```

O restante do *script* contém sequências de comandos praticamente idênticos, que só diferem na identificação do novo informante cujos dados devem ser retidos e analisados no modelo seguinte (o passo iv acima).⁷ O programa levou, para cada uma das variáveis, cerca de 10 minutos para executar 118 modelos estatísticos, de modo que o total de centenas de análises foi realizado em pouco menos de uma hora.

A organização de tamanha quantidade de resultados, para separação de valores de pesos relativos e ranqueamento de fatores, foi feita conjuntamente no programa R (pela função `extracao()` do pacote `dmsocio`; Oushiro 2014) e no programa Excel 2010 (por funções como `COUNTIF`).

⁷ Nota para programadores: infelizmente, o pacote `Rbrul`, até o momento, não permite a execução de *for-loops* dentro de suas rotinas.

Essas análises, de modo geral, basearam-se nos modelos estatísticos que se mostraram os mais explicativos e sintéticos para a descrição dos padrões de variação, de acordo com os capítulos 4 a 7. Desse modo, não se incluíram nos modelos as variáveis que não haviam sido selecionadas como significativas para a comunidade como um todo (p.ex., a variável Vogal da Sílabas Seguinte para (ê); ver Capítulo 4, p. 75) e mantiveram-se amalgamações entre fatores cujo comportamento não havia se revelado significativamente distinto (p.ex., para (CN-atomística), a junção de posição nuclear e pós-nuclear das palavras; ver Capítulo 6, p. 143).⁸ (CN) foi novamente analisada tanto da perspectiva atomística quanto de SNs. (CV), por sua vez, foi analisada em arquivos de dados que incluíram tanto 1PP quanto 3PP; tal decisão se baseia no fato de que, para 1PP, houve apenas 29 falantes cujos usos foram factualmente variáveis na entrevista (ver Capítulo 7, p. 172) – ou seja, a não variação em (CV-1PP) não permitiria a análise multivariada para os demais falantes –, mas sobretudo na constatação, naquele mesmo capítulo, de que as restrições são muito semelhantes para as duas pessoas gramaticais, configurando-se efetivamente como uma mesma variável.

Certas amalgamações adicionais foram feitas em variáveis com mais de três variantes, a fim de não multiplicar indefinidamente o número de comparações e de evitar um número excessivo de células com pouquíssimos dados (quantos mais fatores em uma variável, presumivelmente haverá um menor número de dados por fator). Tais amalgamações, que serão apontadas oportunamente, foram feitas com base nas distribuições gerais observadas, em valores mais próximos de pesos relativos e semelhanças estruturais que possam ser justificadas linguisticamente.

As variáveis sociais, por sua vez, foram excluídas de todas as análises: além de serem constantes para um mesmo indivíduo, o foco é o contraste de hierarquia para fatores de natureza linguística e estilística. Quanto à variável Estilo, foi necessário adotar alguns cuidados adicionais, visto que não houve

⁸ Isso significa dizer que nem todas as possibilidades de comparação entre padrões individuais e comunitários foram esgotadas. É possível, por exemplo, que a variável Vogal da Sílabas Seguinte, não relevante para (ê) na análise geral, se revelasse importante para alguns indivíduos, mas sua eliminação do modelo já de antemão não permite verificar se este é o caso. Tal decisão se justifica pelo fato de que o intuito aqui é o de comparar a hierarquia entre fatores dentro de uma mesma variável, e não a seleção de variáveis.

variação para (CN) nem para (CV) (ver Capítulo 6, p. 136, e Capítulo 7, p. 172). Para esses dois casos, realizou-se uma análise adicional somente com a variável Estilo, excluindo-se todas as variáveis linguísticas.

Por fim, ainda se fazem necessárias duas notas metodológicas. Já se notou a relevância de atentar para o número de dados de cada análise a fim de avaliar sua real significância. Neste estudo, adota-se o valor observado empiricamente por Guy (1980) de 35 dados por célula como critério para que uma determinada distribuição seja considerada confiável; padrões individuais divergentes que forem observados com base em um número menor de dados são analisados mais detidamente apenas quando há outros indícios de uma possível gramática alternativa. Além disso, em qualquer amostragem de qualquer população, espera-se que cerca de 5% da distribuição dos dados exibam comportamento divergente, “fora da curva”. Para uma amostra com 118 indivíduos, portanto, é de se esperar que 5–6 falantes se comportem idiossincriticamente. Somente a existência de um número maior de indivíduos constituirá evidência suficiente de gramáticas verdadeiramente divergentes.

8.3 Análises

Em qualquer análise variacionista, o primeiro passo é sempre checar se há factual variação nos dados. É nesse sentido que, nas análises dos Capítulos 4 a 7, o primeiro resultado quantitativo apresentado foi a distribuição geral de dados, com destaque para números brutos e porcentagens. Para a análise de falantes individuais, essa preocupação se torna tanto mais importante. Por um lado, existe a mencionada avaliação de que a variação linguística ocorre apenas entre grupos de falantes (“pessoas do tipo X dizem A; pessoas do tipo Y dizem B”), ou na fala de um mesmo indivíduo apenas em diferentes situações. Por outro, o mero fato de haver um menor número de dados na fala individual (em relação à amostra como um todo) pode conduzir a distribuições categóricas.

O Anexo B (p. 361) apresenta uma tabela com a discriminação das características sociais de cada um dos 118 falantes da amostra, junto a suas taxas de emprego de [ẽ̃], [ɹ], CN-∅, CV-1PP-∅ e CV-3PP-∅. Aqui se apresenta

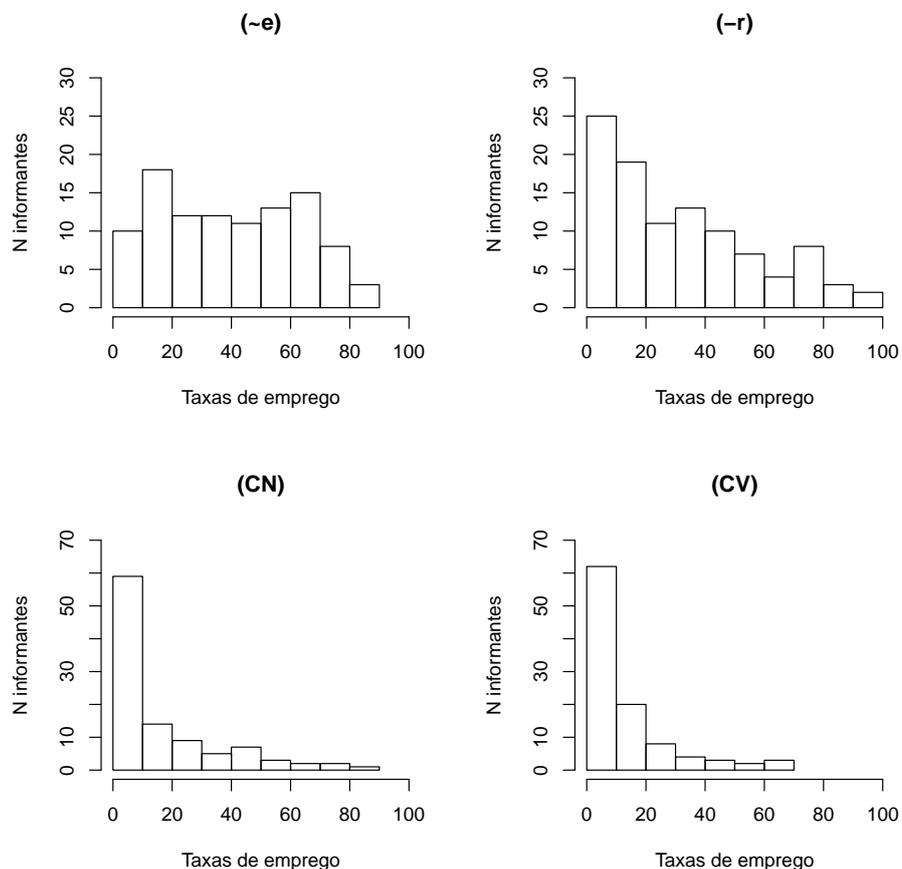


Figura 8.1 Taxas de emprego das variantes $[\tilde{e}]$, $[-r]$, CN- \emptyset e CV- \emptyset por número de informantes

um resumo dessas distribuições. Os histogramas da Figura 8.1 mostram o número de falantes por diferentes faixas de emprego das variantes de aplicação (de 0 a 10%, de 10% a 20% etc.).

As taxas de emprego de ditongação de (\tilde{e}) variam de 2% a 84%, com maior número de falantes na faixa de 10% a 20% e de 60% a 70%. O emprego de retroflexo tem o maior espectro de variação, de 0% a 98%; ainda que a maioria dos falantes se localize na faixa entre 0% e 10%, apenas seis dos 118 são categóricos em seu emprego de tepe (ou seja, 0% de retroflexo). As taxas de CN- \emptyset vão de 0% a 82% e, de modo semelhante à distribuição do retroflexo, a maior parte dos falantes está na faixa de até 10%; no entanto, apenas sete

falantes são categóricos no emprego da forma padrão. Para (CV), quando se consideram dados de 1PP e 3PP conjuntamente, as taxas de CV-Ø são de 0% a 69%, com pico modal também na faixa de até 10%, e apenas três falantes categóricos no uso da concordância padrão. Desse modo, observa-se que a variação nos usos linguísticos individuais constitui antes a regra do que a exceção.

A fim de avaliar o comportamento individual de cada falante quanto à hierarquia interna de restrições, ou seja, a relação entre fatores de uma mesma variável, realizaram-se comparações entre pesos relativos por meio da subtração de seus valores $X - Y$, em que X representa um fator hierarquicamente acima de outro fator Y de acordo com a análise geral. Por exemplo, para a variável Raiz-Afixo de (ê), a análise do Capítulo 4 indicou que o fator “raiz” favorece a ditongação (P.R. 0.55) em relação a “afixo” (P.R. 0.42) (p. 78); nesse caso, o valor de X é o peso relativo para “raiz” e o de Y é o peso relativo para “afixo”. Falantes cuja diferença de $X - Y$ é maior do que zero exibem comportamento concordante com o da comunidade (já que $X > Y$), ao passo que aqueles com um valor menor do que zero sinalizam reversão de tendências ou padrões divergentes (já que $X < Y$).

Ao mesmo tempo, atentou-se ao número total de dados por fator. Na mesma comparação Raiz vs. Afixo, se determinado falante tem 70 dados de (ê) em afixos, mas apenas 25 em raízes de palavras, considera-se apenas o total de 25 dados. Como argumenta Guy (1980: 19), “nenhuma comparação é mais forte do que seu elo mais fraco”.⁹ Como o número de dados para qualquer um dos fatores pode distorcer os valores de pesos relativos, a estimativa mais conservadora ao levar em conta o menor número de dados permite avaliar mais adequadamente a confiabilidade da distribuição.

Nas figuras 8.2 a 8.6, cada ponto representa um falante dentro de um plano bidimensional, cujo eixo horizontal é representado pela diferença $X - Y$ (nos quais os valores vão de -1 a $+1$) e cujo eixo vertical indica o menor número de dados dos fatores em questão. Os pontos do lado direito (entre 0 e 1) representam aqueles que seguem a regra variável da comunidade, e aqueles do lado esquerdo (entre -1 e 0) são aqueles que apresentam tendência oposta; a

⁹ Tradução própria. Texto original: “no comparison is stronger than its weaker link”.

linha pontilhada horizontal demarca o limite de 35 dados (Guy, 1980). Desse modo, deve-se atentar principalmente ao quadrante superior esquerdo, que representa falantes com mais de 35 dados e com tendência divergente à da comunidade (assinalados por triângulos). Nessas figuras, incluem-se apenas os falantes para os quais a variável foi selecionada como significativa ($p < 0,05$).

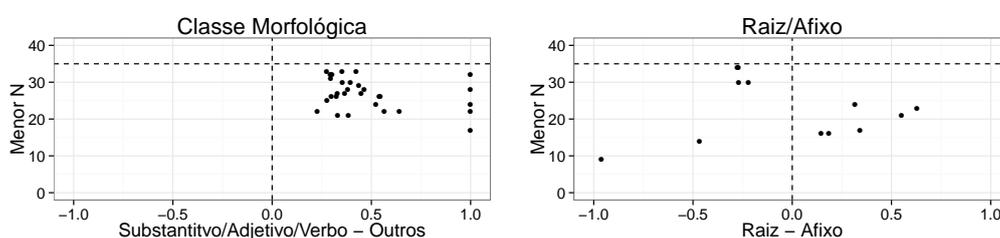


Figura 8.2 Diferenças entre pesos relativos de pares de fatores por menor número de dados para a variável (\tilde{e})

A Figura 8.2 contrasta as tendências de emprego da variável (\tilde{e}). Para Classe Morfológica, aqui se amalgamaram os fatores Advérbio/Numeral e Preposição/Pronome em “Outras classes de palavras”, uma vez que seus pesos relativos eram próximos (0.45 e 0.41, respectivamente; ver Capítulo 4, p. 77). No contraste “Substantivo/Adjetivo/Advérbio” menos “Outras classes de palavras”, observa-se que os 30 falantes têm valor positivo da diferença de pesos relativos, mesmo com menor N abaixo do valor sugerido de 35 dados, o que indica que todos os falantes para os quais a variável é significativa se conformam à norma da comunidade.

Para a variável Raiz-Afixo, o comportamento dos falantes é menos claro; dos 12 para quem a variável é selecionada, metade se encontra à esquerda (portanto, Raiz < Afixo), e metade à direita (Raiz > Afixo, conforme norma comunitária). É certo que os seis falantes à esquerda têm menos de 35 dados para o contexto com menor N, e que essa quantidade de falantes está dentro do limite esperado de comportamento “fora da curva”, conforme se assinalou na seção 8.2. No entanto, interessa investigar se eles formam um grupo coeso, que potencialmente apresente uma gramática distinta. Esses seis falantes à esquerda são Iara M. (F3SP), Iolanda P. (F2SP), José N.

(M2SP), Lucas R. (M1MC), Pamela R. (F1MP) e Regina S (F2MP). Há nesse grupo homens e mulheres, das três faixas etárias e de ambos os níveis de escolaridade. A característica social predominante entre eles parece ser a residência em áreas periféricas, já que cinco deles habitam essa parte da cidade; no entanto, dos seis falantes à direita, três também residem nessa região, de modo que este não parece ser um fator distintivo. Assim, o comportamento dos seis falantes nomeados parece estar dentro da flutuação esperada para uma amostra com 118 falantes, e não se pode afirmar que se localizou uma gramática diferente (como Guy 1980 e Lim & Guy 2005 em seus estudos, com diferenças sistemática entre grupos). Fica claro, no entanto, que o estatuto da variável Raiz-Afixo é menos robusto do que de Classe Morfológica que, por sua vez, é selecionada para um número maior de falantes e cuja hierarquia de restrições é contundentemente mais homogênea.

A análise da variável (-r) contém sete contrastes entre pares de fatores (Figura 8.3) – para as variáveis Contexto Fônico Precedente, Contexto Fônico Seguinte, Classe Morfológica, Posição da Sílabas e Tonicidade da Sílabas. Para as duas primeiras, não há qualquer falante à esquerda, ou seja, todos favorecem o retroflexo em vogais com o traço [+alto] em relação a [-alto] e em vogais [+coronal] do que [-coronal]. Para a variável ternária Classe Morfológica, nos três contrastes o número de falantes idiossincráticos é bastante inferior ao de falantes que seguem a norma comunitária: apenas dois na diferença Verbo/Advérbio – Substantivo/Adjetivo; três em Substantivo/Adjetivo – Conjunção/Preposição/Morfema de Infinitivo; e um em Verbo/Advérbio – Conjunção/Preposição/Morfema de Infinitivo.¹⁰ Em todos esses casos, os falantes divergentes são representados por um número abaixo de 35 dados. De modo semelhante, apenas quatro de 25 não seguem a norma Final > Medial para a variável Posição da Sílabas, e apenas dois de 24 falantes não seguem a norma Tônica > Átona para Tonicidade. Ainda que este último se refira a casos com mais de 35 dados, um único par de falantes é pouco significativo em face ao número de falantes da amostra. Desse modo, também para (-r),

¹⁰ Nesta variável, há ocasionalmente alguns falantes que se localizam no ponto zero da escala horizontal. Esse evidentemente é o caso de $X = Y$, o que pode causar surpresa: como a variável foi selecionada se a diferença entre os fatores é zero? Isso ocorre apenas em variáveis ternárias: a diferença significativa se encontra no terceiro fator, entre outro par de fatores da variável.

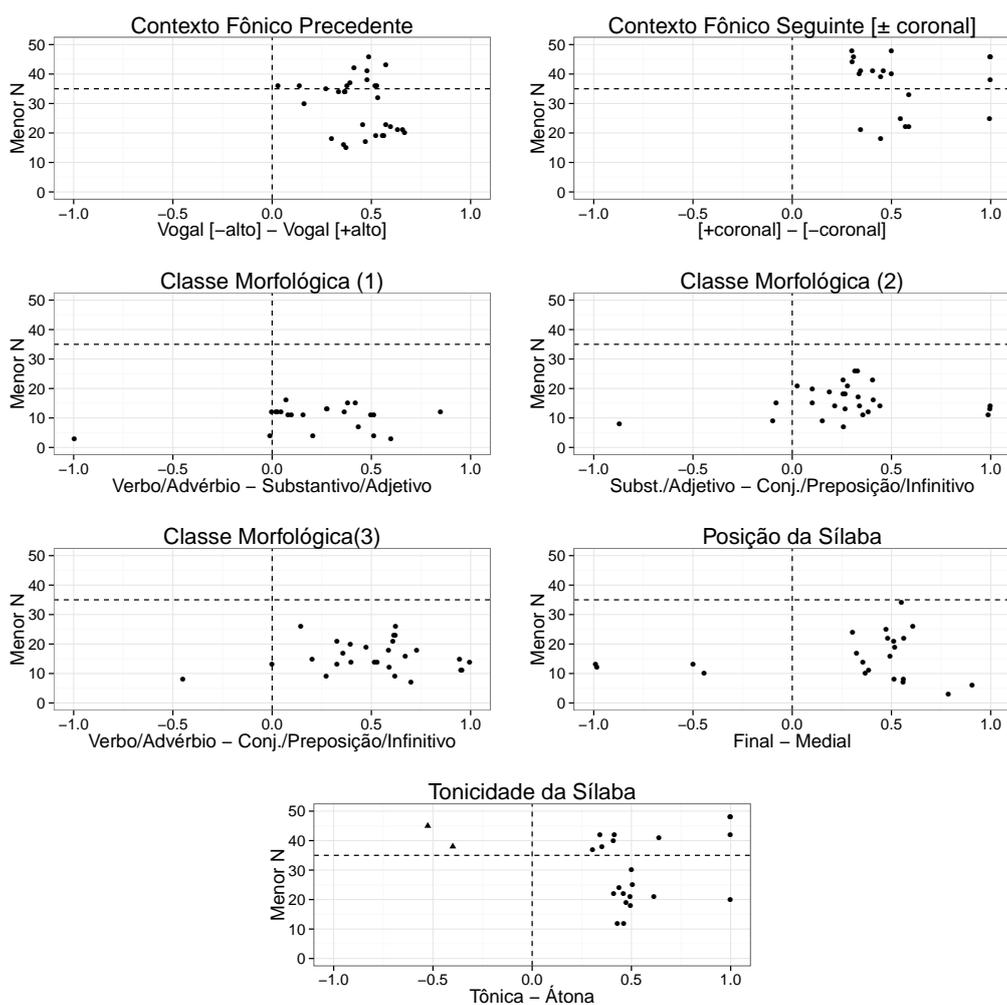


Figura 8.3 Diferenças entre pares de fatores por menor número de dados para a variável (-r)

verifica-se grande conformidade dos paulistanos às normas da comunidade como um todo.

A análise da variável (CN) – atomística e de SNs – apresenta 11 pares contrastivos (Figura 8.4). Em todos eles, observa-se a mesma tendência descrita para (ẽ) e (-r): maioria dos falantes à direita das figuras, em conformidade com a norma da comunidade, e menor número de falantes que “invertem” a regra variável. O maior grau de similaridade entre o comportamento dos informantes se verifica nas variáveis Processos Morfofonológicos de Formação do Plural, Posição em Relação ao Núcleo e em dois contrastes de Paralelismo – SNs precedidos de SNs com marca zero *vs.* primeiro de uma série (Paralelismo 2), e SNs precedidos de marca zero *vs.* SNs seguidos de marca explícita (Paralelismo 3): todos os falantes seguem a regra de favorecimento da marca zero em plurais regulares (palavras terminadas em vogais orais ou nasais) em relação a plurais irregulares (palavras cujos plurais se formam com /-is/, /õĩs/, /ãĩs/ ou metafoia); em palavras que ocupam as posições nuclear ou pós-nuclear em contraste com a posição nuclear (esta, altamente favorecedora da marca explícita de número); e em SNs precedidos de outro SN com marca zero. Trata-se efetivamente de variáveis que se mostram relevantes não apenas em São Paulo, mas em todo o português brasileiro, com resultados amplamente consistentes; como se verifica na Figura 8.4, tal consistência se deve à uniformidade do comportamento de todos os indivíduos.

Ainda quanto ao Paralelismo, o contraste entre os fatores “primeiro de uma série” e “SN precedido de SN com marca explícita” (Paralelismo 3) apresenta cinco falantes que fogem à norma da comunidade, quatro dos quais com mais de 35 dados; também se observam seis falantes idiossincráticos quanto ao favorecimento da marca zero em artigos definidos, numerais e possessivos em relação a adjetivos, quantificadores e substantivos (Classe Morfológica 3); três para SNs com o traço [+humano] em relação a [-humano] (Animacidade); dois para a presença de posições pós-nucleares nos SNs relativamente à sua ausência (Configuração Sintagmática Pós-Nuclear); e um para o contraste Consoante/Pausa *vs.* Vogal (Contexto Fônico Seguinte). Entretanto, em todos esses casos, o número de falantes divergentes se encontra dentro do limite de 5–6 para a amostra, mesmo quando se considera um total de menos

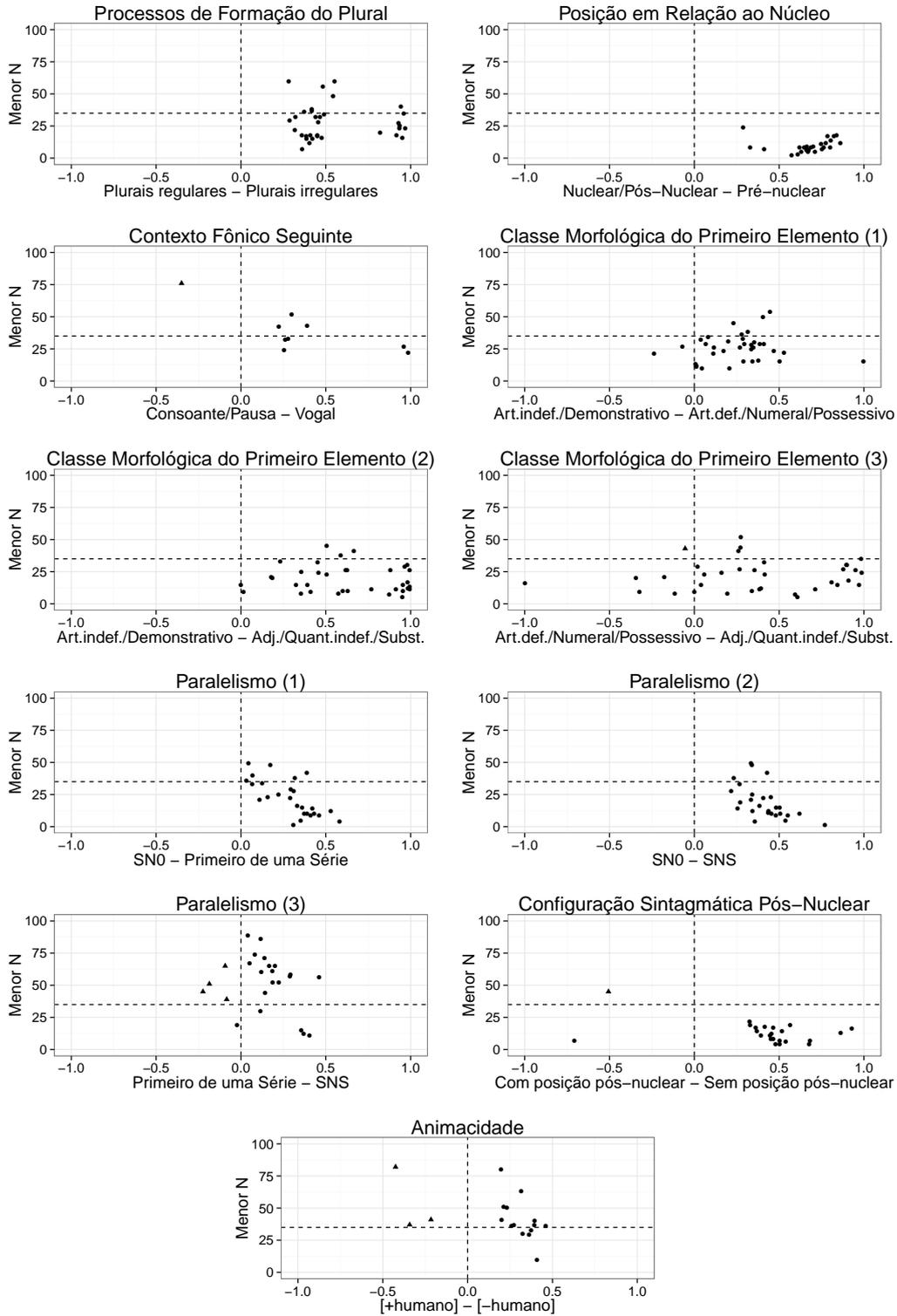


Figura 8.4 Diferenças entre pares de fatores por menor número de dados (CN)

de 35 dados. Cabe ressaltar a consistência da regra [+humano] > [-humano] para o emprego da marca zero na variável Animacidade. No Capítulo 6 (p. 149), notou-se que tal regra diverge daquela em outras comunidades brasileiras; a “divergência” da regra, no entanto, é internamente consistente entre os paulistanos, já que se aplica uniformemente na comunidade.

Todavia, Contexto Fônico Seguinte merece um olhar mais atento, pelo fato de a variável ter sido selecionada como significativa para poucos falantes (note-se o número reduzido de pontos na figura correspondente) e pelo comportamento oscilante do fator “pausa”. Como discutem Lim & Guy (2005) e Guy (1980), em seus respectivos estudos sobre o apagamento de “t/d”, esse fator se apresentou em diferentes pontos da hierarquia de restrições a depender do estilo de fala (formal ou informal) ou da comunidade (Nova Iorque ou Filadélfia). Desse modo, realizaram-se análises alternativas, com separação dos fatores “consoante”, “pausa” e “vogal”. Os três pares contrastivos se encontram na Figura 8.5.

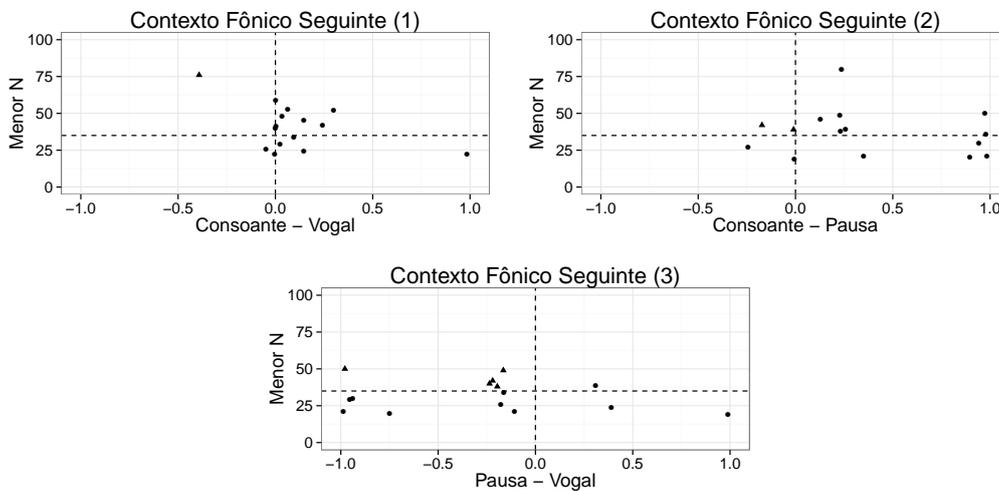


Figura 8.5 Diferenças entre pares de fatores por menor número de dados para a variável (CN) – Contexto Fônico Seguinte

Para Consoante – Vogal (Contexto Fônico Seguinte 1), a maior parte dos falantes apresenta maior tendência de marca zero quando a palavra é seguida por uma consoante do que quando é seguida por uma vogal; há apenas dois falantes idiossincráticos, somente um dos quais com mais de 35 dados. No

contraste Consoante – Pausa (Contexto Fônico Seguinte 2), a maioria dos falantes se encontra igualmente à direita da figura, em conformidade com a regra geral da comunidade, com quatro falantes idiossincráticos, dois dos quais com número de dados acima do limite estabelecido. Entretanto, no contraste Pausa – Vogal (Contexto Fônico Seguinte 3), 12 dos 15 falantes têm peso relativo maior para vogal do que para pausa, o que significa que a maioria dos falantes para quem essa diferença é significativa vai contra a tendência da comunidade (em que se verificou que a pausa é mais semelhante às consoantes no favorecimento da marca zero; ver Capítulo 6, p. 143). Desses 12, sete representam células com menos de 35 dados e cinco acima desse limite. Por um lado, parece não haver extrapolação dos critérios estabelecidos para a existência de uma gramática verdadeiramente divergente (mais de 5-6 falantes com mais de 35 dados que apresentem tendência invertida em relação à comunidade). Por outro, esse é o único caso em que há mais falantes à esquerda do que à direita, ou seja, um conjunto relativamente expressivo de falantes que não seguem o padrão da comunidade.

Os 12 falantes são Daiane M. (F1MC), Fernando B. (M1MC), Haroldo L. (M3SP), Helder X. (M3SC), Hugo F. (M3MC), José N. (M2SP), Lucas S. (M1MC), Lucio A. (M2MP), Miguel R. (M2MP), Milena F. (F1MC), Romulo S. (M3MC) e William A. (M2SP). Nesse grupo, há oito falantes com Ensino Médio e quatro com Ensino Superior, sete residentes de bairros centrais e cinco de bairros periféricos, e quatro falantes para cada faixa etária. A característica majoritariamente predominante entre eles é seu sexo/gênero: 10 são do sexo masculino (e as duas únicas mulheres se encontram abaixo da linha de 35 dados). Esses dez falantes constituem um grupo com uma taxa particularmente alta de marca zero de concordância na comunidade: sua média de emprego da variante é de 28%, acima da média geral da comunidade (14%), dos homens (18%) ou mesmo de falantes menos escolarizados, com até o Ensino Médio (21%).

No Capítulo 6, já se chamou a atenção para a alta tendência à CN-∅ entre falantes do sexo masculino na cidade de São Paulo, relativamente a outras comunidades urbanas. O comportamento desses dez falantes, no entanto, parece ir além da média geral de outros falantes de perfis semelhantes. Haveria uma

subgramática ou gramática alternativa de certos homens paulistanos? O que poderia motivar esse comportamento divergente em um grupo relativamente homogêneo de falantes?

Guy & Cutler (2011) identificam outro cenário em que padrões regulares de variação são “violados”: na fala performativa de jovens rappers brancos que alternam para um estilo que tenta se aproximar do inglês de afro-descendentes, no sentido de projetar uma identidade hip-hop “autêntica”. Os autores verificaram tal divergência com base no *modelo de relação exponencial* entre taxas de não apagamento de “t/d” (Guy, 1991) em monomorfemas, passado irregular e passado regular. Tal relação matemática, demonstrada em Guy (1991) e reatestada em diversos estudos posteriores, indica não só que as proporções entre o apagamento nos três fatores se mantêm na hierarquia interna da variável (maiores taxas de apagamento de acordo com a escala monomorfemas (M) > passado irregular (I) > passado regular (R), conforme reporta a seção 8.1), mas que as taxas de retenção do segmento apresentam a relação $R = I^2 = M^3$ (ver Guy 1991 para maiores detalhes). Guy & Cutler (2011) empregam o modelo de relação exponencial para avaliar o grau de alternância de estilos na fala de jovens brancos afiliados ao movimento hip-hop em comparação com o de outros rappers negros e brancos. A premissa básica é a de que a alternância de estilos (aqui entendida como fala performativa, no palco *vs.* não performativa, em outras situações), tanto na direção da forma padrão quanto não padrão, distorce as relações matemáticas previstas pelo modelo. Verificou-se que rappers “autênticos”, como Dr. Dre, revelam pouca alternância entre sua fala no palco ou fora dele, de modo que sua fala performativa não difere radicalmente de sua fala vernacular e cotidiana. Os rappers brancos, por outro lado, apresentam taxas bastante mais altas de apagamento de “t/d” em fala performativa em relação à fala mais espontânea e, como resultado, é distorcida a relação exponencial entre as taxas de retenção de “t/d” em monomorfemas, passado irregular e passado regular.

Para o presente estudo, aventa-se a hipótese de que a fala dos dez informantes masculinos que fogem à regra Pausa > Vogal da comunidade reflete não uma gramática dialetal diferente, mas uma espécie de “performance de masculinidades” durante a gravação da entrevista sociolinguística, que pode

distorcer a aplicação da regra variável. Diante da disponibilidade de dados provenientes apenas de uma única situação, dentro do roteiro estipulado para as gravações, é difícil determinar possíveis motivos para tal, ou mesmo como seria sua fala “mais natural”. No entanto, a taxa média relativamente mais alta de emprego de CN-∅ nesse grupo, em relação a outros falantes de perfil semelhante na comunidade, permite especular que há certa dose de performatividade na fala desses indivíduos quando se veem na situação de ser gravados. O emprego “exagerado” de CN-∅ pode ser indicativo de certas identidades que se deseja projetar. Uma das identidades masculinas que se percebe nesses informantes é a de pessoas que, embora não tenham o mesmo nível de conhecimento acadêmico de “alunos da USP” (seus interlocutores), possuem outras experiências “da rua” ou “da vida”:

- (4) **☉** *e aí era bem louco ver ele fazendo **as gravações** com os cara assim... famoso saca... uns rapper vários rapper ele gravou CD do Rappin Hood ele gravou e mixou o CD... várias parada assim... e aí eu ia lá e comecei a aprender e tal e aí foi por causa dessas fita que eu não me dava bem na escola nem fodendo... repeti **duas vezes três vezes**... aí eu não aguentei mais quando eu tinha dezesseis **dezessete anos** aí eu achei um... na verdade o meu pai tinha trabalhado numa produtora na S... que é do Q. que é um cara que toca no F... e aí era de conhecido ele falou que eu estava procurando um trampo o cara falou “manda aí pra estagiar” comecei a estagiar lá... aí já comecei a curtir tal comecei a ganhar um salário desencanaei total da escola... falei foda-se né agora eu vou tramar pra caralho e eu não preciso ter diploma (Fernando B., M1MC)*

Os SNs do exemplo (4) estão destacados com negrito (CN-E) e sublinha (CN-∅). A taxa de CN-∅ para Fernando B. é de 35% na entrevista sociolinguística (ver Anexo B, p. 362). Ainda que tal média possa ser esperada para um falante que não concluiu o Ensino Médio, seu nível de escolaridade é atípico para os falantes de sua classe social (B1) e residentes do bairro de classe média alta em que vive (Pacaembu). O falante estudou em escolas particulares renomadas de São Paulo, e muitos de seus ex-colegas de escola hoje estudam na USP. Sua mãe, fotógrafa, e seu pai, produtor musical, viajam constantemente com a família para os Estados Unidos e para a Europa e têm contatos diversos no meio artístico. É pouco provável que seu cotidiano seja permeado por muitas pessoas cujas taxas de CN-∅ sejam altas. No excerto, Fernando B. parece querer sinalizar uma identidade de jovem não

conformista que segue seus impulsos – ao entrar em contato com o mundo musical e por já não gostar de frequentar a escola, o caminho era largar os estudos e trabalhar nessa área. Na construção de tal identidade, o emprego de CN-∅ (juntamente ao uso frequente de gírias como “saca, parada, fita, trampo” e palavrões como “nem fodendo, foda-se, pra caralho”) reforça seu distanciamento da escola e de seus valores, ao mesmo tempo que realça seu aspecto “rebelde”. Sugere-se, então, que o comportamento idiossincrático de falantes como Fernando B. possa estar ligado a uma fala performativa, que tenta projetar certas identidades sociais durante a gravação.

Assim, os resultados ilustrados na Figura 8.5 mostram que o estatuto da pausa é menos robusto do que a relação entre consoantes e vogais quanto ao papel do Contexto Fônico Seguinte para o emprego de CN-∅. De todo modo, considerando-se que a diferença entre Pausa e Vogal é significativa para poucos falantes (15 no total) e que não se ultrapassou o critério de mais de seis informantes com muitos dados como uma evidência expressiva da existência de uma gramática distinta, pode-se afirmar que os padrões observados na comunidade se mantêm também para a variável (CN).

A análise de (CV), por seu turno, contém oito pares contrastivos e, novamente, a maior parte dos falantes exibe comportamento em consonância com a comunidade, encontrando-se à direita nos quadros da Figura 8.6. Os maiores graus de conformidade se verificam para os contrastes em Paralelismo (1)–(2) e Saliência Fônica, cada qual com um ou nenhum falante idiossincrático. Tal constatação reforça aquilo que se notou para as variáveis Paralelismo e Processos Morfofonológicos da análise de (CN), por se referirem a variáveis cujos resultados se replicam em diversas variedades do português brasileiro, pelo número relativamente alto de falantes para os quais tais diferenças são significativas e pelo fato de, adicionalmente, tratar-se de princípios subjacentes similares – a tendência à manutenção de formas semelhantes no discurso (marcas levam a marcas, zeros levam a zeros; Scherre & Naro 1992; Scherre 1998, 2001) e ao emprego de marca zero, tanto de CN quanto de CV, em formas menos salientes. A consistência desses padrões na fala dos indivíduos paulistanos – que convivem com muitos migrantes na cidade – indica que ambas as variáveis funcionam com base em regras que atuam em todo o

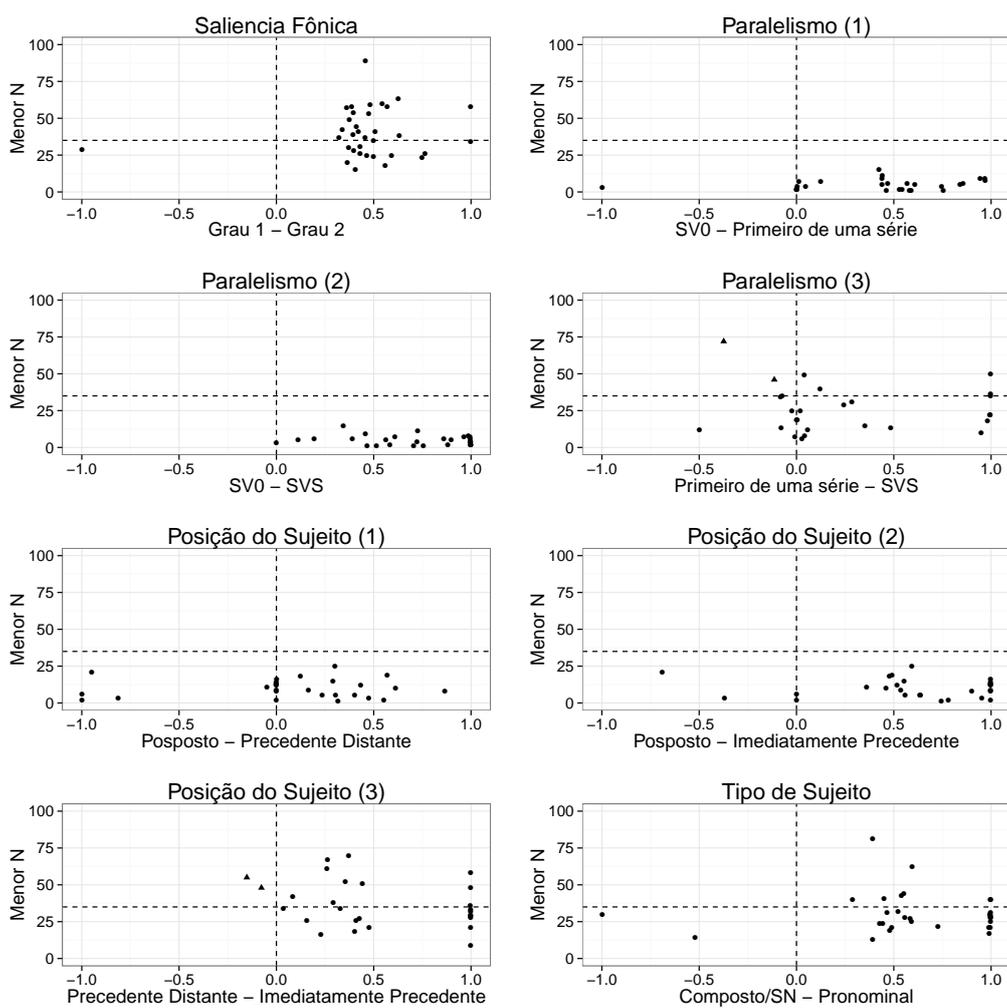


Figura 8.6 Diferenças entre pares de fatores por menor número de dados para a variável (CV)

português brasileiro e, possivelmente, são princípios universais que regulam a variação linguística de modo amplo.

A maioria dos falantes que foge ao padrão comunitário se encontra no contraste Paralelismo (3), entre SVs que são o primeiro de uma série e SVs precedidos de SVs com concordância (CV-E) – resultado que, novamente, emparelha-se com o que se viu para (CN) (Figura 8.4). Desses oito falantes, no entanto, apenas três têm mais de 35 dados para esses contextos. Para os demais pares contrastivos – Saliência Fônica (Grau 1 *vs.* Grau 2); Posição do Sujeito (Sujeito Posposto *vs.* Precedente Distante, Posposto *vs.* Imediatamente Precedente, e Precedente Distante *vs.* Imediatamente Precedente); e Tipo de Sujeito (Composto/SN *vs.* Pronominal) –, os poucos falantes à esquerda não ultrapassam o limite de 5-6 falantes “fora da curva”.

Por fim, interessa comparar os padrões individuais dos falantes quanto ao estilo de fala. Nas palavras de [Lim & Guy \(2005\)](#), “as atitudes e avaliações compartilhadas em uma comunidade são mais claramente evidenciadas por direções comuns de alternância estilística”¹¹ – neste caso, entendida no sentido laboviano de grau de atenção à fala ([Labov, 2006 \[1966\]](#)). A Figura 8.7 apresenta os padrões individuais da diferença entre o estilo que havia se mostrado mais favorecedor e aquele que se mostrou desfavorecedor da variante de aplicação nas análises dos Capítulos 4 a 7. No caso de (ẽ), o padrão comunitário é o favorecimento da variante ditongada [ẽ̃] nas leituras de lista de palavra, notícia de jornal e de depoimento, em contraste com a conversação; para (-r), as leituras de jornal e depoimento se haviam revelado mais semelhantes à conversação no favorecimento de retroflexo em relação à lista de palavras; em (CN) e (CV), o contraste é entre a conversação e as leituras.

As tendências são claras para as quatro variáveis: a grande maioria dos falantes segue o mesmo padrão da comunidade. Apenas um falante foge à regra no caso de (ẽ), (-r) e (CN); no caso de (CV), nenhum falante é idiossincrático. Isso significa que os falantes paulistanos concordam amplamente entre si a respeito de quais variantes se empregam em estilos que exigem maior grau de

¹¹ Tradução própria. Texto original: “The shared attitudes and evaluations in a community are most clearly evidenced by common directions of style shifting”.

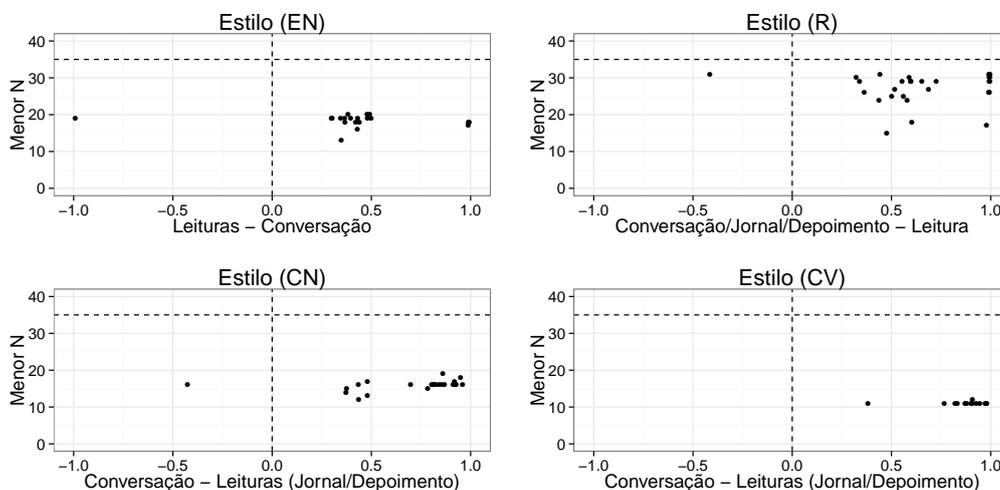


Figura 8.7 Diferenças entre pares de fatores por menor número de dados para as variáveis (ē), (-r), (CN) e (CV), de acordo com Estilo

atenção à fala – presumivelmente, as variantes de prestígio: favorecimento de [ẽ̃], [r], CN-E e CV-E em estilos mais monitorados.

Os padrões aparentemente divergentes acerca da pronúncia de (-r), desse modo, precisam ser reavaliados; no Capítulo 5, haviam-se constatado diferenças entre habitantes de bairros mais centrais/classes mais altas e bairros mais periféricos/classes mais baixas quanto às suas tendências de emprego do retroflexo em tempo aparente, já que os primeiros exibiram padrão de variação estável (e possível mudança em favor do tepe nas classes mais altas) e os segundos forte tendência de mudança em favor do retroflexo (p. 115). Em face da consistência de favorecimento do retroflexo em estilos menos formais de fala, por parte de praticamente todos os indivíduos, deve-se interpretar que tais movimentos ocorrem apenas em termos relativos – ou seja, ainda que o retroflexo esteja adquirindo maior prestígio na comunidade, isso não se dá em detrimento do tepe. Os padrões de encaixamento linguístico e estilístico de (-r) se dão uniformemente em toda a comunidade, assim como para as demais variáveis.

Desse modo, as análises das diferenças entre pares de fatores revelam forte tendência à coesão de normas de uso e de avaliação pelos membros da comunidade; nos casos em que há mais de quatro falantes com padrões

divergentes, muitos se localizam na parte inferior das figuras, o que indica pouca quantidade de dados. Verificou-se também maior consistência entre padrões individuais em variáveis binárias, como Contexto Fônico Precedente [+alto] ou [-alto], do que em variáveis ternárias ou plurifatoriais, como Contexto Fônico Seguinte (consoante, vogal ou pausa), também decorrência de um menor número de dados por célula. Em uma ampla amostra tal como a que aqui se analisa, a existência de apenas pouquíssimos falantes idiossincráticos revela que os padrões descritos anteriormente nos capítulos 4 a 7 se reproduzem sistematicamente na gramática individual da grande maioria de falantes – o que permite caracterizar São Paulo como uma única comunidade de fala.

8.4 Síntese

Este capítulo comparou padrões de variação na fala dos 118 informantes da amostra, a fim de estimar a validade do construto da regra variável em um nível mais específico do que a comunidade como um todo. Primeiramente, apresentaram-se métodos para lidar com uma grande quantidade de dados, de uma grande quantidade de informantes. A disponibilidade de ferramentas computacionais permite que o pesquisador automatize a execução de certas análises, o que propicia o exame de *corpora* robustos.

Os resultados mostraram que as hierarquias internas de restrição dentro de cada variável independente são amplamente reproduzidas na fala individual. Em um conjunto de 118 falantes, o pequeno número de exceções à regra não é suficiente para postular a existência de gramáticas alternativas dentro da comunidade, com regras variáveis divergentes – tais como verificaram [Lim & Guy \(2005\)](#) na fala de cingapurianos, [Guy \(1980\)](#) entre falantes de Nova Iorque e Filadélfia, e [Cameron \(1994, apud Guy 2000\)](#) entre porto-riquenhos e espanhóis. A variação sistemática ocorre desde a fala individual até agrupamentos maiores e mais abstratos que compõem a comunidade, e as regras variáveis descritas nos capítulos 4 a 7 se aplicam consistentemente inter- e intrafalante. A avaliação do prestígio das variantes, examinada pelos padrões de variação estilística, também coincide rigorosamente entre indivíduos.

O compartilhamento de normas de uso variável e de avaliação das variantes é justamente o que define uma *comunidade de fala* (Labov, 2006 [1966]). Os milhões de falantes paulistanos, não obstante o alto grau de heterogeneidade sociodemográfica da cidade, compartilham um mesmo conjunto de regras variáveis que os definem como comunidade linguística. Tais normas certamente são inconscientes; é difícil imaginar um professor de português que dissesse: “Deve-se empregar o retroflexo mais frequentemente em sílabas tônicas do que átonas!” Contudo, trata-se de uma regra que se aplica uniformemente em toda a comunidade.

É possível, no entanto, que a sistematicidade de certas regras seja propriedade do *português brasileiro*, ou de alguma comunidade de fala cujos limites se definem diferentemente. Nesse sentido, é possível que as regras variáveis de (ê) e (-r), definidoras de dialetos locais, apliquem-se mais propriamente à cidade de São Paulo, e que certas regras de (CN) e (CV) sejam compartilhadas por outros dialetos do português brasileiro – questões que se reservam para estudos futuros.

Novos trabalhos devem se debruçar não só sobre novas variáveis sociolinguísticas, mas também sobre os padrões de grupos mais diversos de falantes. Para a cidade de São Paulo, em especial, será interessante comparar as regras variáveis de diferentes grupos de migrantes/imigrantes, ou mesmo da Grande São Paulo: Guarulhos, Osasco, São Bernardo compartilham as mesmas regras do português paulistano? Esta é uma área ainda relativamente pouco explorada, mas necessária para o avanço dos estudos linguísticos, para além de descrição de padrões de variação em comunidades específicas.

Em especial, a análise da fala de indivíduos mostra que a suposta assintematicidade da *parole* e da *performance* não se verifica empiricamente; cabe aos linguistas, portanto, revisar as premissas de suas teorias, uma vez que a base do conhecimento linguístico dos falantes parece não residir apenas em suas mentes. Regras como “maior tendência de emprego da marca zero em SNs com o traço [+humano] em relação a [-humano]”, diferente de outras comunidades brasileiras mas internamente consistente no português paulistano, constituem evidência de que as normas são aprendidas no cotidiano das interações sociais e fazem parte da competência comunicativa dos falantes.

9

A coesão dialetal

No capítulo anterior, analisaram-se padrões de variação na fala de indivíduos, e demonstrou-se que os falantes paulistanos constituem uma única comunidade de fala. Tal resultado sinaliza, em princípio, uma ampla coesão sociolinguística, já que os indivíduos compartilham normas de avaliação e de usos linguísticos. Este capítulo se volta para o exame de tal coesão, ao analisar o encaixamento simultâneo de múltiplas variáveis na comunidade: falantes que tendem a empregar [êĩ] também tendem a empregar [ɾ]? o emprego de CN-∅ é necessariamente acompanhado de CV-1PP-∅ e CV-3PP-∅? variáveis fonéticas coocorrem com variáveis morfossintáticas, ou elas são independentes umas das outras? As análises de covariação mostram que os falantes tendem à coesão dialetal através do emprego de conjuntos de variantes, mas que tal coesão depende de restrições linguísticas e sociais: da perspectiva de fatores internos, a covariação é regulada por variáveis linguísticas que subjazem a múltiplas variáveis dependentes, como a Saliência Fônica; da perspectiva de fatores externos, a coesão dialetal é consequência da *densidade de comunicação* (Gumperz, 1971b,a) entre os membros da comunidade.

Embora uma série de trabalhos sociolinguísticos tenham focado múltiplas variáveis em uma mesma comunidade, a análise sistemática de como elas podem se inter-relacionar umas com as outras tem sido pouco frequente (Guy,

2013; Thorburn, 2014). O estudo da covariação visa a verificar se múltiplas variáveis se correlacionam nos usos de falantes individuais e, se sim, quais fatores sociais e linguísticos a promovem. A questão principal é a seguinte: falantes que tendem a empregar a variante x de uma variável A também tendem a empregar a variante y de uma variável B, ou as variáveis se encaixam independentemente umas das outras no sistema linguístico e social?

Por um lado, pode-se esperar que certas variáveis covariem como resultado de pressões internas à língua, como a simetria fonológica ou a regularização paradigmática. Mudanças vocálicas em cadeia como a que ocorreu no inglês médio (Jespersen, 1953 [1933]) são um bom exemplo de como uma variável pode afetar outras no sistema linguístico. Por outro lado, os recorrentes padrões de estratificação social, variação estilística e mudanças em progresso descritos em estudos sociolinguísticos (ver, p.ex., Labov 2001b) também conduzem à expectativa de que certos pares de variáveis covariem, independentemente de suas relações estruturais. Conforme se discutiu nos capítulos 5, 6 e 7, variáveis como a pronúncia de (-r) em coda silábica e as concordâncias nominal e verbal se correlacionam com Sexo/Gênero, Nível de Escolaridade e Classe Social em diversas comunidades; São Paulo não é uma exceção. Para as concordâncias nominal e verbal (CN, CV-1PP e CV-3PP), constatou-se estratificação bastante semelhante quanto à estabilidade ou não em subgrupos da comunidade (mudança na direção da forma padrão nas regiões centrais e curva em “U” nas regiões periféricas, exceto para CV-1PP). Além disso, CV-1PP e CV-3PP se correlacionam com o mesmo conjunto de variáveis sociais e linguísticas, constituindo-se, efetivamente, uma única variável.

A expectativa de que certos conjuntos de variantes sejam empregados simultaneamente também se revela na prática de reificação de variedades linguísticas: “português paulistano”, “português carioca”, “norma popular”, “norma padrão” (Oushiro & Guy, 2013). Nessa perspectiva, espera-se que um carioca empregue, simultaneamente, a fricativa velar de (-r) em coda [x y], a fricativa palato-alveolar de (-s) em coda [ʃ] e a ditongação de vogais nasalizadas [ẽẽ], por exemplo. Contudo, a suposição de que certas variantes que caracterizam socioletos “andam juntas” foi poucas vezes colocada à prova

empiricamente.

Este capítulo analisa inter-relações entre seis variáveis dependentes no português paulistano. Cinco delas foram analisadas separadamente nos capítulos da Parte II: (ê) como monotongo ou ditongo; (-r) como tepe ou retroflexo; (CN) da perspectiva atomística; (CV) na 3PP; e (CV) na 1PP. A elas se acrescentou outra variável de (-r): sua realização (como tepe ou retroflexo) *vs.* seu apagamento. O conjunto inclui, portanto, variáveis fonológicas e morfossintáticas, algumas das quais estruturalmente relacionadas entre si e outras não. O objetivo é identificar condicionamentos sociais e estruturais que promovem ou inibem a covariação.

A próxima seção apresenta uma breve revisão da literatura sobre covariáveis, cujos desenvolvimentos são relativamente recentes. Tais estudos observam, em geral, a falta de coesão dialetal baseada em categorias sociais (p.ex., por Nível de Escolaridade ou Faixa Etária), e que a covariação talvez possa ser mais bem explicada por similaridades estruturais. A seção 9.2 descreve os métodos para a presente análise, assim como algumas previsões baseadas na estratificação social e nas relações estruturais entre as variáveis. Os resultados são expostos e discutidos na seção 9.3, que analisa padrões gerais de covariação entre as seis variáveis, assim como o efeito de fatores linguísticos e sociais especificamente. Da perspectiva da coesão *estrutural*, demonstra-se que a covariação é condicionada não apenas por similaridades estruturais entre as variáveis dependentes, mas também por variáveis linguísticas que se correlacionam com múltiplas variáveis, tais como a Saliência Fônica, a Posição do Sujeito e a Animacidade; em todos os casos, a correlação entre pares de variáveis é mais forte em contextos menos marcados (p.ex., quando o sujeito está preposto, e não posposto, ao verbo). Da perspectiva da coesão *social*, argumenta-se que a covariabilidade não é promovida por categorias sociolinguísticas tradicionais como Sexo/Gênero e Faixa Etária, mas pelo princípio mais fundamental de *densidade de comunicação* (Gumperz, 1971b,a) (ver Capítulo 2, p. 20). Por fim, a seção 9.4 sintetiza as conclusões e vislumbra análises futuras de covariação.

9.1 O estudo de covariáveis

O estudo da covariação remonta ao trabalho seminal de Labov sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque (Labov, 2006 [1966]). O autor fornece fortes evidências da coesão estrutural de socioletos ao demonstrar a covariação entre pares de variáveis fonéticas: o alçamento de (ɛ) e (ɔ) em palavras como *bad* ‘mau’ e *law* ‘lei’ respectivamente; entre (aj) e (aw) como em *ride* ‘andar, dirigir’ e *loud* ‘alto’; entre (ɑ) e (ɔ) como em *hot* ‘quente’ e *law*; e entre (ɛ), (ɔ) e (ɑ). Por exemplo, a Figura 9.1, em que cada ponto representa um indivíduo, mostra a covariação entre (ɛ) e (ɔ): falantes que apresentam um baixo índice de alçamento de (ɛ) também tendem a ter um baixo índice de alçamento de (ɔ), e aqueles com índices altos de (ɛ) também tendem a um alto índice de (ɔ); além disso, os falantes tendem a se agrupar de acordo com seu gênero e etnia (Labov, 2006 [1966] : 363).

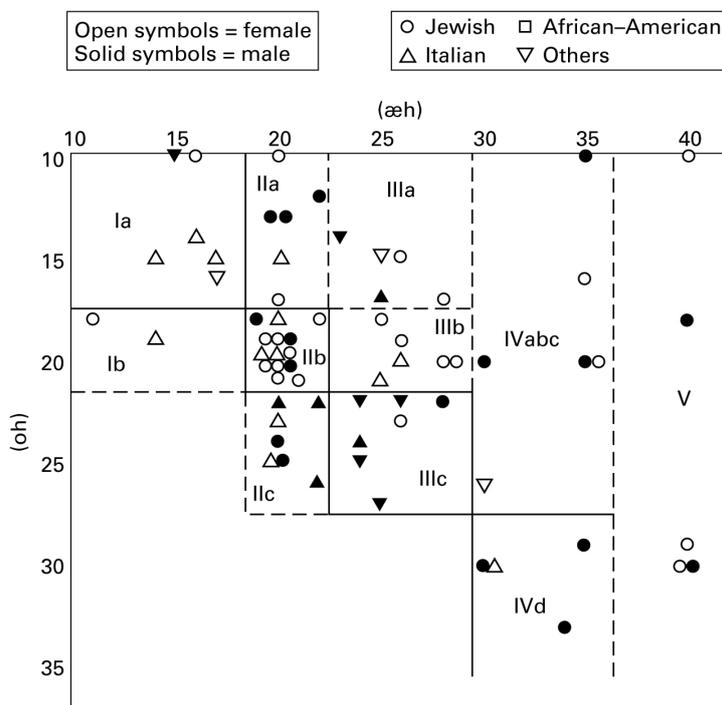


Figura 9.1 Covariação entre (ɛ) e (ɔ) no inglês de Nova Iorque
(Fonte: Labov 2006 [1966] : 363)

Com essas análises, Labov demonstra que a organização do espaço vocálico dentro do sistema fonológico do inglês de Nova Iorque segue o princípio de economia funcional proposto por André Martinet, uma tendência à simetria e ao espaçamento regular entre unidades fonêmicas. Com efeito, Labov (2006 [1966] : 32) justifica sua escolha por variáveis fonológicas por serem “unidades integrais de estruturas maiores”.¹ Pode-se afirmar que, à época, o principal objetivo de Labov era justamente o de demonstrar correlações estruturais, a fim de fornecer maiores evidências da heterogeneidade ordenada (Weinreich *et al.*, 2006 [1968]).

Desde então, a análise de encaixamento de múltiplas variáveis na fala de indivíduos foi relativamente preterida em favor de descrições isoladas de cada variável. Mais recentemente, Guy (2013) demonstra que a covariação também ocorre entre variáveis de diferentes níveis linguísticos, de natureza fonológica e sintática. Em sua amostra de 20 falantes cariocas, o autor analisa quatro variáveis sociolinguísticas com forte estratificação social: o apagamento de *-s* (em palavras como *menos/meno-∅*); a desnasalização de vogais átonas finais (como em *vagem/vage*); a concordância nominal (como em *os leões/os leão*); e a concordância verbal de 3PP (como em *disseram/disse*).² Com base em análises multivariadas no programa GoldVarb X, que incluíram o Falante como uma variável independente, Guy obteve pesos relativos para as tendências de uso de cada falante; tais valores foram então empregados para calcular coeficientes de correlação de Pearson (ou “r de Pearson”) entre pares de variáveis.³

A Figura 9.2, reproduzida de Guy (2013 : 67), mostra que o apagamento de *(-s)* em coda covaria com a concordância nominal ($r = -0.74$, $p < 0,01$: quanto maior a tendência ao apagamento, menor a tendência à concordância), e que a desnasalização covaria com a concordância verbal de 3PP ($r = -0.45$, $p < 0,05$: quanto maior a tendência à desnasalização, menor a tendência à

¹ Tradução própria. Texto original: “integral units of larger structures”.

² Para as variáveis fonéticas, Guy (2013) incluiu apenas os casos de apagamento de */s/* ou de desnasalização em que o segmento faz parte da raiz da palavra, como nos exemplos citados (ou seja, não se incluíram dados como *amigos/amigo* ou *comem/come*, referentes às variáveis morfosintáticas).

³ Os valores de r vão de -1 a +1, e indicam correlação negativa quando próximos de -1 (quanto mais *x*, menos *y*), correlação positiva quando próximos de +1 (quanto mais *x*, mais *y*) e não correlação quando próximos de zero.

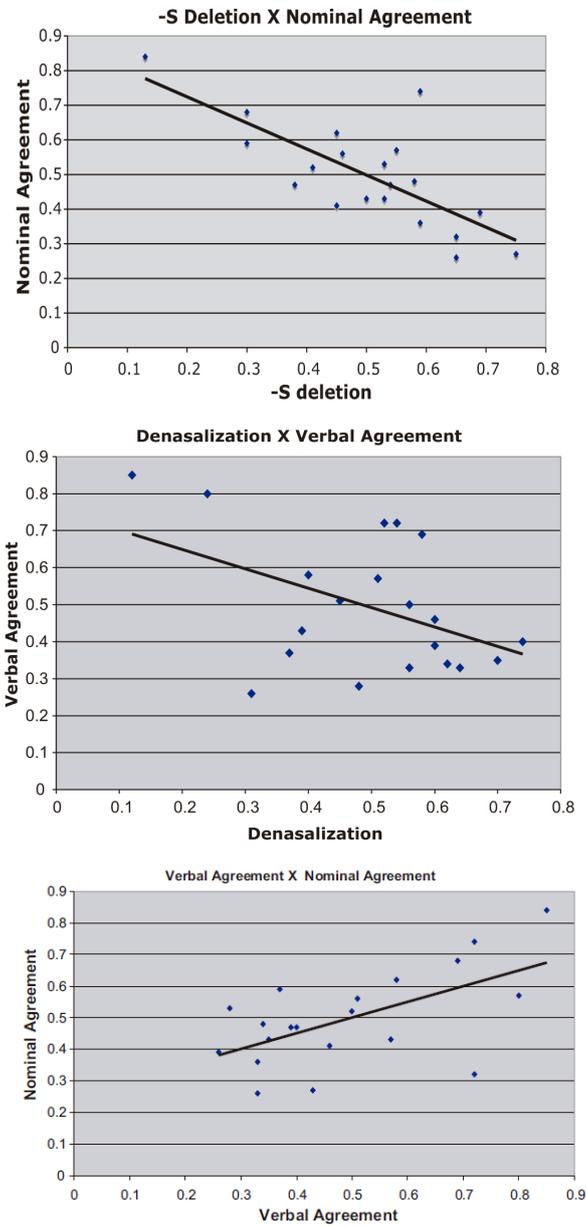


Fig. 5. An abstract syntactic relationship? Verbal and Nominal Agreement ($r = .59, p < .01$).

Figura 9.2 Covariação entre apagamento de -s e concordância nominal (acima); desnasalização e concordância verbal (meio); e concordância nominal e concordância verbal (abaixo) no Rio de Janeiro (Fonte: [Guy 2013:67](#))

concordância verbal). Além disso, a concordância nominal coocorre com a concordância verbal ($r = 0.59$, $p < 0,01$). Em todos esses casos, também há motivações internas à língua para esperar que os pares de variáveis se correlacionem, uma vez que, em português, a marca de plural em nomes frequentemente se realiza com *-s*, a marca de 3PP nos verbos se realiza com a nasalização em muitos casos, e as concordâncias nominal e verbal se referem ambas à marcação de número. De fato, Guy (2013) demonstra que, de três pares de variáveis que potencialmente possuem motivações linguísticas para covariar, todos se correlacionam significativamente (os três casos citados); por outro lado, de três pares que não se relacionam estruturalmente, somente um apresenta uma correlação significativa (desnasalização/concordância nominal).

Guy (2013) também investigou amplos padrões de agrupamento das variantes ao classificar os usos dos falantes em “alto” (A), “médio” (M) ou “baixo” (B). Pode-se inferir maior grau de coesão social se as quatro variáveis estiverem na mesma categoria (AAAA, MMMM, BBBB). Embora Guy tenha constatado uma distribuição não aleatória, em que 50% dos falantes exibem tendências semelhantes para três ou quatro variantes, os resultados não são fortemente conclusivos: os outros 50% de sua amostra têm tendências iguais apenas para duas das variáveis – algo que forçosamente deve ocorrer em uma classificação ternária de quatro variáveis (uma delas deve se repetir). Guy (2013) conclui que seus resultados gerais para tal conjunto de variantes podem ser mais confiavelmente atribuídos a pressões internas do que a motivações sociais de coesão do socioleto.

Tagliamonte & Waters (2011) investigaram a covariação entre variáveis que atualmente se encontram em mudança no inglês de Toronto (duas mudanças recentes – introdutores de discurso direto *be like/say/go* etc., intensificadores *so/very/really/pretty* etc. –, e duas mudanças antigas – itens lexicais deônticos *have to/have got to/got to* ‘ter que’ e possessivos *have/have got/got* ‘ter’). Sua hipótese era a de que os líderes da mudança compartilhariam um repertório de variantes inovadoras. No entanto, seus resultados mostram que as variáveis não se correlacionam fortemente, o que indica que os falantes que lideram uma mudança não necessariamente lideram outras.

Thorburn (2014) analisou padrões de covariação entre quatro variáveis

na fala de 25 falantes do inglês inuíte em Nain, uma comunidade aborígine no norte do Canadá cujos falantes têm substituído o uso de línguas nativas pelo inglês. Os quatro fenômenos linguísticos se associam diretamente com o dialeto local: a fortificação de fricativas dentais (δ/d e θ/t , como em *that* ‘que’ e *think* ‘pensar’), -s verbal (como em *I likes it* ‘eu gosto disso’) e intensificador *right* (como em *He’s right huge* ‘Ele é bem enorme’). Seus resultados também demonstram pouca coesão do socioleto: apenas um dos seis pareamentos possíveis entre essas variáveis se correlaciona significativamente – -s verbal e intensificador *right* ($r = 0.47$, $p < 0,05$). Ao analisar os dados por grupos sociais, a autora nota que tal correlação se deve às mulheres ($r = 0.77$, $p < 0,01$), aos falantes mais jovens ($r = 0.73$, $p < 0,05$) e àqueles cuja primeira língua é o inglês ($r = 0.71$, $p < 0,05$). Os jovens exibem adicionalmente uma correlação entre fortificação de δ e -s verbal ($r = 0.78$, $p < 0,05$). Thorburn também classificou os usos de cada falante de modo semelhante ao estudo de [Guy \(2013\)](#) em A, M e B. Apenas um dos falantes é consistente nas quatro variáveis (BBBB), e nove têm a mesma tendência para três variáveis; os outros 15 apresentam padrões variados. A conclusão geral da autora é de que há pouca coesão social, já que a única correlação para toda a comunidade, entre -s verbal e intensificador *right*, ocorre de fato apenas na fala de mulheres mais jovens.

Desse modo, os estudos sobre covariação, até o momento, demonstram que certos pares de variáveis podem covariar nos usos individuais dos falantes, mas que tais correlações não são tão frequentes ou tão fortes quanto o que se poderia esperar da perspectiva de coesão social, em termos de prestígio ([Guy, 2013](#)), *status* inovador ([Tagliamonte & Waters, 2011](#)) ou associação das variantes com identidade local ([Thorburn, 2014](#)). Ademais, ainda não se sabem exatamente quais fatores sociais e linguísticos promovem ou inibem a covariação. Seriam as correlações o produto de motivações mais propriamente linguísticas, como sugerem os resultados de [Labov \(2006 \[1966\]\)](#) e de [Guy \(2013\)](#)? Se alguns grupos são deveras mais coesos do que outros, quais são eles e por quê? A próxima seção apresenta os métodos para abordar essas questões, bem como as hipóteses para o conjunto das seis variáveis aqui analisadas.

9.2 Métodos e hipóteses

Cada uma das seis variáveis foi inicialmente analisada separadamente em modelos de efeitos mistos no Rbrul (Johnson, 2009), de modo semelhante ao que se apresentou nos capítulos 4 a 7, com a inclusão de Falante e Item Lexical como efeitos aleatórios, além de variáveis sociais e linguísticas como efeitos fixos. No entanto, uma diferença em relação às análises prévias é o fato de que se incluíram apenas dados de Conversação para todas as variáveis a fim de torná-las maximamente comparáveis. Isso é necessário já que nem todos os informantes têm dados de leituras (ver Capítulo 3, p. 36), (CN) e (CV-3PP) tiveram distribuição categórica na leitura de depoimento e de notícia de jornal, e não há dados de (CV-1PP) nesses estilos (ver capítulos 6 e 7). As seis variáveis são novamente exemplificadas em (1):

- (1)
- a. (ê): [ê] vs. [ễ] *fazenda, sempre*
 - b. (-r): [r] vs. [ɾ] *porque, mulher*
 - c. (R-0): [r/ɾ] vs. ∅ *porque, mulher*
 - d. (CN-atomística):⁴ *os – menino-s vs. os – menino-∅*
 - e. (CV-3PP): *eles falaram vs. eles falou*
 - f. (CV-1PP): *nós falamos vs. nós falou*

As variáveis sintáticas claramente se relacionam estruturalmente. (CV-3PP) e (CV-1PP) se referem à morfologia de número no paradigma verbal, que tende a formar um sistema rigidamente organizado em que as regras se definem por analogia paradigmática. No Capítulo 7, demonstrou-se que ambas se correlacionam basicamente com o mesmo conjunto de variáveis linguísticas que, por sua vez, organizam-se na mesma hierarquia de importância. Além disso, Duarte & Varejão (2013) propõem que as mudanças na morfologia flexional verbal no português brasileiro, de um sistema de seis para duas formas (oposição entre a primeira pessoa do singular e as demais pessoas gramaticais), conduziu a uma mudança paramétrica de língua de sujeito nulo para uma não *pro-drop*, em que pessoa e número são marcados pelo pronome em vez da flexão verbal. Se a marcação número-pessoal se relaciona

⁴ Assim como no Capítulo 6, excluíram-se os dados em primeira posição (p.ex., “os” em “os menino(s)”), pelo fato de a marca explícita de número ser praticamente categórica nesse contexto. Ver p. 138.

fundamentalmente a duas gramáticas distintas, pode-se esperar grande pressão interna do sistema para a simetria entre 3PP e 1PP. Assim, de um ponto de vista puramente estrutural, espera-se que as concordâncias de 3PP e de 1PP estejam fortemente correlacionadas entre si. A concordância nominal, de modo semelhante, também envolve um processo similar em que a pluralidade pode ser marcada de maneira não redundante apenas na primeira palavra do sintagma, de modo que também se espera que esteja correlacionada com (CV-3PP) e (CV-1PP).

Quanto às variáveis fonológicas, a retroflexão e o apagamento de (-r) possivelmente se relacionam estruturalmente. Conforme se notou no Capítulo 5 (ver p. 92), Rennieke (2011) postula que uma das trajetórias de (-r) seria o percurso “r → r̄ → ɹ → ∅” (da vibrante alveolar múltipla até o apagamento). Dessa perspectiva, espera-se que falantes que tendem a empregar [ɹ] também tendam a apagá-lo, já que estariam um passo “à frente” do *continuum* de realizações de (-r).

A ditongação de (ẽ), por sua vez, não se relaciona estruturalmente com nenhuma das demais variáveis. Os demais pares entre variáveis fonológicas e sintáticas – p.ex., (-r) e (CV-1PP) – também são, em princípio, estruturalmente independentes. Há, no entanto, uma sobreposição estrutural parcial entre o apagamento de (-r) e (CN); embora a última se refira a um processo morfossintático, o fato de o morfema de plural nominal ser um /s/ em muitos casos (p.ex., *meninos/menino-∅*) significa que, superficialmente, pode haver a atuação de uma mesma regra fonológica de simplificação de coda silábica, da forma CVC → CV. Essa sobreposição será analisada mais detalhadamente na seção 9.3.

Embora nem todos os pares de variáveis se relacionem estruturalmente, as seis variáveis compartilham muitas das mesmas correlações sociais. O Quadro 9.1 retoma os resultados para essas variáveis, obtidos nas análises separadas de cada variável dependente.⁵ Para cada variável social, indica-se ou sua não seleção pelo Rbrul (“–”) ou o fator (“F”, “20–34 anos”, “C2-D” etc.) que favorece o valor de aplicação. Os números entre parênteses se referem aos

⁵ Para uma análise detalhada sobre o apagamento de (-r), conforme se indicou no Capítulo 5, remete-se a Oushiro & Mendes (2014).

	[ẽj̃]	[ɹ]	R-0	CN-∅	CV-3PP-∅	CV-1PP-∅
Sexo/Gênero	F (28)	M (17)	M (14)	M (18)	M (13)	M (62)
Faixa Etária	20-34 (26)	-	-	-	-	-
Nível de Escolaridade	Superior (13)	Médio (22)	Médio (14)	Médio (53)	Médio (42)	Médio (70)
Região de Residência	-	periférica (36)	-	-	-	-
Classe Social	A-B1 (23)	C2-D (41)	C2-D (13)	C2-D (64)	C2-D (50)	C2-D (81)
Origem dos Pais	-	N/NE (55)	N/NE (18)	-	-	-
Mobilidade	baixa (11)	baixa (28)	-	baixa (18)	-	-

Quadro 9.1 Quadro resumo de fatores sociais favorecedores das variantes [ẽj̃], [ɹ], R-0, CN-∅, CV-3PP-∅ e CV-1PP-∅

valores de *range*, que sinalizam a importância relativa do fator social para a variável dependente.

Os resultados gerais mostram que as variantes sob análise são favorecidas pelos homens, falantes com nível mais baixo de escolaridade e de classe social em todos os casos, exceto [ẽj̃]; esta, por sua vez, é favorecida pelas mulheres, falantes com maior nível de instrução e de classes mais altas. A ditongação de (ẽ) também é favorecida pelos mais jovens, diferentemente das demais variáveis, que se encontram, de modo geral, em variação estável na comunidade. A Região de Residência é relevante apenas para a retroflexão de (-r), que é favorecida pelos moradores de bairros mais periféricos; a Origem dos Pais se correlaciona com as duas variáveis de (-r), sendo o retroflexo e o apagamento favorecidos por paulistanos cujos pais migraram das regiões Norte e Nordeste do país; e os falantes com menor mobilidade geográfica (que sempre viveram no mesmo bairro) favorecem [ẽj̃], [ɹ] e CN-∅.

Ao comparar os valores de *range*, a ordem relativa de fatores sociais para as três variáveis sintáticas é bastante semelhante: Classe Social é a variável mais importante, seguida de Nível de Escolaridade e Sexo/Gênero (além de

Mobilidade para CN- \emptyset). Para as variáveis de (-r), a Origem dos Pais tem o maior *range*, enquanto Sexo/Gênero e Faixa Etária são as mais importantes para [ẽj̃].

Da perspectiva de semelhanças sociais, a correlação com as mesmas variáveis conduz à expectativa de que as seis variáveis devam se correlacionar entre si nos usos individuais dos falantes – quanto mais *x*, mais *y*, e quanto menos *x*, menos *y*. Todas as variáveis, exceto (ẽ), compartilham um conjunto bastante similar de fatores favorecedores. O fato de o encaixamento social de [ẽj̃] ser tão diferente das demais variáveis não implica que não deva covariar com elas; pelo contrário, nesse caso se esperam correlações negativas ou opostas: quanto mais *x*, menos *y*.

Para examinar se tais previsões estruturais e sociais se observam empiricamente nos usos dos falantes, seus pesos relativos para cada variante em foco (obtidos a partir da variável Falante⁶ na análise multivariada) foram analisados de duas maneiras. Na primeira, avaliam-se amplos padrões de agrupamento social, por meio da classificação das tendências de cada falante como alta (A) ou baixa (B) para cada uma das seis variantes, de modo semelhante ao estudo de Guy (2013), a depender de os valores de pesos relativos estarem acima ou abaixo do ponto neutro 0.50. Desse modo, os falantes foram classificados em grupos como “AAAAAA” (ou seja, alta tendência de emprego de [ẽj̃], [ɹ], R- \emptyset , CN- \emptyset , 3PP- \emptyset e 1PP- \emptyset , respectivamente). Haverá um alto grau de coesão dialetal se todas ou a maior parte das variantes se encaixarem na mesma categoria (p.ex., AAAAAA ouBBBBBB) para grande parte dos falantes.

Os pesos relativos também foram utilizados para calcular coeficientes de correlação de Pearson entre pares de variáveis, como uma medida da coocorrência de suas respectivas variantes.⁷ Tal cálculo foi realizado com auxílio da função `pairscor.fnc` do pacote `languageR` (Baayen, 2008) no programa R. Por fim, também se calcularam coeficientes de Pearson por grupos sociais (sexo feminino, masculino, classe A-B1, B2, C1, C2-D etc.) e por fatores linguísticos, a fim de melhor determinar o efeito de condicionamentos

⁶ O programa `Rbrul` gera um valor de peso relativo (e de *logodds*) para cada variante de uma variável aleatória, do mesmo modo que para as variantes de efeitos fixos (Sexo/Gênero, Classe Social etc.).

⁷ Ver nota 3 na p. 233.

sociais e estruturais na covariação. A comparação entre os valores de r para fatores distintos (p.ex., mulheres *vs.* homens) foi realizada no programa R mediante a função `r.test` do pacote `psych` (Revelle, 2014).

9.3 Análises

9.3.1 Padrões gerais de covariação

Ao atribuir “A” ou “B” para pesos relativos acima ou abaixo de 0.50, respectivamente, há 64 padrões possíveis em que um falante pode ser classificado ($2^6 = 64$): AAAAAA, AAAAAB, AAAABB etc. A opção por uma categorização binária (diferentemente de Guy 2013 e Thorburn 2014) se deve ao fato de que uma classificação ternária em alta, média e baixa geraria 729 ($= 3^6$) padrões possíveis, o que tornaria impossível determinar se certos padrões não ocorreram pelo fato de não haver esse número mínimo de falantes ou porque os padrões são verdadeiramente raros.

Em um cenário de completa aleatoriedade, esperaria-se uma distribuição equilibrada do número de falantes por padrão – uma média de 1.84 (118 falantes / 64 padrões) para a presente amostra. No cenário oposto, os falantes se agrupariam de acordo com alguns poucos padrões diferentes. Como normalmente é o caso quando se opera com dados empíricos, a real distribuição é um cenário intermediário: neste estudo, ocorreram 46 dos 64 padrões possíveis. A Tabela 9.1 mostra os dez que ocorreram mais frequentemente.⁸

Os dois padrões de uso mais frequentes, que ocorrem, cada qual, para oito falantes, são ABBBBB (i) e BAAAAA (ii). Esses 16 falantes tendem a empregar [ɹ], R-∅, CN-∅, 3PP-∅ e 1PP-∅ de modo semelhante, seja favorecendo-as ou desfavorecendo-as simultaneamente. A variante que “destoa” nesses dois casos é a ditongação de (ẽ); de acordo com o encaixamento social revisado na seção anterior, era esperado que [ẽ̃] covariasse na direção oposta. Além disso, sete dos oito falantes com padrão ABBBBB pertencem às classes média alta ou alta e habitam regiões mais centrais, e seis dos falantes com padrão

⁸ Os demais 36 padrões ocorreram cada qual para menos de quatro informantes e são aqui omitidos por concisão.

Tabela 9.1 Padrões de uso mais frequentes das seis variantes em foco

	N	[ẽj]	[ɹ]	R-0	CN-∅	3PP-∅	1PP-∅
(i)	8	A	B	B	B	B	B
(ii)	8	B	A	A	A	A	A
(iii)	6	B	B	B	B	B	B
(iv)	6	B	A	A	A	A	B
(v)	5	B	A	B	A	A	A
(vi)	4	A	A	A	A	A	A
(vii)	4	A	A	B	B	B	B
(viii)	4	B	A	B	B	B	B
(ix)	4	B	A	A	B	B	B
(x)	4	B	B	A	B	B	B

A (alta): P.R. ≥ 0.500 ; B (baixa): P.R. ≤ 0.499 .

BAAAAA são da classe média baixa e vivem em regiões periféricas. Os dois padrões em que as seis variáveis covariam na mesma direção –BBBBBB (iii) e AAAAAA (vi) – também se encontram entre os mais frequentes, tendo ocorrido para seis e quatro falantes respectivamente. Os demais padrões mais frequentes têm pelo menos quatro variáveis na mesma direção como A (iv, v) ou B (vii, viii, ix e x).

Desse modo, parece haver certa tendência à coesão social, uma vez que os padrões de agrupamento mais frequentes são aqueles em que a maior parte das variantes são simultaneamente favorecidas ou desfavorecidas pelos falantes. Contudo, assim como [Guy \(2013\)](#) e [Thorburn \(2014\)](#), deve-se observar que tal evidência não é fortemente persuasiva. Os padrões mais frequentes ocorreram para apenas oito falantes, e somente 45 de 118 (38%) apresentam a mesma tendência (A ou B) para pelo menos cinco das variantes. Ademais, exceto pelos dois padrões mais frequentes, os falantes não parecem se agrupar em conjuntos socialmente coerentes (como “membros da classe alta” ou “falantes do sexo masculino”) – de fato, o número relativamente pequeno de falantes por padrão (menos de seis) impede qualquer tentativa de maior generalização.

Os coeficientes de correlação de Pearson revelam um quadro mais detalhado da covariabilidade ao considerar não apenas uma tendência binária de uso, mas também a força da correlação entre cada par de variáveis. A [Figura 9.3](#)

é uma matriz de correlações que contém os 15 pareamentos possíveis entre as seis variáveis. Os quadros na linha diagonal mostram as distribuições dos pesos relativos dos falantes, divididas em decis (0 a 0.10, 0.11 a 0.20, etc.); os quadros do canto inferior esquerdo mostram os coeficientes de correlação (r) junto a seus respectivos valores de significância ($+ p > 0,05$; $*p < 0,05$; $**p < 0,01$; $***p < 0,001$); e os quadros do canto superior direito mostram os gráficos de dispersão para cada par de variáveis e suas respectivas linhas de regressão.

Os resultados mostram que $[\tilde{e}j]$ de fato não se correlaciona significativamente com nenhuma outra variável: os coeficientes de Pearson na primeira coluna são todos próximos de zero e as linhas de regressão no topo da figura são praticamente planas, o que indica não correlação. De um ponto de vista puramente linguístico, isso era esperado, já que (\tilde{e}) não se relaciona estruturalmente com nenhuma das outras cinco variáveis do conjunto aqui analisado. No entanto, isso é inesperado da perspectiva de correlações sociais, que haviam indicado diferenças sistemáticas entre $[\tilde{e}j]$ e as demais variantes (favorecida por mulheres em vez de homens, classe A-B1 em vez de C2-D etc.) Tal resultado sugere que a ditongação de (\tilde{e}) , uma mudança de baixo na comunidade paulistana (ver Capítulo 4), está menos disponível para a composição de socioletos coesos do que outras variantes sobre as quais os falantes desenvolvem um discurso metalinguístico.

A retroflexão de $(-r)$ se correlaciona moderadamente com CN- \emptyset ($r = 0.23^*$) e mais fortemente com 3PP- \emptyset ($r = 0.31^{***}$). Note-se que $[j]$ não se correlaciona com R-0 ($r = 0.09$), com a qual a variante compartilha semelhanças estruturais. O apagamento de $(-r)$, por sua vez, correlaciona-se com as três variáveis morfossintáticas, mais fortemente com CN- \emptyset ($r = 0.37^{***}$) e menos com 3PP- \emptyset e 1PP- \emptyset ($r = 0.29^{**}$ e 0.22^*). Esses resultados mostram que variáveis estruturalmente não relacionadas mas similarmente estratificadas socialmente podem se correlacionar significativamente nos usos dos falantes. No entanto, tais correlações (entre $r = 0.22$ e 0.37) são medianas.

Por outro lado, todos os pares de variáveis morfossintáticas se correlacionam significativamente. CN- \emptyset se correlaciona fortemente com 3PP- \emptyset ($r = 0.74^{***}$) e em menor grau com 1PP- \emptyset ($r = 0.36^{***}$), e 3PP- \emptyset com 1PP- \emptyset (r

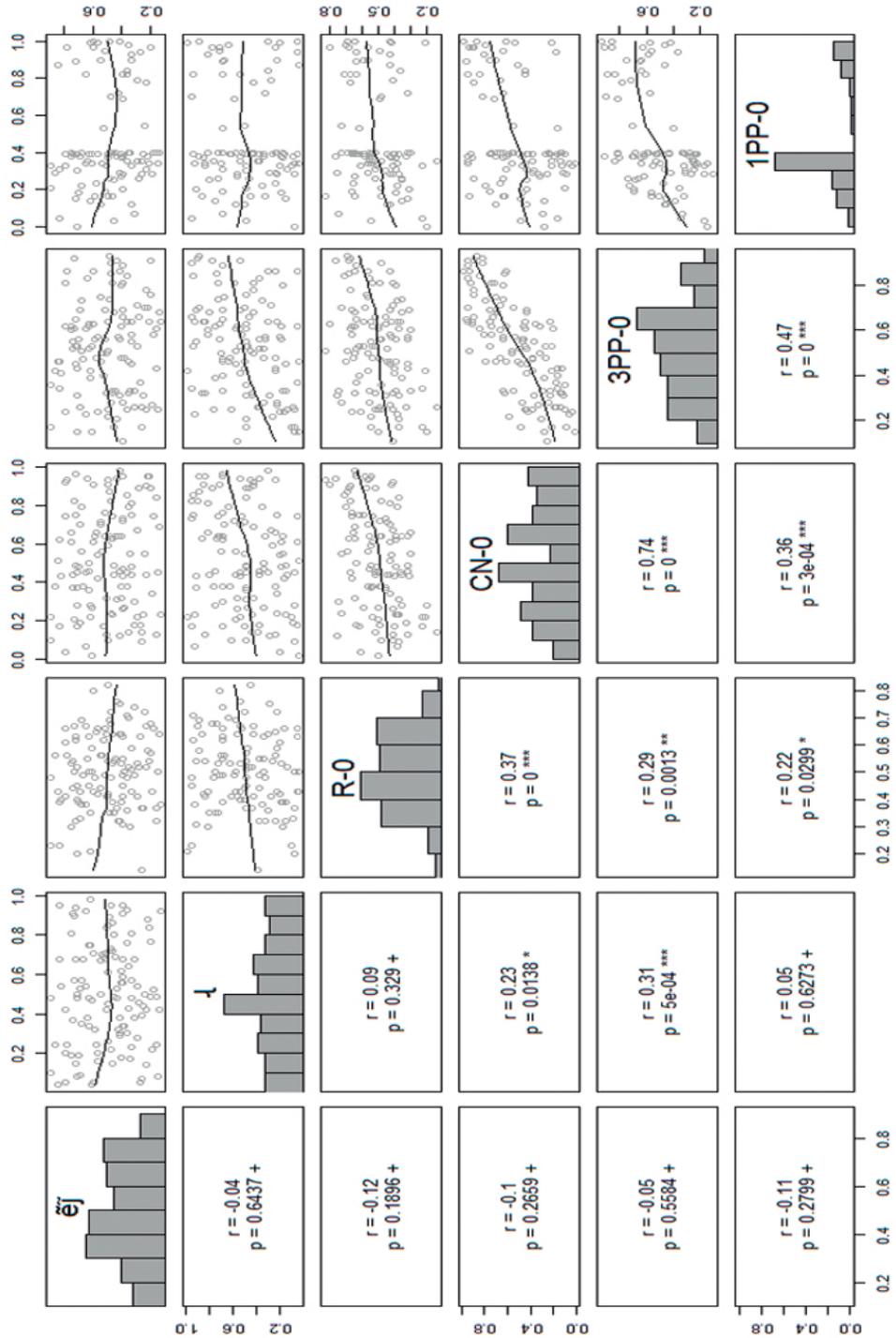


Figura 9.3 Matriz de correlações entre seis variáveis
 (+ $p > 0,05$; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$)

= 0.47***). Para o par (CN)-(CV-3PP), a correlação mais forte encontrada no conjunto, os falantes tendem a favorecer ou desfavorecer as variantes não padrão simultaneamente, o que significa que o uso de uma variante prediz o uso da outra com alto grau de confiabilidade – se um falante tende a empregar CN- \emptyset , é alta a probabilidade de que também tenda a empregar 3PP- \emptyset .

Embora a covariação entre as variáveis morfossintáticas tenha sido prevista estrutural e socialmente, a ordem relativa da força dessas correlações é inesperada: as duas variáveis de (CV) se correlacionam menos fortemente entre si do que (CN) e (CV-3PP). Visto de outro modo, os dois pares entre variáveis morfossintáticas que incluem 1PP – (CV-1PP)-(CN) e (CV-1PP)-(3PP) – exibem correlações relativamente mais fracas.

Um olhar mais atento à correlação entre 1PP- \emptyset e 3PP- \emptyset (Figura 9.4) mostra que a linha de regressão é bastante irregular nesse caso: ela exhibe um pequeno declive entre os pontos 0.20 e 0.40 do eixo x, e se inclina mais propriamente apenas no lado direito. Algo muito semelhante se verifica na correlação entre 1PP- \emptyset e CN- \emptyset : declive entre 0.20 e 0.40 e curva ascendente a partir desse ponto. Os respectivos gráficos de dispersão foram divididos em quatro grupos de falantes, identificados por 1–4: (1) aqueles que desfavorecem 1PP- \emptyset (P.R. < 0.50) e favorecem CN- \emptyset /3PP- \emptyset (P.R. > 0.50); (2) aqueles que favorecem tanto 1PP- \emptyset quanto CN- \emptyset /3PP- \emptyset ; (3) aqueles que desfavorecem tanto 1PP- \emptyset quanto CN- \emptyset /3PP- \emptyset ; e (4) aqueles que favorecem 1PP- \emptyset e desfavorecem CN- \emptyset /3PP- \emptyset . Observe-se que entre os falantes que favorecem 1PP- \emptyset (grupos 2 e 4), há muitos mais falantes que também favorecem CN- \emptyset /3PP- \emptyset (grupo 2) e pouquíssimos que tendem a desfavorecê-los (grupo 4). Os falantes que desfavorecem 1PP- \emptyset (grupos 1 e 3) estão distribuídos muito mais equilibradamente entre aqueles que favorecem e desfavorecem CN- \emptyset /3PP- \emptyset . Isso significa que, se um falante tende a favorecer 1PP- \emptyset , há uma probabilidade bastante alta de que ele também favorecerá CN- \emptyset /3PP- \emptyset ; por outro lado, se um falante tende a desfavorecer 1PP- \emptyset , tal fato não prevê como ele se comportará em relação a CN- \emptyset /3PP- \emptyset . Em outras palavras, o emprego de 1PP- \emptyset implica o emprego de CN- \emptyset e de 3PP- \emptyset , mas o emprego de 1PP padrão não implica CN e 3PP padrão – daí a correlação mais fraca entre esses pares de variáveis. Uma possível motivação para isso será discutida na seção 9.3.

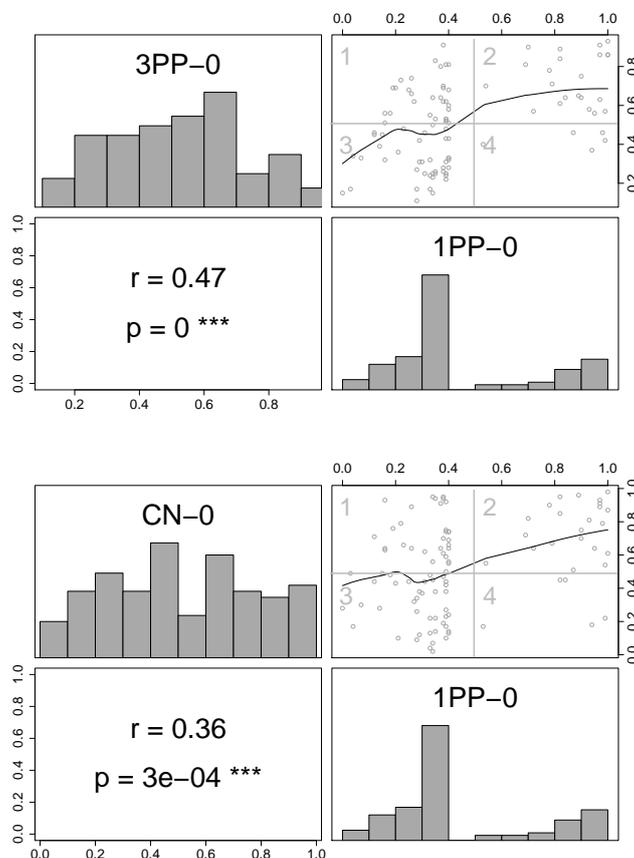


Figura 9.4 Correlações entre 1PP-∅ e CN-∅ (acima) e 3PP-∅ (abaixo)
 (* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$)

O Quadro 9.2 resume os resultados para os 15 pares de variáveis em termos de relações estruturais e covariabilidade. Encontram-se pares que se relacionam estruturalmente e covariam – entre as três variáveis morfossintáticas; um par estruturalmente relacionado que não covaria – as variáveis de (-r); pares que não se relacionam estruturalmente e covariam – (-r) e as variáveis sintáticas; e pares que não são estruturalmente relacionados e não covariam – todos os pares com $[\tilde{e}\tilde{j}]$, bem como $[\text{ɹ}]$ e 1PP-∅.

Constata-se, portanto, que semelhanças estruturais por si só não preveem exatamente quais pares de variáveis covariam nem a força de tais correlações. A retroflexão e o apagamento de (-r) não se correlacionam significativamente nos usos dos falantes, e 3PP-∅ e 1PP-∅ não se correlacionam mais fortemente

	Estruturalmente relacionadas?	
	Sim	Não
Covariação	CN-∅ / 3PP-∅	[ɹ] / CN-∅
	3PP-∅ / 1PP-∅	[ɹ] / 3PP-∅
	CN-∅ / 1PP-∅	R-0 / CN-∅
		R-0 / 3PP-∅
		R-0 / 1PP-∅
Não covariação	[ɹ] / R-0	[ẽ̃] / [ɹ]
		[ẽ̃] / R-0
		[ẽ̃] / CN-∅
		[ẽ̃] / 3PP-∅
		[ẽ̃] / 1PP-∅
		[ɹ] / 1PP-∅

Quadro 9.2 Resumo de resultados sobre covariáveis

do que CN-∅ e 3PP-∅. Por outro lado, os condicionamentos puramente sociais tampouco dão conta das correlações observadas. Os padrões regulares de estratificação social conduziram à expectativa de que todos os pares se correlacionassem entre si, mas apenas cerca de metade deles (8/15) apresenta alguma correlação significativa.

É mais provável que a covariação (ou falta de) seja motivada por uma combinação de fatores linguísticos e sociais que ainda não foram totalmente especificados. A separação dos dados por variantes de variáveis internas e externas, na seção que segue, iluminará essa questão.

9.3.3 O papel de fatores internos

A fim de separar o efeito de diferentes fatores linguísticos, realizaram-se novas análises multivariadas em subconjuntos de dados, subdividindo-os em fatores internos – por exemplo, uma análise para as ocorrências de (-r) em coda precedidas de vogais com traço [+alto] e outra para as ocorrências de (-r) precedidas de vogais [-alto]. Com base nessas análises, geraram-se novos valores de pesos relativos para cada falante, que foram então empregados no cálculo de novos coeficientes de correlação de Pearson. A questão aqui é

se diferentes fatores linguísticos geram correlações diferentes entre pares de variáveis; se os coeficientes de Pearson se modificarem significativamente a depender do subconjunto de dados, deve-se inferir que a variável linguística em questão (no exemplo, Contexto Fônico Precedente) tem uma influência nos padrões de covariação.

Na grande maioria dos casos, as correlações entre pares de variáveis não se alteram ao considerar subconjuntos de ocorrências. Para retomar o exemplo acima, a retroflexão de (-r) havia se mostrado correlacionada apenas com CN-∅ ($r = 0.23^*$) e 3PP-∅ ($r = 0.31^{***}$). Isso também ocorre quando se consideram apenas vogais [+alto] ou apenas vogais [-alto], do mesmo modo que no conjunto total de dados. No primeiro caso, a força da correlação entre [ɻ] e CN-∅ é de $r = 0.19^*$ para o contexto vogal precedente [-alto] e $r = 0.22^*$ para vogal precedente [+alto]. A diferença entre essas correlações não é significativa ($p = 0,30$). Na correlação entre [ɻ] e 3PP-∅, $r = 0.29^*$ tanto para vogal [-alto] quanto para vogal [+alto], e a diferença entre essas correlações tampouco é significativa ($p = 0,50$). O Contexto Fônico Precedente para (-r), portanto, não tem qualquer influência na covariação entre essa e outras variáveis.

No entanto, há outras variáveis linguísticas que significativamente afetam a covariação entre pares de variáveis. São elas: Saliência Fônica para pares com (CN), (CV-3PP) e (CV-1PP); Posição do Sujeito para (CV-1PP); e Animacidade para (CV-3PP).

A Saliência Fônica havia sido codificada para as três variáveis morfossintáticas (para (CN), com o nome de “Processos Morfofonológicos de Formação do Plural”). Os exemplos (2) a (4) retomam os fatores dessa variável. Embora codificada diferentemente para (CN), (CV-3PP) e (CV-1PP), a hipótese subjacente e os resultados são os mesmos: formas menos salientes tendem a favorecer a marca zero, e formas mais salientes a desfavorecê-la (ver capítulos 6 e 7).

- (2) Fatores de Saliência Fônica para (CN)
- a. **Plural regular**
- (i) Vogal oral + s: *casa*, *casas*

- (ii) Vogal nasal + s: *mão, mãos*
- b. **Plural irregular**
- (i) -r + /is/: *professor, professores*
- (ii) -l + /is/: *azul, azuis*
- (iii) -S + /is/: *vez, vezes*
- (iv) -ão /õj̃s/: *profissão, profissões*
- (v) -ão /ãj̃s/: *pão, pães*
- (vi) metafônicos: *ovo* [ovu], *ovos* [ɔvus]
- (3) Fatores de Saliência Fônica para (CV-3PP)
- a. **Grau 1: oposição não acentuada**
- (i) *come/comem* [-i/-ĩ]
- (ii) *fala/falam* [-a/-ũ]
- (iii) *faz/fazem* [-∅/-ĩ]
- b. **Grau 2: oposição acentuada**
- (i) *dá/dão* [ˈa/ˈãw̃]
- (ii) *comeu/comeram* [ˈew/ˈerũ], [ˈiw/ˈirũ], [ˈoj/ˈorũ]
- (iii) *falou/falaram* [-ˈow/ˈarũ], [ˈi/ˈerũ]
- (4) Fatores de Saliência Fônica para (CV-1PP)
- a. **Grau 1: oposição não acentuada**
- (i) *falava/falávamos* [-∅/-mus]
- b. **Grau 2: oposição acentuada**
- (i) *fala/falamos* [a/ˈamus]
- (ii) *está/estamos* [ˈa/ˈamus], [ˈẽ/ˈemus]
- (iii) *foi/fomos* [ˈew/ˈemus], [ˈiw/ˈimus], [ˈoj/ˈomus]
- (iv) *falou/falamos* [ˈow/ˈamus]

Nas novas análises de covariação, os fatores foram reorganizados em dois níveis nas três variáveis, como formas menos e mais salientes. Para (CN), opuseram-se as formas regulares de plural (2-a-i)–(2-a-ii) às formas irregulares (2-b-i)–(2-b-vi); para (CV-3PP), opôs-se o Grau 1 (3-a-i)–(3-a-iii) ao Grau 2 (3-b-i)–(3-b-iii); e para (CV-1PP), também o Grau 1 (4-a-i) ao Grau 2 (4-b-i)–(4-b-iv).

A Tabela 9.2 compara sistematicamente as correlações de (CN) com as outras cinco variáveis, separando-se os contextos de plurais menos e mais salientes. Na segunda coluna estão os coeficientes de correlação da análise geral, para servir de base de comparação. Os valores de r de Pearson para

Tabela 9.2 Comparação entre coeficientes de Pearson para formas menos e mais salientes de CN, em correlação com outras variáveis sociolinguísticas

	CN: Saliência Fônica			
	todos os dados	-saliente	+saliente	-saliente vs. +saliente
	N = 19.884	N = 16.460	N = 3.424	<i>p</i>
ẽj	-0.10	-0.10	-0.12	0.39
ɹ	0.23*	0.21*	0.21*	0.50
R-0	0.37***	0.38***	0.22*	0.01*
CN-∅	NA	NA	NA	NA
3PP-∅	0.74***	0.72***	0.65***	0.08
1PP-∅	0.36***	0.35***	0.31**	0.28

p* < 0,05; *p* < 0,01; ****p* < 0,001.

formas menos e mais salientes se encontram na terceira e na quarta coluna respectivamente. Na última, apresenta-se um valor de significância que avalia a probabilidade de ser aleatória a diferença entre as correlações em cada contexto.⁹

Ao comparar as correlações com dados menos e mais salientes de (CN), o valor de *r* muda apenas na correlação com R-0, que se torna significativamente mais fraca com formas mais salientes ($r = 0.38^{***} \rightarrow 0.22^*$, $p = 0,01$). Uma tendência similar parece se esboçar para as correlações com 3PP-∅ e 1PP-∅ (Cf. $0.72^{***} \rightarrow 0.65^{***}$ e $0.35^{***} \rightarrow 0.31^{**}$), mas nesses casos é maior a probabilidade de que a diminuição nos coeficientes de Pearson tenha ocorrido aleatoriamente ($p = 0.08$ e 0.28). Tal resultado indica que a correlação entre R-0 e CN-∅ é mais motivada por formas menos salientes de CN-∅ do que por formas mais salientes. Recorde-se que as primeiras equivalem aos plurais regulares, que se constituem pelo mero acréscimo de -s. Isso sugere que a covariação entre o apagamento de (-r) e (CN) é em grande parte motivada por uma regra fonológica de apagamento de segmentos em coda silábica que afeta tanto (-r) quanto (-s) de sílabas CVC (*mulher* → *mulhe-∅*; *meninos* → *meni-no-∅*). Note-se, contudo, que R-0 e CN-∅ também se correlacionam quando

⁹ Uma análise alternativa poderia comparar todas as combinações possíveis entre formas mais e menos salientes de (CN), (CV-3PP) e (CV-1PP). No entanto, tal análise gera resultados consideravelmente mais complexos, que não contribuem na mesma medida para a presente discussão.

se consideram apenas os plurais mais salientes (*-is*, *-ões*, *-ães* e metafônicos), o que não pode ser explicado pela mesma regra fonológica ou por outras regras linguísticas; deve haver, portanto, a atuação de fatores sociais para a correlação mais fraca ($r = 0.22^*$), mas significativa, entre uso de marca zero em plurais irregulares e o apagamento de (-r).

Na Tabela 9.3 para a Saliência Fônica de 3PP- \emptyset , os coeficientes de correlação se tornam significativamente mais fracos com R-0 ($r = 0.34^{***} \rightarrow 0.17$, $p = 0,007$) e com CN- \emptyset ($r = 0.77^{***} \rightarrow 0.55^{***}$, $p < 0,001$). De fato, o apagamento de (-r) deixa de covariar com 3PP quando se consideram apenas as formas mais salientes.

Tabela 9.3 Comparação entre coeficientes de Pearson para formas menos e mais salientes de CV-3PP, em correlação com outras variáveis sociolinguísticas

	CV-3PP: Saliência Fônica			
	todos os dados	-saliente	+saliente	-saliente vs. +saliente
	N = 9.480	N = 5.309	N = 4.171	<i>p</i>
ẽj	-0.05	-0.07	-0.05	0.39
ɹ	0.31 ^{***}	0.28 ^{**}	0.31 ^{***}	0.33
R-0	0.29 ^{**}	0.34 ^{***}	0.17	0.007^{**}
CN- \emptyset	0.74 ^{***}	0.77 ^{***}	0.55 ^{***}	0.00^{***}
3PP- \emptyset	NA	NA	NA	NA
1PP- \emptyset	0.47 ^{***}	0.44 ^{***}	0.48 ^{***}	0.26

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

Como mostram os exemplos em (3) acima, os morfemas de 3PP envolvem alterações na nasalidade, na qualidade vocálica e a adição de sufixos, de modo que a mudança na força da correlação não pode ser atribuída somente a uma regra fonológica tal como a que se postulou acima (CVC \rightarrow CV). Antes de propor uma explicação para este caso, comparem-se as mudanças nos coeficientes de Pearson para correlações com 1PP- \emptyset , já que algo muito similar se observa quando se comparam formas menos e mais salientes (Tabela 9.4). Os coeficientes de correlação se tornam bastante mais fracos com R-0 ($r = 0.33^{**} \rightarrow 0.01$, $p < 0,03$), com CN- \emptyset ($r = 0.50^{***} \rightarrow 0.11$, $p < 0,01$) e com

Tabela 9.4 Comparação entre coeficientes de Pearson para formas menos e mais salientes de CV-1PP, em correlação com outras variáveis sociolinguísticas

	CV-1PP: Saliência Fônica			
	todos os dados	-saliente	+saliente	-saliente vs. +saliente
	N = 1.074	N = 297	N = 777	<i>p</i>
ẽj	-0.11	-0.19	0.07	0.051
ɹ	0.05	0.1	-0.13	0.076
R-0	0.22*	0.33**	0.02	0.023*
CN-∅	0.36***	0.50***	0.11	0.004**
3PP-∅	0.47***	0.54***	0.21*	0.009**
1PP-∅	NA	NA	NA	NA

p* < 0,05; *p* < 0,01; ****p* < 0,001.

3PP-∅ ($r = 0.54^{***} \rightarrow 0.21^*$, $p < 0,01$).¹⁰

As escalas de Saliência Fônica para (CN), (CV-3PP) e (CV-1PP) mostram, em todos os casos, que as correlações entre pares de variáveis são mais fortes entre as formas menos salientes ou, de modo inverso, que as correlações são mais fracas quando se consideram as formas mais salientes. Quando proposta por Naro (1981) para os morfemas de 3PP, a escala de Saliência Fônica tinha o objetivo de discutir o problema da implementação (Weinreich *et al.*, 2006 [1968]), o ponto de início de uma mudança sintática; para a concordância de 3PP, a mudança teria começado em formas menos salientes (*come*, *comem*) e se espalhado pelo sistema verbal seguindo a escala de saliência – ou seja, a variação em formas mais salientes pressupõe a variação em formas menos salientes. Sincronicamente, parece ocorrer processo semelhante na fala de indivíduos: o emprego da marca zero em formas mais salientes pressupõe seu emprego também em formas menos salientes, mas o contrário nem sempre é verdadeiro (emprego de marca zero em formas menos salientes não implica seu emprego em formas mais salientes). Como é mais provável que a variação ocorra em formas menos salientes, decorrem daí as correlações mais fortes

¹⁰ Seria possível questionar se os valores de *r* diminuem com formas mais salientes em consequência de um menor número de dados, como um efeito estatístico colateral de uma amostra menor; contudo, vale notar que enquanto há menos dados de CN mais salientes (cf. 16.460 *vs.* 3.424 na Tabela 9.2) e 3PP mais salientes (cf. 5.309 *vs.* 4.171 na Tabela 9.3), há mais dados de 1PP mais salientes (cf. 297 *vs.* 777 na Tabela 9.4), mas os coeficientes de correlação ainda assim se enfraquecem com as formas mais salientes. Não se trata, portanto, de um simples efeito de menor número de dados.

(coeficientes de Pearson mais distantes de zero) quando se consideram essas formas.

Os resultados também mostram que a escala de saliência para 1PP afeta as correlações com 3PP, CN e R-0; aquela para 3PP afeta CN e R-0; e aquela para CN afeta somente R-0. Esses fatos podem ser explicados por uma escala mais geral de saliência considerando-se as três variáveis morfossintáticas. Os morfemas de plural nominal geralmente envolvem menos material fônico [-s, -is, -õjs, -ãjs] do que os morfemas de 3PP [-ĩ, -ũ, -'ãw, -'e.rũ, -'i.rũ, -'o.rũ] que, por sua vez, envolvem menos material fônico do que para morfemas de 1PP (-á.va.mos, -a.mos, -e.mos). A Saliência Fônica, desse modo, afeta correlações somente com formas menos salientes de outras variáveis, mas não as mais salientes. Isso também pode explicar por que a 1PP não covaria tão fortemente com 3PP quanto o par 3PP-CN; o maior grau de saliência das ocorrências de 1PP-∅ enfraquece as correlações com outras variáveis.

Entendida como essencialmente o mesmo fenômeno linguístico que se correlaciona com (CN), (CV-3PP) e (CV-1PP), fica claro por que a Saliência Fônica influencia a covariação entre variáveis estruturalmente relacionadas. No entanto, seu efeito na covariação com o apagamento de (-r) também deve ser explicado. Esta variável é condicionada por fatores linguísticos que podem igualmente ser interpretados como um efeito de saliência: o apagamento tende a ocorrer em sílabas finais e átonas em vez de mediais e tônicas, e em classes de palavras mais frequentes como conjunções e preposições em vez de em substantivos e adjetivos (Oushiro & Mendes, 2014). O mesmo princípio linguístico que se aplica a (CN), (CV-3PP) e (CV-1PP) também atua em R-0. Desse modo, a covariação parece ser promovida não apenas por similaridades estruturais entre variáveis dependentes, mas também por outras variáveis linguísticas com as quais múltiplas variáveis se correlacionam, como é o caso de Saliência Fônica.

Corroborar a constatação acima o fato de que as manipulações nos arquivos de dados quanto a Posição do Sujeito e quanto a Animacidade também mudam significativamente certas correlações com outras variáveis.

Posição do Sujeito havia sido codificada para (CV-3PP) e (CV-1PP) de acordo com os seguintes fatores:

- (5) Posição do Sujeito (3PP e 1PP)
- imediatamente precedente
 - precedente e separado por 1 a 4 sílabas
 - precedente e separado por 5 ou mais sílabas
 - posposto
 - pergunta do documentador (somente para 3PP)

As análises do Capítulo 7 haviam indicado que sujeitos próximos (5-a)–(5-b) desfavorecem a marca zero, ao passo que sujeitos distantes (5-c)–(5-e) a favorecem. Nas novas análises, os dados foram separados nesses dois conjuntos, que são comparados na Tabela 9.5.

Tabela 9.5 Comparação entre coeficientes de Pearson para sujeitos próximos e distantes de CV-1PP, em correlação com outras variáveis sociolinguísticas

	CV-1PP: Posição do Sujeito			
	todos os dados	próximo	distante	próximo vs. distante
	N = 1.074	N = 834	N = 240	<i>p</i>
ẽj	-0.11	-0.16	0.04	0.06
ɿ	0.05	0.02	-0.14	0.11
R-0	0.22	0.21	0.07	0.14
CN-∅	0.36***	0.40***	0.16	0.03*
3PP-∅	0.47***	0.50***	0.23*	0.01**
1PP-∅	NA	NA	NA	NA

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

Os resultados indicam que a correlação se enfraquece com sujeitos mais distantes no caso do par com CN-∅ ($r = 0.40^{***} \rightarrow 0.16$, $p = 0,03$) e com 3PP-∅ ($r = 0.50^{***} \rightarrow 0.23^*$, $p = 0,01$). Como visto no Capítulo 7, a Posição do Sujeito é uma variável que também se correlaciona com (CV-3PP); a Tabela 9.5 mostra que seus efeitos em 1PP alteram a covariação com a 3PP. O fato de a força da correlação também se alterar com CN-∅ possivelmente se deve ao efeito estrutural da presença de marcas de número no sintagma nominal do sujeito, que favorecem a presença de marcas no verbo. Essa tabela mostra que a presença de sujeitos próximos tem influência sobre a presença ou não de marcas no verbo, mas sujeitos distantes não têm o mesmo efeito ou têm um efeito atenuado.

A Tabela 9.6 compara os coeficientes de Pearson de acordo com o traço de Animacidade do Sujeito para (CV-3PP) – com o traço [+humano], como “os amigos”, ou [-humano], como “as cadeiras”. Os resultados indicam que tal variável interfere apenas na covariação com (CN) ($r = 0.73^{***} \rightarrow 0.58^{***}$, $p < 0,01$), cuja alternância também se correlaciona com Animacidade.

Tabela 9.6 Comparação entre coeficientes de Pearson para sujeitos [+humano] e [-humano] de CV-3PP, em correlação com outras variáveis sociolinguísticas

CV-3PP: Animacidade do Sujeito				
	todos os dados	[+hum.]	[-hum.]	[+hum.] vs. [-hum.]
	N = 9.480	N = 8.032	N = 1.448	<i>p</i>
ẽj	-0.05	-0.09	-0.01	0.17
ɫ	0.31 ^{***}	0.26 ^{**}	0.32 ^{***}	0.22
R-0	0.29 ^{**}	0.28 ^{**}	0.22 [*]	0.23
CN-∅	0.74 ^{***}	0.73 ^{***}	0.58 ^{***}	0.004^{**}
3PP-∅	NA	NA	NA	NA
1PP-∅	0.47 ^{***}	0.44 ^{***}	0.43 ^{***}	0.45

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

Todos os casos em que se verificaram alterações significativas nas correlações se referem à comparação de fatores de variáveis independentes que atuam sobre múltiplas variáveis sociolinguísticas. Em todos eles, modificaram-se os coeficientes de Pearson apenas na correlação com outras variáveis que também são condicionadas pelos mesmos fatores linguísticos: Saliência Fônica para as relações entre (-r), (CN), (CV-3PP) e (CV-1PP); Posição do Sujeito para (CV-1PP) e (CV-3PP); e Animacidade para (CV-3PP) e (CN).

Os contextos que propiciam correlações mais fortes entre pares de variáveis – formas menos salientes, sujeito próximo e sujeito com o traço [+humano] – têm em comum o fato de serem menos marcados. As formas menos salientes de (CN), (CV-3PP) e (CV-1PP) se referem, em geral, aos plurais regulares (nominais: *casa/casas*; e verbais: *come/comem*; *falava/falávamos*). Sujeitos precedentes e próximos correspondem à ordem canônica SV (sujeito-verbo) do português. Os sujeitos com o traço [+humano] também podem ser considerados mais prototípicos, pois tal posição sintática é preferencialmente

ocupada por entes volitivos e agentivos (Hopper & Thompson, 1980). Assim, um princípio que parece estar subjacente à covariação entre pares de variáveis é o de marcação: contextos menos marcados promovem a covariação, ao passo que aqueles mais marcados tendem a inibi-la.

A próxima seção se volta ao papel de fatores sociais, que também revelam contextos específicos que privilegiam a coocorrência de pares de variantes.

9.3.2 O papel de fatores externos

Assim como para fatores linguísticos, os coeficientes de correlação de Pearson foram calculados para subgrupos de falantes, de acordo com as sete variáveis sociais incluídas nas análises multivariadas: Sexo/Gênero, Faixa Etária, Nível de Escolaridade, Região de Residência, Classe Social, Origem dos Pais e Mobilidade. A Tabela 9.7 mostra todos os pareamentos possíveis e seus respectivos coeficientes de correlação para a amostra geral nas primeiras duas linhas. Os valores de r também foram comparados dentro de cada variável social, com vistas a determinar se a força da correlação entre um par de variáveis para um grupo específico (p.ex., “mulheres”) é significativamente maior do que para outro fator (p.ex., “homens”). As células sombreadas indicam casos em que houve diferença significativa no tamanho de efeito. A última coluna é a média dos valores absolutos dos coeficientes de Pearson, considerando-se todos os 15 pares para cada fator. Tal valor foi calculado tomando-se o valor absoluto de cada coeficiente (ou seja, desconsiderando-se o sinal positivo ou negativo), sobre o qual se aplicou a transformação- z de Fisher; a média foi calculada com base nos 15 valores de z para cada fator, e essa medida foi convertida novamente para o coeficiente de Pearson.¹¹ Desse modo, a última coluna contém uma medida (de 0 a 1) da força das correlações em cada grupo social e indica quais deles são mais coesos.

Examine-se a tabela primeiramente por colunas. Observam-se mais corre-

¹¹ O uso de valores absolutos se deve ao interesse no tamanho de efeito em vez da direção da correlação (positiva ou negativa). A transformação- z de Fisher é recomendada como passo intermediário (em vez de simplesmente calcular a média de valores de r) já que o coeficiente de Pearson não é uma medida linear; como tal, não é adequado somar ou calcular a média de tais valores diretamente (Gries, 2009a). Além disso, Corey *et al.* (1998) defendem que a distribuição de r é distorcida quando o valor absoluto é maior do que zero, o que introduz um fonte potencial de enviesamento no coeficiente de correlação.

lações significativas à direita, que correspondem aos pares entre as variáveis morfossintáticas. A forte correlação entre CN-∅ e 3PP-∅ ($r = 0.74^{***}$) resulta do fato de todos os subgrupos da comunidade se comportarem de maneira similar: quando CN-∅ é favorecido, 3PP-∅ também o é, e quando CN-∅ é desfavorecido, 3PP-∅ também o é. Isso significa que a comunidade como um todo “concorda” – ainda que de maneira inconsciente – que tais variantes “andam juntas”, independentemente de o falante favorecer uma ou outra variante. Outros pares têm correlações mais fracas ou não apresentam correlação em virtude de que nem todos os grupos demonstram o mesmo nível de coesão dialetal.

É interessante notar que (ê) e (-r), as duas variáveis locais, correlacionam-se significativamente apenas na fala de paulistanos cujos pais também nasceram em São Paulo ($r = -0.34^*$). Essa é uma correlação negativa: falantes que tendem a favorecer [ê] tendem a *desfavorecer* [ɹ], ou favorecer o mais prototípico [r]. Diferentemente de R-0 e das variáveis morfossintáticas, que estão presentes em outros dialetos do português brasileiro, o favorecimento de [ê] e o desfavorecimento de [ɹ] são duas regras sociofonéticas que devem ser aprendidas localmente; desse modo, apenas os falantes mais prototípicos na comunidade tendem a segui-las simultaneamente. O fato de que [ê] e [r] se restringem a São Paulo e arredores também pode explicar por que suas respectivas variáveis não se envolvem em tantos padrões de covariação quanto o apagamento de (-r) e a concordância de número.

Conforme exposto nos capítulos anteriores, outra diferença entre as variáveis é o grau de consciência social e o discurso metalinguístico dos informantes sobre as variantes. As concordâncias nominal e verbal são marcadores e estereótipos em todo o Brasil, e suas variantes não padrão são frequentemente associadas a falantes de classes mais baixas ou pouco escolarizados. Em São Paulo, é raro encontrar falantes que não reconheçam que CN-∅, 3PP-∅ e 1PP-∅ são variantes proscritas pela norma culta (ainda que admitam utilizá-las). Mesmo que isso não determine seu emprego ou seu evitar por parte dos falantes, claro está que a maioria das pessoas tem consciência de seu valor social do ponto de vista da norma culta. As variáveis fonológicas, por sua vez, geralmente não são classificadas como “certas” ou “erradas”. Conforme

já se assinalou, a maior parte dos paulistanos não tem consciência da variável (ê). O retroflexo é normalmente associado a falantes do interior e de regiões periféricas da cidade mas, ainda que possa ser negativamente avaliado por alguns, geralmente não é considerado “errado”, mas sim como “o modo como certas pessoas falam” a depender de suas identidades sociais e geográficas. O apagamento de (-r) é mais negativamente avaliado do que o retroflexo quando empregado em substantivos e adjetivos (como em *cerveja*, *celular* ou *pior*), mas a maioria dos falantes tende a empregá-lo frequentemente em verbos do infinitivo (como em *andar*). A forte coesão social que se verifica para as variáveis sintáticas em relação às fonológicas pode ser consequência de um consenso mais generalizado sobre seu significado social.

Considerem-se agora as correlações por fatores sociais, nas linhas da Tabela 9.7. Não há nenhum grupo que se destaque por apresentar correlações mais fortes do que suas contrapartes em todos os pares de variáveis (ver células sombreadas). Quando se leva em conta a média dos coeficientes de correlação, a maior parte dos grupos se equilibra. Por exemplo, a média de r para as mulheres (0.28) é apenas um pouco acima daquela para os homens (0.25); por idade, os falantes das três faixas etárias se assemelham com as médias 0.28, 0.27 e 0.27, respectivamente.

No entanto, a diferença é maior para os moradores de bairros mais centrais (0.34) em comparação com os de regiões mais periféricas (0.19), para falantes cujos pais são paulistanos (0.49) em relação àqueles cujos pais migraram do Norte/Nordeste (0.31), do interior (0.22), de outros países (0.29) ou são de origem mista (0.25), e para aqueles com menor mobilidade geográfica (0.38) em contraste com falantes que já viveram em diferentes bairros (0.23) e zonas da cidade (0.22). Esses três grupos de falantes são aqueles com os maiores valores absolutos de r de Pearson e que apresentam a maior diferença em comparação com outros grupos da mesma variável.

Isso significa que os moradores de bairros mais centrais, aqueles cujos pais são paulistanos e com menor mobilidade são mais coesos em seus usos linguísticos do que outros grupos de falantes. Note-se que tais grupos não são aqueles que demonstraram o maior número de correlações significativas com as variáveis dependentes nas análises multivariadas (diferentemente, por

exemplo, de Sexo/Gênero e Nível de Escolaridade, que foram selecionadas para as seis variáveis; ver Quadro 9.1, p. 239). Note-se também que covariação significativa não implica que tais falantes tendem a empregar as mesmas variantes para cada variável – por exemplo, concordância padrão de CN e de 3PP –, mas que seus padrões de uso revelam *pares* de variantes que coocorrem – por exemplo, seja “os menino” e “eles come”, seja “os meninos” e “eles comem”. Em outras palavras, os falantes nesses grupos sociais se comportam de modo semelhante não necessariamente por empregar as mesmas variantes, mas por empregar pares de variantes mais consistentemente.

O fato de a covariação ser mais frequente para esses grupos sugere que a coesão dialetal se relaciona intimamente com a densidade de comunicação. Divisões sociais como gênero ou faixa etária não implicam normalmente que há uma maior quantidade de interações com membros do mesmo grupo. Em geral, não há motivo para imaginar que mulheres ou homens tenham mais conversas com pessoas do mesmo sexo do que conversas “mistas”; de modo semelhante, os falantes tendem a interagir com pessoas de diferentes idades cotidianamente. É possível que certos grupos de falantes, como adolescentes no Ensino Médio ou idosos em um asilo, interajam substancialmente mais com pessoas da mesma faixa etária; no entanto, tal não é o caso dos falantes da presente amostra que têm, em sua maioria, entre 20 e 70 anos. Desse modo, não é surpreendente que homens, mulheres ou falantes de diferentes faixas etárias não sejam sociolinguisticamente mais coesos do que suas contrapartes.

Por outro lado, é mais provável que os moradores de bairros mais centrais tenham mais chances de interagir com outros moradores da região central, enquanto os habitantes de bairros mais periféricos costumem interagir com ambos os grupos diariamente. Milhões de pessoas se deslocam diariamente para as regiões mais centrais de São Paulo durante sua conhecida hora do *rush*, para onde se encontra a maior parte dos trabalhos, faculdades, comércios e diversos serviços públicos e privados; o trajeto centro-periferia é relativamente menos comum. De modo semelhante, os filhos de paulistanos têm maior probabilidade de interagir mais frequentemente com outros paulistanos prototípicos do que aqueles cujos pais vieram de outros lugares e cujas redes sociais têm maior probabilidade de incluir migrantes de outras áreas.

Também vale notar que, embora Região de Residência e Origem dos Pais sejam variáveis ortogonais e independentes nesta amostra, elas não o são de fato na experiência cotidiana dos falantes; muitos migrantes se estabelecem nos bairros periféricos, o que torna o contato dialetal muito mais intenso nessas áreas do que nas regiões centrais. Os moradores com baixa mobilidade geográfica, mais enraizados em seus bairros, tendem a estabelecer laços mais fortes com redes locais do que os falantes com maior mobilidade, que por sua vez entram em contato com maior variedade de normas linguísticas.

Dessa maneira, a coesão dialetal nos usos linguísticos parece ser uma consequência direta da frequência com que os falantes têm a oportunidade de interagir com outros falantes do mesmo grupo; nesse sentido, amplas categorias sociais como Sexo/Gênero e Faixa Etária, embora importantes para as identidades dos falantes, desempenham um papel pequeno na coesão dialetal, já que tais divisões não acarretam maior ou menor grau de interação entre as pessoas dentre esses grupos. Em vez disso, a covariabilidade é mais propriamente promovida por outros fatores sociais, como a frequência de interação com os vizinhos ou com outras famílias há tempos enraizadas na cidade.

9.4 Síntese

Este capítulo descreve padrões de covariação entre seis variáveis presentes no português paulistano. Na comparação desses padrões, foram identificados fatores linguísticos e sociais que subjazem o uso simultâneo de diferentes variantes pelos falantes. Da perspectiva de fatores internos, demonstrou-se que a covariação é promovida não apenas por similaridades estruturais entre as variáveis dependentes – por exemplo, as concordâncias de 3PP e de 1PP –, mas também por restrições linguísticas mais gerais que se correlacionam com múltiplas variáveis, como a Saliência Fônica, a Posição do Sujeito e a Animacidade. A covariação tende a ocorrer mais fortemente nos contextos linguísticos menos marcados: formas menos salientes, sujeitos próximos e sujeitos com traço [+humano].

Da perspectiva de fatores externos, sugere-se que a coesão social não

é motivada por amplas categorias sociodemográficas como Sexo/Gênero e Faixa Etária, mas que é decorrente da densidade de comunicação: os falantes tendem a exibir maior coesão social se interagem mais com membros do grupo do que com não membros. Em São Paulo, Região de Residência, Origem dos Pais e Mobilidade têm um papel importante na coesão dialetal. Se a covariação é consequência da densidade de comunicação, um corolário disso é que amostras aleatórias ou semialeatórias podem não ser o melhor tipo de *corpora* para se verificar a coesão dialetal; este pode ser um dos motivos pelos quais estudos prévios (Guy, 2013; Tagliamonte & Waters, 2011; Thorburn, 2014) e o presente constataram que pares de variáveis estratificadas de modo semelhante quanto a condicionamentos sociais não covariam tão frequentemente ou tão fortemente quanto se esperaria.

A extensão geográfica de uma variável – se local ou mais abrangente – e o nível geral de consenso sobre a avaliação social das variantes também influenciam se a comunidade como um todo ou apenas certos subgrupos de falantes exibem padrões similares de covariação. Verificou-se que [ẽ̃] e [ɹ], variantes de duas variáveis locais, tendem a coocorrer somente na fala de paulistanos cujos pais também são da cidade, mas CN-∅ e 3PP-∅, duas variantes de variáveis estáveis do português brasileiro, coocorrem em todos os grupos sociais.

Tais considerações estabelecem hipóteses mais específicas a ser testadas em estudos futuros. Sendo uma área relativamente pouco explorada em trabalhos sobre a variação e a mudança linguística, a covariação entre pares de variáveis ainda levanta muitas questões. Análises em comunidades de práticas (ver Capítulo 2, p. 16) ou em grupos menores de indivíduos que frequentemente interagem entre si possivelmente observarão maior coesão dialetal entre os falantes. Novos estudos também devem incluir variáveis sociolinguísticas que sejam tanto estruturalmente relacionadas quanto não relacionadas, dos domínios fonológico, morfossintático e discursivo, a fim de explorar os limites da covariação e gerar modelos sociolinguísticos mais coerentes com a realidade dos falantes, que empregam variantes de múltiplas variáveis em seu cotidiano.

10

Percepções sociolinguísticas e significados sociais

Este capítulo apresenta uma análise de percepções, desenvolvida com base na técnica de estímulos pareados (Lambert *et al.*, 1960), sobre as variantes tepe e retroflexa de (-r) em coda silábica na comunidade paulistana. O objetivo é discutir mais profundamente os mecanismos pelos quais certos significados sociais vêm a se associar a usos linguísticos, através da ótica de reações inconscientes por parte de ouvintes. Após a revisão de certos trabalhos nesse campo de estudos sociolinguísticos, apresentam-se o método e os resultados. A variável (-r) se associa a identidades geográficas, a graus de formalidade, de escolarização e a classes sociais, além de outras dimensões que se referem ao *status* dos falantes. Ao final, propõe-se um método para computar o campo indexical (Eckert, 2008) de variáveis, que permite interpretar de modo mais preciso as correlações observadas e prever significados sociais com maior probabilidade de ser atribuídos às variantes, por parte de diferentes grupos sociais.

Os capítulos anteriores demonstraram que certos padrões de estratificação social dos usos linguísticos são semelhantes para diversas variáveis na comunidade paulistana (capítulos 4 a 7); que tais padrões quanto a condicionamentos linguísticos são reproduzidos sistematicamente na fala de todos os membros

da comunidade de fala (Capítulo 8); e que o conhecimento desses padrões é adquirido no convívio social, resultado da densidade de comunicação (Capítulo 9).

De fato, nos últimos 50 anos, muitos desses padrões foram verificados em diferentes comunidades nos estudos variacionistas (ver, p.ex., Labov 2001*b*). Sua grande maioria certamente se concentra em análises de *produção*, sobre amostras da fala espontânea ou semiespontânea dos informantes (Campbell-Kibler, 2006, 2009, 2010*b*; Thomas, 2002; Labov, 2006 [1966]). Entretanto, uma visão mais abrangente da variação linguística também deve abarcar o modo como diferentes variantes são ouvidas e processadas pelos membros de uma comunidade (Campbell-Kibler, 2006), algo que tem sido relativamente menos explorado nos estudos variacionistas.

É bastante razoável aventar a hipótese de que, do mesmo modo como os usos linguísticos são heterogêneos, a percepção sobre variantes tampouco é homogênea e que, ademais, deve ser socialmente estratificada. Uma tal hipótese, portanto, prevê que as percepções de diferentes membros de uma comunidade não necessariamente coincidem entre si, mas ao mesmo tempo não são aleatórias ou radicalmente subjetivas. É sobre tal hipótese que se debruça o presente capítulo.

O discurso metalingüístico dos informantes quanto às variantes [ẽ̃], [ɹ] e CN-∅ foi examinado nos capítulos 4 a 6. Já nessas análises foi possível perceber que o discurso dos falantes sobre uma mesma variante não é homogêneo, mas ainda assim certas noções são recorrentes. Ao mesmo tempo, notou-se que mesmo variáveis sobre as quais os falantes não detêm um meta-discurso elaborado, como a pronúncia de (ẽ), também estão sujeitas a forte estratificação social.

Em razão de serem por vezes contraditórios ou incompletos, o valor informativo de tais comentários nem sempre pode ser tomado como evidência direta de processos linguísticos. Aquilo que um informante diz sobre certas variantes não necessariamente reflete seus próprios usos linguísticos ou de determinados grupos sociais – caso contrário, o linguista certamente prescindiria de todo o aparato de coleta e de análise de dados, já que bastaria consultar certos informantes sobre o que pensam a respeito de determinadas

variantes. Conforme assinala o Capítulo 2 (p. 32), o presente estudo faz uma distinção conceitual entre *avaliação* e *percepção* linguística; as análises do presente capítulo dizem respeito a inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante, que podem ou não ser conscientes – e que, portanto, podem não ser objeto de comentário metalinguístico.

A habilidade de realizar inferências ao ouvir uma pessoa é tão automática que muitas vezes passa despercebida. Como exemplifica Guy (Ms.), ao ouvir uma voz no corredor, na rua ou atrás de alguém no metrô, imediatamente se tem uma impressão do falante, mesmo sem um estímulo visual. Sem qualquer esforço consciente, é possível imaginar o falante como homem ou mulher, jovem ou velho, saudável ou doente, mano ou *playboy* etc. Independentemente de essas inferências estarem corretas ou não, tais impressões provavelmente têm um papel no modo como os membros da comunidade se relacionam e se comunicam entre si. Determinar quais informações contextuais são recolhidas pelo ouvinte e como se dão tais inferências é o principal desafio metodológico para a modelagem de percepções sociolinguísticas, uma vez que qualquer evento de fala vem acompanhado de uma miríade de variáveis: o conteúdo da mensagem, a qualidade da voz e o ritmo de fala, fatores suprasegmentais, emprego simultâneo de múltiplas variáveis fonéticas, morfológicas, sintáticas, sem contar inúmeros outros fatores situacionais ou sociais que variam de caso a caso.

Este capítulo examina especificamente o efeito das variantes *tepe* e *retroflexa* nas percepções de ouvintes moradores da cidade de São Paulo e propõe um modelo de como certos significados sociais vêm a se associar a usos linguísticos. A variável foi escolhida por ser uma das mais salientes no português brasileiro e por ter apresentado forte estratificação social no português paulistano quanto à Região de Residência, Classe Social e Sexo/Gênero dos falantes (ver Capítulo 5). As tendências divergentes entre moradores de diferentes regiões e classes sociais levantam a questão sobre como as variantes de (-r) são percebidas por diferentes grupos, o que pode conduzir a um melhor entendimento dos movimentos verificados na comunidade.

A próxima seção faz uma breve síntese de uma seleção de trabalhos sobre percepções. Em seguida, descreve-se o método empregado no presente estudo,

a saber, a técnica de estímulos pareados (Lambert *et al.*, 1960). A descrição dos resultados na seção 10.3 retoma uma análise preliminar (Mendes & Oushiro, 2011a) e avança na discussão sobre as associações feitas pelos moradores de São Paulo com as variantes de (-r) em coda silábica. O capítulo se conclui com um resumo dos resultados e suas consequências para a modelagem do conhecimento linguístico dos falantes de uma comunidade de fala.

10.1 O estudo de percepções sociolinguísticas

Ainda que, da perspectiva dos estudos variacionistas, o número de trabalhos sobre percepções seja bastante reduzido em relação àqueles sobre produção, existe um campo já bastante bem constituído e prolífico a respeito de “atitudes linguísticas”, interdisciplinar com a Psicologia Social, no qual se podem incluir os trabalhos sobre percepção. Conforme se apontou acima, esta seção não pretende realizar uma extensa revisão bibliográfica de tais trabalhos (para tanto, recomendam-se Thomas 2002; Giles & Billings 2004; Campbell-Kibler 2006, 2010b; Garrett 2010); o intuito aqui é o de retomar alguns estudos que demonstram a variabilidade e a sistematicidade de percepções, bem como algumas generalizações já traçadas, a partir das quais se levantam as hipóteses específicas deste estudo.

O trabalho de Pear (1931, *apud* Giles & Billings 2004:188; Campbell-Kibler 2006:12, 64) é considerado pioneiro nessa área. O autor pediu que ouvintes da BBC fornecessem perfis sobre a personalidade de diversas vozes escutadas na rádio, que foram então comparadas com os perfis fornecidos por pessoas próximas dos falantes, que os conheciam pessoalmente. De modo geral, Pear constatou que as descrições dos ouvintes tinham pouco em comum com os perfis traçados pelas pessoas que conviviam com os falantes, de modo que impressões baseadas apenas na voz podem diferir bastante das percepções que englobam o convívio social. No entanto, apesar dessas diferenças, o autor constatou que havia um amplo consenso dos ouvintes a respeito dos traços estereotípicos que foram associados a cada voz. Por um lado, o trabalho de Pear pode ser considerado um fracasso na tentativa de inferir a “verdadeira” personalidade dos falantes (Campbell-Kibler, 2006); por outro, contudo, abre

caminho para investigar o poder dos estereótipos na organização social, ao demonstrar a consistência das impressões reportadas pelos ouvintes.

A partir da década de 1960, os estudos sobre percepção adquiriram uma valiosa ferramenta metodológica, a técnica de estímulos pareados,¹ desenvolvida por Lambert *et al.* (1960). Com base na premissa de que reações abertas fornecidas por ouvintes podem não refletir suas opiniões pessoais, a técnica busca a eliciação de atitudes subjetivas e encobertas a respeito de diferentes variedades ou línguas. Nesse estudo, Lambert *et al.* (1960) analisam as reações ao inglês e ao francês na cidade de Montreal (Canadá). Os autores gravaram previamente quatro falantes bilíngues, que leram um mesmo texto de natureza filosófica nas duas línguas (escrito originalmente em francês e traduzido para o inglês). A essas oito leituras, os autores adicionaram mais duas gravações como distratoras. Tais gravações foram então apresentadas a 130 ouvintes, estudantes universitários de duas universidades de Montreal, distribuídos equilibradamente entre anglófonos e francófonos. Para cada um dos 10 estímulos, os sujeitos deveriam julgar² os falantes quanto a 14 características pessoais, organizadas em escalas de seis pontos (de “muito pouco” a “bastante”): altura, boa aparência física, liderança, senso de humor, inteligência, religiosidade, autoconfiança, confiabilidade, jovialidade, bondade, ambição, sociabilidade, caráter e simpatia. Fundamental para a análise foi a crença dos participantes de que ouviam 10 falantes distintos, sobre os quais os julgamentos, em princípio, são independentes uns dos outros. O objetivo dos autores, entretanto, foi o de comparar se os mesmos quatro falantes seriam caracterizados diferentemente a depender da língua do estímulo, inglês ou francês. Como o conteúdo das mensagens e a qualidade da voz foram controlados no experimento, a lógica por trás da técnica é que eventuais diferenças na caracterização dos falantes possam ser atribuídas a diferentes

¹ Tradução para *matched-guise technique* (MGT). De conhecimento pessoal, tais estudos são bastante escassos na linguística brasileira. Outras metodologias de investigação de atitudes linguísticas incluem a Dialetologia Perceptual (ver, p.ex., Preston 1999; Long & Preston 2002) e o Teste de Associação Implícita (ver, p.ex., Campbell-Kibler 2012), que não serão tratadas aqui.

² Lambert *et al.* (1960) usam os termos “evaluate”/“evaluation” para fazer referência aos valores assinalados nas escalas semânticas por parte dos ouvintes. Como a presente tese traça uma distinção conceitual entre “avaliação” e “percepção”, aqui se empregam os termos “julgar”/“julgamento” para que tal distinção seja mantida. Este termo, evidentemente, não deve ser entendido em sua acepção jurídica, mas sim no sentido de “apreciação”, “juízo” ou “parecer”.

atitudes quanto à língua empregada, e não ao falante em si.

Os resultados indicaram que os ouvintes anglófonos perceberam os estímulos em inglês mais favoravelmente do que os estímulos em francês em sete características (altura, boa aparência, inteligência, confiabilidade, bondade, ambição e caráter), e os estímulos em francês foram julgados mais positivamente do que aqueles em inglês quanto ao senso de humor. Por outro lado, os ouvintes francófonos não reverteram tais julgamentos em favor de sua própria língua, mas, de modo semelhante aos sujeitos de fala inglesa, julgaram os estímulos em inglês mais favoravelmente em 10 características (as mesmas sete dos ouvintes anglófonos exceto bondade, além de liderança, autoconfiança, sociabilidade e simpatia) e os estímulos em francês mais favoravelmente quanto a religiosidade e bondade. Em resumo, ambos os grupos de ouvintes julgaram os estímulos em inglês mais favoravelmente, sobretudo em relação a características relacionadas a sucesso socioeconômico, como liderança, ambição e aparência. A conclusão dos autores ressalta a influência de estereótipos sobre o inglês e o francês na comunidade como um todo, que afetam os falantes de ambas as línguas.

Desde então, a técnica de estímulos pareados tem sido aplicada e apurada em uma série de outros estudos. [Giles & Billings \(2004\)](#) a avaliam como um método rigoroso e elegante que, ao controlar uma série de variáveis com a criação de estímulos comparáveis, permite investigar apropriadamente o papel da linguagem na formação de impressões e julgamentos sociais. A título de exemplificação,³ a técnica permitiu demonstrar que diferentes variedades linguísticas têm influência na discriminação a potenciais locatários de imóveis (falantes de variedades chicanas e de inglês afro-americano têm menor preferência do que falantes de inglês “padrão” dos brancos – Purnell; Idardi; Baugh 1999); na avaliação de professores sobre a performance escolar de crianças (falantes de variedades não padrão tendem a receber notas mais baixas – Seligman, Tucker & Lambert 1972; Choy & Dodd 1976); no julgamento de culpabilidade quanto a diferentes tipos de crimes cometidos (crimes do colarinho branco se associam a falantes de variedades padrão e crimes violentos se relacionam com falantes de variedades não padrão – Seggie 1983);

³ Todas as referências neste parágrafo foram extraídas de [Giles & Billings \(2004\)](#).

na seleção de candidatos em entrevistas para diferentes tipos de trabalho (Hopper & Williams 1973.) Tais estudos certamente levantam um grave alerta sobre processos de decisão social que permeiam o cotidiano das pessoas.

Por outro lado, os falantes de variedades não padrão tendem a ser julgados mais positivamente em características que se relacionam a solidariedade, integridade, benevolência e dinamismo (Giles & Billings, 2004). Atualmente, no campo de estudos sobre atitudes linguísticas, é prática comum distinguir os traços avaliativos nas dimensões de *status* (p.ex., confiante, ambicioso), solidariedade (p.ex., generoso, amigável) e dinamismo (p.ex., ativo, animado).

Os estudos de percepção de cunho variacionista, em geral, deslocaram o interesse sobre diferentes *línguas* ou *variedades linguísticas*, como nos estudos supracitados, para o papel de *variantes específicas* na formação de impressões sociais (Thomas, 2002).

Um dos primeiros trabalhos nesse sentido foi o de Labov (2006 [1966]) em seu abrangente estudo sobre o inglês de Nova Iorque. Após observar que a variação linguística é fortemente estruturada pelo grau de formalidade (estilo) e pela classe social dos falantes, e que a escala de formalidade se relaciona com *status* social, Labov (2006 [1966]) projetou seu experimento de percepção – que denominou de “reações subjetivas” – a fim de confirmar e validar os resultados sobre produção linguística. Em seu experimento, o autor obteve versões de leituras por cinco falantes do sexo feminino de um texto com cinco parágrafos, cada qual com concentração das variáveis de seu estudo: no primeiro, nenhuma variável; no segundo, (ɔ); no terceiro, (ɛ); no quarto, (r); e no quinto, (θ) e (ð). Selecionou-se então uma sentença por parágrafo que continha variantes de interesse. Os ouvintes (112 novaiorquinos de diferentes idades, sexos, classes socioeconômicas e etnias) foram instruídos a se imaginar na posição de um gerente que está entrevistando candidatos a emprego em uma grande empresa; para cada estímulo, deveriam preencher um questionário com uma escala de adequação ocupacional com as seguintes opções: personalidade televisiva, secretária executiva, recepcionista, operadora de telefone, vendedora, operária de fábrica, nenhuma das anteriores. A escolha de determinada ocupação implicava que a falante poderia desempenhar aquele emprego ou qualquer outro abaixo na escala. Os resultados indicaram que as variantes favorecidas

pelas classes sociais mais privilegiadas recebem julgamentos mais altos na escala de adequação ocupacional do que as variantes favorecidas pelos falantes de *status* socioeconômico mais baixo. Tal correlação se replica em todas as classes sociais e grupos étnicos. Diante desses resultados, Labov conclui que a estratificação social do inglês de Nova Iorque é profundamente arraigada na comunidade, sendo reconhecida por todos os seus membros.

Mais recentemente, Labov *et al.* (2011) mostraram que os ouvintes são sensíveis não apenas ao emprego de diferentes variantes em seus julgamentos de adequação ocupacional (nesse estudo, uma escala de sete pontos para um candidato a apresentador de TV), mas também a diferentes taxas de emprego de uma variante em um trecho de fala. Os autores manipularam digitalmente uma mesma gravação que continha 10 sentenças com (ING) (como em *confirming* ‘confirmando’) para produzir diferentes estímulos com 0%, 10%, 20%, 30%, 50%, 70% e 100% de ocorrências de /in/ e /inj/. Os sujeitos discriminaram diferenças tão pequenas quanto 10% de emprego das variantes da variável. Contudo, a sensibilidade diminui à medida que as frequências aumentam e a relação “quanto mais /in/, menor adequação ao cargo de apresentador de TV” se caracteriza mais propriamente por uma função logarítmica do que por uma função linear. Os autores também observaram diferenças de percepção de acordo com o gênero do ouvinte nos estados da Pensilvânia e de New Hampshire (mas não no estado meridional da Carolina do Sul), uma vez que as ouvintes mulheres demonstraram reações mais negativas a desvios da norma-padrão do que os homens. Tal diferença, no entanto, é mais quantitativa do que qualitativa: embora os julgamentos das mulheres tenham sido em média mais baixos em relação aos mesmos estímulos, a relação logarítmica se manteve em ambos os sexos. Por outro lado, também se verificaram diferenças de percepção quanto à idade do ouvinte; apesar de a função logarítmica descrever bem os padrões dos adultos, os adolescentes parecem se pautar por uma função linear entre taxas de /in/ e a escala de adequação ocupacional. Tal estudo evidencia que o consenso da comunidade sobre o valor social de variantes não é isento de variabilidade interna.

Campbell-Kibler (2006, 2009) analisou a variação em percepções sobre a variável (ING) através da técnica de estímulos pareados, com enfoque

sobre o significado social das variantes e o papel de fatores contextuais na formação de impressões e julgamentos dos ouvintes. A variável (ING), com efeito, é uma das mais estudadas na língua inglesa, e se correlaciona consistentemente com classe socioeconômica, formalidade e origem do falante (a variante /in/ associada às classes mais baixas, à informalidade e ao sul dos EUA). Seu experimento incorpora uma série de inovações metodológicas de estudos prévios: a utilização de conversas naturais em vez de leituras para a criação de estímulos; a manipulação digital de gravações para obter estímulos pareados; a condução de entrevistas “abertas” antes da aplicação de questionários, a fim de determinar que tipos de reações surgem naturalmente ao se escutarem as gravações; e a coleta de questionários via redes sociais na Internet. Os estímulos pareados foram criados a partir de trechos de gravações com oito falantes, estratificados por sexo/gênero e região de origem (Califórnia e sul dos EUA). Os resultados indicam que os falantes tendem a ser julgados como menos inteligentes nos estímulos com /in/, mas apenas quando percebidos como não sendo de uma região específica e não pertencentes à classe trabalhadora. Nas palavras da autora, esses falantes são “à prova de bala” contra os efeitos de (ING). Os falantes do sul dos EUA (identificados por outras características como a monotongação de (aj), como em *time* ‘tempo’), não são percebidos diferentemente quanto à inteligência ou ao nível de escolaridade de acordo com o uso de /in/ ou /inj/. A autora conclui que os múltiplos significados sociais da variável – nível de escolaridade, eloquência, formalidade, região, rural/urbano – dependem de fatores contextuais, como o conteúdo da mensagem e qualidades pessoais atribuídas ao falante pelos ouvintes. Embora as correlações globais se assemelhem a resultados de estudos prévios de produção linguística, Campbell-Kibler enfatiza que as percepções não se alteram uniformemente para todos os falantes e para todos os estímulos, pois interagem com outras percepções que “bloqueiam” certas inferências.

Em um estudo subsequente, Campbell-Kibler (2010a) utilizou os mesmos estímulos e controlou, adicionalmente, o modo como os falantes foram apresentados aos ouvintes: como professores universitários, profissionais experientes ou candidatos políticos. Quando “acadêmicos”, os falantes foram percebidos como mais competentes nos estímulos com /inj/ do que com /in/; entretanto,

quando apresentados como “profissionais”, a percepção da competência foi privilegiada nos estímulos com /in/ em vez de /iɪ/. A inclusão do contexto “candidato político” se baseou na hipótese de que os falantes seriam percebidos como de esquerda nos estímulos com /iɪ/, o que, contudo, não se confirmou nos resultados.

O estudo de Campbell-Kibler (2010a) dialoga diretamente com o trabalho prévio de Niedzielski (1999), que havia demonstrado o papel de informações sociais na percepção dos ouvintes sobre variáveis sociolinguísticas. Nesse estudo, os sujeitos, nativos da cidade norte-americana de Detroit, ouviram vogais isoladas e foram instruídos a escolher qual de seis vogais sintetizadas mais se aproximava da que haviam escutado. Ainda que todos os estímulos tenham sido extraídos da fala de habitantes da mesma cidade, metade dos ouvintes recebeu um formulário com “Detroit” no cabeçalho, e a outra metade com “Windsor, Ontario”, cidade vizinha no Canadá. O segundo grupo apresentou a tendência de classificar as vogais como mais alçadas do que os sujeitos na condição “Detroit”, refletindo o estereótipo de que os canadenses empregam a variante [əw] em vez de [aw] em palavras como *house* ‘casa’. Além disso, os ouvintes com o formulário “Detroit” perceberam as vogais que atualmente participam da Mudança Vocálica das Cidades do Norte, como o fronteamo e alçamento de /a/ em *pop* ‘refrigerante’, como mais próximas do que pode ser considerado inglês padrão norte-americano do que nas variantes em que realmente foram apresentadas. Niedzielski (1999) conclui que os ouvintes de Detroit não escutam o alçamento canadense em sua própria variedade e representam seu espaço vocálico de modo semelhante àquilo que pode ser considerado inglês padrão.

Campbell-Kibler (2010a) e Niedzielski (1999) ilustram como a própria apresentação dos estímulos pode influenciar as respostas dos ouvintes aos questionários. Um exemplo ainda mais extremo é o estudo de Hay & Dragger (2010), com desenho experimental semelhante ao de Niedzielski (1999), que descrevem que a mera visualização de bichos de pelúcia associados às nacionalidades australiana (cangurus e coalas) ou neozelandesa (pássaros kiwi) alterou a percepção dos sujeitos quanto à altura e à centralização de vogais dos estímulos utilizados em seu trabalho. Do ponto de vista metodoló-

gico, tais estudos lembram a importância do controle rigoroso das condições experimentais.

Por fim, o trabalho de Mendes (no prelo) a respeito de percepções sobre a variável (CN) na cidade de São Paulo é de grande interesse para a presente pesquisa tanto pela variável quanto pela comunidade. Também com base na técnica de estímulos pareados, Mendes analisou a variação nas percepções sobre quatro falantes do sexo masculino, dois heterossexuais (que soavam masculinos) e dois *gays* (que soavam efeminados), quanto ao emprego das formas padrão e não padrão de concordância nominal (como em “os meninos/menino-Ø”). Seu principal interesse era investigar o impacto da variável sobre percepções de masculinidade dos falantes, bem como se haveria diferenças de percepção a depender do sexo do ouvinte. Os resultados mostraram que os falantes foram percebidos como menos escolarizados, menos efeminados, menos formais, menos inteligentes e como membros de classe social mais baixa nos estímulos com concordância não padrão. Para todos os falantes e para ambos os sexos de ouvintes, a dimensão de escolaridade foi a mais relevante, no sentido de que foi aquela em que as percepções foram mais substancialmente divergentes a depender da variante escutada. Entretanto, Mendes assinala que, enquanto as escalas de inteligência e classe social vêm logo em seguida na hierarquia de importância para as ouvintes mulheres, para os homens, a escala de efeminidade ganha destaque. A marca zero de (CN) parece significar “masculinidade” para os ouvintes homens, enquanto tal significado é preterido em favor de “menor inteligência e classe social mais baixa” entre as mulheres. Esse resultado potencialmente sinaliza que ouvintes de diferentes perfis podem atribuir maior ou menor importância a certos significados sociais das variantes.

Da década de 1960 até o presente, parece ter havido um deslocamento no foco de análise e na interpretação de resultados, de estudos que enfatizam o consenso das percepções entre os ouvintes (como Pear 1931, *apud* Giles & Billings 2004, Lambert *et al.* 1960 e Labov 2006 [1966]) para estudos que informam que as percepções podem não se distribuir uniformemente de acordo com as características dos falantes, o conteúdo da mensagem ou as condições do experimento (como Niedzielski 1999, Campbell-Kibler 2006, 2009, 2010a e

Hay & Drager 2010), ou de acordo com as características dos ouvintes que pertencem a diferentes comunidades ou grupos sociais (como Labov *et al.* 2011 e Mendes no prelo). Essas questões também se fazem presentes neste estudo.

10.2 Métodos

Os métodos aqui empregados se baseiam no estudo de Campbell-Kibler (2006). O experimento pode ser esquematicamente dividido em três partes: (i) preparação de estímulos pareados a partir de trechos de fala natural; (ii) realização de entrevistas “abertas” de percepção; (iii) formulação e aplicação de questionários cujas respostas possam ser quantificadas.

10.2.1 Preparação dos estímulos

Na preparação do experimento, quatro falantes paulistanos foram gravados em entrevistas sociolinguísticas individuais de cerca de 30 minutos cada, especificamente para esse fim (não se referem, portanto, à amostra de 118 entrevistas das análises de produção). Trata-se de dois homens (M) e duas mulheres (F), todos com cerca de 30 anos de idade, com nível superior de escolaridade e residentes na Zona Oeste da cidade de São Paulo. A amostra relativamente homogênea de falantes quanto ao perfil social, exceto por seu sexo/gênero, teve o objetivo de minimizar o efeito de outras variáveis além do (-r) em coda silábica.

A opção por excertos de fala natural em vez de leituras de um mesmo texto escrito tem a vantagem de criar impressões mais ricas nos ouvintes, que percebem os falantes como “pessoas reais”, dotadas de história e personalidade própria, e não apenas como falantes que se dispuseram a participar de uma pesquisa (ver próxima subseção). A disponibilidade de ferramentas de manipulação de arquivos digitais contribui para esse fim; hoje não é mais necessário depender da habilidade dos falantes em manter o mesmo ritmo de fala, altura de voz, prosódia etc. por longos trechos de gravação para que se obtenham estímulos devidamente controlados (Campbell-Kibler, 2006;

Thomas, 2002).

Dessas entrevistas, foram selecionados trechos curtos, de 15 a 20 segundos de duração, cada qual com 4 a 7 ocorrências de (-r) em coda silábica, negritadas e sublinhadas nos excertos transcritos em (1)–(4).⁴

- (1) T: ☉ R: ☉ Falante 1 (M): *mas aí você tem aqueles outros aspectos meio meio... bizarros né que nem a questão do passaporte interno... ahn... (D1: ahn) se você é do interior... (vo)cê não pode i(r) pra capital... sem a ordem do governo... (D1: ahn) se você não tive(r)... eh (vo)cê ainda- é/ o que que o pessoal faz? eles pula(m) a fronteira faz(em) que nem no México*
- (2) T: ☉ R: ☉ Falante 2 (F): *e brincava muito assim de Barbie sabe? e brincava muito sozinha também mesmo quando eu não tinha as amiguinhas eu brincava... (D1: (vo)cê não tem irmãos?) sozinha... tenho uma irmã mais nova cinco anos... então nessa época da infância não dava pra brinca(r) né com ela era muito diferente... porque assim (de/)... na adolescência até quando ela tinha vai quinze eu tinha vinte até dava pra conversa(r) e tal hoje em dia dá pra... sai(r) com ela normalmente...*
- (3) T: ☉ R: ☉ Falante 3 (M): *O BG era meio que um... quartel de elite... né... a gente tinha muito acampamento... e a gente tinha horas e horas todo dia de ordem unida... (D1: ahn) ordem unida é marcha(r)... esquerda volve(r) direita volve(r)... (D1: uhum) (né) eu odiava... eu odiava... com toda minha força*
- (4) T: ☉ R: ☉ Falante 4 (F): *ah a gente tinha... diversas atividades né... tipo... coleta de jornal... eh entrega pra reciclagem... eh organização de bazar... e ah e tinha os... os acampamentos né... que era bem legal assim*

Após a gravação inicial, os falantes foram informados dos propósitos do experimento, para com os quais concordaram que suas vozes fossem utilizadas. Novas gravações foram então realizadas, em condições tão semelhantes quanto à da gravação original – em especial, o mesmo ambiente e o mesmo horário, para que os ruídos de fundo fossem compatíveis.⁵ O intuito da segunda gravação foi o de obter produções controladas das instâncias de (-r) em coda silábica como tepe ou como retroflexo. Os falantes ouviram cada palavra-alvo dentro de trechos mais curtos (por exemplo, “que nem a questão do passaporte

⁴ Note-se que os casos de apagamento de (-r), todos referentes a morfemas de infinitivo, não foram considerados.

⁵ Apesar de os informantes serem gravados com microfones, a existência de ruídos foi inevitável; preferiu-se não gravá-los em ambientes acusticamente isolados a fim de que a conversa fosse mais natural.

interno”, “se você é do interior...”, “sem a ordem do governo”) e a eles se pediu que tentassem reproduzir a gravação original do modo mais fiel possível – mesma entonação, *pitch*, duração de segmentos, altura de voz etc. –, com exceção da pronúncia de (-r), que deveria ser realizada como uma das variantes. Cada frase foi repetida múltiplas vezes tanto com tepe quanto com retroflexo, até que se chegasse a uma ou duas produções que parecessem ter sido claras quanto à variante empregada e bastante semelhantes ao original nos demais aspectos fonéticos. Dessas novas realizações, selecionaram-se, para cada palavra de cada gravação, uma instância de tepe e uma instância de retroflexo que mais se aproximavam da gravação original em termos de duração, altura, *pitch* etc.⁶ As produções controladas de (-r) em coda silábica foram então “substituídas” nas gravações originais, através dos comandos “copiar/colar” do programa Praat (Boersma & Weenink, 2014), para a criação de oito estímulos controlados, um par para cada falante: um estímulo apenas com tepes, e outro apenas com retroflexos. Os estímulos em cada par, portanto, são idênticos entre si em todos os aspectos exceto pela pronúncia de (-r) em coda silábica, uma vez que foram produzidos a partir de uma mesma gravação original.

Os oito estímulos foram separados em dois grupos, cada qual com um estímulo de cada falante, conforme a distribuição do Quadro 10.1. Doravante, a referência a cada um dos estímulos será feita pela identificação do falante e da variante empregada (p.ex., “1.t”, “3.r” etc.).

	Grupo A	Grupo B
Falante 1 (M)	tepe (1.t)	retroflexo (1.r)
Falante 2 (F)	retroflexo (2.r)	tepe (2.t)
Falante 3 (M)	retroflexo (3.r)	tepe (3.t)
Falante 4 (F)	tepe (4.t)	retroflexo (4.r)

Quadro 10.1 Distribuição dos estímulos de (-r) em dois grupos

⁶ Tal procedimento se faz necessário para garantir a naturalidade dos estímulos criados: diferenças entre a gravação original e as produções controladas quanto à duração, altura de voz ou *pitch*, e mesmo de ruídos no ambiente, dificultam a criação de estímulos, uma vez que essas diferenças se tornam perceptíveis ao se manipular a gravação original. Os estímulos finais foram ouvidos por cinco pessoas, antes da fase de entrevistas “abertas”, para verificar sua naturalidade.

10.2.2 Realização de entrevistas “abertas” de percepção

A fase seguinte teve o objetivo de fazer um levantamento dos tipos de percepções que surgiam a partir dos estímulos criados. As consultas são chamadas “abertas” porque não tinham um roteiro pré-definido: aos ouvintes consultados (10 na fase piloto e mais 20 na continuação da pesquisa), fizeram-se perguntas bastante gerais (p.ex., “Como você imagina essa pessoa que está falando? Como ela é fisicamente? Qual é a personalidade dela? Onde você acha que ela vive?”), com o objetivo de deixá-los discorrer sobre suas impressões, pedindo posteriormente alguns detalhamentos (“Por que você tem essa percepção? Você poderia me apontar o que exatamente na fala dessa pessoa causou essa impressão?”). Alguns exemplos de reações dos ouvintes se encontram em (5)–(9):

- (5) José: *ele [1.t] parece que (es)tá dando uma aula... eu imagino assim um um professor universitário tipo- alguém dando uma palestra...*
- (6) Antônio: *meu muito ‘paty’ essa mina! [2.t] [risos] a patricinha de Higienópolis!⁷ (D1: [risos] ah é? por que você acha...?) ah tipo ela brin-/ brincava de Barbie... não tinha amigos... parece aquelas menininha meio riquinha... fresquinha...*
- (7) Joana: *[risos] eu acho ela... [2.r] maloqueira... maloqueirona assim... não sei... eu acho que ela é da zona leste... bem... bem suburbana...*
- (8) Marcos: *ele [3.t] deve se(r) um negão tipo armário!... três por quatro!... [risos] mas não sei onde ele mora... po- poderia se(r) qualquer lugar de São Paulo*
- (9) Mariana: *ela [4.r] é uma pessoa tímida mais recatada... diferente da outra... [2.t] deve ter crescido em apartamento... ou... não sei ela pode ser do interior*

Os informantes tiveram pouca dificuldade em visualizar uma situação em que tais eventos de fala poderiam ter ocorrido e em atribuir características pessoais aos falantes. É certo que tais considerações muitas vezes vêm cercadas de modalizadores (“eu acho”, “deve”, “poderia”, “não sei” etc.), que revelam a hesitação dos ouvintes em fazer afirmações taxativas quanto aos falantes,

⁷ Bairro de classe média-alta da cidade de São Paulo.

mas a riqueza das descrições chega a ser impressionante, considerando-se que se baseiam em curtos trechos de fala: “professor universitário dando palestra”, “patricinha”, “residente de Higienópolis”, “riquinha”, “fresquinha”, “maloqueirona”, “zona leste”, “suburbana”, “negão três por quatro”, “tímida”, “recatada”, “cresceu em apartamento”, “interior”.

Após ouvir quatro estímulos (do grupo A ou do grupo B; ver Quadro 10.1), nessa fase do experimento os ouvintes também escutaram os respectivos pares de gravação (portanto, o grupo alternativo de estímulos), para verificar que tipos de contrastes poderiam surgir entre cada par. A maioria apontou explicitamente as diferentes pronúncias de (-r) em coda silábica, o que reforça o argumento de que se trata de uma variável saliente na comunidade paulistana. Ao comentar abertamente suas avaliações acerca das variantes tepe e retroflexa, surgiram não apenas noções como “paulistano(a)” e “caipira/do interior (do estado de São Paulo)”, mas também características como “de classe social mais alta”, “mais educado(a)/escolarizado(a)”, “patricinha/mauricinho” e “metido(a)”, associadas à primeira, e características como “trabalhador(a)”, “honesto(a)”, “mano/mina”, “maloqueiro(a)”, associadas à segunda.⁸

É interessante notar que a mesma Falante 2 foi caracterizada tanto como “paty de Higienópolis” (6) quanto como “maloqueira da zona leste” (7) em estímulos que diferiam quanto à pronúncia de (-r). A fim de discernir se tais considerações podem ser atribuídas especificamente a essa variável linguística ou, alternativamente, a idiosincrasias dos ouvintes, a seu perfil social ou a outras tantas variáveis possíveis, a quantificação desses julgamentos se torna fundamental.

10.2.3 Formulação e aplicação de questionários

As percepções e avaliações que surgiram mais recorrentemente nas entrevistas abertas a respeito dos quatro falantes foram sistematizadas em um questionário de percepção (ver Anexo D, p. 367), que inclui 10 variáveis contínuas/quantitativas, em escalas de diferenciais semânticos de cinco pontos

⁸ Como se vê nos exemplos (5)–(9), algumas dessas noções surgiram antes mesmo que fosse feito o contraste explícito entre variantes.

(10);⁹ quatro variáveis discretas/qualitativas (11); e 30 caixas de seleção com características pessoais (12).

(10) Variáveis quantitativas

Para você, essa pessoa parece...

(Escolha uma opção em cada linha)

	Pouco				Bastante
Extrovertida	<input type="checkbox"/>				
Escolarizada	<input type="checkbox"/>				
Masculina/Feminina	<input type="checkbox"/>				
Inteligente	<input type="checkbox"/>				
Formal	<input type="checkbox"/>				
Amigável	<input type="checkbox"/>				
Paulistana	<input type="checkbox"/>				
Ter sotaque	<input type="checkbox"/>				
Ter amigos	<input type="checkbox"/>				

Essa pessoa deve morar num...

(Escolha uma opção)

Bairro mais periférico				Bairro mais central
<input type="checkbox"/>				

(11) Variáveis qualitativas

Em que zona da cidade essa pessoa deve morar?

- Norte
- Sul
- Leste
- Oeste
- Centro
- Não sei

Você acha que esta pessoa está em que faixa etária?

- Na adolescência
- 20 e poucos anos
- Por volta dos 30
- Por volta dos 40

⁹ O termo “Masculino” era apresentado nos formulários de falantes homens e “Feminino” nos formulários de falantes mulheres.

Você acha que esta pessoa estudou...

- Até o Ensino Fundamental I
- Até o Ensino Fundamental II
- Até o Ensino Médio
- Até o Curso Superior
- Até a Pós-graduação

Você acha que esta pessoa pertence à...

- Classe baixa
- Classe média baixa
- Classe média
- Classe média alta
- Classe alta

Para as caixas de seleção, pergunta de resposta não obrigatória, os ouvintes tinham a opção de marcar todas as características que acreditassem se aplicar ao falante.

(12) Caixas de seleção

Do que você ouviu, você acha que essa pessoa deve ser...

(Assinale todas que achar pertinente)

- | | | |
|---|---------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Alta | <input type="checkbox"/> Confiável | <input type="checkbox"/> Sincera |
| <input type="checkbox"/> Branca | <input type="checkbox"/> Simples | <input type="checkbox"/> Gay/Lésbica |
| <input type="checkbox"/> Tímida | <input type="checkbox"/> Trabalhadora | <input type="checkbox"/> Mimada |
| <input type="checkbox"/> Descolada | <input type="checkbox"/> Confiante | <input type="checkbox"/> Conservadora |
| <input type="checkbox"/> Maconheira | <input type="checkbox"/> Solidária | <input type="checkbox"/> Caipira |
| <input type="checkbox"/> Religiosa | <input type="checkbox"/> Prática | <input type="checkbox"/> Deprimida |
| <input type="checkbox"/> Ligada à Família | <input type="checkbox"/> Preguiçosa | <input type="checkbox"/> Nerd |
| <input type="checkbox"/> Articulada | <input type="checkbox"/> Mal-educada | <input type="checkbox"/> Sofisticada |
| <input type="checkbox"/> Irritante | <input type="checkbox"/> Engraçada | <input type="checkbox"/> Independente |
| <input type="checkbox"/> Metida | <input type="checkbox"/> Desencanada | <input type="checkbox"/> Patricinha/Mauricinho |

Para cada falante, os ouvintes tinham a opção de descrever outras impressões que não constavam nas questões do formulário e, ao final, fazer comentários e sugestões adicionais quanto ao questionário como um todo. Na última parte, pedia-se ao sujeito que fornecesse as seguintes informações pessoais para fins de tabulação estatística:

(13) Dados pessoais

Por fim, por favor, fale-me um pouco sobre você:

- Sexo Feminino Masculino
 Idade _____
 Ocupação _____
 Bairro em que mora _____
 Local de nascimento São Paulo – capital
 São Paulo – interior
 Há quanto tempo mora na cidade de São Paulo?

- Outro estado
 Há quanto tempo mora na cidade de São Paulo?

10.2.4 Hipóteses e expectativas

O conjunto de variáveis quantitativas e qualitativas pode ser organizado em três tipos de significados sociais que possivelmente se associam às variantes de (-r) (Quadro 10.2). Paulistanidade, Sotaque, Centralidade do Bairro e Zona se referem a identidades baseadas em um parâmetro geográfico. A análise do Capítulo 5, a respeito de avaliação e de produção linguística, havia mostrado que o principal significado do retroflexo no discurso dos informantes diz respeito à distinção capital-interior, mas que, em termos de produção, a variante também é bastante frequente na fala de paulistanos das regiões periféricas e de classes mais baixas da cidade. A partir desses resultados, a expectativa para esta análise de percepções é que o retroflexo seja julgado como menos paulistano, como um sotaque mais marcado,¹⁰ e associado a

¹⁰ Deve-se reconhecer que o conceito de “sotaque” não é isento de controvérsia. Muitos paulistanos não hesitam em afirmar que sua variedade de fala é aquela que mais se aproxima do “português padrão”, ouvido em telejornais e no rádio, e que “não têm sotaque” (ver, p.ex., os excertos (4) de Marcelo B. no Capítulo 2, p. 27, e (13) de Carolina A. no Capítulo 4, p. 68); muitos outros, no entanto, consideram que o português paulistano é uma variedade como outras tantas, com características próprias, e que, portanto, também é um sotaque. O comentário de uma respondente na Internet diz: “A pergunta sobre se a pessoa tem sotaque é, no mínimo, estranha. Respondi, mas não sei se deveria valer. Eu tenho sotaque de paulistana. Alguns tinham sotaques interioranos. Todos temos sotaques.” (sujeito 37, F2SP). O questionário, do modo como elaborado, não permite discernir a opinião de cada sujeito, salvo comentários espontâneos nesse sentido. Feita essa ressalva de que “sotaque” pode ter parâmetros diferentes para pessoas distintas, tal fato não invalida a análise que segue. Um dos interesses é justamente o de contrastar percepções de diferentes grupos de ouvintes: se o conceito de sotaque for realmente tão fluido e relativo, o resultado esperado é que as médias de julgamento quanto à variável Sotaque sejam praticamente idênticas para tepe e retroflexo para todos os grupos; se, por outro lado, diferentes

MÉTODOS

	Identidade geográfica	Status	Solidariedade/ Dinamismo
Variáveis quantitativas	Paulistanidade Sotaque Centralidade do Bairro	(Centralidade do Bairro) Formalidade Escolarização Inteligência	Amicabilidade Ter amigos Extroversão Feminilidade Masculinidade
Variáveis qualitativas	Zona	Escolaridade Classe social	Faixa etária
Caixas de Seleção	caipira	(caipira) alta branca articulada metida confiante prática conservadora sofisticada independente simples patricinha/mauricinho	tímida descolada religiosa ligada à família confiável solidária preguiçosa engraçada desencanada sincera

Quadro 10.2 Classificação das variáveis quanto a tipos de significado social

moradores de bairros menos centrais. A inclusão de Zona como uma variável qualitativa tem o objetivo de verificar se, no imaginário dos ouvintes, as variantes se associam a partes específicas da cidade. Diante da produtividade do retroflexo em áreas periféricas, cabe observar se os moradores dessas áreas fazem distinções entre capital-interior e centro-periferia de modo semelhante aos residentes de áreas mais centrais ou se, diferentemente, o retroflexo é considerado tão paulistano quanto o tepe. No Capítulo 5, sugeriu-se também que o aumento da frequência do retroflexo pode estar relacionado com a forte presença de migrantes na cidade, sobretudo do Norte/Nordeste, que o teriam interpretado como variante local, distinta em significado e valor social das variantes fricativas, mais prototípicas daquelas localidades; interessa, portanto, contrastar as percepções de paulistanos e não paulistanos quanto a essas variáveis.

grupos de falantes têm diferentes conceitos sobre o que é sotaque, tais diferenças devem transparecer nos resultados quantitativos.

O nível de escolaridade foi incluído no questionário tanto como variável quantitativa quanto qualitativa. Apenas para fins expositivos, utiliza-se o termo “Escolarização” para a variável quantitativa e “Escolaridade” para a variável qualitativa. Essas variáveis, junto a Formalidade, Inteligência e Classe Social, referem-se à dimensão de *status*. Visto que a análise de produção mostrou que o retroflexo é favorecido por falantes menos escolarizados e de classe social mais baixa, a presente análise busca verificar se tais correlações se reproduzem nas percepções dos ouvintes e se o valor simbólico de escolaridade e classe social se estende para significados associados a formalidade e inteligência do falante.

Visto que estudos prévios sobre percepções e atitudes linguísticas costumam demonstrar que variantes associadas a grupos menos privilegiados socialmente tendem a ser julgadas mais positivamente na dimensão de traços de solidariedade e dinamismo, as variáveis do terceiro grupo preveem, a título de hipótese, que os falantes sejam percebidos como mais amigáveis, tendo mais amigos, sendo mais extrovertidos e mais jovens quando escutados nos estímulos com retroflexo. As dimensões de feminilidade e masculinidade se baseiam na correlação com Sexo/Gênero na análise de produção: uma vez que o retroflexo é favorecido pelos homens, aqui se indaga se falantes desse sexo seriam percebidos como menos masculinos quando escutados com o tepe e mais masculinos com o retroflexo; as mulheres, inversamente, se seriam percebidas como mais femininas com o tepe e menos femininas com o retroflexo. Em diálogo com o trabalho de Mendes (no prelo) na comunidade paulistana, aqui se questiona se, assim como para a concordância nominal, a pronúncia de (-r) funcionaria como índice de masculinidade/feminilidade.

Por fim, nem todas as características listadas nas Caixas de Seleção se enquadram perfeitamente em uma dessas três amplas categorias. Entretanto, pode-se considerar “caipira” como um tipo de identidade geográfica associado a certas partes do interior (e, possivelmente, como uma atribuição de *status*); atributos físicos como “alta” e “branca”, e outras características como “confiante”, “sofisticado” e “patricinha/mauricinho” se relacionam com *status*; e traços como “religioso”, “ligado à família”, “confiável” e “descolado” se relacionam com a dimensão de solidariedade e dinamismo.

10.2.5 Coleta e perfil dos respondentes

Esses questionários foram aplicados a 185 ouvintes residentes na cidade de São Paulo;¹¹ 44 desses formulários foram coletados pela própria pesquisadora na fase piloto e, na expansão da pesquisa, outros 40 foram coletados por Larissa Soriano (membro do GESOL-USP) e 101 por meio da plataforma de pesquisas *online* Qualtrics.¹²

Na coleta presencial, a pesquisadora trazia consigo uma prancheta, fones de ouvido, e os estímulos em um aparelho de reprodução sonora (celular Sony Xperia X10 no caso da presente pesquisadora e Ipod no caso de Larissa Soriano). Os ouvintes foram abordados individualmente ou em grupos de até quatro pessoas, a quem se perguntava se tinham disponibilidade de ajudar a pesquisadora com um “trabalho de faculdade sobre percepções sociolinguísticas”. Os participantes voluntários foram instruídos a ouvir cada gravação, tentar imaginar como era o falante, e então preencher os formulários de acordo com suas percepções. Eles podiam ouvir cada estímulo quantas vezes quisessem.

Na coleta *online*, usou-se o Facebook para recrutar os sujeitos, por meio de uma postagem que direcionava os voluntários à página do Qualtrics em que se encontrava o questionário. A pesquisadora havia contatado previamente 20 colegas, explicando-lhes os objetivos da pesquisa e, caso concordassem, pedindo-lhes que postassem a mensagem em seus respectivos perfis do Facebook.¹³ A única restrição quanto ao perfil dos respondentes era a de que residissem na cidade de São Paulo, sendo paulistanos ou não.

De modo geral, pode-se afirmar que a maioria dos ouvintes não apresentou dificuldade ou hesitação na realização da tarefa. Na fase piloto, apenas dois ouvintes a quem se aplicaram os questionários manifestaram hesitações como “Ah, puxa, não dá pra saber...” e “Você só tem isso? Eu não posso ouvir um trecho mais longo?”. Deve-se ter em mente que a tarefa de emitir julgamentos sobre os falantes é socialmente carregada, já que, como afirma a sabedoria

¹¹ As respostas de ouvintes que não residem na cidade não foram computadas.

¹² Ver portal em <http://www.qualtrics.com/>.

¹³ A própria pesquisadora não postou a mensagem em seu perfil, para que a coleta abrangesse pessoas de outras redes sociais.

popular, “não se pode julgar um livro pela capa”. O comentário de uma participante pela Internet bem ilustra essa regra social:

- (14) *Achei o questionário interessante, porque me aguçou a curiosidade. Confesso que fiz temendo ser preconceituosa e depois fiquei me questionando acerca do ponto de partida para julgar o sotaque de alguém. Tive a sensação de que o questionário falaria mais sobre mim do que sobre as pessoas ouvidas. Gostei!!* (Qualtrics, sujeito 8, F2SC)

Assim como o Paradoxo do Observador em entrevistas sociolinguísticas (Labov, 2006 [1966]), pode-se assumir que o receio apontado acima se fez presente em todos os participantes, em maior ou menor grau. Contudo, a observação dos sujeitos na coleta presencial e os comentários da coleta *online* indicam que os ouvintes compreenderam bem o objetivo de sua tarefa: ela não consistia em “acertar” as verdadeiras características dos falantes, mas sim em expressar suas percepções.

Tendo em mente a possível interferência das próprias condições de aplicação do questionário nas respostas dos sujeitos (ver Niedzielski 1999 e Hay & Drager 2010), é necessário avaliar se a coleta de dados por parte de duas pesquisadoras diferentes e em situação presencial ou *online* gerou percepções significativamente diferentes que possam enviesar os resultados. Para tanto, realizaram-se testes de qui-quadrado para as variáveis qualitativas, e testes de Análise de Variância (anova) nos dados de variáveis quantitativas, seguidas do teste Tukey de múltiplas comparações, a fim de verificar se e onde houve diferenças significativas nas respostas dos sujeitos.

Para as variáveis qualitativas, não houve grandes diferenças entre os conjuntos de dados. Para todas as escalas de diferenciais semânticos, tampouco houve diferenças significativas entre as respostas coletadas pelas duas pesquisadoras. No entanto, houve diferenças entre as respostas presenciais e aquelas coletadas pela Internet quanto às escalas “Escolarização” (Qualtrics *vs.* Livia: $p < 0,001$; Qualtrics *vs.* Larissa: $p < 0,01$) e “Ter amigos” (Qualtrics *vs.* Livia: $p < 0,01$; Qualtrics *vs.* Larissa: $p < 0,001$). No primeiro caso, a diferença consiste no fato de que, nos dados “Qualtrics”, os sujeitos atribuíram níveis de escolarização significativamente diferentes a depender da variante ouvida

($p < 0,01$), enquanto a variável não se mostrou significativa nos conjuntos de dados “Livia” ($p = 0,55$) e “Larissa” ($p = 0,34$). Algo semelhante ocorre na escala “Ter amigos”: no conjunto “Qualtrics”, os ouvintes atribuíram valores cuja diferença se aproxima do limite de significância ($p = 0,06$), mas a mesma escala é bastante marginal nos dados “Livia” ($p = 0,70$) e “Larissa” ($p = 0,75$). Em ambos os casos, os respondentes se comportaram de modo mais neutro na presença de uma pesquisadora, e mais opiniosos na sua ausência. Isso provavelmente ocorreu em consequência do perfil das pesquisadoras: ambas são claramente alunas universitárias que haviam abordado os sujeitos para que as ajudassem “em um trabalho da faculdade”. Conscientemente ou não, os sujeitos podem ter se sentido mais constrangidos a não revelar julgamentos extremos sobre os falantes. Ainda que o formulário *online* também deixasse claro que se tratava de uma pesquisa acadêmica, os sujeitos parecem ter se sentido menos inibidos no emitir de julgamentos negativos, o que resultou em diferenças significativas nas percepções sobre tepe e retroflexo.

Nos dois casos discriminados acima, as diferenças entre os conjuntos de dados são de grau, mas a relação entre as variantes de (-r) é a mesma: na escala de escolarização, os três conjuntos de dados revelam médias de julgamento menores para o retroflexo do que para o tepe (ou seja, os falantes são percebidos como menos escolarizados quando ouvidos com o retroflexo), e, na escala “ter amigos”, a média para retroflexo é maior do que para tepe (os falantes são percebidos como tendo mais amigos quando ouvidos com retroflexo). Dadas as semelhanças nas tendências, as análises da próxima seção incluíram os três conjuntos de dados indistintamente. A se pautar pelas observações acima, poderia-se esperar que, caso os dados englobassem apenas aqueles coletados presencialmente, as correlações reportadas adiante seriam mais fracas ou menos significativas, ou as correlações dos dados *online* seriam mais fortes e mais significativas.

Os 185 sujeitos ouvintes são todos residentes da cidade de São Paulo e se diferenciam quanto a seu perfil social conforme a Tabela 10.1. Percebe-se que a amostra é razoavelmente equilibrada quanto ao Sexo/Gênero (Cf. 97 mulheres *vs.* 88 homens) e à Região de Residência (94 de regiões centrais *vs.*

Tabela 10.1 Distribuição dos perfis sociais dos sujeitos ouvintes quanto a Sexo/Gênero, Região de Residência e Nível de Escolaridade

		Feminino (N = 97)			Masculino (N = 88)			
		1 ^a	2 ^a	3 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	N
Central (N = 94)	Ens. Médio	1	0	0	0	0	0	1
	Ens. Superior	24	20	0	42	6	1	93
Periférica (N = 91)	Ens. Médio	0	0	1	4	1	0	6
	Ens. Superior	43	7	1	31	3	0	85
N		68	27	2	77	10	1	185

91 de regiões periféricas),¹⁴ mas muito desbalanceada quanto à Faixa Etária (Cf. 145, 37 e 3 ouvintes para 1^a, 2^a e 3^a faixas etárias, respectivamente) e ao Nível de Escolaridade (7 com até Ensino Médio *vs.* 178 com Ensino Superior). A grande maioria dos respondentes têm curso superior e idades entre 20 a 34 anos (1^a faixa etária). Desse modo, quaisquer diferenças de percepção quanto a características sociais dos ouvintes podem ser traçadas mais propriamente apenas de acordo com o Sexo/Gênero e Região de Residência.

Ainda que a aplicação dos questionários não tenha se restringido a paulistanos, mas a residentes da cidade, 70% (N = 129) dos ouvintes de fato nasceram em São Paulo (Tabela 10.2). Assim, as considerações adiante sobre diferenças de percepções quanto à origem dos ouvintes serão de cunho mais descritivo e a título de hipótese para trabalhos futuros, uma vez que mesmo resultados estatisticamente significativos podem se alterar em uma amostra balanceada.¹⁵

Na próxima seção, as variáveis quantitativas (escalas de diferenciais semânticos) foram analisadas em testes-t e em modelos lineares; as variáveis nominais qualitativas em testes de qui-quadrado; e as características pessoais atribuídas aos falantes em testes de qui-quadrado e em modelos lineares de efeitos mistos.

¹⁴ Aos sujeitos, pediu-se que informassem os bairros de residência, conforme em (13) acima. Eles foram classificados como residentes de bairros mais centrais ou mais periféricos de acordo com os critérios do Projeto SP2010 (Mendes & Oushiro, 2013).

¹⁵ O termo “Grande SP”, apesar de englobar a cidade de São Paulo, é aqui empregado para se referir apenas às demais cidades da Região Metropolitana.

Tabela 10.2 Distribuição dos perfis sociais dos sujeitos ouvintes quanto a Sexo/Gênero, Região e Residência e Origem

Origem	Feminino		Masculino		N
	Central	Periférico	Central	Periférico	
São Paulo – capital	34	36	28	31	129
Grande SP	0	4	3	1	8
São Paulo – interior	8	9	9	2	28
Outros estados	3	3	9	5	20

10.3 Análises

Mendes & Oushiro (2011a) haviam realizado uma análise preliminar com uma amostra de 24 sujeitos ouvintes, todos jovens universitários paulistanos: 13 mulheres e 11 homens, de 20 a 30 anos. Nesse conjunto de dados, os resultados haviam indicado diferenças significativas quanto às escalas de Paulistanidade, Sotaque e Centralidade do Bairro a depender do estímulo escutado: os falantes ouvidos em estímulos com retroflexo foram percebidos como significativamente “menos paulistanos”, como tendo “mais sotaque” e como residentes de bairros “menos centrais”, em relação a quando ouvidos em estímulos com tepe. As variáveis qualitativas não haviam revelado diferenças significativas, mas sugeriram uma associação do retroflexo com os moradores da Zona Leste, adolescentes, e com níveis de escolaridade e classe socioeconômica mais baixas. As características pessoais nas caixas de seleção não haviam sido analisadas.

Uma vez que valores de significância são sensíveis ao tamanho da amostra, a presente análise busca, em primeiro lugar, verificar se tais resultados se sustentam em um maior conjunto de dados. A próxima seção mostra que essas correlações se mantêm e que outras tendências não constatadas previamente agora se revelam significativas. Além disso, analisam-se certas diferenças não apenas de acordo com os falantes, mas também a partir do perfil social dos ouvintes.

10.3.1 Variáveis quantitativas

Esta subseção analisa as respostas dos ouvintes atribuídas às escalas de diferenciais semânticos (quão extrovertidos, escolarizados, inteligentes etc. soam os falantes) de acordo com a variante de (-r) e os pares de estímulos por falante. As figuras 10.1 e 10.2 resumem as respostas por meio de *boxplots*, que ilustram sua distribuição e dispersão nas escalas de cinco pontos.¹⁶ Entre cada par de variantes (por falantes, à esquerda, e para a amostra geral, à direita), incluem-se valores de significância ($+p > 0,05$; $*p < 0,05$; $**p < 0,01$; $***p < 0,001$), obtidos através de testes-t unicaudais,¹⁷ que indicam a probabilidade de as diferenças observadas serem aleatórias. Marca-se com “ μ ” a média de cada distribuição, valor a partir do qual se baseiam os testes-t.

As escalas são apresentadas de acordo com a diferença das médias de julgamento para estímulos com retroflexo e tepe, de maior para menor. Todas as comparações da Figura 10.1 são significativas; a Figura 10.2 contém variáveis que não se mostraram correlacionadas com a pronúncia de (-r).

As escalas que mais se diferenciam a depender do estímulo ouvido são as de Paulistanidade, Sotaque e Centralidade do Bairro (ver quadros à direita na Figura 10.1). Esses resultados são bastante semelhantes àqueles já constatados no estudo piloto (Mendes & Oushiro, 2011a). Trata-se das três variáveis quantitativas que se relacionam com identidades geográficas, o que indica que o principal significado social das variantes diz respeito a uma oposição paulistano *vs.* não paulistano, ou paulistano prototípico *vs.* paulistano não prototípico. É interessante notar que, nas escalas de Paulistanidade e Centralidade do Bairro, os julgamentos aos estímulos com retroflexo se concentram no ponto médio de 3 (ver linhas horizontais negritadas nas figuras,

¹⁶ Em cada *boxplot*, as barras horizontais da caixa central indicam o primeiro, o segundo e o terceiro quartis, ou seja, onde se encontram os limites de 25%, 50% e 75% das medições, e mostram os pontos em que há maior concentração de valores; as barras horizontais ao final da linha tracejada indicam a dispersão dos dados; por fim, os pequenos círculos indicam valores atípicos (*outliers*).

¹⁷ Significa dizer que as hipóteses testadas foram unidirecionais (*one-tailed t-tests*), por exemplo, se o retroflexo soa menos paulistano ($R < T$) ou como um sotaque mais marcado ($R > T$). Alternativamente, os testes poderiam ter sido bidirecionais ou bicaudais (*two-tailed t-tests*), caso em que o teste estatístico avaliaria simplesmente se há diferenças significativas entre as médias de cada variante, independentemente da direção da correlação. Com base nos resultados prévios do estudo piloto e de outros trabalhos sobre percepção, parece seguro assumir que a relação entre as variantes tem uma direcionalidade definida, de acordo com as hipóteses da seção 10.2.4 (p. 281). Conforme revelam os resultados desta seção, nenhuma assunção foi violada.

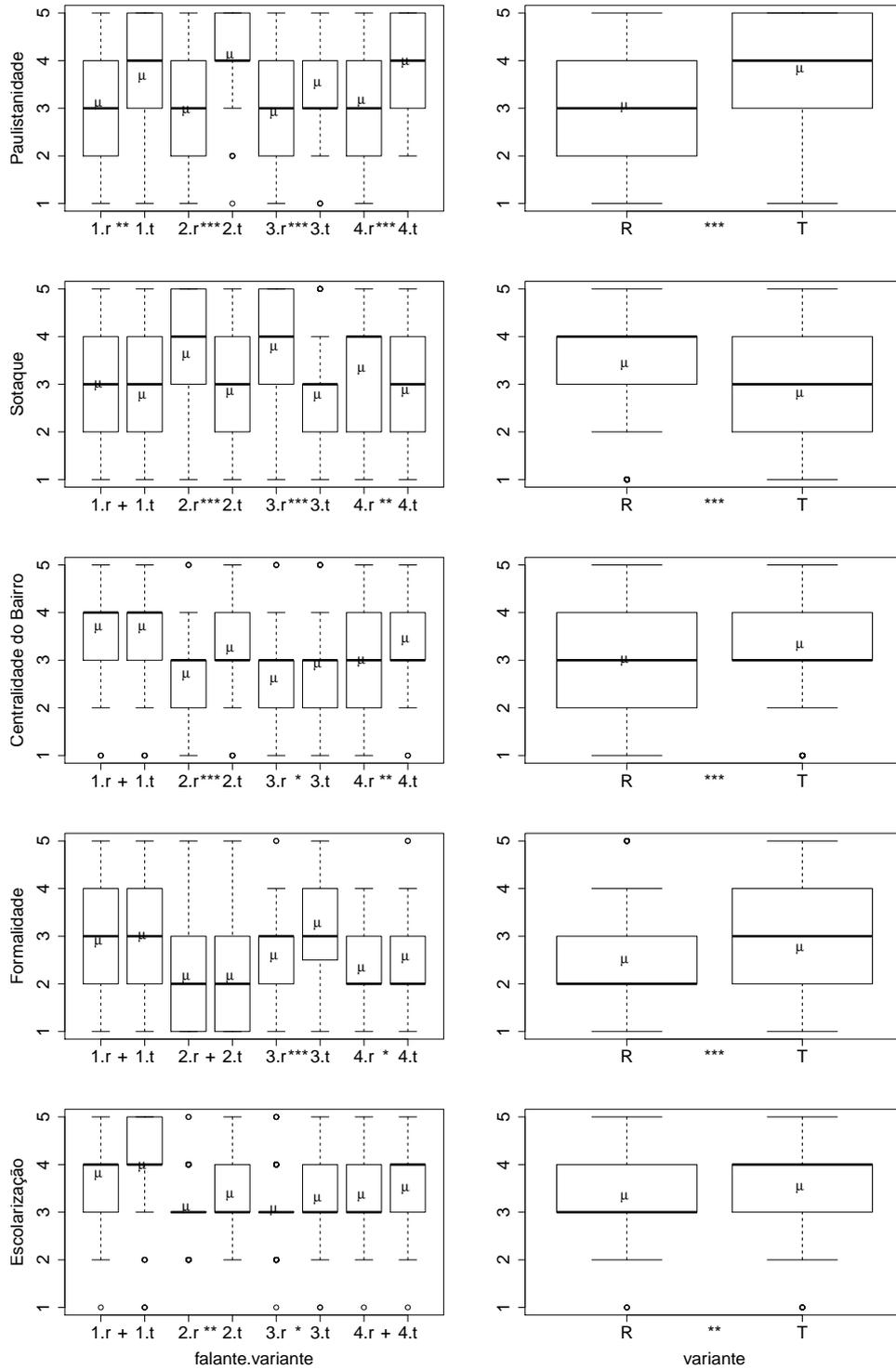


Figura 10.1 Variáveis quantitativas significativas para percepções sobre (-r) $+p > 0,05$; $*p < 0,05$; $**p < 0,01$; $***p < 0,001$

que correspondem à mediana), o que aponta antes para uma neutralidade das respostas (vistas de modo global) do que para uma categorização mais extrema; na escala de Sotaque, isso ocorre nos estímulos com tepe. A dispersão das respostas mostra que há menor consenso sobre a paulistanidade do retroflexo, quão marcado é o sotaque com o tepe, e o local de residência de quem emprega o retroflexo; por exemplo, na escala de Sotaque, note-se que os estímulos com tepe foram julgados tanto com baixo (1 ou 2) quanto com alto (4 ou 5) graus de marcação, em proporções semelhantes, algo que reflete a divergência de opiniões sobre se paulistanos têm sotaque ou não. Por outro lado, há maior consenso na comunidade de que o tepe é mais paulistano, que o retroflexo é um sotaque mais marcado, e que o tepe se associa a residentes de bairros mais centrais, como se vê pela concentração de respostas acima do valor “3” nas escalas verticais.

Além da dimensão de identidade geográfica, a correlação com Centralidade do Bairro também pode ser interpretada como uma diferenciação de *status* entre as variantes de (-r). Uma vez que as classes mais altas se concentram nos bairros mais centrais da cidade, a associação do tepe com esses residentes possivelmente também reflete uma associação com Classe Social (ver discussão em 10.4). As correlações com Formalidade e Escolarização, não constatadas no estudo piloto, vão ao encontro dessa interpretação. Relativamente ao tepe, os falantes foram percebidos como menos formais e com menor grau de escolarização quando ouvidos em estímulos com retroflexo.

Entretanto, as correlações com Paulistanidade, Sotaque, Centralidade do Bairro, Formalidade e Escolarização não se reproduzem uniformemente para todos os falantes (quadros à esquerda). A escala de Paulistanidade é a única em que há diferenças significativas para todos os falantes a depender da variante escutada. Nos demais casos, as correlações globais têm maior contribuição de certos falantes, enquanto outros parecem não ser afetados pelas variantes. O Falante 1, em especial, parece ser imune ao impacto do retroflexo ou do tepe nos julgamentos que recebeu dos ouvintes.

Vislumbram-se três possíveis motivos para isso: (i) relativamente aos demais falantes, o grau de retroflexão de (-r) do Falante 1 é menos acentuado; (ii) o excerto desse falante é o único em que o texto está na terceira pessoa;

(iii) os estímulos sempre foram ouvidos na mesma ordem por todos os sujeitos, a começar pelo Falante 1. O primeiro desses fatos provavelmente é aquele que mais contribuiu para a indiferenciação de percepções; ainda que o tepe tenha influenciado a percepção dos ouvintes quanto a sua paulistanidade, os estímulos com retroflexos menos marcados parecem ter sido percebidos como uma forma relativamente neutra de fala. O fato de esse excerto não se referir a uma narrativa em primeira pessoa, diferentemente dos demais (ver excertos (1) a (4), p. 275), deve ter contribuído para a impressão de uma fala mais distanciada e impessoal – releia-se, nesse sentido, a reação em (5), em que o ouvinte descreve o falante como um professor universitário; o distanciamento da fala parece torná-la menos suscetível a atribuições de características pessoais como grau de sotaque e local de residência. Não se descarta, tampouco, a possível influência da ordem em que os estímulos foram ouvidos; sendo sempre o primeiro, é plausível que os ouvintes tenham se comportado de modo mais neutro em relação a essa gravação e usaram-na como base comparativa para os demais falantes. Tais fatores parecem ter “bloqueado” certas inferências sobre o Falante 1, de modo semelhante aos falantes “à prova de bala” dos estudos de Campbell-Kibler (2006, 2009).¹⁸

Ainda que nem todas as escalas se mostrem relevantes para todos os falantes, observe-se que, em cada par de estímulos, a relação entre retroflexo e tepe tem uma direcionalidade definida: por exemplo, na escala de Sotaque, nenhum falante é percebido como tendo um sotaque menos marcado quando ouvido com o retroflexo, sendo tal diferença significativa ou não. A relação entre as variantes nunca é invertida.

Por outro lado, interessa também verificar quais escalas não se mostraram significativamente correlacionadas com a pronúncia de (-r): Amicabilidade, Ter amigos, Extroversão, Inteligência, Feminilidade e Masculinidade (Figura 10.2). Diferentemente das hipóteses levantadas, os falantes *não* foram percebidos

¹⁸ Vale notar que o mesmo Falante 1 emprega a variante não padrão de concordância verbal ao final desse excerto: “o que que o pessoal faz? eles pula(m) a fronteira faz(em) que nem no México” (ver excerto (1), p. 275). Curiosamente, tal fato não parece afetar o julgamento dos ouvintes quanto a seu grau de escolarização, em média mais alto do que o que se atribuiu aos demais falantes (ver escala de Escolarização na Figura 10.1, quadro à esquerda). Isso reforça a constatação de que, em certos casos, determinadas inferências são “bloqueadas”. Nesse caso, é possível que o Falante 1, ao ser julgado como uma pessoa mais escolarizada, residente de bairro mais central etc., tenha sido “imunizado” contra os efeitos da concordância verbal não padrão.

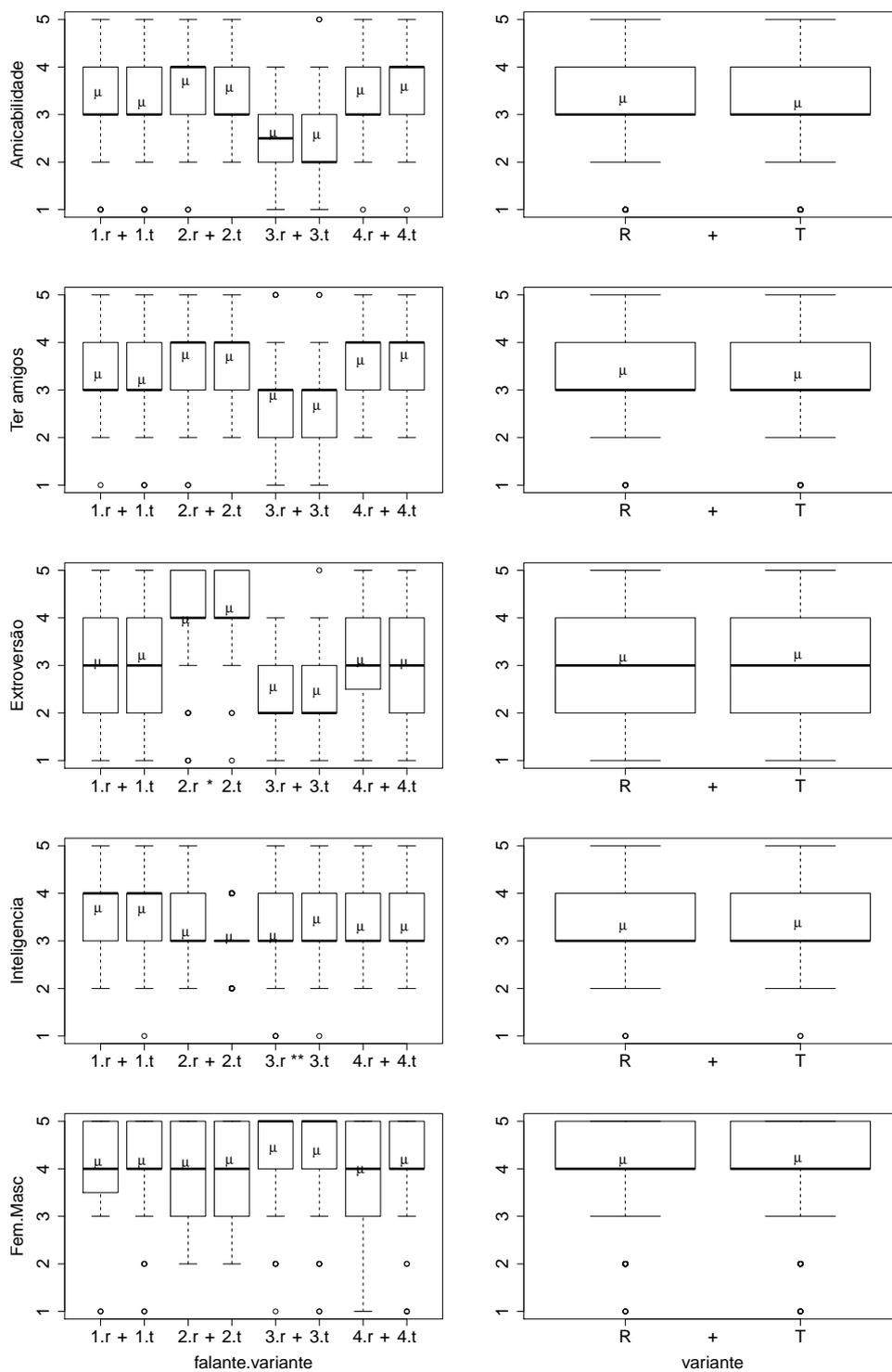


Figura 10.2 Variáveis quantitativas não significativas para percepções sobre (-r)
 $+p > 0,05$; $*p < 0,05$; $**p < 0,01$; $***p < 0,001$

como mais amigáveis, tendo mais amigos, sendo mais extrovertidos, menos inteligentes, menos femininas (no caso das mulheres) ou mais masculinos (no caso dos homens)¹⁹ quando ouvidos com o retroflexo. Apenas a Falante 2 foi percebida como relativamente mais extrovertida e o Falante 3 como menos inteligente nos estímulos com retroflexo, mas o conjunto total de respostas revela diferenças não significativas.

Mendes (no prelo), em seu estudo de percepções sobre a concordância nominal, também não havia observado diferenças quanto à escala de Amabilidade, mas, diferentemente do presente, havia constatado diferenças nas escalas de Efeminidade e de Inteligência de acordo com a variante ouvida. A dimensão da sexualidade deve ter se destacado no estudo de Mendes (no prelo) pelo fato de dois dos falantes escolhidos soarem efeminados, e a escala medir quão “efeminados” soavam os falantes – todos do sexo masculino. A escala de Inteligência, entretanto, parece ser mais diretamente comparável entre os dois estudos: diferentemente da concordância nominal, as realizações de (-r), ainda que correlacionadas com percepções de escolarização, não parecem se estender para o julgamento do grau de inteligência dos falantes. Recorde-se, a partir do discurso dos informantes nos capítulos 5 e 6, que enquanto a concordância nominal não padrão é avaliada como “errada” por muitos, a pronúncia retroflexa de (-r), ainda que possa ser avaliada negativamente, não é interpretada do mesmo modo. Junto a esta análise de percepções, isso evidencia que variantes que possuem distribuições sociais semelhantes na comunidade não necessariamente recebem a mesma interpretação ou os mesmos significados sociais – tanto o retroflexo quanto a concordância não padrão são favorecidas por homens, falantes menos escolarizados e de classes sociais mais baixas, mas as percepções sobre essas variantes parecem diferir entre si. A relação entre correlações nos usos linguísticos e avaliações/percepções sobre as variantes não ocorre de maneira direta. Essa observação será retomada adiante, na seção 10.4.

As análises reportadas até aqui se referem às percepções da comunidade como um todo, sem levar em conta o perfil do ouvinte. Trata-se de análises

¹⁹ Os testes-t das escalas de Feminilidade e Masculinidade foram realizados em conjuntos de dados que separaram os falantes de acordo com seu sexo, já que a hipótese previa direções opostas para os Falantes 1 e 3, por um lado, e as Falantes 2 e 4, por outro.

monofatoriais que testaram a influência da variante nos julgamentos dos ouvintes sobre as diferentes escalas. Para verificar se mulheres e homens, residentes de regiões centrais e periféricas, ou de diferentes origens geográficas percebem as variantes de modos semelhantes ou não, realizaram-se análises multifatoriais em modelos lineares que incluíram, além da variante ouvida, as possíveis interações entre variante, por um lado, e o Sexo/Gênero, Região de Residência e Origem dos ouvintes, por outro.²⁰

Na grande maioria dos casos, as interações não se mostraram significativas, o que indica que as percepções não diferiram substancialmente a depender de características sociais dos ouvintes. Entretanto, houve duas escalas com interações relevantes: a de Paulistanidade – em que a variante ouvida interage com a Região de Residência e a Origem do ouvinte – e a de Sotaque – em que a variante interage com Região de Residência. As interações mostram que indivíduos que residem em diferentes regiões da cidade – bairro mais central ou mais periférico – e que são originários de diferentes lugares – São Paulo-capital, Grande São Paulo, interior do estado ou outros estados – percebem o retroflexo e o tepe diferentemente quanto a seu grau de Paulistanidade e de Sotaque.

A Figura 10.3 descreve tais relações para a escala de Paulistanidade. As barras horizontais indicam a diferença das médias de julgamento dos estímulos com retroflexo e com tepe ($\mu_R - \mu_T$), para residentes de diferentes regiões (figura acima) e origens (figura abaixo). A figura também indica a média de valores atribuídos a cada variante. Em todos os casos, tal diferença tem valor negativo, o que indica que o retroflexo foi percebido como menos paulistano do que o tepe para todos os grupos, de modo semelhante à análise global. As interações consistem no fato de tal diferença ser muito mais extrema para os residentes de bairros mais centrais e para os falantes que nasceram na cidade de São Paulo, Grande São Paulo ou interior do estado. Para residentes de bairros mais periféricos, a diferença também é significativa, mas bem menor do que para ouvintes de regiões centrais; para ouvintes provenientes de outros estados, tepe e retroflexo se assemelham em graus de paulistanidade.

²⁰ No programa R, isso se traduz na aplicação da função `lm` à fórmula `escala ~ variante + variante*sexo + variante*regiao + variante*origem`, em que “escala” se refere às variáveis de diferenciais semânticos (Paulistanidade, Sotaque, Extroversão etc.).

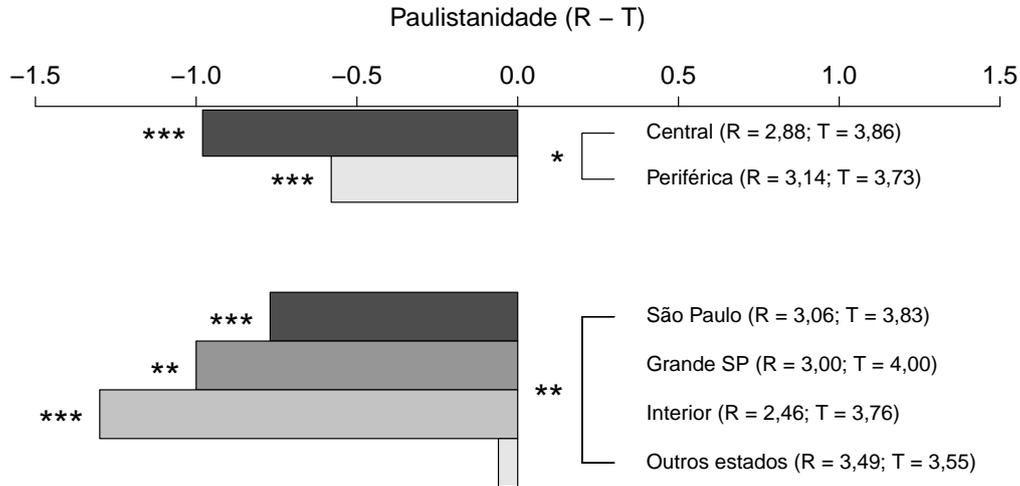


Figura 10.3 Diferença entre médias de julgamento para Paulistanidade (R - T) de acordo com Região de Residência (acima) e Origem do ouvinte (abaixo)
 $+p > 0,05$; $*p < 0,05$; $**p < 0,01$; $***p < 0,001$

Examinem-se, primeiramente, as diferenças quanto à Região de Residência dos ouvintes. A análise de produção (Capítulo 5) havia demonstrado que essa variável é uma das que se correlacionam mais fortemente com a pronúncia de (-r), sobretudo entre os mais jovens (traço que caracteriza a maior parte dos ouvintes desta análise de percepção). A Figura 10.3 mostra que a distinção paulistano *vs.* não paulistano para as variantes de (-r) é feita mais propriamente pelos residentes de bairros mais centrais, que percebem o retroflexo como uma forma não nativa da comunidade; os residentes de bairros mais periféricos, ainda que mostrem a mesma tendência, não fazem uma distinção tão drástica, o que revela que certos ouvintes “aceitam” o retroflexo como uma forma também paulistana. A diferença entre esses grupos é significativa ao nível de 5% de confiança ($p = 0,02$).

Quanto à Origem dos ouvintes, verifica-se que os nascidos no estado de São Paulo – na capital, na Grande São Paulo ou no interior – diferenciam as variantes significativamente, principalmente os do último grupo. É interessante notar que os interioranos fazem uma diferenciação mais radical entre as variantes, e que os próprios nativos da cidade ou da Região Metropolitana

parecem ser relativamente mais “tolerantes” a certo grau de paulistanidade do retroflexo (ainda que o diferenciem do tepe). Os ouvintes provenientes do interior e hoje residentes na capital são os mais conscientes da associação “retroflexo - não paulistano”, provavelmente por serem porventura destacados como não nativos da comunidade justamente por esse traço linguístico. Por outro lado, os ouvintes provenientes de outros estados praticamente não diferenciam as variantes quanto a seu grau de paulistanidade: a média de julgamentos foi de 3,49 para o retroflexo e de 3,55 para o tepe, ambas acima do ponto médio de 3,0; isso significa que, para esses ouvintes, o retroflexo é tão paulistano quanto o tepe.

A maior parte deles é migrante do Nordeste, de acordo com suas respostas nos questionários. Esse resultado parece fornecer uma evidência adicional à interpretação das análises de produção; no Capítulo 5, sugeriu-se que a expansão do retroflexo entre paulistanos, sobretudo na fala de filhos de nordestinos e de residentes de bairros mais periféricos, pode estar relacionada com a interpretação da variante como um traço local, distinta em valor social das variantes fricativas e indistinta da realização como tepe. Como a amostra de ouvintes não é balanceada quanto a local de origem, tal resultado não pode ser tomado como “prova” do argumento acima, mas certamente merece ser considerado como uma hipótese plausível a ser mais rigidamente testada em análise futuras (em uma amostra balanceada quanto à Origem do ouvinte).

A Região de Residência dos ouvintes também interage com as variantes e (-r) quanto à percepção de Sotaque (Figura 10.4). Neste caso, as diferenças entre $\mu_R - \mu_T$ revelam valores positivos, o que significa que o retroflexo é julgado em todos os grupos como um sotaque mais marcado do que o tepe ($R > T$). No entanto, os residentes de bairros mais centrais consideram o primeiro muito mais marcado do que o segundo, diferentemente dos residentes de bairros mais periféricos, que não diferenciam as variantes de modo tão drástico (ainda que significativo).

Embora a interação variante-origem não tenha se revelado significativa para a escala de Sotaque ($p = 0,18$), vale a pena apontar para certas diferenças em termos descritivos, que merecem ser controladas em estudos futuros que avaliem o papel específico dessa variável. Essas diferenças evidenciam que

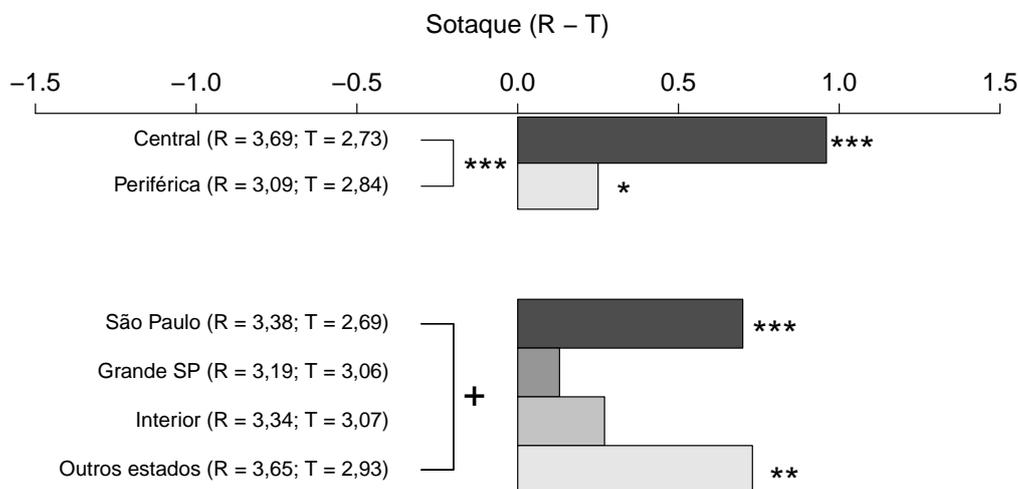


Figura 10.4 Diferença entre médias de julgamento para Sotaque (R - T) de acordo com Região de Residência (acima) e Origem do ouvinte (abaixo)
 $+p > 0,05$; $*p < 0,05$; $**p < 0,01$; $***p < 0,001$

os conceitos de “paulistanidade” e “sotaque” não são os reversos da mesma moeda. Para Paulistanidade, verificou-se que os ouvintes provenientes de outros estados se contrapõem a todos os grupos de paulistas em seu julgamento sobre as variantes; já na escala de Sotaque, os migrantes de outros estados se aproximam dos paulistas da capital, já que ambos percebem o retroflexo como um sotaque mais marcado do que o tepe. Ainda que não paulistas considerem o retroflexo “tão paulistano quanto o tepe”, isso não significa que as variantes sejam percebidas de modo idêntico: o retroflexo é “mais sotaque” do que o tepe. Ao mesmo tempo, embora os interioranos e os provenientes da Grande São Paulo avaliem o retroflexo como “muito menos paulistano do que o tepe”, sua percepção quanto a Sotaque é atenuada: as variantes não apresentam diferenças significativas nesse quesito, pois ambas são percebidas como formas marcadas: para esses grupos, tanto tepe quanto retroflexo são “sotaque”.

10.3.2 Variáveis qualitativas

As variáveis qualitativas ou nominais se referem à atribuição de Zona de Residência, Faixa Etária, Nível de Escolaridade e Classe Social aos falantes. Esses dados foram analisados em testes de qui-quadrado e são representados visualmente na Figura 10.5.

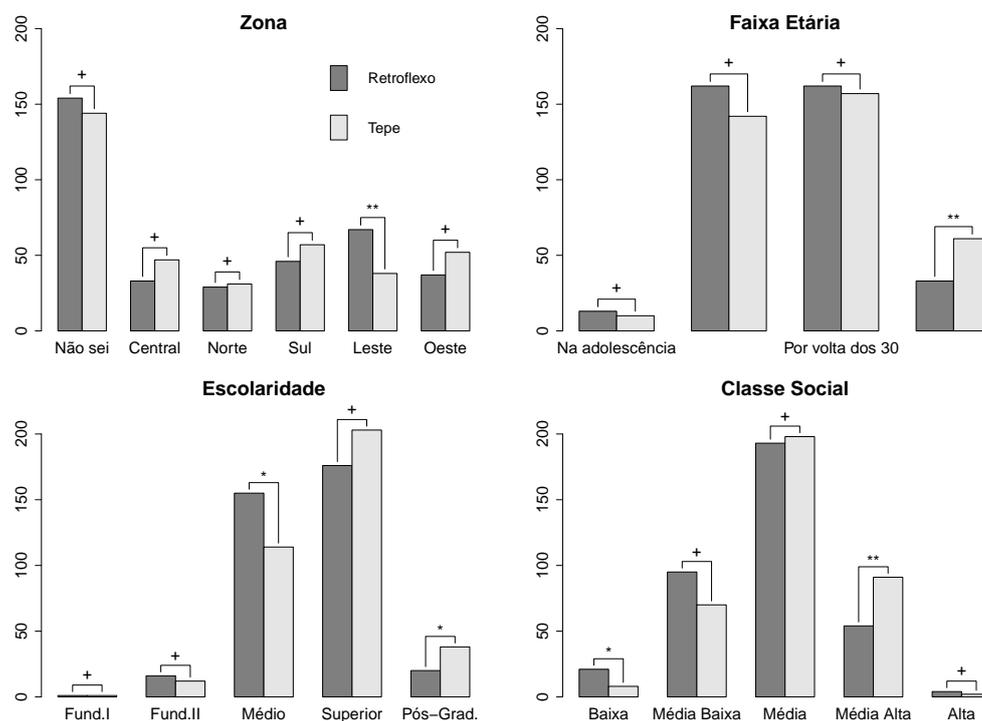


Figura 10.5 Atribuição de Zona, Faixa Etária, Escolaridade e Classe Social de acordo com variante ouvida

+ $p > 0,05$; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Percebe-se que a maioria dos ouvintes não soube atribuir uma zona específica, uma vez que as respostas se concentram na opção “Não sei”, para estímulos tanto com retroflexo quanto com tepe.²¹ Embora os ouvintes associem as variantes com moradores de diferentes *regiões* (central ou periférica), o mesmo não ocorre para as cinco *zonas*. Os demais ouvintes atribuíram uma zona da cidade em proporções razoavelmente equilibradas entre si e entre as

²¹ A inclusão dessa opção apenas para Zona da Cidade decorre justamente do fato de que, na fase de entrevistas “abertas”, a maioria dos sujeitos afirmaram que não é possível saber de que zona de São Paulo é um falante.

variantes. O comentário de uma respondente do questionário *online* afirma sobre o estímulo 3.r:

- (15) *O sotaque [de 3.r] se parece muito com o de um amigo, que mora na Zona Norte de SP – por isso, escolhi esta opção.* (Qualtrics, sujeito 10, F2SP)

É possível que muitas dessas respostas tenham sido motivadas por semelhanças fortuitas entre as vozes dos falantes e a de conhecidos dos ouvintes, o que, sendo absolutamente casuais, resultam em distribuições aleatórias. A única diferença significativa se verifica para a Zona Leste: falantes ouvidos com a variante retroflexa foram percebidos mais frequentemente como dessa zona em relação aos estímulos com tepe ($p = 0,005$). A distribuição geral das respostas para essa variável tem baixa probabilidade de ser aleatória ($\chi^2 = 14,55(5)$, $p = 0,01$).

Para Faixa Etária, há uma concentração de respostas nos fatores “Por volta dos 20” e “Por volta dos 30”, provavelmente em decorrência da própria característica dos falantes: todos eles têm cerca de 30 anos e soam como pessoas nessa faixa de idade. Aqui também não se verificam diferenças a depender de qual variante foi ouvida, exceto para a faixa “Por volta dos 40” ($p = 0,004$): houve uma tendência significativamente mais alta de atribuir essa faixa etária quando os falantes foram escutados com tepe em vez de retroflexo. De modo semelhante a Zona, a distribuição geral de qui-quadrado provavelmente não é aleatória ($\chi^2 = 10,13(3)$, $p = 0,02$).

As variáveis Escolaridade ($\chi^2 = 14,33(4)$, $p = 0,006$) e Classe Social ($\chi^2 = 19,78(4)$, $p < 0,001$) parecem apresentar correlações relativamente mais fortes. Houve novamente uma distribuição bastante irregular das respostas, com concentração nos fatores “Ensino Médio” e “Ensino Superior”, que se aproximam do real nível de escolaridade dos falantes. A percepção de que são jovens adultos também deve ter contribuído para essa caracterização: atualmente, é difícil encontrar jovens que não tenham concluído pelo menos o Ensino Médio na cidade de São Paulo – possivelmente daí decorre a baixíssima atribuição de níveis “Ensino Fundamental I e II” aos falantes, independentemente da variante ouvida. Houve, no entanto, uma tendência significativamente maior em se atribuir “Ensino Médio” quando se ouviu retroflexo ($p = 0,012$), e

em se atribuir “Pós-graduação” quando se ouviu tepe ($p = 0,02$). Embora as diferenças não sejam significativas para os fatores “Ensino Fundamental II” e “Ensino Superior”, as tendências que se esboçam parecem seguir a direção esperada de correlação: associação do retroflexo a níveis mais baixos de escolaridade e do tepe a níveis mais altos.

Algo semelhante ocorre na variável Classe Social. Embora a atribuição de “Classe Baixa” seja rara para esses falantes, isso ocorreu mais frequentemente quando se ouviu o retroflexo em vez de o tepe ($p = 0,02$); a atribuição de “Classe Média Alta”, por sua vez, teve lugar significativamente mais vezes em estímulos com o tepe do que com o retroflexo ($p = 0,002$). As diferenças nos fatores “Classe Média Baixa” e “Classe Média”, embora não significativas, parecem seguir a relação retroflexo-classes mais baixas e tepe-classes mais altas. A aparente exceção em “Classe Alta” se refere a apenas quatro estímulos ouvidos com retroflexo e dois com tepe, cuja diferença certamente deve ser subestimada.

Desse modo, as variáveis nominais também revelam a importância das dimensões de identidade geográfica e *status* para os significados sociais das variantes de (-r), ainda que de modo menos contundente do que as variáveis quantitativas. Uma nova correlação, relativa à dimensão de dinamicidade, é sugerida pela variável Faixa Etária, uma vez que o tepe parece se associar a falantes mais velhos. No entanto, o fato de que não se verifica a correlação “retroflexo-falantes mais jovens” e que a grande maioria das respostas se concentra nos fatores intermediários, cujas diferenças não são significativas, indica que a atribuição de Faixa Etária depende mais de características pessoais dos falantes do que da intermediação de variantes de (-r).

Para nenhuma das variáveis qualitativas se observaram interações entre a variante e o perfil social dos ouvintes em análises multifatoriais. Ainda que haja pequenas diferenças, todas as correlações seguem a mesma direção. A Figura 10.6 exemplifica as semelhantes tendências de diferentes grupos de ouvintes quanto à atribuição de Classe Social aos falantes, de acordo com a variante escutada: na grande maioria dos subgrupos, verifica-se a maior frequência de atribuição de classes mais baixas quando se ouviu o retroflexo, e de classes mais altas quando se ouviu o tepe; aparentes exceções se referem

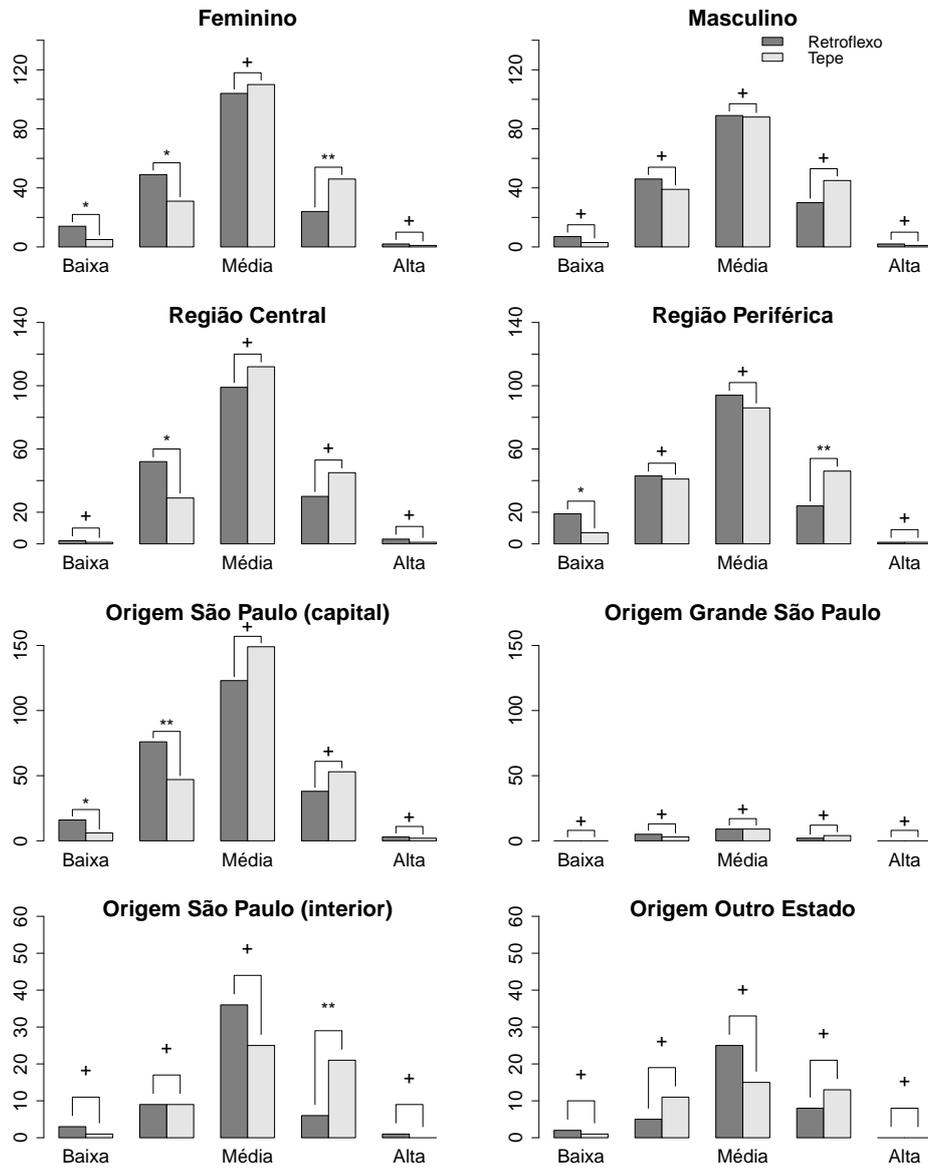


Figura 10.6 Atribuição de Classe Social de acordo com variante escutada e características dos ouvintes
 $+p > 0,05$; $*p < 0,05$; $**p < 0,01$; $***p < 0,001$

a células com poucos dados, cujas diferenças não atingem significância (por exemplo, a atribuição de “Classe Média Baixa” entre os falantes de outros estados).

10.3.3 Lista de características

Esta seção se volta à análise da lista de características (pessoa alta, branca, articulada, metida, tímida etc.) que podiam ser atribuídas aos falantes através de caixas de seleção. A questão aqui é examinar se a atribuição de determinada característica se deve a impressões sobre os falantes individuais ou se é possível inferir o efeito das variantes de (-r). Assim como na análise das variáveis quantitativas e qualitativas, a expectativa é que impressões provocadas pelos falantes ou pelo conteúdo de sua fala, mas não pelo emprego de uma variante de (-r), devem se neutralizar ao ser assinaladas tanto nos estímulos com tepe quanto com retroflexo; se, por outro lado, há um efeito da própria variante, isso deve se refletir em taxas significativamente diferentes de assinalamento das caixas de seleção.

Cada característica foi inicialmente analisada em testes de qui-quadrado a fim de contrastar a frequência com que foi assinalada para cada variante. Dos 30 atributos, apenas cinco se correlacionam significativamente com a variável (-r): caipira, simples, articulada, sofisticada, trabalhadora. A Tabela 10.3 mostra a frequência e a proporção com que as características foram assinaladas (X) em estímulos com cada variante, bem como o teste de qui-quadrado e seus respectivos valores de p . As células sombreadas destacam a variante que favoreceu o assinalamento da caixa de seleção.

Na última linha da tabela, as variantes de (-r) se distribuem equitativamente no total dos dados (50% de retroflexo e 50% de tepe), uma vez que foram controladas na aplicação dos questionários. Três das características se associam ao retroflexo: caipira ($p = 2,24^{-6}$), simples ($p = 0,0002$), e trabalhadora ($p = 0,04$). A principal delas diz respeito a uma identidade geográfica, termo fortemente associado aos paulistas do interior do estado, mas que também tem conotações de *status* por evocar a imagem de pessoas provenientes de zonas rurais, em geral menos escolarizadas e de baixa condição

Tabela 10.3 Características correlacionadas com (-r)

Característica	R	%R	T	%T	Total	χ^2	<i>p</i>
Caipira							
O	329	47,6	362	52,4	691		
X	41	83,7	8	16,3	49	22,38(1)	2,24 ⁶
Simples							
O	228	45,2	276	54,8	504		
X	142	60,2	94	39,8	236	13,74(1)	0,0002
Articulada							
O	263	54,0	224	46,0	487		
X	107	42,3	146	57,7	253	8,67(1)	0,003
Sofisticada							
O	357	51,2	340	48,8	697		
X	13	30,2	30	69,8	43	6,32(1)	0,01
Trabalhadora							
O	255	47,6	281	52,4	536		
X	115	56,4	89	43,6	204	4,23(1)	0,04
Total	370	50,0	370	50,0	740		

R = retroflexo; T = tepe; O = não assinalada; X = assinalada.

socioeconômica. A associação com a característica “simples” se relaciona com a dimensão de *status*, e “trabalhadora” com a dimensão de solidariedade. As outras duas características, “articulada” ($p = 0,003$) e “sofisticada” ($p = 0,01$), associam-se ao tepe e dizem respeito ao *status* dos falantes.

A análise por perfil dos ouvintes (Quadro 10.3) revela tendências bastante semelhantes à comunidade como um todo: em cada grupo, muitas das características relevantes representam uma subseleção das características acima, sempre associadas às mesmas variantes. Surgem, entretanto, algumas novas correlações: as ouvintes do sexo feminino associam os atributos “patricinha/mauricinho” e “mimada” ao tepe, e os originários da Grande São Paulo, do interior e de outros estados associam “solidária”/“sincera” ao retroflexo.

Realizou-se, finalmente, uma análise multivariada de efeitos mistos, com a inclusão de falante e ouvinte como efeitos aleatórios, a fim de verificar se as mesmas características são relevantes em uma análise multifatorial. Nessa análise, “variante” (tepe ou retroflexo) foi incluída como variável

Ouvintes	Retroflexo	Tepe
Sexo feminino	simples caipira trabalhadora	articulada sofisticada mimada patricinha/mauricinho
Sexo masculino	caipira	–
Região Central	caipira simples	articulada
Região Periférica	–	–
Origem São Paulo – capital	caipira simples	articulada sofisticada
Origem Grande SP	solidária	–
Origem São Paulo – interior	caipira simples solidária	–
Origem Outro estado	sincera	

Quadro 10.3 Características correlacionadas com (-r) por perfil dos ouvintes

dependente, ainda que, em rigor, ela seja independente na amostra;²² o intuito foi poder analisar correlações com diversas características simultaneamente. Incluíram-se como variáveis independentes as características que se mostraram relevantes seja na amostra geral, seja para um subgrupo de ouvintes. Tal análise confirmou as correlações com as características assinaladas na amostra geral – “caipira”, “simples”, “articulada” e “sofisticada” – com exceção de “trabalhadora”, que deixou de ser significativa.

A Figura 10.7 resume visualmente a relação entre a lista completa de características e as variantes de (-r). A frequência com que as características foram assinaladas com retroflexo e com tepe é representada nos eixos x e y , respectivamente: quanto mais à direita e para baixo, mais associada ao retroflexo; e quanto mais para a esquerda e para cima, mais associada ao tepe. A linha diagonal representa um ponto “neutro”, de igual proporção entre as variantes. Por exemplo, a característica “ligada à família” foi assinalada frequentemente, mas em proporções praticamente idênticas entre as variantes

²² Diferentemente das análises de produção, a questão não é se outras variáveis têm influência no emprego de (-r), mas sim se a variante ouvida tem influência na atribuição de características aos falantes.

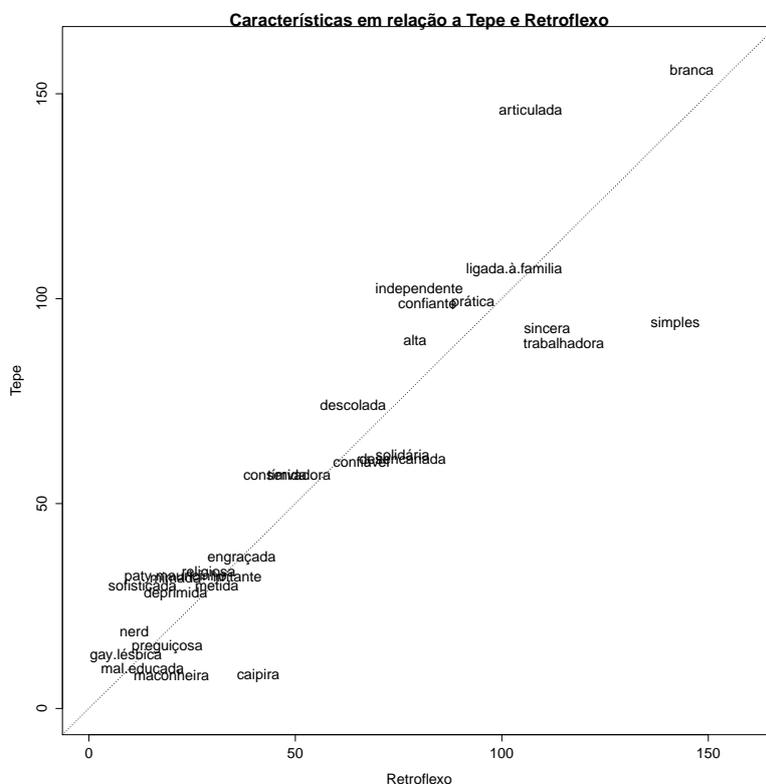


Figura 10.7 Frequência de seleção de características em estímulos com Retroflexo e com Tepe

($R = 103$; $T = 107$). As correlações mais fortes são com os termos que mais se distanciam desse ponto neutro.

Nota-se que, para todas as características, a não seleção é bastante mais frequente do que a seleção; por exemplo, a característica “branca” (canto superior direito), a mais frequentemente assinalada pelos ouvintes ($R = 146$, $T = 156$), representa 41% ($=302/740$) do total de respostas. A concentração de termos no canto inferior esquerdo mostra que a seleção de características foi, em geral, infrequente. Isso significa que as correlações descritas não querem dizer que as variantes impeliram os ouvintes diretamente, mas que as correlações se dão apenas em termos relativos. O termo “articulada” foi mais frequentemente assinalado em estímulos com tepe do que com retroflexo ($R = 107$, $T = 146$), mas o número de vezes em que o termo foi marcado quando se ouviu o retroflexo supera o total de vezes em que se assinalou “caipira” (R

= 41, T = 8).

Por outro lado, também interessa acusar quais características *não* se mostraram significativamente correlacionadas com a realização de (-r). Visto que apenas nove das 30 características se correlacionam com a variável (ou quatro, quando se considera apenas a análise multivariada), é digno de nota que atributos como “alta”, “branca”, “religiosa” e “ligada à família” não se correlacionem com a variável, diferentemente, por exemplo, dos resultados de Lambert *et al.* (1960). De um modo geral, os ouvintes também parecem ter evitado a atribuição de traços negativos como “irritante”, “metida”, “preguiçosa”, “deprimida” e “mal-educada”, para ambas as variantes, tanto na coleta presencial quanto na coleta *online*.

Embora a linha diagonal da Figura 10.7 represente uma divisão entre características associadas ao tepe e ao retroflexo, a proximidade dos termos dessa linha e a relativa ausência de termos nos cantos superior esquerdo e inferior direito – que indicariam fortes correlações – demonstram que a atribuição de características a depender das variantes está longe de ser clara e categórica. Decorre daí que retroflexo não significa “caipira” e “simples” e tepe não significa “articulada” e “sofisticada” *por si só*s, pois competem com muitos outros significados sugeridos pelo mesmo estímulo.

Faz-se necessário um modelo mais abrangente, que permita englobar os múltiplos significados sociais das variantes e analisar suas inter-relações. A próxima subseção discute uma proposta nesse sentido.

10.4 Rumo a um modelo do significado social de variáveis

Até este ponto, demonstrou-se que as variantes de (-r) se correlacionam significativamente, na percepção dos ouvintes, com o grau de paulistanidade, sotaque, centralidade do bairro, formalidade, escolarização, classe social, e atributos como “caipira”, “simples”, “articulada” e “sofisticada”. Ao mesmo tempo, viu-se que certas correlações esperadas inicialmente não se mostraram significativas – por exemplo, a associação de tepe com “alta” ou “patrici-

nha/mauricinho”, ou do retroflexo com “solidária”, “ligada à família” e “mais amigável”. Verificou-se, em especial, uma ampla variabilidade nas respostas, para todas as variáveis. Os resultados sugerem que, longe de estar diretamente associadas com essas características, as variantes de (-r) interagem com uma rede de significados ideologicamente relacionados entre si, a partir dos quais os ouvintes realizam inferências sobre o falante.

Eckert (2008) propõe um modelo mais dinâmico e complexo do significado social da variação linguística por meio do conceito de *campo indexical*.

[...] os significados das variáveis não são precisos ou fixos, mas constituem um campo de significados potenciais – um *campo indexical*, ou constelação de significados ideologicamente relacionados, qualquer um dos quais pode ser ativado no uso situado da variável. O campo é fluido, e cada nova ativação tem o potencial de mudá-lo ao ampliar as ligações ideológicas. Assim, a variação constitui um sistema indexical que incorpora a ideologia na linguagem e que é, por sua vez, parte essencial da construção da ideologia. (Eckert 2008:454. Grifo no original.)²³

O conceito de campo indexical parte de uma crítica aos estudos variacionistas que, desde o trabalho inicial de Labov (2008 [1963]) em Martha’s Vineyard, têm abandonado o interesse sobre o significado social da variação em favor de amplos processos linguísticos, como a Mudança Vocálica das Cidades do Norte no inglês norte-americano; nesse percurso, o significado social passou a se confundir com as correlações demográficas que identificam as categorias de falantes que tendem a empregar determinadas variantes (Eckert, 2008, 2012). A presente análise fornece mais evidências para a interpretação de que a relação entre variantes e significados sociais se dá indiretamente; o fato de que homens favorecem o emprego de retroflexo (Capítulo 5) não implica que a variante significa “masculino” – feminilidade e masculinidade nada têm a ver diretamente com as variantes de (-r). Uma questão que permanece em aberto

²³ Tradução própria. Texto original: “[...] the meanings of variables are not precise or fixed but rather constitute a field of potential meanings – an *indexical field*, or constellation of ideologically related meanings, any one of which can be activated in the situated use of the variable. The field is fluid, and each new activation has the potential to change the field by building on ideological connections. Thus variation constitutes an indexical system that embeds ideology in language and that is in turn part and parcel of the construction of ideology.”

nos estudos sociolinguísticos é como certos significados vêm a se associar com determinadas categorias sociais.

Eckert (2008) se baseia no conceito de Silverstein (2013) de “ordem indexical” para compor um modelo de significados sociolinguísticos. Em diálogo com os conceitos labovianos de indicadores, marcadores e estereótipos (ver Capítulo 2, p. 30), Silverstein define os *índices de primeira ordem* de modo semelhante a indicadores, variantes geográficas ou diastráticas que não se diferenciam em graus de formalidade. A avaliação social sobre os falantes que as empregam pode vir a se associar ao índice e se internalizar nos dialetos dos falantes para indexar outros elementos específicos; segundo Silverstein, nesse ponto o traço se torna um marcador ou *índice de segunda ordem*. A diferença entre o conceito laboviano e o de Silverstein é que, para o último, um índice sempre está disponível para reinterpretação ou atribuição de novos significados, processo que se dá no discurso e em contexto, em um constante reexame das formas linguísticas. Eckert chama a atenção para o fato de que, embora os termos “primeira, segunda, enésima ordem” possam implicar uma linearidade, a possibilidade de superposição de novos significados caracteriza o campo ideológico de associações de modo fluido e dinâmico.

No plano teórico, o modelo de ordens e campos indexicais certamente abre caminho para uma representação mais complexa e coerente com o que se observa nos usos e nas percepções linguísticas. Eles permitem explicar, por exemplo, por que nem todos os falantes e grupos sociais reagem às mesmas variantes homogeneamente; por que o termo “articulada”, apesar de correlacionado com o tepe, também foi atribuído a muitos estímulos em que os falantes empregavam o retroflexo; ou por que a correlação de (-r) com escolarização do falante não se estende para a atribuição de inteligência, como se verifica em muitos outros estudos (p.ex., Mendes no prelo; Campbell-Kibler 2006). É certo que a perspectiva variacionista já prevê variação; contudo, mesmo o linguista informado da heterogeneidade ordenada corre o risco de atribuir significados estáticos às variantes: “classe social baixa – menor grau de escolaridade – sexo masculino”.

Por outro lado, uma grave limitação desse modelo é o fato de não explicitar como se formam campos indexicais, para além de exemplos genéricos e

especulativos. Tome-se como exemplo a proposta de Eckert (2008) para o campo indexical de (ING) (Figura 10.8).²⁴

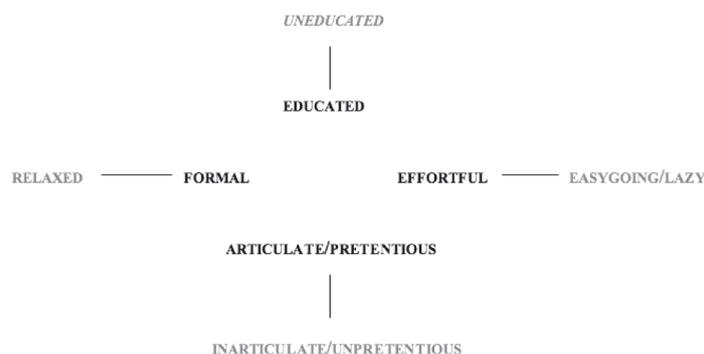


Figura 10.8 Campo indexical de (ING). (Fonte: Eckert 2008 : 466)

Na figura, os termos em negrito se referem a /ɪŋ/ e aqueles em cinza a /in/. A autora se baseia nos resultados do experimento de percepção de Campbell-Kibler (2007a, 2007b, *apud* Eckert 2008), em que os sujeitos associaram a variante velar a escolaridade, inteligência e eloquência (*articulateness*), e a variante apical a informalidade (*casual*) e descontração (*relaxed*). Partindo da pressuposição de que os significados de /ɪŋ/ advêm da produção “total” e portanto “mais dispendiosa” em relação à forma reduzida /in/, a autora também atribui à variante apical os significados potenciais de “preguiçoso” (*lazy*), “indiferente” (*not caring*), “rebeldia” (*rebellion*) e “falta de educação” (*impoliteness*). Nem todos esses termos figuram no campo indexical, mas este inclui características não necessariamente mencionadas pelos sujeitos. Ainda que a autora afirme que os pares de características – *educated/uneducated*, *formal/relaxed* etc. – não devem ser interpretados de modo inflexível, não fica claro por que as variantes devem se relacionar através de pares de opostos.

Um segundo exemplo de campo indexical é fornecido para a pronúncia hiperarticulada de /t/, em palavras como *but* ‘mas’, em contextos em que normalmente não se espera que seja foneticamente realizado. Diferentes estudos mostraram a associação desse traço linguístico a figuras sociais como jovens judeus ortodoxos, homens *gays* e garotas *nerds* (respectivamente, Benor

²⁴ As nuvens de palavras nos Capítulos 4 a 6 podem ser consideradas um tipo de campo indexical; nelas, no entanto, representam-se apenas frequências, mas não a relação entre os termos.

2001, Podesva *et al* 2002, Bucholtz 2001, *apud* Eckert 2008). A Figura 10.9 representa um campo indexical da variável que engloba tais *personas* e outros significados sociais levantados nesses estudos, em um esforço de imaginar como se articulam ideologicamente.

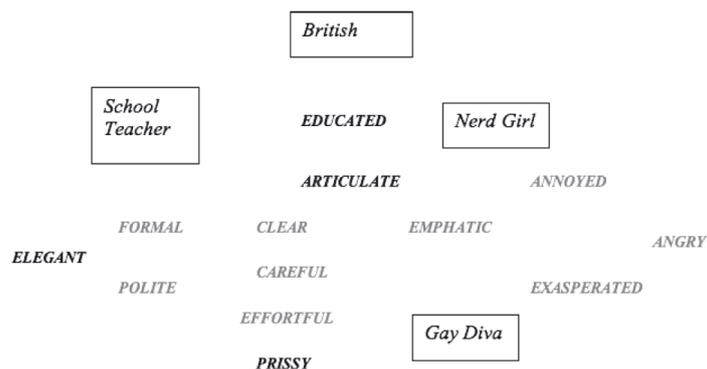


Figura 10.9 Campo indexical de (t). (Fonte: Eckert 2008 : 469)

Nesse caso, os termos não se relacionam por meio de pares de opostos, mas pela proximidade de conceitos: *elegante* – *formal* – *claro* – *articulado* – *escolarizado*; *irritado* – *furioso* – *exaltado* – *enfático*. A representação de Eckert é coerente no sentido de propor uma explicação plausível de como uma mesma variante se associa a significados sociais e *personas* aparentemente desconexos.

Contudo, os problemas que se depreendem desses campos indexicais são sua falseabilidade e replicabilidade: como garantir que as relações propostas têm alguma realidade cognitiva na percepção dos ouvintes? Um pesquisador independente chegaria à mesma representação do campo indexical da variável? Como assegurar que o pesquisador não privilegiará certos atributos, de acordo com suas próprias percepções? Um modelo que não sofra dessas limitações deve se pautar por métodos objetivos o suficiente para que possa ser replicado em outros estudos, e se basear solidamente nos dados de que se dispõe.

10.4.1 Modelagem de campos indexicais através da árvore de distâncias mínimas

Propõe-se aqui um método para computar a coocorrência e inter-relações de múltiplas variáveis: a *árvore de distâncias mínimas*, criada a partir de uma matriz de distância ou de dissimilaridade. Na criação desse modelo, os fatores da variável Zona da Cidade (Zona Oeste, Zona Norte, Zona Sul etc.) foram transformados em variáveis binárias, dependendo de cada fator ter sido assinalado ou não. Classe Social foi reorganizada em apenas dois níveis (classe.baixa ou classe.alta), assim como Faixa Etária (até30anos, 30+anos). A variável Escolaridade foi descartada, uma vez que já é representada pela variável quantitativa Escolarização. Excluíram-se também quatro termos da lista de característica que foram assinalados muito infrequentemente (menos de 30 vezes): “maconheira”, “mal-educada”, “gay/lésbica” e “nerd”. Os demais se mantiveram como variáveis binárias – assinalamento *vs.* não assinalamento da característica.

O método consiste no cálculo de correlações (ou outras medidas de semelhanças/diferenças) entre todos os pares possíveis de variáveis, que resulta em uma matriz com n colunas e n linhas, sendo n o número de variáveis (no presente experimento, 63 variáveis). Tal cálculo foi realizado no programa R através da função `Dist()` do pacote `amap` (Lucas, 2014). A partir da matriz, computou-se a árvore de distâncias mínimas, com auxílio da função `spantree()` do pacote `vegan` (Oksanen *et al.*, 2013).

A Figura 10.10 é uma representação visual da árvore de distâncias mínimas. Os nós mais próximos entre si indicam fatores que coocorreram mais frequentemente. A figura permite avaliar não apenas a relação entre as variantes de (-r) e as demais variáveis, mas também as interligações realizadas pelos ouvintes, conscientemente ou não, entre conceitos evocados nos questionários.

A variante `tepe` aparece próxima às noções de “paulistanidade”, “bairro mais central” e “classe alta”; a atribuição de classe alta, por sua vez, coocorre frequentemente com o julgamento de maior “escolarização” e “inteligência”, e os atributos “articulada” e “branca”. A variante `retroflexa`, por outro lado, aparece mais fortemente associada às noções de “sotaque”, “caipira” e

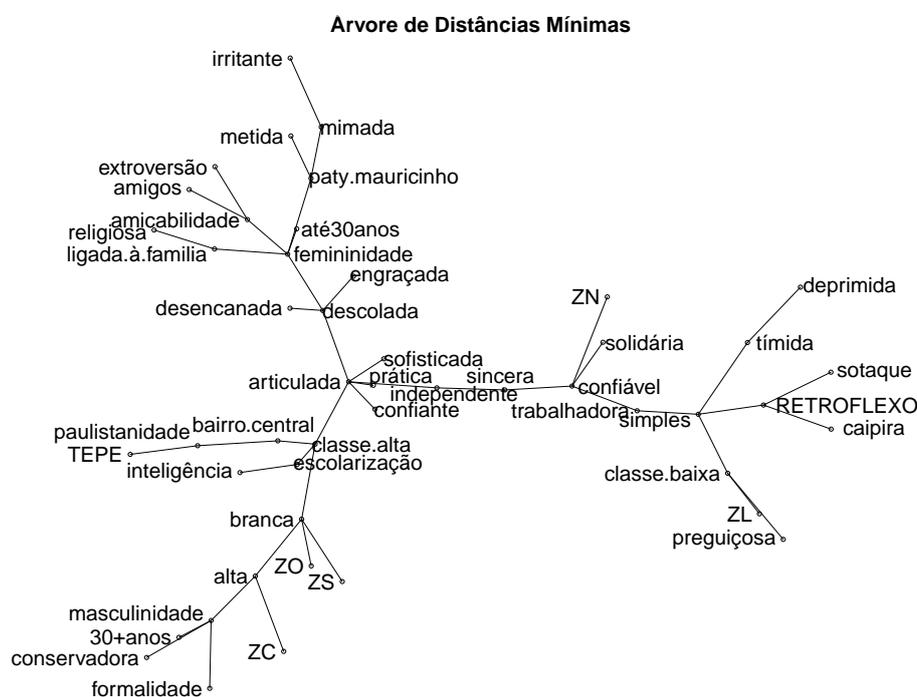


Figura 10.10 Campo indexical de (-r) em São Paulo

“simples”, termo que se relaciona com “trabalhadora” e “classe baixa”.

Não se pretende propor que a figura seja uma representação fiel do mapa mental dos ouvintes, ou que a série de inferências tenha seguido exatamente os caminhos sugeridos. Ao explicitar as relações estabelecidas pelos sujeitos entre conceitos diversos na formação de uma imagem do falante, a árvore permite inferir, de modo mais confiável e menos impressionístico, quais termos são relativamente mais associados entre si e as possíveis rotas de associação que conduziram os ouvintes no preenchimento do questionário.

Ainda que o foco de interesse aqui seja sobre o tepe e o retroflexo, é pouco plausível que os ouvintes tenham se baseado nas variantes como ponto de partida de suas inferências. É possível imaginar, por exemplo, que a primeira impressão do ouvinte foi a de um professor universitário dando uma aula ou palestra, como no excerto (5) (p. 277), a partir de um julgamento de boa articulação verbal do falante; o ouvinte pode então ter inferido um maior grau de escolarização e sofisticação, e possivelmente que se trata de uma pessoa

de classe média ou média alta que vive em um bairro correspondente a sua classe; nesse sentido, escutar uma ou outra variante – conscientemente ou não – pode levar ao reforço de uma determinada imagem, sua conciliação ou revisão de outros elementos, ou a formulação de uma nova imagem por completo. Vale notar que foi possível observar, na coleta presencial, a troca ou o ajuste de respostas previamente assinaladas e, por vezes (embora muito mais raramente), até mesmo a revisão de respostas fornecidas para outro estímulo ouvido previamente.

A conexão entre todos os termos da árvore mostra que é possível se chegar a qualquer um deles, mas com diferentes probabilidades de associação. O termo “articulada”, por exemplo, encontra-se próximo ao centro da árvore, quase “a meio caminho” entre o tepe e o retroflexo, embora um pouco mais próximo do primeiro; isso explica a correlação observada anteriormente com o tepe, ao mesmo tempo que permite compreender por que o termo também foi frequentemente assinalado quando se ouviu o retroflexo. Por outro lado, o termo “caipira” se encontra mais próximo apenas de retroflexo, “sotaque” e “simples”, e bastante distante do tepe, o que explica sua forte correlação com o retroflexo, ainda que assinalado menos frequentemente do que “articulada”.

O modelo de Eckert (2008) prevê a dinamicidade dos significados sociais das variantes, que podem diferir de acordo com os falantes, os ouvintes, a situação de fala, a postura (*stance*; ver, p.ex., Jaffe 2009) dos interlocutores etc. É certo que as próprias condições experimentais nesta análise procuraram diminuir o efeito de todas essas variáveis, mas já se observou que ouvintes de diferentes perfis sociais têm tendência a atribuir maior ou menor importância para cada variável. Essas diferenças de percepção podem ser visualizadas nas figuras adiante, que apresentam árvores de distâncias mínimas de acordo com o Sexo/Gênero (Figura 10.11), a Região de Residência (Figura 10.12) e a Origem (Figura 10.13) dos ouvintes (esta última, em uma divisão binária paulistanos *vs.* não paulistanos).

A comparação desses diagramas com o da amostra geral possibilita a identificação de padrões recorrentes em todos os grupos, bem como suas especificidades. Certos *clusters* de associações aparecem em todas as árvores: paulistanidade-bairro.central-classe.alta-escolarização; retroflexo-caipira-

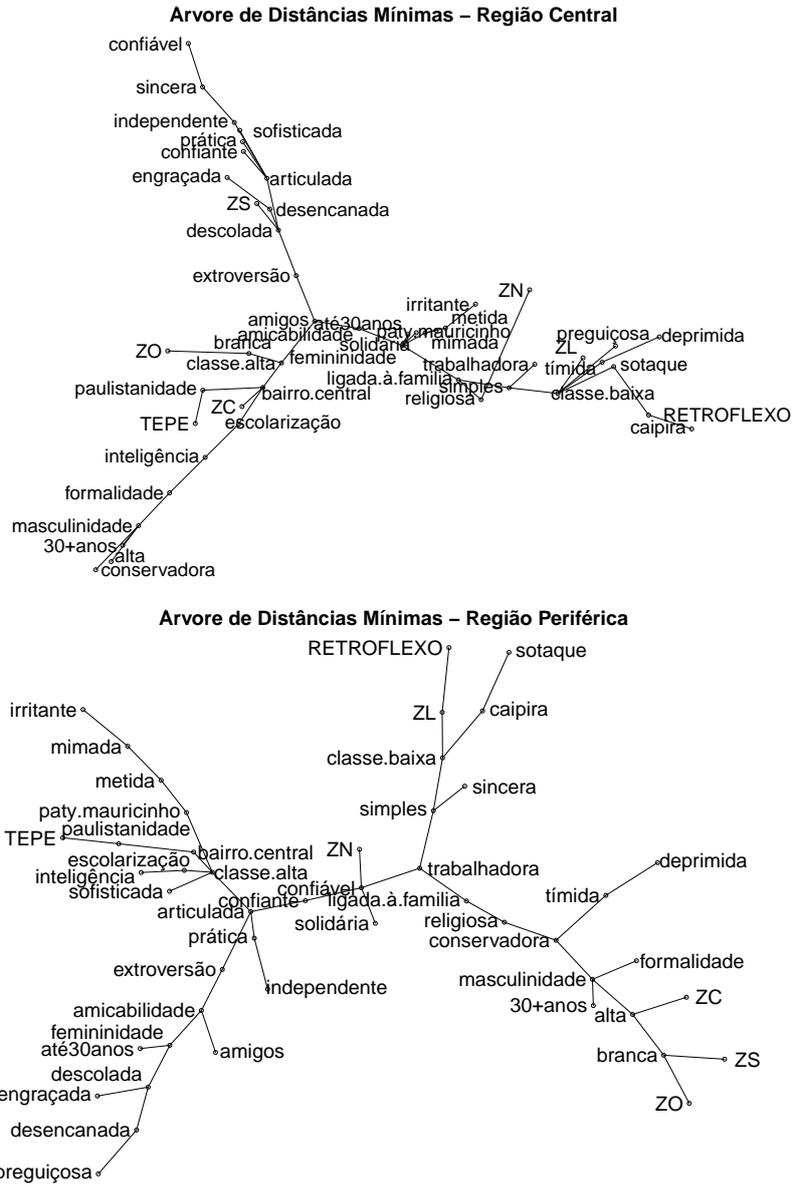


Figura 10.12 Campos indexicais de (-r) de acordo com Região de Residência dos ouvintes

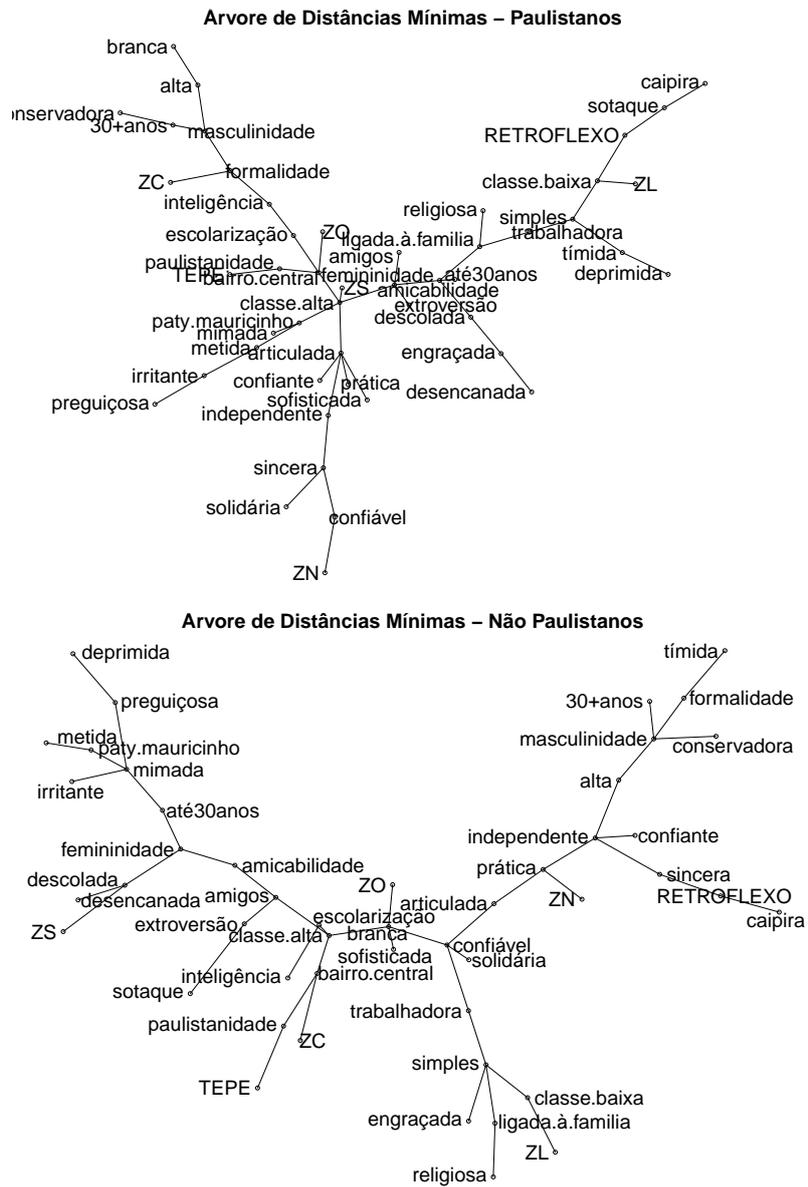


Figura 10.13 Campos indexicais de (-r) de acordo com Origem dos ouvintes

simples; simples-trabalhadora-classe baixa-ZL; patricinha/mauricinho-mimada-metida-irritante; amigos-amicabilidade-extroversão. Os dois primeiros sempre aparecem próximos às variantes tepe e retroflexa, respectivamente, o que mostra a consistência da associação desses termos em toda a comunidade.

A correlação verificada entre o retroflexo e a Zona Leste (e com nenhuma outra zona) pode ser explicada por essa rede de relações. No imaginário da comunidade, essa parte da cidade se associa à classe baixa e a pessoas “simples” e “trabalhadoras”. Tal associação se dá parcialmente com base nas experiências cotidianas e parcialmente por um processo de *apagamento* – no sentido de Irvine (2001) –, em que certos dados são ignorados, como a presença maciça da classe média e média alta nessa zona, ou a existência da classe baixa em todas as zonas. A percepção de que os falantes eram da Zona Leste quando ouvidos com o retroflexo, desse modo, ocorre pela associação indireta, mas recorrente, entre os termos dessa rede de conceitos.

O termo “sotaque”, apesar de figurar no *cluster* “retroflexo-caipira-simples” na amostra geral, aparece mais indiretamente relacionado com o retroflexo para os ouvintes da região periférica (mediado pelo nó “classe baixa”) e em posição bastante distante na árvore dos não paulistanos – para esses últimos, aliás, mais próximo do tepe do que do retroflexo. Essas diferenças refletem as correlações observadas anteriormente: para os moradores de regiões periféricas, o retroflexo não é um sotaque tão marcado, e para os provenientes de outras cidades, tanto o retroflexo quanto o tepe são “sotaques”.

Outros *clusters* surgem em diferentes pontos. O *cluster* “patricinha/mauricinho-mimada-metida-irritante” figura mais próximo da variante tepe nas árvores das mulheres, da região periférica e de paulistanos, mas relativamente equidistante das variantes nas árvores dos homens, da região central e não paulistanos. O fato de certas redes de conceitos se moverem “em bloco” dá pistas dos caminhos possíveis para novas inferências e potenciais significados sociais das variantes – nas palavras de Silverstein (2013, *apud* Eckert 2008:464), “sempre imanentes”, o valor $n + 1$ da ordem indexical. São noções que se associam no imaginário das pessoas de modo relativamente independente de usos linguísticos (ou de certas variantes específicas); uma vez que um dos conceitos se aproxima de uma variante, toda aquela rede de relações se torna

disponível para novos significados.

O modelo de árvore de distâncias mínimas também mostra que nem todos os significados “imanescentes” têm a mesma probabilidade de associação a variantes. O *cluster* que engloba “patricinha” parece ter entrada preferencial via “classe.alta” – na árvore de mulheres, paulistanos e da região periférica – ou via “feminilidade” – na árvore de homens, região central e não paulistanos. Na análise das escalas de diferenciais semânticos, constatou-se que as diferentes pronúncias de (-r) se correlacionam significativamente com Classe Social, mas não com Feminilidade. Tal fato prevê que os ouvintes que associam o *cluster* “patricinha/mauricinho-mimada-metida-irritante” à classe alta (como as mulheres) têm maior probabilidade de também associá-lo ao tepe do que os ouvintes que associam o *cluster* a Feminilidade (como os homens). De fato, nas correlações da lista de característica por grupos de ouvintes, verificou-se que as mulheres associam o tepe a patricinhas ($p < 0,02$), diferentemente dos homens ($p = 0,71$) (ver Quadro 10.3, p. 305).

Desse modo, a árvore de distâncias mínimas permite representar a dinamicidade de relações entre variantes linguísticas e seus potenciais significados sociais, ao mesmo tempo que mostra que tais relações não são fortuitas, caóticas ou radicalmente subjetivas: há estrutura nessas relações e certas inferências são mais prováveis do que outras. Um modelo coerente dos significados sociais da variação deve abarcar tais associações que fazem parte da competência comunicativa dos membros da comunidade.

10.5 Síntese

As análises das variáveis quantitativas, qualitativas e da lista de características revelaram resultados concordantes entre si sobre os significados sociais de (-r) na cidade de São Paulo. O principal significado das variantes se refere a identidades geográficas (capital *vs.* interior; centro *vs.* periferia), e tais significados se estendem para o *status* relativo dos falantes na comunidade e, em menor grau, a inferências sobre o caráter dos indivíduos.

Quando houve correlações significativas, todas elas seguiram a direção prevista: o retroflexo é julgado mais negativamente em traços que se refe-

rem ao *status* dos falantes (classe social, nível de escolaridade, formalidade, centralidade do bairro, articulação e sofisticação), e mais positivamente em características associadas às dimensões de solidariedade e dinamismo (trabalho, simplicidade, sinceridade, solidariedade). Tais resultados estão de acordo com estudos prévios, que verificaram que línguas, variedades e variantes favorecidas pelas classes menos privilegiadas são percebidas mais negativamente quanto a atributos de *status* e valorizadas quanto a traços de solidariedade.

Se todas as correlações observadas seguem as previsões, por que realizar análises de percepção?

Primeiramente, é necessário atentar para o fato de que certas hipóteses aventadas não se concretizam nos dados, como a correlação com Inteligência, Feminilidade/Masculinidade, e atributos pessoais como aparência física e religiosidade. Um modelo de percepções sociolinguísticas deve explicitar diferenças entre comunidades e entre variáveis sob investigação. Diferentemente dos resultados de Mendes (no prelo) para a (CN) em São Paulo, os significados sociais de (-r) não parecem se estender para noções de masculinidade/feminilidade – o que mostra que correlações verificadas nas análises de produção não se replicam automaticamente na percepção dos ouvintes. Além disso, no caso de (-r), julgamentos sobre a escolaridade não se estendem para o grau de inteligência dos falantes – os falantes são percebidos como menos escolarizados quando ouvidos com retroflexo, mas não como menos inteligentes.

Ao mesmo tempo, verificaram-se interações entre as variantes, por um lado, e a Região de Residência e Origem dos ouvintes, por outro, quanto ao grau de Paulistanidade e de Sotaque dos falantes, o que revela que tais conceitos diferem entre grupos sociais. Tais diferenças têm consequências para a interpretação dos significados sociais das variantes de (-r): os habitantes de regiões mais periféricas são mais tolerantes quanto à “paulistanidade” do retroflexo, bem como os migrantes de outros estados, para quem o retroflexo é tão paulistano quanto o tepe. Entretanto, enquanto os moradores de bairros periféricos, os paulistas advindos da Região Metropolitana e os do interior do estado atenuam a marcação do retroflexo como um “sotaque”, os migrantes de outros estados se alinham com os paulistanos de regiões mais centrais ao

considerar o retroflexo como uma forma mais marcada do que o tepe.

Um modelo de percepções sociolinguísticas e dos significados sociais de variantes deve dar conta não apenas das inferências realizadas pelos ouvintes, mas também daquelas que se dão diferentemente ou que não se realizam, e por quê. Este capítulo se baseou no conceito de [Eckert \(2008\)](#) de campos indexicais para propor um modelo de como os significados sociais se associam a determinadas variantes, e apresentou o modelo de árvores de distâncias mínimas para computar e representar, de modo falseável e não impressionístico, a rede de associações realizadas pelos ouvintes. Tal modelo permite interpretar as correlações observadas e prever quais significados têm maior probabilidade de ser atribuídos às variantes; permite, enfim, entrever a dinâmica de percepções e de significados sociais das variantes, sua estrutura e seu encaixamento social.

11

Conclusão

O presente trabalho teve como principal objetivo analisar as relações entre processos de variação e mudança linguística, por um lado, e a manifestação de identidades e de significados sociais através de usos linguísticos, por outro, em uma comunidade ainda pouco estudada mas particularmente fértil para o desenvolvimento de investigações sociolinguísticas. Por meio do exame de quatro variáveis do português paulistano – a realização de (ẽ) como monotongo ou ditongo; a pronúncia de (-r) como tepe ou retroflexo; a alternância entre marca zero e marca explícita de concordância nominal; e a alternância de número na concordância verbal –, exploraram-se as relações entre avaliação, produção e percepção linguística.

Mais especificamente, a pesquisa se voltou às seguintes questões: (i) quais identidades urbanas se associam ao emprego dessas variantes; (ii) como funcionam os mecanismos que regulam a adesão ou a resistência a certas normas linguísticas por parte de diferentes grupos sociais; e (iii) se a cidade de São Paulo pode ser considerada uma única comunidade de fala.

Demonstrou-se que os falantes paulistanos, não obstante o alto grau de heterogeneidade e diversidade sociodemográfica da comunidade, revelam usos e avaliações amplamente concordantes: os indivíduos exibem as mesmas regras variáveis e compartilham de avaliações quanto ao valor social das variantes. Os padrões de regras variáveis, do tipo “há maior tendência de emprego de marca zero em plurais regulares do que em plurais irregulares, ou em SNs com o traço [+humano] do que [-humano]”, aplicam-se consistentemente na fala de indivíduos e na comunidade como um todo. No entanto, o compartilhamento

de normas de uso e de avaliação não implica homogeneidade, tampouco a atuação independente de uma série de variáveis.

As análises das quatro variáveis sociolinguísticas mostram que a constatação de “variação estável” ou de “mudança em progresso” pode esconder um encaixamento mais complexo, mas igualmente estruturado, dentro da comunidade. Ao mesmo tempo, os fluxos e contrafluxos podem ser mais bem compreendidos pela análise das associações feitas pelos membros da comunidade com certos significados e identidades sociais. Se a mudança linguística nem sempre é unidirecional, o que a faz ser em certos casos? Quando se verificam tendências divergentes, quais as motivações para tal? Esta tese explora o possível impacto dos significados sociais das variantes nesses processos.

A análise sobre o encaixamento social e linguístico de (ẽ) revelou uma provável mudança em curso, em tempo aparente, na direção da variante ditongada [ẽj̃]. Tal mudança tem sido liderada pelas mulheres e membros de classes mais altas, e tem ocorrido abaixo da consciência dos falantes. Argumentou-se que tal mudança tem se dado vigorosa e unidirecionalmente justamente pelo fato de a variável constituir um marcador para os paulistanos, que conscientemente não associam a variante a grupos sociais específicos, tampouco apresentam um metadiscorso elaborado sobre suas “regras” de uso, diferentemente do que ocorre com (-r), (CN) e (CV).

Essas três variáveis, em contraste, encontram-se em aparente variação estável na comunidade, mas certos grupos sociais têm se movimentado em direções diferentes ou até contrárias. No caso de (-r), os falantes de classes mais baixas e os residentes de regiões periféricas demonstram um movimento na direção da variante retroflexa, enquanto os de classes mais altas e regiões mais centrais exibem estabilidade ou início de mudança em direção ao tepe. O movimento do primeiro grupo na direção do retroflexo possivelmente foi motivado pela presença de uma terceira variante na comunidade, a realização fricativa de (-r), associada a migrantes do Norte e do Nordeste do país. Sugeriu-se que o retroflexo foi reinterpretado como variante local e de prestígio por parte desses grupos, interpretação que também se apoia na análise de percepções, já que migrantes de outros estados que hoje vivem em São Paulo

parecem não diferenciar o retroflexo e o tepe em termos de paulistanidade (embora considerem o retroflexo como um sotaque mais marcado do que o tepe). Por parte dos jovens de classes mais altas, seu movimento divergente na direção do tepe (contrário aos falantes mais velhos de mesma classe social) tem se dado como reação à percepção de que o retroflexo se associa não só a interioranos, mas também a falantes de classes mais baixas e de periferia.

As concordâncias de número em SNs, SVs de 1PP e SVs de 3PP apresentam estratificação bastante similar na comunidade. As concordâncias nominal e verbal exibem um quadro de mudança na direção da marca explícita de plural em regiões mais centrais e se configuram em curvas em “U” nas regiões periféricas – possível exceção feita apenas para a concordância verbal de 1PP, que esboça mudança em favor da marca zero entre os habitantes da periferia. No caso da concordância nominal, tal mudança para a variante sancionada pela norma padrão por parte dos jovens de áreas centrais parece estar relacionada com o enfraquecimento da associação da marca zero com identidades locais, com bairros tradicionais e com noções de paulistanidade, prevalecendo o discurso do “erro”, da “falta de escolaridade” e de “ignorância do bom português”. Sugeriu-se, entretanto, que a variante também funciona como índice de masculinidades para os homens paulistanos, o que resgata seu valor social em determinados contextos e renova sua vitalidade.

Quanto à concordância verbal, 1PP e 3PP se distribuem de modo muito semelhante na comunidade, com um mesmo conjunto de regras variáveis, mas se diferenciam em valor social pelo fato de a marca zero de 1PP ser favorecida, em relação à de 3PP, por falantes menos escolarizados, de classe mais baixa e de menor mobilidade, cuja fala tem maior probabilidade de ser estigmatizada (nos demais grupos sociais, 1PP e 3PP não se diferenciam em tendências de uso).

Os recorrentes padrões de correlação entre as quatro variáveis sob análise e variáveis sociais – Sexo/Gênero, Faixa Etária, Nível de Escolaridade, Região de Residência, Classe Social, Origem dos Pais e Mobilidade – se refletem em certo grau de coesão dialetal na comunidade, através do emprego simultâneo de certos pares de variantes. Entretanto, a covariação entre pares de variáveis sociolinguísticas não é tão frequente ou tão robusta quanto similaridades

linguísticas e de estratificação social levariam a supor: a variável (ẽ) se encaixa de modo independente das demais, e a pronúncia retroflexa de (-r) não covaria com seu apagamento ou com o emprego de 1PP-∅; as concordâncias verbais de 1PP e de 3PP, embora constituam uma mesma variável sociolinguística, não necessariamente covariam nos usos dos falantes. Argumentou-se que a coesão dialetal não é promovida por amplas categorias sociodemográficas como Sexo/Gênero ou Faixa Etária, mas pelo princípio mais fundamental de densidade de comunicação e por variáveis linguísticas que se correlacionam com múltiplas variáveis dependentes, sendo as formas menos marcadas as mais propensas à covariação.

Associações entre variantes linguísticas e significados sociais não decorrem diretamente das correlações verificadas nas análises de produção linguística. Para compreender o impacto de seus múltiplos significados sociais – nunca estáticos, mas sempre dinâmicos e situados – em processos de variação e de mudança, é necessário se voltar aos mecanismos pelos quais certas variantes vêm a adquirir certos valores. A análise de percepções sobre (-r) em São Paulo mostrou que as variantes se associam a uma rede de significados que se organizam em *clusters*, cada qual com diferentes probabilidades de associação com variantes linguísticas. Tais probabilidades são mediadas por características sociais dos ouvintes; embora diferentes grupos demonstrem grande consenso quanto aos valores relativos das variantes – p.ex., maior grau de paulistanidade do tepe ou maior grau de ‘sotaque’ do retroflexo –, as diferenças de *graus* de avaliação são relevantes, pois constituem o *locus* privilegiado para a atribuição de novos significados sociais e o desencadeamento de novos movimentos linguísticos.

Todos esses padrões fazem parte da competência comunicativa dos membros de uma comunidade. Este estudo se voltou ao desenvolvimento de modelos sobre tais conhecimentos, que compreendem:

- (i) as taxas de emprego de variantes em diferentes grupos com os quais os falantes têm contato;
- (ii) as tendências de emprego de variantes em contextos específicos, sociais (quanto à situação de fala, aos interlocutores envolvidos, a grupos sociais locais e censitários etc.) e linguísticos (quanto ao contexto fônico, à

- classe da palavra etc.);
- (iii) quais variantes tendem a coocorrer e quais se encaixam de modo independente;
 - (iv) o valor e os significados sociais de variantes em contextos situados de usos linguísticos, sejam tais significados imanentes ou ratificados pela comunidade.

Tais conhecimentos não precisam ser conscientes para ser colocados em prática. Do mesmo modo que não é necessário saber equações de segundo grau para se atravessar uma rua – e tal conhecimento está envolvido no cálculo de velocidades, de tempos e de distâncias –, tampouco os falantes precisam saber *falar sobre* as competências envolvidas em suas interações cotidianas para se comunicar eficientemente. Esses conhecimentos são aprendidos na experiência cotidiana (que difere de indivíduo para indivíduo) e são bem estruturados.

Além dessas questões mais amplas, o presente estudo avança em certos pontos de interesse específicos das análises sociolinguísticas:

- (i) a discussão a respeito de escolaridade e de classes sociais em comunidades brasileiras;
- (ii) a utilização de novas ferramentas de análise, como o programa R;
- (iii) métodos para a manipulação de grandes quantidades de dados;
- (iv) métodos para a computação de campos indexicais de variáveis e variantes linguísticas.

Os estudos sociolinguísticos brasileiros tradicionalmente se baseiam em níveis de escolaridade para traçar inferências a respeito de influências tanto supravernaculares quanto da posição socioeconômica dos falantes sobre sua fala. Ainda que indubitavelmente interligadas, essas variáveis e seus respectivos efeitos não coincidem, sobretudo em uma comunidade em que o aumento dos níveis médios de escolarização não conduziu à erradicação de classes sociais – longe disso. Linguisticamente, as regras variáveis quanto à presença de marca zero de (CN) de acordo com a Posição Linear do vocábulo, em termos binários (primeira posição *vs.* outras) ou em termos contínuos (primeira, segunda, terceira posição etc.), revela o impacto da escolarização, mas não de classe social. As correlações com Nível de Escolaridade e Classe Social observadas neste estudo sempre sinalizaram a preponderância da segunda sobre a primeira,

como uma variável com maior poder explanatório dos padrões de variação. Não se pretende haver apresentado aqui um modelo acabado para a análise da variável Classe Social, em São Paulo ou para o português brasileiro, mas se propõem critérios que devem ser refinados em estudos futuros.

As análises deste trabalho foram desenvolvidas com o programa R, que não apenas permite realizar o teste estatístico de correlações em análises multivariadas como no Varbrul/GoldVarb, mas também empregar uma gama de outras ferramentas estatísticas e computacionais (modelos de efeitos mistos, testes-t, correlações de Pearson, automatização de rotinas através de *scripts* para manipulação de grande quantidades de dados, criação de gráficos, entre muitas outras). Trata-se de um valiosíssimo recurso adicional na caixa de ferramentas de análises sociolinguísticas.

Em especial, apresentou-se um método para computar a coocorrência de associações realizadas pelos ouvintes do experimento de percepção, com vistas a criar modelos falseáveis e empiricamente embasados de campos indexicais de variáveis/variantes linguísticas. Tais modelos possibilitam uma melhor interpretação de resultados sobre correlações e de como os significados sociais podem ser a um tempo não estáticos e estruturados.

Finalmente, cabe ressaltar que este trabalho atualiza uma agenda de pesquisas sobre o português da cidade de São Paulo, na qual também se incluem o contato linguístico com italianos, árabes, japoneses, bolivianos, peruanos e brasileiros de toda parte; inúmeras comunidades de práticas que convivem no espaço urbano; os padrões de variação dos falantes que residem nas dezenas de outros municípios que compõem a Região Metropolitana e transitam pela capital cotidianamente. A diversidade sociodemográfica de São Paulo ainda deixa muito a se explorar.

Referências Bibliográficas

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques & PAGOTTO, Emilio Gozze. “Nasalização fonética e variação.” *In*: ABAURRE, Maria Bernadete M. (Ed.), *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção fonológica da palavra*, pp. 141–164. São Paulo: Contexto, 2013.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. (Domínio Público), 1920.
URL <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000004.pdf>
- ANTONINO, Vivian. *A concordância nominal em predicativos do sujeito e em estruturas passivas no português popular do interior do estado da Bahia*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2007. 119f.
URL <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12040/1/Vivian%20Antonino%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- ASH, Sharon. “Social class.” *In*: CHAMBERS, J.K. & SCHILLING-ESTES, N. (Eds.), *The handbook of language variation and change*, pp. 350–367. Malden, MA: Blackwell, 2013 [2002].
- BAAYEN, R. Harald. *Analysing linguistic data: a practical introduction to Statistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1993. 125f.
- . “A redução dos ditongos nasais átonos.” *In*: BISOL, Leda & BRESKAN-

- CINI, Claudia (Eds.), *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*, pp. 183–202. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.
- . “Redes sociais, identidade e variação linguística.” *In*: FREITAG, Raquel Meister Ko (Ed.), *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*, pp. 79–98. São Paulo: Blucher, 2014.
 URL <http://blucheropenaccess.com.br/pdf/mcmds/7cap.pdf>
- BATTISTI, Elisa, DORNELLES FILHO, Adalberto Ayjara, LUCAS, João Ignacio Pires & BOVO, Nínive Magdiel Peter. “Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes.” *ReVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, vol. 5(9), 1–29, 2007.
 URL http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_palatalizacao_das_clusivas_alveolares.pdf
- BAYLEY, Robert. “The quantitative paradigm.” *In*: CHAMBERS, J.K. & SCHILLING-ESTES, N. (Eds.), *The handbook of language variation and change*, pp. 85–107. Malden, MA: Blackwell, 2 ed., 2013 [2002].
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 37 ed., 2005.
- BECKER, Kara. “/r/ and the construction of place identity on New York City’s Lower East Side.” *Journal of Sociolinguistics*, vol. 13(5), 634–658, 2009.
- BENTES, Anna Christina & RIOS, Vivian Cristina. “Razão e rima: reflexões em torno da organização tópica de um rap paulista.” *Cadernos de Estudos Linguísticos*, vol. 48(1), 115–124, 2006.
 URL <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1547/1120>
- BIELER DA SILVA, Mariane Esteves. “Entre duas metrópoles: a sociolinguística de Itanhandu.” Projeto de Mestrado (CAPES) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do DL–FFLCH–USP, 2013. Ms.

- BISOL, Leda. “A nasalidade, um velho tema.” *DELTA*, vol. 14, 27–46, 1998.
 URL http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300004&lng=en&nrm=iso
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1973 [1933].
- BOERSMA, Paul & WEENINK, David. “Praat: doing phonetics by computer.”, 2014. Último acesso em 25 set./2014.
 URL <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Polity Press, 1991.
- BRANDÃO, Silvia. “Nas trilhas do -R retroflexo.” *Signum: Estudos Linguísticos*, vol. 10(2), 265–283, 2007.
 URL <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4448/5073>
- . “Variantes [+ant] de R na fala fluminense.” *Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN*, vol. 1, 2685–2692, 2009.
 URL <http://abralin.org/site/publicacao-em-anais/abralin-joao-pessoa-2009/>
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo & VIEIRA, Silvia Rodrigues. “Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português.” *Alfa*, vol. 56(3), 1035–1064, 2012.
 URL <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4913/4371>
- BRESCANCINI, Claudia & MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. “Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações.” *Signum: Estudos Linguísticos*, vol. 11(2), 51–66, 2008.

- URL <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3041/2584>
- CALLOU, Dinah, LEITE, Yonne & MORAES, João. “Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil.” *In: ABAURRE, B. & RODRIGUES, A. (Eds.), Gramática do português falado: novos estudos descritivos, vol. VIII*, pp. 537–555. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- CALLOU, Dinah, MORAES, João & LEITE, Yonne. “Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil.” *In: Gramática do português falado, vol. VI*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- . “Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e tempo real.” *DELTA [online]*, vol. 14, 00–00, 1998.
URL http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000300006&script=sci_arttext
- CAMACHO, Roberto Gomes. “Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística.” *DELTA*, vol. 26(1), 141–162, 2010.
URL <http://www.scielo.br/pdf/delta/v26n1/06.pdf>
- CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. *Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)*. Tese de Doutorado. Stanford University, 2006. 282f.
URL http://www.ling.ohio-state.edu/~kbck/KCK_diss.pdf
- . “The nature of sociolinguistic perception.” *Language Variation and Change*, vol. 21, 135–156, 2009.
- . “The effect of speaker information on attitudes toward (ING).” *Journal of Language and Social Psychology*, vol. 29(2), 214–223, 2010a.
- . “Sociolinguistics and perception.” *Language and Linguistics Compass*, vol. 4(6), 377–389, 2010b.
- . “The Implicit Association Test and sociolinguistic meaning.” *Lingua*, vol. 122(7), 753–763, 2012.

- CANEVER, Fernanda. *Evidências para um modelo de língua baseado no uso: o infinitivo flexionado em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2012. 165f.
 URL <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-02082012-133430/pt-br.php>
- CASTILHO, Ataliba T. (Ed.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- . *História do português paulista*, vol. I – Série Estudos. Campinas: Instituto da Linguagem/UNICAMP, 2009.
- CASTILHO, Ataliba T., JUBRAN, Clélia Cândida A. S. & KOCH, Ingedore G. V. (Eds.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- CASTILHO, Ataliba T. & PRETI, Dino (Eds.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*, vol. I – Elocuções Formais. São Paulo: T.A. Queiroz, 1986.
- . *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*, vol. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 1987.
- CEDERGREN, Henrietta J. & SANKOFF, David. “Variable rules: Performance as a statistical reflection of competence.” *Language*, vol. 50(2), 333–355, 1974.
 URL <http://www.ling.upenn.edu/courses/cogs501/CedergrenSankoff1974.pdf>
- CELIA, Gianni Fontis. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2004.
 URL <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000316849>
- CHAMBERS, Jack K. *Sociolinguistic Theory. Linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

- CHESHIRE, Jenny. “Sex and gender in variationist research.” *In*: CHAMBERS, J. K., J., TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (Eds.), *The handbook of language variation and change*, pp. 423–443. Malden, MA: Blackwell, 2002.
- CLEMENTS, G. N. & HUME, Elizabeth V. “The internal organization of speech sounds.” *In*: GOLDSMITH, John A. (Ed.), *The handbook of phonological theory*, pp. 245–306. Oxford: Blackwell, 1995.
- COELHO, Rafael F. *É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana. O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação de plural no verbo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2006. 182f.
- COLLEY, Michael. “Variação fonética nas vogais nasais e nasalizadas no português carioca.” Trabalho apresentado no VII Congresso da ABRALIN – Curitiba, 2011.
- COREY, David M., DUNLAP, William P. & BURKE, Michael J. “Averaging correlations: expected values and bias in combined Pearson rs and Fisher’s z transformations.” *The Journal of General Psychology*, vol. 125(3), 245–261, 1998.
- COUPLAND, Nikolas. *Style. Language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português. Roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Editora Contexto, 9 ed., 2007.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *A nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 3 ed., 2007.
- DEMASI, Rita de Cássia Benevides. *A ditongação nasal no português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2009. 234f.
 URL <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15032010-123909/pt-br.php>

- DIAS, Juçá Fialho Vazzata & FERNANDES, Marisa. “A inter-relação da concordância nominal e da concordância nos predicativos/particípios passivos, sob enfoque da teoria da variação e mudança linguística.” *Organon*, vol. 14(28–29), 115–131, 2000.
 URL <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30199/18708>
- DODSWORTH, Robin. “Social class.” *In*: KERSWILL, Paul, JOHNSTONE, Barbara & WODAK, Ruth (Eds.), *The SAGE Handbook of Sociolinguistics*, pp. 192–208. London: SAGE Publications, 2011.
- DORNELES, Darlan Machado & CERQUEIRA, Vicente Cruz. “O apagamento do /R/ na fala urbana de Rio Branco – AC: um estudo sociolinguístico.” *Revista Philologus*, vol. 51, 112–123, 2011. Rio de Janeiro.
 URL <http://www.filologia.org.br/revista/51supl/10.pdf>
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & VAREJÃO, Filomena. “Null subjects and agreement marks in European and Brazilian Portuguese.” *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 12(2), 101–124, 2013.
- ECKERT, P. & MCCONNELL-GINET, S. “Think practically and look locally.” *Annual Review of Anthropology*, vol. 21(21), 461–90, 1992.
- ECKERT, Penelope. “Style and social meaning.” *In*: *Style and sociolinguistic variation*, pp. 119–126. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- . “Variation and the indexical field.” *Journal of Sociolinguistics*, vol. 12(4), 453–476, 2008.
- . “Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation.” *Annual Review of Anthropology*, vol. 41, 87–100, 2012.
 URL <http://www.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWavesofVariation.pdf>
- FERNANDES, Marisa. *Concordância nominal na região sul*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1996. 143f.

- URL <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/112113/104707.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- FERREIRA, Jesuelem Salvani & TENANI, Luciani. “A redução do gerúndio à luz da fonologia lexical.” *Estudos Linguísticos*, vol. 38(1), 59–68, 2009.
 URL http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N1_05.pdf
- FREITAG, Raquel Meister Ko., MARTINS, Marco Antonio & TAVARES, Maria Alice. “Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações.” *Alfa*, vol. 56(3), 917–944, 2012.
 URL <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4907/4367>
- GARRETT, Peter. *Attitudes to language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- GILES, Howard & BILLINGS, Andrew C. “Assessing language attitudes: speaker evaluation studies.” In: DAVIES, Alan & ELDER, Catherine (Eds.), *The handbook of applied linguistics*. Malden, MA: Blackwell, 2004.
- GOMES DA SILVA, Fernando. *Alagoanos em São Paulo e a concordância nominal de número*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2014.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. “Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista.”, s/d. Último acesso em 25 set./2014.
 URL <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>
- GÖRSKI, Edair. “Variação no uso do infinitivo pessoal.” *Organon*, vol. 28/29(14), 95–113, 2000. Porto Alegre, UFRGS.
 URL <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30198/18707>
- GRIES, S. T. *Statistics for Linguistics with R*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009a.

- GRIES, Stefan Th. *Quantitative Corpus Linguistics with R: a practical introduction*. New York and London: Routledge, 2009b.
- GUIOTTI, Luciana Prudente. *O estudo da variante retroflexa na comunidade de São José do Rio Preto*. Dissertação de Mestrado. São José do Rio Preto: UNESP, IBILCE, 2002. 106f.
- GUMPERZ, John J. “Language and communication.” *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 373, 219–231, 1967.
URL <http://www.jstor.org/stable/1037362>
- . “Linguistic and social interaction in two communities.” In: DIL, Anwar S. (Ed.), *Language in social groups. Essays by John J. Gumperz*, pp. 151–176. Standford: Standford Univesity Press, 1971a.
URL <http://www.jstor.org/stable/668168>
- . “The speech community.” In: DIL, Anwar S. (Ed.), *Language in social groups. Essays by John J. Gumperz*, pp. 114–128. Standford: Standford Univesity Press, 1971b.
- . “Types of linguistic communities.” In: FISHMAN, Joshua A. (Ed.), *Readings in the sociology of language*, pp. 460–472. The Hague: Mouton, 1972.
URL <http://www.jstor.org/stable/30022343>
- GUY, Gregory R. “Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion.” In: LABOV, William (Ed.), *Locating language in time and space*, pp. 1–36. New York: Academic Press, 1980.
- . *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. Tese de Doutorado. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981. 405f.
- . “Explanation in variable phonology: An exponential model of morphological constraints.” *Language Variation and Change*, vol. 3, 1–22, 1991.

- . “The quantitative analysis of linguistic variation.” *In*: PRESTON, D. (Ed.), *American Dialect Research*, pp. 223–249. Amsterdam: Benjamins, 1993.
- . “A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística.” *Organon*, vol. 14(28–29), 17–32, 2000.
 URL <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30194/18703>
- . “Varbrul: análise avançada.” *In*: GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana M. (Eds.), *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*, pp. 47–70. São Paulo: Parábola, 2007 [1988].
- . “The cognitive coherence of sociolects: how do speakers handle multiple sociolinguistic variables?” *Journal of Pragmatics*, vol. 52, 63–71, 2013.
- . “Language variation and linguistic theory.”, Ms.
- GUY, Gregory R. & CUTLER, Cecelia. “Speech style and authenticity: quantitative evidence for the performance of identity.” *Language Variation and Change*, vol. 23, 139–162, 2011.
- GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HAY, Jennifer & DRAGER, Katie. “Stuffed toys and speech perception.” *Linguistics*, vol. 48(4), 865–892, 2010.
- HEAD, Brian. “Propriedades fonéticas e generalidade de processos fonológicos: o caso do “r” caipira.” *Caderno de Estudos Linguísticos*, vol. 13, 5–39, 1987. Campinas.
- HOFFMAN, Michol & WALKER, James A. “Ethnolects in the city: ethnic orientation and linguistic variation in Toronto English.” *Language Variation and Change*, vol. 22, 37–67, 2010.

- HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. “Transitivity in grammar and discourse.” *Language*, vol. 56(2), 251–299, 1980.
- HYMES, Dell. “Models of interaction of language and social life.” *In*: GUMPERZ, John J. & HYMES, Dell (Eds.), *Directions in Sociolinguistics*, pp. 35–71. New York: Holt, Rinehart and Wilson, 1972.
- . *Foundations of Sociolinguistics*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.
- . “On communicative competence.” *In*: BRUMFIT, C. J. & JOHNSON, K. (Eds.), *The Communicative Approach to Language Teaching*, pp. 5–26. Oxford: Oxford University Press, 1991 [1979].
- IBGE. “Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo Demográfico 2010.”, 2010. Último acesso em 06 mai./2012.
URL ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/resultados/total_populacao_sao_paulo.zip
- ILARI, Rodolfo (Ed.). *Gramática do português falado culto no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- IPEA. “Comunicados do IPEA no. 115 – Perfil dos migrantes em São Paulo.”, 2011. Último acesso em 16 nov./2011.
URL http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/111006_comunicadoipea115.pdf
- . “Comunicados do IPEA no. 159 – Duas décadas de desigualdades e pobreza no Brasil medidas pela Pnad/IBGE.”, 2013. Último acesso em 15 set./2014.
URL http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/131001_comunicadoipea159.pdf
- IRVINE, Judith T. “Style as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation.” *In*: ECKERT, Penelope & RICKFORD, John R. (Eds.), *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

- JAFFE, Alexandra. *Stance*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- JESPERSEN, Otto. *Essentials of English Grammar*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1953 [1933].
- JOHNSON, Daniel Ezra. “Getting off the GoldVarb standard: introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis.” *Language and Linguistics Compass*, vol. 3(1), 359–383, 2009.
- KIESLING, Scott F. “Constructing identity.” In: CHAMBERS, J. K. & SCHILLING, Natalie (Eds.), *The handbook of language variation and change*, pp. 448–467. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2 ed., 2013.
- LABOV, William. “Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula.” *Language*, vol. 45(4), 715–762, 1969.
- . “Where does the sociolinguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera.” In: *Working Papers in Sociolinguistics 44*. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.
- . “Introduction.” In: LABOV, William (Ed.), *Locating language in time and space*, pp. xiii–xx. New York: Academic Press, 1980.
- . “Field methods of the project on linguistic change and variation.” In: BAUGH, J. & SHERZER, J. (Eds.), *Language in Use*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984.
- . *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1994.
- . “The anatomy of style-shifting.” In: ECKERT, P. & RICKFORD, J. R. (Eds.), *Style and Sociolinguistic Variation*, pp. 85–108. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a.
- . *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford & Cambridge: Blackwell, 2001b.

- . *The social stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- . “A motivação social de uma mudança sonora.” *In: Padrões sociolinguísticos*, vol. 19, pp. 273–309. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1963]. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso.
- . *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso.
- LABOV, William, ASH, Sharon & BOBERG, Charles. *The Atlas of North American English*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- LABOV, William, ASH, Sharon, RAVINDRANATH, Maya, WELDON, Tracey, BARANOWSKI, Maciej & NAGY, Naomi. “Properties of the sociolinguistic monitor.” *Journal of Sociolinguistics*, vol. 15(4), 431–463, 2011.
- LADEFOGED, Peter & MADDIESON, Ian. *The sounds of the world’s languages*. Blackwell: Oxford UK/Cambridge USA, 1996.
- LAMBERT, W. E., HODSON, R. C., GARDNER, R. C. & FILLENBAUM, S. “Evaluational reactions to spoken languages.” *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 60(1), 44–51, 1960.
- LEITE, Cândida M. Britto. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2004. 138f.
URL <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000304373>
- . *O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2010. 227f.
URL <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000770829>

- LIM, Lauren T. & GUY, Gregory R. “The limits of linguistic community: speech styles and variable constraint effects.” *Penn Working Papers in Linguistics*, 2005.
 URL <http://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1363&context=pwpl>
- LINDAU, Mona. “The story of /r/.” *Working Papers in Phonetics (UCLA)*, (51), 114–119, 1980.
- LONG, Daniel & PRESTON, Dennis. *Handbook of perceptual dialectology vol. 2*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2002.
- LOPES, Norma da Silva. *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2001. 408f.
 URL <http://linguagemnacidade.com.br/painel/downloads3/normal/128.pdf>
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese de Doutorado. Curitiba: UFPR, 2004. 261f.
 URL <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/22530>
- LUCAS, Antoine. “Package ‘amap’”, 2014. Último acesso em 25 set./2014.
 URL <http://cran.r-project.org/web/packages/amap/amap.pdf>
- LUCCHESI, Dante. “A concordância verbal e a polarização sociolinguística do Brasil.” Ms., 2012.
- MANGABEIRA, Andréa Burgos de Azevedo. *Participação, identidade e variação na EJA: o uso variável da concordância nominal de número como recurso simbólico e estilístico na construção de uma comunidade de prática na sala de aula de língua portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- MARTINS, Iara Ferreira de Melo. “Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica.” In: HORA, Dermeval da (Ed.), *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*, pp. 55–82. Santa Maria: Palotti, 2004.

- MCLAUGHIN, Brittany. “Connecting and comparing animacy effects in three sociolinguistic variables.” Trabalho apresentado na University of Pennsylvania, 2013. Ms.
- MEDEIROS, Beatriz Raposo de. “Vogais nasais do português brasileiro: Reflexões preliminares de uma revisita.” *Revista Letras*, vol. 72, 165–188, 2007.
 URL <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/letras/article/view/7460>
- MENDES, Ronald Beline. *Ter + participio e Estar + gerúndio: aspecto verbal e variação no português do Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2005.
 URL <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000347284>
- . “Sounding Paulistano: Variation and correlation in São Paulo.”, 2010. Trabalho apresentado no NWAV39, San Antonio, Texas.
 URL <http://colfa.utsa.edu/nwav39/talks/Mendes.pdf>
- . “A pronúncia retroflexa do /-r/ na fala paulistana.” *In*: HORA, D. & NEGRÃO, E. V. (Eds.), *Estudos da Linguagem. Casamento entre temas e perspectivas*, pp. 282–299. João Pessoa: Ideia, 2011.
- . “Gendered perceptions of noun agreement in Brazilian Portuguese.” *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, vol. 12(23), 93–108, 2014.
- . “Nonstandard noun phrase agreement as an index of masculinity.” *In*: LEVON, Erez & MENDES, Ronald Beline (Eds.), *Language, sexuality and power: studies in intersectional sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, no prelo.
- MENDES, Ronald Beline & OUSHIRO, Livia. “Percepções sociolinguísticas sobre as variantes tepe e retroflexa na cidade de São Paulo.” *In*: HORA, D. & NEGRÃO, E. V. (Eds.), *Estudos da Linguagem. Casamento entre temas e perspectivas*, pp. 229–245. João Pessoa: Ideia, 2011a.

- . “Production and perception of retroflex /r/ in Sao Paulo Portuguese.”, 2011*b*. Trabalho apresentado no VaLP2011, Chester, England. Último acesso em 25 set./2014.
URL <http://sites.google.com/site/valp2011/programme>
- . “O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro.” *Alfa*, vol. 56(3), 973–1001, 2012.
URL <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4942/4369>
- . “Documentação do Projeto SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana.”, 2013. Último acesso em 25 set./2014.
URL <http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>
- MENDOZA-DENTON, Norma. “Language and identity.” *In*: CHAMBERS, J.K., TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (Eds.), *The handbook of language variation and change*, pp. 475–499. Malden, MA: Blackwell, 2002.
- MEYERHOFF, Miriam & STRYCHARZ, Anna. “Communities of practice.” *In*: CHAMBERS, J. K. & SCHILLING, Natalie (Eds.), *The handbook of language variation and change*, pp. 428–447. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2 ed., 2013 [2002].
- MILROY, Leslie. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell, 2 ed., 1987 [1980].
- MILROY, Leslie & LLAMAS, Carmen. “Social networks.” *In*: CHAMBERS, J.K. & SCHILLING-ESTES, N. (Eds.), *The handbook of language variation and change*, pp. 409–427. Malden, MA: Blackwell, 2 ed., 2013 [2002].
- MOLLICA, Maria Cecilia. “Um padrão etário recorrente em fenômenos de variação fonológica.” *Estudos Linguísticos*, vol. 17, 513–520, 1989.
- MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. “Análise sociolinguística da vibrante no sul do Brasil.” *Graphos*, vol. 2(1), 25–34, 1997.
URL <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9193/4888>

- MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Tese de Doutorado, Florianópolis: UFSC, 2009. 229f.
 URL <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92838/268683.pdf?sequence=1>
- MORAES, João Antônio de. “Produção e percepção das vogais nasais.” In: ABAURRE, Maria Bernadete M. (Ed.), *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção fonológica da palavra*, pp. 95–112. São Paulo: Contexto, 2013.
- NAGY, Naomi & IRWIN, Patricia. “Boston (r): Neighbo(r)s nea(r) and fa(r).” *Language Variation and Change*, vol. 22, 241–278, 2010.
- NARO, Anthony J. “The social and structural dimensions of a syntactic change.” *Language*, vol. 57, 63–98, 1981.
 URL <http://www.jstor.org/stable/414287>
- NARO, Anthony J., GÖRSKI, Edair & FERNANDES, Eulália. “Change without change.” *Language Variation and Change*, vol. 11, 197–211, 1999.
- NARO, Anthony J. & SCHERRE, Maria Marta Pereira. “Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala.” *Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas*, vol. 20(jan./jun), 9–16, 1991.
 URL <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/2904/2375>
- . “Remodeling the age variable: number concord in Brazilian Portuguese.” *Language Variation and Change*, vol. 25, 1–15, 2013.
- NIEDZIELSKI, Nancy. “The effect of social information on the perception of sociolinguistic variables.” *Journal of Language and Social Psychology*, vol. 18(1), 62–85, 1999.
- OKSANEN, Jari, BLANCHET, F. Guillaume, KINDT, Roeland, LEGENDRE, Pierre, MINCHIN, Peter R., O’HARA, R. B., SIMPSON, Gavin L., SOLYMOS, Peter, STEVENS, M. Henry H. & WAGNER, Helene Wagner. “Package

- ‘vegan.’, 2013. Último acesso em 25 set./2014.
 URL <http://cran.r-project.org/web/packages/vegan/vegan.pdf>
- OLIVEIRA, Josane M. *O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1999. 80 f.
- OLIVEIRA, Marco Antônio. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*. Tese de Doutorado. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1983. 286f.
- OUSHIRO, Livia. *Uma análise variacionista para as Interrogativas-Q*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2011. 174f.
 URL <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-14102011-135709/en.php>
- . “How to recognize a Paulistano.” Trabalho apresentado no Sociolinguistics Symposium 19 – Berlin – Alemanha, 2012.
 URL <http://neon.niederlandistik.fu-berlin.de/ss19/paper/881>
- . “Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas.” In: FREITAG, Raquel Meister Ko (Ed.), *Metologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.
 URL <http://blucheropenaccess.com.br/pdf/mcmds/10cap.pdf>
- OUSHIRO, Livia & GUY, Gregory R. “The social clustering of linguistic variables in São Paulo Portuguese.”, 2013. Trabalho apresentado no NWAV 42 (Pittsburgh, PA – EUA, out/2013).
- OUSHIRO, Livia & MENDES, Ronald Beline. “A pronúncia do (-r) em coda silábica no português paulistano.” *Revista do GEL*, vol. 8(2), 66–95, 2013.
 URL <http://revistadogel.gel.org.br/rg/article/view/39/21>
- . “O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação.” (*sob revisão*), 2014. Ms.
- PAIVA, Maria da Conceição de & SCHERRE, Maria Marta Pereira. “Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL.” *DELTA*, vol. 15(n.esp.), 201–232, 1999.

- PATRICK, Peter L. “The speech community.” *In: The handbook of language variation and change*. Malden, MA: Blackwell, 2002.
- PEREIRA, Deize Crespim. *Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2004. 116f.
 URL <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-27022013-120141/pt-br.php>
- PODESVA, Robert J. “Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona.” *Journal of Sociolinguistics*, vol. 11(4), 478–504, 2007.
- PRESTON, Dennis. *Handbook of Perceptual Dialectology, vol. 1*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1999.
- PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson (Eds.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*, vol. III: Entrevistas. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 1988.
- . *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*, vol. IV: Estudos. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 1990.
- R CORE TEAM. “R: A language and environment for statistical computing.” R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2013. Último acesso em 25 set./2014.
 URL <http://www.R-project.org/>
- RENNICKE, Iris. “The retroflex /r/ of Brazilian Portuguese: theories of origin and a case study of language attitudes in Minas Gerais.” *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol. 1(6), 149–170, 2011.
 URL <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9917.pdf>
- REVELLE, William. “Package ‘psych’ v.1.4.5. Procedures for psychological, psychometric, and personality research.”, 2014. Último acesso em 25 set./2014.
 URL <http://personality-project.org/r/psych.manual.pdf>

- REZENDE, Tânia Ferreira. “Tendências à padronização da realização fonética do /R/ em Goiás.” *In: CARDOSO, Caroline Rodrigues, SCHERRE, Maria Marta Pereira, LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira & PACHECO, Cintia (Eds.), Variação linguística. Contato de línguas e educação*, pp. 15–35. Campinas: Pontes, 2013.
- RICKFORD, John R. “The need for new approaches to social class analysis in sociolinguistics.” *Language & Communication*, vol. 6(3), 215–221, 1986.
- RICKFORD, John R., BALL, Arnetha, BLAKE, Renee, JACKSON, Raina & MARTIN, Nomi. “Rappin on the copula coffin: Theoretical and methodological issues in the analysis of copula variation in African-American Vernacular English.” *Language Variation and Change*, vol. 3, 103–132, 1991.
- ROBINSON, John, LAWRENCE, Helen & TAGLIAMONTE, Sali. “Goldvarb 2001.”, 2001.
 URL <http://courses.essex.ac.uk/lg/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>.
- RODRIGUES, Angela C. S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1987.
- . “Fotografia sociolinguística do português do Brasil: o português popular em São Paulo.” *In: CASTILHO, Ataliba T. (Ed.), História do português paulista*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 2009.
- RUBIO, Cássio Florêncio. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São José do Rio Preto: UNESP, IBILCE, 2008. 152f.
 URL <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/86592>
- . *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. Tese de Doutorado. São José do Rio Preto: UNESP, IBILCE, 2012. 393f.
 URL <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/100100>

- RUBIO, Cássio Florêncio & GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. “A fala do interior paulista no cenário da sociolinguística brasileira: panorama da concordância verbal e da alternância pronominal.” *Alfa*, vol. 56(3), 1003–1034, 2012.
 URL <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4950/4370>
- SALOMÃO, Mircia Hermenegildo. *A variação de pluralidade nas estruturas predicativas da variedade falada na região de São José do Rio Preto*. Dissertação de Mestrado. São José do Rio Preto: UNESP, IBILCE, 2010. 162f.
 URL <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/86554>
- . “A variação de número e a construção de identidade social em duas comunidades de prática.” Trabalho apresentado no 62 Seminário do GEL, 2014.
 URL <http://gel.org.br/detalheResumo2014.php?id=2171>
- SANKOFF, David. “Sociolinguistics and syntactic variation.” *In: NEWMAYER, Frederick J. (Ed.), Language: the socio-cultural context*, pp. 140–161. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- SANKOFF, David & LABOV, William. “On the uses of variable rules.” *Language in Society*, vol. 8(2), 189–222, 1979.
- SANKOFF, Gillian. “A quantitative paradigm for the study of communicative competence.” *In: The social life of language*, pp. 47–79. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980.
- SANKOFF, Gillian & BLONDEAU, Hélène. “Language change across the lifespan: /r/ in Montreal French.” *Language*, vol. 83(3), 560–588, 2007.
- SANTOS, Wendel da Silva. “A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís.” Projeto de Mestrado (CNPq) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do DL–FFLCH–USP, 2012. Ms.

- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1978. 158f.
- . *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ. Dois volumes, 1988. 555f.
- . “Concordância nominal e funcionalismo.” *Alfa*, vol. 41(n.esp.), 181–206, 1997.
URL <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4038/3702>
- . “Paralelismo linguístico.” *Revista Estudos Linguísticos*, vol. 7(2), 29–59, 1998. Belo Horizonte.
URL <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2293/2242>
- . “Phrase-level parallelism effect on noun phrase number agreement.” *Language Variation and Change*, vol. 13, 91–107, 2001.
- . *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2 ed., 2008.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony J. “The serial effect on internal and external variables.” *Language Variation and Change*, vol. 4, 1–13, 1992.
- . “Sobre a concordância de número no português falado do Brasil.” In: RUFFINO, G. (Ed.), *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza)*, vol. 5, pp. 509–523. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5, 1998. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo.
URL <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre-naro98.pdf>
- . “Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro.” *SCRIPTA*, vol. 9(18), 107–129, 2006.
URL http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070621143829.pdf

- SCHERRE, Maria Marta Pereira, NARO, Anthony J. & CARDOSO, Caroline Rodrigues. “O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro.” *DELTA*, vol. 23(n.esp.), 283–317, 2007.
 URL <http://www.scielo.br/pdf/delta/v23nspe/v23nspea12.pdf>
- SCHERRE, Marta, NARO, Anthony, MATTOS, Shirley, FOEGER, Camila & BENFICA, Samine. “Concord without concord: 1st plural pronoun nós ‘we’ in Brazilian Portuguese.” Trabalho apresentado no NWA44, Chicago–IL, EUA, 2014.
 URL http://www.nwav43.illinois.edu/program/documents/Scherre-Longabstract_2014_09_13_23_16_18_965.pdf
- SCHWINDT, Luiz Carlos & SILVA, Taís Bopp da. “Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais do português do sul do Brasil.” In: BISOL, Leda & COLLISCHONN, Gisela (Eds.), *Português do sul do Brasil: variação fonológica*, pp. 13–33. Porto Alegre: EdPUCRS, 2009.
 URL <http://www.pucrs.br/edipucrs/portuguesdosuldobrasil.pdf>
- SILVA, Caio Cesar Castro da. “A preliminary study on the nasal diphthongization in carioca’s speech.” Trabalho apresentado no Phonetics and Phonology in Iberia 2013, Lisboa, Portugal, 2013.
 URL <http://ww3.fl.ul.pt/laboratoriofonetica/papi2013/files/posters/poster51.html>
- SILVA, Janaína Biancardi da & SCHERRE, Maria Marta Pereira. “A concordância nominal na fala capixaba: fatores sociais.” In: CARDOSO, Caroline Rodrigues, SCHERRE, Maria Marta Pereira, LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira & PACHECO, Cintia (Eds.), *Variação linguística: contato de línguas e educação*, pp. 129–143. Campinas: Pontes Editores, 2013.
- SILVA NETO, Serafim da. “Um traço da pronúncia caipira.” In: *Língua, cultura e civilização: estudos de filologia portuguesa*, pp. 67–90. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.
- SKEETE, Nadir Arruda. “O uso variável da vibrante na cidade de João Pessoa.” *Graphos*, vol. 2(1), 77–96, 1997.

- URL <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9199/4894>
- TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing sociolinguistic variation*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006.
- . *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011.
- TAGLIAMONTE, Sali & WATERS, Cathleen. “Co-variation in the speech community: methods for identifying innovators and their repertoires.” Trabalho apresentado no Methods in Dialectology 14, London, ON, 2011. URL http://westernlinguistics.ca/methods14/abstracts/Friday_August_5/Variation_Studies/Tagliamonte_Waters_co_variation.pdf
- TARALLO, Fernando Luiz. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1983. 288f.
- TENANI, Luciani & SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso da. “O alçamento das vogais médias na variedade culta do noroeste paulista.” *Alfa*, vol. 52(2), 447–464, 2008. URL <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1527/1234>
- THOMAS, Erik R. “Sociophonetic applications of speech perception experiments.” *American Speech*, vol. 77(2), 115–147, 2002.
- THORBURN, Jennifer. *Dialect development in Nain, Nunatsiavut: emerging English in a Canadian aboriginal community*. Tese de Doutorado, St. John’s (Newfoundland), Memorial University, 2014. 328 f. URL <http://research.library.mun.ca/6412/>
- TRUDGILL, Peter. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.
- VAN HOUT, Roeland & VAN DE VELDE, Hans. “Patterns of /r/ variation.” In: VAN DE VELDE, Hans & VAN HOUT, Roeland (Eds.), *r-atics: Socio-*

- linguistic, phonetic and phonological characteristics of /r/*, vol. Études & Travaux, pp. 1–9. Bruxelas: Université Libre de Bruxelles, 2011.
- VIEGAS, Maria do Carmo. “O alçamento das vogais médias pretônicas e as conseqüências de diferentes recortes na amostragem.” *Letras de Hoje*, vol. 38(4), 307–318, 2003. Porto Alegre.
 URL <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fabio/ojs/index.php/fale/article/view/14013/9288>
- VIEIRA, Marcílio Melo. *Para um estudo das influências fonológicas do italiano no português falado na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2010. 73f.
 URL <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-30092011-111755/pt-br.php>
- VIEIRA, Marília Silva. “Apagamento de /d/: abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero textual.” *Web-Revista Sociodialeto*, vol. 1(4), 1–27, 2011. Campo Grande–MS: UEMS.
 URL <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/9/28092011063729.pdf>
- . “Aí, daí e então como articuladores de orações em Campo Grande (MS) e São Paulo (SP).” Projeto de Doutorado (CAPES) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do DL–FFLCH–USP, 2013. Ms.
- VOTRE, Sebastião Josué. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.
- . “Relevância da variável escolaridade.” In: MOLLICA, Maria Cecilia & BRAGA, Maria Luiza (Eds.), *Introdução à sociolinguística: o estudo da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. Tradução de Marcos Bagno.

- WOLFRAM, Walt. “Identifying and interpreting variables.” *In: PRESTON, D. R. (Ed.), American Dialect Research*, pp. 193–221. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- YACOVENCO, Lilian Coutinho, SCHERRE, Maria Marta Pereira, TESCH, Leila Maria, BRAGANÇA, Marcela Langa L., EVANGELISTA, Elaine Meireles, MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de, CALMON, Elba Nusa, CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva, BARBOSA, Astrid Franco, BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa, DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo, SILVA, Janaína Biancardi da, BERBERT, Aline Tomaz Fonseca & BENFICA, Samine de Almeida. “Projeto Portvix: A fala de Vitória/ES em cena.” *Alfa*, vol. 56(3), 771–806, 2012.
 URL <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4946/4361>
- ZILLES, Ana. “The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese.” *Language Variation and Change*, vol. 17, 19–53, 2005.
- ZILLES, Ana Maria Stahl, MAYA, Leonardo Zechlinski & SILVA, Karine Quadros da. “A concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre, RS.” *Organon*, vol. 28/29(14), 195–219, 2000. Porto Alegre, UFRGS.
 URL <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30205/18712>

Anexos

Anexo A: Roteiro de entrevista

PARTE I

BAIRRO (aprox. 10 min.)

Objetivos: descobrir o grau de enraizamento do informante no bairro onde vive/outros bairros; descobrir o grau de mobilidade da pessoa

- (1) Há quanto tempo você mora na (Mooca, Pinheiros, Bexiga...)?
- (2) Você gosta de morar aqui?
- (3) Por que você escolheu morar neste bairro? (manter em mente que o informante pode não ter escolhido morar ali: pode ter sido porque a família já morava lá etc.)
 - (a) Se o informante mora há bastante tempo: Como era o bairro antes/quando você se mudou pra cá? Mudou muito?
 - (b) Se o informante não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali: Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?
- (4) Você tem bastante contato com as pessoas aqui do bairro?
- (5) Hoje, tem algum outro bairro em que você gostaria de morar?

INFÂNCIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: relaxar o informante (em geral, as pessoas gostam de falar sobre sua infância); obter informações sobre mudanças no bairro/cidade de São Paulo; grau de mobilidade do informante; obter informações sobre

escolaridade

- (6) E como foi a sua infância (no bairro X)? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?
- (a) brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?
- (b) como eram os seus pais? eram rígidos...?
- (7) Você foi pra escola no mesmo bairro? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir pra escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou?
- (8) Enquanto ainda era criança/adolescente, você ia pra outros lugares dentro da cidade de São Paulo? (pra onde, pra fazer o quê...)

FAMÍLIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante, grau de enraizamento no bairro/cidade

- (9) Você tem irmãos? (é possível que esta informação já tenha aparecido na parte sobre infância; neste caso, falar algo como: “Você disse que tem uma irmã... Você tem outros irmãos?”) Quantos anos eles têm?
- (10) Seus pais são daqui de São Paulo mesmo? (Se sim, perguntar também sobre avós, bisavós... até encontrar a primeira geração da família que veio pra cá). Quantos anos eles (pais) têm? Quando seus (pais/avós/bisavós) vieram pra São Paulo? Você sabe por que eles vieram?
- (11) Você tem filhos? Quantos anos eles têm?
- (12) E o resto da família, tios, primos, também vivem aqui em São Paulo? (Se sim, em que bairros? Moram próximo? Se não, onde? Tem contato sempre?)

TRABALHO/OCUPAÇÃO (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; características socioeconômicas

- (13) Você trabalha aqui por perto? (se não souber onde a pessoa trabalha)
- (14) O que você faz?
- (15) Você gosta do seu serviço? (Se não, o que a pessoa preferiria fazer?)

LAZER (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; mobilidade na cidade; características socioeconômicas

- (16) E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? (Se saem, vão pra que lugares?) Você acha que a cidade de São Paulo tem boas opções de lazer? Quais?
- (17) A maioria dos seus amigos mora aqui nesse bairro mesmo? (Se não, onde?)
- (18) Você tem algum atividade de recreação em grupo, algum clube...?
- (19) Quais são seus amigos mais antigos? Você mantém contato com os amigos de colégio?
- (20) Você costuma viajar? Pra que lugares já viajou? Que lugares gostaria de conhecer?

PARTE II

A CIDADE DE SÃO PAULO (aprox. 20 min.)

- (21) Uma pesquisa recente mostrou que 57% das pessoas em São Paulo deixariam a cidade caso pudessem. O que você acha disso? (se o informante perguntar, a pesquisa é do Ibope e foi publicada em janeiro/2010¹)
- (22) Você gosta de morar em São Paulo? (Se não, em que lugar preferiria morar?) Por quê?
- (23) O que você acha que caracteriza a cidade (tanto as coisas boas quanto ruins)?
- (24) O que você acha que caracteriza o paulistano (tanto as coisas boas quanto ruins)?
- (25) Olhando pra mim, você diria que eu sou paulistano(a)? Por quê?
- (26) O que você mais gosta em São Paulo?
- (27) O que você não gosta em São Paulo? (a depender do tópico mencionado pelo informante – violência, trânsito, poluição etc. – procurar explorar mais o assunto. P.ex.: você já foi assaltado? O que aconteceu? (para obter narrativa pessoal) O que o governo poderia fazer pra solucionar esse

¹ Disponível em http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/Pesquisa_IRBEM_Ibope_2010_completa.pdf.

problema? (para obter uma fala mais distanciada)) (explorar o subtópico por aproximadamente 10 min.)

- (28) Pras pessoas que não vivem em São Paulo, como você acha que elas imaginam que seja a cidade? Qual é a imagem que as pessoas de fora de São Paulo têm da cidade?
- (29) Você falou que já foi pra (X, Y, Z). Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era paulistano? (Se sim) como elas percebiam?
- (30) Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui de São Paulo?
- (a) (Se sim) como você percebe? (Se o informante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal as pessoas não saberem definir o porquê, mas devemos tentar tirar mais informações).
- (b) (Se não) Quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é de fora pelo sotaque?

AVALIAÇÕES LINGUÍSTICAS (aprox. 10 min.)

- (31) Qual o sotaque do Brasil que você mais gosta? E tem algum que te irrita? Como é que (o gaúcho/o carioca/o mineiro/o caipira etc. – a depender dos sotaques mencionados) fala(m)?
- (32) Aqui em São Paulo tem muito (i)migrante, né? De onde vêm a maioria das pessoas? Tem algum bairro específico em que eles (italianos, coreanos, nordestinos etc.) se concentram?
- (33) E como é que as pessoas falam na cidade de São Paulo? (evitar usar a palavra “sotaque”)
- (34) E aqui dentro da cidade de São Paulo, você vê diferenças entre as diferentes regiões, diferentes bairros? (Se sim) Você poderia dar alguns exemplos? (É normal as pessoas responderem que não, mas se responderem que sim, tente obter informações mais precisas)

(Imprimir a lista de palavras, a notícia e o trecho, todos abaixo, para mostrar ao informante)

LISTA DE PALAVRAS: Apresentar ao informante a lista de palavras e dizer: “Agora eu queria te pedir pra ler algumas coisas. Eu tenho aqui uma lista de palavras, e eu queria que você lesse cada uma delas. Você pode dar uma olhada primeiro, antes de começar a ler.” Esperar que o informante leia a lista de palavras. Depois perguntar:

- (35) A gente estava falando de sotaques agora há pouco... Como você acha que uma pessoa do interior falaria algumas dessas palavras? Tem diferenças?
- (36) E como um carioca falaria algumas dessas palavras?
- (37) Tem mais algum sotaque no Brasil que você conhece?

LEITURA DE NOTÍCIA DE JORNAL: Dizer ao informante: “Agora eu queria que você lesse esse texto. Você pode ler em voz baixa antes de falar em voz alta.” Esperar que o informante leia a notícia.

DEPOIMENTO: Dizer ao informante: “Agora eu queria que você lesse esse texto. Você pode ler em voz baixa antes de falar em voz alta.” Esperar que o informante leia a notícia.

- (38) O que você acha desse modo de falar: “Você tá entendendo o que eu tô dizendo?” (com “en” ditongado e exagerado). Se a pessoa manifestar uma atitude negativa, perguntar: Como você acha que deveria ser? O que tem de errado aí?
- (39) Quem você acha que fala assim? (se falar “paulistanos”, perguntar: “você acha que todos os paulistanos falam assim ou é uma coisa de uma região mais específica na cidade?”)
- (40) Você fala desse modo?
- (41) E o que você acha de “Me vê dois pastel e um chopps?” (Fazer as mesmas perguntas 38–40 acima)
- (42) E o que você acha de “A porta tá aberta.” (com tepe exagerado). Fazer as mesmas perguntas 38–40 acima.
- (43) E tem mais algum modo de falar que você acha assim bem paulistano?

Palavras

<i>alma</i>	<i>gula</i>
<i>amargo</i>	<i>Hércules</i>
<i>animação</i>	<i>hilário</i>
<i>argola</i>	<i>irmã</i>
<i>atitude</i>	<i>justiça</i>
<i>barqueiro</i>	<i>lento</i>
<i>biscoito</i>	<i>mortadela Marba</i>
<i>cacique</i>	<i>mosca</i>
<i>carteiro</i>	<i>necessidade</i>
<i>cerca</i>	<i>noite</i>
<i>chácara</i>	<i>orca</i>
<i>circo</i>	<i>Ordem e progresso</i>
<i>cisne</i>	<i>orgânico</i>
<i>curto</i>	<i>órgão</i>
<i>defender</i>	<i>ostracismo</i>
<i>discoteca</i>	<i>penteadado</i>
<i>elefante</i>	<i>pertencimento</i>
<i>enchente</i>	<i>perto</i>
<i>entender</i>	<i>porto</i>
<i>entretenimento</i>	<i>presente</i>
<i>erguer</i>	<i>rapidez</i>
<i>fazenda</i>	<i>riqueza</i>
<i>felicidade</i>	<i>sabor de menta</i>
<i>firme</i>	<i>soberba</i>
<i>fornalha</i>	<i>trabalho</i>
<i>furgão</i>	<i>turco</i>
<i>fusquinha</i>	<i>urgente</i>
<i>geleira</i>	<i>utilidade</i>
<i>gérmen de trigo</i>	<i>vulto</i>
<i>gordo</i>	<i>zebra</i>

Notícia

08/02/2010

Moradores cobram solução para área alagada em SP e aguardam encontro com prefeito

Moradores da região do Jardim Pantanal protestaram nesta segunda-feira em frente à Prefeitura de São Paulo contra a inundação em bairros da zona leste, que completa dois meses hoje. Uma comissão de manifestantes foi recebida pela Secretaria de Relações Institucionais e apresentou reivindicações, mas o prefeito Gilberto Kassab (DEM) não participou do encontro.

Representantes dos manifestantes esperam que o governador José Serra (PSDB) também participe da reunião de sexta. De acordo com os integrantes da comissão, não havia integrantes do governo estadual no encontro realizado hoje na prefeitura.

Além de cobrar a limpeza imediata das águas nos bairros, os moradores cobram uma solução para a falta de moradia. A maioria dos desalojados continua em escolas municipais e, com o início do ano letivo, temem não ter para onde ir.

Depoimento

Tá chovendo muito! Choveu tanto, tanto na semana passada que ficou uma piscina na minha casa. Ó, pra você ver: Molharam todos os armários, a cama, os colchões, tudo... Foi um sacrifício... O que a gente fez? Nós tivemos que erguer os móveis pra limpar tudo: a geladeira, o forno... minha irmã até veio me ajudar, sabe? E meus filhos compraram umas cadeiras novas, mas é aquela coisa, assim... quando chover de novo, vai molhar tudo outra vez. Você fica sem ter o que fazer. E tem um rio lá perto que sempre alaga... quer dizer, é água dentro e fora de casa! Daí, o que acontece? Fica aquele trânsito, os carros todos parados, a gente demora um tempão pra chegar em casa... Não aguento mais enchente nessa cidade... Agora que eu vou fazer? Os políticos falam, falam, mas eles tinham que fazer alguma coisa urgente. Você tá entendendo o que eu tô dizendo?

Anexo B: Informantes do *corpus* de entrevistas sociolinguísticas

O quadro apresenta o significado dos códigos utilizados na Tabela 1 a seguir.

S - Sexo	F: feminino M: masculino
I - Idade	em anos
E - Escolaridade	F: até Ens. Fund. II M: até Ens. Médio S: Ens. Superior
R - Região	C: bairro mais central P: bairro mais periférico
Z - Zona	C: central N: norte S: sul L: leste O: oeste
P - Origem dos Pais	E: estrangeiros I: interior SP/MG/PR N: norte/nordeste P: São Paulo-capital X: mista (pais de origens diferentes)
M - Mobilidade	B: sempre morou no mesmo bairro Z: sempre morou na mesma zona M: morou em diferentes zonas
C - Classe Social	A: alta B1: média alta B2: média média C1: média baixa C2: baixa alta D: baixa média
IS - Índice Socioeconômico	índice 1 – 5
%[ēj] (T)	taxa de emprego de ditongação (Total de dados)
%[ɹ] (T)	taxa de emprego de retroflexo (Total de dados)
%CN-∅ (T)	taxa de marca zero de concordância nominal (Total de dados)
%1PP-∅ (T)⁺	taxa de marca zero de concordância verbal de 1PP (Total de dados)
%3PP-∅ (T)	taxa de marca zero de concordância verbal de 3PP (Total de dados)

⁺Para 1PP-∅, informantes com “-” não têm dados do pronome “nós”.

Tabela 1 Características sociais dos informantes e respectivas taxas de emprego de [ej], [j], CN- \emptyset , 1PP- \emptyset e 3PP- \emptyset

Informante	S	I	E	R	Z	P	M	C	IS	%[ej] (T)	%[j] (T)	%CN- \emptyset (T)	%1PP- \emptyset (T)	%3PP- \emptyset (T)
AdolfoF	M	21	S	C	C	I	B	B2	3.2	16% (50)	44% (50)	46% (123)	0% (2)	8% (63)
AdrianaP	F	24	S	C	C	X	M	C1	3.0	16% (50)	4% (50)	6% (121)	0% (2)	8% (72)
AmandaA	F	20	S	P	L	P	Z	C1	3.0	58% (50)	34% (50)	7% (166)	0% (1)	19% (152)
AmaralM	M	60	F	P	N	I	Z	D	1.6	6% (50)	80% (50)	14% (194)	0% (11)	14% (116)
AnaM	F	73	S	P	N	X	M	B2	3.1	48% (67)	18% (92)	1% (148)	0% (7)	7% (85)
Anas	F	32	M	P	O	X	M	C2	2.2	58% (67)	54% (99)	16% (90)	0% (4)	18% (72)
AndreaC	F	45	S	P	S	X	B	B1	3.6	68% (67)	28% (56)	5% (131)	0% (2)	8% (53)
AngelicaL	F	61	F	P	S	I	M	C1	3.0	62% (68)	20% (96)	0% (212)	0% (12)	5% (105)
AnisioC	M	70	F	P	N	P	Z	D	1.7	6% (50)	42% (50)	18% (101)	40% (5)	24% (50)
AnselmoN	M	63	S	P	N	I	M	B2	3.1	14% (66)	12% (96)	10% (176)	0% (2)	23% (105)
CamilaA	F	43	S	C	O	P	M	B2	3.3	48% (50)	16% (50)	3% (122)	0% (3)	1% (81)
CarlosE	M	73	S	P	O	I	Z	B1	4.0	24% (68)	14% (94)	13% (165)	11% (18)	5% (113)
CarmenC	F	72	F	C	L	P	B	C2	2.2	28% (50)	8% (50)	83% (52)	69% (36)	50% (16)
CarolinaA	F	24	M	C	C	I	M	C2	2.5	12% (68)	0% (100)	9% (223)	0% (8)	6% (168)
CelinaA	F	42	S	P	L	N	Z	C1	2.9	52% (50)	60% (50)	13% (149)	50% (2)	42% (48)
CesarP	M	43	S	C	L	P	Z	C1	3.0	28% (50)	40% (50)	10% (135)	0% (31)	3% (64)
CicaN	F	67	F	C	O	X	M	C2	2.5	32% (50)	42% (50)	19% (104)	0% (11)	33% (57)
ClaraC	F	40	S	C	C	I	B	B1	3.7	82% (68)	34% (81)	1% (139)	- (0)	9% (69)
ClaudiaH	F	36	S	P	O	E	M	B1	3.7	52% (69)	6% (55)	0% (212)	0% (2)	2% (127)
ClaudioMiroS	M	48	S	P	S	X	Z	B2	3.2	48% (69)	38% (97)	1% (277)	0% (6)	4% (138)
CleliaE	F	69	F	C	S	X	M	C2	2.1	56% (69)	26% (94)	71% (102)	17% (23)	13% (99)
CristianoS	M	33	S	C	C	I	M	C1	2.9	40% (69)	34% (101)	4% (116)	0% (6)	12% (84)
DaianeM	F	33	M	C	O	N	B	C1	2.8	54% (65)	14% (88)	12% (164)	0% (11)	1% (68)
DanielC	M	22	M	P	O	X	B	B2	3.4	72% (68)	70% (88)	19% (156)	- (0)	12% (67)
DecioA	M	60	M	P	O	I	B	C2	2.2	2% (68)	60% (97)	64% (103)	16% (32)	31% (32)
DercyF	F	72	S	P	O	X	M	B2	3.4	44% (50)	24% (50)	5% (211)	0% (20)	6% (117)
EdnaS	F	45	M	C	O	X	Z	C2	2.4	32% (50)	8% (50)	13% (128)	0% (3)	9% (78)
EduardoG	M	44	S	C	C	X	M	B1	3.6	26% (67)	12% (92)	2% (205)	- (0)	0% (75)
EduardoK	M	82	M	C	L	I	B	C1	2.6	14% (50)	86% (50)	50% (180)	22% (9)	61% (95)
EloisaD	F	23	S	P	O	X	B	B2	3.1	72% (68)	6% (88)	2% (178)	10% (21)	6% (142)

S = Sexo; I = Idade; E = Escolaridade; R = Região; Z = Zona; P = Origem dos pais; M = Mobilidade; C = Classe social; IS = Índice socioeconômico

Tabela 1: Informantes (cont.)

Informante	S	I	E	R	Z	P	M	C	IS	%[éj] (T)	%[i] (T)	%CN-0 (T)	%1PP-0 (T)	%3PP-0 (T)
EthelM	F	60	S	P	N	X	B	B2	3.4	10% (69)	22% (102)	7% (123)	0% (5)	6% (78)
EvandroO	M	30	M	P	S	P	B	C1	2.8	26% (50)	58% (50)	3% (134)	0% (1)	4% (91)
FabioR	M	49	F	C	L	P	B	C2	2.2	4% (50)	26% (50)	63% (88)	- (0)	40% (47)
FabioS	M	23	S	P	S	X	M	B2	3.1	46% (63)	2% (78)	11% (155)	100% (1)	25% (79)
FelipeL	M	31	M	C	O	P	M	B1	3.6	22% (69)	22% (100)	21% (71)	- (0)	17% (24)
FernandaT	F	31	S	C	S	X	Z	B1	3.9	66% (68)	6% (85)	1% (123)	- (0)	6% (54)
FernandoB	M	23	M	C	O	P	Z	B1	3.6	70% (68)	0% (102)	35% (137)	100% (1)	10% (49)
GilsonS	M	36	F	P	L	N	B	C2	2.4	6% (50)	46% (50)	25% (105)	25% (20)	27% (49)
GiovanaA	F	34	S	P	L	N	Z	C1	2.7	34% (50)	66% (50)	27% (211)	0% (10)	14% (74)
HaroldoL	M	64	S	P	S	P	M	B2	3.4	20% (67)	38% (77)	30% (158)	0% (26)	4% (123)
HelderX	M	67	S	C	O	I	B	B2	3.1	18% (69)	36% (102)	39% (163)	0% (7)	14% (76)
HeloisaS	F	68	F	P	O	P	Z	C2	2.1	4% (50)	30% (50)	39% (98)	- (0)	20% (101)
HugoF	M	83	F	C	O	X	M	C2	2.5	4% (68)	22% (104)	61% (145)	0% (5)	18% (68)
IaraM	F	65	S	P	S	E	Z	C1	2.8	32% (70)	10% (96)	4% (185)	3% (34)	7% (167)
IaraS	F	59	S	C	O	I	M	B1	4.0	42% (69)	16% (103)	1% (179)	0% (17)	1% (78)
InaeA	F	75	F	P	N	X	M	D	1.8	36% (50)	56% (50)	22% (115)	12% (17)	32% (37)
InesC	F	47	M	P	L	I	Z	D	2.0	44% (50)	72% (50)	1% (155)	0% (9)	7% (91)
IolandaP	F	51	S	P	N	X	Z	B1	3.8	54% (68)	12% (101)	3% (373)	0% (8)	1% (244)
IreneR	F	60	S	C	O	I	M	B2	3.3	60% (69)	48% (79)	7% (99)	0% (2)	4% (96)
IvanaB	F	30	F	P	S	X	M	D	2.0	24% (50)	72% (50)	48% (85)	100% (1)	68% (41)
JairS	M	29	M	P	L	X	B	C1	2.6	50% (68)	58% (97)	22% (160)	- (0)	15% (75)
JandiraF	F	41	M	C	O	I	Z	B2	3.2	84% (69)	6% (97)	9% (186)	0% (16)	11% (109)
JasminM	F	59	M	P	L	I	Z	C2	2.2	24% (69)	20% (96)	30% (145)	18% (11)	22% (89)
JonasM	M	25	M	P	L	N	B	C1	2.8	40% (50)	76% (50)	10% (166)	0% (6)	9% (104)
JoseL	M	27	M	P	O	P	M	B2	3.4	42% (63)	82% (85)	26% (105)	- (0)	24% (37)
JoseM	M	72	S	C	N	X	M	B1	3.7	8% (50)	16% (50)	3% (159)	0% (28)	7% (54)
JoseN	M	46	S	P	N	I	M	C2	2.5	44% (69)	20% (101)	51% (231)	0% (11)	23% (127)
JulianaW	F	70	S	C	O	E	M	A	4.1	16% (69)	6% (101)	0% (81)	0% (6)	0% (45)
KarolinaM	F	53	M	P	S	I	M	C1	2.8	32% (67)	44% (95)	5% (153)	0% (12)	1% (98)
LeilaB	F	60	S	C	S	X	M	B1	3.6	58% (68)	0% (104)	2% (155)	0% (26)	6% (65)

S = Sexo; I = Idade; E = Escolaridade; R = Região; Z = Zona; P = Origem dos pais; M = Mobilidade; C = Classe social; IS = Índice socioeconômico

Tabela 1: Informantes (cont.)

Informante	S	I	E	R	Z	P	M	C	IS	%[éj] (T)	%[i] (T)	%CN-0 (T)	%1PP-0 (T)	%3PP-0 (T)
LeoM	M	62	S	P	S	I	M	B2	3.5	20% (50)	52% (50)	14% (132)	0% (17)	17% (59)
LucasR	M	20	F	C	C	X	M	C2	2.4	54% (50)	32% (50)	13% (82)	- (0)	18% (11)
LucasS	M	25	M	C	C	I	B	C2	2.4	66% (69)	80% (105)	9% (245)	0% (4)	8% (129)
LucianaM	F	63	M	C	O	X	M	B2	3.3	78% (50)	12% (50)	2% (207)	0% (6)	8% (71)
LucioA	M	54	M	P	L	E	M	C1	2.7	8% (66)	6% (99)	9% (161)	57% (7)	9% (101)
LuisA	M	31	S	P	S	P	Z	B1	3.9	68% (70)	2% (100)	21% (292)	0% (10)	9% (132)
MadalenaM	F	51	S	P	O	P	Z	B2	3.5	36% (67)	6% (101)	4% (161)	0% (4)	2% (102)
MarceloB	M	22	M	P	N	X	M	B2	3.2	20% (68)	42% (101)	9% (138)	- (0)	9% (64)
MarceloH	M	62	S	P	O	E	Z	B2	3.4	6% (50)	2% (50)	0% (169)	0% (7)	1% (95)
MarcoP	M	24	S	P	O	I	B	B2	3.5	52% (69)	98% (105)	1% (109)	100% (1)	3% (68)
MarianaB	F	49	F	P	L	E	Z	C2	2.4	48% (70)	60% (104)	17% (127)	13% (8)	19% (79)
MarioM	M	50	F	C	O	E	M	C1	2.8	14% (50)	40% (50)	78% (116)	33% (3)	57% (49)
MartaL	F	69	S	C	O	I	M	B1	3.6	66% (68)	24% (88)	4% (91)	0% (12)	8% (61)
MauraC	F	57	M	C	C	P	M	C1	2.9	60% (69)	62% (88)	0% (87)	0% (4)	2% (43)
MauricioB	M	36	M	C	L	P	B	C1	2.8	36% (69)	8% (98)	25% (133)	25% (4)	23% (71)
MauricioC	M	44	M	P	O	N	Z	B2	3.1	6% (69)	66% (80)	9% (91)	0% (1)	13% (52)
MauroB	M	36	S	C	O	X	M	B1	3.9	36% (50)	20% (50)	1% (232)	8% (13)	4% (94)
MeireC	F	48	M	C	S	X	M	C2	2.5	26% (69)	20% (102)	14% (161)	0% (3)	17% (70)
MiguelR	M	57	F	P	O	X	Z	C1	2.6	16% (50)	94% (50)	22% (203)	6% (17)	31% (109)
MilenaF	F	19	M	C	N	P	M	C1	2.7	48% (67)	74% (100)	25% (88)	- (0)	25% (56)
NairC	F	79	S	C	O	I	M	B2	3.4	58% (50)	4% (50)	3% (172)	0% (12)	6% (113)
NeideE	F	61	S	P	S	I	Z	B1	4.0	70% (50)	8% (50)	4% (117)	0% (21)	9% (66)
NicolauS	M	25	M	C	O	N	B	C1	2.9	16% (50)	84% (50)	54% (156)	100% (1)	49% (63)
NiltonG	M	58	S	P	O	X	M	B1	3.7	12% (70)	30% (103)	1% (241)	1% (85)	3% (118)
OswaldoR	M	50	S	C	O	I	B	B2	3.5	18% (67)	22% (92)	18% (118)	50% (18)	4% (57)
PamelaR	F	27	M	P	L	I	Z	C1	2.7	68% (50)	30% (50)	36% (152)	20% (5)	40% (52)
PatriciaT	F	31	S	C	O	I	M	A	4.1	26% (50)	2% (50)	0% (204)	0% (1)	5% (95)
PauloP	M	24	S	C	O	X	M	A	4.5	50% (50)	0% (50)	1% (157)	0% (2)	2% (125)
PedroS	M	36	S	P	S	I	B	B2	3.2	24% (68)	40% (92)	48% (149)	0% (2)	38% (66)
PietroC	M	58	S	C	C	X	M	B2	3.2	12% (70)	6% (98)	10% (166)	8% (26)	14% (59)

S = Sexo; I = Idade; E = Escolaridade; R = Região; Z = Zona; P = Origem dos pais; M = Mobilidade; C = Classe social; IS = Índice socioeconômico

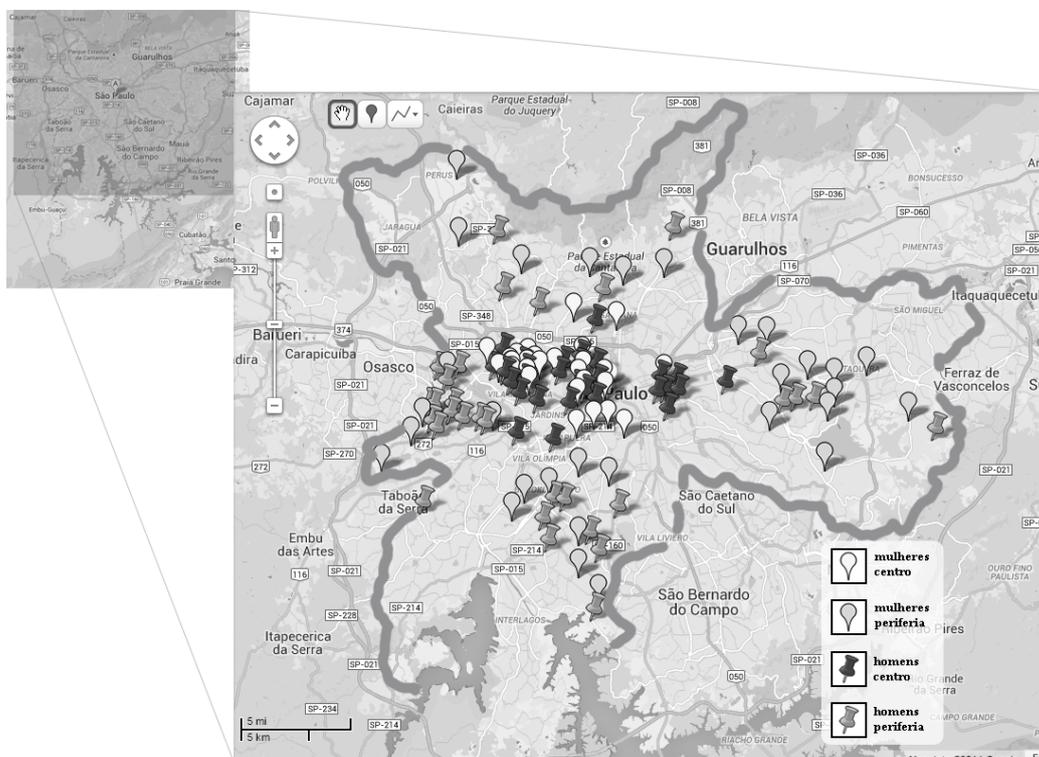
Tabela 1: Informantes (cont.)

Informante	S	I	E	R	Z	P	M	C	IS	%[éj] (T)	%[i] (T)	%CN-0 (T)	%1PP-0 (T)	%3PP-0 (T)
PlinioC	M	71	M	P	S	P	M	C1	2.7	18% (67)	40% (92)	40% (243)	10% (82)	16% (105)
PriscilaA	F	37	S	C	O	I	B	B1	3.7	60% (69)	8% (91)	1% (69)	- (0)	20% (10)
RebecaC	F	32	S	C	O	E	M	B1	3.8	68% (70)	0% (97)	2% (219)	0% (2)	1% (126)
ReginaS	F	43	M	P	L	X	Z	C1	2.6	62% (68)	44% (93)	7% (129)	0% (7)	7% (59)
ReinaldoS	M	60	S	C	C	P	M	B1	3.7	12% (50)	36% (50)	19% (201)	7% (14)	10% (115)
RenataC	F	35	M	C	C	X	B	B2	3.2	62% (69)	0% (105)	5% (138)	0% (3)	2% (92)
RicardoT	M	29	S	C	O	X	Z	B1	3.8	24% (66)	10% (93)	1% (124)	- (0)	2% (52)
RobertoC	M	77	F	C	L	X	B	D	1.9	40% (50)	12% (50)	78% (98)	40% (10)	64% (28)
RobertoM	M	39	S	P	L	I	Z	B2	3.5	70% (66)	54% (101)	8% (118)	0% (15)	6% (48)
RodrigoC	M	22	S	P	O	N	B	C1	3.0	64% (68)	84% (106)	25% (93)	- (0)	36% (44)
RodrigoS	M	38	M	C	O	X	B	C1	2.8	40% (69)	38% (104)	20% (87)	- (0)	9% (56)
RogérioA	M	65	S	C	C	P	M	B2	3.2	66% (69)	0% (106)	2% (192)	0% (3)	0% (93)
RomuloS	M	60	M	C	S	P	M	B1	3.6	10% (66)	4% (94)	11% (152)	- (0)	14% (50)
RosineideA	F	65	M	P	L	E	Z	D	1.7	60% (50)	40% (50)	54% (158)	0% (6)	37% (119)
SabrinaD	F	59	S	P	L	I	B	C1	2.7	68% (50)	20% (50)	4% (167)	0% (7)	12% (73)
SamantaV	F	32	M	P	L	X	Z	C2	2.5	64% (69)	70% (94)	54% (105)	20% (5)	21% (67)
SergioP	M	62	F	C	O	P	Z	B2	3.1	22% (50)	0% (50)	0% (165)	0% (1)	1% (107)
SeverinoN	M	63	S	C	O	E	Z	B1	3.7	14% (50)	16% (50)	3% (166)	0% (3)	12% (60)
SoniaL	F	34	S	C	O	P	Z	A	4.2	82% (67)	4% (104)	2% (133)	0% (3)	5% (62)
SoraiaS	F	72	M	C	N	X	M	C1	2.6	10% (69)	2% (97)	7% (81)	13% (8)	4% (54)
TaisP	F	21	M	P	N	P	M	C2	2.5	44% (70)	52% (101)	7% (99)	0% (1)	8% (50)
TatianaM	F	26	S	P	O	X	M	B2	3.4	42% (66)	16% (92)	0% (172)	0% (1)	2% (54)
ThaissaB	F	26	S	P	S	X	M	B2	3.2	20% (67)	72% (92)	1% (196)	- (0)	12% (102)
VeraD	F	77	M	P	S	E	M	C1	2.9	6% (67)	18% (108)	5% (83)	0% (5)	5% (74)
WagnerL	M	28	S	C	L	P	Z	B2	3.1	34% (50)	28% (50)	7% (165)	- (0)	30% (54)
WaldemarN	M	59	M	P	S	P	M	C1	2.9	16% (70)	40% (94)	5% (233)	0% (8)	8% (114)
WaldemarS	M	74	M	P	O	I	Z	C1	2.8	10% (50)	72% (50)	39% (192)	31% (16)	47% (95)
WilliamA	M	47	S	P	O	N	Z	B2	3.5	40% (68)	36% (87)	6% (205)	10% (10)	8% (106)

S = Sexo; I = Idade; E = Escolaridade; R = Região; Z = Região; Z = Zona; P = Origem dos pais; M = Mobilidade; C = Classe social; IS = Índice socioeconômico

Anexo C: Distribuição geográfica dos informantes

Figura 1 Distribuição dos informantes da amostra por Sexo/Gênero e Região de Residência (Mapa criado no My Maps do Google)



Anexo D: Formulário da análise de percepção

Figura 2 Formulário de percepções da coleta presencial

PESQUISA SOBRE PERCEPÇÕES

Obrigada por participar desta pesquisa!

Você vai ouvir quatro pequenos trechos de gravações com diferentes pessoas. Enquanto você ouve, tente criar uma imagem da pessoa que está falando: como ela é fisicamente, sua personalidade, onde vive etc. Você pode ouvir cada trecho quantas vezes quiser.

ANEXOS

Falante 1

Para você, esta pessoa parece...

falar muito devagar	<input type="checkbox"/>	falar muito rápido				
muito tímida	<input type="checkbox"/>	bastante extrovertida				
pouco escolarizada	<input type="checkbox"/>	bastante escolarizada				
pouco inteligente	<input type="checkbox"/>	bastante inteligente				
nem um pouco masculino	<input type="checkbox"/>	bastante masculino				
mais casual	<input type="checkbox"/>	mais formal				
mais hostil	<input type="checkbox"/>	mais amigável				
nem um pouco paulistana	<input type="checkbox"/>	bastante paulistana				
não ter sotaque	<input type="checkbox"/>	ter muito sotaque				
ter poucos amigos	<input type="checkbox"/>	ter muitos amigos				
morar num bairro mais periférico	<input type="checkbox"/>	morar num bairro mais central				

Em que zona de São Paulo esta pessoa deve morar?

- | | |
|--------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Norte | <input type="checkbox"/> Oeste |
| <input type="checkbox"/> Sul | <input type="checkbox"/> Centro |
| <input type="checkbox"/> Leste | <input type="checkbox"/> Não sei |

Você acha que esta pessoa está em que faixa etária?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Na adolescência | <input type="checkbox"/> Por volta dos 30 |
| <input type="checkbox"/> 20 e poucos anos | <input type="checkbox"/> Por volta dos 40 |

Você acha que esta pessoa estudou...

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Até o ensino fundamental I | <input type="checkbox"/> Até o curso superior |
| <input type="checkbox"/> Até o ensino fundamental II | <input type="checkbox"/> Até a pós-graduação |
| <input type="checkbox"/> Até o ensino médio | |

Você acha que esta pessoa pertence à...

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Classe baixa | <input type="checkbox"/> Classe média alta |
| <input type="checkbox"/> Classe média baixa | <input type="checkbox"/> Classe alta |
| <input type="checkbox"/> Classe média | |

Qual deve ser o estado civil desta pessoa?

- | | |
|-----------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Solteira | <input type="checkbox"/> Divorciada |
| <input type="checkbox"/> Casada | <input type="checkbox"/> Não sei |

Do que você ouviu, você acha que esta pessoa deve ser... (assinale todas que achar pertinente)

- | | | |
|---|---------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Gorda | <input type="checkbox"/> Simples | <input type="checkbox"/> Mimada |
| <input type="checkbox"/> Alta | <input type="checkbox"/> Trabalhadora | <input type="checkbox"/> Profissional liberal |
| <input type="checkbox"/> Branca | <input type="checkbox"/> Desonesta | <input type="checkbox"/> Conservadora |
| <input type="checkbox"/> Tímida | <input type="checkbox"/> Confiante | <input type="checkbox"/> Caipira |
| <input type="checkbox"/> Descolada | <input type="checkbox"/> Solidária | <input type="checkbox"/> Deprimida |
| <input type="checkbox"/> Maconheira | <input type="checkbox"/> Prática | <input type="checkbox"/> Nerd |
| <input type="checkbox"/> Religiosa | <input type="checkbox"/> Preguiçosa | <input type="checkbox"/> Sofisticada |
| <input type="checkbox"/> Ligada à família | <input type="checkbox"/> Mal-educada | <input type="checkbox"/> Independente |
| <input type="checkbox"/> Articulada | <input type="checkbox"/> Engraçada | <input type="checkbox"/> Patricinha/
Mauricinho |
| <input type="checkbox"/> Irritante | <input type="checkbox"/> Desencanada | |
| <input type="checkbox"/> Metida | <input type="checkbox"/> Sincera | |
| <input type="checkbox"/> Confiável | <input type="checkbox"/> Gay/lésbica | |

Outro(s): _____

Você teve alguma outra percepção sobre esta pessoa?

Por fim, por favor, fale-me um pouco sobre você:

Sexo:

- Masculino Feminino

Idade: _____

Ocupação: _____

Bairro em que mora: _____

Local de nascimento:

São Paulo – capital

São Paulo – interior

o Há quanto tempo mora em São Paulo? _____

Outro estado

o Há quanto tempo mora em São Paulo? _____

Figura 3 Formulário de percepções da coleta *online*

The screenshot shows the Qualtrics logo in the top left corner. Below it, the text reads: "Obrigada por participar desta pesquisa sobre percepções!". This is followed by "Ela é destinada para pessoas que nasceram ou vivem na cidade de São Paulo." and "Você vai ouvir quatro pequenos trechos de gravações com diferentes pessoas. Enquanto você ouve, tente criar uma imagem da pessoa que está falando: como ela é fisicamente, sua personalidade, onde vive etc. Você pode ouvir cada trecho quantas vezes quiser. Para cada falante, há um conjunto de perguntas sobre como você o imaginou." The next line says "Em geral, leva-se cerca de 10-15 minutos para completar os questionários." and "Se tiver qualquer dúvida, por favor, entre em contato comigo no e-mail livia.oushiro@usp.br." The name "Livia Oushiro" is listed at the bottom left. A blue button with ">>" is on the right, and a text input field is at the bottom center. The footer "Universidade de São Paulo" is at the bottom left.

The screenshot shows the Qualtrics logo in the top left corner. Below it, the question "Você vive ou nasceu na cidade de São Paulo?" is displayed. There are two radio button options: "Sim" and "Não". A blue button with ">>" is on the right, and a text input field is at the bottom center. The footer "Universidade de São Paulo" is at the bottom left.



FALANTE 1

Primeiro, clique no botão ► abaixo para escutar o áudio. Você pode ouvir a gravação quantas vezes quiser.
(O áudio pode não funcionar em smartphones ou tablets. Recomenda-se usar um computador.)



Para você, esta pessoa parece...
(Escolha uma opção em cada linha)

	Pouco				Bastante
	1	2	3	4	5
Extrovertida	<input type="radio"/>				
Escolarizada	<input type="radio"/>				
Inteligente	<input type="radio"/>				
Masculina	<input type="radio"/>				
Formal	<input type="radio"/>				
Amigável	<input type="radio"/>				
Paulistana	<input type="radio"/>				
Ter sotaque	<input type="radio"/>				
Ter amigos	<input type="radio"/>				

Esta pessoa deve morar num...
(Escolha uma opção)

	Bairro mais periférico			Bairro mais central	
	1	2	3	4	5
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Em que zona de São Paulo esta pessoa deve morar?
(Escolha uma opção)

- Norte
- Sul
- Leste
- Oeste
- Centro
- Não sei

Você acha que esta pessoa está em que faixa etária?
(Escolha uma opção)

- Na adolescência
- 20 e poucos anos
- Por volta dos 30
- Por volta dos 40

Você acha que esta pessoa estudou...
(Escolha uma opção)

- Até o Ensino Fundamental I
- Até o Ensino Fundamental II
- Até o Ensino Médio
- Até o Curso Superior
- Até a Pós-Graduação

Você acha que esta pessoa pertence à...
(Escolha uma opção)

- Classe baixa
- Classe média baixa
- Classe média
- Classe média alta
- Classe alta

Qual deve ser o estado civil desta pessoa?
(Escolha uma opção)

- Solteira
- Casada
- Divorciada
- Não sei

Do que você ouviu, você acha que esta pessoa deve ser... (assinale todas que achar pertinente)

- | | | |
|---|---------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Alta | <input type="checkbox"/> Confiável | <input type="checkbox"/> Sincera |
| <input type="checkbox"/> Branca | <input type="checkbox"/> Simples | <input type="checkbox"/> Gay/lésbica |
| <input type="checkbox"/> Tímida | <input type="checkbox"/> Trabalhadora | <input type="checkbox"/> Mimada |
| <input type="checkbox"/> Descolada | <input type="checkbox"/> Confiante | <input type="checkbox"/> Conservadora |
| <input type="checkbox"/> Maconheira | <input type="checkbox"/> Solidária | <input type="checkbox"/> Caipira |
| <input type="checkbox"/> Religiosa | <input type="checkbox"/> Prática | <input type="checkbox"/> Deprimida |
| <input type="checkbox"/> Ligada à família | <input type="checkbox"/> Preguiçosa | <input type="checkbox"/> Nerd |
| <input type="checkbox"/> Articulada | <input type="checkbox"/> Mal-educada | <input type="checkbox"/> Sofisticada |
| <input type="checkbox"/> Irritante | <input type="checkbox"/> Engraçada | <input type="checkbox"/> Independente |
| <input type="checkbox"/> Metida | <input type="checkbox"/> Desencanada | <input type="checkbox"/> Patricinha/Mauricinho |

Você teve alguma outra percepção sobre esta pessoa? Se sim, por favor, descreva abaixo. (Opcional)



Por fim, por favor, fale-me um pouco sobre você.

As informações coletadas abaixo são para fins estatísticos.

Sexo:

Masculino

Feminino

Nível de escolaridade:

Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Ensino superior incompleto

Idade

Ocupação

Bairro em que mora

Zona de São Paulo em que mora

Norte

Sul

Leste

Oeste

Central

Local de nascimento

São Paulo-capital

São Paulo-interior. Há quanto tempo mora em São Paulo?

Outro estado. Há quanto tempo mora em São Paulo?

Sugestões e comentários sobre os questionários:

[>>](#)